

R.N. Champlin, Ph.D.

ENCICLOPÉDIA
de BÍBLIA,
TEOLOGIA
& FILOSOFIA

VOLUME 3 | $\frac{H}{L}$



hagnos

R.N. Champlin, Ph.D.

ENCICLOPÉDIA *de* BÍBLIA, TEOLOGIA & FILOSOFIA

VOLUME 3 | $\frac{H}{L}$

1ª EDIÇÃO, 1991 • 2000 EXEMPLARES
2ª EDIÇÃO, 1993 • 2000 EXEMPLARES
3ª EDIÇÃO, 1995 • 4500 EXEMPLARES
4ª EDIÇÃO, 1997 • 5000 EXEMPLARES
5ª EDIÇÃO, 2001 • 3000 EXEMPLARES
6ª EDIÇÃO, 2002 • 3000 EXEMPLARES
7ª EDIÇÃO, 2004 • 3000 EXEMPLARES
8ª EDIÇÃO, 2006 • 2000 EXEMPLARES
9ª EDIÇÃO, 2008 • 3000 EXEMPLARES
10ª EDIÇÃO, 2011 • 3000 EXEMPLARES
11ª EDIÇÃO, 2013 • 3000 EXEMPLARES

DIREITOS RESERVADOS



AV. JACINTO JÚLIO, 27 • SÃO PAULO, SP
CEP 04815-160 • TEL: (11) 5668-5668
WWW.HAGNOS.COM.BR | EDITORIAL@HAGNOS.COM.BR

ENCICLOPÉDIA DE BÍBLIA TEOLOGIA E FILOSOFIA

Por
Russell Norman Champlin, PH. D.

Volume 3
H - L

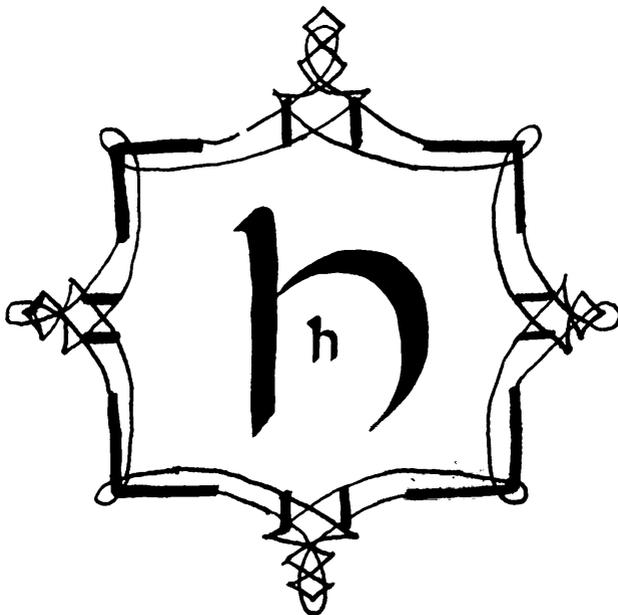
1ª Edição, 1991 - 2000 exemplares
2ª Edição, 1993 - 2000 exemplares
3ª Edição, 1995 - 4500 exemplares
4ª Edição, 1997 - 5000 exemplares
5ª Edição, 2001 - 3000 exemplares
6ª Edição, 2002 - 3000 exemplares
7ª Edição, 2004 - 3000 exemplares
8ª Edição, 2006 - 2000 exemplares

Direitos Reservados



HAGNOS

Av. Jacinto Júlio, 620
São Paulo - SP - Cep 04815-160 - Tel/fax: (11)5668-5668
E-mail: hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br



1. Formas Antigas

fenício (semítico), 1000 A.C.



grego ocidental, 800 A.C.



latino, 50 D.C.



2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento



3. Formas Modernas

H H h h H H h h H H h h H h

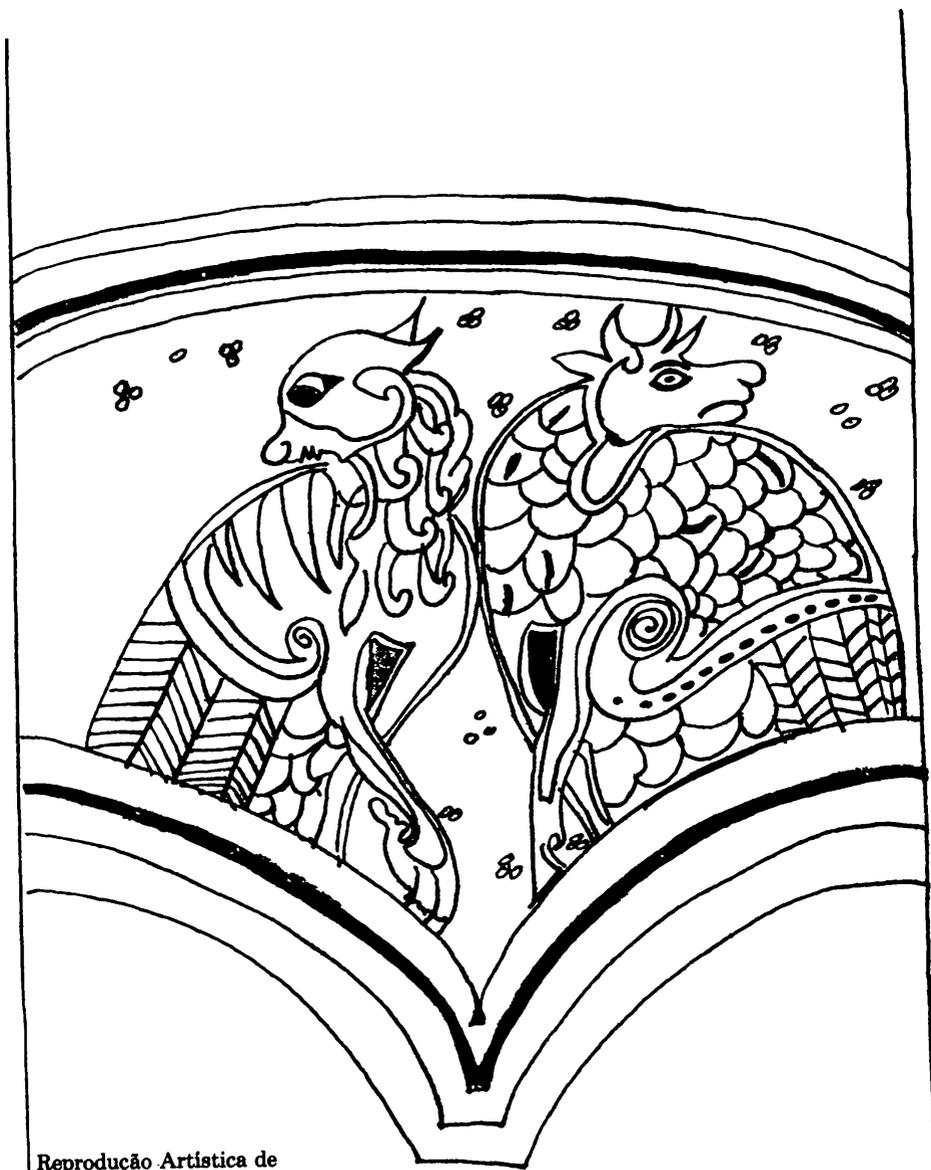
4. História

H é a oitava letra do alfabeto português. Historicamente, deriva-se da letra semítica *heth*, «sebe», uma letra consoante. Originalmente, tinha um som gutural, «ch». No grego ocidental, esse símbolo foi modificado e chamado *eta*, uma vogal com um fonema longo, *ei*. No grego ocidental tinha um som aspirado, «h». Ao ser adotada pelo latim, essa letra reteve este último fonema (perdendo a aspiração no português), de onde passou para outros idiomas modernos, retendo a aspiração em alguns deles e perdendo em outros.

5. Usos e Símbolos

HP significa «cavalo de força» (em inglês, *horsepower*). **H** é usado como símbolo do *Codex Wolfii B*, descrito no artigo separado *h*.

Caligrafia de Darrell Steven Champlin



Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

Arte céltica — o leão, símbolo do evangelho
de Marcos, e o boi, símbolo do evangelho de
Lucas

H (CÓDICE WOLFFI B)

Esse manuscrito foi trazido do Oriente, juntamente com G (código Wolffii A) (vide), por Andrew E. Seidel, no século XVII. Foi adquirido por J.C. Wolf, o que lhe explica o nome. Ele publicou extratos do mesmo em 1723. A partir de então, desconhece-se sua história, exceto que, em 1838, foi adquirido pela biblioteca pública de Hamburgo, na Alemanha. Esse manuscrito data do século IX ou X D.C., contendo os quatro evangelhos, com muitas lacunas. Representa um antigo estágio do tipo de texto bizantino comum (padronizado). Publiquei um livro sobre esse manuscrito e seus aliados chamado *Family E and Its Allies in Matthew* (Studies and Documents, Salt Lake City, Utah, 1966). Meu amigo e colega, Dr. Jacob Geerlings, publicou estudos desses mesmos manuscritos quanto aos outros evangelhos. Publicações como essas ilustram a história da transmissão do texto e demonstram como o mesmo foi fundido, até que se chegou ao *Textus Receptus* (vide). Esse texto representa o último estágio do texto bizantino, antes da invenção da imprensa. Ver o artigo geral sobre os *Manuscritos do Novo Testamento*.

HAASTARI

Nome de uma família que descendia de Judá, que ocorre somente em I Crô. 5:6. O nome parece significar «mensageiro» ou «guia de mulas». Ele aparece como homem que descendia de Asur, por meio de sua segunda esposa, Naará. Ele viveu por volta de 1618 A.C.

HABACUQUE (O PROFETA E O LIVRO)

Esboço:

- I. O Profeta
- II. Caracterização Geral
- III. Data
- IV. Estilo Literário e Unidade
- V. Pano de Fundo e Propósitos
- VI. Canonicidade e Texto
- VII. Conteúdo e Mensagem

I. O Profeta

No hebraico, o nome dele significa «abraço amoroso» ou, então, «lutador». Habacuque foi um dos mais distinguidos profetas judeus. Sua obra aparece entre as dos chamados oito profetas menores. Essa palavra, «menores», nada tem a ver com a estatura do indivíduo ou com a importância de sua obra, mas apenas com o volume da mesma, em contraste com os «profetas maiores», como Isaias, Jeremias e Ezequiel, cujos escritos foram bem mais volumosos. Não dispomos de qualquer informação segura sobre o lugar de nascimento, sobre a parentela e sobre a vida de Habacuque. Obras apócrifas dizem algo a respeito, mas suas informações são conflitantes, pois, mui provavelmente, foram forçadas. O Pseudo-Epifânio (*de Vitis Prophet*, opp. tom. 2.18, par. 247) afirma que ele pertencia à tribo de Simeão, tendo nascido em um lugar de nome Baitzocar. Dali, supostamente, ele fugiu para Ostratine, quando Nabucodonosor atacou Jerusalém. Mas, depois de dois anos, voltou à sua cidade natal. Porém, os escritores rabínicos fazem Habacuque ser da tribo de Levi, além de mencionarem um lugar diferente de seu nascimento (Huetius, *Dem. Evang.* Prop. 4, par. 508). Eusébio informa-nos que havia em Ceila, na Palestina, um proposto túmulo desse profeta. Nicefo (*Hist. Eccl.* 12:48)

repete essa informação. Todavia, ainda há outras estórias contradizentes.

Alguns estudiosos pensam que ele era filho da mulher sunamita, mencionado em II Reis 4:16, ou, então, que seria o «atalaia» referido em Isaias 21:6. Outros pensam que ele também esteve na cova dos leões, em companhia de Daniel. Esta última informação aparece na obra apócrifa Bel e o Dragão (vs. 33 ss) Mas tudo parece ser tão imaginário quanto tudo que aparece nas obras apócrifas.

O próprio livro de Habacuque presta-nos bem poucas informações. O trecho de Hab. 3:19 indica que ele estava oficialmente qualificado para participar do cântico litúrgico do templo de Jerusalém, e isso parece indicar a exatidão da informação que o aponta como um levita, visto que estava encarregado da música sacra. É curioso que não nos seja dado o nome de seu pai, e nem a sua genealogia, o que é contrário aos costumes judaicos. Elias também pode ser mencionado como uma das grandes personagens do Antigo Testamento cuja genealogia não é dada.

II. Caracterização Geral

Habacuque viveu em tempos difíceis. À semelhança de Jó, ele enfrentou o problema do sofrimento dos justos. Ver o artigo sobre o *Problema do Mal*. Por que razão um Deus justo silencia e nada faz, quando os ímpios devoram aqueles que são mais justos do que eles (1:13)? A resposta certa é que devemos deixar a questão aos cuidados da vontade soberana de Deus, crendo que ele continua sendo soberano, e que a seu próprio modo, e no tempo certo, ele usará de estrita justiça com todos os seres humanos, incluindo os ímpios. Destarte, «...o justo viverá por sua fé» (Hab. 2:4), uma famosa declaração que, posteriormente, foi incluída no Novo Testamento. Alguns eruditos sugerem que uma melhor tradução, nesse versículo, seria «o justo viverá por sua fidelidade», e, nesse caso, os trechos de Rom. 1:17; Gál. 3:11 e Heb. 10:38,39 não contêm aplicações exatas. O ensino parece ser que os caldeus produziram muita destruição, mas, no fim, haveriam de ser julgados, por sua vez. Entrementes, os justos confirmariam sua maneira de viver piedosamente e sua espiritualidade, o que se reveste de grande valor diante de Deus, vivendo em fidelidade, de acordo com os princípios da justiça.

O livro de Habacuque, na verdade, é um poema em duas partes, que alude à queda final da Babilônia, com pequenas interpolações nos capítulos primeiro e segundo. O terceiro capítulo parece ser um salmo acrescentado. Alguns eruditos pensam para esse livro em uma data entre 612 e 586 A.C., mas, se Habacuque se encontrava no exílio, então seu poema, mais provavelmente, foi escrito entre 455 e 445 A.C., quando a Pérsia começou a mostrar que era suficientemente forte para derrotar a Babilônia, e assim impor a justiça divina sobre aquele império. Habacuque ansiava por ver isso suceder, a fim de que fosse feita a justiça contra um brutal opressor de Israel, sem importar os meios usados para tanto. O poema termina com o pronunciamento de uma lamentação sobre a Babilônia. Características distintivas de outros escritos proféticos, como uma ética específica, assuntos religiosos e um esboço da reforma do povo de Deus, não fazem parte desse livro. Esse livro parece muito mais uma explosão de indignação contra a Babilônia, que levava a nação de Judá para o cativo, espalhando miséria e matanças generalizadas entre os judeus.

HABACUQUE (O PROFETA E O LIVRO)

III. Data

Os eruditos não estão acordes quanto à questão da data. A única referência histórica clara é aos caldeus, em Hab. 1:6. E, com base nisso, a profecia tem sido datada no fim do século VII A.C., após a batalha de Carquêmis, que teve lugar em 605 A.C. Nessa batalha, os caldeus derrotaram os egípcios, dirigidos pelo Faraó Neco, nos vãos do rio Eufrates, e marcharam para o Ocidente, a fim de dominarem Joiaquim, de Judá. Entretanto, alguns estudiosos pensam que esse versículo refere-se aos gregos (com o nome de *quittim*, o que aludiria à ilha de *Creta*; ver sobre *Quittim*). Nesse caso, estaria em foco a invasão de Alexandre, que partira do Ocidente, no século IV A.C., e não às invasões de Nabucodonosor, dirigidas do norte e do leste. Todavia, não há qualquer evidência textual em favor dessa conjectura. O trecho de Hab. 1:9 refere-se ao grande número de cativos que houve, o que parece refletir o cativeiro babilônico. Porém, se Habacuque escreveu esse poema como um exilado, então a data mais provável é algum tempo entre 455 e 445 A.C. Mas, a idéia mais comum é de que a data fica entre 610 e 600 A.C. Porém, outros estudiosos salientam que o trecho de Hab. 1:5 mostra-nos que o soerguimento da potência em pauta ocorreu como uma surpresa, pelo que uma data tão tardia quanto 612 A.C., quando os babilônios capturaram Nínive, ou 605 A.C., quando eles derrotaram o Egito, não seria provável. Para que tenha havido o elemento de surpresa, supõe-se que uma data mais recuada deve ser concebida, como os últimos anos do reinado de Manassés (689 — 641 D.C.), ou então, como os primeiros anos de reinado de Josias (639 — 609 A.C.), quando a ameaça babilônica ainda era remota. Outros pensam que a Assíria é que está em vista, e não a Babilônia. Não obstante, é possível que a ameaça babilônica fosse antiga (com base na posição do autor sagrado, dentro da história), mas que somente em cerca de 612 A.C., tenha-se tornado crítica para a nação de Judá.

IV. Estilo Literário e Unidade

A profecia de Habacuque apresenta três estilos literários distintos: 1. O trecho de 1:2-2:5 é um tipo de diálogo entre o profeta e Deus, que parece refletir porções do segundo capítulo do livro de Jó. 2. A passagem de 2:6-20 é o pronunciamento de «cinco ais» contra uma nação iníqua, mais ao estilo de outros livros proféticos do Antigo Testamento. 3. O terceiro capítulo é um longo poema, até certo ponto similar aos salmos, na forma em que os encontramos, aparentemente tendo em vista um uso litúrgico. Por causa dessa grande variedade quanto ao estilo, muitos têm pensado que o livro, na verdade, seja uma compilação, que gira em torno do tema comum da *teodicéia*, isto é, a justificação dos caminhos de Deus, em face de tanta maldade como há no mundo. Assim, há uma unidade temática, mas com grande divergência de estilo, o que sugere que diferentes matérias, de diversos autores, foram compiladas por algum editor.

Quase todos os eruditos liberais rejeitam a unidade do livro. Mas a maior parte dos conservadores (alguns de forma hesitante) aceita a unidade desse livro profético. Alguns supõem que a divergência quanto ao estilo pode ser explicada conjecturando-se que um mesmo autor, em ocasiões diferentes, escreveu o material, e então, finalmente, ele mesmo reuniu todo o material, formando um único livro. A adaptação do terceiro capítulo, para fins litúrgicos, poderia ter sido obra de uma outra pessoa, que trabalhasse como músico levita, no templo de Jerusalém. É significativo que o *Comentário de Habacuque*, que foi encontrado

entre outros materiais escritos da primeira caverna de Qumram (ver sobre *Mar Morto*, *Manuscritos do* e sobre *Khirbet Qumram*), omite o terceiro capítulo desse livro. Todavia, os comentários encontrados em Qumran são irregulares, e essa omissão pode ter sido proposital, nada refletindo no tocante à unidade do livro. Albright conjecturava que o Salmo de Habacuque, embora formasse uma unidade juntamente com o resto, contém reminiscências acerca do mito do conflito entre Yahweh e o dragão primordial do Mar ou do Rio. Porém, tal idéia requer que se façam trinta e oito emendas sobre o texto massorético, pelo que ela perde inteiramente a sua força.

V. Pano de Fundo e Propósitos

Grandes eventos históricos haviam sacudido o mundo, pouco antes desse livro ter sido escrito. Israel, a nação do norte, fora levada para o cativeiro, pelo poder da Assíria. Mas, o poderoso império assírio fora subitamente esmagado. Os egípcios haviam sido derrotados pelos caldeus. Portanto, surgira uma nova potência mundial, e Judá encontrava-se entre suas vítimas em potencial. Nabucodonosor estava expandindo, o seu poder, e, dentro de um período de aproximadamente vinte anos, os caldeus já haviam varrido Judá, em sucessivas ondas atacantes, provocando ali uma destruição geral. Além disso, os poucos judeus que haviam sido deixados em Judá acabaram sendo deportados para a Babilônia, em 597 e 598 A.C. Isso deixara toda a terra de Israel vazia de hebreus, mas recuada por estrangeiros, em vários lugares estratégicos. Os profetas culpavam o declínio e a apostasia graduais de Israel por essas calamidades. O trecho de Habacuque 1:2-4 descreve a depravação que se instalara ali. Contudo, a própria Babilônia era um exemplo máximo de corrupção. Como é que Deus poderia usar tal instrumento, a fim de punir aqueles que eram mais justos que esse instrumento, especialmente levando em conta que nem todo Israel e Judá haviam apostatado? O propósito principal do livro, pois, é a apresentação de uma *teodicéia* (vide). O profeta desejava justificar os atos de Deus, em face da iniqüidade do opressor, que fora usado como instrumento de castigo contra Israel. Quanto a isso, o livro está filosoficamente relacionado ao livro de Jó. Ver sobre o *Problema do Mal*. E um outro propósito era a demonstração do fato de que o instrumento usado por Deus para punir Israel, visto que era um instrumento iníquo, seria castigado no seu tempo próprio. A justiça deve ser servida em todos os sentidos, embora, algumas vezes, os meios divinamente usados para produzir a mesma sejam estranhos e difíceis de entender.

A arrogância humana contém em si mesma as sementes de sua própria destruição (Hab. 2:4). Porém, o indivíduo fiel pode confiar na bondade de Deus, mesmo em meio aos sofrimentos físicos e ao julgamento. Desse contexto foi que se originou aquele versículo que diz «...o justo viverá por sua fé (ou por sua fidelidade)...» Fazemos aqui uma citação. «Como é claro, o pleno sentido paulino da fé não pode ser encontrado nessa passagem bíblica frequentemente citada (ver Romanos 1:17; Gálatas 3:11 e Hebreus 10:38)» (ND).

VI. Canonicidade e Texto

A aceitação da autoridade do livro de Habacuque nunca foi posta seriamente em dúvida. Ele tem retido a sua posição de oitavo dos profetas menores, nas coletâneas e nas citações referentes à autoridade. Albright referiu-se à questão como segue: «O texto encontra-se em melhor estado de preservação do que geralmente se supõe, embora sua arcaica obscuridade tornasse-o um tanto enigmático para os primeiros

HABACUQUE — HABITAÇÃO

tradutores». Ele propôs cerca de trinta alterações no texto massorético, na esperança de poder compor um texto mais correto. No entanto, o descobrimento do *Comentário de Habacuque*, em Qumran, não alterou o nosso conhecimento sobre o texto. De fato, apesar desse material servir de boa fonte informativa quanto às idéias dos essênios, não tem qualquer valor para a interpretação do próprio livro de Habacuque. No entanto, o texto possibilitou a restauração de textos originais, em alguns lugares onde antes havia dúvidas. Esse material dá testemunho sobre a unidade dos capítulos primeiro e segundo; mas, por omitir o terceiro capítulo, empresta maior crédito à opinião de que isso se deveu à adição feita por algum compilador, não sendo obra do autor original.

VII. Conteúdo e Mensagem

A. As Queixas do Profeta (1:1-2:20)

1. Deus faz silêncio, apesar da iniquidade de Israel (1:2-4)

Deus responde que uma nação inimiga julgará Israel (1:5-11)

2. Deus julga, usando uma nação mais ímpia que a nação julgada (1:12-2:20)

- a. Deus silencia, aparentemente, e olvida-se da crueldade dos caldeus (1:12-2:1)
- b. Deus responde, revelando que Israel será salva, mas que a Babilônia será destruída (2:2-20).

B. Os Salmos do Profeta, na Forma de uma Oração (3:1-19)

1. A teofania do poder (3:2-15)
2. A persistência da fé (3:16-19)

A ira de Deus espalha a destruição. Mas, é precisamente através disso que a nação de Israel é salva de suas próprias corrupções. O aspecto subjetivo da mensagem de Habacuque é que os justos viverão por sua fé. À parte de Isaías (7:9 e 28:16), nenhum outro profeta salientara a significação da fé e da oração confiante, da maneira como o fez Habacuque. Embora a terra seja desnudada pelos juízos divinos, contudo, o profeta regozijar-se-ia no seu Senhor (Hab. 3:17,18). O tema central da profecia de Habacuque é que o justo viverá por sua fé (Hab. 2:4), o que reaparece no Novo Testamento, sendo aplicado em significativos contextos (Rom. 1:17; Gál. 3:11 e Heb. 10:38,39).

Bibliografia: ALB AM E I IB WBC WES WHB YO

HABAÍAS

No hebraico, «Yahweh ocultou» ou «Yahweh protege». Ver Esd. 2:61; Nee. 7:63 e I Esdras 5:38. Esse era o nome do cabeça de uma família de sacerdotes que retornaram à Palestina após o cativeiro babilônico (vide), em companhia de Zorobabel. Visto que a genealogia deles não estava em ordem, não receberam permissão de servir como sacerdotes. O tempo foi cerca de 536 A.C.

HABAZINIAS

No hebraico, seu nome talvez signifique «lâmpada de Yahweh». Seu nome ocorre somente por uma vez, em Jer. 35:3. Habazínias era o pai de um certo Jeremias e avô do chefe recabita, Jaazánias, ao qual o profeta Jeremias testou com vinho. Viveu em algum tempo antes de 609 A.C. O teste feito por Jeremias era para ver se os recabitas seriam obedientes à ordem do antepassado deles, de que, entre outras coisas, não beberiam vinho.

•••••

HABDALAH

No hebraico, *distinção*. Nome de uma cerimônia religiosa, realizada em alguma residência ou sinagoga, no término dos sábados e de outras festas religiosas. Essa cerimônia era de ação de graças a Deus, distinguindo certos dias para neles serem efetuadas santas observâncias. Tal cerimônia consistia de palavras de bênção, proferidas sobre o vinho, sobre as lamparinas e sobre o odor das especiarias.

HABILIDADE, MÃO DE OBRA

Ver sobre *Artes e Ofícios*.

HABIRU, HAPIRU

A semelhança entre esse nome e *hebreu*, é evidente. Porém, os estudiosos têm mostrado que é mais abrangente que o nome «israelita». Isso é evidente porque se deriva do nome de Éber (Gên. 10:24), filho de Selá e neto de Sém, em honra a quem os hebreus eram chamados. Éber viveu oito gerações antes de Jacó (Israel), que deu nome aos israelitas. Isso posto, todos os israelitas eram *iberi* (hebreus), mas nem todos os hebreus eram israelitas.

Os nomes *habiru* e *hapiru* têm sido encontrados em textos com escrita cuneiforme, no sul da Mesopotâmia, na Ásia Menor e em Mari, que datam de tempos tão remotos quanto o século XX A.C. As cartas de Tell El-Amarna (século XIV A.C.) também contêm esses nomes. A forma ugáritica é *apiruma*, enquanto que a forma hebraica é *'ibri*. É curioso que as referências a essa gente situam-nos fora de outras ordens sociais, pois constituíam-se essencialmente de pessoas destituídas de terras. Na Babilônia, os *habirus* serviam como mercenários, no exército babilônico; e outros, em Nuzi, venderam-se à servidão, a fim de conseguirem ao menos sobreviver. Cartas enviadas por Abdi-Hiba, de Jerusalém, a Akenaton, do Egito, mencionam esse povo como uma ameaça à segurança dos habitantes da Palestina. Talvez isso se refira à invasão encabeçada por Josué, em seus estágios iniciais.

A palavra *Éber*, a base do nome desse povo, significa «travessia», o que poderia aludir ao caráter nômade deles. Porém, também poderia significar «ultrapassadores». Os ciganos imediatamente nos sobem à mente. Povos que não têm nenhuma terra fixa, que sempre vivem entre outros povos, que estão sempre se mudando de lugar para lugar, que nunca se tornam parte da ordem de qualquer sociedade.

O trecho de Gênesis 14:13 chama Abraão de *hebreu*; e José também é chamado por esse nome (Gên. 41:12). Os israelitas consolidaram um dos ramos do povo hebreu, fazendo desse ramo uma nação organizada, mas sempre houve *habiru* não israelitas.

HABITAÇÃO

Há um certo número de referências bíblicas, literais e figuradas, que empregam a idéia de habitação, morada.

1. Em Núm. 24:21; I Crô. 6:54; Eze. 6:6; 37:23 temos a palavra *moshab*, «assento», que a nossa versão portuguesa traduz por «habitação», «lugares habitáveis», e, estranhamente, na última dessas referências, «apostacias», o que representa uma interpretação, e não uma tradução.

2. Em II Crô. 30:27; 36:15; Sal. 90:1; Jer. 51:37, temos a palavra hebraica *maon*, «habitação», e que nossa versão portuguesa traduz por essa palavra, ou

HABITAÇÃO

então por «morada», «refúgio».

3. O vocábulo hebraico *naveh* é outra dessas palavras; esta é usada por trinta e duas vezes. Significa «lar», «habitação». Para exemplificar, ver Exo. 15:13; II Sam. 15:25; Jó 5:3; Pro. 3:33; Isa. 27:10; 32:18; 35:7; Jer. 10:25; 25:30; 31:23; 50:7,19,44,45.

4. *Zebul*, «habitação». Palavra hebraica empregada por cinco vezes: II Crô. 6:2; Isa. 63:15; Hab. 3:11; Sal. 49:14; I Reis 8:13.

Essas são as principais palavras hebraicas envolvidas. São substantivos, havendo vários verbos cognatos.

No grego também há várias palavras envolvidas, a saber:

1. *Katoiketérion*, «habitação». Esse termo é usado por duas vezes somente: Efé. 2:22 e Apo. 18:2.

2. *Katoikía*, «casa de habitar», palavra grega usada somente em Atos 17:26, embora o verbo correspondente, *katoikéo*, «residir», apareça por quarenta e cinco vezes, de Mat. 2:23 até Apo. 17:8.

3. *Oiketérios*, «habitação», palavra grega usada somente por duas vezes: II Cor. 5:2 e Jud. 6.

4. Em I Cor. 4:11, nossa tradução portuguesa diz «morada», onde o original grego diz «estamos desestabelecidos», o que dá a idéia de que Paulo e outros apóstolos do Senhor não tinham residência fixa, pois eram pregadores ambulantes. Ali a palavra grega usada é o verbo *astatéo*, que é um *legomenon hapax*.

Linguagem Simbólica

a. Sião aparece como a habitação de Deus (Sal. 132:13).

b. O tabernáculo armado no deserto era o lugar onde Deus resolveu manifestar sua presença, onde ele simbolicamente residia (Exo. 37:1; Lev. 26:11).

c. O céu é o lugar da habitação de Deus (Deu. 26:15; Sal. 123:1).

d. O próprio Deus é o lugar onde habita o justo, o seu refúgio ou fortaleza (Sal. 90:1; 91:1).

e. Deus habita na luz, o que alude à glória de sua presença e manifestação (I Tim. 6:16; I João 1:7).

f. A encarnação de Cristo é retratada como um ato mediante o qual ele armou tenda entre nós (João 1:14). Essa idéia fica oculta na maneira como nossa versão portuguesa traduz esse versículo, mas ela é clara no original grego e em algumas versões modernas, em outras línguas.

g. Deus habita entre seu povo e comunga com eles (Gên. 9:27).

h. Deus estabeleceu sua residência, no Novo Testamento, no seio da Igreja (Efé. 3:17-19), o que ele realiza mediante a presença do seu Santo Espírito (I Cor. 3:16; II Tim. 1:14).

i. A Palavra de Deus deve residir ricamente nos crentes (Col. 3:16; Sal. 119:11). Dessa forma é que ela exerce sobre eles a sua influência moral e espiritual.

j. Babilônia aparece na Bíblia como residência de demônios, o que reconhece que há uma habitação profana, e poderes malignos, entre os homens (Apo. 18:2).

1. Satanás manifesta-se de modos especiais, em alguns lugares ou em algumas pessoas, e isso é referido como se ele estivesse residindo nesses lugares ou indivíduos (Apo. 2:13).

m. Após a sua ressurreição, Jesus ascendeu aos céus a fim de preparar-nos um lugar, uma habitação condigna para o seu povo, para a sua Igreja (João 14:2).

n. A «casa do Pai» consiste em muitas «moradas», o

que fala de multiplicidade de habitações nos mundos celestiais (João 14:2). Isso já reflete a palavra grega *moné*, «aposento», empregada somente em João 14:2 e 23.

HABITAÇÃO DA DIVINDADE CORPORALMENTE EM CRISTO

Habita corporalmente, Col. 2:9. A primeira dessas duas palavras, no original grego, é «katoikeo», que significa «habitar permanentemente», «estabelecer residência», em contraste com «paroikeo», «residir temporariamente». Trata-se da mesma palavra usada em Col. 1:19, que fala sobre a «plenitude de Deus», que em Cristo habita. Ver o NTI onde é mais amplamente comentada. Notemos o tempo presente. O Cristo glorificado está em foco.

Corporalmente. No grego temos *somatikos*, isto é, «de modo corpóreo», «pertencente ao corpo». Esse uso cria certas dificuldades, pois não devemos imaginar que um corpo literal e físico seja capaz de ser a residência de todas as perfeições da natureza divina, porquanto isso seria uma contradição em termos, já que o espiritual dificilmente se identifica com o que é corporal.

O contexto descreve a glória do Cristo atualmente glorificado, em contraste com a posição inferior que os gnósticos lhe atribuíam, como se ele fosse apenas um dentre muitos «aeons». Notemos aqui o tempo presente: toda a plenitude divina «está habitando» em Cristo, pelo que dificilmente está em vista a encarnação. Abaixo expomos as principais interpretações de Col. 2:9.

1. Alguns estudiosos pensam que a «encarnação» é aqui focalizada. Mas isso é quase impossível, do ponto de vista doutrinário, pois o próprio Paulo, em Fil. 2:7, aludindo à encarnação, via Cristo como *esvaziado* dos atributos divinos. Ainda que compreendêssemos (e isso corretamente) que isso não indica a «natureza», mas antes, suas manifestações (a manifestação dos atributos divinos), continuaria difícil perceber como, na encarnação, Cristo poderia ser visto como possuidor de toda a plenitude de Deus. De fato, fazia parte do plano divino que, na encarnação, essa «plenitude» fosse despida. Teria sido impossível a Cristo viver entre os homens, se porventura tivesse retido a plenitude de Deus. A encarnação, pois, foi a desistência temporária dessa plenitude, o que, neste texto, significa os «atributos» divinos e sua manifestação, com base na natureza divina.

2. Alguns pais da igreja pensavam que o termo significa «genuinamente», em oposição a «simbolicamente», sem qualquer alusão ao corpo físico; e isso é um uso legítimo do vocábulo. Em Cristo habita, *realmente*, a plenitude divina, em contraste com os «aeons», que eram tidos como possuidores de partículas da mesma, embora todos juntos, exibissem tal plenitude.

3. Essa palavra também indica que, em Cristo, «em um só lugar, totalmente», em um «todo orgânico» (conforme diz Peake, *in loc.*), habita a plenitude, *como que formando um só corpo*. Nada de meras partículas da plenitude a habitarem em Cristo, conforme pensavam os gnósticos. As muitas «partículas» dos atributos divinos, pelos gnósticos eram distribuídas entre as «stoiceia», ou ordens de seres angelicais.

4. Há quem pense que isso alude ao modo atual da existência do Logos divino, em seu «corpo celeste», o qual, naturalmente, não se compõe de matéria, mas é antes uma forma de energia que pertence à natureza

HABITAÇÃO

espiritual, própria para os lugares celestiais. (Ver I Cor. 15:20,35,40 quanto ao que sabemos sobre esse corpo e sobre o que se tem conjecturado a seu respeito. Ver Fil. 3:21 e as notas expositivas ali existentes no NTI sobre o «corpo da glória» de Cristo). Esse é um sentido possível, que alguns estudiosos preferem.

5. Também há aqueles que pensam que a alusão ao «corpo» aponta para a igreja. Nesse corpo, ele tem a plenitude de Deus. Mas essa idéia é obviamente falsa, porquanto é a grandeza de Cristo que está em pauta, independentemente de tudo o mais. Em Col. 2:10, entretanto, a igreja entra em cena. Então ela é vista como possuidora, igualmente dessa «plenitude de Deus», devido à sua associação com Cristo. No entanto, essa é uma doutrina extremamente rara nos púlpitos das igrejas evangélicas.

Antes da encarnação, a plenitude habitava em Cristo, em forma não-corpórea; mas também veio a habitar nele, em «forma corpórea». embora isso não aluda a qualquer coisa física. Diz-se que os crentes estão destinados a habitar na glória, da mesma maneira, cheios de «toda a plenitude de Deus» (ver Efé. 3:19), tal como sucede no caso de Cristo.

As interpretações de números três e quatro são as mais prováveis; não são contraditórias. Ambas aludem a sua «glorificação», e ambas dizem que a «pleroma» ou plenitude de Deus habita em Cristo. A terceira meramente afirma que o termo «corporalmente» não alude a seu «corpo celeste», mas somente ao fato de que se acha «em um único ser», manifestando-se em «um único lugar». Não se acha ela dispersa entre uma sucessão quase interminável de seres sombrios, chamados «aeons». Tudo está localizado em uma única pessoa. Talvez o texto não tencione fazer diferença entre o Cristo preencarnado e o Cristo pós-encarnado. Na qualidade de Verbo eterno, a cada lado da eternidade, ele possui a «plenitude». Somente Cristo, portanto, é objeto digno de nossa adoração. Somente ele é o alvo de nossa busca espiritual.

*Santos em adoração postam-se em torno dele,
E tronos e poderes caem à sua frente;
E Deus rebrilha gracioso, através do homem,
Distribuindo doces glórias a todos.*
(Isaac Watts)

«Que tremendo contraste com as tradições humanas e com os rudimentos do mundo» (Meyer, em Col. 2:9)

«Que contraste com as agências espirituais, concebidas como intermediárias entre Deus e os homens, em cada uma das quais a plenitude divina se dividia e a glória divina se esmiuçava, em proporção à posição distanciada de Deus, em sucessivas emanações». (Vincent, em Col. 2:9)

*Senhor de todo ser, entronizado no alto
Tua glória procede do sol e das estrelas,
Centro e alma de toda a esfera,
Mas de cada coração amante, quão próximo!*
(Oliver Wendell Holmes).

Da Divindade. Col. 2:9. No grego temos o vocábulo *theotes*, «deidade», «divindade», «natureza divina». A própria *essência* da divindade está em foco, segundo o mostrará a consulta em qualquer bom léxico. Essa palavra fala sobre o «estado do ser divino»; mas, vinculado à «plenitude», deve incluir também a idéia da «manifestação» de todos os atributos e perfeições divinos. Cristo é o guardião de toda a natureza divina e seus atributos; não participa meramente de algum fragmento da mesma, conforme dizia a idéia gnóstica dos «aeons», entre os quais eles classificavam também

o Cristo.

HABITAÇÃO DE CRISTO NO CRENTE

Porém Cristo é tudo e em todos, Col. 3:11. Cristo é o credo inteiro, a vida inteira, a lei inteira, o motivo de ufania do crente, o motivo de alegria do crente, substituindo todos os antigos valores e as antigas distinções. Ele está *em todos* por meio do seu Espírito, que em nós vem residir. Ele é «tudo para todos» (ver Efé. 1:23). A terminologia, «tudo e em todos», evidentemente foi tomada por empréstimo do vocabulário do panteísmo dos gnósticos, que imaginavam que Deus se manifesta em tudo, como se todas as coisas fossem «emanações» suas. Portanto, ele é a fonte de tudo, e, na redenção, tudo é pintado como «reabsorvido» por Deus, perdendo a sua individualidade. Essas eram idéias dos mestres gnósticos. Paulo, entretanto, rejeita o panteísmo e retém a individualidade de cada pessoa. Mas, para o apóstolo, só em Cristo é que nossa existência se reveste de significado. Isso pode ser confrontado com I Cor. 15:28, onde se lê que Deus é «tudo em todos». Uma vez mais se vê a justaposição entre Deus e Cristo, o que serve de prova indireta da divindade de Cristo. Nenhum mero homem, por mais exaltado que fosse, poderia ser considerado como tal.

Este versículo salienta novamente a preeminência absoluta de Cristo, o tema abordado longamente em Col. 1:15-20. A relação com Cristo transcende a todos os laços terrenos, porque se reveste de significação eterna. (Comparar com Efé. 1:23). Cristo «preenche a tudo»; a tudo ele dá significado, em sua existência. O fato de que devem ser eliminadas as distinções de sexo, raça, religião e cultura era uma idéia nova e revolucionária, nos dias de Paulo. Nada parecido com isso foi obtido, até agora, mas é o elevadíssimo alvo na direção do qual a igreja se movimenta. Não há classes privilegiadas, conforme pensavam os gnósticos erradamente. O evangelho promete um novo mundo, no qual haverá união e unidade. Que nossos corações se fixem naquele mundo.

Em conexão com o conceito da unidade que há na igreja cristã, em torno de Cristo, o terceiro capítulo da epístola aos Efésios apresenta-nos o interessante conceito de que a igreja é o teatro e o campo experimental de Deus, porque nela o Senhor mostrará como, finalmente, ele unirá a criação inteira, incluindo os seres angelicais e todas as dimensões espirituais, quando Cristo se tornará o Cabeça de tudo, tal como agora ele é o Cabeça da igreja. Em Cristo, portanto, tudo será unificado. Cristo dará sentido e razão para a existência de tudo.

*Já, na mente de Deus,
Ergue-se, bela, aquela cidade;
Eis, como seu resplendor desafia
As almas que grandemente ousam—
Sim, ordena-nos a segurar o todo da vida
E edificar a sua glória ali.*
(Walter Russell Bowie)

«Deve ter sido estranho encontrar escravos e seus senhores, judeus e gregos, assentados em uma só mesa, ligados por laços fraternais. O mundo ainda não apreendeu plenamente essa verdade, e a igreja tem falhado lamentavelmente em mostrar que isso é uma realidade. No entanto, essa verdade rebrilha acima de todas as nossas guerras e cismas, acima das miseráveis distinções de classe, como um arco-íris da promessa, por baixo de cujo portal aberto, o mundo, um dia, passará para aquela terra rebrilhante, onde povos errantes serão reunidos em paz, ao redor dos pés de Jesus, havendo um só rebanho, porque há um

HABITAÇÃO — HÁBITO

só Pastor». (Maclaren, em Col. 3:11).

«Cristo ocupa a esfera inteira da vida humana e permeia todo o seu desenvolvimento» (Lightfoot, em Col. 3:11).

Referências e idéias. A *presença habitadora do Espírito Santo*:

1. O Espírito Santo habita na igreja, como seu templo (ver I Cor. 3:16). 2. Habita no conjunto dos santos, como seu templo (ver I Cor. 6:19 e II Cor. 6:16). 3. Foi prometido aos santos (ver Eze. 36:27). 4. Os santos desfrutam da presença habitadora do Espírito Santo (ver Isa. 63:11 e II Tim. 1:14). 5. Os santos são cheios da presença habitadora do Espírito Santo (ver Atos 6:5 e Efé. 5:18). 6. A presença habitadora do Espírito Santo é meio revivificador (ver Rom. 8:11). 7. É meio de orientação (ver João 16:13 e Gál. 5:18). 8. É prova da adoção (ver Rom. 8:15 e Gál. 4:5). 9. É algo permanente (ver I João 2:27). 10. Os que não têm a presença habitadora do Espírito Santo são sensuais (ver Jud. 19). 11. Não têm Cristo (ver Rom. 8:9). 12. Opõem-se a Deus devido a sua natureza carnal (ver Gál. 5:17).

Segundo Efésios 3:17

que Cristo habita pela fé nos vossos corações, a fim de que, estando arraigados e fundados em amor,

O crente é o templo de Cristo.

As palavras «...*habite* Cristo nos vossos corações...» indicam a permanência habitadora do Espírito de Deus, nos crentes, na qualidade de *alter ego* de Cristo, conforme temos comentado amplamente em Efé. 2:21,22 no NTI, onde esse pensamento é enfatizado, de tal maneira que o crente torna-se o próprio templo de Deus, o que significa, por sua vez, que goza de perfeito acesso à sua glória e ao seu poder, bem como a todo o bem-estar espiritual. O segundo pedido de Paulo, em oração, é que houvesse essa presença habitadora divina em seus leitores, e isso através do poder de Deus. Consideremos ainda os pontos abaixo discriminados:

1. A trindade divina habita em nós, o que se deduz do trecho de Efé. 2:21,22, em confronto com este versículo. O Espírito Santo é o agente dessa habitação.

2. «Habitar» significa tomar residência permanente, estabelecer moradia.

3. Uma vez que Cristo é a «riqueza da glória do mistério» que em nós habita, tudo isso nos será comunicado por ele.

4. O seu Espírito, em nós residente, nos conduzirá de glória em glória, até participarmos plenamente de sua natureza, de sua santidade e de seus atributos perfeitos. (Ver II Cor. 3:18 e Rom. 8:29). Esse é o grande tema e alvo do evangelho.

5. Cristo veio habitar em nossos corações a fim de sermos o que ele é, e a fim de que todas as graças divinas tenham realização em nós. Em certo sentido, portanto, *somos Cristo*, isto é, estamos sendo feitos naquilo que ele é—somos Cristo «em formação». E assim participamos em tudo quanto ele realizou e experimentou, em sua morte, em sua ressurreição, em sua ascensão e em sua glorificação, conforme o trecho de Efé. 1:19 e *ss* nos mostra, e que faz parte de conceitos por muitas vezes reiterados, dentro da teologia paulina. (Ver no NTI Rom. 6:3 quanto a notas expositivas a respeito desse tema).

6. Cristo se encontra em nossos corações para que recebamos o que ele possui, a sua herança (ver Rom. 8:17), e para que participemos de sua glorificação (ver Rom. 8:30).

7. A idéia de que Cristo habita em nós, além de

significar que o seu Santo Espírito habita em nós, expressa também a nossa comunhão mística com ele, porque estamos «em Cristo» em virtude de sua presença habitadora. Portanto, estar «em Cristo» e possuir sua «presença habitadora em nossos corações» são expressões místicas que indicam a comunhão mútua de que desfrutamos no nível da alma. (Ver o artigo sobre *Cristo-Misticismo*). A expressão *em Cristo* ocorre por cento e sessenta e quatro vezes nas epístolas de Paulo. Mas, uma vez que essas são expressões místicas e espirituais, não podemos pretender qualquer coisa como compreendê-las plenamente, embora saibamos que indicam o contacto real entre o ser divino e o ser humano. No presente, devido às limitações do nosso conhecimento, isso é sabido mais através da «experiência» do que através da compreensão racional.

8. «Como é que Cristo habita nos corações? Ouçamos a voz do próprio Cristo, que disse: «...meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada». (Crisóstomo, que aludia ao trecho de João 14:23). (Ver também Col. 1:27, onde se lê: «...*Cristo em vós, a esperança da glória*).

«...*nos vossos corações*...» Temos aqui um equivalente poético à expressão que figura em Efé. 3:16, o «homem interior». Envolve algo intelectual e emocional, mas, na realidade, aponta principalmente para o princípio íntimo da vida, para o homem essencial, para a alma ou espírito do homem, onde a habitação de Deus tem lugar, por tornar-se templo do Espírito Santo. É a alma do homem que entra em contacto direto com Deus, e que recebe as suas influências.

«O coração é nosso autpensamento interior e consciente, nossos sentimentos e nossa vontade, em sua unidade pessoal». (Findlay, *in loc.*). Mas, juntamos nós, que todas essas qualidades são meramente atributos da alma.

Pela fé. Está em foco a «fé evangélica», que consiste da «entrega da alma» aos braços de Cristo, e não da mera aceitação de um credo ou de tornar-se alguém membro de uma organização religiosa. (Isso pode ser comparado com o décimo segundo versículo do terceiro capítulo de Efésios, que mostra que a «fé» é o instrumento do nosso «acesso» a Deus.). Ver também o trecho de Efé. 2:8, onde a «fé» aparece como o meio que nos traz a graça divina e suas bênçãos. No trecho de João 3:16, essa fé aparece como «salvadora». (Ver o artigo sobre a «fé»). Também é de fé em fé, de um grau de fé a outro, de um exercício de fé a outro, que o justo vive (ver Rom. 1:17). Outrossim, a fé é «dom» e «fruto» do Espírito Santo (ver Efé. 2:8 e Gál. 5:22). No entanto, a fé foi posta à disposição de todos os homens, mediante a «graça geral» exibida na cruz de Cristo (ver João 12:32 e Rom. 11:32).

HÁBITO

Esboço:

- I. Na Filosofia
- II. Na Fé Religiosa
- III. Quebrando Hábitos
- IV. Como Vestes Eclésiásticas

1. Na Filosofia

1. Aristóteles usava a palavra (no grego, *éthos*) para referir-se a como a *disposição* de agir corretamente pode tornar-se um estado permanente, um bom hábito, da mesma maneira que um vício, mediante o uso, pode tornar-se tal mediante o cultivo, a repetição. Os hábitos desenvolvem-se de qualquer *atividade* constante, podendo ser bons ou maus. Tomás de Aquino reteve as idéias essenciais de Aristóteles, sobre a questão.

HÁBITO

2. Condillac (vide) dizia que os hábitos estão à base das funções intelectuais de onde surgem os conceitos.

3. Em Hume (vide), os hábitos estabelecem os processos de análise, mediante os quais obtemos conceitos como os da causalidade e de pontos de vista mundiais.

4. Charles Peirce (vide) dava grande valor aos hábitos, aplicando-os à metafísica. O próprio Universo teria vindo a uma existência ordeira mediante hábitos formados. Mas, é impossível comprovar esse ponto.

5. Os hábitos estão à base de todas as teorias psicológicas. A repetição determina as nossas reações, e as reações tornam-se a base das atitudes e dos atos humanos.

II. Na Fé Religiosa

1. Somos encorajados a cultivar as virtudes espirituais e a descontinuar os vícios (ver Gál. 5:19 ss). Isso se faz mediante atos habituais, que se transformam em atitudes.

2. Devemos buscar a mente espiritual, rejeitando a conformidade com os hábitos mundanos (Rom. 12:1.2). A conformidade se dá mediante uma série de atos que se tornaram habituais. Os hábitos determinam o destino do indivíduo. Um pensamento pode tornar-se um ato; um ato pode tornar-se um hábito; um hábito pode determinar o destino da pessoa.

«O hábito é um cabo; tecemos um fio do mesmo a cada dia;

E, finalmente, não mais podemos quebrá-lo.

(Horácio Mann).

«De fato, parece que a segunda metade da vida de um homem de nada mais se compõe senão dos hábitos acumulados durante a primeira metade de sua vida» (Dostoievski).

«Como o uso cria um hábito em um homem!» (Shakespeare).

3. Um hábito pode interpretar falsamente a verdade. Todos os homens são, acima de tudo, produtos de sua própria época, de suas experiências e de suas associações. Às vezes, porém, Deus intervém nisso. As pessoas que nascem em alguma denominação ou fé religiosa, mediante o hábito (associações constantes), acabam convencidas de que a mesma está absolutamente certa. Ao mesmo tempo, os hábitos fazem as pessoas crerem em outros sistemas. A verdade pode ser mais facilmente descoberta quando investigamos em todos os níveis, e chegamos a conhecer todas as alternativas. A interpretação de qualquer texto bíblico pode ser devida apenas aos hábitos de uma denominação, o que a faz desviar-se para longe do verdadeiro significado daquele texto. Há hábitos bons e hábitos maus; e, no entanto, um hábito qualquer serve de critério da verdade, no caso de quase todas as pessoas. Os hábitos, paralelamente a uma atitude conservadora, podem ser o maior obstáculo às mudanças e ao progresso. Não obstante, existem bons hábitos, que refletem a verdade. Cada indivíduo tem a responsabilidade de distinguir os bons dos maus hábitos; mas poucos estão interessados nesse tipo de atividade.

III. Quebrando Hábitos

1. **Reações Incompatíveis.** Uma pessoa tenta, propositalmente, desenvolver uma reação a certa situação, a qual é contrária ou incompatível com suas antigas reações, que formaram um hábito qualquer. Assim, têm sido aplicados choques elétricos em homossexuais enquanto viam fotografias de homens despidos, e estimulados agradavelmente, enquanto viam fotografias de mulheres nuas. Desse modo, a idéia de algo desagradável fica associada à nudez

masculina, ao mesmo tempo em que a idéia de algo agradável é associada à nudez feminina. Esse método tem funcionado bem, no caso de alguns indivíduos homossexuais.

2. **Exaustão.** Uma pessoa é forçada a pôr em prática o seu hábito até ser vencida pela fadiga, o que empresta àquele hábito uma aura indesejável. Por exemplo, um pai que apanha um filho seu fumando, obriga-o a fumar até ele ficar enjoado. Dessa maneira, o enjoão é associado ao hábito ou vício de fumar.

3. **Tolerância.** Certa criança tem medo de gatos. A fim de curá-la dessa atitude mental sem sentido, seus pais compram para ela um gatinho. A criança não sente medo do gatinho. O gatinho não demora muito a crescer, tornando-se um gato. A criança acompanhou o processo de crescimento do animal, e, quando o gato torna-se adulto, a criança não sente mais medo de gatos.

4. **Mudança de Ambiente.** Muitos hábitos são formados mediante reações a algum meio ambiente. Indivíduos que costumam frequentar clubes noturnos ou lupanares ou bares, desenvolvem hábitos negativos. Assim, as pessoas que convivem com fumantes, em muitos casos tornam-se fumantes também; e outro tanto sucede no caso do alcoolismo. E as pessoas que convivem com aqueles que enfatizam os hábitos salutarés e espirituais do estudo da Bíblia e da oração, acabam adquirindo esse hábito, por força do exemplo. Há mudança de hábitos quando alguém deixa de frequentar seus lugares habituais, deixa de se associar com pessoas que praticam habitualmente certas coisas. Temos aí a aplicação do exemplo (vide), o que é uma maneira de encorajar outras pessoas a corrigirem seus hábitos e suas atitudes. Paulo escreveu que: «Não vos enganeis: as más conservaçãoes corrompem os bons costumes» (I Cor. 15:33). E Sêneca lamentava que, em certas vilas romanas, exigia-se o relaxamento dos bons costumes e da moral.

5. **A Intervenção Divina.** Deus pode mudar a maneira de pensar de uma pessoa. Isso pode ocorrer através de alguma súbita experiência espiritual ou mística, ou, então, pode ser o produto do desenvolvimento espiritual, mediante o emprego dos meios de crescimento espiritual. Esses meios envolvem o uso e desenvolvimento do intelecto, através do estudo da Bíblia e de livros espirituais; através do uso da oração e da meditação; através da prática de boas obras, com vistas à santificação e ao toque místico, e, também, através do uso dos dons espirituais e da iluminação através da meditação.

IV. Como Vestes Eclesiásticas

Em algumas denominações cristãs e grupos não-cristãos, várias ordens religiosas distinguem-se das outras mediante algum tipo específico de veste. Essas vestes são chamadas *hábitos*. O propósito psicológico e espiritual disso é *separar* certos indivíduos para alguma tarefa ou dedicação específica, e suas próprias vestes servem de símbolo desse ato. Esses *hábitos* tendem por preservar a modéstia, dando à pessoa uma aparência não mundana, em contraste com as maneiras normais de vestir, que enfatizam o sensual e têm por detrás o espírito do exibicionismo. Mas, aqueles que não usam essas vestes distinguidoras, objetam ao uso das mesmas, porquanto tal uso tende por obscurecer o fato de que todos os seguidores de Cristo são sacerdotes, e que todos eles deveriam separar-se ou santificar-se para o Senhor.

••• ••• •••

HABOR — HADADE

HABOR

No hebraico, «reunião». Nas páginas do Antigo Testamento, esse é o nome de uma região geográfica de um rio, a saber:

1. Uma região da Média, para onde foram transportados contingentes das dez tribos de Israel, durante o cativeiro assírio (vide). Os responsáveis por isso foram Tiglate-Pileser (I Crô. 5:26) e, posteriormente, Salmaneser (II Reis 17:6; 18:11). A região tem sido identificada com a região montanhosa entre a Média e a Assíria, que Ptolomeu chamava de *Carboas* (Geog. 6:1). Porém, a maior parte dos estudiosos pensa que apenas a similaridade de nomes sugere tal identificação. Habor ficava às margens do rio Gozan, e, ao que parece, esse rio chama-se, modernamente, Kizzil-Ozan. Várias ruínas têm sido encontradas naquela região, apontando para várias antigas ocupações humanas da área.

2. O rio *Habor*. Esse rio da Mesopotâmia tem sido identificado com o moderno rio Khabur. Flui para o sul, atravessando Gozã e após pouco mais de trezentos quilômetros, deságua no ramo oriental do rio Eufrates. Os israelitas deportados pelos assírios foram instalados em suas margens, conforme se vê naquelas referências bíblicas. Alguns estudiosos modernos continuam pensando que se trata do rio que, em grego, se chamava *Charboras*. Na antiguidade, toda aquela região foi densamente povoada, e vários câmoros têm sido escavados ali. O arqueólogo Layard encontrou ruínas de procedência assíria, naquela região.

HACABA

Chefe de uma família de servidores do templo, cujos descendentes retornaram com Zorobabel. (Ver I Esdras 5:30). Ele é chamado Hagaba em Esd. 2:45.

HACALIAS

No hebraico, «trevas de Yahweh». Esse foi o nome do pai de Neemias. Mas, a respeito dele, não temos mais informações do que isso. Ver Nee. 1:1 e 10:1. Ele viveu por volta de 446 A.C.

HACMONITA, TAQUEMONI

No hebraico, «habilidoso», um termo usado para designar um ou mais homens e os seus descendentes:

1. Um homem conhecido como pai (ou antepassado) de Jasobeão, um dos poderosos guerreiros de Davi (ver I Crô. 27:2 e 11:11). Nesta última referência, o filho de Hacmoni é chamado de *hacmonita*. Porém, em II Sam. 23:8 (trecho paralelo), encontramos o nome próprio *Taquemoni*. Muitos eruditos, entretanto, pensam que esse nome próprio envolve um erro textual.

2. A família de Jeiel, que era um dos servos de Davi (I Crô. 27:32). Ele era «filho de Hacmoni» (conforme a nossa versão portuguesa), o que também é dito acerca de Jasobeão, em I Crô. 11:11 (em nossa versão portuguesa, «Jasobeão, hacmonita»). No entanto, no original hebraico, a maneira de dizer é uma só. O pai de Jasobeão era Zabdiel (I Crô. 27:2). Lemos, em I Crô. 27:3, que ele era dos filhos de Perez e, portanto, da tribo de Judá.

HACUFA

No hebraico, «incitação». Esse homem era o cabeça de uma família de netinins, ou servos do templo, que voltaram do exílio babilônico em companhia de

Zorobabel. São mencionados em Esd. 2:51; Nee. 7:53 e I Esdras 5:31.

HADADE

No hebraico, provavelmente, «trovão». Esse foi o nome de uma das principais divindades dos sírios, de um deus arameu, e de quatro homens, nas páginas do Antigo Testamento:

1. A *divindade síria*. Ver o artigo geral sobre os *Deuses Falsos*. Como título de uma divindade, essa palavra, mui provavelmente, significa «trovejador». No hebraico, a forma do nome é *hadad*, e, no assírio, *haddu*. Era o equivalente amorreu do deus das tempestades, Baal, segundo os textos de Ras Shamra. O deus grego, *Zeus*, também é retratado a controlar os deuses e os homens com o seu famoso raio. Os antigos personificavam e deficiavam as forças da natureza.

Um templo consagrado a Hadade foi construído em Alepe, que os arqueólogos têm investigado. Hadas ou Adad era um deus assírio babilônico que controlava os ventos, as tempestades, o relâmpago, a chuva e o trovão. Na Assíria, ele também aparecia como um deus da guerra. Na Síria, era chamado *haddu*, e não *adad*. Sua adoração disseminou-se pela Palestina, pela Síria e pela Mesopotâmia, mais ou menos a começar pela época de Abraão. Era o equivalente ao Baal dos cultos de fertilidade de Ugarite e de Canaã. Envolvía muitas características, em um sincretismo que misturava as idéias envolvidas em muitos deuses. Falava com uma voz de trovão; era um deus que morria e ressuscitava, à semelhança de Tamuz, da Mesopotâmia; era um guerreiro montado em um touro, armado de maça de guerra e de um raio; e, em seu capacete, havia os chifres de um touro. Um monólito de Salmaneser chama-o de «o deus de Alepe». O Antigo Testamento, porém, nunca menciona especificamente essa divindade pagã.

2. A *divindade araméia*. Esse deus dos arameus tem sido identificado com o deus das condições atmosféricas, chamado Ramom (no hebraico, Rimom; vide). O nome Hadade aparece em muitos nomes compostos arameus, como Hadadezer, Ben-Hadade (filho de Hadade), etc.

3. Um filho de Ismael, neto de Abraão, tinha esse nome. Ver Gên. 25:15; I Crô. 1:30. Ele viveu por volta de 1900 A.C. Foi o oitavo dos doze filhos de Ismael. Algumas traduções dizem Hadar, em Gên. 25:15, mas Hadade em I Crô. 1:30, seguindo diferentes variantes no hebraico.

4. Um dos reis de Edom, cujo pai chamava-se Bedade (Gên. 36:35,36; I Crô. 1:46,47). Ele derrotou os midianitas na planície de Moabe e fez da cidade de Avite a sua capital. Viveu por volta de 1500 A.C.

5. Um outro rei de Edom, que sucedeu a Baal-Hanã no trono. Fez de Paí a sua capital. Sua esposa chamava-se Meetabel (I Crô. 1:50). Em Gên. 36:39, ele é chamado Hadar. Viveu por volta de 1015 A.C. Ele foi o último dos primeiros reis idumeus. — Na infância, escapou do massacre que Joabe promoveu.

6. Um príncipe idumeu, que viveu na época de Salomão, isto é, por volta de 1015 A.C. É mencionado em I Reis 11:14,17,19,21,25. Escapou do massacre encabeçado por Joabe, e fugiu para o Egito, na companhia de outros. Ali foi bem tratado pelo Faraó, e acabou se casando com uma cunhada do monarca egípcio. Genubate, filho desse casamento, foi criado como um dos filhos de Faraó. Quando Davi faleceu, Hadade resolveu reconquistar o território que havia perdido, mas o rei do Egito não o apoiou no plano.

HADADEZER — HADES

Porém, Hadade retornou de qualquer modo a Edom e causou a Salomão algumas dificuldades. Instigou os edomitas e desfechou ataques contra várias localidades. Obteve um êxito limitado em seus esforços.

HADADEZER

No aramaico, «Hadade é ajudador». Ele era rei de Zobá, na Síria, nos tempos de Davi. Seu território estendia-se para leste até às margens do Eufrates, e para o sul até à fronteira com Amom. O Antigo Testamento refere-se a ele como quem entrou em vários choques armados com Davi. Sofreu sua primeira derrota diante de Davi nas vizinhanças do rio Eufrates, em cerca de 984 A.C. Houve grande matança, com o envolvimento de várias cidades. Hadadezer perdeu muitos homens, e Davi tomou como despojos muito de seu equipamento. Ver II Sam. 8:3 ss e I Crô. 18:3 ss. Nessa batalha, vieram sírios de Damasco ajudar a Hadadezer, pelo que Davi matou a vinte e dois mil sírios.

Os amonitas, ato contínuo, formaram uma liga com outros arameus, a fim de apresentarem uma frente sólida contra Davi. Eles insultaram embaixadores que Davi tinha enviado, raspando suas barbas (ver II Sam. 10:1-6). Em vista disso, Davi enviou forças armadas contra eles, sob o comando de Joabe. Este obteve uma notável vitória; mas Hadadezer não desistiu. Retirou-se para o território a leste do rio Eufrates e reuniu um novo e mais poderoso exército, sob o comando de Sofaque, seu general. Dessa vez a ameaça era suficientemente séria para fazer com que Davi fosse pessoalmente à cena da batalha. A vitória de Davi foi tão definitiva que o poder de Hadadezer sofreu um golpe fatal. Outros governantes, que se tinham sujeitado a ele, aproveitaram a oportunidade para se livrarem de seu jugo. Dessa maneira, Davi estendeu o seu poder sobre todos aqueles territórios envolvidos. Ver II Sam. 10:15-18. Davi estabeleceu uma guarnição armada em Damasco, e recebia tributos por parte de Hadadezer.

HADADRIMOM

Esse nome é a combinação dos nomes de duas divindades sírias, *Hadade* e *Rimom*, formando um título que significa «lamentação por Hadade». Hadadrimom era um deus da vegetação, cujo nome forma combinação com Romom, o deus das tempestades, que figura em fontes extrabíblicas. Os textos de Ras Shamra demonstram que Hadade era o nome apropriado para designar Baal.

Nas páginas da Bíblia, Hadadrimom designa uma localidade, existente no vale de Megido (Zac. 12:11), onde os judeus efetuaram uma cerimônia de lamento nacional, em face da morte do rei Josias, na última batalha que ele participou, na famosa planície de Esdrelom. Ver II Reis 23:29 e II Crô. 35:23. Jerônimo identificava esse lugar como Maximianópolis, uma aldeia próxima de Jezreel. Mas, alguns intérpretes supõem que essa palavra não tem o intuito de identificar uma localidade e, sim, o próprio estado de lamentação. Outros identificam esse lugar com a moderna Rummaneh, ao sul de Megido. Seja como for, a grande lamentação que assinalou a morte de Josias, às mãos de Neco II, Faraó do Egito, em cerca de 609 A.C., foi tão grande que se tornou proverbial. E o termo *hadadrimom* veio a simbolizar tal lamentação, sem importar se está em pauta ou não alguma localidade específica.

••• ••• •••

HADASSA

No hebraico, «murta». Hadassa era o nome judaico original de Ester (ver Est. 2:7). Todavia, foi-lhe dado um novo nome, *Ester* (vide).

HADES

Ver também sobre *Sheol*.

Esboço:

- I. Hades na Mitologia Grega
- II. Na Septuaginta
- III. Portas do Inferno (Mat. 1:18)
- IV. Na Literatura Hebraica
- V. A Descida de Cristo ao Hades
- VI. Hades — o Abismo (Apo. 9:1)

I. Hades na Mitologia Grega

Originalmente, *Hades* era o nome do deus do submundo que, segundo os gregos, ficava no seio da terra. *Hades* era o filho de *Cronos* (Tempo), o deus mais alto. *Zeus*, outro filho de *Cronos* finalmente o substituiu através do uso de força. Assim, ele ficou o deus mais poderoso da mitologia grega. *Hades* continuava reinando no submundo compartilhando seu poder com sua esposa, *Persefone*. Com o desenvolvimento da mitologia, o termo *hades* começou a ser usado para significar o próprio submundo, a habitação dos *fantasmas* de homens desencarnados. No início, estes seres foram representados como entidades sem razão ou qualquer vida real. Gradualmente, uma vida real foi atribuída a eles, e assim se tornaram *espíritos* e não fantasmas. Mas o *hades* foi descrito como a habitação dos espíritos bons e maus e somente depois de maior desenvolvimento da doutrina, é que os espíritos bons receberam no submundo um lugar bom, em contraste com o estado miserável dos espíritos maus.

II. Na Septuaginta

Na versão LXX (*Septuaginta*) do A.T. (a tradução do original hebraico do A.T. para o grego), a palavra *hades* passou a ser usada para traduzir o termo hebraico «sheol», lugar dos espíritos desencarnados, igualmente tanto bons quanto maus, tanto os que se encontram na bem-aventurança quanto os que sofrem o justo castigo de seus pecados. Algumas traduções vernáculas, entretanto, têm obscurecido a idéia do «hades», traduzindo essa palavra por «inferno», o que dá a entender algum lugar horrível de punição ardente. O próprio termo «hades», entretanto, não indica necessariamente nem bem-aventurança e nem castigo, embora também possa indicar qualquer dessas situações, dependendo do sentido tencionado no contexto em que o vocábulo aparece.

Os empregos da palavra são bastante amplos, porquanto pode ela significar tanto simplesmente a *morte*, sem qualquer pensamento especial sobre as condições que existem antes da morte (que parece ter sido o uso hebraico mais antigo do vocábulo, bem como no pensamento grego dos tempos mais remotos, quando não havia ainda surgido a idéia de almas imortais a residirem nesse lugar, mas quando muito, apenas —alguma forma— de fantasma vazio, que não retinha a inteligência e a memória do indivíduo ali parado), mas também pode significar o lugar dos espíritos desencarnados. Os judeus calcularam que esse lugar estaria dividido em duas porções, uma para os ímpios e outra para os justos. Nesse caso, algumas vezes surge a idéia da existência de uma parede fina como papel entre essas duas porções. Isso significaria que embora não houvesse comunicação entre essas duas divisões, e embora não pudessem passar

mensageiros de uma para outra parte, o que ocorria em um dos lados podia ser observado do outro.

O lado bom desse lugar recebeu o nome de *paraiso*, de «seio de Abraão», etc. E, naturalmente, existem outras descrições fabulosas sobre toda a questão, na literatura judaica, embora nenhum intérprete as leve a sério, por não serem tais descrições inspiradas divinamente e dignas de confiança. A palavra «Tártaro» (igualmente de origem grega), tem sido usada para fazer alusão àquela parte do hades onde os homens são punidos. Essa palavra é usada no N.T. exclusivamente na passagem de II Ped. 2:4. Mas o próprio Senhor Jesus empregou a palavra *geena*, a fim de referir-se ao lugar de punição; e, se tivesse sido indagado sobre a identificação desse lugar, mui provavelmente teria concordado que a parte «má» do hades é a que estava em foco. (Ver o artigo sobre *Geena*, que também aborda o simbolismo contido nesse termo).

O trecho de Luc. 16:19-31 pinta tanto o rico como Lázaro no «hades», o que preserva a idéia judaica da natureza daquele lugar. (Comentários sobre esse lugar podem ser encontrados nessa referência bíblica no NTI. Tal palavra ocorre também em passagens como Mat. 11:23; 16:18; Luc. 10:15; Atos 2:27,31; Apo. 1:18; 6:8; 20:13,14).

A idéia de que o lado bom do hades foi eliminado desde a ressurreição de Cristo, tem base na ênfase dada por Paulo ao *terceiro* céu (ver II Cor. 12:1-4), e na declaração paulina que Cristo levou cativo o cativo (ver Efé. 5:8-10), o que supostamente significa o transporte dos bons espíritos para outro lugar, não está bem fundamentada nas Escrituras, e certamente não é consubstanciada por qualquer das referências bíblicas geralmente apeladas para isso. Muitas evidências demonstram que continua em existência o *mundo intermediário*, sob muitas formas fora de nossa capacidade de investigação plena. Poderíamos afirmar, pois, que não sabemos grande coisa sobre esse mundo intermediário, que continuará existindo até o julgamento final, quando o hades entregará os seus mortos, e for estabelecido o julgamento eterno, conforme lemos em Apo. 20:13, 14. Acreditamos, todavia, que na era da graça os verdadeiros convertidos vão para os «lugares celestiais», esferas mais altas do que «o lado bom» do hades.

Embora o vocábulo *hades* possa fazer alusão à simples morte física, nada dando a entender sobre a vida após-túmulo, contudo, é muito provável que não seja esse o sentido que lhe é atribuído neste passo bíblico, conforme E.H. Plumptre observa (*in loc.*): «A morte de Cristo foi uma morte verdadeira, e apesar de que o seu corpo foi posto no sepulcro, a sua alma partiu para o mundo dos mortos, que é o 'sheol' dos hebreus e o 'hades' dos gregos, para continuar ali a obra remidora que ele havia iniciado à face da terra... e aqui temos, uma vez mais, uma interessante coincidência com a linguagem de Pedro (ver I Ped. 3:19), quanto à obra de Cristo que foi pregar aos *espíritos em prisão*».

III. Portas do Inferno (Mat. 1:18).

«**Portas do inferno**», ou melhor, **portas do hades**, era uma expressão oriental para indicar a corte, o trono, o poder e a dignidade do reino do mundo inferior. No V.T. (como aqui neste texto), indica o poder da morte. A idéia principal é que a igreja nunca será destruída por qualquer poder — nem mesmo pela morte ou pelo resultado da morte, e nem pelo reino do mal. A igreja é eterna; a morte, ou qualquer outro poder oculto e perverso, jamais poderá ser vitoriosa sobre ela. «Reino de Satanás» é uma interpretação que

os intérpretes em geral não aceitam, embora a promessa de Cristo, naturalmente, tenha incluído a idéia de que Satanás e seus agentes (seu reino) jamais poderão vencer a igreja edificada sobre a rocha. As portas do hades abrem-se para devorar a humanidade inteira, e fazem-no com êxito; mas Cristo e sua igreja vencerão esse poderoso inimigo. Esse reino da morte será abolido por Cristo (ver as seguintes passagens: Is. 25:8; I Cor. 15:15 e Efé. 1:19,20). Esse trecho implica, naturalmente, na luta contra o reino do mal, mas ensina, principalmente, a vitória sobre a morte, com todas as suas implicações. Há bons intérpretes, porém, como Erasmo, Calvino e outros, que interpretam o trecho como a vitória final sobre Satanás. A vitória sobre a morte, realmente, deve incluir essa idéia, pelo menos por implicação. Essa expressão, «porta do hades», é comum na literatura judaica (fora do V.T.), mas também se encontra em Is. 28:10 e em Sabeedoria de Salomão 16:13. Na passagem de Apo. 6:8 o símbolo da morte é mais personificado, pois a *morte* é apresentada montada em um cavalo e seguida pelo *hades*.

IV. Na Literatura Hebraica

Não há nenhum conceito simples de «hades», nem na literatura judaica, anterior aos tempos neotestamentários, nem no próprio N.T. A idéia hebraica original do «após-vida», é que não havia «após-vida». Portanto, até mesmo nos primeiros cinco livros do A.T., apesar de ali ser ensinada a existência da vida espiritual, não ensinam a possibilidade de «vida espiritual para os homens». Os comentários dos mestres judeus, acerca desses livros, bem como seu uso no N.T., parecem subentender tal coisa; mas esses livros, considerados em si mesmos, não ensinam a possibilidade do «após-vida» para os homens. O estágio seguinte, no pensamento judaico, no tocante a isso, é similar aos conceitos gregos com seu «hades» (a região «invisível» dos espíritos). Então os judeus vieram a crer (tal como o criam os gregos) que o hades era um lugar literal, localizado no centro da terra. Para esse lugar desceriam todos os espíritos humanos, bons e maus, sem qualquer distinção; e ali não teriam qualquer existência real, com memória e consciência; antes, arrastar-se-iam em uma vida sem formas, como se fossem energias desgastadas, e não seres reais.

Gradualmente, entretanto, veio a aceitar-se que os «espíritos» possuem existência real, de alguma modalidade. Assim o *hades* se tornou lugar de punição ou de recompensa. Essa idéia de que o hades é lugar de recompensa ou de punição, surgiu primeiramente na religião persa, de onde parece que penetrou no judaísmo. Já que o «hades» prometia recompensa ou castigo, foi apenas natural que daí se pensasse estar o mesmo dividido em «duas regiões distintas». E assim essa idéia veio a fazer parte da doutrina do «hades». Todos esses «estágios» de desenvolvimento dessa idéia podem ser traçados na literatura judaica, e mais de um estágio desses é refletido nas páginas do N.T. Como exemplo disso, considere-se o décimo sexto capítulo do evangelho de Lucas, onde se percebe a *divisão* do hades em porção pertencente aos bons e porção pertencente aos incrédulos. A idéia no Apocalipse, é de que todos os espíritos descem ao hades, com exceção dos «mártires», que passam diretamente para os «céus», um lugar glorioso e totalmente distinto do *hades*. Seja como for, para o vidente João, o «hades» era um lugar *intermediário*, e não permanente. Isso perdurará até que o estado eterno divida os homens em suas habitações devidas. As almas dos crentes martirizados aguardam, nos céus, pela primeira ressurreição (ver Apo. 20:4-6), ao passo que os demais mortos permanecerão no hades,

HADES

aguardando a segunda ressurreição, ou ressurreição geral (ver Apo. 20:12,13).

No livro de Apocalipse, tal como no pensamento grego, o «hades» parece ser distinguido do *mundo inferior*, do qual um anjo tem a chave (ver Apo. 9:1 e ss). Parece que o «*mundo inferior*», pertence a espíritos horrendamente malignos, piores que os ímpios mortos. Essa distinção, entretanto, parece não ser geralmente observada nas páginas do N.T.

O hades do N.T. é equivalente ao «sheol» do A.T., ainda que, conforme já foi destacado, o «sheol» não representa um *único* conceito, mas muitos, formando uma série que mostra estágios cada vez mais desenvolvidos. Por conseguinte, o «sheol» pode significar apenas «estado de morte», e não «estado onde habitam os mortos». Contudo, por toda a parte, a Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, feita antes da era cristã) traduz «sheol» por «hades». Ora o termo grego «hades» envolve um desenvolvimento similar como conceito.

V. A Descida de Cristo ao Hades

Os trechos de I Ped. 3:18-20 e 4:6 descrevem a descida misericordiosa de Cristo ao hades, a fim de que ele ali anunciasse, às almas perdidas, o evangelho. A maior parte da igreja cristã tem reconhecido a descida de Cristo ali como uma *melhoria*, ou até mesmo para «oferecer a salvação» aos perdidos daquela região. Porém, alguns grupos evangélicos dos tempos modernos, têm chegado a rejeitar essa doutrina com base «*a priori*» do que Cristo poderia ter feito ou não (segundo a opinião deles), já que isso entraria em choque com suas rígidas idéias sobre o que deverá ser o julgamento. A despeito dessas objeções, não há que duvidar que esses versículos ensinam uma missão misericordiosa de Cristo entre as almas perdidas. É possível (*mas não provável*) que João, o vidente, se tenha referido a esse conceito ao falar das «chaves» brandidas por Cristo, as quais, como é óbvio, podem abrir ou fechar aquele lugar temível; mas lugar que pode ser aberto no caso de todos quantos aceitarem sua misericórdia. As fronteiras eternas não serão traçadas senão quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo. Tais fronteiras não são determinadas quando da morte física de qualquer indivíduo. O julgamento final não ocorrerá senão após o «milênio», conforme fica claro no vigésimo capítulo do livro de Apocalipse. (Ver I Ped. 4:6 quanto ao estabelecimento dos limites eternos, por ocasião da «parousia», que é conceito neotestamentário comum). (Ver o artigo sobre a *Descida de Cristo ao Hades*).

VI. Hades — o Abismo (Apo. 9:1)

Poço do abismo, Apo. 9:1. O grego seria mais literalmente traduzido ainda como «fenda do abismo». O termo grego «*phrear*» pode significar o «poço» ou «fenda», que desce até o subsolo. A própria ambigüidade do vocábulo grego tem provocado a ambigüidade de sua tradução e interpretação. Alguns têm preferido pensar que o próprio «hades» está em foco; mas outros pensam que se trata de uma *fenda* que conduz ao hades, mas não o próprio hades. E ainda outros imaginam que se trata de uma fenda que leva a algum poço, ou ao próprio poço, inteiramente distinto do hades, por ser o lugar da habitação desses seres eminentemente malignos. Não há modo indiscutível para determinar qual a interpretação correta, mas a discussão abaixo deixa implícito que a «fenda» e o «hades» representam uma e a mesma coisa, ou então diferentes locais de uma única grande área de julgamento.

Outrossim, não há nenhuma interpretação isolada

e absolutamente certa sobre o próprio hades. Originalmente, o lugar era reputado como a prisão que abrigava os *fantasmas* dos mortos; mas ali viveriam não realmente como almeiros sobreviventes, e, sim, como sombras sem bom senso, a vagarearem ao redor. Mais tarde, a idéia de «autêntica sobrevivência» veio a fazer parte da doutrina. Finalmente, surgiu a idéia da «separação» entre os «bons» e os «maus», havendo «galardões» para os primeiros e «punições» para os segundos. Por conseguinte, a cada vez em que o «hades» é mencionado, não podemos ter a certeza (a menos que o próprio contexto entre em detalhes) acerca do «estágio» do desenvolvimento da doutrina do «hades» que ali se reflete. (Ver no NTI as notas expositivas em Luc. 16:23 e Apo. 1:18, quanto a maiores detalhes sobre essa doutrina). O trecho de II Ped. 2:4 emprega o vocábulo «Tártaro». Originalmente, era uma região ainda mais inferior e desgraçada que o hades. O hades era considerado como algo que estava no coração da terra. Nesse caso, o Tártaro estaria bem no centro do globo, sendo reputado um lugar de dores e castigos especiais. Gradualmente, entretanto, o conceito de «Tártaro» se foi mesclando com o conceito de «hades», a tal ponto que tanto uma como outra palavra puderam ser usadas para indicar o mesmo lugar. (Ver o artigo sobre *Tártaro*. Ver também II Ped. 2:4).

No **Apocalipse**, essa «fenda do abismo» também é mencionada em Apo. 11:7; 17:8 (lugar de onde subirá a «besta»), e 20:1,2 (onde se lê que ali serão lançados a besta e o próprio Satanás). Ali ficarão até o fim do milênio, após o que serão lançados no lago do fogo, o lugar do castigo final (ver Apo. 14:11, onde, sem que seja empregado esse nome, evidentemente também há alusão a essa «fenda», mostrando que os seguidores do anticristo haverão de compartilhar de sua sorte). Comparando-se entre si todas essas referências, chegamos à conclusão de que o vidente João estava aqui descrevendo a «porção má» do hades, e não algum lugar distinto do mesmo. Cumpre-nos observar que «a morte e o hades» serão lançados no «lago do fogo», juntamente com os perdidos; e supomos que o «diabo», a «besta» e seu «falso profeta» (mencionados no trecho de Apo. 20:10) participarão dessa sorte. Portanto, do «hades» serão transferidos para o definitivo «lago do fogo». Já que o vigésimo capítulo do Apocalipse não estabelece distinção entre o «hades» e a «fenda» (no grego, «*phrear*»), fazendo com que os perdidos, o anticristo, Satanás, etc. estejam associados ao «hades», ao passo que, em Apo. 9:1 e em Apo. 11:7 e 17:8, estão vinculados à «fenda do abismo», somos forçados a concluir que o «hades» e essa «fenda» são uma e a mesma coisa, a menos que o autor simplesmente estivesse falando a respeito de «vários compartimentos do hades», ou então de diversas localidades do mesmo lugar em geral, existentes no âmago da terra.

O Apocalipse não faz o contraste entre a *geena* e o *hades*; mas é possível que neste livro, o «lago do fogo» seja a mesma coisa que a «geena» é nos evangelhos.

O «*abismo*» ou «*fenda*» nas páginas do A.T. Consideremos os pontos seguintes:

1. Talvez haja ali alusão a algum abismo subterrâneo que fecha um grande oceano «não da superfície», conforme fica implícito em Sal. 33:7. A Oração de Manassés, em seu terceiro capítulo, indica que os antigos imaginavam a existência de uma «fenda» que conduziria a esse mar subterrâneo, desde a superfície. Esse conceito não tem qualquer relação com o presente texto.

2. O abismo era considerado como lugar apropriado para os inimigos de Yahweh (ver Amós 9:3; Jô

HADES — HADRAQUE

41:24 LXX). Supunha-se que esse abismo seria uma imensa fenda na terra, e não um mar subterrâneo. (Ver Isa. 24:21,22 e 51:9). Esse abismo seria equivalente aos *hades*, mas, até este ponto, nunca fora considerado como um lugar onde há fogo. Essa idéia penetrou posteriormente, não antes de 100 A.C.

O **abismo**, na literatura judaico-apocalíptica. O primeiro livro de Enoque expõe certo ensinamento a esse respeito. (Ver I Enoque 17:7,8 e 18:12-16). Ali é considerado como lugar de punição de anjos caídos. Supomos que seria um compartimento do «hades», de alguma maneira. Não haveria ali água, nem pássaros, mas seria um lugar caótico, horrendo e invadido pelo fogo. Em alguns trechos o «abismo» era situado na terra; mas, em outros escritos, como em Enoque 22:2; 28:12,15;31:3, o *abismo* é situado nos confins da terra e dos céus, conforme os conhecemos. Seria um lugar de confinamento «temporário». Em I Enoque 10:6,13; 18:11; 21:7-10; 54:6; 56:4; 90:24,25; 118:11 aparece como um lugar de castigo eterno, um autêntico *inferno*, um lugar além dos céus e da terra. Nos escritos apocalípticos judaicos há diversos nomes para esse lugar; «o abismo de fogo» (I Enoque 10:3); o «abismo» (I Enoque 21:7). Nesta última passagem esse lugar é situado na terra, entrando-se no mesmo através de uma «fenda», conforme se vê aqui, no Apocalipse. Em I Enoque 18:11 esse lugar é chamado de *grande abismo*; e em I Enoque 54:6 é chamado de *fornalha ardente*. É óbvio que certas descrições do castigo futuro no Novo Testamento foram emprestadas diretamente dos livros pseudepígrafos, como I Enoque. Também, é óbvio que alguns trechos do Novo Testamento olham para além deste tipo de doutrina sobre o julgamento. Ver o artigo sobre o *Julgamento*. Ver também o artigo sobre *Restauração*.

O mesmo conceito de julgamento contra Satanás, os anjos e os homens perdidos é pintado como um «deserto de fogo», mas o trecho de I Enoque 108:3 o situa para além dos limites da terra. O conceito do *lago de fogo* do Apocalipse, sem dúvida, foi emprestado da literatura pseudepígrafa.

Conforme se pode ver, há muitos conceitos e muitos nomes para esses conceitos, pelo que também nunca poderemos ter certeza do que está em pauta. Em primeiro lugar, é declarado que Satanás e os seus anjos estão destinados a residir eternamente em tais lugares. Mais adiante se vê que os homens terão parte em tudo isso. Nos evangelhos, poderíamos supor que a «geena» é lugar de castigo exclusivamente dos homens; mas talvez essa impressão seja dada porque os autores dos evangelhos não tinham nenhum motivo para mencionar a punição dos anjos naqueles lugares, em que o apelativo «geena» lhes pareceu termo apropriado para referir-se àquele lugar de «punição».

HADIDE

No hebraico, «apontada», «aguda». Uma cidade do território de Benjamim. Ver Esd. 2:33 e Nee. 7:37; 11:34. Eusébio e Jerônimo falam sobre duas cidades, uma chamada Adita, e outra Adi, uma das quais ficava perto de Gaza, enquanto que a outra ficava perto de Dióspolis ou Lida. Esta última, mais provavelmente, corresponde a Hadide. Nos textos dados, figura juntamente com Lode e Ono. Provavelmente, também é a mesma Adida de I Macabeus 12:38 e 13:13. Os estudiosos identificam-na com a moderna el-Haditheth, que fica entre cinco a sete quilômetros a nordeste de Lida. Josefo (*Anti.* 13:11,5) informa-nos que Simão Macabeu a fortificou, conforme também o fez Vespasiano, tempos mais

tarde (*Guerras* 4:9,1). Perto desse lugar, Aretas III derrotou Alexandre Janeus (*Anti.* 13:15,2).

HADITE (HADIS)

Palavra árabe que significa «tradição». Esse título designa o corpo ou coletânea de tradições que se tem reunido no islamismo, desde os tempos de Maomé e seus associados, e que veio fazer parte da *sunna* (vide) que significa *norma*. Esse é o nome da coleção literária, fora do Alcorão, que é a base da ortodoxia islâmica.

HADI

Palavra árabe que se refere a uma **peregrinação a Meca** (vide). O próprio peregrino, em árabe, é um *Hadji*.

HADLAI

No hebraico, «descanso» ou «guarda de dia santo». Esse foi o nome de um homem da tribo de Efraim, cujo filho, Amsa, era chefe da tribo, durante o reinado de Acáz, rei de Judá (II Crô. 28:12). Viveu por volta de 758 A.C.

HADORÃO

No hebraico, «Hadar é exaltado». Nas referências originais, parece haver alguma alusão aos *adoradores do fogo*. Esse é o nome de três personagens do Antigo Testamento:

1. Nome de um filho de Joctã, dado também a seus descendentes, uma das tribos árabes (ver Gên. 10:27 e I Crô. 1:21). Viveu antes de 2000 A.C.

2. Um filho de Toú, rei de Hamate, que foi congratular a Davi, por sua vitória sobre Hadadezer (I Crô. 18:10), em cerca de 984 A.C. A passagem paralela de II Samuel 8:10 diz «Jorão». Mas muitos especialistas pensam que isso envolve um erro textual, embora outros pensem que Jorão é apenas uma contração de Hadorão.

3. Nome de um homem que foi um dos oficiais de Davi, Salomão e Reoboão (II Crô. 10:18). Seu nome, em I Reis 4:6, aparece com a forma de *Adonirão*; e, em II Sam. 20:24, aparece com a forma de *Adorão*. Josefo, ao referir-se a esse homem, também grafa o seu nome com essa forma, *Adorão*. Nos dias do rei Reoboão, ele encabeçava o departamento de trabalhadores forçados. Por causa disso, tornou-se tão odiado pelo povo de Israel, que acabou sendo apedrejado até à morte (ver II Crô. 10:18).

HADRAQUE

No hebraico, é uma palavra de sentido incerto, embora alguns eruditos arrisquem o significado de «volta periódica». Em Zacarias 9:1, aparece como um território. Muitos eruditos pensam que se trata de uma região da Síria, que também ocorre em monumentos assírios posteriores, com a forma de *Hatarrika*. Seria uma região localizada às margens do rio Orontes, ao sul de Hamate e ao norte de Damasco. A referência do livro de Zacarias faz o lugar aparecer juntamente com os nomes de Damasco, Hamate, Tiro e Sidom.

Se está em foco uma cidade, então ficava na porção noroeste do Líbano, pelo que a referência em Zacarias não seria a um território da Síria. A cidade com esse nome ficava cerca de vinte e seis quilômetros de Alepo, para o sul.

HAECKEL — HAGAR

HAECKEL, ERNST

Suas datas foram 1834—1919. Ele foi biólogo e filósofo alemão. Nasceu em Potsdam. Educou-se em Würzburgo, Berlim e Viena, esta última na Áustria. Tornou-se professor em Jena. Sua grande paixão era examinar a teoria da evolução, especulando quanto à natureza da mesma. Seu interesse nesse campo fez dele um cientista filósofo. Ele chegou a pensar que a evolução é a chave da verdade filosófica. Era um pensador naturalista, monista e panteísta.

Idéias:

1. Ele via a necessidade de ampliar a teoria da evolução até abranger o nível da matéria inorgânica. É difícil explicar a seleção natural dentro desse nível. Ele postulava duas idéias ou entidades, a fim de explicar como a evolução atuaria sobre o que não tem vida. Segundo ele, as *moneras* teriam surgido da matéria inorgânica mediante geração espontânea. Ele as identificava como entidades primitivas, protoplasmáticas. As *gastreae*, por sua vez, seriam supostas entidades vivas, que preencheriam o hiato entre os protozoários unicelulares e os metazoários multicelulares. Mas, embora esses conceitos fossem tratados com respeito nos dias de Haeckel, finalmente foram rejeitados, como meras invenções *ad hoc*.

2. Ele acreditava que toda matéria possui sensibilidade e vontade, posto que em graus mínimos, o que, naturalmente, reflete um conceito hilozoísta ou pampsiquista (vide). Através desse conceito, ele adotou o ponto de vista naturalista acerca da natureza. A evolução, conforme ele dizia, poderia ter início até na chamada matéria inorgânica, se, de fato, a matéria reveste-se de certa forma de vida, sensibilidade e vontade, posto que imperceptíveis para nós.

3. Em consonância com essas teorias gerais, ele propunha que a consciência do homem é uma função do organismo humano (ver sobre o *epifenomenalismo*). Ver também sobre o *Problema Corpo-Mente*.

4. Ele defendia um conceito religioso monista, tendo adotado o panteísmo como a sua concepção pessoal do mundo.

Obras. General Morphology of Organisms; The History of Creation; On the Origin and Genealogical Tree of the Human Species; Anthropogenie, the Evolution of Man; Monism as a Bond Between Science and Religion; The Riddle of the Universe, além de alguns poucos outros livros menos notáveis. (AM EP P)

HA-ELEFE

Ver sobre **Elefe**.

HAFARAIM

No hebraico, «poço duplo». Esse era o nome de uma cidade do território de Issacar. Ocorre somente em Jos. 19:19. Eusébio informa-nos de que havia um lugar com esse nome, a dez quilômetros de Legio. Ali há, atualmente, uma aldeia chamada el-Afuléh, cerca de dez quilômetros a nordeste de Lejun, o que talvez identifique as antigas localidades. Sisaque, rei do Egito, mencionou a cidade original em uma lista de localidades por ele conquistadas, em cerca de 918 A.C. Outros estudiosos, porém, identificam-na com a moderna Khirbet el-Farihye, que fica ligeiramente ao sul do Carmelo. E também há quem pense em et-Taiyibeh, como a localização mais correta. Essa última fica cerca de dezesseis quilômetros a noroeste de Belém.

HAFTARAH

No hebraico, «conclusão». Esse é o nome da seção profética com que termina a lição bíblica, lida nas sinagogas, aos sábados e durante os cultos festivos.

HAGABA

No hebraico, «gafanhoto». Outros estudiosos pensam no sentido *torto*. Esse era o nome do chefe de uma família de servos do templo que retornaram a Jerusalém em companhia de Zorobabel. Seu nome figura em Esd. 2:45 e Nee. 7:48. Também ocorre no livro Apócrifo de I Esdras 5:30. Ele viveu por volta de 536 A.C.

HAGABE

No hebraico, «torto». Os filhos de Hagabe estavam entre os netinins, ou servos do templo, que voltaram para Jerusalém, em companhia de Zorobabel. Esse nome ocorre exclusivamente em Esd. 2:45. Ver também sobre *Hagaba*, nome que aparece nesse mesmo versículo. Ele também viveu na época daquele, cerca de 536 A.C.

HAGADA

Esse termo é aplicado à porção não legal da literatura rabínica. Essa palavra significa «afirmação». Esse também é o título do texto recitado por ocasião da refeição ritual, o *seder* (vide), que é celebrada nas duas primeiras noites da *páscoa* (vide). A contraparte da Hagada é a *Halakah*, que diz respeito à interpretação da lei mosaica, conforme aparece na *Mishnah* (vide).

A *Hagada* consiste em discursos didáticos, com vistas, principalmente, à edificação dos leitores. Encontra-se, acima de tudo, na exegese homilética. Os discursos são ali, usualmente, introduzidos mediante a fórmula «conforme foi dito», ou «segundo está escrito». A literatura de Midrash também pertence a essa categoria de Hagada, no sentido que consiste em exegese homilética reforçada por mitos, lendas, fábulas, parábolas e outros artifícios didáticos. Alguns estudiosos supõem que a Hagada não tem autoridade obrigatória, mas outros especialistas contradizem essa opinião.

Significados Específicos:

1. As narrativas fixas tradicionais da páscoa, o *seder*, alicerçadas sobre a narrativa do livro de Êxodo.

2. As porções homiléticas e didáticas do Talmude, em distinção ao código que regulamenta os atos exigidos.

3. A exposição homilética das Escrituras, que veio a fazer parte integrante da *Midrashim*: ensinamentos morais, edificação, etc. (AM E STRAC)

HAGAR

Consideremos estes pontos a seu respeito:

1. *Nome hebraico*. No hebraico temos uma palavra de sentido incerto, que talvez signifique «estrangeira», ainda que outros estudiosos preferam o sentido de «fugir» (ver Gên. 21:4,10).

2. *Identificação*. Hagar era nativa do Egito, serva e então concubina de Abraão. Se o nome dela significa «estrangeira», provavelmente tal nome lhe foi dado quando ela foi recebida no clã de Abraão. Alguns supõem que ela foi uma escrava dada a Abraão por Faraó, durante sua visita ao Egito (ver Gên. 12:6). Entretanto, alguns preferem pensar que a derivação do nome vem do verbo «fugir», e isso se refereria à sua

HAGAR — HAGIÓGRAFA

fuga final (ver Gên. 16:6).

3. *Hagar como concubina de Abraão.* (2050 A.C.). Sara continuava estéril, e Abraão precisava ter um herdeiro. Por esse motivo, Hagar foi dada a Abraão como concubina, o que era uma prática oriental comum. Hagar tornou-se mãe por procriação, uma prática que atualmente vai-se tornando mais e mais comum, através da inseminação artificial. O orgulho e o ciúme tomaram conta dos corações. Sara teve ciúmes da nova situação de mãe, de Hagar. E Hagar encheu-se de orgulho e senso de superioridade sobre Sara, por causa disso. Nas sociedades polígamas orientais, a primeira e principal esposa mantinha ascendência sobre as demais esposas. Em vista disso, as queixas de Sara contra Hagar foram atendidas por Abraão (ver Gên. 21:9 ss.). Mas tudo estava sendo dirigido pelo Senhor, cujo pacto teria continuação com Isaque, filho de Abraão e Sara. Os descendentes de Ismael sempre foram duros adversários dos descendentes de Isaque. Esses dois irmãos também ilustram a doutrina da eleição divina, segundo Paulo esclarece em Gálatas 4:21-31.

4. *Fuga de Hagar.* A fuga forçada de Hagar levou-a em direção à sua própria terra, o Egito. Sua rota conduziu-a a Sur, através da região arenosa e desabitada, a oeste da Arábia Pétria, com 240 km de extensão, entre a Palestina e o Egito. Era uma rota comumente seguida, pelo que ela não se perdeu. O anjo do Senhor encontrou-a próxima de uma fonte, recomendando que retornasse à sua senhora e se mostrasse submissa, acrescentando a promessa de que seu filho, Ismael, teria inúmeros descendentes.

5. *A volta.* O lugar onde Hagar recebeu sua visão passou a ser chamado de Beer-lahai-roi, «fonte do Deus visível». Partindo dali, ela voltou a Sara e foi recebida de volta. O filho de Hagar, Ismael, recebeu um nome que significa «Deus ouvirá». Isaque nasceu somente catorze anos mais tarde. Quando Isaque tinha dois ou três anos de idade, Ismael ofendeu grandemente a Sara, zombando do menino. Por esse motivo, Hagar foi definitivamente expulsa de casa por Sara, e Ismael acompanhou sua mãe (ver Gên. 21:9 ss.).

Abraão, apesar de muito condoer-se de Hagar e Ismael, anuiu ante a decisão de Sara. Longe de casa, Ismael adoeceu, e Hagar ficou esperando pela morte do rapazinho. Porém, o anjo do Senhor interveio novamente, orientando-a na direção de uma fonte. Nada mais somos informados na Bíblia acerca de Hagar, exceto o que diz respeito a Ismael, — que se estabeleceu no deserto de Parã, nas circunvizinhanças do Sinai, onde terminou casando-se com uma mulher egípcia (ver Gên. 21:1-21). Ismael tornou-se um dos progenitores das tribos árabes, especialmente aquelas mais ao sul da Arábia, as quais curiosamente, têm uma ascendência hebraico-egípcia. Ver o artigo sobre *Ismael*.

6. *Metáfora de Paulo,* em Gálatas 4:21-31. Como já dissemos, Paulo aplica alegoricamente o relato sobre Hagar para indicar que aquela escrava e seu filho representavam o antigo pacto com Israel, ao passo que Sara e Isaque trataram o caminho da graça e da liberdade que caracteriza o novo pacto, firmado com todos os crentes de qualquer raça. Essa aplicação do relato deve ter sido repelente para os judeus, os quais não podiam ver como eles poderiam ser considerados descendentes de Ismael. Fisicamente não o são, mas apenas espiritualmente, enquanto se mantêm na incredulidade. (Ver o NTI, sobre Gálatas 4:21 ss., onde são dadas notas expositivas completas a esse respeito). (TH UN Z)

HAGARENOS

Ao que parece, esse vocábulo aponta para os descendentes de Hagar (vide). Esse nome figura apenas por três vezes, no Antigo Testamento: I Crô. 5:10,19,20. Eles eram uma tribo árabe ou arameia, que vivia na região leste de Gileade. Nos dias de Saul, Israel derrotou por duas vezes essas tribos, tendo-as saqueado, conforme era costume na época; e, finalmente, conquistou totalmente as terras deles (I Crô. 5:10,19,22). Jaziz, o hagareno, foi nomeado por Davi para cuidar dos rebanhos do rei. O trecho de Salmos 83:6 refere-se a essa gente, agrupando-os juntamente com Moabe, Edom e os ismaelitas. Eles eram inimigos de Israel, e viviam na Transjordânia. Uma inscrição de Tiglate-Pileser III (745—727 A.C.) menciona os hagarenos. Os estudiosos não conseguem afirmar com certeza se eles descendiam mesmo de Hagar. E, em caso negativo, qual a origem desse vocábulo?

HAGERSTROM, AXEL

Nasceu em 1869 e faleceu em 1939. Ele foi um filósofo sueco que promovia o que ele mesmo denominava de «materialismo iluminado». Juntamente com os positivistas lógicos, ele afirmava que as declarações de natureza metafísica não têm sentido, e muito se esforçou por retirá-las do vocabulário filosófico. Também assevera que os julgamentos de valor e aqueles relacionados a obrigações, não têm peso como verdades, mas apenas como expressões emocionais. Ele é conhecido como o fundador da Escola Suppa de filosofia. Seus escritos mais bem divulgados foram (com títulos em inglês): *The Principle of Science; Inquiries into the Nature of Law and Morals; Philosophy and Science.*

HAGI

No hebraico, «festivo». Esse era o nome do segundo filho de Gade (Gên. 46:16 e Núm. 26:15). Foi o fundador de uma família que se tornou conhecida pelo nome de «hagritas» (ver I Crô. 11:38), embora nossa versão portuguesa diga ali apenas «Mibar, filho de Hagri». Ele viveu por volta de 1670 A.C.

HAGIÓGRAFA

Esse vocábulo vem do grego *ágios*, «sagrado» e *grapho*, «escrever», pelo que significa «escritos sagrados». Essa designação é de origem cristã, referindo-se à terceira divisão do cânon hebraico das Escrituras do Antigo Testamento. Essas divisões são as seguintes:

1. *A Lei*, também conhecida por Pentateuco, compõe-se dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Esses são os livros de Moisés.

2. *Os Profetas*. Essa divisão subdivide-se em *profetas anteriores*, começando com Josué e terminando com I e II Reis; e *profetas posteriores*, de Isaías a Malaquias.

3. *Os Escritos* (Hagiógrafa) são os seguintes livros: Salmos, Provérbios, Jó, Cantares de Salomão, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, I e II Crônicas — treze livros ao todo. No Talmude, o livro de Rute aparece em primeiro lugar, nessa lista.

Essa divisão parece ter sido criada nos meados do século II A.C., mas o nome *Hagiógrafa* é de invenção cristã. Josefo (*Apion* 1.38-41) segue a grosso modo essa divisão, mas inclui apenas quatro livros nessa

HAGIOGRAFIA — HALI

terceira seção. É significante a observação de que o livro de Daniel, de acordo com esse arranjo, não aparece entre os livros proféticos. Mas, de acordo com a terceira seção restrita, de Josefo, é possível que Daniel tivesse sido posto entre os livros proféticos. Os quatro livros incluídos por Josefo, nos *escritos*, foram: Salmos, Cantares de Salomão, Provérbios e Eclesiastes. Jesus dividia o Antigo Testamento em três partes: a Lei, os Profetas e os Salmos (ver Luc. 24:44). É possível que o termo «Salmos», dentro dessa passagem, designe a *Hagiógrafa* inteira, embora isso seja apenas uma conjectura.

HAGIOGRAFIA

Essa palavra vem do grego *ágios*, «santo», e *grapho*, «escrever». Esse termo designa os escritos que narram a história de santos e homens piedosos, em suas vidas, ensinamentos e bom exemplo. Esses escritos honram tais pessoas e contam suas histórias com o propósito de prover bons exemplos a serem seguidos por aqueles de menores realizações espirituais. Os mártires são ali alistados, e a celebração de seus aniversários é recomendada em alguns desses escritos. Os escritores mais bem conhecidos desse tipo de material, nos tempos modernos, foram os Bollandistas.

Poderíamos citar exemplos desse tipo de obra escrita, como os *Atos dos Mártires Sicilianos*; *Paixão das Santas Perpétua e Felicidade*; *O Martírio de Policarpo*; *A Vida de Antônio*.

Houve um grande florescimento de hagiografias gregas, a começar pelo século VIII D.C., o que prosseguiu até o século XI D.C. Os centros dessa atividade foram Constantinopla, a Ásia Menor, o monte Ato, a Palestina e a Calábria, no sul da Itália. No Ocidente havia a tradição de Atanásio, que Jerônimo levou à frente. Ele produziu pessoalmente escritos sobre os três santos monges, Paulo de Tebas, Malco e Hilário. Também houve a *Vida de Martinho* (bispo de Tours), escrita por Sulpício Seveu (faleceu em cerca de 410 D.C.). Gregório de Tours produziu o *Livro dos Milagres*; e o papa Gregório I (pontificou entre 590 e 604 D.C.) escreveu os seus *Diálogos* os quais determinaram o curso da hagiografia da Idade Média.

Eusébio, o historiador eclesiástico, foi também o primeiro a escrever hagiografias profissionais. Ele produziu um livro intitulado *Mártires da Palestina*.

Também há hagiografias modernas. Lourenço Surius compilou um livro historiando as vidas dos santos, intitulado *De Probatis Sanctorum Historiis* (1570 — 1575). João Bolland compilou uma obra similar, arranjando as vidas dos santos, e designando os dias dos meses em que festas feitas em sua honra deveriam ser celebradas. Os bollandistas, um grupo de eruditos jesuítas, levaram avante essa atividade. (AM E)

HAGITE

No hebraico, «nascida em dia festivo». Esse era o nome de uma das muitas esposas de Davi. Ela era mãe de Adonias, que nasceu em Hebrom, onde Davi havia estabelecido a sua capital. O nome dela é mencionado por cinco vezes ao todo: II Sam. 3:4; I Reis 1:5,11; 2:13 e I Crô. 3:2. Ela viveu por volta de 1053 A.C.

HAGRI

No hebraico, «perambulador», «excursionista». Seu nome ocorre somente em I Crô. 11:38. Ele foi pai de

Mibar (vide), um dos trinta poderosos guerreiros de Davi. Muitos estudiosos pensam que esse nome era uma forma corrompida de Bani, o gadita, que aparece no trecho paralelo de II Sam. 23:36. Ele viveu por volta de 1040 A.C.

HAHN, HANS

Ver sobre o *Circulo Vienense dos Positivistas Lógicos*.

HALA

No hebraico, um nome próprio de sentido incerto. Tal palavra, porém, designa um distrito ou uma cidade da Média, às margens do rio Cabur, provavelmente perto de Gozá. Foi para ali, entre vários outros lugares, que os assírios deportaram a muitos dos filhos de Israel (ver sobre o *Cativeiro Assírio*). Os trechos bíblicos que mencionam esse nome são II Reis 17:16; 18:11 e I Crô. 5:26.

Os arqueólogos e os historiadores não têm sido capazes de identificar com certeza essa região ou cidade. Vários lugares têm sido propostos, como Hilacu (na Cilícia), Halacu (perto de Quirucque), Calcítia (referida por Ptolomeu, perto de Gozá), e Calá (esta última de fama bíblica; vide). Neste último lugar, têm sido encontrados nomes tipicamente hebreus; mas é difícil ver como Hala poderia ter provindo de Calá.

HALACÁ

No hebraico, «comportamento», «maneira de andar». Esse é o termo que designa todas as leis, ordenanças e deliberações legais dos rabinos, que governavam a maneira judaica de viver. Alguns fariseus tolaemente imaginavam que o próprio Deus havia dado a Moisés essa literatura, no monte Sinai, e não apenas os dez mandamentos e o Pentateuco. Essa massa de material tradicional veio a ser perpetuada no *Talmude* (vide). Esse material interpretava as Escrituras e representava uma crescente tradição, como obra de vários rabinos. Alguns judeus encaravam tais tradições como se elas protegessem a lei e as Escrituras; mas outros judeus consideravam tais tradições inteiramente desnecessárias, além de corromperem, pelo menos em parte, os documentos originais, inspirados pelo Espírito de Deus. Seja como for, cada pequeno detalhe da vida e da prática dos judeus acabou sendo incluído ali. Jesus denunciou os exageros e distorções dessa forma de atividade (Mar. 7:6-13).

HALAQUE, MONTE

No hebraico, «desnudo». Indica uma montanha destituída de vegetação, localizada na fronteira sul das conquistas militares de Josué (ver Jos. 11:17 e 12:7). Esse monte tem sido identificado com o Jebel Halaq, no lado noroeste do wadi Marra, e a oeste da subida de Acrabim (vide; Núm. 34:4; Jos. 15:3).

HALI

No hebraico, «jóia» ou «colar». Esse era o nome de uma cidade existente na Fenícia, e que mais tarde ficou fazendo parte do território de Aser (Jos. 19:25). Essa cidade é mencionada juntamente com Elcate, Beten e Acsafe. Desconhece-se, entretanto, o local moderno dessa cidade.

••• ••• •••

HALICARNASSO — HALUL

HALICARNASSO

Essa era uma antiga cidade que ficava nas praias do norte do golfo Cerâmico, na Cária. Nesse mesmo local há hoje a cidade moderna de Bodrum, na parte sudoeste da Turquia. As tradições antigas informam-nos de que, originalmente, o local era ocupado pelos cários, e que os gregos vieram estabelecer-se no local, já no século XI A.C. Remanescentes posteriores da era miceniana têm sido descobertos ali pelos arqueólogos.

Halicarnasso foi fundada por colonos dórios, mas ficou excluída da confederação dos estados cários, por causa de alguma antiga disputa, que manteve aqueles povos em estado de turbulência (Herodoto, *Hist.* 1:144). Os persas, com o tempo, dominaram a região, mas permitiram que seus habitantes desfrutassem de um bom grau de autonomia. No século V A.C., a cidade tornou-se parte da liga de Delos. E, pelo século IV A.C., ela já era essencialmente independente, embora nominalmente controlada por uma satrapia. O mais poderoso e famoso de seus governantes, Mausolo, mudou sua capital de Milasa para Halicarnasso, em cerca de 362 A.C. Ele foi sepultado em um magnífico túmulo, chamado em grego *Mausoleion*, erigido pela rainha Artemisia, em cerca de 350 A.C., o qual veio a tornar-se uma das sete maravilhas do mundo antigo. Daí é que se deriva nossa moderna palavra «mausoléu», que indica qualquer sepulcro grande e imponente.

Alexandre, o Grande, lançou cerco à cidade, a qual resistiu por muito tempo, antes de render-se e os seus habitantes sofreram grandemente durante o cerco. Irado ante a resistência, Alexandre incendiou a cidade, o que foi um desserviço à humanidade e à história. Em seguida, a cidade foi governada pelos Ptolomeus (vide), até o ano de 197 A.C. Nesse ano ela se tornou independente, por algum tempo, antes de sucumbir diante do poder romano; mas, quando isso sucedeu, ela era cidade de pouca importância.

Há duas referências bíblicas à cidade de Halicarnasso, posto que indiretas. Halicarnasso foi uma das cidades independentes para onde os romanos enviaram missivas, em 139 A.C., declarando a amizade de Roma aos judeus do lugar, defendendo os direitos deles (I Macabeus 15:23). E Josefo (*Anti.* 14:10,23) refere-se à ordem passada na cidade, permitindo que os judeus construíssem lugares de oração à beira-mar, conforme era costume deles, a fim de que pudessem observar apropriadamente o sábado e cumprir outros seus deveres religiosos.

HALLAJ

Hallaj foi um místico islamita que foi executado sob a acusação de blasfêmia, em 922 D.C. Ele havia clamado em Bagdá: «Eu sou a realidade». Essa terminologia só podia ser aplicada a Deus, de acordo com os islamitas. No islamismo, a grande blasfêmia imperdoável é quando alguém se faz de Deus ou de divino em qualquer sentido, ou quando ensina que qualquer ser pode ser divino, exceto Alá. No entanto, Hallaj ensinava que o homem é um ser essencialmente divino, por haver sido criado à imagem de Deus. Também ensinava que Deus encarna-se em cada ser humano, e não o fez meramente em Adão e em Jesus. Ele era membro dos *sifis* (vide), os quais repudiaram a sua doutrina.

HALLEL

Essa palavra hebraica significa «louvor». Serve de subtítulo dos Salmos 113—118, os quais, na liturgia

judaica, eram usados durante a lua nova e as festas dos Tabernáculos, do Chanukah, de Pentecoste e da Páscoa. A expressão «Grande Hallel» aplica-se ao Salmo 136 (ou aos Salmos 120 — 136), onde há vinte e seis reiteraões da palavra «louvor». Por sua vez, os Salmos 113—118 são denominados de Hallel Egípcio ou Hallel Comum.

Enquanto o templo de Jerusalém continuava de pé, esse Hallel era repetido por dezoito dias a cada ano; mas era entoado à noite somente durante o período da páscoa. Nessa ocasião, era dividido em partes. Os Salmos 113 e 114 eram entoados antes da refeição, imediatamente antes de ser ingerido o segundo cálice; os Salmos 115 a 118 eram entoados após ser cheio o quarto cálice. A isso é que se refere o trecho de Mat. 26:30 (repetido em Mar. 14:26): «E, tendo cantado um hino, saíram para o Monte das Oliveiras». É provável que esteja em vista a última porção desse Hallel, embora alguns eruditos suponham que esteja em pauta o Grande Hallel, ou seja, o Salmo 136.

HALLEVI, YEHUDAH (Judá)

Seu nome próprio também se grafa como Ha-Levi. Ele foi um filósofo e teólogo judeu, nascido em Tudela, na Espanha. Suas datas foram 1075 - 1141. Visitou muitos lugares em suas viagens, tendo residido em lugares como Córdoba, Granada, Cairo, e talvez, Jerusalém. Ele defendia o judaísmo tradicional como superior tanto ao cristianismo quanto ao islamismo. Ele escrevia em árabe, e sua obra melhor conhecida intitulava-se *Livro de Argumentos e Provas em Defesa da Fé Desprezada*. Essa obra também é conhecida apenas como *O Khazar*, por causa de Bulá, rei de Khazar, que se converteu ao judaísmo, em cerca de 740 D.C. Hallevi também se declarava favorável à filosofia, mas rejeitava o seu primado sobre a religião. Nisso, a sua atitude assemelha-se à de al-Ghazali (vide).

Hallevi respeitava muito as lições que derivamos da história, acima mesmo dos ditames da razão. Ele muito se utilizava do papel da nação judaica no desenrolar da história; e, nessa história, via provas para a sua doutrina. Os sionistas modernos muito respeitam suas idéias e prezam os seus escritos.

Idéias. Ele defendia o judaísmo como a **verdadeira revelação**, degradando tanto o cristianismo quanto o islamismo. Atacava a noção aristotélica da eternidade da matéria; defendia um livre-arbítrio humano limitado; ensinava a existência de causas intermediárias, pois não admitia que Deus fosse a única causa de todos os acontecimentos; promovia a crença em revelações diretas; defendia o conceito da imortalidade da alma como algo essencial à fé religiosa; e, finalmente, conferia à filosofia o seu lugar, embora a considerasse inadequada, se considerada isoladamente.

HALOÉS

No hebraico, «sussurrador», «encantador». Era o nome do pai de Salum. Este último ajudou a reparar as muralhas de Jerusalém (Nee. 3:12). Seu pai esteve entre aqueles que assinaram o pacto estabelecido com Esdras (Nee. 10:24). Haloés viveu por volta de 445 A.C.

HALUL

No hebraico, «esburacada». Uma cidade existente na região montanhosa de Judá, mencionada apenas em Jos. 15:58. Até hoje existe essa cidade, cerca de seis quilômetros e meio ao norte de Hebron.

HAMÃ — HAMATE

HAMÃ

No hebraico, «célebre», «magnificante». Nas adições apócrifas ao livro de Ester, o seu nome aparece com a forma de Amã, de acordo com a Septuaginta (Est. 12:6; 16:10,17). Também era nome aplicado antigamente ao planeta Mercúrio. Hamã era um dos oficiais favoritos do rei da Pérsia, Xerxes, atuando como seu primeiro ministro. Na Bíblia, é mencionado somente no livro de Ester (vide). Era filho de Hamedata, o agagita.

Tornou-se Hamã um figadal adversário de Mordecai, primo da rainha Ester. E isso porque, sendo judeu, Mordecai recusava-se a prostrar-se diante do rei ou de qualquer de seus oficiais, o que parecia um profundo desrespeito para Hamã. Por ser um agagita (Agague era uma espécie de título dos reis amalequitas), é bem possível que ele pertencesse a uma linhagem real. É provável que seus antepassados tivessem chegado à Pérsia como cativos. Mas, sendo homem inteligente e astuto, Hamã subiu a um elevado posto no governo. Provavelmente, Mordecai era por ele considerado como um competidor pelo poder, ou como um dos favoritos do monarca persa. O ciúme e a inveja transmutaram-se na ira assassina, e Mordecai foi assinalado por Hamã para ser morto. Hamã estava resolvido a livrar-se de Mordecai; mas seu plano ambicioso tinha por intuito produzir a matança de toda a comunidade judaica do império persa (uma antiga manifestação de genocídio, do que Hitler é um exemplo mais recente). Hamã preparou uma força (vide), ou talvez uma estaca de empalçamento (vide), onde Mordecai seria executado. Em seguida, Hamã cuidaria em desfazer-se de todos os judeus.

Mordecai recebeu notícias dos planos homicidas de Hamã e utilizou-se de Ester, sua prima, que se tornara a rainha de Xerxes, para que ela intercedesse em favor dele mesmo e em favor dos judeus em geral. Ester atuou por meio do esquema de dois banquetes. No primeiro banquete, ela conseguiu fazer Xerxes conferir muitas honrarias a Mordecai, por serviços prestados antes à coroa, e que ainda não haviam sido recompensados. No segundo banquete, ela informou o rei acerca dos planos de Hamã. Tomando conhecimento do plano traçoeiro, Xerxes reagiu com violência, e ordenou que Hamã fosse executado na mesma força que havia sido preparada para Mordecai. Algumas vezes, conforme diz um ditado popular, «o feitiço vira contra o feiticeiro», punindo àqueles que se voltam contra os inocentes. Como medida de segurança, Xerxes mandou ou permitiu a execução dos dez filhos de Hamã. Essa era uma maneira comum de proceder, por parte dos monarcas antigos.

A festa de Purim, celebrada pelos judeus, relembra esses acontecimentos, trazendo à memória do povo de Israel um exemplo de como a providência de Deus atua em favor deles. O relato sobre Hamã aparece nos capítulos terceiro e nono do livro de Ester. Posteriormente, a festa de *Purim* causou dificuldades entre os cristãos e os judeus, porque estes últimos tinham o mau gosto de pendurar uma efígie representando Hamã em uma estrutura parecida com uma cruz. Os cristãos consideravam isso uma blasfêmia, pensando que os judeus tinham uma segunda intenção ao usarem para isso uma cruz. O imperador Teodósio II (*Cod. Theod.* 16:8,18) proibiu qualquer prática dessa natureza. Ver o artigo geral sobre *Festas (Festividades) Judaicas*.

HAMALEQUE

Em nossa versão portuguesa há considerável

confusão sobre esse vocábulo. Em outras versões e traduções o nome aparece por duas vezes, em Jer. 36:26 e em Jer. 38:6. Entretanto, em nossa versão portuguesa ocorre somente em Jer. 36:26, como se fosse um nome próprio.

Os estudiosos preferem pensar que se trata apenas do termo hebraico comum que significa «o rei» (o prefixo *ha* é o artigo definido). Nesse caso, haveria a menção, respectivamente, a Jeoiaquim e, no segundo caso, a Zedequias, nunca tendo existido qualquer homem com o nome de Hameleque. De fato, essa é a interpretação, em nossa versão portuguesa, em Jer. 38:6, mas não em Jer. 36:26. Os revisores devem ter deixado escapar este último versículo na revisão, e assim ficou retido o erro no mesmo.

HAMANN, HOHANN GEORG

Suas datas foram 1730—1788. Foi um filósofo e teólogo protestante alemão, alcunhado *Magus des Nordens* (Sábio do Norte). Ele nasceu em Königsberg, na Prússia, e faleceu em Munster, na Westfália. Exerceu poderosa influência sobre o pensamento alemão, por meio do classicismo e do realismo religioso. Herder, Jacobi, Goethe, e Hegel tiraram proveito de seus pensamentos, os quais mostram a sua grande estatura como pensador.

Hamann enfatizava a vida em sua inteireza, em contraste com as abstrações, divisões e artificios em que muitas pessoas se envolvem. Ele era dotado de um profundo senso do divino, encontrando em Deus a raiz de toda a realidade. Ele acreditava que a revelação de Deus é ampla, podendo ser vista na natureza, na linguagem, na história e até nas instituições sociais. Procurava demonstrar que todas essas coisas compartilham dos mesmos elementos estruturais, referindo-se à mesma Mente Divina, como procedentes dela.

Ele não se contentava em amoldar-se a sistemas, pelo que também se recusava a prover as idéias do Iluminismo (vide) de sua época. Antes, ele adotava uma postura de personalismo religioso e literário, que ensinava o respeito às crenças e estilos individuais. Ele atacava tanto o Iluminismo quanto Emanuel Kant de haverem esvaziado a razão, a linguagem, a tradição e a história de seus elementos vitais. Por outra parte, elogiava a Sócrates e a Hume, por causa da independência do espírito deles, e porque inquiriam pessoalmente pela verdade. Encarava a realidade como um sacramento divino, e a linguagem como um meio de nossa entrada ao significado da realidade. Se ele fora apelidado de «Sábio do Norte», alterou isso para «Verme do Norte», em atitude de autodepreciação.

HAMATE

No hebraico, «fortaleza», «murada». Era uma cidade da Síria, cerca de duzentos quilômetros ao norte de Damasco. Na qualidade de cidade-estado, algumas vezes foi chamada de *pequeno reino da Síria*. Zobá ficava mais para o leste; Reobe, mais para o sul. Esse lugar foi conquistado pelos israelitas, e veio a ser a fronteira norte da Terra Prometida (Núm. 13:21). Cercada de colinas, tinha um clima quente e úmido.

A arqueologia tem mostrado que foi fundada ainda no período neolítico, tendo sido destruída em cerca de 1750 A.C., provavelmente pelos hitos, embora não contemos com provas diretas para essa especulação. Todavia, sabe-se que Tutmés III (1502-1448 A.C.) tomou a cidade e a área geral em redor, quando o Egito controlava a Síria. Em cerca de 900 A.C.,

HAMATE — HAMILTON

tornou-se a capital dos hititas, bem como o centro de um pequeno reino. Os arqueólogos têm descoberto muitas evidências acerca desse período.

Os assírios invadiram essa área sob Salmaneser III (cerca de 860 — 825 A.C.). Ele encontrara a resistência de uma federação de quinze reis, entre os quais estavam os monarcas de Damasco, de Israel e de Hamate. Uma feroz batalha, ocorrida em 854 A.C., deixou as questões longe de serem resolvidas. Três anos mais tarde, Salmaneser III foi novamente repellido pela liga. — No entanto, ele se mostrou ser um atacante incansável, e foi capaz de destruir e saquear várias cidades da área. Finalmente, derrotou a liga de quinze reis. Tiglate-Pileser III, da Assíria (745 — 727 A.C.), obrigou Hamate a pagar tributos. Sargão II destruiu a cidade, em 720 A.C., tendo levado muitos dali para o cativeiro. Ele colocou alguns israelitas em Hamate, a fim de repovoar o lugar (Isa. 11:11). O Antigo Testamento contém várias referências à conquista de Hamate pelos assírios. Ver II Reis 18:34; 19:13; Isa. 10:9; 36:19; 37:13; Amós 6:2. A referência em Amós 6:2; que chama a cidade de Hamate de «grande», indica algo de sua antiga importância.

Os babilônios, por seu turno, chegaram a controlar a cidade. Ver Jer. 49:23; Zac. 9:2. Ezequiel profetizou que as fronteiras do norte do território de Israel algum dia estender-se-iam até Hamate (Eze. 47:6 e 48:1).

As conquistas de Alexandre, o Grande, fizeram todo o território em redor de Hamate tornar-se parte do império dele. Após a sua morte, a dinastia dos Selúcidas passou a dominar a área. Antioco IV Epifânio rebatizou a cidade com o nome de *Epifania* (ver Josefo, *Anti.* 1:6,2). Quando os Macabeus guerrearam contra os Selúcidas, Jônatas enfrentou o exército de Demétrio perto de Hamate. Juntamente com o resto da Palestina, essa região acabou nas mãos dos romanos, antes da época de Cristo; e essa era a sua situação, nos dias do Novo Testamento.

No local, há uma cidade moderna, construída em redor do cômodo da antiga cidade. Chama-se Hama e tem uma população de cerca de sessenta e cinco mil habitantes. Escavações arqueológicas efetuadas ali têm desenterrado nada menos de doze níveis de ocupação, a começar pelo período neolítico.

Hamate de Naftali. Em nossa versão portuguesa, há uma outra cidade, cujo nome é grafado do mesmo modo, embora com diferenças no original hebraico. No original, pois, seu nome significa «fontes termais». Essa outra cidade é referida na Bíblia somente por uma vez, em Jos. 19:35. Ficava localizada próxima da moderna Hamman Tabarihye, famosa por seus banhos termais, cerca de três quilômetros ao sul de Tiberíades, nas praias ocidentais do mar da Galiléia. Alguns estudiosos identificam-na com Hamom (I Crô. 6:76), com Hamote-Dor (Jos. 21:32) ou com Emaús, mencionada por Josefo (*Anti.* 18:2,3; *Guerras* 4:1,3). As referências a essa cidade, no Talmude, situam-na cerca de um quilôm. e meio de Tiberíades. Eles a chamavam de *Chammath*, «banhos termais». Atualmente existem três *hamun*, ou fontes de águas aquecidas, naquela região, cujas águas sulfurosas correm todas para um mesmo lugar, cerca de quase dois quilômetros ao sul da cidade moderna. O trecho de Jos. 21:32 chama o lugar de Hamote-Dorte; mas, em I Crô. 6:76 lemos apenas Hamom.

HAMATE (PESSOA)

O nome desse homem figura exclusivamente em I Crô. 2:55. A única informação que possuímos dele é

que ele foi o pai da casa de Recabe, e que ele era um dos queues (vide).

HAMATE, ENTRADA DE

Essa era a área na fronteira sul do território controlada pela cidade de Hamate (vide). Essa era a fronteira norte ideal, profetizada, de Israel. Mas, somente nos tempos de Davi, de Salomão e de Jeroboão II, a fronteira norte de Israel chegou, realmente, até ali. Ver Núm. 13:21; 34:8; Jos. 13:5; Juí. 3:3; I Reis 8:65; II Reis 14:25; I Crô. 13:5; II Crô. 7:8; Amós 6:14. Ezequiel previu o tempo em que a fronteira norte de Israel estender-se-ia até aquele ponto (Eze. 47:16,20). É impossível, entretanto, determinar exatamente qual o ponto geográfico referido, embora saibamos que ficava em algum lugar entre as montanhas do Líbano e do Antilíbano, provavelmente na porção mais baixa do vale do On. Uma estrada que conduzia a Hamate atravessava a região. O trecho de Núm. 13:21 situa a entrada de Hamate, juntamente com Reobe, perto do território de Dã. Alguns eruditos dizem que está em pauta o vale do Orontes, entre Antioquia e a Selécia, que fazia parte da Coele-Síria, no território de Ribla.

HAMATE-ZOBÁ

Essa era uma cidade conquistada por Salomão. Ficava localizada perto de Tadmor (II Crô. 8:3; sua única ocorrência em toda a Bíblia). Alguns estudiosos a têm identificado com *Hamate* (vide), mas há outros que pensam que o sufixo *Zobá* mostra que era uma cidade distinta daquela. Poderia ser, portanto, uma cidade existente no território de Zobá, um reino arameu, registrado nos anais assírios, e que se estendia até às margens do Eufrates, no século X A.C., servindo de ameaça para o império assírio. Mas, visto que o sufixo *Zobá* significa «fortaleza», há também aqueles eruditos que pensam que temos aí apenas uma referência a Hamate. Na verdade, os estudiosos não têm conseguido chegar a uma opinião unânime a respeito.

HAMATEUS

Esse é o patronímico de certos descendentes de Canaã, que residiam no extremo norte da Palestina. Por esse motivo, é possível que a menção envolva os habitantes de Hamate (vide). Essa palavra, *hamateus*, ocorre no Antigo Testamento por duas vezes: Gên. 10:18 e I Crô. 1:16, onde também são mencionados os naturais de outros lugares.

HAMEDATA

No hebraico, «dado por Hom». Seu nome aparece somente no livro de Ester, por cinco vezes: Est. 3:1,10; 8:5; 9:10,24. Ele foi o pai de Hamã, o agagita, que era um dos cortesãos do rei da Pérsia (Assuero ou Xerxes?). Hamedata deve ter vivido por volta de 550 A.C.

O nome «agagita», dado tanto a Hamedata quanto a seu filho, provavelmente era um título nobiliárquico, talvez indicando que sua família pertencia à corte real dos amalequitas, visto que *Agague* era um título real entre eles, tal como *Faraó* o era entre os egípcios. O que se sabe sobre Hamã aparece no artigo sobre ele. Mas, quanto a Hamedata, só possuímos essas informações.

HAMILTON, SIR WILLIAM

Suas datas foram 1788—1856. Ele foi um filósofo

HAMOLEQUETE – HAMUL

escocês, que atuou como professor, em Edimburgo. Tornou-se melhor conhecido, no campo da filosofia, por causa de sua teoria sobre a consciência e por causa de certas idéias sobre a epistemologia. Ele acreditava que todo conhecimento humano é relativo, limitado às experiências humanas. Portanto, também cria que o *infinito* não pode ser conhecido (posição do *agnosticismo*; vide). Entretanto, ele também ensinava que o Ser Infinito pode ser experimentado através da certeza moral oferecida pela fé. Isso posto, apesar do nosso conhecimento estar alicerçado sobre a *fenomenologia* empírica (vide), a fé poderia transcender essa limitação, conduzindo-nos até ao *Não-condicionado*. A razão requer esse transporte ou extrapolação até ao não-condicionado, embora seja incapaz de concebê-lo. A fé é capaz de experimentá-lo, embora não possa oferecer descrições racionais, conferindo-nos fórmulas adequadas a respeito.

HAMOLEQUETE

No hebraico, «a rainha». Essa palavra aparece somente em I Crô. 7:18. Nossa versão portuguesa grafa o nome com «H» maiúsculo, como se fosse um nome próprio feminino; mas os Targuns dizem «que reinou». Portanto, se, realmente, está em foco um nome próprio, então a alusão é à filha de Maquir e irmã de Gileade. Mas, se os Targuns estão certos, então o texto meramente diz que a irmã de Gileade reinou, sem especificar o nome dela. As tradições judaicas afirmam que ela governou toda a região de Gileade, e que por causa desse fato, a linhagem dela foi preservada nas genealogias. Ela viveu em algum tempo entre 1874 e 1658 A.C. Entre seus três filhos estava Abiezer, de cuja família proveio o grande juiz, Gideão (vide).

HAMOM

No hebraico, «quente», «ensolarado», e, talvez «incandescente». Esse era o nome de duas cidades, mencionadas nas páginas do Antigo Testamento:

1. Uma cidade levítica da tribo de Naftali, outorgada aos gersonitas (I Crô. 6:70). Tem sido identificada pelos estudiosos com Hamate (vide), aludida em Jos. 19:35, e, talvez, seja a mesma Hamote-Dor, de Jos. 21:32.

2. Uma cidade do território de Aser (Jos. 19:28). Aparentemente, ficava localizada a meio caminho entre o território de Naftali e a cidade de Sidon. Alguns eruditos têm-na identificado com 'Ain Hamul, cerca de dezesseis quilômetros ao sul de Tiro; mas não há certeza quanto a isso. Outros sugerem *Umm El 'Awamid*, perto de Ras en-Naquurah, mas essa identificação também é incerta. Renan (*Mission de Phenice*, págs. 708 ss) encontrou duas inscrições fenícias em honra a *Baal Hamom*, em Khirbet Ummel-'amud, que fica perto da costa marítima, imediatamente ao norte da Escada de Tiro (vide).

HAMONA

No hebraico, «multidão». O trecho de Eze. 39:16 prediz que o sepultamento de Gogue e seu exército ocorrerá nesse lugar. Os estudiosos desconhecem qualquer cidade na Palestina com esse nome. Talvez se trate de um uso metafórico do termo. Visto que haverá uma tremenda matança, qualquer lugar onde isso venha a suceder poderá ser chamado de *Multidão*. Alguns lêem o texto que ali existe como se fosse «todas as suas multidões», em Eze. 39:11. A nossa versão portuguesa prefere interpretar esse nome como

«Vale das Forças de Gogue». Outros estudiosos opinam que está em foco a cidade de Bete-Seã, e que Hamona é uma interpolação. Parece melhor entender Hamona simplesmente como nome figurado do lugar onde aqueles adversários de Israel, dos tempos do fim, serão sepultados, sem qualquer tentativa de identificar alguma cidade com esse nome.

HAMOR

No hebraico, «asno». Era o nome de um príncipe de Siquém. Ele foi o pai de Siquém, que desvirginou Diná (vide). Ela era a filha caçula de Jacó (Gên. 34:2). Em Atos 7:16, Estêvão asseverou que «nossos pais» foram sepultados em um túmulo que Abraão comprara dos filhos de Hamor, em Siquém. Porém, Abraão adquiriu um túmulo em Macpela, e não em Siquém (Gên. 23:17 ss), e Jacó foi sepultado ali. As soluções que têm sido propostas para essa discrepância são expostas nas notas expositivas do NTI, em Atos. 7:16. Quanto à história geral que envolveu Diná, ver o artigo acerca dela.

HAMOTE-DOR

No hebraico, «fontes termais». O nome dessa cidade aparece somente em Jos. 21:32. Era uma cidade levítica, no território de Naftali, entregue à família de Gérson. Provavelmente deve ser identificada com Hamate (vide), a menos que houvesse duas cidades com o mesmo nome, que, atualmente, não podem ser distinguidas uma da outra. Provavelmente é a moderna cidade de Hamman Tabariyeh, um pouco mais ao sul de Tiberíades.

HAMPSHIRE, STUART NEWTON

Ele nasceu em 1914. Trata-se de um filósofo inglês que ensinou no Colégio da Universidade da Filosofia da Mente e da Lógica, em Londres. Também ensinou no Colégio Warden of Wadham, em Oxford. Seu pensamento é esboçado no seu livro *Thought and Action* (Pensamento e Ação). Ele rejeitava a noção cética de que o mundo só pode ser analisado em termos das impressões dos sentidos. E supunha que a própria linguagem pressupõe seres identificáveis, persistentes, e que a autoconsciência é um dos modos como uma pessoa se situa no mundo. A personalidade seria mais do que mero intelecto contemplativo. Ela também incluiria a vontade e os atos da pessoa. A liberdade do indivíduo é demonstrada quando alguém, mediante a vontade, pode derrotar as intenções. Apesar de termos de continuar tentando definir a *bondade*, esse conceito, em si mesmo, é indispensável como uma base da ética.

HAMUEL

No hebraico, «calor de Deus», ou «ira de Deus». Também há quem pense na interpretação «sol de Deus». Esse era o nome do filho de Misma e pai de Zacur. Ele era da tribo de Simeão (I Crô. 4:26). Deve ter vivido por volta de 1200 A.C.

HAMUL

No hebraico, «compadecido», «poupado». Era um dos filhos de Perez (Gên. 46:12; I Crô. 2:5), cabeça de uma família que tinha o seu nome (Núm. 26:21). Viveu por volta de 1870 A.C. Neste último versículo eles são chamados de «hamulitas».

•••••

HAMURABI — HAMURABI, CÓDIGO DE

HAMURABI

Essa palavra significa «Amu é grande». Amu era uma divindade dos amorreus e dos cananeus orientais. Ver o artigo geral sobre a Babilônia. Ver também sobre *Hamurabi, Código de*.

Hamurabi foi um rei da primeira dinastia da Babilônia. Governou de 1792 a 1750 A.C., com uma margem de erro de sessenta anos para mais ou para menos. A ele se credita o feito de haver unificado a Babilônia. Tornou-se famoso, acima de tudo, por sua contribuição como legislador, através da coletânea de leis conhecida como *Código de Hamurabi*, sobre o qual expomos um artigo separado.

Hamurabi foi o sexto rei da dinastia dos amorreus da Babilônia. Os eruditos informam-nos de que a forma mais correta de grafar o seu nome é *Hamurapi*. Essa dinastia descendia de queques do deserto ocidental, em relação à Babilônia. O seu nome é tipicamente semita ocidental, e não babilônico. Quando Hamurabi ascendeu ao trono, por ocasião da morte de seu pai, Sin-Mubalite, a dinastia de que ele fazia parte já estava governando fazia cerca de cem anos. Evidentemente, essa dinastia governou durante um período de paz externa, e sem conflitos intensos, mas também não desempenhou qualquer parte ativa na confusa política mesopotâmica. Quando Hamurabi começou a reinar, a Mesopotâmia e a Síria estavam divididas em um quadro de xadrez de pequenos estados, engajados em constantes conflitos uns contra os outros. Hamurabi, pois, iniciou várias campanhas militares e construiu templos e edifícios para uso civil. Porém, somente quando já estava reinando fazia trinta anos é que suas atividades levaram-no a tornar-se cabeça dos estados mesopotâmicos, com o que se conseguiu uma unidade geral. Quando ele derrotou o seu grande rival e vizinho do sul, Rin-Sin, de Larsa, subitamente viu-se guindado à posição de maior autoridade da área. Naturalmente, houve outros eventos significativos que levaram até a esse ponto, e essa aparência de ter acontecido subitamente mostra-nos apenas a nossa falta de conhecimentos sobre a história dessa época.

Sabemos que os reinos de Mari e de Esnuna eram aliados de Hamurabi, quando ele encetou sua campanha militar contra Larsa. No entanto, dois anos mais tarde, Hamurabi conquistou Mari, e, mais cinco anos, era a vez de Esnuna. Portanto, há detalhes desse período confuso, de consolidação, sobre o que nada sabemos. Seja como for, as vitórias de Hamurabi sobre Larsa, Mari e Esnuna tornaram-no o dono do território desde o golfo Pérsico até à Assíria. Não se sabe dizer se ele combateu contra os assírios; mas, se houve choques armados com a Assíria, nada de importante resultou disso. Seu reino estendia-se desde os sopés das colinas do Zapros até o curso médio do rio Eufrates. Seu território, contudo, era menor do que aquele governado por Narâ-Sin, de Acade, ou pelo outro, governado por Ur-Namu, de Ur, de tempos anteriores. Além disso, seu reino não perdurou por muito tempo. Seu reino relativamente pequeno ficava mais ou menos no centro da Babilônia.

As *Cartas de Mari* são a mais rica fonte de informação sobre Hamurabi. Elas o apresentam como um benfeitor e hábil administrador. Ele dava atenção até à questões secundárias, em vez de delegar tais coisas a subordinados. Ele ajudava àqueles que sofriam por causa de calamidades e construiu grandes sistemas de irrigação. A arqueologia não nos tem conseguido prestar muitas informações sobre os tempos dele. O nível de águas subterrâneas tem

subido muito, na Babilônia, desde os tempos de Hamurabi, e a cidade que ele conheceu e embelezou não é acessível para o trabalho dos arqueólogos.

A fama de Hamurabi não repousa tanto sobre suas conquistas e realizações, conforme mostramos acima, mas sobre sua obra como compilador de leis, organizador e benfeitor. Isso é descrito no artigo sobre *Hamurabi, Código de*.

HAMURABI, CÓDIGO DE

Esboço:

- I. Descoberta
- II. Códigos Mais Antigos
- III. Natureza Geral do Código de Hamurabi
- IV. Algumas Leis Específicas
- V. Funções do Código de Hamurabi
- VI. O Código de Hamurabi e a Lei Mosaica

I. Descoberta

Ver o artigo separado sobre **Hamurabi**. Em 1901 e 1902, uma escavação feita por arqueólogos franceses em Susã, numa região que atualmente faz parte do Irã, descobriu uma estela de diorito negro, com cerca de 2,10 m de altura. Figuras esculpidas na parte superior da mesma mostram um rei mesopotâmico recebendo as insígnias de sua autoridade, por parte de uma divindade. O texto gravado nessa estela foi feito em escrita cuneiforme acádica. O texto elogia a piedade e a justiça de Hamurabi, rei da Babilônia, que governou no século XVIII A.C. Contém um código de leis.

Essa foi uma descoberta sensacional, porquanto trata-se do primeiro código legal a ser descoberto, de antes dos textos bíblicos. Atualmente, códigos mais antigos ainda já foram descobertos, mas esse continua sendo o mais extenso e o mais bem preservado de todos os códigos encontrados no Oriente Médio. A estela, originalmente, foi posta em alguma cidade da Babilônia, talvez na própria cidade da Babilônia, ou em Sipar. Fora levada para Susã como parte dos despojos tomados por algum monarca elamita do século XII A.C. Têm sido encontrados outros códigos legais babilônicos, que lançam luz e acrescentam detalhes aos escritos da estela de Hamurabi. Mas esse código de Hamurabi continuou muito popular e generalizado durante mais de dez séculos, o que é comprovado pelo fato de que os arqueólogos têm descoberto muitas porções do mesmo, pertencentes a tempos posteriores.

É curioso e significativo que essa estela afirma que um deus babilônico foi o criador do código. Ali é dito que esse código *foi dado* a Hamurabi. A maioria dos povos, naturalmente, tem pensado que suas leis e seus costumes têm sido divinamente inspirados. No caso do código de Hamurabi, quem teria dado o mesmo a ele foi o deus babilônico da justiça, Samás.

II. Códigos Mais Antigos

Sabe-se que houve três coleções de leis, na língua suméria, antes do aparecimento do código de Hamurabi, a saber:

1. Várias leis e reformas foram promovidas por Urukagina, rei de Lagás, na Suméria, em cerca de 2400 A.C.
2. Namu, fundador da terceira dinastia de Ur (cerca de 2100 A.C.) também tinha a sua própria coleção de leis.
3. Lipite-Istar, rei de Ísis (cerca de 1800 A.C.), também tinha sua coleção de leis.
4. O único código de leis que, segundo se sabe, antecede ao de Hamurabi, e de origem acádica, é o de um rei desconhecido de Esnuna, a nordeste da

HAMURABI, CÓDIGO DE

Babilônia. Porém, não era muito mais antigo que o de Hamurabi. O código de Hamurabi, sem dúvida, não se desenvolveu no vácuo. Pelo contrário, desenvolveu-se durante um longo período de tempo, a começar, pelo menos, desde 2100 A.C.

III. Natureza Geral do Código de Hamurabi

Esse código tem 282 parágrafos que tratam sobre questões civis, criminais e comerciais. Essas leis abrangiam todas as atividades comuns das pessoas. Ali aparece a lista de crimes, com suas devidas punições, conforme se vê em todos os códigos legais. A omissão de leis sobre o homicídio é surpreendente. As punições requeridas para outros crimes são as mesmas que se conhecem em todos os períodos da história. A punição capital era requerida para vários tipos de crimes, devendo ser executada mediante a morte na fogueira, a empalcação ou o afogamento. Mas também havia punições menores, como a de açoites, a de mutilações diversas e a de pagamento de multas. Além disso, aprisionamento ou exílio eram exigidos no caso de certos crimes. As mulheres tinham muitos direitos, mas não eram consideradas iguais aos homens, perante a lei.

Há um prólogo elaborado, o que também um epílogo, nesse código, o que ocupa cerca de uma quinta parte do volume total escrito. O prólogo elogia Hamurabi por sua sabedoria e justiça, por sua preocupação com o bem-estar do povo, e com a sua promoção do culto aos deuses, em várias cidades da Mesopotâmia. O epílogo prossegue nesses elogios ao rei, por sua piedade pessoal, e recomenda as suas estipulações legais à posteridade. Finalmente, há uma maldição invocada sobre quem quer que altere aquelas leis ou apague o que está escrito na estela.

IV. Algumas Leis Específicas

1. *Categorias Amplas:* 1 — 5: Ofensas contra a administração da justiça e falsa acusação. 6 — 25: Ofensas contra a propriedade, como furto, roubo e ocultamento de escravos fugitivos. 26 e ss: trechos apagados aqui, foram preenchidos com base em outras fontes: leis sobre a terra, casas, direito de posse do governo, danos às propriedades, aluguéis, etc. Outros trechos apagados e preenchidos — 126: Muitas leis comerciais, regulamentação de dívidas, depósitos, etc., 127 — 194: Leis concernente ao matrimônio, à posição da família, à propriedade, à legitimação, à adoção, à herança e às ofensas sexuais. 195 — 214: Assaltos. 215 — 240: Regulamentação de profissões como a de médicos, barbeiros, construtores, construtores de embarcações, embarcações, agricultores, pastores e sobre o abuso de implementos agrícolas e de suprimentos. 268 — 277: Salários e taxas livres para uso de animais, trabalhadores, artesãos e embarcações. 278 — 282: Leis que regulam o tráfico de escravos.

2. *Ofensas e Punições Específicas.* Falso testemunho e bruxaria eram estritamente proibidos, merecendo severas penas, embora não a punição capital. Porém, a pena de morte era imposta para casos de furto e receptação de propriedades roubadas, se estas tivessem sido levadas de um templo ou palácio. Em outros casos, era imposta uma restituição dez vezes maior. Isso pode ser contrastado com as estipulações de Êxo. 22:1 e Lev. 6:2, onde se requer uma dupla restituição. A pena de morte, contudo, podia ser imposta ao furto, mesmo que não estivesse envolvido algum palácio ou templo. Um ladrão podia ser vendido como escravo, a fim de pagar a dívida incorrida por seu furto. O seqüestro era punido com a morte, o que também se vê em Êxo. 21:16 e Deu. 24:7. Por igual modo, o furto de escravos e o saque

eram punidos com a morte. O adultério com uma mulher casada envolvia a morte tanto para o homem quanto para a mulher, como em Deu. 22:22. Os estupradores eram executados, tal como em Deu. 22:25. Uma concubina era protegida por lei contra o divórcio ou a redução à servidão, a menos que ela viesse a cometer ofensas contra a esposa legítima. Nesse caso, uma concubina poderia ser severamente punida. O incesto era punido com severidade. Um hebreu podia divorciar-se de uma esposa enferma (ver Deu. 24:1); mas, na Babilônia, um homem não podia fazer isso, pois, se o fizesse, estaria sujeito a castigo. Qualquer tipo de assalto era severamente castigado. Dentro dessa categoria ficava o erro de um cirurgião que prejudicasse a um seu cliente, ou algum erro de fabricação, como na construção de uma embarcação, que terminasse causando danos a seu proprietário. Se um filho desobediente cometesse alguma violência contra um de seus pais, perdia o membro com que o tivesse atacado.

3. *Outras Leis e Provisões.* No artigo sobre a Babilônia (5.f), oferecemos uma discussão sobre as práticas morais e éticas dos babilônios. Naquele material, várias leis que governavam a sociedade babilônica foram mencionadas, incluindo aquelas de Hamurabi, mas indo mais além que essas suas leis. O código de Hamurabi se encerrava com leis que controlavam o comércio de escravos, o que provia um labor barato, e era uma das principais instituições das nações da antiguidade.

V. Funções do Código de Hamurabi

No artigo sobre a Babilônia (5.f), último parágrafo, oferecemos um comentário sobre o fato de que os babilônios, tal como todos os povos, tinham leis que eles não cumpriam à risca. A história e a arqueologia demonstram que eles não viviam à altura da nobreza de suas próprias leis. Naturalmente, outro tanto sucedia entre os israelitas, circunstância essa que tem servido de temas para incontáveis sermões. A perversão da natureza humana garante esse resultado. A função das leis, na antiga Babilônia, continua sendo um assunto controvertido entre os historiadores. Sabemos também que situações específicas, não cobertas pelas leis escritas, eram resolvidas pelos juizes. Podemos supor que os juizes punham em vigor os conceitos gerais do código de Hamurabi. Em caso contrário, seria impossível explicar como esse código continuou vigorando por tanto tempo, naquela sociedade. A estela que contém essas leis era uma espécie de memorial da vitória da lei e da prática justa; e, a menos que as leis estivessem sendo postas em prática, — nada teria havido para celebrar. A *compilação* do código, na estela, ocorreu somente alguns poucos anos após a morte de Hamurabi, mas durante dez séculos, essas leis continuaram governando a sociedade babilônica.

VI. O Código de Hamurabi e a Lei Mosaica

Há um número suficiente de paralelos, entre esses dois códigos, para que sejamos levados a crer que ambos tiveram um pano de fundo comum. Alguns estudiosos têm pensado que a lei mosaica foi tomada por empréstimo e adaptada com base em fontes babilônicas; porém, uma declaração mais acurada a respeito seria que tanto uma quanto a outra repousavam sobre uma lei tradicional comum, que caracterizava os povos semitas daquela porção do mundo antigo, incluindo, finalmente, aqueles que se estabeleceram na Palestina. Naturalmente, um e outro desses códigos tinham seus pontos distintivos, visto que as leis, tal como a cultura, são coisas que se desenvolvem. Além disso, devemos pensar na iluminação espiritual, que faz a lei transcender a

HAMUTAL — HANANIAS

formas comuns de legislação, assumindo aspectos mais espirituais. Tanto a lei mosaica quanto o código de Hamurabi são extremamente severos, de acordo com os padrões modernos, impondo a sentença de morte para crimes que atualmente são considerados sem gravidade. (AM BOH DM ND Z)

HAMUTAL

No hebraico, «parente do orvalho». Esse era o nome de uma filha de Jeremias, de Libna, que veio a tornar-se esposa de Josias, o rei, e mãe de Jeocaz e de Zedequias, ambos reis de Judá. Ver II Reis 23:31; 24:18; Jer. 5:2. Viveu por volta de 632 ou 619 A.C.

HANĀ

No hebraico, «misericordioso», nome de nove homens, referidos nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Um dos chefes da tribo de Benjamim (I Crô. 8:23), que viveu em cerca de 1500 A.C. Mas os eruditos diferem muito quanto à cronologia de sua época.

2. O sexto filho de Azel, descendente de Saul (I Crô. 8:38 e 9:44), e que viveu por volta de 588 A.C.

3. Um filho de Jigdalias (Jer. 35:4), que viveu por volta de 600 A.C. Seus filhos viviam em uma das câmaras do templo de Jerusalém. Presume-se que eles se ocupavam de serviços no templo.

4. O filho de Maaca. Ele foi um dos trinta poderosos guerreiros de Davi (I Crô. 11:43). Viveu por volta do ano 1000 A.C.

5. Os filhos de Hanā retornaram entre os netinhos ou servos do templo, depois do cativoiro babilônico (vide), em companhia de Zorobabel. Ver Esd. 2:46 e Nee. 7:49. O tempo foi cerca de 536 A.C.

6. Um levita que ajudou Esdras a instruir o povo quanto à lei mosaica, após o cativoiro babilônico (Nee. 8:7). Uma pessoa com o mesmo nome, em Nee. 10:10, conforme a maior parte dos eruditos, seria o mesmo indivíduo. Ele viveu por volta de 410 A.C.

7. Um dos chefes do povo, que assinou o pacto com Neemias, terminado o cativoiro babilônico (Nee. 10:26). Viveu por volta de 410 A.C.

8. Um dos filhos de Zacar. Seu trabalho consistia em cuidar dos fundos provenientes dos dizimos, sob o poder de Neemias (Nee. 13:13). Viveu por volta de 410 A.C.

9. Ainda um outro homem que assinou o pacto com Neemias (Nee. 10:22). Viveu por volta de 410 A.C.

HANAMEL

No hebraico, «Deus é gracioso», embora também possa significar «Deus deus». Esse era o nome de um dos filhos de Salum, e tio de Jeremias. Ele vendeu um campo a Jeremias, antes do cerco de Jerusalém pelos babilônios. Esse foi um ato simbólico, mostrando a fé de que os negócios finalmente voltariam ao normal, em tempos normais. Jeremias, o comprador, a despeito das calamidades do momento, tornou-se assim o proprietário daquelas terras, que havia adquirido. Ver Jer. 32:6-15. Hanamel, como levita que era, não podia vender terras pertencentes à casta sacerdotal; ou então, nesse tempo, o preceito de Lev. 25:34 havia caído em desuso. Porém, é possível que aquelas terras pertencessem ao lado materno de sua família; e, nesse caso, tais terras podiam ser vendidas.

••• ••• •••

HANANEEL

No hebraico, «Deus favoreceu». Esse foi um israelita que emprestou seu nome a uma das torres de Jerusalém (ver Nee. 3:1; 12:39; Jer. 31:38; Zac. 14:10).

HANANEEL, TORRE DE

Essa torre fazia parte das muralhas de Jerusalém (Nee. 3:1 e 12:39). Ficava localizada perto da esquina nordeste da cidade, não muito distante da Porta das Ovelhas. Esse portão ia desde esse ponto até à torre. Não se sabe dizer por que motivo a torre tinha esse nome. Sabe-se, porém, que a Torre de Antônia (vide), finalmente, substituiu a torre de Hananeel.

HANANI

No hebraico, «gracioso». Esse foi o nome de vários homens que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. O filho de Hemã, um profeta que ajudou Davi. Ele era o cabeça do décimo oitavo turno de sacerdotes que serviam no templo de Jerusalém (I Crô. 25:4). Ele viveu em cerca de 1014 A.C.

2. Um profeta que atuou na época do rei Asa, de Judá. O rei mandou detê-lo e lançá-lo na prisão. Isso foi ocasionado pela declaração do profeta de que o monarca perdera a oportunidade de dominar os sirios inimigos. Ver II Crô. 16:7. Alguns eruditos supõem que esse mesmo homem era pai de um outro profeta, de nome Jeú (I Reis 16:7); mas, as circunstâncias e a cronologia parecem contrárias a essa suposição.

3. Um sacerdote do tempo de Esdras, que se casara com uma mulher estrangeira (Esd. 10:20), e viu-se obrigado a divorciar-se dela. Viveu em cerca de 459 A.C. Ver também I Esdras 9:21.

4. Nome de um irmão de Neemias. Ele trouxe notícias de Jerusalém a Susã, a respeito da miserável condição dos judeus que haviam retornado do cativoiro babilônico. Ver Nee. 1:2. Posteriormente, foi nomeado governador de Jerusalém (Nee. 7:2). Viveu por volta de 455 A.C.

5. Um sacerdote, um músico que oficiou na cerimônia da purificação das muralhas de Jerusalém, que haviam sido reconstruídas ainda bem recentemente (Nee. 12:36). Viveu por volta de 445 A.C.

HANANIAS

No hebraico, «a bondade de Yahweh». Esse é o nome de nada menos de catorze homens, referidos nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um dos filhos de Zorobabel, e pai de Pelatias e Jesaías (I Crô. 3:19,21). Sua época foi em torno de 536 A.C. Ele figura na genealogia de Jesus.

2. Um benjamita, filho de Sasaque (I Crô. 8:24). Tornou-se cabeça de um dos clãs da tribo de Benjamim. Viveu por volta de 605 A.C.

3. Um dos filhos de Hemã. Era músico e profeta; cabeça do sexto dos vinte e quatro turnos de sacerdotes que serviam no templo de Jerusalém (I Crô. 25:4,23). Viveu em cerca de 1014 A.C.

4. Um comandante militar sob o rei Uzias (II Crô. 26:11). Viveu em cerca de 803 A.C.

5. Um filho de Azur, gibeonita. Foi um falso profeta que fez oposição a Jeremias. Ele provocou uma rebelião entre o povo de Israel, e a sentença divina de morte foi proferida contra ele. Ele profetizava entusiásticas profecias de imediata restauração e volta do cativoiro babilônico para Israel, e assim insuflava falsas esperanças em Israel. Ver Jer.

HANANIAS — HAN FEI TZU

28. Sua época foi por volta de 596 A.C.

6. O pai de Zedequias, um príncipe de Judá, da época de Jeoaquim (Jer. 36:12). Viveu em cerca de 605 A.C.

7. O avô de Jerias, capitão da guarda que deteve o profeta Jeremias, sob a falsa acusação de que ele tencionava desertar para os babilônios (Jer. 37:13-15). Viveu por volta de 589 A.C.

8. Um dos companheiros de Davi, cujo nome foi alterado para Sadraque (vide), pelos babilônios (Dan. 1:6, 7; I Macabeus 2:59). Viveu em cerca de 550 A.C.

9. Um levita, filho de Bebai, que se casara com uma mulher estrangeira, durante o exílio babilônico, mas teve de divorciar-se dela após retornar a Jerusalém (Esd. 10:28; I Esdras 9:29). Viveu em cerca de 459 A.C.

10. Um sacerdote que tinha por encargo preparar os perfumes e unguentos (Êxo. 30:22-38; I Crô. 9:30). Ele reparou uma parte das muralhas de Jerusalém, sob a liderança de Neemias (Nee. 3:8). Sua época foi cerca de 446 A.C.

11. Um homem que ajudou a reconstruir as muralhas de Jerusalém, sob a orientação de Neemias. A parte que lhe coube ficava acima da Porta Oriental (Nee. 3:30). Alguns eruditos identificam-no com o mesmo Hananias anterior (sob o número dez, acima).

12. Um governador das fortalezas ou portões de Jerusalém, que esteve associado a Neemias após o cativeiro babilônico. Há comentários sobre a sua piedade pessoal. Ver Nee. 7:2. Ele era fiel e temia a Deus mais do que muitos (Nee. 7:2). Viveu por volta de 446 A.C.

13. Um líder dos judeus, que assinou o pacto com Neemias, terminado o cativeiro babilônico (Nee. 10:23). Viveu por volta de 446 A.C.

14. Um sacerdote que esteve presente à dedicação das muralhas de Jerusalém, depois que elas tinham sido refeitas, terminado o cativeiro babilônico (Nee. 12:12,41). Ele era chefe de um dos vinte e quatro turnos sacerdotais que serviam ao templo. Viveu por volta de 446 A.C.

HANATOM

No hebraico, «dedicada à graça» ou «favorecida». Esse era o nome de um lugar ou cidade, na fronteira norte da tribo de Zebulon (Jos. 19:14), cerca de meio caminho entre o mar da Galiléia e o vale de Jifitael. Os tablets de Tell el-Amarna (do século XIV A.C.) dão duas referências a esse lugar. Os anais de Tiglate-Pileser III (747-727 A.C.) também mencionam esse lugar por uma vez. Tem sido, tentativamente, identificado com o moderno Tell el-Badeiwiye, um lugar ligeiramente ao norte de Nazaré, embora a localização exata seja desconhecida.

HANBAL, IBN

Faleceu em 885 D.C. Ele foi o fundador de uma das quatro escolas ortodoxas da lei islâmica, que foi a escola dominante na Mesopotâmia e na Síria. Finalmente, a escola hanifita a ultrapassou em importância.

HANDEL, GEORGE FREDERIC

1685-1759 foram suas datas. Ele foi um compositor anglo-germânico que, — juntamente com seu contemporâneo, Johann Sebastian Bach, é reconhecido como um dos dois maiores compositores dos fins do período barroco. Diferentemente de Bach, ele foi

uma figura pública a maior parte de sua vida adulta, e não foi esquecido por ocasião de sua morte. Fez importantes contribuições a todos os campos da música, mas tornou-se melhor conhecido por seu *oratório* em inglês. A mais famosa de suas peças é seu *imortal Messias*, que tem sido muito usado em programas musicais desde que foi composto. Ele afirmava tê-lo composto por inspiração divina. Escreveu-o em tão pouco tempo que a maioria dos músicos nem ao menos seria capaz de copiar a peça tão rapidamente, quanto menos compô-la. Estritamente falando, os oratórios não são músicas sacras. Antes, seu intuito é serem apresentados em teatros, com o acompanhamento de orquestra e coro. Um oratório podia ser um ensaio musical, sobre um tema moral ou outro tema elevado; e o estilo dos oratórios prestava-se para servir de música sacra.

Handel nasceu em Halle, uma cidade no sudoeste da Alemanha Oriental. Naturalizou-se cidadão inglês em 1727. Era filho de um cirurgião barbeiro, que queria que ele fosse advogado. Porém, em 1702, Handel ingressou na Universidade de Halle e foi nomeado organista da catedral de Halle. Dali, ele mudou-se para Hamburgo, onde tocava o violino e a espineta na orquestra da ópera. Sua primeira ópera, *Almira*, foi produzida e levada ao palco ali, em 1705, dando início à sua carreira musical de maneira irrevogável. Handel escreveu muitas óperas e obras-primas da música em outros estilos musicais. O seu *Messias* foi levado a efeito, pela primeira vez, em Dublin, na Irlanda, em 1742. Ele escreveu outras notáveis peças de música sacra, algumas das quais oratórios.

Após uma brilhante e variada carreira, Handel faleceu em Londres, na Inglaterra, a 14 de abril de 1759, tendo sido sepultado na abadia de Westminster.

HANES

Alguns estudiosos pensam que esse nome significa «Mercúrio». Era uma cidade do Egito, nas vizinhanças de Zoã (Tânis), mencionada na Bíblia somente em Isa. 30:4. Outros identificam-na com Heracleópolis Magna, capital da parte norte do Alto Egito, cerca de oitenta quilômetros ao sul de Mênfis, um pouco ao sul de Fayyum. Durante as dinastias XXV e XXVI era uma cidade importante (cerca de 715 — 600 A.C.). Outros eruditos identificam-na com Heracleópolis Parva, na porção oriental do Delta do Nilo. Ainda outros estudiosos pensam que era outro nome de Tapanes, uma cidade fortificada na fronteira oriental do Egito. A paráfrase aramaica da passagem nos transmite essa idéia. Entretanto, é possível que a palavra *Hanes* não indique qualquer lugar ou cidade, mas, antes, seja uma transliteração do vocábulo egípcio *hwtnsw*, que significa «mansão do rei». Nesse caso, tudo quanto temos no texto é o fato de que o rei do Egito contava com um palácio para sua conveniência em Zoã (Tânis).

HAN FEI TZU

Filósofo chinês do século III A.C. Era príncipe de Han e sistematizador da Escola Legalista (vide) de Filosofia. Em 233 A.C., cometeu suicídio, aparentemente porque não foi aceito pelo rei da China como um serviço do governo.

Idéias:

1. Apesar de louváveis, a virtude e a gentileza não são suficientes para pôr fim às desordens. Em qualquer Estado, torna-se mister um poder que inspire respeito e temor. Existe tal coisa como homens

HANIEL — HAN YUZ

bons, mas essa não é a norma da humanidade. O governante de um Estado precisa tratar com todos os tipos de homens, incluindo aqueles que são inerentemente maus. Portanto, eles devem treinar a severidade e a flexibilidade, usando tanto a punição como a bondade, como suas duas principais maneiras de agir.

2. O confucionismo e o moísmo tinham um ponto de vista exageradamente otimista da natureza humana. Louvavam a humanidade e a retidão, mas olvidavam-se da depravação essencial do homem. Ademais, os reis bem-sucedidos são aqueles que sabem como usar a sua autoridade; e aqueles que são sábios e humanitários não são muito comuns. Aqueles que se mostram tais não obtêm sucesso necessário, ao tentarem governar homens maus e imprevisíveis.

3. Tao (ver sobre o *Taoísmo*) é um princípio que operaria no mundo, controlando todas as coisas. Utiliza-se de forças materiais para alcançar os seus propósitos. Todo governante sábio tenta empregar o princípio do *tao*, no seu exercício do poder.

HANIEL

No hebraico, «graça de Deus». Esse é o nome de dois homens, mencionados nas páginas do Antigo Testamento:

1. Nome de um filho de Éfode, que era um dos líderes da tribo de Manassés (Núm. 34:23). Ele foi nomeado para ser superintendente da distribuição das terras que ficavam a oeste do rio Jordão. Ele viveu por volta de 1618 A.C.

2. Um dos filhos de Ula. Foi guerreiro e príncipe da tribo de Aser. É mencionado somente em I Crô. 7:39. Viveu por volta de 720 A.C.

HANOQUE

No hebraico, «iniciado». Foi nome de duas personagens referidas no Antigo Testamento:

1. O terceiro filho de Midiã, neto de Abraão e Quetura (Gên. 25:4). Tornou-se cabeça de um dos clãs midianitas. No trecho paralelo de I Crô. 1:33, seu nome aparece com a forma de Enoque. Viveu por volta de 1800 A.C.

2. O filho mais velho de Rúben (Gên. 46:9; Êxo. 6:14; I Crô. 5:3). Foi o fundador do clã dos hanoquitas, sobre quem se lê em Núm. 26:5. Viveu por volta de 1700 A.C.

HANRÃO

No hebraico, «vermelho». Ele era o filho mais velho de Disom (I Crô. 1:41). Em Gên. 36:26, seu nome aparece com a forma de Hendam, «agradável». Ele era bisneto de Seir, o horeu. Viveu por volta de 1700 A.C.

HANUKKAH

No hebraico, «dedicação», «consagração». Esse é o nome de uma festividade judaica que durava oito dias, comemorando a rededicação do templo de Jerusalém, em 165 A.C., depois que os Macabeus haviam derrotado os exércitos siro-gregos, na guerra de libertação dos judeus. As principais personagens nessa guerra foram Antíoco IV Epifânio e Judas Macabeu, sobre quem damos artigos separados nesta enciclopédia. Essas comemorações começam no vigésimo quinto dia do mês de quisleu, durante o inverno (João 10:22). Os Macabeus purificaram o templo, depois que o mesmo foi contaminado, como

se fosse uma espécie de purificação do helenismo que ali se instalou, e não meramente uma purificação do próprio templo. Essa festa também é chamada de Festa das Luzes. Isso se originou da lenda de que um pequeno receptáculo de azeite não contaminado supriu o combustível para acender as lâmpadas durante os oito dias da festa original. Desde então, luzes, como tochas, lâmpadas e velas, têm sido uma característica proeminente nessa celebração. Ver comentários adicionais sobre essa festa, no artigo geral intitulado *Festas (Festivais) Judaicas*. Ver especialmente o ponto III.2 do mesmo.

HANUM

No hebraico, «gracioso» ou «favorecido». Há três homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Nome do filho do sucessor de Naás, rei dos amonitas. Algumas vezes, as boas intenções são mal-interpretadas, e daí seguem-se desgraças. Naás, pai de Hanum, mostrara-se amigável para com Davi. E assim, quando Hanum subiu ao trono de Amom, por ocasião do falecimento de seu pai, Davi lhe enviou uma embaixada, a fim de congratulá-lo e de oferecer condôlcias, por causa da morte de seu pai. Hanum, porém, deve ter lido perversas intenções da parte de Davi, e, dessa forma, ofendeu grosseiramente aos embaixadores judeus. Suas barbas foram cortadas pela metade e suas vestes foram cortadas de modo a deixar as nádegas aparecendo. Ora, a barba era muito respeitada pelos antigos hebreus (ver sobre a *Barba*), pelo que danificá-la era um dos piores insultos. Hanum, porém, sem dúvida, sabia que Davi não aceitaria essas coisas pacificamente. Talvez ele até estivesse querendo provocar uma guerra e, se assim foi, Davi não o decepcionou.

Hanum conseguiu o apoio de outros reis sírios, mas a aliança foi derrotada em duas batalhas principais. Seguiu-se uma tremenda matança, o que era apenas usual, e os amonitas perderam a independência. Os seus cidadãos foram reduzidos a trabalhos forçados. Davi obteve um rico despojo, incluindo uma magnífica coroa de ouro, cravejada de pedras preciosas. Assim, a vida continuava como sempre tivera sido, nos dias de Davi. Sobi, irmão de Hanum, ficou sendo o governante de Moabe, vassallo de Davi. O nome de Hanum aparece nos trechos de II Sam. 10:1-4; II Crô. 19:2-4,6. Hanum deve ter vivido por volta de 1037 A.C.

2. Em Neemias 3:13 há menção a um certo Hanum que, juntamente com pessoas de Zanoa, reparou a Porta do Vale, nas muralhas de Jerusalém. Ele viveu por volta de 445 A.C.

3. Em Neemias 3:30 há menção a um certo Hanum, o sexto filho de Zalafe, que reparou as muralhas de Jerusalém, uma porção acima da Porta dos Cavalos. Os estudiosos estão divididos quanto às suas opiniões se esse terceiro capítulo de Neemias fala apenas sobre um homem ou sobre dois homens com esse nome. Seja como for, eles eram contemporâneos (ver o ponto «2», acima).

HAN YUZ

Suas datas foram 768 — 824 D.C. Ele foi um filósofo chinês neoconfuciano que, juntamente com Li Ao (vide), emprestou orientação e caráter à filosofia neoconfuciana. Eles restauraram a ênfase histórica sobre a natureza humana e impediram o aniquilamento do sistema, ameaçado pelo taoísmo e pelo budismo. As mais importantes obras literárias de Han

HAPIZEZ — HARÁ

Yu chamam-se *Uma Inquirição na Natureza Humana e Uma Inquirição sobre o Tao*.

HAPIZEZ

No hebraico, «dispersão». Era o nome de um sacerdote, descendente de Aarão. Sua família constituía o décimo oitavo turno dentre os vinte e quatro turnos de sacerdotes que serviam aos ritos religiosos instituídos por Davi (I Crô. 24:15). Viveu por volta de 1030 A.C.

HAQUILA

No hebraico, «trevas» ou «escuro». Esse era o nome de um monte cerca de dezesseis quilômetros ao sul de Jericó, onde Davi se ocultou de Saul, quando este o perseguia, com o intuito de matá-lo (I Sam. 23:19 e 26:3). Saul acampou nesse monte. Ficava próximo do deserto de Zife, o moderno Tell ez-Zif, ao sul de Hebrom. Porém, o local específico, mencionado na Bíblia, nunca foi identificado. Jônatas Macabeu construiu ali a fortaleza de Massada (vide), famosa na história judaica.

HARA

No caldaico, «montanha». A Vulgata Latina diz *Ara*, ao passo que a Septuaginta omite o nome. Para esse e outros lugares (Hala, Habor e o rio Gozã), Tiglate-Pileser III, da Assíria, levou as tribos de Rúben, Gade e a meia-tribo de Manassés. Ver sobre o *Cativeiro Assírio*. Isso ocorreu entre 734 e 732 A.C. O nome dessa cidade ocorre somente em I Crô. 5:36 em toda a Bíblia. Visto que aqueles outros nomes locais designavam lugares ou acidentes geográficos da Mesopotâmia, na parte norte da mesma, sabe-se que ali também deveria ficar Hara. Todavia, no trecho paralelo de II Reis 17:6 e 18:11, Hara não é mencionada.

O texto hebraico diz «cidades dos medos», mas a Septuaginta diz «montanhas dos medos». Alguns estudiosos supõem que o texto, em I Crô. 5:26, sofreu alguma forma de alteração. É possível que as palavras «dos medos» tenham sido apagadas, e que a palavra «montanhas» tenha sido acrescentada. Se essa conjectura é correta, então o nome *Hara* designa uma região montanhosa a leste do vale do rio Tigre. Unger, um erudito moderno, comentando sobre o lugar, chama-o de uma *provincia* da Assíria. Seja como for, ficava localizada na parte ocidental da Assíria, entre os rios Tigre e Eufrates.

HARÁ (LUGAR)

No hebraico, «ressecado». Se transliterássemos o nome para o português teríamos *Charan*. O texto grego da Septuaginta diz *Charran* (ver também Atos 7:4), e a Vulgata Latina, *Charrae*.

Essa localidade ficava localizada cerca de trinta e dois quilômetros a sudeste de Urfa (Edessa), às margens do rio Bali. Ficava na estrada principal que partia de Ninive até às margens do rio Eufrates e era um centro comercial importante, que mantinha contacto com portos comerciais, tal como Tiro. (Ver Eze. 27:23). Há escavações que mostram que vinha sendo habitada pelo menos desde 3000 A.C. A princípio foi dominada pelos assírios, e por longo tempo foi uma capital provincial assíria (chamada Tartã). Posteriormente tornou-se capital dos assírios, até que foi capturada pelos babilônios, em 609 A.C. As ruínas dessa localidade, até hoje existentes,

pertencem, em sua maioria, ao período da dominação romana, no qual o local da cidade ficava nas proximidades de Harã, perto do lugar onde os partos derrotaram Crasso (53. A.C.). E outra parte dessas ruínas pertence a ocupações posteriores, por parte de governantes sabeus e islamitas, quando esse lugar recebeu o nome de Carrae. Por isso é que, no texto da versão da Septuaginta, essa localidade recebe um nome similar, isto é *Charran*. (Ver o artigo sobre «Abraão»). Ele é mencionado aqui como o progenitor da nação judaica; e isso nos mostra que Estêvão (Atos 7:4) começou a sua narrativa acompanhando a história da nação desde o seu ponto mais remoto.

Esse era o nome de uma cidade da Mesopotâmia, situada c. de trinta e dois quilômetros a sudeste de Urfa (Edessa), às margens do rio Balique, um tributário do grande Eufrates. Ficava na porção noroeste da Mesopotâmia. Alguns estudiosos pensam que o nome dessa cidade deriva-se de Harã, pai de Ló. Porém, essa conjectura não tem qualquer base histórica. Abraão, depois de haver sido chamado por Deus, de Ur dos Caldeus, ficou em Harã durante algum tempo, até que seu pai, Terá, faleceu. Então, Abraão prosseguiu até à terra de Canaã (Gên. 11:31,38; Atos 7:4). Parte da família, entretanto, permaneceu em Harã. Foi isso que armou o palco para visitas posteriores ao lugar, como quando o servo de Abraão foi enviado até ali, a fim de obter esposa para Isaque (ver Gên. 24), ou como quando Jacó fugiu para evitar a ira de seu irmão, Esaú, a quem havia enganado (ver Gên. 28:10). O trecho de Ezequiel 27:23 refere-se aos negociantes de Harã, que negociavam com os tírios. Foi perto de Harã que o exército romano foi derrotado pelos partas, quando foi morto o triúviro Crasso.

Nos tempos antigos, Harã ficava localizada em uma importante rota comercial, que vinculava a Babilônia às margens do mar Mediterrâneo, fazendo-a prosperar. Escavações arqueológicas têm descoberto evidências de habitação, naquela localidade, até o terceiro milênio A.C. Salmaneser I, no século XIII A.C., conquistou-a. Uma inscrição de Tiglate-Pileser I (cerca de 1115 A.C.), também menciona o lugar. Durante muito tempo, Harã foi uma capital provincial assíria, mas acabou destruída, por causa de sua rebeldia. Todavia, foi restaurada por ordem de Sargão II.

Assur-Urbalite, o último rei da Assíria, tornou Harã a sua capital, em 612 A.C., depois que Ninive foi destruída pelos babilônios. Foi nessa ocasião que os assírios tentaram impor-se, pela última vez. Porém, os assírios não foram bem-sucedidos, e o império assírio chegou a um final súbito. Assur-Urbalite teve de abandonar Harã em 610 A.C. Isso deixou os babilônios no firme controle de vastos territórios. Harã foi sucessivamente governada, depois disso, por zoroastrianos, cristãos nestorianos, islamitas e cruzados. Atualmente, uma pequena aldeia árabe assinala o local antigo.

HARÁ (PESSOAS)

Há três homens com esse nome, nas páginas da Bíblia, a saber:

1. Um filho de Terá, irmão de Abraão e Naor. Ele era o pai de Ló, e tinha duas filhas chamadas Milca e Iscã. Ver Gên. 11:27-31. Faleceu antes de seu pai, Terá, o que parece ter sido um caso raro, porquanto é mencionado. Muitos estudiosos têm pensado que esse nome significa ou «forte» ou «iluminado». Ele viveu por volta de 1990 A.C. Interessante é observar que Iscã, filha de Harã, é considerada por alguns antigos

HARADA — HARÊM

como a mesma Sara, esposa de Abraão. Entre esses poderíamos citar Josefo. Contudo, não se sabe qual a base para essa opinião.

2. Um levita gersonita, da família de Simeu, que viveu nos dias de Davi (I Crô. 23:9). Viveu por volta de 1014 A.C.

3. Um filho de Calebe e sua concubina, Efá, tinha esse nome (I Crô. 2:46). Ele viveu por volta de 1618 A.C.

HARADA

No hebraico, «lugar de terror». Esse era o nome da vigésima quinta estação ou ponto de parada dos israelitas, quando vagueavam pelo deserto do Sinai. O local é mencionado somente em Núm. 33:24. Ficava em algum ponto entre o monte Sefer e Maquetote, embora se desconheça o local preciso.

HARAIÁS

No hebraico, «Yahweh protege». Esse era o nome do pai de Uziel. Ele foi um ourives que ajudou a reparar as muralhas de Jerusalém, sob a direção de Zorobabel, depois que os israelitas retornaram do cativeiro babilônico (ver Nee. 3:8). Viveu por volta de 445 A.C.

HARAKIRI

Palavra japonesa que significa, literalmente, «golpe no ventre». Esse é o nome vulgar de uma forma de suicídio, mediante perfuração dos intestinos e outros órgãos do ventre. Um nome mais nobre, em japonês, é *seppuku*. Essa forma de suicídio vem sendo praticada no Japão desde tempos antigos. Era praticado principalmente por guerreiros conscientes, que não queriam ser capturados pelo inimigo. Durante os últimos anos do período Ashikaga (1338 — 1573), o harakiri ficou restringido à classe dos *samurai*, os guerreiros. Em tempos pacíficos, era praticado por guerreiros condenados à execução, e que preferiam executá-la pessoalmente, pensando ser isso mais honroso. Também tornou-se uma forma de protesto contra atos governamentais, tidos como desonrosos à nação.

O ato chegou a tornar-se uma cerimônia, acompanhada por todo um ritual. A cerimônia do *seppuku* chegava ao seu clímax quando o guerreiro cravava uma lâmina curta à altura do umbigo, da esquerda para a direita. O golpe de misericórdia era dado por um auxiliar, o *kaishaku*, ou «segundo», que decapitava a vítima com uma pesada espada de cabo duplo. Com frequência, o ritual era testemunhado por outras pessoas. Em tempos de guerra, como durante a Segunda Guerra Mundial, os soldados japoneses fizeram ataques suicidas — os famosos kamikazes — que podem ser considerados um harakiri muito honroso. Nem com isso, porém, eles ganharam a guerra.

A questão do suicídio. A filosofia e a teologia desde há muito têm investigado as implicações morais desse ato. Ver o artigo separado sobre o *Suicídio*.

HARARITA

Esse termo refere-se a três homens, ligados de alguma forma aos trinta poderosos guerreiros de Davi. Foram Samá, filho de Agé, o hararita (II Sam. 23:11), Sama, o hararita, e Aião, filho de Sarar, ararita (II Sam. 23:33). Ver, igualmente, I Crô. 11:35. Desconhece-se o nome *hararita* fora das

páginas da Bíblia. O mais provável é que se refira a alguma cidade ou território. Entretanto, outros estudiosos supõem que a palavra significa apenas «montanhês», como palavra derivada do termo hebraico *har*, «montanha».

HARÁS

No hebraico, «pobreza». Esse é o nome de dois homens, que figuram nas páginas do Antigo Testamento; ou de livros apócrifos do mesmo:

1. Nome do avô de Salum. Ele era marido de Hulda, uma profetisa que viveu nos dias de Josias (II Reis 22:14 e II Crô. 34:22). Em algumas versões, seu nome aparece com a forma de Hasrás, em II Reis 22:14.

2. O cabeça de um clã que atuava como servos do templo restaurado de Jerusalém, após terem voltado do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel (I Esdras 5:31). Esse nome não aparece nas listas paralelas dos livros de Esdras e Neemias.

HARBONA

No hebraico, «guia de asnos». Esse era o nome de um dos eunucos de Assuero ou Xerxes, mencionado no livro de Ester. Seu nome é mencionado apenas por duas vezes na Bíblia, em Ester 1:10 e 7:9. Ele agia como camareiro-mor. Foi ele quem, por ordem do rei persa, trouxe a rainha Vasti à sua presença (Est. 1:10). E também foi ele quem sugeriu a Hamã que preparasse uma força para a execução do judeu Mordecai (Est. 7:9).

HARE, RICHARD M.

Nasceu em 1919. Um filósofo inglês, educado em Oxford. Ensinou em Oxford. Era, essencialmente, um filósofo moral, que fazia oposição ao naturalismo (vide), argumentando que os juízos morais não são descritivos, mas imperativos, visto que exercem funções orientadoras das ações. Ele dava grande atenção ao complexo comportamento lógico das palavras, como uma chave para a compreensão do comportamento ético. Acreditava que os termos éticos possuem sentidos tanto descritivos quanto avaliadores.

HARÊM

Esse vocábulo vem do árabe, *harim*, isto é algo proibido ou sagrado. Deriva-se da raiz verbal *harama*, «proibir». Essa palavra é usada entre os islamitas para indicar os aposentos reservados às mulheres, como também para as esposas e concubinas que ocupam tais aposentos, e para os lugares santos reservados exclusivamente aos fiéis. A idéia envolvida em um harém é a noção de reclusão. A reclusão das mulheres era um antigo costume dos semitas, visto que aquelas sociedades eram sempre polígamas. As muitas mulheres de um homem eram abrigadas em lugares de acesso difícil, excetuando para pessoas autorizadas. O islamismo não inventou tais práticas; tão-somente sancionou-as, incorporando-as na vida privada e religiosa dos seus adeptos.

O que nos admira mais, porém, é a poligamia que havia entre os hebreus. Ver o artigo separado sobre esse assunto. Quanto a uma ilustração, ver o gráfico onde estão alistadas as esposas e concubinas do rei Davi. De forma um tanto frívola, muitas mulheres são assim mencionadas, mas sem que seus nomes sejam revelados, porque ou o autor sagrado não tinha a informação, ou porque pensava ser muito tedioso

HARIFE — HARMONIA

entrar em tais detalhes. Naturalmente, um dos filhos de Davi, Salomão, foi o campeão dos proprietários de harém em Israel, pois o seu harém tinha mil mulheres, entre esposas e concubinas!

Não nos devemos olvidar, entretanto, que os antigos monarcas orientais tinham haréns numerosos, muitas vezes por razões políticas, ou então para obterem maior prestígio entre seus súditos. É bem possível que muitas mulheres, nesses haréns, nunca tivessem contacto sexual com seus proprietários. Por outra parte, o sexo era considerado muito livre para os homens, mas muito limitado para as mulheres, o que, em si mesmo, envolve uma contradição difícil de reconciliar. O Senhor Jesus ensinava o ideal de uma mulher para um homem, embora esse ideal dificilmente se tenha cumprido na sociedade judaica.

De todos os haréns do islamismo, os haréns dos sultões otomanos eram os mais renomados e glamorosos. Essa prática teve começo no *serralho* (palácio) de Constantinopla (atual Istambul). A coisa acabou se desenvolvendo em uma instituição, abrigando, sob um mesmo teto, esposas, concubinas, parentas, escravas e eunucos. Era a mãe do rei quem dirigia essa sociedade em miniatura. Os eunucos, quase todos eles negros, agiam como guardas de segurança. E, visto que elas não tinham muitas coisas para fazer, as esposas e concubinas, nesses haréns, tornaram-se famosas por seus conluios em busca de poder político, especialmente aquele relacionado à sucessão no trono. Muitos assassinatos políticos e muitos dramas estranhos ocorreram, em convivência com as intrigas iniciadas nos haréns.

Mediante a influência da civilização ocidental, a começar pelo século XIX, foi entrando em declínio a instituição do harém no Oriente Próximo e Médio. Mas a prática nunca desapareceu de todo. Em 1926, a poligamia foi declarada ilegal na Turquia. E foi isso que eliminou totalmente o sistema naquele país. Ver os artigos separados sobre *Monogamia* e sobre *Matrimônio*.

HARIFE

No hebraico, **outonal**, palavra usada em referência às estações do ano, como também ao regime de chuvas daquela época, ou a pessoas nascidas naquela estação.

Esse era o nome de um israelita cujos descendentes voltaram para Jerusalém terminado o cativeiro babilônico (vide). Eles totalizavam cerca de cento e doze pessoas. Talvez Harife seja o mesmo Jora, referido em Esd. 2:18. Ver também Nee. 7:24. Toda essa gente assinou o pacto com Neemias e Esdras. Tal nome aplicava-se tanto ao cabeça do clã como ao próprio clã.

HARIM

No hebraico, **«consagrado»**, embora outros estudiosos pensem em «nariz chato». Esse era o nome de duas famílias e de um indivíduo, a saber:

1. Uma família que retornou do cativeiro babilônico (vide), em companhia de Zorobabel. Os homens dessa família tinham-se casado com mulheres estrangeiras, e tiveram de divorciar-se delas, a fim de que Israel pudesse ter um novo começo como nação. Eles assinaram o pacto com Neemias. Ver Esd. 2:32 e Nee. 7:35. Eles não faziam parte de uma família sacerdotal.

2. Nome de uma família sacerdotal que retornou a Jerusalém após o cativeiro babilônico, em companhia de Zorobabel. Eles tinham-se casado com mulheres

estrangeiras, e tiveram de se separar delas. Firmaram o pacto com Neemias (Esd. 10:21 e Nee. 10:5). O trecho de I Crô. 24:8 mostra que havia uma família com esse nome que pertencia ao terceiro turno dos sacerdotes, o que pode ter tido conexões com essa gente, mencionada depois do cativeiro babilônico.

3. Nome do pai de Malquias, o qual, juntamente com Hassube, filho de Paate-Moabe, ajudou a reparar parte das muralhas de Jerusalém, após o cativeiro babilônico. Ele pertencia a uma ou outra das duas famílias mencionadas acima, embora não haja certeza a respeito de qual delas. Ver Nee. 3:11.

HAR-MAGEDOM

Ver sobre **Armagedom**.

HARMOM

Esse é o nome de um dos lugares para onde o povo de Samaria haveria de ser exilado. Essa localidade é mencionada exclusivamente em Amós 4:3. Porém, não se conhece qualquer lugar com esse nome, nem na história e nem na arqueologia. Muitas correções do texto têm sido propostas, por causa desse nome desconhecido, mas nenhuma das sugestões tem sido satisfatória. Algumas traduções dizem ali Armom. O Targum sobre esse texto diz «montes da Armênia». Outras traduções dizem «Armom Mona», e isso, por sua vez, tem sido identificado com o reino de Mini (vide), mencionado juntamente com o monte Ararate (um monte da Armênia), mencionado no trecho de Jer. 51:27.

HARMONIA

Esboço:

- I. A Palavra
- II. Na Filosofia
- III. Na Teologia

I. A Palavra

Esse vocábulo vem do grego **harmos**, que significa «junção». A idéia básica é a unidade onde há a cooperação dos elementos que formam essa unidade. *Sinônimos:* acordo, unidade, combinação, amizade, conformidade, unanimidade, união. Os *antônimos* são: discórdia, desunião, conflito, facção, partido.

II. Na Filosofia

a. Dentro da antiga doutrina chinesa do *meio-termo*, a harmonia refere-se ao estado em que são conseguidos sentimentos de prazer, com a exclusão da ira e da tristeza. A harmonia produz alegria. Isso resulta de um equilíbrio de forças ou influências. Se houver elementos discordantes, como a ira e o conflito, então seus efeitos prejudiciais são anulados, e o equilíbrio geral é restabelecido.

b. Nos escritos de *Pitágoras*, esse termo tem uma aplicação cósmica. A astronomia estuda a harmonia dos corpos celestes. Dentro desse sistema, a harmonia também é considerada uma necessidade para a boa saúde do corpo humano.

c. Nos escritos de *Tomás de Aquino*, a harmonia ou *consonantia* (palavra latina) é um fator essencial na experiência humana e na estética, explicando por que motivo vemos a beleza em alguma coisa.

d. Nos estudos de *Leibniz*, o termo aparece dentro de um arcabouço cósmico, referindo-se à ordem que há no Universo. Então, no problema *corpo-mente* (vide), ele propôs que a mente e o corpo não têm uma verdadeira interação, embora assim pareça ser, por causa de uma harmonia divinamente pré-estabeleci-

HARMONIA

da. O corpo e a mente agiriam simultaneamente, e em acordo, mas somente porque ambos foram programados para fazê-lo, e não por causa de alguma interação genuína, de causa e efeito.

III. Na Teologia

1. No relacionamento entre os irmãos. Lemos em Salmos 133:1,2 que é bom que os irmãos vivam em harmonia. Existem sete coisas que Deus abomina, entre elas o indivíduo que semeia a contenda entre irmãos (Pro. 6:19).

2. Também há aquela *unidade* do Espírito, que vincula entre si a todos os crentes verdadeiros. Isso contribui para a paz e a harmonia, bem como para o **bem-estar metafísico** dos envolvidos. Ver os artigos separados sobre a *Unidade em Cristo* e sobre *Unidades: As Sete Unidades Espirituais*.

3. O propósito do mistério da vontade de Deus é levar todas as coisas a terem unidade em torno de Cristo. Quando essa harmonia for alcançada, então a existência será, verdadeiramente, feliz. Ver o trecho de Efésios 1:9,10: «...desvendando-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as cousas, tanto as do céu como as da terra...» Ver também o artigo sobre a *Restauração*.

HARMONIA CO-ESTABELECIDADA

Está em pauta uma teoria de Swedenborg (que vide), segundo a qual ele supunha que o corpo e a alma existem em uma harmonia mútua, através do poder divino. A alma existiria em estados vegetativos racionais e espirituais em graus variados. A queda no pecado privou o homem de todo o conhecimento, separando o aspecto espiritual da alma (a *anima*) da razão (*mens rationalis*). Por causa dessa separação, o conhecimento continua conosco, mas, normalmente, não nos é disponível. Ver o artigo que versa sobre o *Problema do Corpo-Mente*. (P)

HARMONIA DOS EVANGELHOS

Esboço:

I. Inspiração e Natureza Dessa Atividade

II. Seus Exageros

III. Várias Obras Harmonizadoras

I. Inspiração e Natureza Dessa Atividade

É bom que os homens estudem e aprendam. Era apenas natural que os estudiosos, vendo as diferenças existentes entre os quatro evangelhos, tivessem procurado obter uma harmonia entre eles. A mente humana não se sente à vontade diante de problemas não resolvidos e de pontas soltas. Portanto, aqueles estudiosos, com cuidado metucioso, prepararam colunas paralelas, procurando mostrar-nos exatamente como se foi desenrolando a vida de Jesus, e como cada acontecimento seguiu-se aos demais. Eles têm tentado conseguir aquilo que os próprios autores sagrados do evangelho não tentaram. Eles tentaram o que não pode ser obtido com precisão. No entanto, a tentativa feita por eles é legítima, se não chega a incluir afirmações ridículas, distorcendo os fatos a fim de obter harmonia a qualquer preço.

A *natureza das harmonias*. Uma harmonia dos evangelhos é um arranjo tal do conteúdo dos mesmos que faça as passagens aparecerem em colunas paralelas. As harmonias mais antigas dos evangelhos procuravam entretecer *todos* os informes a respeito da vida e dos ensinamentos de Cristo, em todos os quatro evangelhos, apresentando ao leitor uma síntese. Mas

as modernas harmonias procuram apresentar o conteúdo dos evangelhos em paralelo, para que o leitor possa fazer comparações e descobrir relações mútuas entre os relatos sagrados. Dentro da moderna erudição, o *Problema Sinóptico* (vide) tem atraído grande atenção, visto que é fato reconhecido que os três evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas «vêm juntos» a vida e os ensinamentos de Cristo. Paralelamente a isso, reconhece-se que o evangelho de João é algo diferente dos outros três, pelo que não tem sido incluído nas harmonias mais recentes dos evangelhos. Na verdade, o evangelho de João contém apenas cerca de dez por cento do material que aparece nos evangelhos sinópticos.

II. Seus Exageros

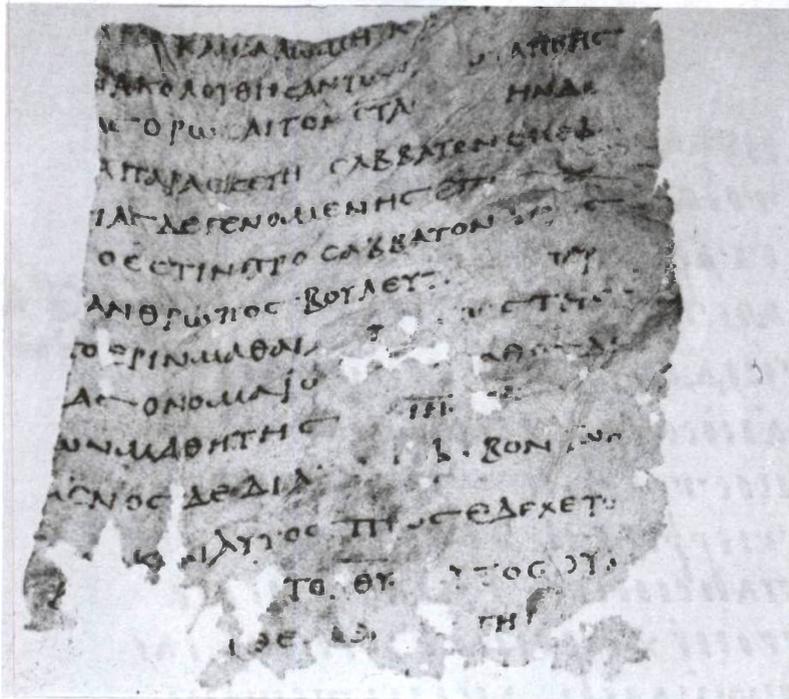
Nenhum harmonista na terra é capaz de fazer o evangelho de João encaixar-se dentro dos evangelhos sinópticos, pois só contém dez por cento do material que se encontra neles, consistindo em noventa por cento de material inédito. As narrativas do evangelho de João concentram-se quase todas em torno de Jerusalém, ao passo que os relatos dos evangelhos sinópticos giram quase inteiramente em torno da Galiléia. Mateus é um evangelho que expõe cinco grandes discursos de Jesus. Esses discursos sumariam seus ensinamentos e, portanto, reúnem declarações que foram ditas em várias ocasiões, formando um bloco de material. Em certo sentido, pois, o evangelho de Mateus é um evangelho *tópico*, e não cronológico. E então os acontecimentos narrados giram em torno desses cinco discursos, sem qualquer atenção especial a uma cronologia exata. Portanto, em contraste com o de Mateus, os evangelhos de Marcos e de Lucas são bem diferentes quanto à arrumação de seu conteúdo. O artigo sobre o *Problema Sinóptico* ilustra bem essa circunstância. Lucas utilizou-se do arcabouço histórico de Marcos; e, em contraste com Mateus, ele seguiu bem de perto esse arcabouço histórico de Marcos. Entretanto, se Mateus não estava preocupado com uma estrita cronologia, é perfeitamente possível que Marcos também não o estivesse, e que a ordem dos acontecimentos, segundo ele, não apresente a verdadeira ordem cronológica dos fatos. Simplesmente temos de confessar que os autores originais dos evangelhos não eram harmonistas e que, mui provavelmente, teriam pensado ser estranha e desnecessária a exigência dos harmonistas modernos. O método de apresentação deles, por outro lado, nada tem a ver contra a verdade ou a fé. Meramente não levava em conta certas coisas que os harmonistas modernos julgam ser imprescindíveis. A despeito disso, a tentativa de obter uma harmonia dos evangelhos é uma atividade honrosa e proveitosa, contanto que não caiam no ridículo, em suas reivindicações de sucesso. Acima de tudo, o que os homens dizem acerca da harmonia dos evangelhos não pode servir de teste da crença ortodoxa.

III. Várias Obras Harmonizadoras dos Evangelhos

A mais antiga harmonia dos evangelhos de que se tem notícia é o *Diatéssaron* de Taciano, um apologista cristão de origem assíria, que residia em Roma em meados do segundo século D.C., mas que, em cerca de 172 D.C., voltou ao Oriente. A palavra grega *diatéssaron* significa «através dos quatro», ou «por meio dos quatro». Como é óbvio, foi uma tentativa de harmonizar os quatro evangelhos. Temos apresentado um artigo separado sobre essa antiga obra.

Uma outra antiga harmonia dos evangelhos foi a de Amônio, um alexandrino que viveu no século III D.C. Essa obra só chegou até nós por meio de citações feitas por Eusébio, o grande historiador da antiga Igreja cristã.

Harmonia antiga dos Evangelhos



Composição

1	Ζεβεδάιον και Σαλώμη και γυναίκες	Mt xxvii 56 Mk xv 40 Lk xxiii 49b
2	αἱ συνακολουθοῦσαι αὐτῷ ἀπὸ τῆς	
3	Γαλιλαίας ὁρᾶσαι ταῦτα και	Lk xxiii 54
4	ἡμέρα ἦν παρασκευῆς και σάββατον ἐπέφω-	
5	σκεν ὁφίας εἰ γενομένης ἐπεὶ ἦν παρασ-	Mt xxvii 57 Mk xv 42
6	κευῆ, ὃ ἐστι προσάββατον	
7	ἦλθεν ἄνθρωπος πλούσιος βουλευτῆς ὑπάρχων	Mt xxvii 57 Lk xxiii 50
8	ἀπὸ Ἀριμαθαίας πόλιος τῶν	[Mt xxvii 57] Lk xxiii 51
9	Ἰουδαίων τοῦνομα Ἰωσήφ ἀνὴρ ἀγαθος και δι-	Mt xxvii 57 Lk xxiii 50
10	καιος ὢν μαθητῆς τοῦ Ἰησοῦ κε-	Jn xix 38
11	κρυμμένος εἰ διὰ τὸν φόβον τῶν	
12	Ἰουδαίων και αὐτοῦ προσεδέχετο	Mt xxvii 57 Lk xxiii 51b
13	τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ, οὗτος οὐκ	Lk xxiii 51a
14	ἦν συνακαταθεμιμένος τῇ βουλῇ	

HARMONIA — HARPA

Agostinho usava um texto que tinha os quatro evangelhos em harmonia com uma obra sua, intitulada *De consensu evangelistarum libri quattuor*. Isso aconteceu por volta do ano 400 D.C.

Durante a Idade Média e a Renascença, não houve quaisquer novas harmonias dos evangelhos a serem publicadas, que tivessem chegado até nós. Um estudioso suíço, *J. Clericus* (Le Clerc) produziu uma obra chamada *Harmonia Evangelica* (em cerca de 1700). Esse vocábulo, «harmonia», usado para aludir a tais obras, foi aplicado pela primeira vez em cerca de 1537, através de A. Osiander, um teólogo alemão.

A primeira das harmonias modernas foi produzida por J.J. Griesbach. A obra dele intitulava-se *Synopsis evangeliorum*, e foi publicada em 1776. Seguiram outras obras dessa natureza, no século XIX, como as de G.M. de Wette (1818), de J.H. Friedlieb (1847), a de C. von Thischendorf (1851), e a de A. Huck (1892).

Várias harmonias dos evangelhos foram produzidas no século XX. Entre elas destacamos a de A.T. Robertson, impressa pela primeira vez em 1922. Também foi publicada uma harmonia dos evangelhos, de autoria de W.O.H. Garman, no começo da década de 1950. Ele foi um dos professores deste autor, no seminário teológico.

HARMONIA PREESTABELECIDADA

Um dos problemas mais difíceis da filosofia é o problema corpo-mente, isto é, se existe um espírito que é o homem essencial, que habita, de alguma maneira, no corpo físico, como é que esses dois elementos se interagem. Uma solução proposta por Leibniz (vide) é que, na realidade, não existe uma interação. No lugar disto, existe uma harmonia preestabelecida pela mente divina. O corpo e a mente assim têm histórias paralelas, mas separadas, e a interação entre os dois é apenas aparente. Ver a doutrina da mônada de Leibniz e o artigo detalhado sobre *Problema Corpo-Mente*.

HARNACK, ADOLF VON

Suas datas foram 1851—1930. Ele foi um autor e historiador luterano. Ensinou em várias universidades alemãs, incluindo a de Berlim. Foi presidente do *Kaiser Wilhelm Gesellschaft zur Forderung der Wissenschaften* e bibliotecário da *Preussische Staatsbibliothek*. Foi o fundador e primeiro presidente do *Congresso do Evangelho Social*.

Ele foi um dos professores de Karl Barth; mas, anos depois, fez oposição ao mesmo. Os alunos de Harnack estabeleceram o *Die Christliche Welt*, que foi suprimido por Adolfo Hitler. Harnack foi um autor prolífico, tendo publicado centenas de livros e monógrafos. Foi um dos maiores historiadores eclesiásticos de sua época. A sua *História do Dogma*, em três volumes, foi muito aclamada e teve larga distribuição. Seu tratado, intitulado *Das Wesen des Christentums* (Que é o Cristianismo) foi traduzido para quinze idiomas, tendo sido reimpresso por diversas vezes. Talvez sua grande obra isolada tenha sido *Márcion*. Uma outra notável, de sua autoria, foi o seu tratado sobre o *Credo dos Apóstolos* (vide).

HARODE

No hebraico, «tremor» ou «terror». Nas páginas do Antigo Testamento, esse é o nome de um ribeiro e de uma localidade, a saber:

1. No caso do riacho, é possível que esse nome se tenha derivado da maneira rápida como o mesmo

fluía. Gideão e seus homens acamparam às margens do mesmo, quando se preparavam para lutar contra os midianitas. Ver *Juí. 7:1*. Alguns estudiosos têm sugerido que o *terror* da guerra é que deu nome a esse ribeiro; mas essa sugestão não é tão provável quanto a outra. O teste da maneira de beber água teve lugar às margens desse ribeiro. Alguns eruditos também supõem que Saul acampou perto desse riacho, pouco antes da fatal batalha contra os filisteus, durante a qual morreu (ver *I Sam. 29:1*).

2. Também havia uma localidade com esse nome, talvez porque ficava próxima desse ribeiro. Era a cidade natal de dois dos trinta poderosos guerreiros de Davi, a saber, Samá (*II Sam. 23:25*) e Elica (mesmo versículo). Nesse versículo, ambos são chamados «haroditas».

HARODITA

Dois dos heróis de Davi eram chamados assim, a saber, Samá e Elica (*II Sam. 23:25*). Em *I Crô. 11:27*, Elica não é mencionado, e «harodita» é alterado para a forma «harorita». Esse locativo deriva-se de *Harode* (vide).

HAROÉ

No hebraico, «o profeta». Esse nome encontra-se nas listas genealógicas de Judá, onde Haroé é mencionado como um dos filhos de Sobal (*I Crô. 2:52*). Pensa-se que ele é o mesmo homem chamado Reaias (vide), em *I Crônicas 4:2*. Ele deve ter vivido por volta de 1450 A.C.

HAROSETE-HAGOIM

No hebraico, «floresta dos gentios». Acredita-se que esse nome indicava uma cidade, mencionada por três vezes no quarto capítulo do livro de Juízes (vs. 2, 13 e 16). Todavia, pensa-se que ali havia uma «floresta» realmente, com base na circunstância de que a área perto dessa cidade cananéia era densamente arborizada nos tempos antigos. Ficava localizada ao norte da Palestina e era a cidade natal de Sisera (ver *Juí. 4:2*). Foi a partir dali que ele avançou contra as forças comandadas por Baraque (vs. 13), mas para onde ele fugiu, depois que foi derrotado (vs. 16). Se era uma cidade cananéia, então não admira que tivesse sido chamada de «Hagoim», ou seja, «dos gentios». Várias tentativas de identificação têm sido propostas, como Tell 'Amr e Tell el-Harbaj. Outros estudiosos identificam esse lugar com a Muhrashti das cartas de Tell el-Amarna, o que o situaria na planície de Sarom.

HARPA

Ver sobre *Música e Instrumentos Musicais*.

Tendo cada um deles uma harpa, *Apo. 5:6*. O termo grego *kithara* não indicava um instrumento semelhante à nossa «harpa», mas antes, se assemelhava mais a um violão ou guitarra. De fato, pode-se notar que a palavra «guitarra» está etimologicamente vinculada ao vocábulo grego «kithara». Originalmente, tinha formato triangular, com sete cordas. Mais tarde, o número de cordas foi aumentado para onze. Josefo menciona modelos dotados de dez cordas, as quais eram tangidas com um «plectrum» ou pequena peça de marfim. O cântico dos cento e quarenta e quatro mil será acompanhado por essas «guitarras» (ver *Apo. 14:2 e ss*), tal como no caso do cântico de Moisés, entoado por aqueles que obtiveram a vitória

sobre o anticristo (ver Apo. 15:2 e ss). A própria guitarra talvez não tenha qualquer simbolismo especial, exceto que é o «instrumento» dos louvores celestiais; pelo que também supomos que as palavras e as vidas dos seres celestiais que servem de glória para Deus, estão aqui simbolizadas ou, pelo menos, salientadas. Esse louvor prestado com a vida e com as palavras soa como se fosse uma música celestial, cheia de harmonia, graça e agradabilidade. Antigamente, o louvor a Deus era acompanhado com harpas, conforme se vê em Sal. 33:2. O louvor é similar à música, porquanto se trata de uma entidade intrincada, com sua harmonia inerente, que é agradável até aos ouvidos de Deus.

HARPER, W.R.

Suas datas foram 1856—1906. Ele foi um educador batista de grande intelecto, — que, aos dezesseis anos de idade já havia adquirido o seu grau de Bacharel em Artes e aos dezoito anos, o seu título de Doutor em Filosofia. Foi professor de línguas semíticas em Yale e também o primeiro presidente da Universidade de Chicago. Ali, ele estabeleceu o sistema de quatro trimestres de estudos, para incluir o verão nos estudos regulares, uma regra que, posteriormente, foi seguida por muitas outras universidades norte-americanas. Ele permitia que os estudantes obtivessem créditos por correspondência, e fundou várias escolas de jornalismo. Teologicamente, ele tornou-se conhecido por defender e usar a abordagem histórica da interpretação da Bíblia.

HARPIAS

Essa palavra vem do grego *harpuias*, com base no verbo *harpadzo*, «arrebatar». Esse era o nome dado a pássaros fabulosos que a filosofia grega apresentava como tempestades que chegam e arrebataam as pessoas, ou como aves de rapina, dotadas de rostos femininos. Eram imaginados como arrebatoadores das almas. É possível que os fantasmas dos mortos tivessem sugerido essa figura mitológica.

HARSA

No hebraico, «encantador». Esse era o nome de um clã, um dos grupos de netinins, cujos descendentes se encontravam entre aqueles que retornaram, em companhia de Zorobabel, da Babilônia para Jerusalém, após o exílio babilônico (Esd. 2:52 e Nee. 7:54). Isso ocorreu por volta de 536 A.C. No trecho de I Esdras 5:32, eles são chamados Careá. Nos tempos de Neemias, esse clã contribuiu para aqueles que serviam no templo de Jerusalém.

HARTMANN, EDUARD VON

Suas datas foram 1842—1906. Um filósofo alemão que nasceu em Berlim. Seguiu a carreira militar durante alguns anos, mas teve de desistir por haver-se ferido gravemente em um joelho. A partir de então dedicou-se à música, à pintura e à filosofia. Seu trabalho filosófico resultou na publicação do livro *Filosofia do Inconsciente*. E, em outras obras, intituladas *Fenomenologia da Consciência Moral*; *A Religião do Espírito*; *Teoria das Categorias e História da Metafísica*, ele explorou muitas questões metafísicas de ordem moral e religiosa. Em seguida, ele publicou uma obra, em oito volumes, intitulada *Sistema de Filosofia*, onde sumariou quase todos os seus pontos de vista.

Idéias:

1. Ele combinava a vontade cega, postulada por Schopenhauer, com a mente racional, postulada por Hegel. Portanto, toda busca e desenvolvimento, no nível individual e no nível do cosmos, compõe-se de dois elementos: esforço inconsciente e cumprimento consciente. Por um lado, juntamente com Schopenhauer, teríamos a dor e o pessimismo. Por outro lado, juntamente com vários outros pensadores, teríamos a salvação. As idéias de Freud foram influenciadas sobre essa declaração de Hartmann a respeito da vontade inconsciente.

2. Antes da descoberta dos princípios morais, há uma fenomenologia da consciência moral, que é uma espécie de inventário de fatos empíricos e da consciência moral.

3. Antecipando Freud e Jung, ele buscava evidências científicas em favor da mente inconsciente, em estado de evolução. Quanto a isso ele misturou as idéias de Schopenhauer quanto à vontade, de Hegel quanto às noções racionais e de Schelling quanto à identificação da idéia-vontade dentro da realidade divina. A base final de tudo seria a *inconsciência absoluta*, de onde o mundo teria emergido mediante o puro acaso primeiro, e para o que tudo haverá de retornar, quando a vida, finalmente, cessar.

4. O imperativo moral é uma espécie de salvação, atingida quando nos libertamos tanto do absoluto quanto de nós mesmos, o que nos livra das misérias da vida, dirigindo a nossa cultura a uma crescente união com o inabalável inconsciente do absoluto. A religião consistiria em buscar a identidade total com o absoluto, acima de quaisquer outras atividades.

5. Quanto à teoria dos valores, ele foi o primeiro filósofo a empregar o termo *axiologia* para indicar o estudo de todas as formas de valor.

Hartmann opunha-se a todas as religiões formalizadas, acusando-as de manterem uma crença sem profundas convicções e grande superficialidade, em vez de uma verdadeira espiritualidade. Seu pessimismo, contudo, torna-se menos destacado em seu pensamento religioso do que em seu pensamento filosófico. Ele ensinava uma espécie de evolução otimista, liderada por uma agressiva participação no processo cultural. O *deus* dele era cego, mas seria um poder impulsionador que se revela em e através do processo inteiro da evolução do cosmos. Ele exortava aos homens para serem soldados de Deus, cooperando com essa evolução.

HARTMANN, NICOLAI

Suas datas foram 1882—1950. Ele foi um filósofo nascido em Riga, na Lituânia, e que veio a preferir a cidadania alemã. Educou-se em São Petersburgo, Dorpat e Marburgo. Ensinou em Marburgo, Colônia, Berlim e Gottingen. Era treinado na escola neokantiana, embora tivesse incorporado, em seu sistema, várias diretrizes tipicamente hegelianas.

Idéias:

1. Seu principal interesse girava em torno da ética. Ele acreditava que os valores são independentes, possuidores de uma hierarquia toda própria. A consciência humana não seria a criadora dessa hierarquia, embora lhe seja mister entendê-la.

2. A análise fenomenológica era muito importante em seu sistema. O dilema do sujeito-objeto foi por ele resolvido, segundo ele pensava, vendo cada uma dessas coisas como uma manifestação parcial do *Ser*. O contraste entre a epistemologia e a ontologia levaria à inclusão da primeira nesta última. Isso dá margem a uma ontologia realista, onde as categorias básicas de

HARTSHORNE — HASABIAS

explicação revestem-se de posição ontológica.

3. Ele desenvolveu uma filosofia do espírito onde a liberdade e a individualidade humanas são elementos importantes. Todavia, isso seria uma força impessoal. Ele distinguia duas esferas primárias do ser: o *real*, que seria capaz de ser localizado dentro do espaço e do tempo; e o *ideal*, que denota os universais que seriam, essencialmente, objetos matemáticos, ou objetos de valor. Vários níveis de realidade seriam conhecidos de diversas maneiras. A matéria seria percebida; a vida seria intuída; a consciência seria apreendida; o espírito seria compreendido. Todos os níveis de realidade obedeceriam a duas leis categóricas: a dependência e a autonomia.

4. Ele concebia a espiritualidade como residente nas pessoas, e não em algum Deus pessoal. Rejeitava o princípio da teleologia, como uma lei normativa da existência. Ver sobre a *Teleologia*.

5. Os valores existiriam por si mesmos, não sendo produtos da imaginação ou do trabalho humano. A vida virtuosa seria o resultado de uma devida atenção, dada a esses valores. Quando correspondemos aos mesmos, de maneira livre, cumprindo os deveres que esses valores nos impõem, então completamos a nossa personalidade, o que seria o supremo bem que todos os homens deveriam buscar.

HARTSHORNE, CHARLES

Nasceu em 1897. Foi um filósofo norte-americano, que nasceu em Kittanning, no estado da Pennsylvania. Educou-se no Haverford College e na Universidade de Harvard. Ensinou nas Universidades de Chicago, Emory e Texas.

Idéias:

1. O universo seria pampsíquico por sua própria natureza, desde Deus até à menor fagulha da experiência.

2. O conhecimento surgiria a partir de nossas sensações, que seriam sensações de sensações. A natureza qualitativa de nossa experiência teria uma natureza psíquica.

3. Ele rejeitava aquilo que pensava ser um conceito unipolar de Deus, segundo o qual Deus aparece como o Absoluto, e todas as coisas aparecem relacionadas a ele, ao mesmo tempo em que ele não se relaciona a outras coisas de qualquer maneira significativa. Por isso, ele propunha um conceito bipolar de Deus. Esse conceito salienta tanto o princípio absoluto quanto o princípio relativo. Deus seria, ao mesmo tempo, eterno e temporal, absoluto e relativo, um ser consciente que conhece o mundo e que é conhecido pelo mundo, mas que não é separado do mesmo, por fazer parte da tessitura do mundo. Esses princípios ele reduzia à sigla ETCSI, isto é: E = eterno; T = temporal; C = (ser) consciente; S = sabedor; I = incluso no contexto do mundo. Quanto a nós, poderíamos ser considerados como as células do divino organismo vivo de Deus. Isso, naturalmente, reflete noções do *panteísmo* (vide). Tudo está em Deus, mas Deus e o mundo não formam uma só entidade. Porém, essa identidade só é evitada mediante a análise e a descrição, e não mediante algum conceito ontológico básico.

4. Hartshorne acreditava que todos os tradicionais argumentos em prol da existência de Deus (ver sobre os *Cinco Argumentos de Tomás de Aquino* e sobre o *Argumento Ontológico*) têm valor, e deveriam ser levados em conta como um todo. Para ele, o argumento ontológico mostra ou que a idéia de Deus não tem sentido, ou então que, de fato, Deus existe,

razão pela qual todos seríamos um conceito do divino.

5. Ele aplicava esse conceito de bipolaridade à natureza de Deus. Isso posto, Deus era por ele concebido como absoluto e relativo; como necessário e contingente; e o mundo, para ele, participaria, necessariamente, dessa bipolaridade. O futuro do mundo seria contingente, repousando sobre os fatos do passado e do presente.

HARUFITA

Essa é uma designação dada a Sefatias, que viera ajudar a Davi, em Ziclague (I Crô. 12:5). Ele foi um guerreiro benjamita. O texto hebraico varia quanto à grafia dessa palavra, entre *harufita* e *harifita*. Alguns estudiosos supõem que há a conexão desse nome com Harefe, que aparece em I Crô. 2:51, ou então com a família de Harife, que ocorre em Nee. 7:24 e 10:19. Se excetuarmos essas possibilidades, o nome permanece obscuro, embora todos os estudiosos reconheçam que deve se referir a algum clã em Israel.

HARUM

No hebraico, «exaltado». Nome de um indivíduo obscuro, dentro da genealogia de Judá (ver I Crô. 4:8), acerca de quem nada se conhece, além de seu nome.

HARUMAFE

No hebraico, «nariz rachado». Esse era o nome do pai de Jedaías. Harumafe ajudou a reparar as brechas da muralha de Jerusalém, depois que os israelitas voltaram do cativeiro babilônico (vide). Seu nome ocorre somente em Nee. 3:10. Ele viveu por volta de 446 A.C.

HARUZ

No hebraico, «industrioso». Foi o pai de Mesulmete, a esposa do rei Manassés e mãe de Amom, rei de Judá (II Reis 21:19). Ele viveu por volta de 698 A.C.

HASABIAS

No hebraico, «Yahweh deu atenção». Esse é o nome de vários homens, aludidos nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Dois levitas meraritas (I Crô. 6:45 e 9:14).
2. Um filho de Jedutum (I Crô. 25:3,19), chefe de um grupo de músicos (o décimo segundo), nomeados para os cultos no templo de Jerusalém.
3. Um levita coaita de Hebrom, a quem Davi nomeou como seu representante, para cuidar das coisas na porção ocidental do rio Jordão (I Crô. 26:30).
4. Um filho de Quemuel, que serviu como chefe levita, nos dias de Davi (I Crô. 27:17).
5. Um dos chefes levitas, da época do reinado de Josias. Notabilizou-se por ter dado ofertas liberais para os sacrifícios (II Crô. 35:9 e I Esdras 1:9). As variantes desse nome são Assabias e Sabias.
6. Um levita que retornou do cativeiro babilônico juntamente com Esdras (Esd. 8:19; I Esdras 8:48). As variantes do nome desse homem são Asebia e Asebias.
7. Um sacerdote que ficou encarregado dos tesouros do templo de Jerusalém, que foram trazidos para esta cidade, terminado o cativeiro babilônico (Esd. 8:24; I Esdras 8:54). Uma variação desse nome é Assanias.

HASABNÁ — HASMONEANOS

8. Um chefe que ajudou a reparar as muralhas de Jerusalém, depois do cativeiro babilônico, e que governava metade do distrito de Queila (Nee. 3:17). Ele também assinou o pacto com Neemias (Nee. 10:11; 12:24).

9. Um sacerdote da época do reinado de Jeoiaquim, que serviu como sumo sacerdote. Ele foi cabeça de um clã de Hilquias (Nee. 12:21). O trecho de Esd. 10:25 traz a variante Malquias, mas a Septuaginta diz Asabia, o que concorda com o trecho de I Esdras 9:26, onde o grego diz *Asibias*.

HASABNÁ

Provavelmente, essa é uma forma variante de Hasabias (vide). Era o nome de um chefe do povo, que selou o pacto com Neemias, terminado o cativeiro babilônico (ver Nee. 10:25).

HASABNÉIAS

No hebraico, «pensamento de Yahweh» ou «Yahweh considera». Esse é o nome de duas personagens do Antigo Testamento:

1. O pai de Hatus, que ajudou a reparar as muralhas de Jerusalém, após o cativeiro babilônico (Nee. 3:10). Viveu por volta de 445 A.C.

2. Um levita que ajudou na questão do grande jejum, efetuado sob a liderança de Esdras e Neemias, quando o pacto foi selado e votos foram renovados, para o novo começo da nação de Israel, após o cativeiro babilônico (Nee. 9:5). Ele viveu por volta de 410 A.C. Tem sido identificado com o mesmo Hasabias de Esd. 8:19,24 e de Nee. 10:11; 11:22; 12:34.

HASADIAS

No hebraico, «Yahweh ama». Esse foi o nome de um descendente da linha real de Judá. Aparentemente, ele era um dos filhos de Zorobabel (I Crô. 3:20). Parece haver nascido depois que o povo judeu voltou do cativeiro babilônico, em cerca de 536 A.C.

HASBADANA

No hebraico, «inteligência para julgar». Ele era um líder do povo, que ajudou na leitura da lei aos ouvidos do povo que retornara do cativeiro babilônico (Nee. 8:4). Ele viveu por volta de 410 A.C. Provavelmente, ele foi um levita, conforme se pode depreender do trabalho que lhe foi dado para fazer. O trecho paralelo de I Esdras 9:44 tem a forma Nabarias.

HASE, KARL AUGUST VON

Suas datas foram 1800—1890. Foi um teólogo alemão, nascido em Steinbach, na Saxônia. Serviu como professor particular em Tubingen e em Leipzig. Foi professor de história eclesiástica em Jena. Foi um notável pensador e teólogo, e também um escritor prolífico. Tornou-se conhecido por seu elevado idealismo, pela sua cultura muito abrangente, e pela universalidade de seus interesses. Em suas obras escritas, exibiu um excelente talento artístico, e não meramente erudição. Quanto às suas idéias, foi influenciado pelos escritos de Shelling e de Schleiermacher (ver os artigos sobre eles), mantendo uma posição que ficava a meia distância entre o liberalismo racionalista e a ortodoxia. Ele reinterpretou o luteranismo, no século XVII, através do idealismo alemão. Dava grande valor ao aspecto estético da

religião. Todavia, envolveu-se em vários conflitos políticos e eclesiásticos, incluindo aquele contra o ultramontanismo da Igreja Católica Romana. Ver sobre o *Ultramontanismo*. Também fez muitas viagens a Roma, onde exercia influência. Por causa de seu envolvimento na política, foi aprisionado por um período de dois anos. Uma parte de seus escritos envolvia a história eclesiástica. Ele tornou-se conhecido pela elevada qualidade de seus esboços biográficos. A totalidade de seus escritos foi publicada em uma coleção de doze volumes; no entanto, houve ali uma seleção de material, incorporando apenas metade de suas produções totais escritas, embora bem representativas.

HASIDIM

Ver o artigo sobre o *Assidismo*.

HASMONA

No hebraico, «gordura». Esse era o nome de um dos locais de descanso, onde os israelitas acamparam durante suas vagueações pelo deserto, após terem saído do Egito. A próxima parada deles foi Moserote (Núm. 33:30), que ficava nas proximidades do monte Hor (comparar Deu. 10:6 com Núm. 33:30). Em Deu. 10:6, esse lugar é chamado Moserá (vide).

HASMONEANOS (MACABEUS)

Esboço:

- I. Caracterização Geral
- II. Gráfico da Família dos Hasmoneanos
- III. Descrições dos Diversos Reis-Sacerdotes
- IV. Intervenção Romana
- V. Significado do Período dos Hasmoneanos (Macabeus)

I. Caracterização Geral

A família judaica chamada Hasmom distinguiu-se na história do povo judeu. — Ela tornou-se proeminente, particularmente, em 167 A.C., quando foi o instrumento da restauração da independência de Israel, ao derrotar os governantes sírios, que a dominavam. Ver sobre *Seleuco* e *Antíoco*. O termo *Hasmom* parece ter-se derivado de Chasmom, que foi o bisavô de Matatias, um proeminente membro da família. Ver o gráfico, que demonstra a ascendência dessa família, em sua segunda seção. Essa família também era conhecida como os Macabeus. Porém, é mais acertado dizer que os Macabeus eram uma parte da família Hasmom. Macabeus é um nome que se derivava de Judas, que também atendia pelo sobrenome de Macabeu. Há incerteza sobre os significados de ambos esses nomes. Alguns eruditos supõem que o hebraico por detrás de Macabeus vem das letras iniciais da frase, em hebraico, que se encontra em Êxodo 15:11: «O Senhor, quem é como tu entre os deuses?» Diz-se que essa sentença estava escrita sobre as bandeiras daqueles patriotas. Mas provavelmente, o termo Macabeus simplesmente deriva-se do vocábulo hebraico que significa «martelo», isto é, *makkabah*, com pequena variação. Nomes próprios modernos também se têm derivado do martelo, por ser esse um instrumento muito útil de trabalho em todos os tempos. Assim, em inglês, *Hammer* («martelo», em português), é um nome próprio. E outro tanto se dá com o nome próprio *Martel*, derivado de uma raiz latina com esse mesmo sentido.

Matatias, um sacerdote judeu de profundo patriotismo e de grande coragem, ficou furioso diante

HASMONEANOS

da tentativa de Antíoco IV Epifânio (vide) de destruir os judeus e a fé religiosa e as instituições judaicas. Reuniu então um exército de judeus leais, que compartilhavam de seus sentimentos, e instigou uma revolta contra os governantes sírios. Matatias tinha cinco heróicos e corajosos irmãos, cujos nomes eram Judas, Jônatas, Simão, João e Eleazar. Quando Matatias faleceu, em 166 A.C., o herdeiro da causa foi seu irmão, Judas, um guerreiro de considerável gênio militar. Ele ganhou muitas batalhas, contra adversários incrivelmente mais poderosos e, em 165 A.C., reconquistou Jerusalém e purificou e rededicou o templo, o que foi a origem da festa da Dedicção. Ver sobre *Festas (Festividades) Judaicas*. Judas enfeixou em si mesmo a autoridade civil e a autoridade religiosa, dessa forma, estabeleceu a linhagem hasmoneana dos governantes sacerdotes, os quais, durante os cem anos seguintes, haveriam de governar uma Judéia independente. Os Macabeus

envolvidos no governo desse período foram Matatias (167 — 166 A.C.), Judas (166 — 161 A.C.), Jônatas (161 — 144 A.C.), Simão (144 — 135 A.C.), João Hircano (135 — 106 A.C.; este filho de Jônatas). Em seguida, vieram Aristóbulo e seus filhos (106 — 63 A.C.), os quais já representavam uma degeneração da família e de seu governo.

De conformidade com alguns estudiosos, a dinastia hasmoneana começou com Simão, irmão de Judas Macabeu, que se tornou rei em 142 A.C. Essa dinastia terminou com *Antígono*, que foi executado por Marco Antônio, em 37 A.C. Herodes, o Grande, um idumeu, tornou-se rei após Antígono, tendo fortalecido suas reivindicações ao trono da Judéia ao casar-se com Mariamme, a última das princesas hasmoneanas.

Os livros apócrifos (chamados «deuterocanônicos», pela Igreja Católica Romana) dos *Macabeus* contam a história com pormenores. Ver os artigos *Livros Apócrifos* e *Macabeus, Livros dos*.

II. A FAMÍLIA DOS HASMONEANOS (MACABEUS)

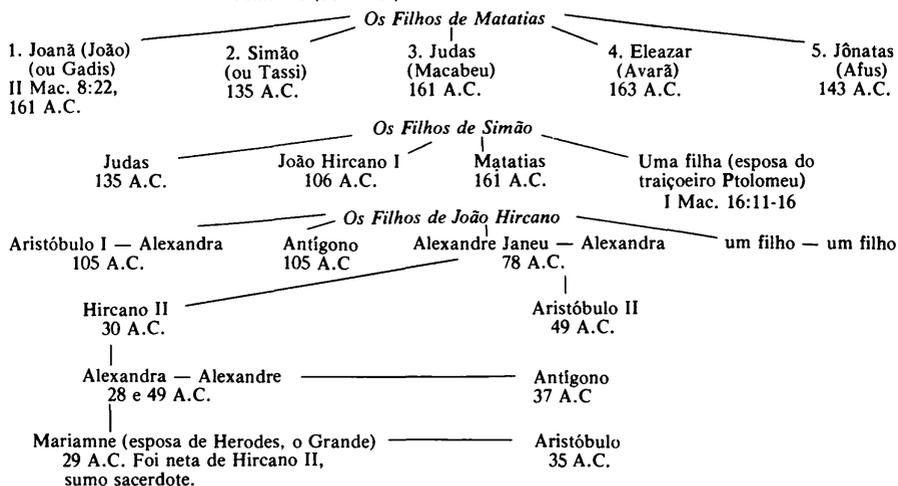
N.B. Alguns eruditos acham que *Hasmom* se derivou da cidade *Hesmom* (vide), presumivelmente o lar original da família.

Casmom. Mui provavelmente, era o nome de família de onde se derivava o nome *Hasmom*. Ver I Crô. 24:7, sobre *filhos de Jeoiaribe*. O trecho de I Macabeus 2:1 diz que Matatias descendia dos «filhos de Jeoiaribe».

Joanã (no grego, *Ioannes*; no português, *João*)

Simeão

Matatias (167 A.C.)



Herodes, o Grande

Governou por delegação romana. Quando Pompeu conquistou a Palestina, isso pôs fim ao governo dinástico dos Macabeus.

HASMONEANOS

III. Descrições dos Diversos Reis-Sacerdotes

1. Matatias. Ele foi um sacerdote do turno de Jeoiaribe, o primeiro dos vinte e quatro turnos sacerdotais (I Crô. 24:7; I Macabeus 2:1). Viveu na época dos esforços helenizadores dos governantes selêucidas, da Síria, que dominavam a Judéia, mas recusou-se a oferecer os sacrifícios pagãos determinados pelo monarca selêucida. Ver o artigo separado sobre *Antíoco IV Epifânio*. Em seu zelo para interromper o processo helenizador, Matatias tirou a vida de um judeu que estava prestes a oferecer um sacrifício pagão. Ato contínuo, convocou outros judeus a acompanhá-lo na revolta. Fugiu com seus filhos e então veio reunir-se a ele um considerável número de patriotas judeus. Já era homem idoso quando isso começou e, por isso mesmo, não demorou muito a falecer (166 A.C.), e foi sepultado no túmulo de seu pai, em Modim.

2. Judas. Antes de morrer, Matatias nomeou-o líder da revolta (ver I Macabeus 2:66). Judas foi apelidado de Macabeu e, por causa dessa circunstância, os hasmoneanos também começaram a ser chamados de os Macabeus. Os rebeldes passaram a residir na região montanhosa em torno da Judéia, e foi dali que desfecharam a sua guerra de guerrilhas (II Macabeus 8:6,7). Ele conseguiu algumas grandes batalhas campais, tendo derrotado Apolônio (I Macabeus 3:10-12) e Serom (vs. 13,24), em Bete-Horom. Durante esse período, Antíoco esteve ocupado com grandes guerras, contra os partos, não podendo atender às questões que estavam ocorrendo na Palestina. Portanto, deixou o governo da Palestina nas mãos de Lísias. Porém, Judas foi capaz de derrotar as forças desse homem, em Emaús, em 166 A.C. (I Macabeus 3:46-53). No ano seguinte, as forças de Lísias, estando ele presente, foram derrotadas em Bete-Sura. Em vista disso, Judas foi capaz de ocupar Jerusalém, excetuando apenas a torre (I Macabeus 6:18,19). Exatamente três anos após a profanação do templo, no dia 25 de Quisleu (I Macabeus 6:18,19), Judas purificou e rededicou o templo. Desde então, essa data marca a celebração da Festa da Dedicção. Ver João 10:22. Em 165 A.C., Lísias foi forçado a estabelecer a paz, anulando o abominável decreto que tentara pagarizar e helenizar aos judeus, baixado em 167 A.C.

Uma grande vitória fora conseguida, mas nem por isso veio a paz. Continuaram as guerras com nações fronteiriças (I Macabeus 5). Em 163 A.C., Lísias tentou fazer a sorte virar a seu favor, atacando Jerusalém. Antíoco Epifânio faleceu em 164 ou 163 A.C., e Demétrio I Soter tomou o seu lugar. Muitos judeus chegaram a dar-lhe apoio, porquanto era descendente de Aarão; porém, acabou cometendo vários atos ultrajantes. Judas castigou aos desertores. Seguiram-se muitas batalhas, quando os sírios, novamente, invadiram a terra. Os sírios foram derrotados em Adasa, mas o exército judeu ficou grandemente debilitado, e dispersou-se. O próprio Judas acabou sendo morto em batalha, em Elasa, no ano de 161 A.C. Seu corpo foi sepultado em Modim, no sepulcro de seus antepassados.

3. Jônatas. Esse foi o mais jovem dos filhos de Matatias. Ele precisou reorganizar os remanescentes do exército judeu. Retirou-se então para as terras baixas do Jordão (ver I Macabeus 9:22), onde obteve algumas vitórias militares sobre Baquides (161 A.C.). A sorte da guerra bafejava ora um ora outro dos lados contendores, e as matanças eram ferozes. Finalmente, porém, Jônatas conseguiu prevalecer. Dessa maneira, chegou a ser o governante da Judéia; e aqueles que também competiam, como rivais do trono selêucida,

queriam obter o seu apoio. Um desses governantes nomeou Jônatas sumo sacerdote, em 153 A.C., e governador civil e militar, em 150 A.C. Ver I Macabeus 10:21 ss. A Judéia ainda estava longe de estar livre, e Jônatas sentiu ser necessário aliar-se a Antíoco VI, a fim de conservar o seu poder. Mas, tendo vivido pela espada, acabou morrendo à espada, tendo sido vitimado pelo traçoireiro Trifom, que se fingia seu aliado, em 144 A.C. Ver I Macabeus 11.8 — 12:4.

4. Simão. Ele era o último dos cinco filhos de Matatias, que ainda continuava vivo. Já havia mostrado que era um guerreiro habilidoso (ver I Macabeus 5.17-23), tendo participado em campanhas militares encabeçadas por Jônatas (I Macabeus 11.59). Trifom, após ter exibido Jônatas como prisioneiro, acabou por executá-lo. Também assassinou a Antíoco IV e dessa maneira, passou a governar a Síria. Porém, a própria Síria estava dividida em dois partidos: o partido de Demétrio II opunha-se ao partido de Trifom. Ele foi o primeiro rei sírio (selêucida) que não devia a sua autoridade a Seleuco, general de Alexandre, o Grande, que fundara a dinastia. Simão, jogando de forma política e ameaçando com forças militares, deu seu apoio a Demétrio, como o rei sírio legítimo, e simplesmente ignorou Trifom. Houve um reconhecimento recíproco, por parte de Demétrio, porquanto este permitiu que Simão permanecesse em paz e governasse a Judéia, isento de impostos estrangeiros, de tal maneira que, em um sentido bem verdadeiro, «foi tirado o jugo dos pagãos» (I Macabeus 13:41). A Judéia foi engrandecida, mas os demais territórios de Israel sofreram. Entretanto, Simão conquistou várias outras cidades do território de Israel, como Jopa, Bete-Zur e Gaza.

Houve a questão da legitimidade do sacerdócio hasmoneano. Os hasidim, ou «piedosos» (vide), eram então reconhecidos como os legítimos herdeiros do sacerdócio aarônico. Porém, a família de Onias havia desertado para o Egito, em meio à revolta dos Macabeus; e isso foi interpretado como sinal de que eles haviam perdido o direito ao sacerdócio. Por esse motivo, o sacerdócio tornou-se hereditário na família de Simão.

Grandes foram as realizações de Simão, e a paz veio a estabelecer-se. No entanto, tendo vivido às custas da espada, acabou morrendo à espada. Juntamente com dois de seus filhos, foi assassinado em Doque por Ptolomeu, em 135 A.C. (I Macabeus 16.11-16). Esse ato tornou-se ainda mais atroz devido ao fato de que Ptolomeu era marido de uma das filhas de Simão.

5. João Hircano. Ele assumiu o ofício de rei-sacerdote, após a morte de seu pai, Simão, em 135 A.C. As batalhas prosseguiram. Antíoco Sidetes o oprimia; e ele só foi capaz de manter a sua autoridade agradando aos sírios, o que fez desmantelando as fortificações de Jerusalém e pagando tributo, o que ocorreu em 133 A.C. Porém, os selêucidas declararam guerra contra outros, e João Hircano aproveitou-se disso para fortalecer a sua própria posição. Ele conquistou a Iduméia (Josefo, *Anti.* 13.9, seção 1), e estabeleceu uma aliança com os romanos. Também derrotou Samaria, a odiada rival de Jerusalém, em cerca de 109 A.C. Todavia, internamente, a corrupção estava aumentando, e as divisões partidárias entre os próprios judeus maculavam o seu governo, conforme nos é dito por Josefo (ver *Anti.* 12.10,5,6). Acordos com a Síria, que envolviam transigências, consolidaram, entretanto, o seu poder. Ele precisou perder algumas cidades costeiras para os sírios. Mas conseguiu reter Jafa como seu porto de

HASMONEANOS

mar. Os sírios, como sua parte na barganha, prometeram deixar Judá em paz, abandonando, definitivamente, os seus planos de helenização da Judéia. Portanto, essa ameaça helenizadora cessou; mas os romanos não estavam distantes, preparados para intervir a qualquer instante.

Durante o tempo de Hircano, os partidos políticos se realinharam. Os *hasidim* (vide) vieram a tornar-se os fariseus, os «separatistas», conforme o nome deles o indica. Parece que os essênios originaram-se nesse período. Os fariseus e os essênios continuaram pondo em vigor os ideais e as normas dos *hasidim*. Naquele tempo, surgiram e desenvolveram-se, igualmente, os saduceus. Em um certo sentido, foram os saduceus que vieram a substituir os helenizadores, que tinham sido expelidos. Os saduceus afirmavam-se descendentes do sacerdote Sadoque (vide). Eles acabaram se tornando uma seita aristocrática; e, nos tempos de Jesus, formavam a seita judaica de maior poder. João Hircano, que começou favorecendo os fariseus, acabou favorecendo aos saduceus, impelidos por tendências mais seculares e pró-helenistas.

João Hircano garantiu a unidade do Estado hasmoneano; mas Roma, dentro de bem pouco tempo, haveria de torná-lo uma coisa inteiramente inútil. Embora João Hircano também tivesse vivido pela espada, foi o único dos hasmoneanos, mencionados até este ponto da exposição, a ter tido uma morte natural (104 A. C.). Governou de modo supremo por cerca de trinta anos.

6. Aristóbulo. Ele era um dos filhos de João Hircano. Só conseguiu subir ao poder entrando em luta competitiva com os outros quatro filhos de João Hircano. Atingindo o mando, lançou na prisão sua própria mãe e três de seus irmãos. Os historiadores acreditam que dois desses irmãos, e sua mãe, morreram de inanição, no cárcere. Antígono, um outro seu irmão, foi assassinado no palácio. Isso posto, a linhagem hasmoneana caiu em total decadência moral. Aristóbulo expandiu o território que herdou de seu pai. Reinou apenas por um ano; mas nesse breve período, ele conquistou a Galiléia judaizada e anexou a área perto das montanhas do Líbano. Ele é considerado alguém que dava pouco valor à Grécia e ao que vinha da cultura grega. Os fariseus lutavam contra ele. Sua morte prematura foi provocada por alcoolismo, enfermidades, temor de rebeliões e, segundo alguns têm afirmado, remorso pelo que praticou contra a sua própria mãe. Contudo, Aristóbulo foi o primeiro dos hasmoneanos a declarar-se *rei* e a usar esse título, ainda que, na realidade, outros membros da família tivessem sido tais. E tal uso continuou, até que os romanos puseram fim à dinastia.

7. Alexandre Janeu. Salomé Alexandra, a viúva de Aristóbulo, tirou da prisão a Alexandre (irmão mais jovem de Aristóbulo), casou-se com ele e elevou-o ao trono. Logo reventaram guerras contra o Egito, com batalhas ganhas e perdidas, como é usual. Foi capaz, esse rei, de ampliar os seus territórios, que chegaram a tornar-se mais ou menos equivalentes aos territórios governados por Davi e Salomão, pois incorporava a Palestina inteira e mais áreas adjacentes desde as fronteiras com o Egito até o lago Hulé, isto é, de sul a norte. A Peréia e a Transjordânia foram incluídas, além de muitas cidades filistéias, excetuando Ascalom. Ele também obteve um bom poder marítimo, e o comércio da Judéia intensificou-se. Territórios que desde há muito tinham estado sob o poder pagão, agora estavam sendo judaizados, incluindo Edom e a Galiléia. Somente a Samaria resistia a esse movimento. Os fariseus, entretanto, opunham-se às atitudes

universalistas de Alexandre Janeu. Por esse motivo, ele precisou usar mercenários estrangeiros a fim de manter os fariseus sob seu controle. E aliou-se aos saduceus, no esforço de consolidar o seu poder, visto que não era apreciado pelas massas populares.

Alexandre Janeu não foi grande diplomata. Durante a festa dos Tabernáculos, ao officiar no templo de Jerusalém, como *rei-sacerdote*, somente para zombar dos estritos e piedosos fariseus, em vez de derramar a libação sobre o altar, conforme a lei requeria, derramou-a sobre os seus próprios pés. Isso provocou um levante, que começou no interior do próprio templo, e Janeu só conseguiu escapar com vida por um golpe de sorte. Soldados tiveram de socorrê-lo, e seis mil pessoas perderam a vida, conforme Josefo nos informa. Ver *Anti.* 13.13.5.

Esse ato provocador de Janeu, juntamente com seu comportamento em geral, atizou uma guerra civil que se prolongou por seis anos. Os fariseus alistaram a ajuda de Demétrio III, rei da Síria. Eles forçaram Alexandre a ocultar-se nas colinas da Judéia. Porém, os fariseus exageraram e foram além do que era devido, porquanto agora as odiadas tropas sírias estavam acampadas no território judeu. Por causa dessa circunstância, seis mil fariseus bandearam-se para o partido de Alexandre Janeu. Isso produziu o estranho resultado de que ele reconquistou a sua autoridade, e os sírios abandonaram o país. Janeu, arrogante como era, perseguiu àqueles que haviam instigado a revolta, e mandou executá-los. Oitocentos fariseus foram crucificados, na presença dos convidados a um grande banquete, que Janeu havia preparado para celebrar a sua vitória. Assim, Janeu tornou-se um tirano da pior espécie. Os saduceus, agora, é que mandavam. Há uma tradição que sugere que ele se arrependeu em seu leito de morte, tendo chegado a ver as coisas sob uma melhor luz. Por causa disso, presumivelmente, ele instruiu sua esposa, Alexandra, a livrar-se de seus conselheiros saduceus, reinando com a ajuda dos fariseus. Alexandre Janeu faleceu em 78 A. C.

8. Alexandra. Salomé Alexandra fora, sucessivamente, viúva de Aristóbulo e de Alexandre Janeu. Ela estava perto dos setenta anos de idade, quando lhe coube ocupar o poder. Reinou durante sete anos. Ela nomeou seu filho mais velho, Hircano II, para ser o sumo sacerdote. E o irmão dele, Aristóbulo II, tornou-se o comandante militar. O irmão de Salomé, Simão ben Setaque, era elemento ativo do partido dos fariseus, tendo-se tornado um grande líder nessa ocupação. Por causa dele, além de outros fatores, os fariseus tornaram-se elementos influentes nos campos da educação, da religião e da política. O Sinédrio, pois, requereu que todos os jovens judeus do sexo masculino recebessem alguma educação formal. Essa educação girava, primariamente, em torno da Tora, a lei mosaica. Assim, foi-se desenvolvendo um sistema abrangente de educação elementar em Israel.

Todavia, os conflitos entre os fariseus e os saduceus não terminaram. Os fariseus vingaram-se do massacre de seus líderes, por ordens de Alexandre Janeu. Os saduceus, por sua vez, solicitaram a ajuda de Aristóbulo II, o filho caçula de Janeu e Alexandra.

9. Hircano II. Já tendo sido sumo sacerdote, por ocasião da morte de Alexandra, Hircano II tornou-se rei. No entanto, logo em seguida precisou enfrentar o desafio constituído por Aristóbulo II e seus aliados saduceus. Aristóbulo obteve uma grande vitória em Jericó; e então marchou contra Jerusalém. Hircano II e os fariseus não tinham meios de resistir a essa força armada, e Aristóbulo II ocupou o poder. E Hircano

II acabou declarando que, afinal de contas, nunca quisera reinar em Israel.

10. Aristóbulo II. Aristóbulo II era agora o rei. Mas ele e Hircano II não mais viam qualquer razão pela qual eles não pudessem ser bons amigos. O filho mais velho de Aristóbulo, também chamado Alexandre, casou-se com a filha única de Hircano, a qual também se chamava Alexandra. Porém, embora aqueles dois irmãos tivessem jurado uma eterna amizade, não demorou muito para os conflitos explodirem. E assim, Hircano precisou fugir para o rei Aretas, rei dos árabes nabateus. Antípater, idumeu de nascimento, pai de Herodes, o Grande, tirou vantagem da confusão a fim de apossar-se do poder político na Judéia. Prometeu a Hircano que o restauraria ao seu trono. O ataque de Antípater apanhou Aristóbulo de surpresa, do que resultou uma prolongada batalha em torno de Jerusalém.

IV. Intervenção Romana

As lutas entre Aristóbulo II e Hircano II deram aos romanos a justificativa de que eles precisavam para invadir a Palestina. Após várias vicissitudes, Jerusalém foi capturada por Pompeu, general romano, em 63 A.C. Ele fez Hircano II voltar a sentar-se no trono, embora um monarca delegado e controlado pelos romanos. A Judéia tornou-se sujeita à província romana da Síria. Aristóbulo, com seus dois filhos, Alexandre e Antígono (além de duas filhas), foram levados cativos para Roma. Antígono foi executado em 37 A.C. Antes disso, porém, como súditos de Pompeu, os hasmoneanos continuaram a governar. Porém, a invasão romana, encabeçada por Pompeu, para todos os efeitos práticos, havia posto fim à dinastia dos hasmoneanos. A execução de Antígono foi o ponto final formal dessa dinastia.

V. Significado do Período dos Hasmoneanos (Macabeus)

Há várias coisas que se destacam, com base no período do governo dos hasmoneanos, a saber:

1. O amor dos judeus à liberdade, e seu ódio pela dominação ou mesmo intrusão estrangeira.
2. O desejo dos judeus de preservarem sua antiga fé, mesmo contra forças imensamente superiores, de países estrangeiros.
3. O trecho de Daniel 11:34 indica que a revolta dos Macabeus foi apenas uma *pequena ajuda* ao povo de Deus. Finalmente, a continuação da história fez com que os cem anos de dominação dos Macabeus, fosse apenas uma nota de rodapé na história geral da Palestina.
4. O desenvolvimento das principais seitas judaicas, como os fariseus, os saduceus e os essênios (ver os artigos a respeito), ocorreu através das lutas e vicissitudes desse período.
5. Uma mudança (para pior, pois instalou-se a corrupção) nos antigos costumes sacerdotais, visto que os Macabeus, embora de uma linhagem sacerdotal, não pertenciam à linhagem sumo sacerdotal de Aarão.
6. Muito antes do fim daqueles cem anos de governo, os hasmoneanos já haviam caído em várias corrupções comuns, como a tirania, a contaminação religiosa, etc., que sempre se instalam quando a política torna-se o interesse principal. Na verdade, quando os romanos se apossaram da Palestina, o país nada perdeu com isso.
7. Os Macabeus estabeleceram o padrão e o ideal para o nacionalismo judaico, como também para a luta pela independência política e religiosa. Nesse contexto, pois, desenvolveu-se o conceito messiânico, o que é refletido em várias das obras pseudépígrafas

de antes do período neotestamentário. Também não se pode duvidar que as revoltas político-militares dos anos 70 e 132 D.C., foram inspiradas pelo exemplo dado pelos Macabeus. A Igreja cristã, por sua vez, nasceu dentro desse tempo de confusão e conflitos. O partido dos zelotes preservava o ideal dos Macabeus. Não obstante, a Igreja cristã introduziu um novo e universal ideal, o qual, pelo menos durante algum tempo, soube separar um do outro, os ideais políticos e religiosos, visto que a Igreja não representava alguma nação isolada, mas visava o benefício de todas as nações, extraindo seus membros de todas as nações. (AM FOE ND RU S TC Z)

HASELÁ, AÇUDE DE

No hebraico, «poço do aqueduto». Há várias opiniões a respeito de sua identificação. Era um reservatório próximo da Porta da Fonte (Nee. 3:15). Alguns estudiosos opinam que é a mesma coisa que o «açude do rei» (Nee. 2:14); outros pensam no «açude inferior» (Isa. 22:9). Apesar de que muitos o identificam com o Poço de Silóé, o mais provável é que se trata de um reservatório separado, que fazia parte do complexo sistema de fornecimento de água de Jerusalém, alimentado pela fonte de Giom (ver II Crô. 32:30).

HASENÁÁ

No hebraico, «espinhoso». Esse era o nome do chefe de um clã cujos membros reconstruíram a Porta do Peixe, que havia nas muralhas de Jerusalém, terminado o exílio babilônico. Ver Nee. 3:3. Esse clã pertencia à tribo de Benjamim. Ver I Crô. 9:7. Talvez o nome Senaá seja o mesmo que Hasenaá. Ver Esd. 2:35 e Nee. 7:38. Ver o artigo sobre *Senaá*.

HASSIDEANOS

Ver sobre os *Assídeanos*.

HASSUBE

No hebraico, «inteligente», «cheio de consideração». Com grafias variantes, pessoas com esse nome são mencionadas em I Crô. 9:14 e Nee. 3:11,23. Alguns estudiosos pensam que devemos pensar em mulheres, com nomes quase idênticos. Ajudaram a reconstruir as muralhas de Jerusalém, após o cativeiro babilônico, sem importar se eram homens ou mulheres.

Um desses dois assinou o pacto com Esdras, comprometendo-se a dar apoio às antigas tradições judaicas (Nee. 10:23).

Também houve o chefe de um clã de Merari, da tribo de Levi. Era pai de um homem chamado Semaías, que se estabeleceu em Jerusalém, depois do cativeiro babilônico (I Crô. 9:14 e Nee. 11:15).

HASUBÁ

No hebraico, «consideração». Nome de um dos filhos de Zorobabel (I Crô. 3:20).

HASUFA

No hebraico, «consideração». Nome de um dos clãs que fazia parte dos netinins ou servos do templo, que retornaram do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel (Esd. 2:43). Isso aconteceu em cerca de 536 A.C. Em Jerusalém, serviam no templo.

••• ••• •••

HASUM — HAUCK

HASUM

No hebraico, «rico», «distinto». Esse é o nome de dois homens, que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. Nome de um dos príncipes dos levitas, que estava presente quando Esdras leu a lei diante do povo, terminado o exílio na Babilônia. Ver Nee. 10:18. Ele viveu por volta de 536 A.C.

2. Os filhos de Hasum, totalizando duzentos e vinte e três, retornaram a Jerusalém em companhia de Zorobabel, após o cativeiro babilônico (Esd. 2:19 e Nee. 7:22). Sete deles tinham-se casado com mulheres estrangeiras, e foram obrigados a divorciarem-se delas (Esd. 10:33). O chefe desse clã assinou o pacto com Neemias (Nee. 10:18). Isso aconteceu por volta de 536 A.C.

HATA

No hebraico, «veracidade». Esse era o nome de um eunuco que vivia no palácio de Xerxes (Assuero), e que servia a Ester. Foi através dele que Ester ficou sabendo do plano de Hamã para matar Mordecai e destruir os judeus (ver Est. 4:5,6,9,10). Ele viveu por volta de 478 A.C.

HATATE

No hebraico, «terror». Ele era filho de Otniel, e neto de Quenaz, da tribo de Judá. Seu nome aparece somente em I Crô. 4:13. Isso faz dele neto-sobrinho de Calebe (I Crô. 4:13 deve ser comparado com Juí. 1:13). Ele viveu por volta de 1170 A.C.

HATCH, EDWIN

Suas datas foram 1835—1889. Teólogo e historiador inglês, cuja obra sobre a história da Igreja primitiva chamou muita atenção. Suas obras mais importantes foram (títulos em inglês): *The Organization of the Early Christian Churches* e *The Influence of Greek Ideas and Usages upon the Christian Church*. A última dessas duas obras foi publicada postumamente. Sua tese é deveras interessante. Ele supunha que o pensamento grego deixara uma desastrosa herança para a Igreja cristã. Ele concebia a Igreja primitiva como uma organização simples, que salientava os valores e as práticas morais, sem se preocupar com questões metafísicas. Mas o elemento grego, segundo ele presumia, fez a Igreja enfatizar as questões metafísicas e o dogma, em lugar da prática, o que foi um erro sério, na opinião desse escritor. Todavia, essa idéia é fraca, porquanto se olvida do fato de que o judaísmo transmitiu um enorme peso de dogma, que os cristãos primitivos, naturalmente, tomaram por empréstimo. Quanto a essa questão do dogma, os antigos cristãos não precisavam da ajuda dos gregos, visto que já contavam com esse elemento, proveniente do judaísmo. Apesar disso, o trabalho de Hatch trouxe à tona muito material útil. Na opinião deste autor, algumas definições gregas foram muito úteis ao cristianismo primitivo. O pensamento dos gregos sobre a alma ultrapassava a qualquer coisa que o judaísmo jamais ensinou; e a metafísica de Platão serviu de um meio benéfico de se entender certos aspectos da metafísica, úteis para o pensamento cristão.

HATHA YOGA

Esse é o nome de um dos quatro tipos de ioga, que salienta a disciplina do corpo como um meio de

liberação. Ver o artigo geral sobre a *Yoga*, quinto ponto.

HATIFA

No hebraico, «ladrão». Ele era chefe de um clã que fazia parte dos netinins ou servos do templo, os quais retornaram do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel (Esd. 2:54; Nee. 7:56), em cerca de 536 A.C.

HATIL

No hebraico, «ondeado». Esse era o nome de um homem, chefe de um clã (e, portanto, do próprio clã), alguns dos quais retornaram com Zorobabel do cativeiro babilônico (Esd. 2:57; Nee. 7:59), em cerca de 536 A.C. Eles descendiam dos servos de Salomão. O trecho de I Esdras 5:34 dá o nome desse clã como *Hagia*.

HATITA

No hebraico, «exploração». Nome do chefe de um clã (e, portanto, nome do próprio clã), cujos descendentes retornaram do cativeiro babilônico no tempo de Zorobabel (Esd. 2:42; Nee. 7:45). Eles serviam como porteiros dos portões da cidade. Eles viveram por volta de 536 A.C.

HATOR

Essa é a transliteração de uma palavra egípcia que indica a deusa-vaca do antigo Alto Egito. Havia entre os egípcios a estranha doutrina de uma deusa-vaca do céu, que deu nascimento ao sol. O céu era imaginado como uma vaca gigantesca, cujas pernas firmavam-se sobre os quatro cantos da terra, os quais, por sua vez, eram sustentados por outros deuses. Era apenas natural que os homens, devido às suas tendências idólatras, tivessem inventado várias formas de adoração ao touro e à vaca, visto que esses animais eram e continuam sendo vitais à agricultura, além de servir para os sistemas de sacrifícios religiosos. Ver os artigos separados sobre *Apis* e sobre *Boi Selvagem*.

HATUS

Alguns estudiosos pensam que esse nome significa «contencioso». Outros opinam que o sentido desse nome é desconhecido. Esse foi o nome de três pessoas que figuram nas páginas do Antigo Testamento.

1. Um descendente do rei Davi, que retornou em companhia de Esdras, do cativeiro babilônico (I Crô. 3:22; Esd. 8:2; I Esdras 8:29). Há variantes desse nome, como Letus e Atus. Ele viveu por volta de 446 A.C.

2. Um filho de Hasabnéias, que ajudou a Neemias na reconstrução das muralhas de Jerusalém (Nee. 3:10), em cerca de 446 A.C.

3. Um homem que assinou o pacto da renovação dos costumes e da religião judaicos, juntamente com Neemias (Nee. 10:4; 12:2). Esse Hatus era sacerdote. Ele viveu por volta de 445 A.C. Alguns estudiosos identificam-no com um dos dois outros homens desse nome. Assim, essa lista pode aumentar até cinco pessoas, ou então pode ser limitada a somente três.

HAUCK, ALBERT

Suas datas foram 1845—1918. Ele foi um teólogo protestante alemão, além de ter sido historiador e

HAUGE — HAVILÁ

editor de uma enciclopédia, para a qual também contribuiu como autor. Ele ensinou história eclesiástica em Erlangen e em Leipzig. As suas pesquisas lançaram o alicerce de uma exploração sistemática das fontes informativas da história da Igreja alemã, durante a Idade Média. Ele contribuiu para uma melhor compreensão das tendências políticas que influíram sobre a história daquele período. Foi co-editor, juntamente com J.J. Herzog, do último volume da segunda edição da *Protestantische Realenzyklopadie*, e editor único da terceira edição dessa mesma obra.

HAUGE, HANS NIELSEN

Nasceu em 1771 e faleceu em 1824. Foi um pregador leigo norueguês, o qual promovia um cristianismo vivo, em contraste com as formas racionalistas e formais que prevaleciam em seus dias. O próprio pietismo havia assumido uma forma superficial. Hauge foi perseguido sob as leis convencionais; porém, seus escritos e sua pregação serviram de instrumento na revitalização de grandes segmentos da Igreja cristã, nos países escandinavos.

Hauge também contribuiu para a regeneração social da Noruega, por meio de seus interesses na promoção dos métodos científicos, aplicados à agricultura e à indústria.

HAURÁ

No hebraico, «oco» ou «terra negra de rocha basáltica». A referência específica é a um planalto vulcânico extinto, coalhado de câmoros, a leste do lago da Galiléia e ao sul de Damasco e do monte Hermom. Portanto, o nome aplica-se também à região geral que equivale, a grosso modo à Basã, referida no Antigo Testamento. A região tem cerca de cento e trinta quilômetros quadrados, com uma elevação de cerca de seiscentos metros. A região começou sendo chamada Basã, nos dias do Antigo Testamento, depois, Haurá; e, finalmente, Auranites, já no período greco-romano. Mas, em tempos modernos, começou a ser chamada outra vez pelo nome de Haurá. No Antigo Testamento, a palavra «Haurá» aparece somente em Ezequiel 47:16,18, que menciona a região como uma fronteira ideal (ou profética) da terra de Canaã. Esse nome encontra-se também em textos egípcios pertencentes à Dinastia XIX, bem como em antigas inscrições assírias.

Sabe-se, surpreendentemente, pouco sobre a história dessa região, até o século I A.C. Sabemos que os homens da tribo de Manassés estabeleceram-se nessa região; mas, em tempos posteriores, poucos israelitas podiam ser ali encontrados. Salomão impôs tributo à região; mas, raramente, Israel conseguiu controlá-la. — Essa área ficava essencialmente a leste do mar da Galiléia, embora também se estendesse para o norte e para o sul desse lago. Distava das margens do mesmo apenas entre sessenta e quatro e oitenta quilômetros; mas, nos tempos antigos, isso representava muito território hostil.

Alexandre Janeu (que foi um dos Macabeus; ver sobre os *Hasmoneanos*) obteve controle sobre o Haurá, mas os nabateus não cessavam de agitar as coisas ali. Herodes, o Grande, governou uma boa fatia dessa área; e quando faleceu, seu filho, Filipe, governou-a como uma tetrarquia distinta (ver Lucas 3:1), ainda que, na época, não fosse, realmente, uma área pertencente aos judeus. O imperador Calígula, após a morte de Filipe, deixou essa região nas mãos de Herodes Agripa II. Quando este morreu, o imperador

Trajano anexou-a à província romana da Síria. O cristianismo estabeleceu-se nessa região até cerca de 632 D.C., quando hordas islâmicas, provenientes da Arábia, conquistaram-na, o que fez a Igreja cristã desaparecer dali.

A região de Haurá era conhecida por sua atividade vulcânica e pela fertilidade de seu solo, o que fazia da mesma uma importante área agrícola. Ali se produzia cereal para Damasco e para a Palestina. Em nossos dias, a área é bastante estéril, sem qualquer árvore, de qualquer espécie. Ver o artigo separado sobre *Basã*.

HAUSTAFEL

Palavra alemã que significa «mesa doméstica». O termo é usado para designar qualquer código de moralidade doméstica. O historiador Weidinger, em seu livro, *Die Haustafeln* (1928), escreveu acerca de antigos códigos domésticos que existiam, lado a lado, com códigos públicos. Esses códigos surgiram com base em antigas práticas, codificadas, a princípio, apenas oralmente, mas que, ali e acolá, recebiam expressões escritas nas religiões antigas e nas obras filosóficas. A base do *haustafel* é o código de deveres que governa a vida doméstica, incluindo questões como deveres diante dos deuses, obrigações mútuas entre marido e mulher, membros da família, escravos, etc. Escritores que escreveram em grego, como Epicteto, Sêneca, Diógenes Lécio, Filo e o pseudo-Fociclides, reduziram tais deveres e costumes a declarações registradas por escrito. É provável que passagens bíblicas e extrabíblicas como Colossenses 3:18 — 4:1; Efésios 5:20 — 6:9; I Pedro 2:13 — 3:9; Tito 2:1-10 (no Novo Testamento), e também I Clemente 21.6-9; Barnabé 5.1,2; Policarpo 4.1 — 6.3 e Inácio a Policarpo 5.1,2 (entre os primeiros escritos cristãos) sejam reflexos desses antigos *haustafel* (especialmente no caso do estoicismo). Essas declarações, naturalmente, têm suas distintivas adições e adaptações cristãs. Uma das utilidades das pesquisas que têm sido feitas nesse campo é que lança luz sobre as origens da moralidade cristã, sobretudo naquilo que não está baseado sobre o Antigo Testamento.

HAVILÁ

No hebraico, «circular». — É nome de duas pessoas e de duas regiões geográficas, nas páginas do Antigo Testamento.

1. O segundo filho de Cuxe tinha esse nome, embora nada saibamos acerca dele, além de seu nome (Gên. 10:17 e I Crô. 1:9).

2. Um filho de Jotã, descendente de Sem (Gên. 10:29 e I Crô. 1:23), também era chamado assim. Esse nome veio a indicar clãs ou povos; e alguns estudiosos supõem que os homens de números «1» e «2» seriam ancestrais de clãs, e talvez nunca tivessem existido como indivíduos. Os nomes associados a eles indicam uma possível área de ocupação ao sul da Arábia e daí até o Babe el-Mandebe, na África. Também é possível que uma tribo mais forte tivesse absorvido uma tribo menor, do mesmo nome.

3. Uma região nas vizinhanças do Éden tinha esse nome. O rio Písom corria através desse território, e ali havia ouro, bdélio e a pedra de ônix (Gên. 2:11, 12). Não há como localizar essa área, visto que as descrições geográficas dadas na Bíblia, quanto ao presumível local do Éden, não se ajustam a quaisquer características geográficas atuais, naquela área em geral. Aqueles que aceitam que a narrativa é de

HAVOTE-JAIR — HAZAEL

natureza metafórica ou poética, em relação ao jardim do Éden, supõem que é inútil tentar identificar quaisquer localizações geográficas dentro do relato bíblico.

4. O nome de um distrito que, aparentemente, ficava ao norte de Sabá, na Arábia, localizado entre Ofir e Hazarmavete. Ismaelitas nômades (ver Gên. 25:18) habitavam na região. Os amalequitas (I Sam. 15:7) também estavam associados a essa região. Suas fronteiras parecem ter sido modificadas de tempos em tempos, embora a área ficasse na área geral da península do Sinai e na porção noroeste da Arábia. Saul guerreou ali, contra os amalequitas. Alguns estudiosos supõem que a Havilá referida em I Samuel 15:7, na verdade, seja uma palavra mal grafada, que deveria aparecer com a forma de *Havilá*, uma colina que havia naquela área (I Sam. 23:19; 26:1.3). A identificação dessa região com o jardim do Éden, parece ser fantasiosa. Seja como for, nenhuma localização exata de qualquer dos dois lugares, chamados na Bíblia de «Havilá», tem sido feita.

HAVOTE-JAIR

No hebraico, «cabanas de Jair». — Pertenciam aos árabes. Um grupo de cabanas tornava-se uma vila ou aldeia. Um distrito chamado por esse nome é mencionado em Núm. 32:41 e Deu. 3:14. Ficava do outro lado do rio Jordão, na terra de Gileade. Tornou-se possessão da meia-tribo de Manassés. Ver Jos. 13:30; I Crô. 2:22,23; I Reis 4:13; Juí. 10:4. Alguns estudiosos pensam que a área fazia parte de Basã, antigo território pertencente ao rei Ogue (Deu. 3:14). Jair figura como o conquistador de toda aquela região (Deu. 3:14; I Crô. 2:23 ss). Não há que duvidar que, com base nessa circunstância, a região, com suas cabanas, veio a ter o nome de Jair (Núm. 32:41). A passagem de Jos. 13:29,30 menciona sessenta localidades ocupadas, que devem ter sido minúsculos povoados. Em I Reis 4:13, essas localidades são mencionadas como parte do distrito de Ben-Geder. Ele era um dos homens do pessoal administrativo de Salomão, em Ramote-Gileade. Porém, não há certeza se a alusão a sessenta grandes cidades, com muralhas e ferrolhos de bronze, localizadas em Argobe (parte de Basã), tem qualquer alusão às originais aldeias de Jair. O trecho de I Crô. 2:22,23 menciona vinte e três cidades na terra de Gileade. Portanto, haveria dois grupos de sessenta aldeias, e um grupo de vinte e três aldeias, na terra de Gileade. Se há qualquer relação entre essas aldeias (se elas devem ser consideradas idênticas, ou não), continua sendo uma questão debatida entre os eruditos. Jair, gileadita, juiz em Israel, governou esse povo por vinte e dois anos. Seus trinta filhos montavam em trinta jumentos, e tinham trinta cidades de nome Havote-Jair. Entretanto, esse Jair é um homem diferente do Jair mencionado em Núm. 32:41, por causa de quem as aldeias originais da área receberam o nome.

HAZAEI

Esboço:

I. O Nome

II. Relação com os Reis de Israel e de Judá

III. A Entrevista com Eliseu

IV. Hazael Mata a Ben-Hadade

V. Hazael e as Guerras

VI. As Inscrições em Escrita Cuneiforme

I. O Nome

Hazael é um nome próprio hebraico que significa «El vê» ou «aquele a quem Deus contempla». O nome

divino hebraico, *El* aparece em combinação com outras palavras, em muitos nomes pessoais. *El* tem o significado básico de «forte», sendo utilizado em várias línguas semitas, e não meramente em hebraico. Ver o artigo geral sobre *Deus*, *Nomes Bíblicos de*. O nome *El* é discutido na terceira seção desse artigo.

O nome *Hazael* ocorre em inscrições cuneiformes assírias, onde aparece como um dos oponentes de Salmaneser III. Esses textos mostram-nos que os assírios sabiam que Hazael era um usurpador (tendo-o chamado de «filho de ninguém»), e que o seu antecessor fora eliminado à traição.

II. Relação com os Reis de Israel e de Judá

Hazael foi um dos mais poderosos reis da Síria, tendo-a governado de 843 a c. de 796 A.C. Foi contemporâneo de Jeorão, em seus últimos poucos anos de reinado, e então de Jeú e Jeoacaz, de Israel, e também de Jeorão, Acazias, Atalia e Joás, reis de Judá. Seu nome figura no Velho Testamento pela primeira vez em I Reis 19:15-17. Deus mandou Eliseu ungr Hazael como próximo rei da Síria. Isso foi feito no monte Horebe. Quando ocorreu a união, Hazael era um alto oficial da corte de Ben-Hadade II, rei da Síria (II Reis 8:7-9). O motivo desse encontro com Eliseu, foi que Hazael havia sido enviado ao profeta a fim de consultá-lo quanto às possibilidades de recuperação da saúde de Ben-Hadade.

III. A Entrevista com Eliseu

Eliseu já havia predito a sua ascensão ao trono da Síria, tendo-o ungrado para tal ofício (ver I Reis 19:15). O rei Ben-Hadade adoeceu. Preocupado com a sua condição, enviou Hazael para consultar o profeta, em Damasco. Uma grande caravana de camelos, com quarenta animais, acompanhou a delegação real, o que mostra o grande prestígio de Eliseu como homem santo e profeta. A pergunta feita por Hazael, sobre a saúde do rei, Eliseu respondeu que a enfermidade não o mataria, mas que o rei morreria, de qualquer maneira. A entrevista entre Hazael e Eliseu foi muito emocional. Olhando para Hazael, Eliseu chorou. Ao lhe ser perguntado por que chorava, Eliseu respondeu que podia perceber os males que Hazael haveria de cometer. O profeta entristeceu-se diante de um homem poderoso, que haveria de usar o seu poder para matar e destruir.

IV. Hazael Mata a Ben-Hadade

Aparentemente, Hazael queria matar o rei de modo que tudo parecesse ter sido uma morte natural. Ele ensopeu na água um pano grosso e o pôs sobre o rosto do rei. O rei estava fraco e débil, e não ofereceu qualquer resistência. Desse modo, foi sufocado, sem que qualquer circunstância notasse o que estava sucedendo (II Reis 8:8). Isso ocorreu em cerca de 885 A.C. O profeta do Senhor havia previsto tal coisa, do que Deus era testemunha. Algum dia, Hazael haverá de pagar pela sua traição.

V. Hazael e as Guerras

Durante cerca de quarenta anos, Hazael esteve cumprindo as predições de Eliseu. Informes do Antigo Testamento dizem-nos como ele guerreou contra Acazias e Joás, reis de Judá, e também contra Jeorão, Jeú e Jeoacaz, reis de Israel (II Reis 8:28; 9:14; 10:32; 12:17; 13:3; II Crô. 22:5). Usualmente, ele conseguia sair-se vencedor nas batalhas. Devastou assim as fronteiras de Israel e de Judá. Lançou cerco a Jerusalém, e só se retirou quando os tesouros do templo e do palácio lhe haviam sido entregues. Tão poderosas eram as suas forças que somente após a sua morte Israel foi capaz de estabelecer-se. Seu filho, Ben-Hadade III, substituiu-o no trono, depois de seu falecimento, em cerca de 815 A.C. Contudo, Jeoás, de

HAZAEI — HAZELEPONI

Israel, foi capaz de derrotá-lo por três vezes (ver II Reis 13:24,25). A reputação de Hazael como destruidor, perdurou por muito tempo na memória dos hebreus. Cerca de um século mais tarde, Amós relembrou seu nome como símbolo do ponto culminante do poder sírio, e previu o julgamento dos sírios, por causa das maldades que haviam cometido (Amós 1:4).

VI. As Inscrições em Escrita Cuneiforme

As inscrições assírias, em escrita cuneiforme, revelam-nos quão maligno foi Hazael. Ele desempenhou um importante papel em algumas das campanhas de Salmaneser III. Uma dessas inscrições, achadas em uma laje de pavimento, em Calá, relembra como Salmaneser, em 842 A.C., guerreou contra Hazael, a quem derrotou, tendo-lhe abatido seis mil soldados e quatrocentos e setenta de seus cavaleiros. E também tomou um grande despojo; incluindo muitos carros de combate. No entanto, não foi capaz de capturar Damasco. Assolou Haurã (vide), bem como um grande território em derredor, tendo destruído a muitas cidades da região. Jeú é mencionado como alguém que pagava tributos a Hazael. Uma outra inscrição refere-se a Hazael como «filho de ninguém», o que, provavelmente, significa que ele havia usurpado o trono, não pertencendo à linhagem real. Entre os itens que os assírios levaram como despojo estavam os objetos de marfim que haviam feito parte da armação lateral de uma cama. Entre esses objetos havia um inscrição com os dizeres «Bar Ama a nosso Senhor Hazael, no ano de...» Outra peça de marfim, talvez do mesmo leito, tinha um relevo mostrando um deus ou rei, segundo o estilo fenício arameu. Alguns estudiosos supõem que ali podia estar uma efígie do próprio Hazael.

HAZAIAS

No hebraico, «Yahweh vê». Esse era o nome de um homem de Judá, descendente de Selá (Nee. 11:5), que viveu por volta de 536 A.C. Ele veio residir em Jerusalém, depois da volta de um remanescente do cativeiro babilônico.

HAZAR-ADAR

No hebraico, «vila de Adar». Ora, Adar significa «eira», ou então «lugar aberto». Hazar-Adar era o nome de uma localidade no deserto ao sul da Palestina, entre Cades-Barnéia e Amom (Núm. 34:4). Alguns identificam-na com a Hezrom, mencionada em Jos. 15:4. Também pode ser a Adar, mencionada nesse mesmo versículo de Josué, embora alguns estudiosos duvidem dessa identificação. Seja como for, ficava na fronteira sul de Judá. Talvez a moderna Khirbet el-Qudeirat corresponda ao antigo local.

HAZAR-ENĀ

No hebraico «vila das fontes». Esse era o nome de uma aldeia que assinalava a fronteira de Israel (Núm. 34:9; Eze. 47:17; 48:1). Provavelmente, a sua posição ficava a nordeste de Damasco. Tem sido identificada com a Kiryatein, na estrada para Palmira. Ficava na fronteira entre a Palestina e Hamate. Alguns eruditos identificam-na com a moderna Hadr, que fica ao pé do monte Hermom.

HAZAR-GADA

No hebraico, «aldeia da fortuna», uma cidade mencionada somente em Jos. 15:27, que ficava no

extremo sul do território de Judá. Ficava entre Moladá e Hesmom. Desconhece-se o local moderno dessa aldeia.

HAZAR-SUAL

No hebraico, «aldeia de chacais». Esse era o nome de uma cidade que ficava ao sul do território de Judá, situada entre Hazar-Gada e Berseba (Jos. 15:28; 19:3; I Crô. 4:2). O trecho de Neemias 11:27 menciona o lugar, após o cativeiro babilônico, visto que foi repovoado. O lugar começou como possessão de Judá, mas acabou fazendo parte do território de Simeão. Desconhece-se o local moderno.

HAZAR-SUSIM

No hebraico, «aldeia de cavalos». Nome de uma cidade no sul do território de Judá, que veio a fazer parte das possessões de Simeão (I Crô. 4:31; Jos. 19:5). Salomão criava cavalos ali, vendendo-os então aos heteus e aos sírios (I Reis 4:26; 9:19; 10:29). O local tem sido tentativamente identificado com a moderna Shalat Abu Susein, que fica a leste do wadi Far'ah.

HAZARMAVĒ

No hebraico, «aldeia da morte». Esse era o nome de um dos filhos de Joctã (Gên. 10:26; I Crô. 1:20). Esse homem e seus filhos estabeleceram-se na parte sul da Arábia, no wadi Hadramaute, a cujo lugar deram o nome dele. Os historiadores têm identificado essa localidade com os *chatramottai* dos gregos, uma das quatro principais tribos do sul da Arábia, descritas por Estrabão (16:4,2). Eles tornaram-se célebres por seu comércio com incenso. A moderna Hadramaute é um vale muito fértil, que corre paralelamente às costas marítimas da Arábia, por cerca de trezentos e vinte quilômetros. Os dias de glória dessa região foram do século V A.C. até o século I ou II D.C., quando abrigou uma grande civilização. Sua capital era Shabwa.

HAZAZOM-TAMAR

No hebraico, «poda das palmeiras». Esse era o antigo nome de En-Gedi, aludida em Gên. 14:7. Em II Crô. 20:2, a cidade é chamada de Hazazom-Tamar. Essa era uma antiquíssima cidade da Síria, tão antiga como qualquer outra da área, contemporânea de Sodoma e de Gomorra. Já existia quando Hebron foi fundada. Era ocupada pelos amorreus e pelos amalequitas. Foi conquistada por Quedorlamer e pelos seus reis aliados. Sua identificação com En-Gedi revela-nos a sua antiga localização. Ficava no lado ocidental do mar Morto, embora o local exato ainda não tenha sido descoberto, embora seja certo que não ficava muito longe de Sodoma e de Gomorra. Talvez fosse a mesma Tamar que foi fortificada por Salomão (I Reis 9:18). Ezequiel nos diz que a cidade ficava na extremidade sueste de Israel (Eze. 47:19 e 48:28). O wadi Hasasa, a noroeste de 'Ain-jidi, preserva ainda o antigo nome.

HAZELEPONI

No hebraico, «sombra». Esse é o nome de uma mulher judia, mencionada em I Crô. 4:3, irmã de Jezreel, descendente de Judá. Mas, visto que a palavra hebraica é antecedida pelo artigo definido, alguns supõem que deveríamos traduzi-la por «as irmãs» dos filhos de Etã.

HAZER-HATICOM — HAZOR

HAZER-HATICOM

No hebraico, «aldeia do meio». Nome de um lugar que figura em uma profecia de Ezequiel (47:16), que ficava nas fronteiras da região de *Haurã* (vide). Esse nome era profético e ideal, e não necessariamente que o local existisse na época daquele profeta. No entanto, alguns eruditos pensam que a palavra é um erro escrital para Hazar-Enã (vide).

HAZEROTE

No hebraico, «aldeias». Esse era o nome da terceira parada ou acampamento dos israelitas, depois que eles partiram do Sinai, em suas andanças pelo deserto. Ficava a quatro ou cinco dias de marcha daquele monte. Foi ali que Miriã e Aarão murmuraram contra Moisés (Núm. 11:35; 12:16). A murmuração dizia respeito a seu casamento com uma mulher cuxita, bem como à idéia de que Deus falava somente por meio de Moisés. É possível que 'ain Khadra assinale o local antigo. Ficava cerca de quarenta e oito quilômetros a nordeste do Jebel Musa, a caminho da Aqabah. Dali, Israel partiu para o deserto de Parã.

HAZIEL

No hebraico, «visão de Deus» ou «Deus vê». Nome de um filho de Simei, um levita gersonita (I Crô. 23:9). Ele era um chefe tribal da família de Ladã. Viveu por volta de 960 A.C.

HAZO

No hebraico, «vidente». Foi um dos filhos de Naor e Milca (Gên. 22:22). O nome veio a designar um dos clãs naoritas. Uma inscrição de Esar-Hadom tem o nome *Hazu*, o que faz os estudiosos pensarem que, provavelmente, aponta para essa mesma gente. Talvez Hazo tenha vivido em Ur da Caldéia, ou em algum lugar próximo, em cerca de 2100 A.C.

HAZOR

No hebraico, «aldeia» ou «ambiente cercado». Várias cidades e um distrito eram chamados por esse nome, nos dias do Antigo Testamento, a saber:

1. Uma das principais cidades do norte da Palestina era chamada assim (Jos. 11:10). Ficava perto do lago Merom (ou Hulê), e era a capital de Jabim, um poderoso rei cananeu. Ele pediu aos reis vizinhos para ajudá-lo contra os israelitas invasores, comandados por Josué. Ele e seus aliados foram derrotados, e ele foi morto (Jos. 10:1,10-13; Josefo, *Anti.* 5:5,1). Na época de Débora e Baraque, os cananeus recuperaram uma parte do território que haviam perdido, e reconstruíram Hazor. Jabim era o rei que governava o lugar, nesse tempo. Tornou-se, pois, um instrumento para castigar a Israel, por causa de suas transgressões, e o número dos israelitas foi grandemente reduzido. Mas, Débora e Baraque livraram o povo de Israel das opressões de Jabim, e Hazor voltou à posse de Israel, tornando-se parte da herança de Naftali (Jos. 19:36; Juí. 4:2).

Hazor foi reconstruída e melhorada por Salomão, juntamente com outras cidades da área (I Reis 19:15). Era uma das cidades fortificadas da Galiléia, que os assírios, nos dias de Tiglate-Pileser, tomaram, quando invadiram a Palestina pelo norte (II Reis 15:29), o que finalmente, resultou no cativo assírio. Nesse tempo, Hazor foi novamente destruída.

Hazor tem a distinção de haver sido a maior cidade do período. Em seu pico, tinha cerca de quarenta mil

habitantes. Sua data recua até cerca de 2700 A.C., embora seu tempo mais florescente tivesse sido no segundo milênio A.C. Era um centro comercial, político e militar, por encontrar-se em uma localização estratégica. Ficava ao norte do mar da Galiléia, cerca de vinte e quatro quilômetros de suas margens, e ao sul de Kadeish, cerca de dezesseis quilômetros. O lago Merom (ou Hulê) (vide), ficava entre essas duas localidades. Após ter sido destruída pelos assírios, a cidade foi reconstruída por mais de uma vez; mas nunca mais recuperou a sua antiga importância.

Escavações em Hazor e Referências Literárias à Mesma. Hazor é mencionada nas cartas de Tell el-Amarna (vide) (227.3a e 228.23 ss), do século XIV A.C. O local foi identificado, em 1926, com o Tell el-Qedah, a oito quilômetros ao sul do lago Hulê (Merom), na Galiléia. Escavações maiores, porém, só começaram ali em 1955. Essas foram continuadas em 1958, por uma expedição israelense. Tem sido demonstrado que o cômodo principal foi fundado no terceiro milênio A.C. A porção mais baixa da ocupação foi posteriormente adicionada, na primeira porção do segundo milênio A.C., provavelmente pelos hititas. A porção mais baixa da cidade era mais do que um recinto fechado para guardar cavalos e carruagens (conforme alguns têm pensado). Os restos descobertos demonstram que uma grande cidade, talvez com quarenta mil habitantes, ocupava o local. A mais antiga inscrição em língua acádica foi achada em uma jarra de cerâmica, nesse lugar. Tinha o nome de *Is-me-ilam*, o qual, provavelmente, era o nome de um negociante da Mesopotâmia. A parte mais baixa da cidade perdurou por cerca de quinhentos anos; e então foi destruída, presumivelmente por Josué. Um templo cananeu e um pequeno santuário foram encontrados ali. A porção mais baixa da cidade foi deixada desabitada; mas as evidências colhidas mostram que tanto cananeus quanto israelitas habitaram no lugar. O portão de uma cidade e parte de uma muralha foram desenterrados, provavelmente da época de Salomão. Um edifício público sobre pilastras foi escavado. Provavelmente pertencia à época de Acabe. É claro que havia uma fortaleza no local, naquele tempo; mas também há indícios de destruição e incêndio, na mesma época. Supõe-se que isso sucedeu quando da invasão dirigida por Tiglate-Pileser III, que destruiu a cidade em cerca de 732 A.C. (ver II Reis 15:29).

Outras referências extrabíblicas a Hazor aparecem nos textos de execração egípcios, do século XIX A.C. Hazor era uma cidade cananéia que chegou a ameaçar a posição do império egípcio. Ela aparece como *ha-su-ra*, nos arquivos de Mari, da primeira porção do segundo milênio A.C. Os textos babilônicos mencionam-na como um importante centro político na rota entre a Mesopotâmia e o Egito. Fontes egípcias alistem essa cidade sob o controle de vários reis do Egito, isto é, Tutmés III, Amenhotep II e Seti I, nos séculos XV e XIV A.C. As cartas de Tell el-Amarna, do século XIV A.C., mencionam-na. Seu rei é ali chamado de *sar hazura*. Ela também é mencionada em um papíro egípcio (Anatasi I), dentro de um contexto militar. A arqueologia tem demonstrado abundantemente que a importância dada ao lugar, nas Escrituras Sagradas, é historicamente correta.

2. Uma cidade da Judéia, no Neguebe, também tinha esse nome (Jos. 15:23). Entretanto, até hoje essa localidade não foi identificada pelos arqueólogos.

3. A Nova Hazor, ou Hazor-Hadata (Jos. 15:25), era um lugar no sul do território de Judá. Mas ainda não foi identificado. Ver o artigo a seu respeito.

HAZOR-HADATA — HEBRAICO

4. Queriete-Hezrom, também chamada Hazor (ver Jos. 15:25), era uma localidade na porção sul do território de Judá, que os estudiosos ainda não identificaram.

5. Uma cidade pertencente à tribo de Benjamin (Nee. 11:33), talvez seja a mesma que a moderna Khirbet Hazzur.

6. Uma área localizada em algum ponto do deserto da Arábia, a leste da Palestina. Foi ali que o profeta Jeremias entregou um de seus oráculos contra um povo árabe seminômade ou transumante (ver Jer. 49:28,30,33). Eles tornaram-se vítimas de Nabucodonosor, rei da Babilônia.

HAZOR-HADATA

Essa combinação de palavras hebraicas significa «Nova Hazor». Hazor significa «lugar fechado» ou «aldeia». O nome designa uma localidade mencionada em Jos. 15:25, como uma das cidades pertencentes à tribo de Judá. Algumas traduções separam os dois nomes, como se Hazor e Hadata fossem duas cidades distintas. Seja como for, desconhece-se a localização exata do lugar, embora seja sabido que ficava entre o mar Morto e o golfo da Aqaba. A Septuaginta omite o nome. Alguns estudiosos identificam o lugar com el-Hadeira, a sueste de Tuwani.

HE

A quinta letra do alfabeto hebraico. Corresponde ao nosso *h* e é classificada como um fonema fricativo laringeo. Aparece na quinta seção de Salmos 119, onde cada verso começa com essa letra, no texto hebraico. Essa letra tem um formato bastante parecido com as letras hebraicas *alefe* e *tau*, e isso tem provocado alguns erros de grafia, e também identificações equivocadas.

HÉBER

No hebraico, «sócio». Esse é o nome de várias pessoas referidas nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um filho de Berias, que era da tribo de Aser (Gên. 46:17; Núm. 26:45; I Crô. 7:31 ss). O nome tribal, *heberitas*, deriva-se desse nome. Aparece em Núm. 26:45. Ele deve ter vivido por volta de 1640 A.C.

2. Um descendente de Hobabe, filho de Jetro e irmão da esposa de Moisés. Foi a esposa dele quem matou a Siserá, em cerca de 1410 A.C. Ele também é chamado de *queneu* (vide), em Juí. 4:11,17; 5:24, o que parece ter sido um nome que designava o povo particular a que ele pertencia (Juí. 1:16). Parece que ele acabou se separando de sua própria gente e estabelecendo-se perto de Quedes, a oeste do mar da Galiléia (Juí. 4:11). Viveu por volta de 1360 A.C.

3. Um chefe de um dos clãs de Judá também era chamado assim. Ele era filho de Merede e pai de Socó (I Crô. 4:18). Viveu por volta de 1400 A.C.

4. Um dos filhos de Elpaal, chefe de um dos clãs da tribo de Benjamin (I Crô. 8:17). Viveu por volta de 1400 A.C.

5. Um dos sete chefes dos gaditas de Basã (I Crô. 5:13). Entretanto, ele e o homem que aparece como número «seis», abaixo, tinham um nome grafado de maneira diferente em hebraico, que significa «produção» ou «broto».

6. Um dos filhos de Sasaque, da tribo de Benjamin (I Crô. 8:22). Embora o nome dele apareça em português também como *Héber*, a forma hebraica é levemente diferente dos quatro primeiros homens com

esse nome nesta lista, e significa «produção» ou «broto». Ver também o quinto homem com esse nome.

HEBRAICO

Esboço:

1. Algumas Características
2. Origem das Palavras Semíticas e Hebraicas
3. O Alfabeto Hebraico
4. Uso do Hebraico na Palestina
5. Maneira de Escrever
6. Cuidados na Escrita
7. Sumário dos Fatos Históricos

1. Algumas Características

O hebraico é uma antiga língua semítica, que pertence ao ramo norte-occidental dessa família de línguas. Era uma língua que se escrevia com um alfabeto não-pictográfico desde o princípio, embora fosse um desenvolvimento de outras formas escritas semíticas. Ver o artigo geral intitulado *Alfabeto*. O hebraico antigo, quanto à sua escrita, foi transformado e usado na literatura rabínica; e foi revivido pelo movimento sionista, já nos tempos modernos. Caracteriza-se pela estabilidade de seus fonemas consonantais. Consiste em uma raiz de três fonemas consonantais, que forma a base da construção da língua. O vocabulário, como um todo, alicerça-se sobre raízes com três fonemas, com o auxílio de vogais interpoladas, com a adição de prefixos e sufixos, e a duplicação de raízes consonantais, de conformidade com regras bem regulares.

O hebraico é bastante diferente, em sua estrutura, em relação às línguas indo-européias. Tem menos tempos verbais, não tem participio, e não tem formas separadas para indicar os modos condicional, subjuntivo e optativo. Contudo, mediante vários modos, o hebraico evoluiu um elaborado sistema de vozes. Há três vozes ativas, três vozes passivas e uma voz reflexiva, todas com as mesmas formações de tempos verbais básicos. A sintaxe do hebraico é extremamente simples. Caracteriza-se por uma maneira de expressão não abstrata, concisa e incisiva, que servia de excelente instrumento para a poesia épica e lírica. O hebraico usado no Antigo Testamento envolve um pequeno vocabulário, pobre em adjetivos descritivos e em substantivos abstratos. Tanto na antiguidade quanto hodiernamente, o hebraico era escrito da direita para a esquerda, o oposto da nossa maneira de escrever, que é da esquerda para a direita.

2. Origem das Palavras Semíticas e Hebraicas

A palavra semítico deriva-se de Sem, o filho mais velho de Noé. O hebraico estava intimamente ligado ao idioma antigo de Ugarite, capital de um pequeno reino da costa norte da Síria, atualmente chamada Ras Shamra; e também estava vinculado ao idioma dos fenícios e dos moabitais. Nas páginas do Antigo Testamento, o hebraico é chamado de «língua de Canaã» (ver Isa. 19:18 e Nee. 13:24). Portanto, embora os hebreus sejam um povo semita, seu idioma é tipicamente cananeu. Ao que parece, vários povos semitas absorveram línguas cananéias (e, portanto, camitas), talvez por miscigenação. Isso se vê facilmente entre os hebreus. O termo *hebraico* foi usado pela primeira vez para designar esse idioma, nos escritos de Ben-Siraque, em cerca de 130 A.C. Ver também o artigo *Hebreus*, quanto às várias teorias sobre a origem e os usos da palavra *hebreu*.

3. O Alfabeto Hebraico

O hebraico tem vinte e duas letras consoantes, embora, posteriormente, a letra *s* tivesse adquirido

HEBRAICO

duas formas; pelo que se poderia dizer que contava com vinte e três letras consoantes. Essas letras, tal

como se dava com as letras gregas, também representavam números.

O Alfabeto Hebraico

Letra Hebraica	Nome	Equivalente Português	Valor Numérico
א	Alefe	—	1
ב	Bete	B ou V	2
ג	Gimel	G	3
ד	Dalete	D	4
ה	He	H	5
ו	Vave	V	6
ז	Zain	Z	7
ח	Quete	Kh	8
ט	Tete	T	9
י	Iode	I ou Y	10
כ	Cafe	Kh	20
ל	Lâmede	L	30
מ	Mem	M	40
נ	Num	N	50
ס	Sameque	S	60
ע	Ain	—	70
פ	Pê	P ou F	80
צ	Tsadê	TS	90
ק	Cufe	K	100
ר	Rês	R	200
ש	Sin	Sh ou S	300
ת	Tav	T ou Th	400

4. Uso do Hebraico na Palestina

O hebraico foi adaptado pelos israelitas que falavam o aramaico (após o cativo babilônico), com pesadas misturas com o aramaico, além de outras línguas indígenas da Palestina. Palavras derivadas de outros idiomas, como os dialetos aramaicos, o acádico, o árabe, o persa e o grego também foram acrescentadas, tudo o que serviu para enriquecer o anterior pequeno vocabulário hebraico. Tal como sucede a todos os idiomas, o hebraico foi-se modificando de um período histórico para outro (ver o ponto «sete», abaixo). O hebraico bíblico (clássico) difere do hebraico empregado na Mishnah, e é muito diferente do hebraico moderno. Já desde bem antes da época de Jesus (século III A.C.), o hebraico bíblico deixara de ser falado pelo povo judeu. E uma língua irmã, o aramaico, havia tomado o lugar do hebraico. As referências neotestamentárias ao *hebraico* não aludem ao hebraico clássico, e, sim, ao aramaico. Ver João 5:2; 19:13,17,20; Atos 21:40; 22:2, etc. Ocorrem algumas palavras e mesmo frases em aramaico, no Novo Testamento grego, como *talitha cumi* (Mar. 5:41), *Eloi, Eloi, lama sabachthani* (Mar. 15:34) e *maranata* (I Cor. 16:22), o que é explicado na exposição (*in loc.*), do NTI.

O hebraico clássico continuou sendo usado na liturgia das sinagogas, da mesma forma que a Igreja cristã ocidental reteve o latim, com propósitos litúrgicos. Algumas poucas cartas foram encontradas entre os materiais encontrados nos manuscritos do

Mar Morto, escritas em hebraico, o que significa que o idioma hebraico não morrera inteiramente. Três fragmentos de orações de agradecimento foram encontrados em Dura-Europus (com data de meados do século III D.C.), o que demonstra que alguns cristãos hebreus continuaram a usar, embora de forma limitada, o hebraico clássico, em sua adoração.

5. Maneira de Escrever

O idioma hebraico era escrito somente com consoantes, sem vogais. Mas, por volta do século V A.C., começaram a aparecer ajudas para a leitura, que vários eruditos atualmente chamam de *matres lectionis*. Três letras semivocálicas eram ocasionalmente inseridas, indicando os fonemas *a*, *e* ou *i*, ou então *o* ou *u*. Porém, um completo sistema de vocalização, empregando sinais para indicar as vogais, só apareceu no século VI D.C. Três sistemas diferentes desenvolveram-se. Na Babilônia e na Palestina, sinais vocálicos eram postos acima das consoantes (as vogais *supralineares*). No sistema tiberiano, os sinais vocálicos eram postos por baixo das consoantes (as vogais *infralíneas*). Esses sinais vocálicos têm a aparência de grupos de pontos ou traços. Esse modo infralinear foi adotado para o hebraico impresso. Pontuação e entonação *extra-alfabéticas* também vieram a ser adotadas. Modernamente, a pronúncia que se ensina aos alunos de hebraico é a pronúncia sefardita (judeus espanhóis).

••• ••• •••

6. Cuidados na Escrita

Os piedosos escribas judeus tinham o maior cuidado quando copiavam manuscritos, preservando as letras consoantes do hebraico. Faziam-no tão meticulosamente, que até os erros de cópia foram sendo preservados. Os manuscritos do Mar Morto (vide) têm provado que importantes variantes têm ocorrido, e que, em alguns trechos, a Septuaginta tem preservado um texto mais antigo que aquele que transparece no chamado texto massorético (vide). Porém, é óbvio que os manuscritos hebraicos eram copiados com muito maior cuidado do que o foram os manuscritos gregos do Novo Testamento. Os escribas anotavam variantes e correções à margem dos manuscritos, e também explicavam ou substituíam vocábulos obsoletos. Também faziam a tentativa para identificar erros no texto, com notas à margem; mas deixavam intacto ao próprio texto. O texto sagrado é chamado *ketib* (o escrito), ao passo que as notas marginais eram o *gere* (o que deve ser lido).

7. Sumário dos Fatos Históricos

As origens absolutas dos idiomas do mundo estão inteiramente perdidas para nós. Alguns teólogos supõem que os idiomas sejam um dom de Deus, e não o desenvolvimento gradual de um longo período de tempo. Os evolucionistas opinam que os povos selvagens precisaram de milênios para desenvolver a linguagem. Porém, é muito difícil imaginar que meros selvagens pudessem ter desenvolvido as grandes complexidades dos idiomas antigos, meramente dando nomes aos objetos, para em seguida dar nomes às ações. Na verdade, o que sabemos a respeito do mistério das origens dos idiomas é zero.

Quando Abraão entrou na Palestina, ele trouxe consigo um idioma semítico; mas esse não era o mesmo que o hebraico bíblico posterior. Se Abraão e Moisés pudessem ter-se encontrado, só poderiam ter conseguido comunicar-se com imensa dificuldade. Quando Moisés e os filhos de Israel entraram na Palestina, depois de terem passado quatrocentos anos no Egito, trouxeram consigo um idioma semítico; mas esse era muito diferente, em várias coisas, do idioma que, finalmente, foi usado para ser escrito o Antigo Testamento. Todavia, eruditos conservadores têm procurado desenterrar evidências arqueológicas, na tentativa de mostrar que a língua falada por Moisés era essencialmente aquela do Pentateuco bíblico. Porém, estudiosos mais liberais crêem que há provas de que o hebraico da Bíblia foi um idioma adotado pelos hebreus. Em outras palavras, Israel adotou o idioma de Canaã, que já se falava ali, antes deles chegarem à região.

«Estudos comparativos modernos de lingüística têm demonstrado que o hebraico faz parte do grupo noroeste de uma família de línguas semíticas. Falado na terra de Canaã, foi adotado pelos hebreus, quando se estabeleceram na região» (AM). Provavelmente, se aceitarmos um meio-termo nessa controvérsia, chegaremos mais perto ainda da verdade dos fatos. Nenhum povo simplesmente abandona a sua própria língua, para adotar outra, embora falada na região para onde aquele povo se mudou. Os hebreus trouxeram consigo um idioma semítico, e encontraram um idioma semito-cananeu; e, gradualmente, amalgamaram os dois. Assim sendo, em um certo sentido, podemos falar sobre a *adoção* de uma língua, nesse caso, visto que o idioma de Canaã foi uma fonte e uma influência importante. A mistura de dois idiomas parecidos produziu um terceiro, e esse terceiro é justamente o hebraico bíblico.

Uma ilustração mais recente. Tribos germânicas invadiram as ilhas britânicas, no século V D.C. Ali

elas encontraram uma língua celta. Elas não adotaram o celta; mas não demorou muito para que o anglo-saxão que essas tribos trouxeram se tornasse no inglês; e isso em um período comparativamente curto. Ora, o inglês é bastante diferente do alemão, embora seja ainda mais distante do celta das primitivas tribos que ali residiam. Por semelhante modo, a língua semítica que o povo de Israel trouxe consigo do Egito, misturou-se com o idioma que já era falado na Palestina, do que resultou um idioma distinto. Nos casos em que as pessoas são essencialmente analfabetas, e onde a literatura não é generalizada, as mudanças que ocorrem em um idioma qualquer são muito rápidas.

Seja como for, o fato é que o idioma resultante, o hebraico bíblico, estava bem relacionado aos idiomas da antiga Ugarite, dos fenícios e dos moabitas. Sua versão escrita descendia do semítico do norte, ou escrita fenícia.

Com as únicas exceções dos capítulos dois a sexto de Daniel e dos capítulos quarto a sétimo de Esdras, o Antigo Testamento inteiro foi escrito em hebraico clássico. Naturalmente, podemos encontrar naqueles trinta e nove livros vários níveis de expressão histórica do mesmo idioma. O primeiro capítulo de Gênesis, por exemplo, reflete uma versão antiqüíssima do hebraico, mas já no segundo capítulo do mesmo livro temos uma versão bem mais recente da mesma língua. Isso quer dizer que o primeiro capítulo de Gênesis preserva registros escritos bem antigos.

As narrativas do Antigo Testamento que descrevem os contactos entre os hebreus e outros povos que habitavam em Canaã, demonstram que eles se comunicavam uns com os outros com facilidade. Isso significa que os vários ramos dessa língua deviam estar bem espalhados, e que eram bem relacionados entre si, mais ou menos como no caso do espanhol e do português. (AM DU DV GES GOR ND UN Z)

HEBREUS (EPÍSTOLA)

Esboço:

- I. Autoria
- II. Confirmação e Disputas Antigas
- III. Data, Proveniência e Destinatários
- IV. Propósitos do Tratado e Natureza da Apostasia Combatida
- V. Forma Literária e Integridade
- VI. Idéias Religiosas e Filosóficas
- VII. Conteúdo
- VIII. Bibliografia

Apesar de que poucos escritos do Novo Testamento sejam mais impressionantes em sua eloquência, beleza e força de expressão, nenhum livro dessa coleção apresenta maior número de problemas sem solução do que a epístola aos Hebreus. Até o seu próprio título tem sido criticado, porquanto não se trata de uma epístola e, sim, de um excelente tratado, dirigido aos crentes de todas as regiões, e não apenas a algum isolado grupo de hebreus convertidos ao cristianismo. «É chamada de epístola, e realmente o é, mas de tipo todo peculiar. De fato, conforme alguém já disse, começa como um tratado, procede como um sermão, e termina como uma epístola». (Robertson, *in loc.*)

Seu valor se baseia, essencialmente, no quadro usado que apresenta a respeito de Cristo.

Cristo é o Filho de Deus, superior aos profetas, verdadeira deidade, criador, objeto de exaltação por todo o universo, superior aos anjos (ver o primeiro capítulo desta epístola). Cristo é o grande Sumo Sacerdote que transcende a todos os sacerdócios (ver

HEBREUS

Heb. 4:14—12:3). O tema central deste tratado é o «sacerdócio de Cristo», pelo que também W.P. Du Bose intitulou esta composição de «Alto Sacerdócio e Sacrifício».

Cristo é o Sumo Sacerdote que trouxe à fruição tudo quanto era meramente prefigurado nas formas anteriores de adoração. Essas formas anteriores eram sujeitas a modificações, e, de fato, sofreram mudanças; mas, por detrás delas, há uma realidade imutável, encontrada na pessoa de Cristo—tal como diz a explicação platônica do mundo: por detrás de todas as formas visíveis e temporárias da existência, há um mundo invisível, mas bem real, imutável e perfeito, que age como modelo da criação e que, ao mesmo tempo é o alvo de tudo—aquilo na direção do que tudo se esforça, a fim de que suas perfeições e sua eternidade sejam compartilhadas. Na revelação cristã, esse mundo eterno é exposto perante os homens mais claramente do que jamais o foi no passado. Nessa revelação se vê que, na pessoa de Cristo, são exibidas as grandes verdades e realidades religiosas. Esta epístola, pois, consiste essencialmente na revelação da elevada dignidade e do imenso valor de Cristo, e, como tal, assume lugar ao lado do evangelho de João, e das epístolas aos Colossenses e aos Efésios, como as mais claras revelações sobre o Filho de Deus e sobre o que isso significa para os homens.

Essa elevada revelação do Filho eterno de Deus, tão eloqüentemente retratada, tem mais do que mera motivação dogmática: o autor sagrado interessa-se por certos cristãos que, sob a influência de conceitos religiosos legalistas e pagãos, hesitavam em sua fé, correndo o perigo de abandonar o grande avanço na inquirição espiritual que é apresentado na revelação cristã. Essa é a razão pela qual Cristo é retratado em termos tão vívidos e absolutos. Se alguém abandona a Cristo, não haverá mais lugar para onde se possa ir, porquanto a verdade de Deus está centralizada nele. Ele é o alvo final e absoluto de toda a existência. Outras religiões têm tido o seu valor, mas podem ser reputadas apenas cópias e imitações, algumas mais desajeitadas e outras mais perfeitas, daquilo que Deus, finalmente, trouxe aos homens na pessoa de Cristo.

Deus falou: Nisso devemos crer, e disso devemos fazer o impulso de nossa inquirição espiritual. Mas, fazer Deus realmente? Deus falou em Cristo—esse é o âmago da resposta muito elaborada. Olhemos para Cristo, pois, e vejamos o que Deus disse para nós; tendo percebido isso, não hesitemos, mas antes, mantenhamo-nos firmes até o fim, e haveremos de compartilhar da própria natureza e das perfeições do Filho, na qualidade de filhos que estão sendo conduzidos à glória.

I. Autoria

A despeito de intermináveis disputas e escritos, nada nos levou a um veredicto mais certo, acerca da autoria desse tratado, do que o de Orígenes, que disse (segundo foi citado por Eusébio): «Quem escreveu esta epístola, só Deus o sabe». Porém, que não se trata de uma das obras de Paulo, esse é o juízo quase unânime dos eruditos modernos. É extremamente difícil alguém imitar o estilo, a maneira de escrever, a escolha do vocabulário e o uso dos elementos conectivos adverbiais (isto é, «entretanto», «não obstante», «pois», etc.), além de outros artifícios lingüísticos, que se tornam como que as «impressões digitais» do escritor. Ainda que um escritor se lance a produzir uma forma diferente de composição, como, por exemplo, um «tratado», em vez de uma «epístola», as suas peculiaridades e predileções

lingüísticas não podem ser escondidas. Assim, apesar dele poder obter uma apresentação mais «suave», ou de outra forma vir a modificar algumas de suas peculiaridades estilísticas normais, certamente, usará suas partículas adverbiais e conexões, suas palavras e frases favoritas, enfatizando suas crenças afagadas de maneira bem típica de seu desenvolvimento cerebral específico. Ainda que um trabalho venha a ser traduzido para outro idioma, e mesmo que se cuide em ocultar que uma tradução esteja envolvida (uma tarefa quase impossível), o estilo original do autor se refletirá na tradução. Assim sendo, até mesmo de luvas, as impressões digitais do autor transparecem.

O estilo de Paulo é caracterizado por freqüentes irregularidades, anacolutos, parênteses extensos, alguns dos quais nunca retornam ao tema original, metáforas misturadas, explosões súbitas de eloqüência, com base em sentenças que expressam algo de maneira bastante prosaica, quando alguma idéia é indiretamente sugerida. A epístola aos Hebreus, em contraste com isso, foi escrita em estilo fluente e simétrico, e até mesmo artístico, evidenciando considerável habilidade literária e bom senso estético. Acrescente-se a isso o fato de que o grego usado é melhor e mais clássico que o bom grego de Paulo, mas que mais geralmente é o comum grego «koiné». Apesar de que um escritor algumas vezes consegue modificar com sucesso o seu estilo, dificilmente poderá usar repentinamente de uma linguagem mais eloqüente e mais erudita. As tentativas para tanto logo são envolvidas numa aura de artificialidade. Por isso é que todo aquele que lê o N. T. grego jamais pode ver em Paulo o autor desta epístola, pois há tanta diversidade entre Xenofonte e Platão, por exemplo. Além disso, é óbvio que, quanto ao método de apresentação e à maneira de pensar, Paulo e quem quer que escreveu esta epístola, são diferentes. Os tópicos e expressões paulinas ficam em segundo plano, ou são inteiramente negligenciados. A justificação pela fé, em conflito com o legalismo, que é típico de Paulo, na epístola aos Hebreus recebe escassa atenção, se é que recebe alguma. A apresentação inteira das relações entre o antigo judaísmo e o cristianismo também difere. Esta epístola assume certo ponto de vista platônico, fazendo com que o antigo pacto pareça inferior por ser apenas uma pobre imitação da autêntica realidade espiritual, ao passo que a própria realidade está para sempre fixa no eterno *Filho de Deus*, o qual é mais perfeitamente revelado na mensagem e na fé cristãs. Assim também, o templo e todo o seu culto, figuram apenas como cópias do «templo celeste», e, por conseguinte, inferior a mais clara revelação das verdades espirituais que recebemos em Jesus Cristo. (Ver Heb. 9:23).

Para Paulo, a debilidade do antigo pacto residia essencialmente no fato de que exigia dos homens algo que eles não podiam cumprir, sobrecarregando-os com a impossibilidade de pô-lo em prática. Paulo apresenta a lei como um justificador hipotético, mas que fracassa devido à fraqueza humana. Já a epístola aos Hebreus apresenta o antigo pacto como mera sombra, como reflexo imperfeito de uma verdade eterna, que agora nos é desvendada no Filho. Esses conceitos, naturalmente, não se contradizem, mas são diferentes. A orientação platônica desta epístola é comumente comentada pelos estudiosos, e muitos apontam para a cidade de Alexandria como o local de sua composição. Pelo menos o neoplatonismo é influência que ali se faz sentir; e o autor sagrado, a exemplo de Justino Mártir, chega a ter uma visão mais clara de Cristo, através das tentativas de Platão por descrever a realidade última. Portanto, se ele

HEBREUS

muito se estriba em formas próprias do A.T., tal como Filo, na realidade, encara essas formas como uma mente platônica.

Outros tópicos e temas enfáticos de Paulo jamais ocorrem nesta epístola, ou então são mencionados apenas de passagem, como o fato da ressurreição, que nos escritos de Paulo tanto brilha. Aqui esse fato é mencionado apenas por duas vezes, uma delas como uma bênção final (Heb. 13:20) e uma vez antes disso, em Heb. 6:2. Até mesmo a menção do tema é artificial, no sentido de que o término deste tratado, segundo se observa, foi propositalmente moldado de forma a parecer-se com uma epístola, e como uma epístola «paulina», ainda que o autor não tivesse intenção alguma de dar a idéia de que Paulo foi quem a escreveu.

Também menciona muito os dois pactos, o antigo e o novo; mas não há qualquer alusão aos gentios, em relação ao novo pacto, um tópico que aparece com frequência nos escritos de Paulo. A idéia da justificação pela fé se faz ausente. O pecado recebe uma abordagem diferente; não há qualquer alusão à sua origem, e o vocabulário empregado para descrevê-lo é muito mais limitado do que nas epístolas paulinas. A aparente negação da possibilidade de arrependimento, após algum lapso (ver Heb. 5:4-6 e 10:26-29), não é tipicamente paulina. O nome divino frequentemente utilizado por Paulo, *Senhor*, é comparativamente raro nessa epístola. E a expressão «Jesus Cristo» (que figura por trinta vezes, somente na epístola aos Romanos), é rara em Hebreus. «Salvador», que é vocábulo que aparece em Efésios, em Filipenses e nas epístolas pastorais, não aparece na epístola aos Hebreus. A mui enfatizada «parousia» paulina, que é algo distintivo em seus escritos, figura apenas por uma vez na presente epístola, embora a volta de Cristo, em algum tempo distante, seja reconhecida (ver Heb. 1:6, embora até mesmo esse versículo seja disputado, havendo dúvidas se ele fala mesmo acerca do segundo advento de Cristo). A passagem de Heb. 9:28 fala definitivamente sobre esse acontecimento, mas dá a idéia de que se trata de algo ainda distante.

Existem alguns temas similares e importantes, como a preencarnação, a doutrina do Cristo divino, que é o criador e que se tornou verdadeiro homem (ver Heb. 1:1 e ss; 2:14-17; conferir com I Cor. 8:6; II Cor. 4:4; Col. 1:15-17; Fil. 2:7), o fato de que sua morte foi a porção central de sua missão, a qual também nos proporciona a redenção (ver Heb. 9:15 com Rom. 3:24 e I Cor. 1:30), a intercessão de Cristo (ver Heb. 7:25 com Rom. 8:34), a lei que é exibida como neutralizada pela revelação de Cristo (ver Heb. 7:19 e 10:4 com Rom. 3 e Gál. 3), o fato de que a Jerusalém celestial é nossa possessão (ver Heb. 12:12 com Gál. 4:26). Tudo isso, entretanto, prova apenas que ambos os autores escreveram baseados na mesma tradição, devendo-se notar, por igual modo, que até mesmo no manuseio de temas similares, alguns deles são abordados de maneira diferente.

Naturalmente, os principais argumentos contra a autoria paulina são os fatos de que não há «saudação»; aos endereçados não é desejada «graça e paz»; não há nenhuma oração de ação de graças e nem há bênção final no nome de Paulo, a despeito deste tratado ser apresentado como uma «epístola». As explicações que procuram convencer-nos de que essas coisas se fazem ausentes são: a. porque a composição não era uma epístola, pelo que lhe faltam as «formas literárias epistolares», e b. porque Paulo ocultou propositalmente a sua identidade, a fim de não se antagonizar com os legalistas. Mas estas são

explicações tão fracas que nem merecem a nossa consideração. Pois, em primeiro lugar, os documentos antigos, como até mesmo os tratados, eram comumente identificados quanto a sua autoria, tal como sucedia às epístolas. Além disso seria de estranhar que o mesmo Paulo, que escreveu a epístola aos Gálatas a fim de combater os legalistas, tendo salientado singularmente a sua autoridade apostólica, ao escrever para outros legalistas, ou, pelo menos, acerca deles, escondeu intencionalmente a sua identidade, ficando assim, propositalmente, oculta a sua «autoridade apostólica». Notemos como, por várias vezes, em suas epístolas, Paulo as «autênticas», escrevendo alguma pequena porção do próprio punho, a fim de que os seus endereçados soubessem que a epístola era genuinamente de sua autoria, conforme se vê em File. 19; II Tes. 3:17; Col. 4:18; Gál. 6:11 e I Cor. 16:21. Portanto, de acordo com essas explicações, é-nos pedido que acreditemos que se por um lado Paulo com frequência escreveu de próprio punho alguma pequena porção final de suas epístolas a fim de autenticá-las, ao escrever um tratado tão importante como é o livro aos Hebreus; negligenciou até mesmo identificar-se como seu autor, além de não ter seguido seu costume usual de oferecer alguma evidência clara de sua autoria.

Em favor da autoria *paulina*, tem sido frequentemente salientado que o décimo terceiro capítulo desta epístola tem um tom «paulino». Entretanto, esse argumento se alicerça somente sobre os fatos de que o terceiro versículo menciona aqueles que estão «encarcerados»; que o décimo nono versículo se assemelha a File. 22, um pedido de Paulo por oração, a fim de que ele logo fosse solto, a fim de poder fazer uma visita; e que o vigésimo terceiro versículo mostra-nos que Timóteo era pessoa conhecida pelo autor, e que ele fora aprisionado, mas agora estava livre. Em alguns manuscritos, o trecho de Heb. 10:34 parece ser uma alusão a Paulo, a mencionar as «minhas cadeias»; porém, os melhores manuscritos dizem, nesse versículo, «vos compadescestes dos encarcerados». Consideremos ainda os três pontos abaixo discriminados; sobre como responder a esses argumentos:

1. Uma das respostas possíveis para essa aparente confirmação de autoria paulina consiste em salientar-se que havia *multíssimos* prisioneiros, que muitos companheiros e conhecidos de Paulo foram encarcerados, e que muitos deles conheciam Timóteo. Nada há nisso que não possa aplicar-se igualmente a muitas outras personagens conhecidas ou desconhecidas daquela época. O livro de Atos é dominado pela figura de Paulo, e vários de seus aprisionamentos são mencionados ou deixados subentendidos, pelo que também qualquer menção de «encarceramento» naturalmente leva nossas mentes a pensar em Paulo. Mas isso se deve somente a nossa «associação» com outras passagens familiares do N.T., não representando, necessariamente, algum fato.

2. Outra maneira de responder ao *tom paulino* do décimo terceiro capítulo desta epístola consiste em supormos que esse capítulo, em sua inteireza, foi uma epístola adicionada ao tratado, e de modo proposital, para dar a idéia de autoria paulina, a fim de garantir ao tratado sua inclusão no «cânon», ou, pelo menos, para conferir-lhe maior autoridade, visando a sua preservação. Se alguém indagar por que razão o autor sagrado, quem quer que tenha sido ele, não forneceu igualmente uma «saudação», a resposta é que isso arruinaria a seção introdutória altamente artística, tendo sido esse fato percebido pelo interpolador. Quem ousaria alterar o primeiro capítulo, por

HEBREUS

qualquer razão? Porém, *por que* ele não adicionou o nome de Paulo ao fim? Isso nada teria arruinado. Se alguém ansiasse por fazer com que esse tratado se assemelhasse a uma obra «paulina», podemos perceber a razão por que não lhe alterou o prefácio, mas havia lhe teria custado se tivesse adicionado o nome de Paulo no fim, posto que já estaria acrescentando um capítulo inteiro, diferente do resto da epístola, e com a finalidade de conferir ao tratado a impressão de que se tratava de uma obra paulina. Outrossim, contra essa idéia se ergue a fato de que nenhum manuscrito antigo termina no final do décimo segundo capítulo desta epístola, sendo que a idéia de uma «adição», feita ao documento original, não goza de qualquer apoio «objetivo» dentro dos próprios manuscritos.

3. Há uma conjectura mais provável. Não há como negar que o trecho de Heb. 13:18 é similar a File. 22, e que a passagem de Heb. 13:23 se parece com Fil. 2:19,23,24. Se cremos que o autor sagrado criou propositadamente essas similaridades, então isso teria sido mera tentativa de encerrar seu tratado mais ou menos da mesma maneira como Paulo encerrava suas epístolas, e não a fim de fazer-nos acreditar que Paulo foi seu autor. Foi tudo um término conveniente e familiar dos documentos cristãos. Não se duvida que o autor sagrado estava familiarizado com certas das epístolas de Paulo. (Ver Heb. 13:16 em comparação com Fil. 4:18; ver Heb. 13:21 em comparação com Fil. 4:20; ver Heb. 13:24 em comparação com Fil. 4:21; e ver Heb. 13:18 em comparação com II Cor. 1:11,12). Suas palavras, «Os da Itália vos saúdam», podem ser equivalentes às palavras de Fil. 4:22: «Todos os santos vos saúdam, especialmente os da casa de César». Se o autor sagrado tinha qualquer outro motivo para fazer o fim deste tratado parecer familiar a seus leitores (a saber, parecido com uma das epístolas de Paulo), além do motivo da *familiaridade*, não sabemos dizer. Entretanto, essa maneira de encerrar o tratado foi um tanto artificial, o que fica demonstrado pelo fato de que o autor se contradiz nos versículos dezoeno e vinte e três. O décimo nono versículo dá a idéia de que ele estava aprisionado e que o tempo de sua «restituição», mediante a soltura, era totalmente duvidoso. Já o vigésimo terceiro versículo, em contraste, parece indicar que o autor estava em liberdade para viajar até onde estavam os seus leitores, contanto que o quisesse fazer. Essa contradição foi criada pelo fato de que ele tomou algo por empréstimo de outras epístolas (Filemom e Filipenses), que contêm declarações diferentes, que expressam situações diferentes, para em seguida, no vigésimo terceiro versículo, ter-se ele afastado, por descuido, da idéia da «incerteza» da situação que se reflete na epístola aos Filipenses. Não se mostrando «autêntico», mas antes, procurando dar um sabor paulino a seu tratado, ele rebaixou a sua forma literária, mais ou menos ao exemplo de pregadores, hoje em dia, que ordinariamente pregam algum mau sermão que tomaram por empréstimo de outrem, pois então entram em linhas de raciocínio e de expressão com os quais não estão familiarizados, ou que não lhes pertencem caracteristicamente.

Seja como for, a *primeira* ou a *terceira* resposta são mais prováveis que a *segunda*. É possível que o décimo terceiro capítulo desta epístola reflita uma autêntica situação histórica, comum à igreja cristã primitiva, que envolvera Paulo e seus companheiros, mas não exclusivamente a esses. Ou então o próprio autor sagrado, visando questões de familiaridade, ou por outras razões para nós desconhecidas, deu a este tratado um término tipicamente paulino, com base

em condições com as quais estava familiarizado. As peculiaridades desse décimo terceiro capítulo, entretanto, não podem ser reputadas como um argumento definitivo ou mesmo significativo em favor da autoria paulina. Isso é «ver demais em tão pouco», e é ignorar o *multo* que obviamente se volta contra a idéia da autoria paulina; e esta última atitude é «ver pouco demais em tanta coisa».

Finalmente, contrariamente à autoria paulina, manifesta-se a própria tradição, pois não foi senão já no fim do século II D.C. que alguém sugeriu que este livro foi escrito por Paulo; e demorou até os tempos de Clemente de Alexandria para que qualquer «escola» aceitasse essa idéia; mas, até mesmo nesse caso, surgiram muitas perguntas, dúvidas e disputas. (Ver a segunda seção deste artigo, acerca de notas expositivas completas sobre como os antigos encaravam a questão). Isto não poderia ter acontecido com qualquer livro genuíno de Paulo.

Há outras conjecturas sobre o autor deste livro: Barnabé, Silas, Timóteo, Áquila, Priscila, Clemente de Roma, Lucas, Apolo ou o diácono Filipe. Entre esses nomes que não passam de conjecturas, pois nenhuma prova pode ser auzida em favor deles, os dois nomes mais prováveis são o de Apolo e o de Barnabé. Apolo contava com a formação educacional, com o poder da eloquência, com os dons de ensino e exegese, que poderiam explicar a produção de um tratado como é esta epístola aos Hebreus (ver Atos 18:24-28; I Cor. 1:12 e ss; 3:6 e 16:12). Barnabé era levita (ver Atos 4:36) e tinha o conhecimento necessário sobre as realidades da vida dos hebreus, para ter escrito tal tratado, além do fato de que fora associado íntimo de Paulo. Contudo, suas descrições sobre as maneiras de proceder do legalismo se fundamentam sobre o A.T., e não sobre as práticas contemporâneas em Jerusalém, o que seria de esperar da parte de alguém que era levita. Sem importar que idéia seguimos, terminamos sempre com apenas dois frutos, de toda essa pesquisa, a saber: 1. Paulo certamente não foi o autor desta epístola. 2. Embora não saibamos identificar o seu autor, sabemos que «tipo» de homem ele foi. Era homem bem-educado, totalmente centralizado em Cristo, embora influenciado pelo pensamento platônico de tal modo que esse se tornou um de seus veículos de expressão. Sua elinhada linguagem e suas idéias filo-platônicas colocam-no na cidade de Alexandria. (Ver a sexta seção deste artigo, onde essas possibilidades são desdobradas).

II. Confirmação e disputas antigas

Essas questões envolvem tanto a autoria como o lugar deste tratado no «cânon» do N.T. O tratado era conhecido desde tempos tão remotos como os escritos de Paulo, o que se comprova pelas óbvias alusões feitas ao mesmo por Clemente de Roma (95 D.C.). Em uma carta pastoral, enviada por Clemente à igreja de Cristo, em 35:2-5, há várias alusões ao majestático primeiro capítulo desta epístola. Em 36:1 da citada epístola de Clemente vemos algo que parece basear-se em Heb. 2:18 e 3:1. Outros usos extraídos desta epístola aos Hebreus podem ser vistos em 17:1,5; 19:2; 27:2; 43:1 e 56:2-4 dessa epístola de Clemente.

Não há quaisquer referências indiscutíveis a esta epístola nos escritos de Inácio ou de Policarpo, mas a epístola de Barnabé (Alexandria, cerca de 130 D.C.) contém alguns traços da mesma (ver Barnabé 4:9 e ss e 5:5,6, em comparação com Heb. 6:17-19). Na epístola chamada II Clemente (provavelmente não um escrito autêntico de Clemente de Roma, que deve ser datada em cerca de 150 D.C.), encontramos vários elementos tomados por empréstimo. (Comparar 11:6

HEBREUS

com Heb. 10:23; 1:6 com Heb. 12:1; 16:4 com Heb. 13:18). Em tempos posteriores, as citações e alusões à epístola aos Hebreus se tornaram comuns. Essas podem ser encontradas nos escritos de Justino Mártir (150 D.C.), de Pinito de Creta (170 D.C.), de Teófilo, bispo de Antioquia (180 D.C.). O fato de que tal livro aos Hebreus já era conhecido e citado desde os tempos mais remotos, não significa, porém, que fosse aceito como escrito paulino. E nem mesmo que já figurasse desde o princípio como parte do «cânon» do N.T., pois nem uma coisa e nem a outra sucederam. Clemente, que lançou mão desse tratado, jamais o mencionou como um dos «escritos de Paulo». O uso que ele fez desse livro, o que se repete nas citações feitas por outros autores, mostra apenas que esta epístola desde o começo foi reputada como parte valiosa da literatura cristã.

A primeira vez que a epístola aos Hebreus foi considerada como de autoria paulina parece ter surgido nos escritos de Pantaeno, predecessor de Clemente de Alexandria (185 D.C.), o qual explica a ausência da usual identificação paulina nesta epístola como algo devido à modéstia de Paulo, ao dirigir-se aos «hebreus», como se fosse apóstolo dos mesmos, e não dos gentios. Mas essa explicação dificilmente merece a nossa consideração. Algumas vezes o próprio Pantaeno demonstrou certa intranquilidade acerca da autoria paulina desse livro.

Entretanto, — nas igrejas ocidentais, esse livro foi rejeitado tanto como paulino como também parte do «cânon», tendo demorado até que fosse aceito como parte do cânon do N.T. Tertuliano (*De Pudicitia*, xx) o atribuiu a Barnabé. A primeira «escola» a manifestar-se em favor desse tratado foi a escola de Alexandria; mas até mesmo ali houve muita hesitação e estranhas explicações. Clemente de Alexandria (150-200 D.C.), evidentemente influenciado por Pantaeno, seu antecessor, pronunciou-se a favor dessa epístola, mas considerou que a princípio fora escrita em hebraico e que «Lucas» a traduziu para o grego. Orígenes menciona alguns elementos que supunham que talvez o próprio Clemente de Roma, ou então Lucas, a tenha escrito ou traduzido, mas também menciona que havia outros anteriores a si mesmo, que consideravam-na uma produção paulina. Orígenes afirmou que «...o estilo verbal da epístola intitulada 'Aos Hebreus' não é rude como a linguagem do apóstolo, o qual se reputava 'falso no falar'. (Conferir II Cor. 11:6). Mas, todo aquele que pode discernir diferenças de fraseologia mostra-se pronto por reconhecer que a sua dicção é vazada em grego mais puro que a do apóstolo dos gentios. Outrossim, os pensamentos existentes nessa epístola são admiráveis, em nada inferiores aos escritos apóstólicos bem reconhecidos, conforme o admite qualquer estudioso que examine cuidadosamente os textos apóstólicos». (Ch. *Hist.* VI. 14.2,3, Eusébio, citando Orígenes).

Orígenes cria que as idéias são paulinas, mas não a própria epístola, deixando em aberto a questão da autoria. Após esse tempo, entretanto, tornou-se comum, no Oriente, aceitar esse livro como de autoria paulina e como epístola canônica. Assim é que Dionísio, bispo de Alexandria (247—264 D.C.) o cita como paulino, sem qualquer qualificativo, tal como o faz Eusébio de Cesaréia (325 D.C.), o qual asseverava que uma epístola original aos Hebreus, de autoria paulina, teria sido traduzida para o grego por Clemente de Roma. Contudo, ao pronunciar-se sobre o «cânon», honestamente ele põe essa epístola entre os «livros disputados».

Após o século III D.C., os segmentos grego e sírio

da igreja passaram a aceitar esta epístola, unanimemente, como de autoria paulina e canônica. Mas alguns poucos, como os arianos, punham em dúvida a questão; e, no Ocidente, a questão continuava na dúvida. Pelo século IV D.C., a tradição alexandrina começou a exercer influência sobre o Ocidente, onde, até então, a epístola aos Hebreus, até onde se sabe, não era considerada por ninguém como de autoria paulina. Eusébio informa-nos sobre a escassa aceitação dessa epístola no Ocidente (*História Eclesiástica* III.3-5; 38:1-3). Não obstante, alguns cristãos reputavam-na autoritária ainda que porventura não fosse nem apóstólica e nem paulina. Sua ausência no Cânon Muratoriano (Roma, 200 D.C.), entretanto, mostra-nos claramente qual era a atitude ocidental a respeito dessa epístola.

No entanto, finalmente a epístola aos Hebreus veio a ser aceita no Ocidente, principalmente devido à influência oriental, conforme se vê na citação seguinte de Jerônimo (*Epístola*, pág. 472, citado por M.S. Enslin, *Christian Beginnings*): «Isso serve para mostrar a nossos amigos, que essa epístola que atribuímos 'aos Hebreus', foi recebida não somente pelas igrejas do Oriente, mas também por todos os escritores eclesiásticos do idioma grego antes de nossos dias, como pertencente a Paulo, o apóstolo, embora muitos pensem que é de autoria de Barnabé ou de Clemente. Não faz diferença quem foi o seu autor, porquanto foi escrita por um eclesiástico, sendo celebrada nas leituras diárias nas igrejas. Se os costumes latinos não a acolheram entre as Escrituras canônicas, também podemos dizer que as igrejas gregas não acolheram de pronto o Apocalipse de João. No entanto, aceitamos ambos esses livros, porquanto, de modo algum seguimos os hábitos modernos, mas antes, a autoridade de escritores antigos, os quais, em sua maioria, citam cada um desses livros, não conforme algumas vezes estavam acostumados a citar os livros apócrifos, e nem como mais raramente ainda usavam de exemplos extraídos de livros profanos, mas como livros canônicos e pertencentes à Igreja».

Depois dessa época, não houve mais nenhuma grande disputa em torno desse livro, durante cerca de mil anos, até o tempo da Reforma protestante. O concílio de Trento (1546) declarou-se favorável ao mesmo, alistando-o como uma das epístolas de Paulo. A maioria dos reformadores protestantes também o aceitou como tal, embora alguns o tivessem feito com algumas reservas. Erasmo de Roterdã expressou as suas dúvidas a respeito de sua autoria e canonicidade. Lutero não atribuiu essa epístola a um apóstolo e distinguiu-a dos «livros certos, claramente autenticados e principais obras do N.T.». Calvino não o considerava paulino, embora o recebesse como canônico, sem a menor dúvida. Carlstadt colocou a epístola na «terceira» de três classes, dentro de uma classificação de suposta «importância» dos livros do Novo e do Antigo Testamentos.

Existem sete livros do N.T. que foram disputados até o século IV D.C., e até mesmo periodicamente, depois disso, por alguns segmentos da cristandade, a saber: segundo e terceiro João, as epístolas aos Hebreus, de Tiago, segunda epístola de Pedro, Judas e o livro de Apocalipse. (Ver o artigo sobre *Cânon do Novo Testamento*).

As especulações que pensam que esta epístola foi inicialmente escrita em hebraico (ou melhor, aramaico), a fim de explicar o grego «diferente» (em relação ao grego de Paulo), são inúteis, porquanto não há a menor evidência de que esta epístola seja uma tradução. Alguns eruditos chegam mesmo a supor que o autor sagrado não conhecia o hebraico, o que é

HEBREUS

parcialmente consubstanciado pelo fato de que, do princípio ao fim, as citações extraídas do Antigo Testamento são tiradas da versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do Antigo Testamento para o grego, terminada cerca de duzentos anos antes da era Cristã). Assim interpretava Moulton. (Ver *Cambridge Biblical Essays*, pág. 483).

III. Data, Proveniência e Destinatários

Data. Parece quase certo que este tratado foi escrito antes da destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70 D.C., pois qualquer discussão como a que é exposta neste livro, que trata profundamente das questões judaicas, que faz advertências contra a reversão ao judaísmo, ou contra a reversão a qualquer fé que leve alguém a apostatar do cristianismo, necessariamente mencionaria a destruição dessa capital como prova do juízo de Deus contra a apóstata nação de Israel, ou como um julgamento contra qualquer forma de apostasia. O trecho de Heb. 10:1 e ss parece indicar que a adoração no templo de Jerusalém ainda prosseguia. E aqueles que pensam que a epístola foi escrita depois de 70 D.C., respondem que a «apostasia ao judaísmo» não está aqui em foco, e, sim, o retorno ao paganismo e à irreligiosidade, e que a adoração no templo aqui aludida é a adoração no imaginário tabernáculo mosaico, e não aquela adoração no templo de Jerusalém. Porém, mesmo admitindo-se que isso seja assim, parece altamente improvável que tão momentoso acontecimento, como foi a destruição de Jerusalém, que o cristianismo em geral interpretou como um julgamento divino contra a apostasia, não fosse sequer mencionado, em qualquer conexão, em um livro da natureza desta epístola aos Hebreus, a qual foi escrita especificamente com o propósito de resguardar os cristãos da apostasia de qualquer variedade.

Todavia, a quase total desconsideração para com a *parousia* ou segundo advento de Cristo, que era questão tão importante na «era paulina», parece indicar uma data «pós-paulina». Esse tratado também reflete alguns dos usos de Paulo em suas epístolas, conforme fica demonstrado na discussão sobre «autoria» (e isso significaria que, em algum tempo, deve ter havido alguma coleção primitiva de escritos paulinos). Portanto, o fim da década de 60 D.C. é indicado. Westcott situava esta epístola entre 64 e 67 D.C. A alusão a Timóteo, em Heb. 13:23, mostra que ele continuava ativo, mas isso não serve para estabelecer qualquer data anterior, pois ele poderia ter continuado no ministério muito tempo depois do martírio de Paulo.

O trecho de Heb. 2:3 mostra-nos que essa epístola é um tanto tardia, pois não se assevera escrita por uma das *testemunhas oculares*, que teria conhecido diretamente a Cristo. O evangelho foi declarado primeiramente pelo Senhor, e isso foi confirmado para nós por aqueles que o tinham ouvido. Isso não precisa indicar alguma «segunda geração»; mas indica uma época em que o entusiasmo inicial do cristianismo começava a enfraquecer, quando vários de seus elementos começavam a retroceder para os seus antigos caminhos, o que explica as muitas advertências aqui existentes contra a apostasia. (Ver Heb. 2:1; 6:1-11; 10:36 e 12:1).

Em caso algum a epístola pode ser de data tão tardia como 90 D.C., ou Clemente de Roma não poderia tê-la citado. (Ver sob «Autoria», quanto ao uso que ele fez deste tratado). Por isso, os eruditos datam esse livro de 65 a 90 D.C., não podendo haver certeza absoluta acerca disso, e nem a questão é de capital importância. As menções a «perseguições»,

existentes no livro (ver Heb. 12:4 e 10:32-34), talvez nos forneçam alguma indicação sobre a data. Essa perseguição tem sido identificada com a de Nero (especialmente a de Heb. 10:32-34), ou com o período posterior de perseguição, sob Domício («...até ao sangue...», diz Heb. 12:4). Se a perseguição sob Nero está em foco, então, presumivelmente, fica indicada uma data não distante de 68 D.C., pois esse foi o ano em que Nero se suicidou. Entretanto, deveríamos fazer uma referência ao período *pouco* depois que aqueles acontecimentos tiveram lugar, ou em algum tempo depois, sendo que nenhuma data pode ser fixada através de tais questões.

Proveniência. O trecho de Heb. 13:24 parece dizer-nos que o autor escreveu de algum lugar na Itália; e, se Paulo foi o seu autor, então teria escrito de algum cárcere romano. Porém, a artificialidade do décimo terceiro capítulo poderia invalidar qualquer informação acerca da proveniência ou destino (sempre que baseada nesse capítulo). Se o autor sagrado acrescentou à sua epístola tais informes como os que aparecem no décimo terceiro versículo, somente para que seu tratado se assemelhasse a uma epístola paulina, então suas palavras, «Os da Itália vos saúdam», só poderia ser um detalhe acrescido com base em Fil. 4:22, que menciona que elementos da casa de César enviavam saudações à igreja em Filipos. Todavia, esse capítulo talvez exponha circunstâncias históricas genuínas, relativas ao próprio autor.

O fato de que o interesse pela epístola, até onde sabemos dizê-lo, começou em redor de Roma (notar as citações da mesma por parte de Clemente, e que servem de primeiras confirmações sobre o livro), talvez indique uma origem romana. A ausência total, naqueles primeiros anos, do fato de que esse livro era atribuído a Paulo, talvez indique que o mesmo era conhecido ali (onde se originara), e que se sabia quem fora o seu autor verdadeiro. Se esse nome não era apostólico, não haveria razão alguma para dar o nome do autor; de fato, tal revelação poderia fazer mais dano ao uso e à propagação do livro do que se esse detalhe ficasse sem menção. Em face da ausência de outras evidências, Roma ou alguma área próxima deveria ser aceita como local provável de sua produção, de onde a epístola começou a ser distribuída.

Porém, o grego elevado e as idéias neoplatônicas ali contidos têm levado muitos estudiosos a sugerir uma origem *alexandrina* para esse livro aos Hebreus. Tal origem pode estar por detrás de sua aceitação primeiramente no Oriente, em contraste com a demora de sua aceitação no Ocidente. Não há como solucionar tal problema, contudo.

Destinatários. O título «Aos Hebreus» presumivelmente nos parece dar alguma indicação a esse respeito. Entretanto, os títulos e subtítulos não faziam parte do documento original, sendo possível que esse título tenha sido vinculado ao livro simplesmente devido ao seu conteúdo, que tanto tem a ver com as «coisas dos hebreus». Além disso, leitores e escribas, tal como alguns intérpretes modernos o interpretam, poderiam ter pensado que os muitos escritos contra a apostasia visavam convertidos vindos do judaísmo, que voltavam a suas antigas formas religiosas. Alguns eruditos argumentam, porém, que essa apostasia não é judaica, e sim, pagã e irreligiosa. Nesse caso, «gentios», e não judeus, teriam sido os endereçados do presente tratado.

Não obstante, o título é antigo, confirmado de modo separado e independente no Oriente, e no Ocidente, como por Pantaemo e Tertuliano e os seus discípulos e estudantes. Além disso, não dispomos de

HEBREUS

qualquer outro testemunho que dê um destino contrário a esse tratado. O próprio termo «aos Hebreus» poderia indicar judeus e crentes judeus, distintos dos judeus (ver II Cor. 11:22 e Fil. 3:5), ou então judeus de fala hebraica, em distinção a judeus que falavam o grego (ver Atos 6:1). Se essa é a verdade, obviamente este livro foi dirigido a cristãos que falavam o aramaico, e não aos judeus em geral, porque se trata de um documento cristão, que adverte contra a apostasia para longe do cristianismo, o que significa que dificilmente serviria para judeus que nunca tivessem sido cristãos.

Alguns têm pensado que a comunidade judaica de Roma foi a endereçada; mas, se esta epístola foi enviada de Roma (ver Heb. 13:24), então isso não é muito provável. Por outro lado, se o décimo terceiro capítulo desta epístola é artificial, então seu destino, e não a sua proveniência, poderia ter sido a cidade de Roma. Isso também explicaria seu uso antigo desta obra, como também explicaria a suposição de que ela foi composta naquela cidade.

Moffatt (International Critical Commentary) argumenta com base no uso da Septuaginta, e com base em outros fatores, que o título «aos Hebreus» não é boa orientação, pois os verdadeiros endereçados teriam sido crentes gentios, o que faria com que o tratado tivesse uma natureza geral. Com isso concorda Morton S. Enslin, em sua obra *Literature of the Christian Movement*. Diz ele: «...pode-se vê-lo como um tratado ou uma homília anônima, por um (crente) desconhecido, dirigido aos crentes de todos os lugares. Seu propósito foi o de despertar os crentes para a sua venerada fé, advertindo-os contra o desvio. Com essa finalidade ele explica o cristianismo como a verdadeira e final religião, gloriosamente eficaz para a salvação, através da glória superlativa da pessoa e da obra de Jesus Cristo» (pág. 316).

Se os endereçados da epístola eram crentes judeus, então não podemos ter uma idéia segura sobre onde viveriam. As palavras «Os da Itália...» poderiam significar «Os que vieram da Itália...» Isso significaria que o autor falava sobre — *compatriotas* — dos leitores judeus, que estavam em sua companhia e lhes enviavam saudações. Nesse caso, a cidade de Roma seria o destino da epístola. Todavia, há estudiosos que pensam que Jerusalém ou algum outro centro do cristianismo primitivo tenha sido o local do destino. É possível, porém, que ainda que os destinatários fossem crentes judeus, nenhuma comunidade particular estivesse em foco, mas antes, todos os crentes, de todos os lugares, que tentassem apostatar de Cristo. Como todo quanto diz respeito à controvérsia sobre este livro, bons intérpretes tomam uma ou outra posição sobre essa questão, a qual não pode ser satisfatoriamente resolvida. Seja como for, esse livro é bem útil para nós hoje em dia, para ensinar à igreja cristã inteira.

Porém, o fato de que todo o livro explora a questão das formas e costumes religiosos dos judeus, quase certamente exige o conceito que estão em vista endereçados que eram crentes judeus. Pois que propósito poderia ter tido o autor, dando aos gentios tão vasta quantidade de material acerca do judaísmo? Como tais informes poderiam ser-lhes inteligíveis? Há aqui a idéia de que os leitores sabiam perfeitamente bem tudo quanto estava implícito nesse «material judaico». Os endereçados devem ter tido treinamento e educação tipicamente judaicos—portanto, eram judeus de raça e de religião, e agora se tinham convertido ao cristianismo.

IV. Propósitos do tratado e natureza da apostasia combatida

Este é um dos pontos claríssimos da epístola. O seu propósito central é reiteradamente afirmado. O autor adverte os crentes (sejam eles judeus ou gentios) que cuidassem para não voltar a seus antigos caminhos, de impiedade ou de alguma religião inferior. A clara revelação de Deus já nos foi dada e se encontra em Cristo. Ele é superior aos anjos e aos profetas, sendo ele tanto o poder criador como o poder sustentador. Nele é que é oferecida a salvação de Deus. Portanto, é uma estupidez defender os anjos (como faziam os gnósticos) ou os profetas (como faziam os judeus), como se esses fossem superiores a Cristo. A epístola aos Hebreus, no dizer de Robertson (*in loc.*) é «a primeira grande apologia do cristianismo, e nunca foi ultrapassada».

«Eles tinham professado o cristianismo por algum tempo (ver Heb. 5:12); e a sinceridade de sua profissão de fé era comprovada pelo modo como tinham suportado uma severa perseguição (ver Heb. 10:33,34). Tinha sofrido jubilosamente o despojamento de suas posses; tinham suportado grande conflito de sofrimentos. Mas tinham sentido como mais desgastador do espírito o prolongado conflito contra o pecado (ver Heb. 12:3,4), bem como a derrição que experimentavam como crentes dia a dia (ver Heb. 13:13), do que a perseguição mais feroz. Conseqüentemente, seus joelhos se tinham afrouxado, na vereda da resistência e da atividade justas; e as suas mãos pendiam inermes, como se fossem homens derrotados (ver Heb. 12:12). Tinha estacado no progresso e corriam o perigo de desviar-se (ver Heb. 6:1-4 e 3:13), permitindo que o mau coração de incredulidade surgisse neles. Não se há de duvidar que essa condição de desatenção, de semicrença, deixara-os abertos para a incursão de ensinamentos diversos e estranhos (ver Heb. 13:9), algo prenhe de perigos» (Marcus Dodds, *in loc.*).

Prossegue o mesmo autor: «Para restaurar neles o frescor da fé, o escritor sagrado, em cada porção da epístola, exorta-os à constância e à perseverança. 'Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar...' (ver Heb. 10:23). 'Não abandonéis, portanto, a vossa confiança...' (ver Heb. 10:35). 'Se retroceder, nele não se compraz a minha alma' (ver Heb. 10:38). Ou então, aquilo que poderia ser reputado como o lema exortativo da epístola: 'Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se de fato guardarmos firme até o fim a confiança que desde o princípio tivemos' (ver Heb. 3:14). A fim de que se encorajassem a tal, o autor mostra as excelentes bases em que poderiam alicerçar sua confiança. Os frutos da fé, em seus antepassados, são recapitulados no eloqüente décimo primeiro capítulo. 'Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigues, desmaiando em vossas almas' (ver Hebreus 12:3). A supremacia de Cristo e o fato de que ele é digno de nossa confiança são expostas detalhadamente, sobretudo a eterna suficiência de seu sacrifício e de sua intercessão».

Ao mostrar o seu propósito central, conforme é comentado acima, o autor apresenta muitos propósitos secundários. Assim é que a elevada posição de Cristo pode ser vista e entendida; ele suplantou a anjos, profetas e todas as revelações anteriores (primeiro capítulo). Somente nele podemos realmente confiar; pois ele é superior a Moisés, do mesmo modo que um filho, em uma casa, é maior que um escravo (ver o terceiro capítulo). Portanto, é impossível retornar-se a Moisés e fazer dele objeto da fé, porquanto em Cristo temos superior revelação; a fé é que se reveste de valor, no tocante à predica do

HEBREUS

evangelho, que as antigas idéias não destruem a nova fé, para que ninguém fique aquém do «descanso» de Deus (ver o quarto capítulo). É verdade que a salvação era mediada pelos sacerdotes judeus; mas agora temos um grande Sumo Sacerdote, e nenhum crente verdadeiro pode retroceder a meras sombras, depois de ter visto a realidade (ver os capítulos quinto e sexto). Precisamos reputar o sacerdócio de Cristo como superior ao arônico, pois Cristo pertence à ordem de sacerdócio de Melquisedeque, que é superior ao arônico, — e ele mesmo é a concretização desse sacerdócio (ver os capítulos sétimo e oitavo). Todas as ordenanças da dispensação judaica, com suas muitas leis e cerimônias, sacrifícios e rituais, eram apenas sombras da verdadeira fé que depositamos em Cristo (ver os capítulos nono e décimo). A fé é a maneira superior de expressão espiritual, e Cristo é seu objeto mais destacado, bem como o seu grande exemplo (ver os capítulos décimo primeiro e décimo segundo). Este livro, pois, tem por finalidade aclarar essas verdades, a fim de que o propósito central, que é o de impedir a apostasia contra Cristo, fosse realizado.

A melhor defesa é um bom ataque, sendo que os crentes são convidados a deixarem de lado a sua preguiça mental e a estagnação na sua experiência espiritual (ver Heb. 6:1-3), para contrabalançar toda a tendência de apostasia da fé. Se um homem cresce diariamente em Cristo, não cairá na tentação de tornar-se frio, ou de abandonar finalmente a sua fé. Essa é uma mensagem urgente para os tempos modernos; pois o que destrói nossas igrejas, a não ser a ausência total de ensinamento vital e pouco interesse pelas evidências do Espírito entre nós? A estagnação é algo destrutivo para a fé. No entanto, em nossos dias, ministros e professores de Escola Dominical vão de ano para ano sem aumentar vitalmente os seus conhecimentos, sem aprimorar a sua didática, e desde há muito já disseram a seus ouvintes tudo quanto sabem. Como é que uma igreja pode manter-se sob tais condições? — Neste mundo moderno, se um homem não avança, em breve vê desaparecerem suas oportunidades de trabalho. No entanto, a igreja cristã pode prosseguir na estagnação, o pregador pode continuar sempre o mesmo, sem nada saber de novo ano após ano; e ainda quer que o mundo a considere com seriedade. O Novo Testamento é o maior documento que jamais foi escrito em linguagem humana; mas a ignorância sobre seus ensinamentos é uma falha generalizada na igreja; e o ensino, ali, não está segundo a altura desse elevadíssimo documento sagrado. Ensinamos antes «alguns» conceitos sobre a Bíblia, e não a própria Bíblia.

Qual foi a natureza da apostasia enfrentada?

Consideremos os pontos seguintes:

1. Alguns estudiosos, que são uma minoria, vêem nessa epístola a oposição a um tipo primitivo de gnosticismo, ou uma heresia pré-gnóstica, que mais tarde tomou corpo. Se isso é verdade, então a epístola se alinha ao lado de Colossenses e das epístolas pastorais, bem como das epístolas de João. Essa forma de gnosticismo, tal como aquela forma combatida na epístola aos Colossenses, certamente provinha da influência judaica, o que talvez explique o material tipicamente «judaico» desta epístola. Aqueles que defendem essa posição vêm provas a respeito na forte ênfase sobre a superioridade de Cristo sobre os anjos (ver Heb. 1:4-14) e contra a ênfase dada a supostos intermediários (ver Heb. 1—4), além de práticas ritualistas (ver Heb. 5—10), tudo o que caracterizava o gnosticismo. (Ver o artigo sobre o *gnosticismo*). Apesar dessa posição poder

estar com a verdade, e alguns pensam que gentios crentes foram os endereçados desta epístola, o que indicaria um destino a algum lugar onde a heresia gnóstica atacava, a maioria dos eruditos não aceita bem essa teoria.

2. O ponto de vista mais largamente aceito é o que diz que a epístola foi genuinamente escrita para alguma comunidade, ou comunidades de judeus crentes, ou mesmo aos judeus crentes em geral, avisando-os essencialmente sobre o perigo de retornarem ao judaísmo, ou de reduzirem a pessoa de Cristo a uma posição tão inferior que ele se tornaria apenas outro dentre os «profetas». A ênfase sobre as «coisas judaicas», do princípio ao fim exige quase esse ponto de vista, pois por que razão qualquer outro tipo de erro exigiria tal refutação?

3. Contudo, alguns eruditos pensam que gentios crentes são endereçados nesta epístola e que o aviso é acerca de sua volta ao paganismo ou à irreligiosidade. Porém, se assim realmente é o caso, é difícil perceber porque foi necessário que o autor tivesse se preocupado tanto com panos de fundo judaicos, o que, na realidade, ocupa quase a epístola inteira. Que sentido teria isso para crentes gentios? Que ligação direta teria isso com o caso deles? O mais certo é que o autor tê-lo-ia advertido sobre a inferioridade das formas religiosas gregas e romanas, sobre as sutilezas da filosofia hedonista, como o ceticismo e o sofisma, ou sobre os perigos da idolatria. Não é provável que o judaísmo de tendências gnósticas tivesse sido suficiente para explicar as pormenorizadas discussões sobre o judaísmo e seus ritos.

A inadequação da lei é declarada de modo breve (ver Heb. 7:19 e 10:4); contudo, a ênfase não recai sobre o ensino contra formas de legalismo, e, sim, sobre a tendência de certos cristãos para a estagnação espiritual, em que estes se tornam desatentos para com a mensagem cristã, esfriam para com a causa cristã, tornando-se inermes e embotados—essas são as falhas atacadas aqui. O autor sagrado via que tais crentes não demorariam a duvidar da eficácia e da natureza ímpar da mensagem cristã, e até mesmo chegariam a duvidar da superioridade de Cristo, pois, para esses, ele já teria cessado de ser superior e sem-igual. Tais pessoas facilmente reverteriam para suas antigas formas religiosas. Nisso consiste a «apostasia» para a qual o autor sagrado não via remédio. Portanto, se o legalismo não era o problema imediato, a reversão à fé judaica estaria em pauta, pois essa é a única maneira de explicar tão abundante material sobre o judaísmo. Por conseguinte, as pessoas advertidas devem ter sido judeus-cristãos. Também é possível que dentro da cultura helenista da época, também mostrassem tendências de reduzir a sua fé a uma espécie de «gnosis», com algumas características próprias do gnosticismo.

V. Forma literária e integridade

Alguns consideram o livro aos Hebreus essencialmente uma epístola; outros preferem pensar nele como um tratado; e ainda outros julgam-no um sermão ou homilia. Começa como um tratado, prossegue como um sermão, e termina como uma epístola. A maneira exata de classificar esse livro é um dos problemas ainda não solucionados pela pesquisa neotestamentária. O tipo exato de forma literária que o livro apresenta se relaciona ao seu propósito. Se porventura se trata de uma simples epístola, então é provável que tenhamos aqui as comunicações pessoais do autor para alguma comunidade cristã; se porventura se trata de um tratado ou sermão, então seus endereçados poderiam ser um grupo maior de cristãos, uma classe inteira, como, por exemplo, todos

HEBREUS

os judeus-cristãos; ou então o «tratado» pode ter sido dirigido aos cristãos de todos os lugares que fossem tentados a reverter à irreligiosidade.

Examinando o décimo terceiro capítulo, encontramos em «terreno de epístola», isto é, nosso documento tem a natureza de uma epístola. Mas nem mesmo ali é dada alguma assinatura, o que seria de estranhar para um escritor de «epístolas». Além disso, o próprio livro não tem as formas introdutórias de uma epístola, mas antes, começa como um tratado. Se temos aqui uma epístola, por que as formas epistolares costumeiras não foram seguidas? A fim de explicar porque o documento começa como um tratado e termina como uma epístola, várias especulações têm surgido. É possível que o documento original tivesse uma introdução apropriada a uma epístola, que foi eliminada por que alguém sugeriu que continha um nome não-apostólico como seu autor; ou então, mais logicamente, o décimo terceiro capítulo não faria parte do tratado original, mas foi acrescentado por algum autor posterior, procurando dar ao todo um *tom paulino*. Essas especulações envolvem-nos em questões sobre a «integridade do documento». Possuímos o mesmo em sua forma original, ou houve modificações, adições ou eliminações? Não fora o conteúdo do décimo terceiro capítulo, e ninguém jamais teria pensado em chamar este documento de «epístola».

Porém, supondo-se que o décimo terceiro capítulo seja autêntico, então poderíamos hesitar em chamar este livro de um «tratado»; e o autor sagrado em toda parte se mostra tão prático em suas admoestações, usando os dons de um pregador e de um exortador, que nos sentimos tentados a chamar a obra inteira de «sermão», — em vez de uma tese cuidadosamente desenvolvida, conforme é a natureza de um tratado. Portanto, no próprio documento o escritor dá a entender que seu livro foi dirigido «de um orador para seus ouvintes», e não «de um escritor para seus leitores». Isso dá ao livro um tom mais de sermão do que de tratado. (Ver Heb. 2:5; 5:11; 6:9; 8:1; 9:5; 11:32; 12:25 e 13:6).

A única conclusão possível a que podemos chegar é que esse documento não segue qualquer forma literária, sendo uma obra ímpar. Contudo, devido a sua mistura peculiar de estilos, dificilmente podemos dizer que temos uma nova forma literária, conforme foi o caso dos evangelhos, os quais, por serem obras sem-igual, formaram uma nova forma literária. Parece que temos aqui um pregador que se lançou à empresa de escrever um tratado; e, a fim de dar um toque pessoal a seu «sermão-tratado», adicionou algumas questões pessoais que dão ao fim de seu livro a aparência de uma epístola.

Integridade. Essa palavra, aplicada a obras literárias, levanta a questão se este documento chegou até nós na mesma forma em que foi originalmente escrito, ou se houve adições ou eliminações de material, ou ambas as coisas. O primeiro e o último capítulos são postos em dúvida. Alguns, supondo que este documento é uma epístola, crêem que sua forma original tinha uma introdução própria de uma carta. Se tal introdução foi escrita por um não-apóstolo, isso poderia ser prejudicial para a autoridade e a circulação do livro, sendo que todo o conteúdo «semelhante a uma carta», do primeiro capítulo, teve de ser eliminado. Essa idéia se torna muito dúbia quando se nota quão hábil e artisticamente o primeiro capítulo foi escrito, formando um todo compacto que dificilmente poderia admitir qualquer adição ou subtração. Sua beleza estética, e sua força de expressão deixam-nos com a idéia de que chegou até

nós em sua forma original. A história não nos sugere que tenha havido jamais nos tratados uma introdução similar à das epístolas. Além disso, este livro foi aceito e exaltado no Ocidente na forma como o temos agora. Outrossim, todos os manuscritos que possuímos sobre esse documento tem o primeiro capítulo conforme o conhecemos hoje.

Contudo, há outros documentos, ordinariamente chamados «epístolas», que não possuem introduções epistolares normais, como a de Barnabé, a de II Clemente e a primeira epístola de João; sendo que se o documento tivesse a intenção de ser uma epístola, ainda assim poderia faltar-lhe esse elemento introdutório.

Deve-se admitir, porém, que o décimo terceiro capítulo nos toma de surpresa, pois nada há, nos capítulos um a doze, que nos prepare para a repentina mudança de estilo e conteúdo como encontramos ali. Sua presença nesse documento tem provocado várias conjeturas:

1. A conclusão foi escrita pelo autor original, que tencionava que seu tratado fosse dirigido a um grupo específico e limitado, ao qual saúda no décimo terceiro capítulo. Nesse caso, ele não se preocupou que o estilo e a substância de seu documento tivessem sido subitamente alterado para pior. Preocupou-se apenas em fazer as saudações necessárias. Ao fazer tais saudações pessoais, talvez ele tenha querido dar às mesmas um tom paulino proposital, embora também possa tê-lo feito sem tal intenção. Caso o tenha feito *propositadamente*, então provavelmente fez assim para efeito de «familiaridade». Seus leitores estariam acostumados com as epístolas paulinas, e se sentiriam à vontade ao ler essa forma de conclusão.

2. O autor original poderia ter adicionado a seu tratado uma seção de saudações pessoais, ao enviá-lo para um lugar específico, ao passo que o próprio tratado visava todos os judeus-cristãos, ou mesmo os cristãos de todos os lugares, faltando-lhe os toques pessoais ou a forma epistolar.

3. A conclusão pode ter sido adicionada por uma pessoa diferente, que a fez a fim de fazer com que o documento contivesse saudações aos seus endereçados.

4. Um escriba posterior pôde ter adicionado a conclusão como o propósito específico de dar ao tratado um «tom paulino», para que assim fosse aceito como obra mais autoritária.

5. Mais remota é a idéia de que o escritor de fato foi Paulo, e que ao seu tratado ele adicionou algumas saudações pessoais.

Todas essas idéias acima estão sujeitas a objeções. Os números abaixo dizem respeito às conjeturas acima:

1. Há certa qualidade «artificial» nesse décimo terceiro capítulo, pois tem paralelos notáveis com certas epístolas paulinas, mas se contradiz consigo mesmo. (Comparar Heb. 13:23 com Fil. 2:19,23,24; 13:16 com Fil. 4:18; 13:21 com Fil. 4:20; 13:24 com Fil. 4:21,22; 13:18,19 com File. 22; 13:18 com II Cor. 1:11,12). Esses notáveis paralelos com escritos paulinos ocorrem somente nesse capítulo, pelo que é legítima a indagação, «por quê?» Note-se também a notável contradição entre os versículos dezoito e vinte e três. O versículo dezoito mostra o autor aprisionado, ao passo que o versículo vinte e três dá a impressão de que ele estava livre. Um segundo autor, que acrescentou toques paulinos, poderia ter, por descuido, criado tal contradição, bem como a situação de que somente aqui é que temos paralelos às cartas paulinas. Mas, por que o autor original faria isso? Só podemos conjeturar que ele o fez para dar a

HEBREUS

seu livro certo tom paulino. Não podemos aceitar a idéia de que ele o fez para que seu livro passasse como de autoria paulina, pois, nesse caso, por que ele simplesmente não adicionou o nome de Paulo à conclusão, embora não tivesse querido iniciar seu livro como uma epístola? A pergunta, pois, seria: «Por que ele quis dar ao livro um tom paulino»? Não temos resposta certa para isso. Contudo, a primeira conjectura é que está eivada de menos dificuldades. Todas as cópias que temos do livro aos Hebreus contêm o décimo terceiro capítulo; e, se este tivesse sido adicionado posteriormente, é bem possível que pelo menos algumas cópias tivessem chegado até nós sem tal adição.

2. A segunda conjectura não é muito provável porque não explica o «tom paulino» da conclusão, embora explique «alguma forma» de conclusão.

3. A mesma objeção pode ser feita neste caso. Um escriba posterior, ao adicionar saudações pessoais, no fim, antes de enviar o documento aos crentes que julgou deveriam ler essa mensagem, dificilmente sentiria ser necessário dar ao livro um tom paulino.

4. Se um escriba posterior tentou fazer o livro parecer paulino, para que obtivesse posição canônica, por que não adicionou o nome do próprio Paulo, o que teria sido mais convincente? Assim todos os eruditos aceitariam o livro como paulino, a despeito de quaisquer argumentos em contrário.

5. Este livro não pode pertencer a Paulo, por razões declaradas na primeira seção da introdução, intitulada «Autoria». Se tivesse sido de autoria de Paulo, por que ele não mencionou o próprio nome, como era seu costume?

Dessas cinco conjecturas, pensamos que a primeira é a mais viável, embora tenhamos de admitir que há muitas dificuldades. Este artigo defende a posição que o livro *aos Hebreus*, segundo o temos hoje, representa sua forma original, incluindo seu décimo terceiro capítulo, a despeito das dificuldades que isso cria.

VI. Idéias religiosas e filosóficas

O autor escreveu com base na influência de mais de um pano de fundo, tanto literário como teológico, de onde extraiu suas idéias distintivas. Consideremos os quatro pontos abaixo:

1. É óbvio que o A.T. é a sua grande fonte de informações, o fator formativo desse documento, embora sempre interpretado do ponto de vista cristão. É significativo que ele retrocede ao judaísmo bíblico, mediado pela versão da Septuaginta, — em vez de alicerçar-se em expressões e práticas do judaísmo corrente. Ele via o A.T. como fonte das «sombrias simbólicas» de Cristo; e o âmago e o sentido daquele documento se acha na pessoa do Filho eterno. Isso é exposto sob formas platônicas, pois as leis, os ritos e as cerimônias do A.T. são apenas os «particulares» terrenos e temporários em que a «forma eterna» ou «idéia» da autêntica fé religiosa (centralizada em Cristo) se reflete. As formas religiosas do A.T. são «inferiores» porque são temporais, e por serem apenas débeis «apresentações» da verdade e não a própria verdade. O autor desenvolve suas idéias acerca do sacerdócio (o grande tema isolado, que ocupa grande parte de Heb. 4:14—12:29) — de um modo que os leitores de Filo, o grande teólogo-filósofo neoplatônico do judaísmo alexandrino—até 50 D.C.—poderão reconhecer. Pois toma por empréstimo tanto idéias como expressões verbais. Assim, se o A.T. é sua maior fonte, e se as instituições mencionadas são aquelas dos tempos bíblicos, e não as do judaísmo a ele contemporâneo, contudo, o uso do A.T. é mediado pelo pensamento helenista. (Ver as notas abaixo,

sobre a influência de Filo, neste tratado). Apesar disso, em sua maior parte, o autor sagrado não chega aos extremos de Filo de reduzir tudo a alegorias, mas interpreta «historicamente», a maioria dos eventos, vendo ali acontecimentos e lições reais, — e não apenas alegorias.

As alusões ao A.T. ou citações diretamente extraídas do mesmo são numerosas, de tal modo que é supérfluo alistá-las. No N.T. grego de Nestle há quase trezentas instâncias de tais citações.

A grande idéia central que é extraída de tudo isso é que, em Cristo, todas as formas e idéias do A.T. encontram cumprimento. Assim, Cristo é a revelação divina todo-suficiente, todo-autoritária, absoluta e final. É tolice, pois, e até uma fatalidade, depois de o termos conhecido, retornar a formas religiosas anteriores e inferiores, o que explica as muitas advertências contra a apostasia. (Ver o item IV, intitulado «Propósitos do Tratado e Natureza da Apostasia Combatida» quanto a notas expositivas a esse respeito).

2. **A influência de Paulo.** Não se há de duvidar que o autor estava familiarizado com os escritos paulinos. O décimo terceiro capítulo é conclusivo a esse respeito. (Ver o item V deste artigo, o parágrafo que se segue imediatamente à lista das cinco conjecturas sobre a natureza do décimo terceiro capítulo). Porém, se esse capítulo não foi escrito pelo autor original da epístola, temos declarações similares, mas não empréstimos indiscutíveis feitos dos escritos de Paulo. Isso significaria que ambos se aproveitaram de uma fonte informativa comum, e não que o autor deste livro fez algum empréstimo direto de Paulo. Há temas similares, a saber: 1. O Cristo preencarnado, divino e criador (capítulo primeiro com I Cor. 8:6; II Cor. 4:4 e Col. 1:15-17). 2. Mas Cristo se tornou verdadeiro homem (Heb. 2:14-17 com Rom. 8:3; Gál. 4:4 e Fil. 2:7). 3. A morte de Cristo foi o aspecto central de sua missão tendo-nos trazido a redenção (Heb. 9:15 com Rom. 3:24; I Cor. 1:30). 4. A ineficácia da lei (Heb. 7:19 e 10:4 com Rom. 3 e Gál. 3). 5. Cristo é o mediador (Heb. 7:25 com Rom. 8:34). 6. A grande importância da fé (Heb. 11 com Rom. 3—6). 7. Jerusalém celestial é nossa possessão (Heb. 12:22 com Gál. 4:26). Não há razão para crermos que o autor não conhecesse os escritos de Paulo, e não se há de duvidar de que foi influenciado, em sua expressão e desenvolvimento, no tocante a certas idéias; todavia, permaneceu senhor de si, e sua apresentação, até mesmo de certas doutrinas básicas, é diferente da apresentação paulina. Isso é ventilado na primeira seção do artigo, intitulada «Autoria», que aborda mais detalhadamente a questão. Na passagem acima e em várias outras passagens, um fraseado similar é usado por Paulo, em que a palavra *primogênito* se aplica a Cristo (ver Heb. 1:6 com Rom. 8:29); em que se diz que tudo foi sujeito a Cristo (ver Heb. 2:8 com Fil. 2:9-11); em que há ênfase sobre a perseverança (ver Heb. 3:14 com Rom. 11:22); a questão da necessidade de todos prestarmos contas a Deus (ver Heb. 4:13 com II Cor. 5:10 e Rom. 14:12). Mas isso não comprova qualquer empréstimo diretamente feito, mas apenas o uso de fontes informativas comuns, baseadas no cristianismo primitivo, do primeiro século.

3. **Primitivas Idéias Cristãs.** É óbvio que o autor se baseou em fontes informativas comuns a todos os cristãos primitivos, inclusive Paulo. Ele não escreveu em um vácuo e nem criou um cristianismo diferente do que era corrente em seus dias, apesar de que ele tinha suas próprias idéias, suplementando a tradição cristã. É razoável supormos que temos neste livro, sob

HEBREUS

forma elaborada, aquilo que se ouvia na igreja na forma de expressão mais simples—todos viam em Cristo o cumprimento de tudo quanto era melhor e vital no judaísmo. A epístola aos Hebreus é uma extensa e eloqüente expressão dessa primitiva apologia cristã. Epístolas como aos Romanos e aos Gálatas dão a entender a mesma coisa, e com frequência citam o A.T., mostrando que Cristo cumpriu o mesmo. O livro de Atos expõe com frequência essa apologia. Sem dúvida foi esse o fator mais comum da primitiva pregação cristã. A primeira coisa que Paulo fez após sua conversão foi começar a asseverar e a pregar a Jesus como Messias e Filho de Deus (ver Atos 9:20-27). O sermão pentecostal de Pedro se baseou sobre textos do A.T., supostamente cumpridos na dispensação cristã e na vida do próprio Cristo (ver Atos 2:15 e ss). A defesa de Estêvão (sétimo capítulo do livro de Atos) teve o mesmo caráter e a mesma base. (Quanto a notas expositivas completas sobre o testemunho geral do A.T., em que Jesus aparece como o Messias, segundo a igreja primitiva via a questão, ver Atos 3:22 no NTI).

Abaixo damos as «idéias cristãs primitivas» de que participa o presente documento: *a.* a exaltada pessoa de Cristo (primeiro capítulo); *b.* a revelação final de Deus, em Cristo (primeiro capítulo); *c.* o caráter absoluto de Cristo, em contraste com o caráter temporal e parcial do judaísmo (Heb. 13:8); *d.* a humanidade de Cristo (Heb. 2:16 e ss 4:16 e ss); *e.* a revelação da bondade de Deus para com os homens, o seu interesse em satisfazer as necessidades humanas (Heb. 2:16 e ss e 5:7 e ss). Notemos o uso frequente do simples nome «Jesus», o qual salienta isso: Deus, no homem Jesus, quis satisfazer às necessidades humanas (Heb. 2:9; 3:1; 5:7; 7:22; 10:19; 12:2,24 e 13:12); *f.* a missão de Cristo é enfocada na importância de sua morte expiatória (Heb. 9:1—10:18); *g.* a morte de Cristo foi prefigurada pela lei, sendo necessária para o perdão dos pecados (Heb. 9:1 e ss, 22 e 10:1 e ss); *h.* por causa de sua obediência e missão bem-sucedida, Cristo está assentado nos céus, acima de todos os outros seres (Heb. 1 e 8:1); *i.* dali ele virá pela segunda vez (Heb. 9:28); esse dia se aproxima (Heb. 10:25); *j.* a morte de Cristo assegurou a derrota de Satanás e seus poderes (Heb. 2:14); *l.* a revelação já foi feita, mas os homens precisam responder com fé (Heb. 4:2,3; 10:22,38,39; 11:1-40 e 12:2); *m.* a obediência deve acompanhar a vida cristã (Heb. 4:6,11; 12:25); essa obediência inspira-nos a esperança (Heb. 6:18,19 e 11:1); *n.* o amor e as boas obras são centrais para o sucesso na inquirição espiritual (Heb. 10:24; 13:1 e ss); *o.* os falsos ensinamentos são rejeitados (Heb. 13:9); *p.* de acordo com a prática de todos os cristãos primitivos, os argumentos apresentados são escudados em Escrituras do A.T., reputadas como autoritárias.

4. A Influência platônica, por meio de **Filo** representa a corrente principal da helenização do judaísmo, e várias idéias helenizadas passaram para o cristianismo, em resultado de suas atividades. Não sabemos dizer se o autor desta epístola conhecia diretamente a Filo, mas é certo que estava familiarizado com suas idéias, através de outras fontes, o que se dava com muitos outros intérpretes rabínicos. Vários outros primitivos pais da igreja, como Justino Mártir, da escola alexandrina, como Pantaeo, Clemente e Orígenes, expressaram a teologia cristã sob termos platônicos, como o fez Agostinho, em data posterior.

A idéia religiosa dominante, entre as nações pagãs, quando do advento do cristianismo, e até mesmo por longo tempo antes disso era o *drama sagrado* da alma,

segundo Platão, em que o espírito do homem não pertencendo realmente a este mundo, estaria aqui castigado, prisioneiro do corpo, a buscar o mundo superior. O espírito buscaria saída deste mundo através de uma perfeição moral crescente, para que pudesse habitar na esfera superior e espiritual. Todó quanto está neste mundo seria apenas uma imitação do mundo celeste; e todas as coisas terrenas (chamadas de particulares) teriam seus paralelos no mundo eterno das *idéias*, das realidades espirituais, de natureza «não-material». Portanto, haveria o mundo das «idéias» ou «mundo ideal», uma esfera espiritual onde existem todas as perfeições. As «idéias» seriam perfeitas, eternas, não-materiais. Neste mundo vil de pecado os «particulares» seriam apenas imitações das «idéias»; e assim, em certo sentido, são contrárias a estas últimas, isto é, imperfeitas, temporais, e materiais. A esperança a longo prazo é que a alma, tendo-se reencarnado por muitas vezes, e buscando espiritualização através do desenvolvimento moral, com a ajuda de experiências místicas, tornando-se possuidora de espiritualidade bastante para escapar desta esfera terrena, pode ser elevada ao mundo eterno, e, através de maior progresso ainda, finalmente vir a ser absorvida por Deus, a idéia superior chamada Bondade. Desse modo o «ego» perde a sua identidade e se torna parte do «superego».

Essa noção geral era unida à teoria das «emanações», comum ao estoicismo, em que o Sol central (Deus) se emanaria, como que imitando seus raios. Quanto maior for a distância a que um objeto se acha desse sol, menos luz possuiria, até que, finalmente, surgiria a matéria, que habita em trevas totais. E a alma, por ser uma emanção de Deus, buscaria retornar a ele, e seu objetivo seria a reabsorção final.

Nos escritos de Filo, a primeira **emanação** de Deus foi o **Logos Divino**, algumas vezes referido como ser pessoal, e outras vezes aludido como uma força cósmica. Ele seria o poder criativo e sustentador de tudo. Foi natural que o evangelho de João identificasse esse *logos* (que vide) com o Cristo. Nos escritos de Filo, pois, temos a combinação da metafísica platônica com a teologia hebraica. Para o leitor meditativo, torna-se evidente que, na epístola aos Hebreus, a doutrina cristã é *parcialmente* explanada em termos filônicos, e que essa influência é mais do que meramente verbal. Antes, em *algumas* instâncias, vemos o pensamento cristão através dos olhos de Platão, o que lhe confere uma natureza diferente e distintiva do que teria não fora essa perspectiva. Abaixo damos uma ilustração acerca disso.

O problema dos intérpretes consiste no seguinte: quanto da influência de Filo se reflete na epístola aos Hebreus? Essa questão tem sido vista de modo até mesmo radicalmente diferente por vários intérpretes cristãos. Representando um ponto de vista extremo, alguns têm negado qualquer influência de Filo nesse livro. Essa interpretação, porém, se baseia no preconceito emocional e não sobre fatos. Alguns têm a idéia de que a doutrina cristã ocorreu em um vácuo, nada devendo às idéias pagãs em seu conteúdo e em sua expressão. O máximo que eles admitem é que idéias *hebréias*, igualmente inspiradas, formam a base de algumas doutrinas. Essa tese, naturalmente, não resiste nem a um exame superficial. Há certas doutrinas do platonismo e do estoicismo que têm afinidade com alguns conceitos cristãos, e provavelmente, de diversos modos, expressam a mesma verdade. Por exemplo, dentro da doutrina do «Logos»,

HEBREUS

algo que teve começo de desenvolvimento seiscentos anos antes de Cristo, temos alguns elementos sobre os quais coincidem o cristianismo, conforme o conhecemos, e a metafísica platônica e estoica. Dentro da idéia das gradações de anjos, tão peculiar ao pensamento hebreu helenista, temos um empréstimo feito de fontes mais antigas. Em alguns lugares, essas gradações vieram a ser identificadas com a idéia estoica das «emanações» do Logos. Não há motivo para que se negue a realidade das gradações dentro do poder espiritual, — e Paulo não hesita tomar por empréstimo a idéia, na expressão de passagens tais, como os capítulos primeiro e sexto da epístola aos Efésios e o primeiro capítulo da epístola aos Colossenses. Cremos que isso expressa uma verdade, enquanto não se tornar uma idéia «panteísta», o que sucedia com algumas interpretações pagãs. Mas o ponto aqui frisado é que essa doutrina não era, originalmente, desenvolvimento cristão e nem hebreu, apesar de que foi aceito e aprovado oficialmente nos documentos cristãos, a despeito de sua origem pagã. É um erro supormos que a verdade se fazia totalmente ausente fora do antigo pensamento hebreu-cristão, ou que algumas verdades encontradas ali não pudessem ter sido transpostas para nossa tradição hebreu-cristã.

Consideremos também, como outra ilustração, a doutrina da imortalidade da alma, tão solidamente aceita na teologia cristã hoje em dia. Essa doutrina não se originou na teologia dos hebreus; de fato, os primeiros documentos hebreus não a contêm, como também não falam sobre a doutrina da ressurreição. Não encontramos nenhuma alusão clara a essa verdade senão já nos Salmos e nos escritos dos profetas. Mas muito antes disso, na cultura grega e em outras, essa doutrina já era claramente pronunciada e defendida. Foi essa uma verdade que não se originou da tradição hebreu-cristã, mas é uma verdade. Dificilmente poderíamos negar sua verdade e seu valor, simplesmente porque nossas tradições não pensaram primeiro sobre ela.

Cambando para outro extremo, alguns intérpretes, ansiosos por reconhecerem o desenvolvimento histórico do cristianismo, com base em «outras fontes», exageram o caso em favor de Filo, com influência na epístola aos Hebreus. O cristianismo, afinal de contas, é uma fé religiosa distintiva, não se tendo desenvolvido no vácuo apesar disso. Participa de idéias mais antigas, embora também seja uma revelação especial. Portanto, há certa influência das idéias de Filo no livro aos Hebreus, apesar de sua corrente principal continuar sendo o pensamento hebreu, segundo é interpretado pelo cristianismo, além da enorme adição, feita por revelação, da pessoa e da obra de Cristo, que ultrapassou a tudo quanto foi revelado no judaísmo.

Alguns intérpretes limitam a influência de Filo à questão «verbal»; mas negam-lhe qualquer influência quanto ao «conteúdo». Pode-se também provar facilmente que isso está errado, bastando-nos um pouco de investigação. Podem ser vistas as seguintes tentativas para focalizar nossa atenção sobre como as idéias de Filo podem ser vistas na epístola aos Hebreus:

1. A Septuaginta é sempre usada, tal como nos escritos de Filo. O autor emprega argumentos que envolvem palavras singulares (ver Heb. 8:13), bem como a etimologia de nomes próprios em sua interpretação (ver Heb. 7:2), comum em Filo.

2. Assim como Filo levanta sua discussão central em torno da figura do *Logos*, assim também se vê na epístola aos Hebreus, que um tipo de Cristo-Logos é o seu centro. O conceito está no livro, sem o termo

grego. *Logos*.

3. Algumas vezes há descon sideração pelo «fundo histórico», quando o autor visa alguma interpretação *allegórica*. (Ver o sétimo capítulo, acerca de Melquisedeque). Apesar de reconhecer ele a «história» envolvida, sua interpretação ultrapassa a tudo que se podia pensar estar implícito na mera menção e descrição do A.T., sobre os temas abordados. Contudo, nosso autor fica muito aquém da quase total descon sideração de Filo pelo que é «histórico», pois este, com freqüência, exagerava no manuseio da alegoria. Naturalmente, essa forma de interpretação se tornara comum entre os rabinos, e Paulo também apela para o método em alguns de seus escritos (ver Gál. 4:25), quando faz Agar ser equiparada ao Sinai, e então a Jerusalém. (Quanto ao tratamento alegórico de Filo acerca da figura de Melquisedeque, ver *de Leg. Alleg.* III.25).

4. Suas idéias são notavelmente filônicas, conforme se vê nos exemplos ilustrativos abaixo, onde se vêem conceitos comuns a Filo, alguns dos quais figuram exclusivamente no livro aos Hebreus, quando comparado a outros documentos do N.T.: *a.* o juramento de Deus «por si mesmo» (Heb. 6:13); *b.* aquilo que é «apropriado» para Deus (2:10); *c.* a alta posição atribuída a Abel (11:4); *d.* a retidão de Noé (11:7); *e.* a fidelidade de Moisés (3:2); *f.* a obediência de Abraão (11:8); *g.* o caráter sobre-humano de Melquisedeque (7:1-4); *h.* a peregrinação dos justos, quadro da vida humana neste mundo (11:13-16); *i.* a avaliação sobre o pecado deliberado (10:26); *j.* a impossibilidade de arrependimento em tais casos (12:17); *l.* a ilustração através de vários personagens do A.T. (capítulo onze).

5. Digno de um estudo em separado é o seu «ponto de vista sobre o mundo», que é platônico, e, portanto, filônico, conforme se menciona nas notas introdutórias a esta seção. Ele duplica em idéia, posto que não em expressão, o ponto de vista sobre a criação em dois níveis, «idéias-particulares». O nível inferior seria a imitação do superior, em que cada «particular» teria seu paralelo em alguma «idéia» ou «universal»; e o nível superior seria o das «idéias», das realidades espirituais elevadas, eternas, perfeitas e não-materiais. O fato de que o Cristo é o «Logos» (sem nunca ser chamado tal em Hebreus), proveniente do mundo eterno, explica a exaltada cristologia do livro. Possuindo a posição de «Logos», naturalmente Cristo é *divino*, possuidor de atributos e perfeições divinos. Os anjos, naturalmente, são inadequados, pois somente o *Logos* pode realmente trazer Deus até os homens, e os homens de volta a Deus. Mas o Logos, na qualidade de Mediador, deve primeiramente entrar neste mundo de «particulares», onde teve de assumir autêntica humanidade (ver Heb. 2:10,17). Em seguida penetrou nos lugares celestiais como «grande Sumo Sacerdote». Podemos aprender algo desse office mediante o estudo dos sacerdócios de Aarão e de Melquisedeque; mas do princípio ao fim devemos perceber que essas instituições terrenas são apenas «particulares», que «imitam» o «ideal» eterno e perfeito que há em Cristo. O trecho de Heb. 9:23 fala sobre o *modelo* das coisas que há nos céus, as quais são *imitadas* na terra. Posto que a idéia do «eterno sacerdócio» de Cristo é o tema principal do livro (ver capítulos quinto a décimo, com alusões também em outros trechos), o conceito da «idéia-particular», como descrição da natureza da realidade, fica demonstrado como um fator dominante no livro, posto que é isso que nos dá a base principal para a doutrina do sacerdócio.

Além do «sacerdote celestial» temos a «cidade

HEBREUS

celestial» (ver Heb. 11:10,16; 12:22 e 13:14), e o «santuário celestial» (ver Heb. 8:2,5; 9:11,12,23,24), ambas as coisas têm o seu paralelo na terra. Mas, tudo quanto conhecemos aqui são apenas «sombrias» das realidades celestiais, que finalmente chegaremos a conhecer (ver Heb. 10:1). A própria fé é uma afirmação da realidade e da importância dessas realidades invisíveis, bem como é uma expressão paciente de santidade, de tal modo que possamos atingir o que é celestial (capítulo décimo primeiro). A fé, pois, é a função da alma que «conhece» a realidade autêntica, que se engrena à mesma. O próprio Cristo, naturalmente, é a figura central dessa realidade. Notas expositivas completas aparecem sobre esse conceito, em Heb. 11:1 no NTI. Ora, esse ponto metafísico é filônico, e não hebreu, e isso de forma marcante.

6. Em qualquer discussão sobre a influência plato-filônica neste livro, devemos observar o trecho de Heb. 1:3. Ali Cristo é chamado de *resplendor da glória*; e isso é próprio da «linguagem das emanações». Deus é o grande Sol central, o «Logos» é a sua primeira emanação. Sendo tal, ele naturalmente está pleno de sua natureza, de sua glória e de seus atributos. Muitos intérpretes, antigos e modernos, têm evitado a explicação da «emanação», em Heb. 1:3, pensando que temos ali a idéia do «reflexo» de Deus, como a lua reflete a luz do sol, ou então como um corpo luminoso, separado do primeiro, mas possuidor da mesma natureza e energia. Porém, certamente essas são interpretações incorretas. Contudo, o autor não queria criar qualquer idéia «panteísta», pois somente Cristo é tal emanação, e não a criação inteira. Portanto, o Criador tem natureza distinta da de sua criação, embora sua natureza se duplique no Filho. O termo grego, traduzido ali como «resplendor» é *apaugasma*, a mesma palavra que Filo usou para indicar a relação entre o «Logos» e Deus. Em sua encarnação, o Filho poderia ser concebido como «reflexo» de Deus; mas esse versículo fala sobre sua glória preencarnada—portanto, somente a idéia de «resplendor» é correta; Cristo é a *refulgência* de Deus, possuidor de todas as propriedades divinas. Embora se possa conceber que os anjos possuam algumas propriedades divinas, bem como um poder sobre-humano, o *Logos* está acima de todos, sendo ele o único que realmente pode ser reputado divino.

5. Formulações distintas do livro aos Hebreus. Nada é realmente ímpar neste livro, pois já temos visto que todas as suas idéias têm base em conceitos anteriores e já formulados. Contudo, esse documento nos dá algo de distintivo:

a. O Sacerdócio é seu tema dominante. Apesar de ser esse um tema do A.T., neste livro assume importância especial, pois agora todas as «sombrias» são olvidadas, havendo uma grande «fruição» de todas as idéias sobre o sacerdócio de Cristo. O sacerdócio, como parte da cristologia, embora conhecido em outros lugares do N.T., é melhor e mais amplamente explanado neste livro aos Hebreus. Essa é a maior contribuição desse livro ao N.T., em seu pensamento e teologia.

b. Naturalmente, pois, o cristianismo deve ser reputado não apenas como revelação mais ampla do que a revelação anterior, que houve no judaísmo, mas também é a revelação «final». Pelo menos, em Cristo, pode-se entender que toda a revelação nos foi dada, pois agora temos deixado para trás modos inferiores de revelação. Tudo quanto tivermos de saber acerca de Deus e de sua salvação, de algum modo devemos encontrar dentro do conceito de Cristo. É muito duvidoso que o primeiro capítulo deste livro feche a

porta para posteriores revelações, conforme alguns estudiosos têm pensado. Antes, parece que o mesmo ensina que todas as revelações devem ter como centro a pessoa de Cristo—ele é o «caminho final» pelo qual Deus se revela. Outros livros do N.T. seguiram-se a este livro, sendo que certamente não podemos pensar que o seu primeiro capítulo encerre as «escrituras canônicas», e nem podemos projetá-lo para o futuro, dizendo que o mesmo defende a estagnação, «uma vez terminado o cânon». Em certo sentido, o cristianismo jamais será superado, pois toda a revelação vem por meio de Cristo, ou através de sua autoridade. Mas isso não quer dizer que Deus não possa falar de novo, do mesmo modo que falou no N.T., honrando o mesmo Cristo. Não sabemos se Deus o fará. Pois certamente não vivemos nem à altura de nossas «antigas revelações», sendo improvável que recebamos nossos escritos autoritários enquanto assim fizermos. Por outro lado, nunca podemos pôr uma cerca ao redor de Deus, dizendo que ele não pode falar novamente. O primeiro capítulo deste livro, porém, assegura-nos que, se ele o fizer, fá-lo-á em Cristo. Esse é o tipo de revelação «final» que este livro nos apresenta.

c. Apesar do Cristo do livro aos Hebreus ser o mesmo «Messias» do A.T., ele vai muito além de qualquer coisa pensada no judaísmo sobre o Messias. No N.T. vemos melhor a glória de Cristo, porque esta resulta da mescla do conceito do «Messias» com o conceito do «Logos», o qual é mais do que Salvador e Juiz; também é divino, o qual conduz os homens a uma participação na sua divindade, o qual nos trouxe não apenas um reino político, que faria de Israel cabeça das nações. Esse Cristo assume uma natureza extremamente semelhante àquela dada à idéia do «Logos», nos escritos de Filo. Filo equiparou Melquisedeque ao «Logos»; e o autor do livro aos Hebreus vê certa lição alegórica acerca da grandeza de Cristo, em Melquisedeque, (ver no NTI as notas expositivas em Heb. 7:1, na sua introdução). O caráter sem-par de Cristo, bem como o seu serviço como «sacerdote», são coisas que Filo também disse a respeito do «Logos». Mas também há diferenças, pois não é provável que Filo fizesse justificação para a concentração, em uma pessoa, da vastidão do «Logos».

d. Além disso, notemos o puro ensinamento sobre a humanidade de Cristo, o que, excetuando o segundo capítulo da epístola aos Filipenses, é o mais claro de todos os documentos *teológicos* do N.T. (Ver Heb. 2:9-16; 4:14 e ss e 5:8 e ss).

e. A fé é apresentada de maneira distintiva—trata-se de uma outorga da alma, com base no «conhecimento no nível da alma», acerca das «realidades» do mundo eterno, sobretudo de Cristo. (Ver o artigo sobre a Fé).

f. Em união com a primeira epístola de Pedro e com o Apocalipse, e em distinção com o resto do N.T., este livro aos Hebreus foi escrito para ajudar os crentes perseguidos. A primeira epístola de Pedro responde ao problema com uma resposta «ética»; basta que se persevere na piedade, e nenhum dano permanente pode sobrevir ao crente. O livro de Apocalipse enfrenta o problema com uma resposta «apocalíptica», grandes julgamentos sobrevirão aos perseguidores, e glória para os fiéis. Esta epístola aos Hebreus enfrenta o problema com um argumento essencialmente «cristológico», — temos Cristo como nosso eterno Sumo Sacerdote; e em sua peregrinação, em sua encarnação, ele sofreu como estais sofrendo agora; mas ele é grande, e entrou nos altos céus; na qualidade de vosso Sumo Sacerdote, ele garante para vós aquele lugar. Portanto, olha para ele e a ele entregai as vossas almas.

HEBREUS — HEBREUS (POVO)

g. *Em seu aspecto ético*, o livro aos Hebreus é o mais severo escrito de todo o N.T. Nesse livro vemos que a apostasia é possível, devendo resguardar-nos cuidadosamente da mesma (ver o sexto capítulo). Os crentes precisam cuidar para não serem desatentos (Heb. 2:1), desobedientes (Heb. 4:11), tardios em ouvir (Heb. 5:11) e negligentes (Heb. 6:12). Também devem ser santos, inculpáveis, sem mácula (Heb. 7:26), dessa maneira copiando àquele que foi tentado em tudo, mas que nunca caiu. Os crentes também precisam combater contra o pecado (Heb. 12:4) e devem entrar em uma erudição mais profunda sobre a revelação cristã, a fim de que a estagnação não os separe de Cristo para a apostasia (ver Heb. 6:1 e ss). Se pensarmos que o sexto capítulo desse livro fala em menos do que a apostasia, possível para crentes verdadeiros, ficará cerrubado por terra o propósito do autor, introduzindo interpretações desonestas nesse livro, o que só se coaduna com preconceitos teológicos. (Ver um desenvolvimento deste assunto na quarta seção deste artigo).

h. *Religião e adoração*. Os capítulos sétimo e décimo tratam especificamente a esse respeito. A religião é adoração, e isso subentende em sacrifício, o qual, por sua vez, exige um sacerdote. Sem esses elementos não há acesso a Deus. Porém, em Cristo temos o mesmo acesso a Deus Pai de que goza o Filho, nosso Sumo Sacerdote. O pecado deve ser expiado, conforme todo o sistema de sacrifícios cruentos ou testifica; mas há certa adoração que vai além disso; o que está envolvido na filiação, porquanto nosso ser está sendo transformado naquilo que o Filho é, já que compartilhamos, em grau cada vez maior, de sua natureza e de sua herança. Nisso consiste o verdadeiro acesso a Deus; e desse modo, finalmente, receberemos a totalidade da natureza e das perfeições de Cristo; entramos no Santo dos Santos juntamente com ele (ver Heb. 10:19). Portanto, Cristo, na qualidade de Sumo Sacerdote, entrou no Lugar Santo, através da ascensão (a ressurreição fica subentendida, embora nunca seja diretamente mencionada). Em Cristo, pois, os crentes também desfrutam dessa ascensão, e finalmente o seguirão ao Santo Lugar, porque ele é o Caminho, e, ao mesmo tempo, é o Pioneiro do Caminho.

VII. Conteúdo

I. *Tema Predominante*. A revelação de Deus no Filho é final (1:1,2a)

II. *Desenvolvimento do Tema*. Natureza e perfeições do Filho (1:2b-19:18)

1. Sua dignidade (1:2b-4:13)
 - a. Sua posição como revelador (1:2)
 - b. Sua posição de herdeiro (1:2)
 - c. Sua posição de criador (1:2)
 - d. Sua divindade (1:3)
 - e. Seu poder sustentador (1:3)
 - f. Seu poder de purgar (1:3)
 - g. Sua obra terminada (1:3)
 - h. Sua superioridade aos anjos (1:4-14)
 - i. **Parênteses**: advertência contra a negligência sobre a revelação de Deus em Cristo (2:1-4)
 - j. Sua superioridade, como aquele que nos trouxe a salvação (2:5-18)
 - k. Sua superioridade a Moisés (3:1-6a)
 - l. Advertências resultantes (3:6b-4:13)
 1. Ilustrações do deserto (3:6-19)
 2. O melhor descanso em que entramos (4:1-13)
2. Sua obra foi possibilitada por sua elevada estatura (4:14—10:8)
 - a. Divinamente nomeado como Sumo Sacer-

dote, à semelhança de Melquisedeque (4:14—5:10)

b. Ensinamentos e advertências com base nessas considerações (5:11—6:20)

1. Uma lição a ser aprendida por reprimenda (5:11-14)
 2. Uma lição a ser aprendida por advertência contra a apostasia (6:1-8)
 3. Uma lição a ser aprendida pelo encorajamento (6:9-12)
 4. Uma lição a ser aprendida pela certeza (6:13-20)
3. O Sacerdócio de Cristo é superior ao levítico (7:1-28)
4. Seu ministério como Sumo Sacerdote (8:1—10:18)
- a. Ele entra no santuário celeste *ideal*, e não em alguma cópia terrena (8:1-5)
 - b. O novo lugar de sacrifício requer novo pacto (8:6-13)
 - c. Contraste dos antigos sacrifícios com o novo (9:1-14)
 - d. O sacrifício de Cristo cumpre a promessa do novo pacto (9:15—10:18)
 1. É um testamento, selado com seu sangue (9:15-22)
 2. O santuário celeste foi purgado com um melhor sacrifício (9:23-24)
 3. O novo sacrifício é melhor que os muitos antigos sacrifícios (9:25-28)
 4. A falha do antigo pacto e a perfeição do novo pacto (10:1-18)

III. *Aplicações*. A revelação em Cristo é completa e deve ser seguida. — **Senão** —, o desvio pode ter severo juízo de Deus, a perda da esperança (10:19—12:29)

1. Finalidade do acesso a Deus, mediante Cristo, que exige finalidade de juízo contra os rejeitadores (10:19-31)
2. Os leitores podiam ter confiança, se continuassem no caminho até àquele ponto (10:32-39)
3. **A fé que devemos seguir e que se realiza em nós mesmos**, ilustrada nas vidas de grandes homens da fé (11:1-40)
4. Jesus é o verdadeiro alvo de toda a fé, de cujas perfeições os outros participam apenas parcialmente (12:1-2)
5. O seguir a Cristo exige a disciplina da filiação (12:12-29)
6. **Severa advertência aos desobedientes** (12:12-29)

IV. *Conclusão*. Exortações, saudações pessoais e bênção (13:1-25)

1. A vida social e pessoal do crente (13:1-8)
2. Advertência final e referências pessoais (13:9-24)
3. Bênção (13:25)

VIII. Bibliografia. AM E EN I IB LAN MOF MONTE NE NTI TI TIN VIN VO RO Z

HEBREUS (POVO)

Os eruditos têm proposto várias derivações para a palavra «hebreu», embora não tenham conseguido chegar a uma solução unânime a respeito:

1. Os eruditos mais antigos, seguidos por alguns dos tempos modernos, supunham que a palavra vem de *Éber*, neto de Sem e antepassado de Abraão (Gên. 10:24; 11:16). Essa palavra significa «oposto», «d'além», «do outro lado». Héber deriva-se desse nome, igualmente.

HEBREUS (POVO) - HEBREUS, EVAN.

2. Outros estudiosos, observando o sentido básico de *éber*, supõem que *hebreus* refere-se a povos que vieram «do outro lado», isto é, de algum grande rio, como o Tigre ou o Eufrates. Nesse caso, Abraão, seria alguém que «atravessou» para o outro lado, que emigrou de sua terra, a fim de residir em uma nova terra.

3. Ainda elaborando o sentido de «do outro lado» da palavra *éber*, alguns estudiosos vêem uma referência aos antigos hebreus como um povo nômade, que «atravessou» terras em suas peregrinações.

4. Desde a descoberta dos tablets de Tell el-Amarna (vide), os hebreus da Bíblia têm sido ligados aos povos chamados *habiru*, presumivelmente de raça semita, um dos ramos dos quais, finalmente, chegou à Palestina. Isso tem sido aceito por muitos estudiosos, posto que alguns deles pensam que *habiru* não seja um nome com conotações raciais.

5. Alguns pensam que a palavra *habiru* descreve uma posição jurídica social, e não um povo. As referências descobertas pela arqueologia, em acádio, têm trazido à luz o fato de que essa palavra pode ser entendida como «mercenários». Os trechos de Exo. 21:2 ss; I Sam. 14:21 e Jer. 34:9-11,14 poderiam conter a palavra a fim de descrever a posição legal de servidão ou *escravidão*, em contraste com a situação de pessoas livres. Nesse caso, o trecho de Jer. 34:14 envolveria o sentido de «o escravo, teu irmão». Alguns pensam que a palavra indica a idéia de «nomadismo», nada tendo a ver com alguma identificação racial.

Os eruditos, pois, continuam debatendo, embora pareça haver uma significativa simpatia para a quarta dessas posições, visto que os israelitas realmente eram peregrinos, provenientes de vários territórios, de onde «atravessaram» para a Terra Prometida. Em outras palavras, os hebreus eram peregrinos. Esse significado tem um delicado sentido metafórico. Os hebreus tipificaríamos a própria raça humana, — que se encontra em uma peregrinação nesta terra de lágrimas, visto que o lar da alma humana não é neste mundo. O trecho de Hebreus 11:13 refere-se à natureza peregrina de Abraão e dos primeiros patriarcas, quando diz:

«Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas, vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra».

E I Pedro 2:11 aplica essa mesma metáfora aos crentes, ao escrever:

«Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis que fazem guerra contra a alma».

Seja como for, os hebreus eram um ramo arameu (de Arã, no sudoeste da Ásia; vide) dos semitas, que desceu para a Palestina, vindo-se o povo de Israel. O termo *judeu* (*yehudim*, proveniente do estado de Judá) não começou a ser usado senão já no tempo do cativeiro babilônico. Contudo, as origens dos hebreus permanecem na obscuridade. Alguns estudiosos supõem que seus antepassados eram nômades do deserto da Arábia, até à primeira porção do segundo milênio A.C., e que, dali, conforme continua essa suposição, eles migraram em massa para o crescente fértil. Um dos clãs, que incluía a família de Abraão, veio a habitar em Ur dos caldeus. Finalmente, dali eles desceram para a Palestina. Gerações posteriores desceram ao Egito, conforme o Antigo Testamento afirma, ao relatar-nos a história de José. Após algumas centenas de anos, ainda como uma identidade racial, conduzidos por Moisés, eles voltaram à Palestina e reconquistaram aquele

território. Após a queda de Jerusalém, já no ano 70 D.C., o povo *judeu* veio a ser um termo genérico para indicar os *hebreus*. Foi assim, finalmente, que «judeus» e «israelitas» tornaram-se sinônimos.

Artigos a serem consultados, acerca dos hebreus:

1. Hebraico
2. Hebreus
3. Hebreus, Literatura dos
4. Antigo Testamento
5. A Ética do Antigo Testamento
6. Israel, História de
7. Israel, Religião de
8. A Filosofia Judaica

HEBREUS DE HEBREUS

Que Devemos Entender Com Essas Palavras?

1. Não significam, especificamente, que Paulo falasse o hebraico (o aramaico, nos dias do apóstolo), em contraste com os judeus helenistas, que falavam o grego ou algum outro idioma. É verdade que os judeus muito se orgulhavam de sua língua, e chegavam a imaginar tola mente que Deus falasse esse idioma. Talvez Paulo se jactasse do fato de que falava essa língua; mas essa não é a referência aqui.

2. Paulo não estava dizendo que era um «judeu palestino», em contraste com os «judeus helenistas», de menor prestígio. Na verdade, Paulo era judeu helenista, pois era natural da cidade de Tarso. Contudo, fora educado em Jerusalém; e, assim sendo, era palestino. Mas não é isso o que se deve entender que ele quis dizer aqui.

3. Sua declaração também não significa, especificamente, que ele era «um judeu proeminente entre os judeus», embora sem dúvida, isso também fosse uma verdade (ver Gál. 1:14). Ele destaca esse aspecto na questão do item seguinte: ele fora fariseu! Portanto, pertencera à elite judaica.

4. O mais provável é que essas palavras simplesmente significam que ele era filho de pais puramente judeus. Não era apenas um «meio-judeu». Pertencia à pura raça judaica.

5. Talvez tenha querido dar a entender que podia traçar sua genealogia por muitas gerações para trás; e assim fazendo, por todo o caminho, podia mostrar que seus ancestrais eram judeus puros. Nesse caso, quão grande seria essa vantagem, pois o próprio Jesus tinha alguns elementos gentios em sua genealogia (ver Mat. 1:5).

... ..

HEBREUS, ÉTICA DOS

Ver sobre *Ética Judaica*.

HEBREUS, EVANGELHO SEGUNDO AOS

Esboço:

- I. Antigas Confirmações
- II. Problemas Específicos
- III. O Impulso para Escrever Evangelhos

I. Antigas Confirmações

O chamado *Evangelho Segundo aos Hebreus* foi uma obra que mereceu o respeito e a atenção de alguns dos pais da Igreja (vide). As alusões à mesma, mediante diferentes títulos, podem significar que

HEBREUS, EVANGELHO

houve mais de um livro envolvido, ou então que essa obra era conhecida por diversos títulos. Naturalmente, há também a possibilidade de que os pais da Igreja simplesmente não foram cuidadosos quanto ao uso de títulos exatos, o que quer dizer que essa variedade de nomes não se reveste de nenhuma significação especial.

Clemente de Alexandria citou algumas poucas afirmações dessa obra, algumas das quais teriam paralelos nos alegados ditos de Jesus, constantes do *Oxyrhynchus Logia*. Ver o artigo intitulado *Declarações de Oxyrhynchus de Jesus*. Declarações similares, atribuídas a Jesus, acham-se também no Evangelho de Tomé, escrito em coíptico. Com base nisso, alguns especialistas têm pensado que ambas essas obras fizeram empréstimos do evangelho aos Hebreus. Porém, nada de certo pode ser dito a esse respeito, pois não dispomos de evidências comprobatórias.

Orígenes citou uma declaração, desse evangelho, que descreve como o Espírito Santo tomou a Jesus, por um de seus cabelos, e o transportou para o monte Tabor, no contexto da narrativa sobre a tentação (ver Mat. 4), o que representa uma versão variante desse relato. Essa citação particular serve para mostrar a natureza apócrifa do chamado Evangelho aos Hebreus.

Eusébio informa-nos de que muitos elementos judaicos, na Igreja cristã, apreciavam muito esse evangelho (ver Hist. 3:25,5). Aparentemente havia uma versão da *pericope adulterae*, de João 7:53 ss, que não faz parte autêntica do evangelho de João, embora possa ter sido um pedaço flutuante de tradição, com alguma base histórica genuína. Quanto a plenas informações sobre a história da mulher surpreendida em adultério, evidências textuais a respeito, etc., ver as notas expositivas no NTI, *in loc*. Através dessa mesma informação ficamos sabendo que Hegesipo (vide), também lançou mão do evangelho dos Hebreus (Hist. 4:22,8).

Os ebionitas. Ver o artigo sobre *Ebionismo*, *Ebionitas*. Esse vocábulo significa 'homens pobres', indicando várias seitas de judeus-cristãos dos primeiros séculos do cristianismo, alguns dos quais simpatizavam com o ramo gentilício da Igreja, e outros que não simpatizavam com os cristãos gentios. *Epifânio* (falecido em 403 D.C.), mencionou um evangelho aos Ebionitas, o qual tem sido identificado como o mesmo evangelho aos Hebreus. O pequeno trecho que ele citou desse evangelho frisa o vegetarianismo nas narrativas acerca de João Batista e de Jesus. *Eusébio* (ver Hist. 3:27,4), por sua vez, indicou que o respeito que os ebionitas tinham por esse evangelho era tão grande que eles o usavam quase com exclusividade, dando pouco valor aos outros evangelhos. Porém, não sabemos dizer até que ponto isso se aplicava às várias seitas que atendiam pelo nome de ebionitas. *Eusébio* (ver Hist. 5:10,3) também diz que esse evangelho supostamente foi levado pelo apóstolo Bartolomeu até a Índia. Mas isso soa como uma emenda apócrifa. Os autores desse tipo de material ansiavam por obter autoridade apostólica para os seus escritos, de qualquer maneira. Em sua *Teofania*, *Eusébio* cita um certo evangelho que era usado entre os judeus, escrito em hebraico; porém, não sabemos dizer se está em pauta a mesma obra.

Epifânio refere-se ao evangelho de Mateus que teria sido escrito completamente em hebraico, e que era usado pelos nazarenos (*Pan.* 29:9,4). Alguns têm ligado esse evangelho de Mateus ao evangelho dos Hebreus, supondo que os dois nomes, «de Mateus» e «dos Hebreus» eram apenas dois títulos do mesmo documento. Todavia, as citações existentes mostram

que não estamos tratando com o evangelho canônico de Mateus, embora o evangelho aos Hebreus pudesse ter alguma forma de afinidade com o evangelho canônico de Mateus. Em *Pan* 30:3,7, *Epifânio* assevera especificamente que havia um documento que tinha dois nomes: evangelho de Mateus e evangelho aos Hebreus. Porém, as evidências de que dispomos mostram-se contrárias a isso, sendo provável que ele estivesse apenas conjecturando. Por outro lado, é perfeitamente possível que um evangelho de Mateus em hebraico (aramaico) também circulasse. Mas, embora isso seja possível, não há, em absoluto, qualquer evidência de que isso tenha acontecido. A maneira dúbia de *Epifânio* abordar essas questões evidencia-se ainda mais pelo fato de que ele também chamou o *Diatesaron* de Taciano (vide) de evangelho segundo os Hebreus.

Jerônimo apenas aumentou ainda mais a confusão. Ele refere-se a uma obra (ou obras?) por diferentes nomes: evangelho segundo aos Hebreus (por sete vezes); evangelho dos Hebreus (sete vezes); evangelho Hebreu (três vezes); evangelho Hebreu segundo Mateus (duas vezes). Também afirmou que os nazarenos e os ebionitas usavam esse título, e que eles o traduziram para o grego e para o latim. No entanto, as citações mostram que não estava em foco, em nenhum desses casos, o evangelho canônico de Mateus. Os estudiosos modernos opinam que *Jerônimo* confundiu o *Evangelho Segundo aos Hebreus* com o *Evangelho aos Nazarenos*, escrito em aramaico. Mas, naturalmente, nenhuma dessas obras era o mesmo evangelho de Mateus, que faz parte do Novo Testamento, apesar de que possa ter havido algumas afinidades com o mesmo.

II. Problemas Específicos

1. Quantos evangelhos foram escritos?
2. Qual a relação entre eles e o evangelho de Mateus?
3. Qual era o conteúdo desses outros evangelhos?

Desdobremos agora esses três pontos:

1. Alguns especialistas modernos, como *Vielhauer*, têm argumentado em prol da existência de três evangelhos: a. um evangelho grego dos Hebreus, a obra que *Clemente* e *Orígenes* conheciam. b. um evangelho dos Nazarenos, escrito em aramaico, conhecido por *Hegesipo*, *Eusébio*, *Epifânio* e *Jerônimo*. c. um evangelho dos Ebionitas, escrito em grego, conhecido somente através de citações feitas por *Epifânio*. Outro erudito, *James*, reduziu isso somente a dois documentos, a saber: a. o evangelho dos Hebreus; e b. o evangelho dos Ebionitas. Através de uma diferente distribuição de citações, ele eliminou o evangelho dos Nazarenos. Porém, se não forem feitas novas descobertas esclarecedoras a respeito da questão, não se pode ter certeza quanto a esses problemas.

2. Os eruditos supõem que todos os três documentos (ou dois; ou mesmo um só deles) tinham alguma relação com o evangelho canônico de Mateus; porém, as citações demonstram que não pode estar em pauta o evangelho canônico de Mateus. O menos herético desses três evangelhos (isto é, o que apresentava menos elementos tendenciosos do gnosticismo) era o evangelho dos Hebreus, que chegou a ser respeitado por alguns notáveis pais da Igreja. Talvez fosse um evangelho usado pelos judeus cristãos do Egito, devendo ser distinguido daquele outro evangelho de inclinações gnósticas ainda mais acentuadas, o Evangelho dos Egípcios. Ver o artigo geral sobre os *Livros Apócrifos do Novo Testamento*.

3. Pouquíssimo se sabe acerca do conteúdo do

HEBREUS — HEBREUS, LITERATURA

documento ou documentos discutidos acima. E isso quer dizer que qualquer valor que eles tenham tido para melhor compreendermos a vida e as declarações de Jesus, isso se perdeu. As citações indicam que tais documentos podem ter-se revestido de um valor independente (à parte dos empréstimos feitos do evangelho canônico de Mateus), embora pequeno. Algumas citações indicam um caráter apócrifo bem definido, enquanto que outras mostram a influência do gnosticismo (vide). Obtemos ali apenas alguns pequenos detalhes adicionais, como aquele que diz que o homem da mão mirrada (ver Mat. 12:9 ss) seguia a profissão de pedreiro. Porém, um homem de mão aleijada teria escolhido uma profissão em que seria muito difícil trabalhar apenas com uma mão saudável? Jerônimo, baseado no evangelho dos Hebreus que ele conhecia, declarou que o véu do templo, por ocasião da crucificação de Jesus, não se rasgou de alto a baixo. O que teria acontecido é que o reposteiro em que estava pendurado, despreendeu-se (talvez em resultado do terremoto que houve). Não sabemos dizer qualquer coisa sobre a origem de tal informação, e nem quanto autêntica pode ela ter sido. Ambas as coisas podem ter ocorrido. Se não aceitarmos o testemunho dos evangélicos canônicos, não há como comprovar a questão, sem novas descobertas arqueológicas, que envolvam referências literárias.

III. O Impulso Para Escrever Evangelhos

Pelo menos uma mensagem torna-se clara, no tocante a esse tipo de literatura e à atividade geral de escrita de evangelhos, durante os primeiros séculos do cristianismo. Essa mensagem é que a vida e as declarações de Jesus mereciam muita atenção. Isso reflete a óbvia grandiosidade dos acontecimentos que cercaram ao Senhor Jesus, e da Nova Mensagem que sua vida, morte e ressurreição produziram. Gênios criativos sempre provocam esse tipo de agitação entre os homens. Suas criações ou realizações precisam ser rejeitadas ou acolhidas. Mas não passam sem provocar significativas reações. Os evangelhos canônicos do Novo Testamento afirmam que a razão de tudo isso foi que o Logos encarnou-se e veio viver entre os homens. Não há melhor explicação para justificar os acontecimentos em volta do Senhor Jesus.

HEBREUS, FILOSOFIA DOS

Ver sobre **Filosofia Judaica**.

HEBREUS, HISTÓRIA DOS

Ver sobre **Israel, História de**

HEBREUS, LITERATURA DOS

Desde a antiguidade, Israel tem sido uma nação que se distingue por sua literatura. Suas duas grandes contribuições à humanidade têm sido a sua religião e a sua literatura. Todavia, nos campos da ciência e da filosofia, não devemos pesquisar entre os hebreus. O idioma hebraico e suas aplicações literárias têm tido uma longa e mui complexa história.

Esboço:

- I. O Antigo Testamento
- II. Literatura Pós-Antigo Testamento
- III. Escritos Interpretativos
- IV. A Literatura Medieval dos Hebreus
- V. A Cabala: o Poder do Misticismo
- VI. A Renascença e a Reforma Protestante
- VII. O Despertamento do Nacionalismo
- VIII. Desde a Primeira Guerra Mundial Para Cá

I. O Antigo Testamento

O Antigo Testamento é uma coletânea de livros que preserva cerca de mil anos de atividade literária em Israel (de 1200 a 200 A.C.). As referências, dentro do próprio Antigo Testamento, mostram-nos que houve muitos outros livros produzidos pelos hebreus, mas que não foram incluídos, finalmente, no cânon do Antigo Testamento. A Bíblia hebraica está dividida em três seções principais, a saber: 1. os livros de Moisés, o Pentateuco; 2. os Profetas; 3. as Hagiógrafas, ou Escritos Santos.

O *Pentateuco* começa com a narrativa da criação; narra a história da queda do homem; o surgimento de Abraão, o nascimento de uma nova nação; Israel, a servidão sofrida no Egito; a outorga da lei mosaica, após a saída do Egito; e a conquista da Terra de Canaã (Palestina).

Os Profetas estão divididos em *profetas anteriores*: Josué, Juizes, I e II Samuel, I e II Reis; e em *profetas posteriores*: Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze, ou seja, os profetas chamados «menores», porque seus livros eram menos volumosos que os daqueles três primeiros, e não porque estes livros fossem menos importantes ou seus autores fossem mais baixos, conforme alguns têm pensado.

As *Hagiógrafas*, ou Escritos Santos, incluem: Salmos, Provérbios, Jó, Cantares, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e I e II Crônicas.

Na Bíblia há uma grande variedade de estilos literários, incluindo obras de cunho documental, histórico, profético, poético e filosófico. Oferecemos um artigo separado sobre o *Antigo Testamento*, onde fornecemos uma detalhada descrição sobre esses estilos literários diversos.

II. Literatura Pós-Antigo Testamento

As obras chamadas «apócrifas» são intituladas «deuterocanônicas» pela Igreja Católica Romana, desde que o concílio de Trento (vide), declarou-se em favor da canonicidade das mesmas. Os protestantes e evangélicos, porém, preferem reter o termo *apócrifos* para indicar aqueles livros que nunca foram incluídos no cânon do Antigo Testamento pelos judeus. Entretanto, a Igreja da Inglaterra assume uma espécie de posição intermediária entre esses dois extremos, quanto a esses livros, dando-lhes mais atenção e usando-os mais do que fazem outros grupos protestantes, embora não lhes dando idêntica posição de livros inspirados, juntamente com os livros que, verdadeiramente, fazem parte do cânon veterotestamentário. Ver o artigo separado sobre os *Livros Apócrifos*.

As obras intituladas «pseudépígrafas» formam uma outra atividade literária do antigo povo judeu, no período que fica entre o Antigo e o Novo Testamentos. Esses livros são essencialmente desconhecidos pelos evangélicos de hoje, excetuando o caso dos eruditos; porém, é preciso admitir que neles há muita coisa que influenciou idéias constantes no Novo Testamento. Quanto a isso, ver especialmente os artigos sobre I e II Enoque. Ver também o artigo separado sobre as *Pseudépígrafas*.

III. Escritos Interpretativos

O Antigo Testamento veio a ser encarado como literatura sagrada, tendo havido um selecionamento de livros, no decurso de vários séculos, para determinar o cânon dessa literatura sacra, isto é, quais livros deveriam ser incluídos na coletânea. Ver o artigo sobre o Cânon. Antes mesmo desse processo completar-se, surgiu a necessidade de interpretar os escritos sagrados. A interpretação, quando assume o

HEBREUS, LITERATURA DOS

aspecto de autoridade, torna-se um meio de proteger os Livros Sagrados. Quase todos os hebreus perceberam a necessidade disso, apesar dos inevitáveis abusos. Entretanto, no judaísmo, periodicamente, surgiram movimentos «de volta às Escrituras», que deploravam os comentários e as teologias forçados. O clamor que diz «as Escrituras somente» não foi uma característica exclusiva do período da Reforma Protestante.

Esse lema parece conter uma verdade de que precisamos; mas, sob investigação, topa com dois problemas principais: 1. Se não houver uma interpretação eclesiástica que sirva de padrão, para testar as idéias e determinar os significados, inevitavelmente surgem interpretações particulares e denominacionais, que se tornam autoritárias para indivíduos ou grupos. Pergunto: A interpretação de indivíduos ou de denominações será, realmente, melhor que a dos concílios? Visto que as Escrituras, através da interpretação, podem ser distorcidas para terem muitos sentidos, às vezes até no tocante a doutrinas capitais, naturalmente surgiu toda essa plêiade de denominações e seitas. 2. Isso significa, como é óbvio, que a ausência de alguma autoridade central, resulta em fragmentação, conforme se vê no número interminável de grupos protestantes e evangélicos. Assim, apesar de indivíduos e grupos clamarem em altas vozes: «As Escrituras somente!», essa declaração contém (ocultamente) a idéia de como eu ou a minha denominação interpreta as Escrituras. O abuso que se faz, do outro lado da cerca, é que há o absurdo de concílios que, supostamente, não podem incorrer em erro, o que não passa de um dogma, nada tendo a ver com a verdade dos fatos.

Muitos teólogos também proclamam ousadamente que a interpretação não é o único problema envolvido, visto que as próprias Escrituras não estão inteiramente isentas de erro. Sempre será a tendência da mente religiosa (em contraste com a mentalidade científica) inventar o mito da inerrância. Isso sucede para efeito de conforto mental. Deveríamos salientar que essa doutrina é uma tradição ou um dogma, e não um ensino das próprias Escrituras. Na realidade, todos os cristãos já anularam esse ensino, quer tenham consciência disso, quer não. Pois todos os cristãos aceitam a natureza geralmente inferior da revelação veterotestamentária, em comparação com a revelação neotestamentária. E, como é lógico, aquilo que é inferior está em erro, mesmo que seja por insuficiência de informação.

Os hebreus estavam errados, quando supunham que sua revelação bíblica era perfeita e final. O sistema sacrificial deles era uma forma religiosa primitiva, que já foi ultrapassada há muito. Suas idéias de justificação pelas obras foram deixadas para trás pelo apóstolo Paulo. A visão de Deus, no Novo Testamento, é superior àquela retratada em grande parte do Antigo Testamento. A doutrina da imortalidade da alma não emergiu claramente no Antigo Testamento, apesar de ser uma das principais preocupações da humanidade inteira. E, por que haveríamos de pensar que o próprio Novo Testamento seja homogêneo? Paulo nos mostrou que não é assim. Cada vez que ele falou sobre um — *mistério* —, introduziu um avanço que deixou obsoletas as idéias anteriores, mesmo quando essas idéias já estavam contidas em outros livros do Novo Testamento. A verdade é progressiva; a revelação é progressiva; a iluminação espiritual é progressiva. As tradições, porém, deixam tudo isso estagnado; e há muito que é apenas tradicional, tanto nos círculos protestantes

quanto nos círculos católicos romanos. Tudo isso, pois, mostra a necessidade de interpretação, e até mesmo da revisão da interpretação. Consideramos os pontos abaixo:

1. A *Halakah* e a *Haggadah*. O Antigo Testamento foi sujeitado a um exame meticoloso até o fanatismo. Isso criou dois corpos de conhecimento. O primeiro chama-se *Halakah*, ou «curso». Essa foi a atividade que desenvolveu credos e regras de ação — o que se deve o que não se deve fazer. O segundo desses corpos de conhecimento, a *Haggadah*, que significa «narrativa», incorpora muitos ensinamentos, de mais diversa natureza, derivados das narrativas bíblicas, das orações, dos provérbios e de todos os escritos que não eram usados especificamente para formar a *Halakah*. Uma clara linha demarcatória foi traçada entre as Escrituras, propriamente ditas, e essa atividade interpretativa. Havia desacordos quanto a muitas questões, a despeito do que, foi crescendo um corpo de interpretações autoritárias.

2. A *Mishnah*. Esse é o nome da redução, à forma escrita, da atividade interpretativa que acabamos de descrever. O rabino Akiba foi o responsável pela redução original a esse respeito. Seus discípulos, especialmente o patriarca, o príncipe rabino Judá (também conhecido por Judá ha-Nasi), continuaram e consolidaram os esforços de Akiba. Essa atividade ocorreu entre 135 e 220 D.C., mas muitas coisas ali contidas tinham raízes antigas, tanto nas tradições escritas quanto nas tradições orais. Ver o artigo separado sobre a *Mishnah*.

3. O *Talmude*, a *Mishnah* e a *Gemara*. Historicamente falando, a literatura talmúdica desenvolveu-se em duas camadas. A primeira delas, e também a mais antiga, era a *Mishnah*. A segunda era a *Gemara*. Esta segunda camada de interpretações e ensinamentos, desenvolveu-se depois da *Mishnah*. A palavra *Gemara* significa «ensino», embora alguns pensem que significa «completar». Há um artigo separado sobre a *Gemara*, nesta enciclopédia. Trata-se, essencialmente, de um comentário sobre a *Mishnah*. Está alicerçada essa obra sobre as discussões acadêmicas dos estudiosos judeus da Palestina e da Babilônia. A matéria ali constante foi desenvolvida principalmente por duas escolas, a saber: a. a escola palestina, essencialmente o trabalho feito pelos tiberianos, nos séculos III e IV D.C.; e b. a escola babilônica, um trabalho efetuado em Sura, Neardea, Sipuris e Pumbedita, desde o século III até os fins do século V D.C. Ver o artigo separado sobre o *Talmude*.

4. A *Midrash*. A base desse vocábulo é a palavra hebraica *dorash*, que significa «sondagem». De modo geral, a palavra significa «explicação». Essa atividade produziu tratados exegéticos sobre o Antigo Testamento, desde o século IV até o século XII D.C., que ficou fazendo parte específica da *Haggadah*. Ver o artigo separado sobre a *Midrash*. Além de comentários, anotações e iluminações gerais do Antigo Testamento, também há homilias (sermões), sobre versículos ou passagens do Antigo Testamento. Essa literatura foi bastante extensa, e parte da mesma chegou até os nossos dias.

IV. A Literatura Medieval dos Hebreus

Na Idade Média, a literatura dos hebreus foi mais diversificada do que nas épocas anteriores da história deles. Continuaram a ser produzidos comentários bíblicos, embora também houvesse obras sobre gramática, lexicografia, exegese, poesia, filosofia e ciências. Parte dessa literatura foi escrita em árabe e em grego. Durante a Idade Média, surgiram novos comentários sobre a Bíblia, entre os judeus. De fato,

HEBREUS, LITERATURA DOS

esse trabalho prossegue entre eles até os nossos dias. Para citar exemplos dessa atividade, encontramos o comentário da maior parte do Antigo Testamento e sobre o Talmude, por Solomon ben Isaac (Rashi), um judeu francês do século XI. Entre os séculos XII e XIV D.C., várias figuras de menor importância trabalharam sobre os escritos de Rashi, fazendo adições e modificações. No norte da África e na Espanha, sob Migash, mas, principalmente, sob Moses ben Maimon (1135 — 1204 D.C.), continuaram sendo preparados comentários sobre o Antigo Testamento e sobre o Talmude. Maimonides ou Maimon, além dessa obra de comentário, produziu uma completa codificação das leis judaicas. Jacob ben Asher foi um famoso estudioso do século XIII D.C. Ele compilou o *Turim*, um código legal em quatro volumes, que abordava todos os aspectos da vida judaica. No século XVI apareceu a obra de José Caro, *Shulhan Arukh* (A Mesa Posta). Essa obra tornou-se uma espécie de código padronizado das leis e tradições do povo judeu.

A Influência Grega. Quando viviam debaixo da dominação islâmica, visto que os árabes eram fortemente influenciados pelas idéias gregas, especialmente as de Aristóteles, os próprios judeus, a partir do século X D.C., foram impelidos a tentar coisas novas. Disso resultaram tratados científicos, sobre medicina, matemática e filosofia. Quase todas essas obras foram escritas em árabe, com alguma mistura com caracteres hebraicos. O *humanismo* também tornou-se um dos temas explorados pelos judeus. Gramáticas, dicionários e obras teológicas em hebraico vieram à tona. O racionalismo tornou-se um dos instrumentos interpretativos favoritos, mediante o que as visões dos profetas foram interpretadas como visões em estado desperto. Aos milagres também foi dada uma interpretação racionalista.

A Filosofia. Temos provido um artigo separado, intitulado a *Filosofia Judaica*, que oferece um estudo geral, incluindo a parte histórica, dessa atividade, entre os judeus.

V. A Cabala: o Poder do Misticismo

Começando desde o século II A.C., houve um forte elemento místico no seio do judaísmo. Isso atingiu sua expressão mais madura na Cabala. Damos um artigo separado sobre esse assunto. O texto fundamental dessa atividade foi o de Zohar, — que escreveu em um aramaico mais ou menos artificial, em cerca de 1280 D.C. A Cabala tornou-se uma espécie de sistema teosófico (ver sobre a *Teosofia*) para tentar explicar Deus, o homem e o universo. O movimento produziu um enorme acúmulo de literatura, que foi sendo produzido por vários séculos. Até hoje, muitos milhões de pessoas perpetuam esse movimento, em vários lugares do mundo.

VI. A Renascença e a Reforma Protestante

A Renascença, nos finais do século XV, reavivou o interesse pelos clássicos, o que influenciou os escritores judeus a retornarem à Bíblia, escrevendo novamente comentários bíblicos. Pico della Mirandola colecionou manuscritos em hebraico. Johannes von Reuchlin compilou uma gramática moderna, para o estudo do hebraico. Esse hebraísta alemão promoveu o estudo do Antigo Testamento, dos Targuns e da história e das tradições judaicas. Moses Hayyim Luzzatto (1707 — 1747) foi um místico, poeta e dramaturgo judeu, o qual participou da renascença italiana.

O período da Reforma Protestante amorteceu os estudos judaicos específicos. Muitos judeus tornaram-se ricos, nesse tempo, e interessavam-se mais em

explorar a idéia de como viver bem entre os gentios. Porém, a *Haskalah*, um período de iluminação, abrilhantou um tanto esse quadro. Entre aqueles que promoveram o movimento, destaca-se Moses Mendelssohn (1729 — 1786). Apareceram livros e periódicos, promovendo a causa. Obras sobre ciência, ética e muitos outros assuntos formavam a base de uma nova literatura dos hebreus. Naphtali Wessely escreveu uma obra épica sobre Moisés e o êxodo. Menahem Lefin traduziu para o hebraico, tipo Mishnah, a obra de Maimonides, *Guia para os Perplexos*. Isaac Erter escreveu peças satíricas contra uma ortodoxia estagnada. Solomon Rapoport foi um importante estudioso da história. Nachman Krochmal foi um filósofo da história judaica.

Na Rússia, no século XIX, os judeus produziram uma importante literatura, do ponto de vista do movimento da Haskalah. O poeta Abraham Lebenson foi um escritor prolífico. Seu filho, Micah Joseph, também foi um poeta muito dotado. Abraham Mapu produziu uma novela em hebraico. Peretz Smolenskin escreveu diversas novelas nesse idioma.

VII. O Despertamento do Nacionalismo

Os judeus, durante muitos séculos espalhados entre as culturas gentílicas, começaram a voltar seus pensamentos para Israel. Os fins da década de 1880 podem ser considerados como um tempo quando essas idéias andaram no auge. Para exemplificar, Hayim Nachman Bialik expressou o seu amor pela humanidade, mas também exibiu seu grande apego às antigas tradições judaicas. Seus poemas impeliram os judeus da Rússia à autodefesa, bem como a uma renovada atitude judaica. Saul Tschernikhoviski exortava os judeus a voltarem aos antigos valores de sua herança cultural. Davi Shimoni identificava-se com aqueles que tinham começado a falar sobre uma Nova Palestina. Ensaio em prosa também refletiam um renovado interesse por Israel e pelas coisas judaicas.

VIII. Desde a Primeira Guerra Mundial Para Cá

O desastre econômico e civil improu na Europa depois da Primeira Grande Guerra (1914 — 1918). A reconstrução de uma pátria judaica na Palestina, tornou-se uma das principais preocupações para muitos judeus. Muitos judeus emigraram para a Palestina, entre eles, muitos autores que haviam produzido grande variedade de obras literárias. Entre os importantes poetas da época destaca-se Isaac Lamdan, cujo poema épico, *Massada*, inspirou nos judeus um antigo nacionalismo e heroísmo. Desse modo, o sionismo (vide) ia ganhando terreno. Novelistas promoviam o tema. Até recentemente, tal tipo de literatura era produzido por homens nascidos na Europa, que haviam migrado para Israel e que escreviam para os judeus que viviam pelo mundo inteiro. Em 1966, S.Y. Agnon obteve o prêmio Nobel de literatura. Ele foi o primeiro judeu a conquistar essa honraria. Havia migrado para Israel em 1910. Autores como Mosheh Smilansky e Hayyim Hazaz pintaram a vida em Israel.

Desde a Segunda Guerra Mundial, a literatura assumiu as formas mais diversas possíveis. Considerando as minúsculas dimensões do moderno estado de Israel, e sua pequena população (cerca de quatro milhões em 1970, incluindo os árabes das regiões ocupadas), naquele país tem aparecido uma literatura pujante. Em 1960, foram publicados mil trezentos e setenta e um títulos naquele país. Três quartas partes eram escritos originais, e uma quarta parte consistia em traduções de outras línguas para o hebraico. A taxa de produção literária, em comparação com o

HEBREUS, RELIGIÃO — HEBROM

número de habitantes de Israel, permanece uma das mais elevadas do mundo. (AM E WAX)

HEBREUS, RELIGIÃO DOS

Ver sobre **Israel, Religião de.**

HEBROM

Esboço:

- I. O Nome
- II. Localização e Geografia
- III. Esboço da História e das Descobertas Arqueológicas
- IV. A Moderna Hebrom

I. O Nome

Esse nome, no hebraico, significa «comunidade», «confederação», «aliança». O nome mais antigo do lugar era Quiriate-Arba, «tetrápolis». O nome árabe da localidade é *El Khalil*, «amigo de Deus». Não se sabe dizer que aliança fez o lugar reunir quatro cidades (e nem quais quatro cidades foram envolvidas). Porém, deduz-se pela história que, usualmente, essas alianças tinham natureza militar.

II. Localização e Geografia

Essa cidade ficava situada no sul da Palestina, no território de Judá, cerca de vinte e nove quilômetros ao sul de Jerusalém, a 31°, 32', 30" de latitude norte e a 35°, 8' e 20" de longitude leste. É a cidade da Palestina que está em maior altitude, isto é, a 972 m acima do nível do mar Mediterrâneo. Está situada entre duas serras montanhosas, com um vale entre as duas serras. Em 1966, sua população era de quarenta mil habitantes. Muitas fontes e poços podem ser encontrados na área em geral.

III. Esboço da História e das Descobertas Arqueológicas

Hebrom é mencionada por cerca de cinquenta vezes no Antigo Testamento. Por cinco dessas vezes, ela é mencionada por seu antigo nome, Quiriate-Arba (Tetrápolis). Sabemos que ela foi construída ou reconstruída sete anos antes de Zoã (no grego, Tânis), no Egito (Núm. 13:22), o que ocorreu em cerca de 1728 A.C., durante o período dos hicsos. Porém, há evidências arqueológicas de ocupação humana desde tão cedo quanto 3300 A.C. Desde então, vem sendo ocupada continuamente. Escavações feitas ali, entre 1964 e 1966, têm revelado que a história de Hebrom é de veras antiga. Uma muralha com cerca de nove metros de espessura foi desenterrada, pertencente ao período do Bronze Médio II. Muitas outras porções de edificações foram encontradas, na mesma ocasião. Há evidências de ocupação humana no período calcólico (cerca de 3000 A.C.), e também no período do Bronze Primitivo I. Foi desenterrada uma casa do período da monarquia hebréia (séculos XI e X A.C.). Também encontraram-se indícios das invasões de Senuqueribe e da destruição do lugar pelas tropas de Nabucodonosor. A arqueologia também tem confirmado sinais do período Helenista, com a descoberta de fornos e de peças de cerâmica daquela época. Um sistema de armazenamento de água também data desse período. Também foi encontrado um extenso cemitério, onde havia muitos artefatos. Nessa mesma área, foi desenterrado um palácio residencial islâmico, e, por baixo de seu pátio havia restos de ocupação do tempo dos romanos. Naturalmente, os arqueólogos têm encontrado ali todos os períodos da ocupação islâmica, até os nossos próprios dias.

Informes Bíblicos. A princípio, Hebrom era chamada Quiriate-Arba (Tetrápolis) (Gên. 23:2; Jos. 14:15; 15:13); e também *Manre*, nome derivado de um nome amorreu semelhante (Gên. 13:18). Também sabemos que ali habitavam cananeus e anaquins (Gên. 23:2; Jos. 14:15; 15:13). Nos tempos de Abraão (Gên. 13:18), de Isaque e de Jacó (Gên. 35:27), eles passaram algum tempo em Hebrom. Nos dias de Abraão, os residentes eram os filhos de Hete (ou hititas). Foi deles que Abraão comprou o campo de Macpela, com sua caverna, que passou a ser usada como sepulcro da família (Gên. 23). Foi ali que Sara, Abraão, Isaque, Rebeca, Jacó e Lia foram sepultados (Gên. 49:31; 50:13). Josefo afirma (*Anti.* 2:8,2) que os filhos de Jacó, com a exceção de José, também foram sepultados ali. O local tradicional desse cemitério jaz dentro da Haram el-Hail, «Cerca do Amigo», que é uma referência a Abraão como «o amigo de Deus» (Isa. 41:8).

Quando o povo de Israel estava prestes a entrar na Terra Prometida, doze espias foram enviados ali, para obter informações. Eles exploraram a região de Hebrom, tendo descoberto que, na ocasião, ela era povoada pelos filhos de Anaque, ou anaquins (Núm. 13:22,28,33). Os israelitas, encabeçados por Josué, invadiram aquela área. Embora tivessem enfrentado uma coligação de várias tribos, que se aliaram para enfrentá-los, os israelitas conquistaram a cidade. A região foi entregue a Caleb, que expulsou os anaquins de seus territórios (Jos. 10:36, 37; 14:6-15; 15:13,14; Juí. 1:20). Tornou-se, então, uma das cidades de refúgio, tendo sido alocada aos sacerdotes e levitas (Jos. 20:7; 21:11,13). Quando Davi tornou-se rei de Judá, fez de Hebrom sua primeira capital e residência real. E ali ele reinou pelo espaço de sete anos e meio, onde nasceram quase todos os seus filhos. Também foi ungido rei de Israel em Hebrom (I Sam. 2:1-4,11; I Reis 2:11; II Sam. 5:1,3). Foi depois disso que Davi transferiu sua capital para Jerusalém. Talvez essa mudança e a conseqüente perda de prestígio tenha sido um fator que levou os habitantes de Hebrom a apoiarem Absalão, em sua revolta contra seu pai, Davi (II Reis 15:9,10).

Hebrom, bem mais tarde, foi fortificada por Reoboão (II Crô. 11:10). Após o cativeiro babilônico, tornou a ser ocupada (Nee. 11:25, onde Quiriate-Arba aponta para Hebrom). Posteriormente, os idumeus apossaram-se da área, mas Judas Macabeu tomou deles a cidade (I Macabeus 5:65). Durante a revolta dos judeus contra os romanos (66 — 70 D.C.), a cidade foi ocupada por Simão bar-Giora; mas, finalmente, foi atacada e incendiada pelos romanos (Josefo, *Guerras* 4.9,7,9). Josefo também informa-nos que, em seus dias, os túmulos dos patriarcas continuavam conhecidos. Eusébio e Jerônimo mencionaram Hebrom em seus escritos, referindo-se a essa cidade como o lugar dos sepulcros dos patriarcas hebreus.

Dominação Islâmica. Saladino capturou Jerusalém em 1187 D.C., quando Hebrom também caiu em seu poder. Então a cidade de Hebrom teve seu nome alterado, pelos islamitas, para El-Khalil, «o amigo de Deus». Além de ser considerado um local sagrado, por ser o local tradicional de sepultamento dos patriarcas, as tradições árabes dizem que Maomé passou por ali, em sua viagem noturna para o céu. Em 1168 D.C., Hebrom tornou-se a sede de um bispado cristão; mas, posteriormente, voltou ao controle dos árabes.

IV. A Moderna Hebrom

A principal porção residencial da cidade moderna fica nos sopés das colinas que correm na direção leste

HEBROM — HEDONISMO

e norte, com uma expansão na direção da serra para sudoeste, e até às fraidas do nordeste, do Gebel er-Rumeida, que é o local do cômodo da antiga cidade de Hebrôm. A cidade estende-se para as extremidades norte e ocidental do vale, para ambos os lados de uma ampla avenida, que faz parte da estrada que conduzia a Jerusalém. Esse vale continua até à extremidade inferior do wadi Tuffa, o vale das Maças. Na área há muitas fontes e mananciais. A agricultura da região produz maçãs, ameixas, figos, romãs, abricós, castanhas de várias espécies, melões e muitos legumes. Seu principal marco territorial é o *Haram el-Kahalil*, o local identificado como o sepulcro do patriarca Abraão, a antiga caverna de Macpela, e o *Deir el-Arba'in*, o local tradicional do sepultamento de Rute e de Jessé. Os estudiosos parecem concordar que essas identificações são autênticas. Somente com grandes dificuldades quaisquer cristãos são admitidos naquelas áreas, consideradas sagradas.

HEBROM (Pessoas)

Há dois homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. O terceiro filho de Maressa, o qual, ao que tudo indica, foi avô de Calebe, descendente de Judá (I Crô. 2:42,43). Ele viveu por volta de 1400 A.C.
2. O terceiro filho de Coate, neto de Levi, e irmão mais novo de Anrão, que foi o pai de Moisés e de Aarão (Êxo. 6:18; Núm. 3:19; I Crô. 6:2,18; 23:12,19). Seus descendentes são chamados hebrônitas, em Núm. 3:27, e em outras referências bíblicas. Ele viveu por volta de 1600 A.C.

HECTICIDADE

Vem do latim *haecceitas*, que significa «qualidade do isto». Duns Scoto (vide) usou esse termo a fim de aludir ao princípio da *individualização*, ao tratar sobre o problema dos *universais* (vide). Esse princípio é considerado como uma alternativa da matéria, como um meio que nos ajuda a compreender o passo que se deve dar da *infima species* (a menor espécie) até às coisas individualizadas.

HEDONISMO

Ver o artigo geral sobre a *Ética*, especialmente seu quarto ponto, *Os Movimentos Éticos*, entre os quais há o hedonismo. Ver também o artigo *Escolas Éticas do Novo Testamento*.

Esboço:

- I. Definição
- II. Hedonismo Histórico dos Gregos
- III. O Hedonismo na História da Filosofia
- IV. Crítica

I. Definição

Essa palavra vem do grego, *hedone*, «prazer», «deleite», «aprazimento». O hedonismo assevera que o principal ou mesmo único alvo da vida humana é a obtenção do prazer, paralelamente à tentativa de evitar a dor ou o sofrimento. Alguns hedonistas, como os filósofos gregos Aristipo e os cirenaicos, afirmavam que o prazer é o único bem que realmente existe. No campo da ética, o hedonismo, com freqüência, é associado a uma *grosseira auto-indulgência* e aos interesses próprios, de modo extremamente egoísta. Porém, há manipulações da definição do hedonismo que o fazem indicar coisas que a linguagem comum não antecipa. Por exemplo, um homem que não quer matar ninguém, é chamado para ser um soldado. Ele

vai à guerra, e ali mata alguém, porquanto a desgraça de não servir à sua pátria seria ainda pior do que não matar. Disso, alguns hedonistas tiram a conclusão de que ir à guerra e matar é uma espécie de *prazer*, visto que evita a dor de cair em opróbrio. O indivíduo que fica convencido da filosofia hedonista, através de tais manipulações, pode chamar de «prazer» a qualquer ato humano que vise à busca do prazer. Para exemplificar, poderíamos dizer que procurar cumprir o próprio dever é um prazer, mesmo que os atos envolvidos, por definição humana ordinária, sejam desagradáveis. Mas, ao assim asseverar, já estamos usando o vocábulo «prazer» em um sentido incomum. A *felicidade* também tem sido definida em termos da obtenção do prazer.

II. Hedonismo Histórico dos Gregos

Para evitar repetições desnecessárias, solicito que o leitor examine o artigo geral sobre a *Ética*, em seu quarto ponto, *Os Movimentos Éticos*; e também em seu segundo ponto, *O Hedonismo*. Ali exponho uma discussão sobre *Aristipo* e sobre os *cirenaicos*. Há vários tipos de hedonismo, conforme se vê abaixo:

O *hedonismo positivo*, que preconiza a busca aberta e franca pelo prazer, de acordo com a *sabedoria*, algumas vezes definido como *auto-interesse*. A inteligência nos serviria de guia na busca pelo prazer, ao mesmo tempo que nos ajuda a evitar a dor. Os melhores prazeres são assim selecionados, e devemos pagar o preço necessário para conseguí-los. Também há o *hedonismo astucioso*: o homem bom aprende a conseguir o que lhe dá prazer, escapando do castigo que seus atos mereçam. Assim, um crime só seria crime se fosse descoberto. Também há o *hedonismo negativo*: apesar do prazer ser o único valor levado em conta, trata-se de um valor falso, visto que o cumprimento do prazer somente leva a um ciclo vicioso, já que a busca pelos prazeres termina, finalmente, em frustração. Destarte, o pessimismo mistura-se com o hedonismo. Ver também sobre a *Ética*, iv,3, onde se discute sobre o *Epicurismo*. O epicurismo é uma forma suavizada, intelectual de hedonismo, que busca eliminar, principalmente, os desejos, em vez de procurar satisfazê-los, além de enfatizar o aspecto mental, e não os prazeres físicos. O artigo intitulado *Escolas Éticas do Novo Testamento*, fornece comentários bastante pormenorizados sobre o *Epicurismo*.

III. O Hedonismo na História da Filosofia

Além da variedade clássica do hedonismo, devemos considerar os pontos abaixo, porquanto nos são interessantes:

1. O *hedonismo cristão*. O cristianismo muito tem a dizer sobre o *prazer*, apresentando-o como um dos principais alvos da existência humana. O próprio céu é descrito em termos de *prazer* e de ausência de sofrimento e dor. Ver Apo. 21:2-4. Ver também sobre *Vala*. Erasmo (vide) cristianizou Epicuro, referindo-se ao princípio do *prazer*, que ele postulava, em termos cristãos. Ao princípio do *prazer*, o cristianismo adiciona certas virtudes típicas, como a fé, a esperança e o amor. A felicidade eterna é definida em termos da obtenção do *prazer* espiritual. A imortalidade também foi descrita por Erasmo em termos de coisas que valorizamos nesta vida. E a vida cristã, desde agora mesmo, oferece-nos muitos prazeres, porquanto o maior de todos os *prazeres* é o *bem-estar* espiritual. Essa discussão, como é natural, reveste-se de seus devidos valores; mas torna-se ridícula quando assume um ar totalmente hedonista, como se o único bem fosse alguma forma de *prazer*, e como se evitar a dor e o sofrimento sempre fosse alguma virtude.

2. *Thomas More* (vide) ensinava um epicurismo utópico, onde todos os prazeres poderiam ser abundantemente cumpridos, ao mesmo tempo em que toda a dor poderia ser evitada. Para ele, o *summum bonum* da vida humana, na verdade, seria o *prazer*. Ele advogava um comunismo platônico (embora com a preservação da unidade da família), como a melhor maneira de se chegar à sua utopia. Ele apresentava diante dos homens os prazeres naturais da vida como alvos a serem atingidos, ao mesmo tempo em que se deveriam evitar os prazeres desnaturais, como a busca desenfreada pelas riquezas e a elevada posição social. Além disso, ele pensava em prazeres eternos, que fazem parte da existência da alma imortal. Os homens que atingissem esses prazeres, segundo ele, seriam felizes.

3. *Hobbes* (vide) promovia um hedonismo materialista, onde todos os prazeres e sofrimentos deveriam ser interpretados em termos deste mundo físico e do homem mortal, que vive dentro desse mundo.

4. Os *utilitaristas*, como *Jeremy Bentham* (vide) e *John Stuart Mill* (vide), ensinavam que o alvo da existência humana é o maior benefício e prazer, para o maior número de pessoas, pelo tempo mais longo possível. Para eles, o prazer conduz à felicidade. Mais tarde, na vida, Bentham teve de acrescentar a simpatia ou amor ao seu sistema, como um poderoso fator motivador, visto ter percebido que seu utilitarismo não é adequado para o homem, em todos os seus complexos aspectos.

5. A *psicologia behaviorista* é um tipo materialista de hedonismo, segundo o qual o homem é ensinado a buscar aquelas coisas que visam o auto-interesse, de conformidade com o princípio do prazer, ao mesmo tempo em que toda a dor deveria ser evitada.

6. O *hedonismo psicológico* assevera que o homem, na realidade, tem apenas um motivo e um alvo: ele sempre age e deve agir de acordo com o seu desejo de obter prazeres.

7. O *hedonismo ético egoísta* ensina que os homens sempre agirão impulsionados por seus interesses pessoais, motivados pelo princípio do prazer.

8. O *hedonismo altruísta* requer que os atos individuais levem em consideração o prazer do grupo inteiro, e não apenas o de algum indivíduo isolado. O hedonismo ético universal apegar-se a esse princípio altruísta, tal como o faz o sistema do utilitarismo (vide). Cada indivíduo deveria agir de tal maneira que trouxesse o máximo de prazer ao maior número possível de pessoas, pelo tempo mais longo possível. A felicidade residiria no verdadeiro prazer.

IV. Crítica

1. A própria definição ampla que alguns hedonistas dão ao hedonismo, fazendo-o abranger todas as eventualidades, e assim definindo qualquer motivação legítima do homem como se fosse parte do princípio do prazer, é um uso incomum e falso do vocábulo «hedonismo».

2. O princípio do prazer, na realidade, faz parte da inquirição espiritual e da promessa da imortalidade. Mas isso não pode ser interpretado em termos materialistas crassos. Além disso, jamais pode permanecer como a única diretriz para os homens seguirem. Devemos levar em conta, igualmente, o amor, o qual, com freqüência, leva a algum sacrifício desagradável, e não ao prazer. Nem sempre o dever importa em prazer. Dizer-se que uma coisa pode ser prazerosa, quando comparada com outra coisa, que ainda é mais desagradável, é distorcer o uso comum da linguagem.

3. As formas mais crassas de hedonismo, todas elas materialistas, devem ser totalmente rejeitadas como coisas típicas de uma baixa mentalidade espiritual. As descobertas do misticismo (vide), bem como da fé religiosa, conforme ela aparece na revelação bíblica, militam contra a redução do homem a um nível animalesco.

4. A felicidade envolve mais fatores do que apenas o prazer. O cumprimento da lei do amor, o cumprimento dos deveres, o progresso espiritual, até mesmo em meio à adversidade, bem como o desenvolvimento espiritual, mesmo que através do julgamento, também são fatores que contribuem para a felicidade final do homem. A própria dor é boa, quando resulta no bem; e o bem não é, necessariamente, um prazer. (E EP F H P)

HEFELE, KARL JOSEPH VON

Suas datas foram 1809—1893. Foi bispo de Rustemburgo e também um historiador notável. Nasceu em Unterkoenen, Wurtemberg e faleceu em Rustemburgo. Ensinou história eclesiástica em Tubingen e foi instrumento na introdução de um curso de Arqueologia Cristã, naquela escola. Fez parte do Concílio do Vaticano (1870), e tomou parte na decisão acerca da infalibilidade papal. A princípio ele votou *non placet* (vide), isto é, negativamente. Mas mudou seu voto para um apoio ao dogma, quando o mesmo foi definido. Escreveu uma obra sobre a história dos concílios, em sete volumes, o que tem sido a sua mais duradoura contribuição à história.

HÉFER

No hebraico, «poço» ou «fonte». Esse era o nome de três personagens, referidos no Antigo Testamento, e também de uma cidade, a saber:

1. O filho caçula de Gileade (Núm. 26:32), e cabeça de um clã que ficou conhecido pelo seu nome. Ele viveu por volta de 1618 A.C. Ver também Jos. 17:2,3. Esse clã pertencia à tribo de Manassés.

2. Um filho de Naará, que era uma das esposas de Assur (I Crô. 4:6). Ele viveu por volta de 1612 A.C.

3. Um dos trinta poderosos guerreiros de Davi (I Crô. 11:36). Ali ele é cognominado de mequeratita.

4. Uma cidade de Canaã, que foi conquistada por Josué (Jos. 12:17). O local moderno da cidade é desconhecido.

Além disso, em I Reis 4:10, há menção à «terra de Héfer», que ali aparece como o terceiro distrito administrativo, criado por Salomão. Ben-Hesede (vide), é que estava encarregado desse distrito. O local ainda não foi identificado pelos estudiosos modernos.

HEFZIBÁ

No hebraico, «meu deleite está nela». Nas páginas do Novo Testamento, esse nome é aplicado tanto a uma rainha quanto à cidade de Jerusalém, como um futuro nome que lhe será dado, a saber:

1. A esposa do rei Ezequias e mãe do rei Manassés (II Reis 21:1). Ela viveu por volta de 690 A.C.

2. Um nome que, segundo a profecia de Isaías (62:4), finalmente será aplicado à cidade de Jerusalém.

HEGAI

No hebraico, «eunuco». Esse era o nome de um dos camareiros de Assuero (ou Xerxes). Ele cuidava das mulheres do harém real (Est. 2:8,15). Viveu por volta

HEGEL

de 479 A.C. Recebeu a tarefa de ajudar na escolha de uma nova rainha da Pérsia, em substituição a Vasti. Sabe-se que entre as virgens disponíveis, Ester foi a escolhida.

HEGEL, GEORG WILHELM FRIEDRICH

Esboço:

I. Caracterização Geral

II. Idéias Específicas

III. O Sistema de Tríadas

IV. Influência e Crítica

I. Caracterização Geral

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Stuttgart, na Alemanha, em 1770, e faleceu em 1831, vítima da cólera. Antes de se tornar filósofo, interessou-se profundamente pela fé cristã, e estudou formalmente a teologia, na Universidade de Tubingen, em companhia de outros vultos que se tornariam ilustres, como Schelling e Holderlin. Também esteve associado a Schelling na Universidade de Jena, onde, juntos, publicaram um jornal filosófico. Foi reitor do ginásio de Heidelberg e então da Universidade de Berlim.

As principais influências filosóficas que moldaram o seu pensamento foram o racionalismo de Spinoza e de Emanuel Kant, bem como o idealismo de Fichte e de Schelling. Não devemos nos olvidar de que seu apaixonado interesse pela fé cristã foi um dos fatores mais fundamentais em suas formulações. Contudo, ele sentia que a teologia cristã de sua época (uma espécie de escolasticismo protestante) era árida, e, por isso, procurava uma experiência espiritual mais profunda. Alguns intérpretes acreditam que a vida e a filosofia de Hegel demonstram que o desenvolvimento de sua filosofia estava firmemente alicerçado sobre suas próprias experiências religiosas, e não meramente sobre noções que ele aprendera na escola. Essa teoria também afiança que ele passou por uma poderosa experiência mística acerca da realidade das coisas. Em vez de procurar expressar isso em termos teológicos, conforme faz a maioria dos místicos, ele procurou exprimir a sua experiência em termos filosóficos, mediante suas descrições sobre o Espírito Absoluto. Como é óbvio, isso só pode ser verdadeiro em parte; porquanto não é difícil delinear suas idéias básicas, de acordo com as influências filosóficas que ele sofreu, conforme dissemos acima. Seja como for, os eruditos têm salientado, com toda a razão, a natureza mística de seu pensamento básico, onde a diversidade é, finalmente, reduzida à *unidade* no Espírito Absoluto. Na verdade, os místicos falam nesses termos.

Hegel recebeu seu doutorado em teologia em Tubingen, em 1791; e, em 1801, ele aliou-se a Schelling na Universidade de Jena, onde começou a lecionar sobre filosofia. Sua posição filosófica, a princípio, era uma espécie de refutação a certos aspectos das idéias de Kant. Se o seu método dialético pode ser traçado de volta à dialética transcendental de Kant (em sua obra *Crítica da Razão Pura*), contudo, sua filosofia final opunha-se a todos os aspectos importantes do pensamento kantiano. Hegel negava completamente a limitação da razão, conforme fazia Kant, e pensava que a razão é a base das operações do Absoluto, em todas as coisas. Ele não deixava margem para mistérios insondáveis, em algum mundo mental, que só pudesse ser perscrutado por *postulados* racionais intuitivos, conforme Kant fazia. Para ele, a *Razão* permeia a tudo e delinea todas as coisas, em todos os lugares, o que é um exagero, segundo os gostos da maioria dos filósofos.

Enquanto residiu em Heidelberg, Hegel publicou a sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (1817), um esboço sistematizado de seus conceitos. Posteriormente, ensinou em Berlim, com grande sucesso e popularidade, embora impressionasse mais do que cativasse. A última obra por ele publicada foi sua *Filosofia do Direito e da Lei* (1820). Faleceu em Berlim, a 14 de novembro de 1831, de uma praga de cólera, tendo sofrido apenas por um dia.

Tal como os filósofos realmente grandes, ele tinha interesses bem amplos, no campo da filosofia e fora dele. E seu sistema procurava tratar de forma geral e harmônica todo o conhecimento e toda a realização humanos. A sua influência foi enorme, o que ilustramos no artigo separado sobre o *Hegelianismo*.

Após sua morte, suas obras e preleções foram publicadas por um grupo de alunos seus, que alguns têm chamado de «amigos do imortalizado». Assim, algumas de suas obras mais influentes foram publicadas postumamente, com base nas anotações feitas por alunos seus, em sala de aula. Essas obras são (com títulos em alemão): *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie; Vorlesungen über die Philosophie der Religion; Vorlesungen über die Philosophie der Weltgeschichte e Vorlesungen über die Aesthetik*. Todas essas obras existem em edição em inglês. Os respectivos títulos, em inglês, são: *Philosophy of Religion; History of Philosophy* (dois volumes); *Philosophy of Fine Arts* (dois volumes) e *Philosophy of History*.

Obras publicadas antes de sua morte: *System of Science*, parte I, *The Phenomenology of Mind; Science of Logic; The Objective Logic* (dois volumes); *The Subjective Logic; Encyclopedia of the Philosophical Sciences in Outline; Philosophy of Right*.

II. Idéias Específicas

1. *O Propósito da Filosofia*. A filosofia deveria procurar conhecer a natureza, o real, o mundo inteiro da experiência e do ser. Deveria tentar compreender a essência eterna, a harmonia e as leis do conhecimento e da realidade.

2. *A Fé Básica*. A existência, para ele, é uma ordem racional, imbuída com significado. Essa racionalidade só pode ser reconhecida através do pensamento, a função racional inerente ao homem. A função da filosofia consiste em entender as leis mediante as quais a razão opera. A tríada dialética básica de *tese, antítese e síntese* seria a maneira do Espírito Absoluto operar; a compreensão de tal fato, pois, é a chave para a investigação em que a filosofia nos encaminha, fazendo-nos sondar a natureza de todas as coisas.

3. *O Espírito Absoluto (Geist)*. O espírito era visto por Hegel como uma força real e concreta. Essa força é personificada em certo número de suas manifestações, como o *espírito do mundo* (*Weltgeist*). Opera mediante o espírito coletivo, nas nações, embora também opere nos indivíduos. Hegel criou uma anedota que ilustra esse ponto. Ele falava como se tivesse visto Napoleão (talvez o tenha visto, realmente), em seu cavalo branco, após a batalha de Jena (1806). Então ele declarava: «Vi o *Weltgeist* sobre um cavalo branco». Ele também se referia a certas figuras mundiais como a *alma do mundo* (*Weltseele*). Seja como for, temos aí o conceito de uma alma do mundo a manifestar-se em espíritos individuais, operando para cumprir os mesmos desígnios, em consonância com os ditames da Mente Absoluta. Tudo seria mente ou idéia. Ver o artigo sobre o *Idealismo*. A Idéia Absoluta (Espírito) seria a consciência toda-inclusiva, completamente coerente e eterna, de cada estágio da dialética. A Idéia Absoluta é o Universal final e todo-

HEGEL

inclusivo que garante a unidade de todas as coisas, e onde residem todas as coisas. Também é divino, o que significa que temos aí uma espécie de panteísmo.

4. *A Espiritualidade da Existência.* A filosofia de Hegel nega, de forma absoluta, que a matéria seja o componente básico do ser. Antes, a própria experiência seria aquele aspecto na vida do *espírito* mediante o qual o espírito torna-se *côncio* de si mesmo. A essência de todo ser é Deus, o Espírito Absoluto, e a revelação de Deus é a ordem mundial. Deus é o alvo de todo o conhecimento. E Deus revela-se a si mesmo em três estágios: razão, espírito e religião.

O Deus de Hegel é panteísta; e, aos olhos da doutrina cristã, isso é uma forma de ateísmo. Porém, dizermos só isso seria nos mostrar superficiais. Em muitas passagens, o Antigo Testamento reflete um crasso antropomorfismo; e sabemos que o antropomorfismo representa mui imperfeitamente a espiritualidade de Deus. Não dispomos mesmo de meios bons para descrever a pessoa de Deus, embora saibamos descrever melhor as suas obras. Assim sendo, quando estamos abordando o caso de um filósofo como Hegel, fazemos bem em notar quais são os discernimentos dele, não rejeitando a sua filosofia com títulos negativos. A filosofia de Hegel é um idealismo absoluto. Ver sobre o *Idealismo*. A idéia, para ele, é a base de toda a realidade, isto é, uma realidade não-material. E a matéria é um epifenômeno do espírito.

5. *O Princípio da Unidade.* A unidade, naturalmente, é uma das categorias místicas fundamentais. Os místicos do Ocidente e do Oriente testificam a esse respeito. Esse também é um conceito básico do mistério da vontade de Deus, aludido em Efésios 1:9,10. Todas as coisas, finalmente, terão de encontrar o seu centro no *Logos*. Todas as coisas procedem Dele, e todas as coisas terão de voltar a ele (Col. 1:16). Escreveu Hegel: «O nexo interior de todas as diferentes configurações do espírito: deve-se afirmar que somente um espírito, um princípio expressa-se no estado político, tanto quanto na religião, na arte, na ética, nas maneiras, no comércio e na indústria. Essas coisas são meros ramos de um tronco principal... o espírito que é um só». Na seção III deste artigo, intitulada *O Sistema de Triadas*, isso é ilustrado, e suas operações são demonstradas.

6. *O Processo Dialético.* O conceito básico por detrás desse processo é: *ser, não-ser, tornar-se*. Aquilo que existe opõe-se àquilo que ainda não existe, embora esteja em processo de vir à existência. A tensão entre as duas coisas, produz o seu oposto. Então a tensão entre os dois opostos, finalmente, produz uma síntese. Daí resulta o processo dialético de Hegel, que consistia em TESE, ANTÍTESE e SÍNTESE. Cada síntese, por sua vez, torna-se uma nova tese. Sem importar quão perfeita ou poderosa seja uma tese, é impossível evitar que ela se torne uma negação de si mesma (chamada *não-ser*). Esse é um constante *poder de negação*, que existe em todas as entidades, instituições e conceitos. Esse princípio é o gerador de novos pensamentos e de novas entidades, operando interminavelmente. Nenhuma síntese pode manter a si mesma meramente como uma nova tese. O não-ser e o poder da negação, não demora a criar uma nova antítese. Emerge daí uma nova síntese, em um processo que prossegue indefinidamente. Uma síntese é impar somente por algum tempo. Pois é engolida no contínuo processo de mutações, o fluxo de Heráclito, um princípio básico do próprio ser.

A dialética de Hegel surgiu, pelo menos em parte,

devido à influência de Kant. A sua tendência era classificar as coisas em triadas. Suas categorias servem de demonstração disso. Fichte também tinha trabalhado sobre esse princípio (influenciado por Kant), quando se referiu a como o «ego» postula o mundo (oposto do «ego»). Antes desse postulado, temos o Ego Absoluto, a fonte de todo ser. Portanto, foi Fichte, e não Hegel, quem primeiro apresentou o processo dialético, consistente em tese, antítese e síntese. A atividade da razão humana requer a postulação, a contrapostulação e a síntese. Ver o artigo sobre *Fichte*.

Naturalmente, o estudo feito por Hegel a respeito foi muito mais elaborado, razão pela qual lembramos de seu nome em conexão com esse princípio. Nos escritos de Hegel, o Espírito Absoluto, e não meramente o «ego» (o homem), é que faz a postulação, o que significa que temos uma dialética cósmica que tem prosseguimento. (Ver uma demonstração das triadas de Hegel, na terceira seção.)

7. *Categorias.* O trabalho de Hegel, quanto a esse particular, é altamente complexo, visto que as suas categorias são as próprias triadas, em suas muitas manipulações. Cada tese, antítese e síntese é uma categoria por si mesma. Outrossim, cada uma é uma idéia universal. As idéias de razão e de noções são, ao mesmo tempo, universais, particulares e singulares. Elas são *concretas universais* (usando os termos mesmos de Hegel), e têm carreiras próprias. (Ver o artigo geral sobre os *Universais*). O ser é a categoria básica e universal. Atravessa mais de duzentas e setenta categorias, antes que Hegel sinta que ele já deu uma boa descrição de seu fluxo e desenvolvimento. É dessas mais de duzentas e setenta categorias que emerge a essência da filosofia de Hegel.

8. *Evolução.* A realidade, para Hegel, é um processo lógico de evolução, em que o Espírito Absoluto ter-se-ia evoluído em toda a entidade, conceito, realidade, realidade potencial imaginável, sendo ele mesmo, seu próprio contrário e a sua síntese, em inúmeras categorias e maneiras. Nisso combinam-se os discernimentos do fluxo de Heráclito e a unidade de Parmênides. Não seriam realidades contraditórias, mas apenas estágios de uma única existência.

9. *A Lógica e a Metafísica.* Na filosofia, segundo Hegel, há cinco tipos diferentes de lógica, a saber: a. dedutiva; b. indutiva; c. simbólica (matemática); d. experimental (vide sobre Dewey); e. metafísica (Hegel). Essa lógica metafísica é precisamente o conceito por detrás das triadas, uma descrição de como elas operam. Um pensamento segue-se, necessariamente, de outro; e provoca um pensamento contraditório. E, desse processo, surge a síntese, ainda um novo pensamento. A dialética de Hegel é o desdobramento lógico do seu pensamento. A própria realidade seria um processo evolutivo lógico, um processo espiritual. Seria um processo inerente em todas as coisas, sendo também auto-expressivo e não algo que os homens inventam em suas experiências. Essa lógica precisa ser obedecida, visto que segue a sua tese, antítese e síntese de maneira inexorável. Por conseguinte, a lógica seria a base de toda ciência. O real e o eterno que existem no universo resultariam do pensamento de Deus, o Espírito Absoluto, como, de fato, se dá com todas as outras coisas (portanto, temos aí o *Idealismo*; vide). A idéia, pois seria a base de toda a existência, e não só da matéria.

10. *Filosofia da Natureza.* Estudar a natureza é estudar o Absoluto, em suas manifestações neste mundo. A natureza é a auto-objetificação do Absoluto.

HEGEL

A natureza está envolvida nas manifestações do Espírito, por meio da qual ele cresce.

11. *Filosofia da Mente.* A filosofia da mente mostra como a razão vence a natureza objetiva, retorna a si mesma, ou então evolui para tornar-se o autoconsciente. A mente (ou o espírito) passa pelos estágios dialéticos da evolução, revelando-se primeiramente, como mente subjetiva, então como mente objetiva e, finalmente, como mente absoluta. Nesse ponto, Hegel torna-se verdadeiramente complexo, pelo que tentarei simplificar as coisas, descrevendo os três tipos de mentalidade:

a. *A mente subjetiva:* ela se expressa como *alma*, isto é, como mente que depende da natureza; e como *espírito*, isto é, como mente reconciliada com a natureza, mediante o conhecimento. As disciplinas da antropologia, da fenomenologia e da psicologia correspondem a esses estágios das operações mentais. A mente atinge a autoconsciência naquilo que ela cria. Os elementos da mente são a realidade do pensamento puro, que opera inteiramente à parte da matéria; a inteligência, que se imerge no seu objeto, e assim atinge a autoconsciência (em outras palavras, o «ego» vê-se a si mesmo no «não-ego»); o pensamento puro resulta no conhecimento; a razão unifica os elementos constitutivos de qualquer conceito; a memória, a imaginação e a associação de idéias são estágios do raciocínio; o intelecto age como um juiz dos diversos elementos distintos de um conceito.

b. *A mente objetiva:* essa se exprime através da natureza, de indivíduos, de instituições, da história, do direito ou das leis, da moralidade e da ética, dos costumes, etc. Nessas instituições e entidade, e na própria história, a razão realiza-se e torna-se real. A mente objetiva é o postulado da mente subjetiva. É tudo quanto conhecemos «fora» de nós mesmos. As várias ciências dependem dessa atividade.

c. *A mente absoluta:* a mente absoluta só encontra liberdade na vida mais profunda do espírito. Para além do Estado, da política e das ciências, descobrimos a arte, a filosofia e a religião, em níveis cada vez mais profundos. Nessas atividades, pois, o homem vê a si mesmo em sua própria luz, isto é, como um espírito puro.

Na Arte: o princípio da idéia, como a unidade básica da realidade, em lugar da matéria, é parcialmente atingido na arte. Na *arquitetura*, idéia e forma continuam distintas. Na *escultura*, há um menor dualismo, e um certo grau de espiritualização. A *música* nos apresenta uma interpretação simbólica penetrante da realidade. A *poesia* subordina o que é material à idéia. A *religião* identifica o pensamento e o objeto; mas, à semelhança da arte, não é inteiramente capaz de incorporar a Idéia Absoluta.

Algumas idéias religiosas: na religião grega, temos uma fé altamente individualizada, segundo a qual o homem tende por ser o objeto final da adoração. Nas religiões orientais, encontramos a unidade abstrata de todas as coisas, de tal modo que a comunidade torna-se ali o fator dominante. No cristianismo encontramos a síntese dessas duas formas de religião, e Deus já se encontra na consciência humana. Os dogmas do cristianismo seriam apenas sinais postos ao longo do caminho, não sendo absolutos por si mesmos; antes, são sínteses que geram o processo dialético, chegando a novas conclusões, em novas sínteses. Para Hegel, o cristianismo é uma espécie de religião absoluta, mas da qual resultarão estágios ainda mais elevados, de maneira inevitável. Conforme pode ser visto na discussão anterior, a filosofia inteira de Hegel é uma espécie de filosofia da religião, visto que o Espírito Absoluto, por ele postulado, é um

conceito divino. Ele tinha uma doutrina da unidade de todo o conhecimento, e Deus é a explicação final de todas as coisas. Hegel foi o primeiro a escrever uma filosofia sistemática da religião, intitulada, especificamente, por esse nome.

12. *A Ética, a Lei e a Sociedade.* A verdadeira base da conduta não se acha nas experiências empíricas dos homens. Antes, faz parte da revelação progressiva e da realização da vida do homem na natureza. É a operação da Mente Absoluta no terreno da conduta humana.

O homem é um ser dotado de liberdade. Ele tem direitos concretos na sociedade, por causa de sua *dignidade* como uma pessoa, como um agente do Absoluto. A vontade, no homem, é a vontade objetivada do Absoluto, pelo que é capaz de tomar decisões apropriadas. Porém, existem *autocontradições* na vontade do homem, de onde se originam injustiças, atos maléficis e crimes. Todas essas coisas residem na vontade humana, não sendo meras vicissitudes da vida empírica do homem, dentro de seu meio ambiente. O homem dispõe de uma *moralidade subjetiva*, isto é, uma moralidade que faz parte inerente do seu ser. Isso é transferido para o mundo objetivo, exterior. As instituições humanas têm por finalidade produzir iluminação, controle e definição para os atos humanos. Os terrenos de aplicação são o indivíduo, a família, a sociedade e o Estado; mas, uma mesma vontade permeia a todos esses terrenos. Os deveres corretamente cumpridos resultam na liberdade.

A *família* é mais do que uma agência de propagação da espécie humana. Antes, é o primeiro estágio do mundo ético, onde os valores humanos são criados.

A *sociedade* é o segundo estágio do mundo ético, funcionando como uma agência que restringe as atividades egoístas, que pervertem a vontade. A liberdade individual precisa desaparecer dentro da sociedade, e os interesses pessoais precisam mesclar-se aos interesses da comunidade, de maneira harmônica com os mesmos.

O *Estado* é o terceiro estágio do mundo ético. Essa seria a verdadeira finalidade do homem, e não apenas um meio para se chegar a um fim. O Estado reconcilia entre si os interesses individuais e os interesses públicos, servindo tanto à comunidade quanto aos objetivos da Mente Absoluta. Alicerça-se sobre a submissão dos direitos individuais aos deveres da sociedade, como um grupo. As tradições do Estado são a revelação progressiva da Vontade Universal. Hegel pensava que a mais elevada forma de governo, na direção da qual se move a triada política, é a monarquia constitucional, o tipo de governo que a Alemanha tinha, nos dias dele.

13. *Filosofia da História.* Ao tentar descobrir o que o Absoluto tem feito por meio da história, isto é, como ele tem operado, Hegel procurou descobrir o gênio de cada grande poder mundial. Ele descobriu os seguintes princípios:

a. A história é o progresso da consciência da liberdade racional. É a natureza posta em obediência a um princípio universal.

b. As leis e a verdadeira moralidade são princípios eternos e fixos; mas o homem só descobre empiricamente esses princípios.

c. Os governos existem a fim de impor aos homens as idéias e as ações, pois eles, de outro modo, reverteriam a perversões autocontraditórias da vontade.

d. A religião e o Estado não deveriam alienar-se um

HEGEL

do outro, e nem estar separados. A constituição de um Estado qualquer, portanto, deveria ser uma teocracia.

e. A própria história é uma espécie de paralelo comunal do desenvolvimento de cada indivíduo. Teve a sua *infância* na Ásia; teve a sua *adolescência* na Grécia, tendo crescido um pouco mais em Roma. Porém, teria atingido a maturidade, segundo Hegel, no Estado alemão de seus próprios dias. Se prosseguirmos desenvolvendo a idéia de Hegel, devemos estar agora cada vez mais senis, historicamente falando. Talvez a cadaquice atinja seu ponto culminante quando surgir em cena o anticristo, com toda a destruição da civilização, que exigirá a

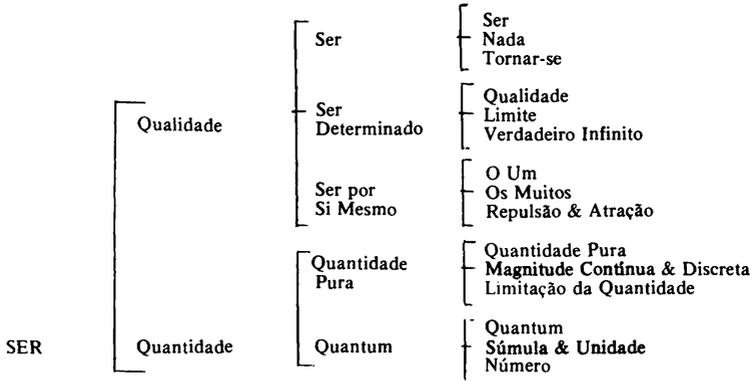
intervenção divina, com a volta do Senhor Jesus para pôr as coisas em ordem.

A liberdade se concretiza na história humana. O espírito encontra a sua realização nesse processo. A história é a justificação de Deus, em suas operações através das triadas.

III. O Sistema de Triadas

Tudo quanto foi dito antes, tão-somente descreve como as triadas de *tese*, *antítese* e *síntese* funcionam. Daqui por diante, apresentamos algumas ilustrações sobre essa dialética.

1. O SER é a categoria ou **universal básico**. A triada básica é **ser, não-ser e Ir-se tornando**. Essa é a base de todas as duzentas e setenta e duas categorias de Hegel.



2. A Triada do Espírito:

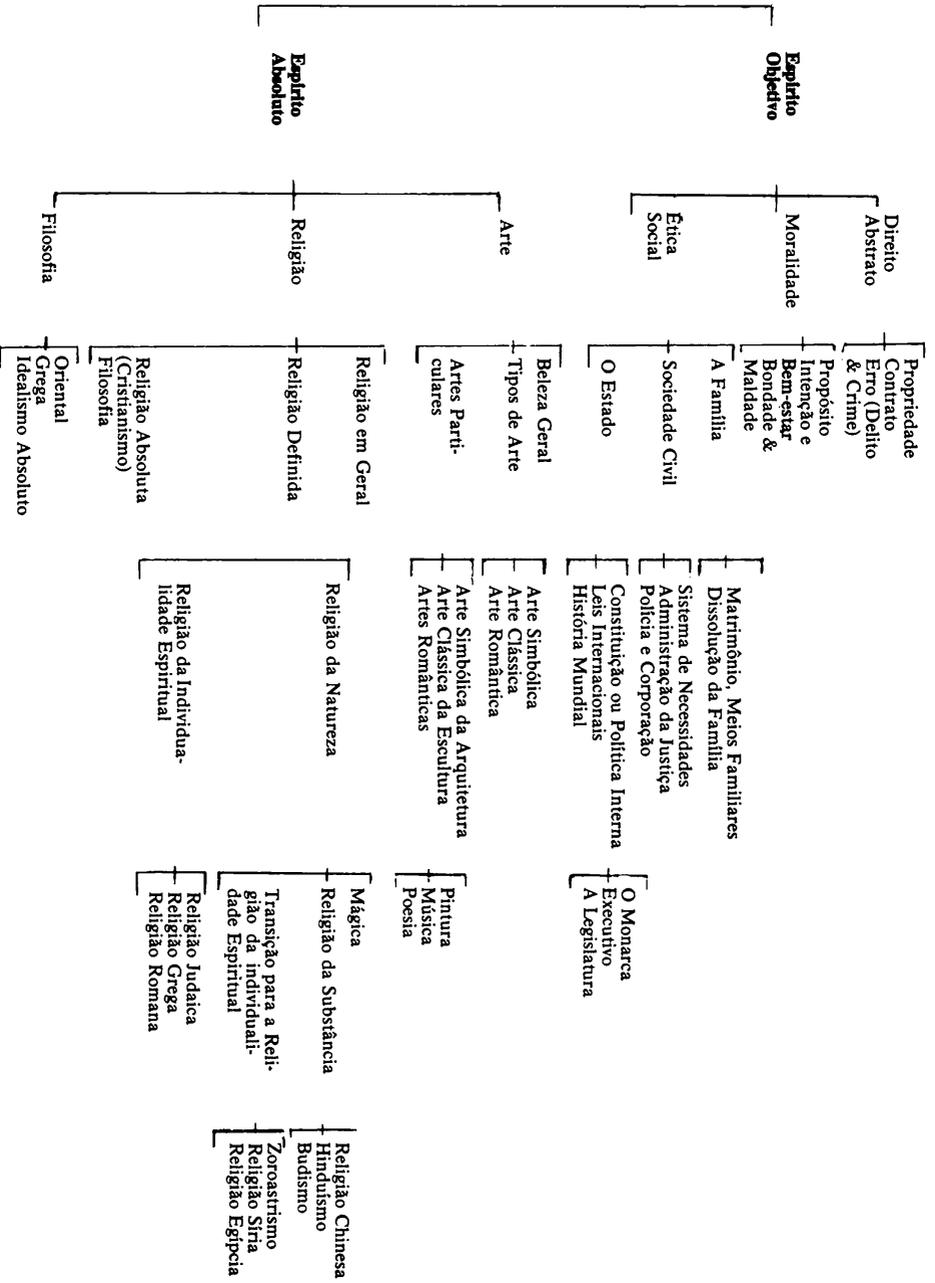


3. As Triadas do Espírito Objetivo e Absoluto

Encontramos aqui as atividades do Espírito Absoluto, conforme ele se expressa na ética, na arte, na religião e na filosofia.

*VER O GRÁFICO
QUE SEGUE*

HEGEL



IV. Influência e Crítica

1. Influência

a. O *Comunismo* (vide) é uma aplicação negativa e materialista das tríadas espirituais de Hegel. De acordo com o comunismo, o poder básico que controla a vida humana não é o espírito, mas antes, fatores econômicos, que dependem de uma luta de classes na sociedade. Quando um sistema qualquer reduz o homem a mero dinheiro e ao que é material, tal sistema torna-se, automaticamente, parcial e destrutivo. O comunismo inventou a sua própria forma de tríadas, para escrivizar a humanidade à sua suposta utopia comunista.

O selvagem nobre (ser)

homem livre

criado (antítese) na *servidão* (não-ser)

A *escravidão* tornou-se uma nova tese. Os homens, achando isso inaceitável, criaram a *antítese do feudalismo*. O *feudalismo*, por sua vez, criou a *antítese do capitalismo*, um avanço em sua própria natureza. E o *capitalismo*, finalmente, criou sua *antítese no socialismo*. É com base nisso que, segundo o comunismo, chegamos à tríada final:

Antítese: *Socialismo*

Tese: *Capitalismo* / Síntese: *Comunismo*

Hegel ensinava que cada nova síntese torna-se uma nova tese. A nova tese, automaticamente, gera uma nova *antítese*. Se cremos de alguma maneira no esquema hegeliano, então também devemos ter o bom senso de supor que o próprio comunismo, em algum ponto de sua evolução, venha a tornar-se uma síntese de instituições políticas, e que isso, automaticamente, tornar-se-á o começo de uma nova tríada, e não o ponto final de todas as tríadas políticas. A própria história demonstra que nenhum sistema é permanente. Os limites e as finalidades inventadas pelos homens são sempre as limitações impostas por suas próprias mentes, e não verdadeiras limitações. Não existe tal coisa como ponto final. Cada finalidade torna-se um novo começo.

A *tradição profética* informa-nos de que as coisas não chegarão a um clímax segundo o comunismo supõe. Antes, haverá um tremendo conflito entre o comunismo e uma futura aliança de potências ocidentais (o império do anticristo), o que talvez resulte em não apenas uma, mas duas guerras mundiais futuras. Isso deixará em cinzas o poder das nações gentílicas, quando então Israel será erguida como chefe das nações. Então o milênio será inaugurado por Cristo, uma autêntica e universal teocracia. Segundo a Bíblia, essa será a realidade futura, muito distante da fruição postulada por uma dialética materialista. Ver o artigo sobre o *Comunismo*, quanto a uma exposição completa a respeito. Ver também o artigo intitulado *Profecia: A Tradição Profética e a Nossa Época*.

b. *Influência exercida pelas escolas hegelianas e anti-hegelianas*. Obviamente, a influência de Hegel no pensamento filosófico e no pensamento religioso (excluindo o pensamento político, conforme foi dado acima), tem sido enorme. Por esse motivo, dedicamos um artigo separado a esse assunto. Ver sobre o *Hegelianismo*, em sua terceira seção.

2. Crítica

Os filósofos sempre suspeitam dos sistemas que nos dizem, de modo tão bem arrumado, o que é a verdade e os criticam. Apesar de ser óbvio de que opera algo parecido com o princípio da tese, *antítese* e *síntese*, neste mundo, também é verdade óbvia que não podemos reduzir qualquer ação e reação a uma

tríada bem arrumada. Pois pode haver muitas teses ao mesmo tempo, em um complexo inter-relacionamento, o que, por sua vez, produz muitas *antíteses* e *meias antíteses*. Mui raramente resulta uma *síntese* bem ordenada, com base em qualquer *tensão*. O mais provável é que daí resultem várias *sínteses* e *meias sínteses*. As coisas simplesmente se recusam a obedecer ao rígido raciocínio que Hegel impôs a elas. Além disso, muitas coisas surgem espontaneamente em cena, inteiramente à parte do princípio de tese, *antítese* e *síntese*. Assim é, porque esse não é o único princípio que atua na vida. Uma simples insatisfação pode produzir um novo culto religioso da noite para o dia. Uma *visão*, falsa ou verdadeira, pode dar começo a um novo movimento religioso, inteiramente desvinculado do princípio de conflito e solução. Conflito de poderes e a *cobiça* podem produzir novos sistemas econômicos, sem que quaisquer forças importantes produzam *antíteses* e *sínteses*. A *intervenção divina* — mediante o retorno de Cristo a este mundo — conforme esperamos que ocorra no fim da atual dispensação, haverá de alterar completamente o curso da história, sem qualquer envolvimento do princípio de tríadas hegelianas. A manifestação do Logos, na pessoa de Cristo, foi uma *intervenção divina*; e, no entanto, não resultou de qualquer tríada que estivesse em operação. Afinal, por que teríamos de pensar em uma tríada? As coisas podem ocorrer isoladas, em duplas, em quatro aspectos, em cinco, em dez, etc.

Quando, aparentemente, Hegel fez do Estado alemão — na sua época uma monarquia constitucional — a síntese de uma tríada política, ele exibiu uma imensa *miopia*, quanto ao seu entendimento das coisas. Mostram-nos os seus biógrafos que ele era homem de rosto encarquilhado, de tanto pensar e meditar. Mas isso não impediu que ele se deixasse prender tanto, pelo seu próprio sistema, impedindo que tivesse uma *visão* ampla das coisas. O comunismo exibe a mesma espécie de *visão limitada*. Por que motivo teríamos de falar em finalidades, e exatamente aquelas que cumprem aquilo que esperamos que *deveria* acontecer?

John Dewey demonstrou maior sabedoria, com a sua doutrina do *instrumentalismo* (vide). De acordo com essa teoria, não há coisa como um *ponto final*, como uma finalidade. Antes, cada finalidade é apenas o instrumento de um novo começo, de um novo nascimento, de uma nova realidade que surge. Isso equivale a dizer que Deus jamais fica estagnado em suas obras; e que também não podem estagnar aquelas coisas que dependem dele para existir, isto é, tudo. O *espírito* da filosofia hegeliana aponta nessa direção, e conjecturo que todas as suas *sínteses* finais eram apenas tentativas, esperando por novas idéias, acerca de onde o processo teria reinício, a partir dessas *sínteses*. Provavelmente, Hegel não queria chegar a uma declaração final com as suas *sínteses*; *tão-somente* desejava mostrar até onde as coisas haviam progredido, em seus próprios dias, e até onde lhe era possível interpretar as coisas, até aquele momento.

Talvez o erro mais absurdo de Hegel tenha sido a sua suposição de que a filosofia encontra a sua síntese em seu próprio sistema (idealismo absoluto alemão). Às vezes, levamo-nos por demais a sério. Contudo, também é possível que ele pensasse que a filosofia somente havia feito uma pausa, para, depois dele, chegar a uma nova *antítese*. Seja como for, ele disse demais — entrando em contradição consigo mesmo. Não obstante, podemos perdô-lo, em vista das muitas contribuições que fez ao pensamento filosófico. (AM BE E EP F MM P)

HEGELIANISMO

HEGELIANISMO

Esse termo refere-se, primariamente, à filosofia de Hegel (vide), bem como à sua escola de pensamento, isto é, o *idealismo absoluto*, com a sua ênfase especial sobre a interpretação realista da realidade, sobre a filosofia da história, sobre a filosofia da religião, e sobre a dialética da *tese*, *antítese* e *síntese*. O artigo sobre *Hegel* apresenta uma completa descrição sobre essas questões. Abaixo damos alguns poucos pontos principais. Em segundo lugar, o hegelianismo refere-se às diversas escolas que se desenvolveram a fim de promover as suas idéias, com algumas modificações.

Esboço:

I. Princípios Importantes do Hegelianismo

II. A Influência de Hegel

I. Princípios Importantes do Hegelianismo

1. A verdade de qualquer coisa requer uma compreensão adequada da totalidade dessa coisa, e não meramente de suas partes constitutivas. Daí a ênfase de Hegel sobre a história, sobre a lógica metafísica e sobre a evolução metafísica.

2. A *experiência* é a fonte de todo conhecimento; mas essa experiência é mais psíquica do que empírica. Há uma larga experiência com o Espírito Absoluto, que se torna evidente em todas as coisas. Hegel foi o «empírico de consciente», no dizer de Haering.

3. O «real é o racional», dizia ele. O *pensamento coerente* deveria ser aplicado à experiência, visto que ninguém pode confiar nas meras aparências externas. O pensamento racional e crítico sobre a realidade produz o conhecimento da realidade. Hegel opunha-se à ênfase de Schleiermacher sobre os sentimentos.

4. O *processo dialético* de tese, antítese e síntese. Oferecemos uma completa descrição a respeito, no artigo sobre *Hegel* (II.6), ilustrando a questão com várias tríadas, na terceira seção.

5. O *princípio da negatividade*. Uma tese jamais pode ficar estagnada. Automaticamente, ela importa em si mesma, em seu oposto (que é a antítese, ou não-ser). O princípio da negatividade cria o movimento dialético, que traz à existência a antítese. Somente a totalidade de alguma coisa pode ser a verdade adequada, pelo que também a verdade está continuamente em formação, exceto no caso do Espírito Absoluto, que abrange todas as coisas ao mesmo tempo. Uma tese jamais pode ser compreendida por um simples juízo correto, acompanhado de uma descrição (conforme pensava, erroneamente, Aristóteles). Pois também precisa incluir a não-tese, aquilo ao que ela vai sendo empurrada, e com o que acaba se combinando, para formar uma síntese.

6. A *idéia absoluta*, ou Espírito, é a consciência todo-inclusiva, eterna e completamente coerente, de cada estágio da dialética. A idéia absoluta é o ponto terminal e todo-inclusivo universal, que garante a unidade de todas as coisas, e onde todas as coisas subsistem. Visto que essa idéia, para Hegel, é divina, temos aí uma espécie de panteísmo.

7. A *evolução*. Um princípio de mutações inteligentes e dotadas de propósito abarca a todas as coisas. Essa evolução não é darwiniana, não é uma evolução materialista. Antes, é uma evolução cósmica e metafísica, por ser, especificamente, um ato da Idéia Absoluta sobre toda a existência. Nenhum estágio dessa evolução é final. Uma tese sempre haverá de gerar uma antítese, e daí passar para uma síntese; mas uma síntese sempre tornar-se-á novamente em uma tese, que criará sua antítese e

resultará, em combinação com esta, uma nova síntese, *ad infinitum*. A filosofia é capaz de interpretar os estágios pelos quais essa evolução tem passado, mas é incapaz de prever o futuro.

8. A *filosofia da religião*. Foi Hegel quem expôs o primeiro estudo completo sobre a religião, por meio da filosofia; e também foi o primeiro a empregar a expressão «filosofia da religião», para referir-se à sua obra. Deus, e Deus somente como verdade, servia de base ao seu pensamento. A religião seria o relacionamento do homem com Deus, em sua experiência humana. O que é finito está relacionado ao Infinito. Dizia ele: «A religião é o autoconhecimento do divino Espírito, mediante a meditação da parte de um espírito finito». Dessa forma, ficam solucionados «todos os quebra-cabeças do mundo», especialmente através da experiência da liberdade e da *bem-aventurança*. As religiões dizem-nos como o Espírito divino tem evoluído nas sensibilidade e entendimentos religiosos de indivíduos e de grupos humanos. A religião absoluta, para Hegel, era o cristianismo, com sua tríada de Pai (tese), Filho (antítese) e Espírito Santo (síntese).

II. A Influência de Hegel

1. As Escolas Hegelianas

a. *A Ala Direitista*. Aqueles que interpretavam Hegel de maneira ortodoxa e sobrenatural constituíam essa ala direita, como Gabler, Heinrichs e Goschel. Esse grupo também tem sido chamado de os conservadores.

b. *A Ala Esquerdista*. Esses eram os filósofos radicais, heterodoxos, especialmente aqueles que pendiam para um panteísmo totalmente impessoal. Nesse modo de interpretar Hegel envolveram-se D.F. Strauss (*Leben Jesus*, 1835) e Bruno Bauer, da escola de Tubingen (vide). Interpretações materialistas foram apresentadas por L. Feuerbach e Karl Marx (ver os artigos sobre eles).

c. *Os Centristas*. Aqueles que seguiam as idéias hegelianas, mas evitando interpretações extremadas, foram Rosenkranz (biógrafo de Hegel), Erdmann (crítico do Antigo Testamento), Vatke e várias outras pessoas que editaram e publicaram as obras de Hegel.

d. *Influências Estrangeiras*. Os filósofos que têm empregado idéias hegelianas, fora da Alemanha, são: Stirling T.H. Green, J. Caird e Bradley (na Inglaterra); e então Taylor, Royce, Calkins, Basanquet e Creighton (na América do Norte).

2. No Campo da Política

Já tivemos oportunidade de discutir sobre isso na quarta seção, intitulada *Influência e Crítica*. 1. Influência; a. Comunismo, no artigo sobre Hegel.

3. Sobre Várias Disciplinas

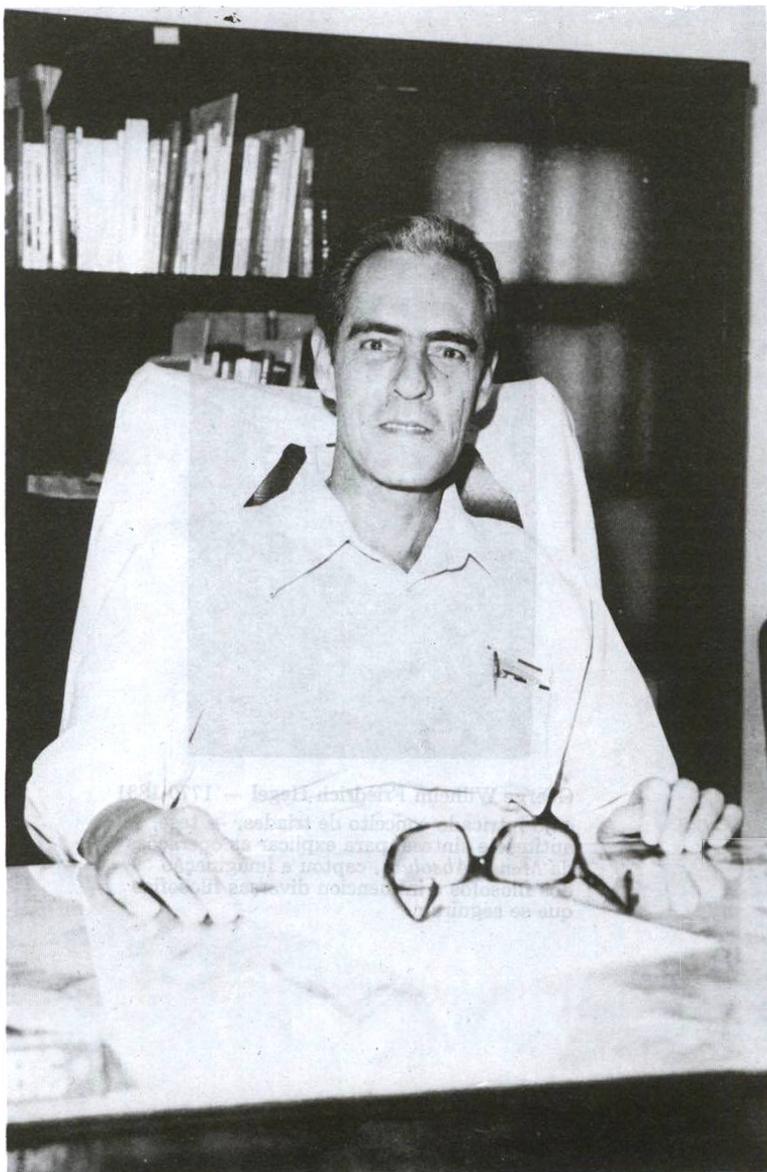
A obra de Hegel influenciou o estudo da história e a filosofia da história, a jurisprudência, a política e todas as ciências naturais. Nenhum outro filósofo tem influenciado tanto o pensamento dos sécs. XIX e XX quanto Hegel. Ele expôs um tratamento filosófico sistemático da filosofia da história e da filosofia da religião. Foi o primeiro filósofo a apreender a história mundial como uma evolução orgânica que envolve todas as nações e indivíduos. Suas idéias têm-se mostrado largamente influentes na filosofia da educação e na sociologia. Infelizmente, ele glorificava a guerra como um nobre sacrifício do indivíduo em favor do Estado. Dentro do pensamento cristão, ele foi o principal fundador do *modernismo* e do *liberalismo*. Ele combatia absolutamente o humanismo antimetafísico, mas fez soar as notas-chaves da evolução, na religião e em outros campos do saber. (AM BE E EP F MM P)

Hegel



George Wilhelm Friedrich Hegel — 1770-1831
cujo intrincado conceito de triades, — tese,
antítese e síntese, para explicar as operações
da *Mente Absoluta*, captou a imaginação
dos filósofos e influenciou diversas filosofias
que se seguiram.

... ..



Prof. Dr. Leonidas Hegenberg, o filósofo brasileiro que contribuiu, em obras originais e traduções, a maior quantidade de literatura filosófica na língua portuguesa, de todos os tempos. Ver a homenagem ao Prof. Leonidas ao fim do artigo sobre *Filosofia* (última fotografia).

HEGEMONIDES — HEIDEGGER

HEGEMONIDES

O rei Antíoco, da Síria, nomeou esse homem como governador civil do distrito que ia de Ptolemaida a Gerar, quando foi forçado a retornar a Antioquia, a fim de enfrentar uma revolta encabezada por Filipe, em 162 A.C. Ver II Macabeus 13:24. Algumas traduções dos livros apócrifos, em vez de darem um nome próprio, Hegemonides, dizem ali «governador principal».

HEGENBERG, LEONIDAS

Ver ao fim do artigo sobre *Filosofia*.

HEGESIAS

Ele foi um filósofo grego do século III A.C. Era líder da escola cirenaica (ver sobre o *Cirenaicismo*), que promovia o prazer como o grande alvo da existência humana. Ver o artigo detalhado sobre o *Hedonismo*. Hegesias acreditava que não há outra coisa pela qual valha a pena viver, além dos prazeres; e também ensinava que é importante evitar o prazer a qualquer custo. Isso posto, a inteligência humana deveria ser empregada de tal modo que viesse a obter o máximo de prazer, embora sempre o fazendo de forma a evitar a dor, o sofrimento. Quando a dor intensifica-se, então é melhor modificar o prazer que a esteja causando. A sua avaliação da vida humana era pessimista, e ele mostrava-se sensível diante do sofrimento humano. Por essas razões, ele sentia que a principal tarefa de um filósofo é ensinar os homens sobre como se deve evitar a dor. O seu método, quanto a isso, era cultivar a indiferença para com a própria vida e para com as suas condições. Ele ensinava de modo tão brilhante que alguns de seus alunos começaram a cometer suicídio. Chegou a ser chamado de *advogado da morte*. Esse abuso só cessou com medidas políticas de governantes. Ptolomeu I proibiu que ele continuasse a fazer preleções.

HEGESIPO

Esse homem escreveu uma espécie de História Eclesiástica, chamada *Memórias* (em cerca de 180 D.C.), que foi a única obra dessa natureza, até esse tempo, depois do livro canônico de Atos dos Apóstolos. Pelo menos até onde vai o nosso conhecimento, isso corresponde à realidade dos fatos. Infelizmente, a obra de Hegesipo perdeu-se, embora fragmentos da mesma tenham sido preservados por outros autores, como Eusébio (vide). Em outras palavras, Eusébio, o grande historiador cristão da Igreja antiga, utilizou-se dos informes históricos dados por Hegesipo.

HEGIRA

No árabe, «fuga». Essa palavra indica a fuga de Maomé, de Meca para Medina, em 622 D.C. Após a sua morte, o calendário islâmico assinalou o ano de 622 D.C. como o 1º ano. De acordo com esse sistema, as datas são indicadas com A.H. (ano da hegira).

HEGLAM Ver sobre Gera.

HEIDEGGER, MARTIN

Suas datas foram 1889—1976. Ele foi um filósofo alemão, um dos principais expoentes do *existencialismo* (vide), embora não se considerasse um existencialista. Nasceu em Messkirch, Baden; estudou com Husserl e tornou-se reitor da Universidade de Freiburg em 1933. Sua obra principal foi *O Ser e*

o Tempo. Sua exposição sobre a condição humana, como um meio de revelação da relação entre o homem e o Ser, atraiu para ele muitos seguidores pelo mundo inteiro. Quando o nazismo dominou a Alemanha, ele rompeu o seu relacionamento com Husserl, que era judeu. Em Freiburg, ele fez um discurso que vinculava intimamente a vida acadêmica ao movimento nazista. Entretanto, posteriormente ficou desiludido com o nazismo, e resignou de seu posto de reitor da Universidade de Freiburg, em 1934. Não obstante, ele continuou escrevendo, e também ensinava ocasionalmente, até que se retirou definitivamente da vida ativa, em 1957. Quando ainda cooperava com Husserl, era considerado um fenomenologista. Ver o artigo sobre a *Fenomenologia*. Seus últimos anos de vida ele os passou em quase total solidão. Vivava nas colinas perto de Freiburg, e somente em raras ocasiões descia para lecionar em alguma universidade.

Idéias:

1. **O ser humano e o seu lugar dentro do tempo.** Em seu livro, *O Ser e o Tempo*, Heidegger exorta os homens a refletirem sobre o seu próprio ser. Ele acreditava que o homem é aquele ser que é capaz de fazer indagações sobre o *sentido* da sua própria existência, em contraste com os animais irracionais. O homem deseja saber por que razão «está ali» (daí o termo que ele usava, *Dasein*, «estar ali»). Essa palavra indica, ao mesmo tempo, o *onde* e o *é* da condição humana, levantando perguntas acerca do mistério e aparente arbitrariedade da existência humana.

2. **Seu método de inquirição.** Como pode alguém elevar-se acima da superficialidade da existência diária e aprender algo de significativo sobre os mistérios da vida? Heidegger empregava três artifícios nessa busca:

a. O homem não deve continuar aplicando a atitude **não-crítica**, mediante a qual ele supõe que a natureza e a sociedade são apenas instrumentos de sua existência. Mas deve chegar a entender que há uma interdependência em toda a vida e natureza. Quando ocorre um desastre natural, por exemplo, o homem percebe que não controla a sua sorte.

b. O emprego das artes pode ser uma ajuda na compreensão da situação universal do homem, o que o afasta de sua existência egocêntrica, dentro da qual supõe que as outras coisas são meros instrumentos do seu **bem-estar**.

c. Ele cria que a capacidade analítica do homem, quando devidamente utilizada, pode livrá-lo do que «alguém diz», para que possa pensar com independência, o que pode levá-lo para além das tradições e permitir-lhe atingir a verdade. Nesse ponto, ele modificou a filosofia pessimista de Kierkegaard sobre como o homem enfrenta a morte, em todo o seu desespero e temor, a fim de verificar qual o valor de tais avaliações. Heidegger chegou à conclusão de que o homem só pode aprender o sentido do Ser através de seu medo constante e da morte iminente.

3. **Na direção de um conceito do ser.** Heidegger atirou-se à tarefa de reexaminar a metafísica. Para tanto, ele apelou para a filosofia grega, analisando o que Sócrates queria dizer com termos como natureza, sorte, logos e arte. Foi então que ele escreveu o livro *A Doutrina Platônica da Verdade*. Além de examinar os escritos clássicos, ele descobriu que influências como os poemas Holderlin, as idéias de Kant sobre *coisa* e *juízo*, o conceito hegeliano da *experiência* e aspectos da doutrina de Nietzsche de que *Deus está morto*, lhe eram úteis. Em seus estudos, ele tratou o homem como guardião e intérprete do Ser, e definiu a função do pensamento como um «deixar o Ser ser, para que

nos diga o que tem a dizer». Ele exaltava a linguagem como se fosse um tesouro onde podemos encontrar os segredos do ser. Quanto a isso, parece que ele reverteu sua anterior convicção de que o tempo esconde o ser. Não obstante, a sua filosofia, quanto a esse particular, é um tanto vaga, não podendo ser usada com precisão para que determinemos os valores humanos.

4. *Uma vida diária autêntica.* Viver com autenticidade é descobrir como o próprio ser se relaciona às coisas que existem. Isso requer uma compreensão genuína e um pensamento original, com a rejeição das pressões das tradições humanas falsas, parciais e enganadoras. Parte dessa vida diária autêntica consiste em perceber que a primeira responsabilidade de um homem é consigo mesmo, e não diante das pressões de outras pessoas sobre ele, como indivíduos ou como instituições. Uma outra parte consistiria naquilo que ele chamava de atitude de «interesse». Uma pessoa aprende, realmente, a interessar-se, quando lança o seu ser no abismo da *angst* (angústia). É na angústia que o homem descobre sua precária situação na existência, bem como sua nulidade essencial. Então é que aprende que é um ser que se encaminha para a morte. Assim, o homem aprende a interessar-se, desenvolvendo uma autêntica consciência, independente de influências superficiais. Um outro elemento seria o que ele chamava de *ek-sistenz*, isto é, aprender e refletir a natureza da própria finitude essencial. Para que o homem viva de modo autêntico, é mister que aprenda o sentido do tempo e de todas as precariedades da existência. O indivíduo aprende a arbitrariedade de haver sido lançado em um mundo caracterizado pela culpa, pela vergonha, pela incerteza e por obrigações de toda a espécie. O indivíduo torna-se cômico de sua nulidade, inicialmente, por seu temor de deixar de existir (o não-ser). Ao nada é emprestada uma espécie de posição ontológica. Por que existe alguma coisa, em vez do nada? Essa é uma das principais questões indagadas pela filosofia. O homem projeta-se no nada, e ali descobre o Ser. A constante necessidade de fazer escolhas, e o exercício disso, faz parte do viver diário autêntico.

5. *A tarefa da ontologia.* Essa tarefa consiste em descobrir a natureza real da existência, ou seja, sua finitude e sua dependência do Ser, o qual também está envolvido no abraço do nada.

6. *A palavra* (logos) opera através do uso disciplinar da linguagem, por parte do homem. A palavra, pois, é reveladora. A linguagem é poética, e não calculadora. O pensador manifesta-se sobre o ser; o poeta fala sobre o que é santo. As duas ações estão vinculadas uma à outra e são interdependentes.

A leitura do artigo sobre o *existencialismo* haverá de ajudar o leitor a apreender vários conceitos aludidos acima. O existencialismo frisa o que é negativo, pessimista, a absoluta liberdade humana, que faz o indivíduo ser o que é, a ansiedade humana sobre o não-ser. O pensamento teísta aponta para a depravação humana, bem como para a sua dependência, mas oferece uma salvação final, por parte de uma Força Superior. Algumas formas de existencialismo deixam o homem em meio à tempestade.

Sabemos, com base em estudos psicológicos, que o homem conta com esses motivos básicos incrustados em sua própria alma, razão pela qual os filósofos são capazes de descobri-los, e até mesmo descrevê-los, mesmo que parcialmente. O homem tem, como parte de sua estrutura básica, as noções do não-ser e do temor. Porém, para além da tempestade, resplandece um Novo Dia, quando o homem haverá de emergir do

não-ser para uma nova vida. As experiências perto da morte algumas vezes fazem um homem passar pelo temor do não-ser, mas também levam-no até perto da vida do novo dia futuro. Alguns existencialistas não têm podido ver que parte dos arquétipos da psique humana básica inclui essas questões, preferindo demorar-se interminavelmente nos aspectos negativos do ser humano. Um desses existencialistas pessimistas foi Sartre (vide).

Desafortunadamente, alguns sistemas teológicos também preferem salientar os arquétipos negativos da psique humana. Com base nisso, têm criado uma doutrina do julgamento que não acena com a mínima esperança, o que é a mais profunda causa de medo que os homens têm podido inventar. Há versículos no Novo Testamento que infundem o medo nos homens, por falar em terror e em nulidade, isto é, na total destruição. No entanto, outras porções do mesmo Novo Testamento ultrapassam essa idéia, mostrando-nos que a vontade de Deus, finalmente, fará todos os seres humanos livrarem-se disso. Estamos falando sobre o mistério da vontade de Deus, referido em Efésios 1:9,10, onde transparece uma final unidade, harmonia e bem-estar para todas as coisas, que encontrarão a sua unidade em torno do Logos, Jesus Cristo. Ver o artigo sobre a *Restauração*, quanto a esse ensino bíblico.

Obras de Heidegger (títulos em inglês): *The Theory of Categories and Meaning in Duns Scotus; Being and Time; What is Metaphysics; Kant and the Problem of Metaphysics; Essence of Truth; Plato's Theory of Truth; Collection of Lectures; On the Question of Being; What is Philosophy; The Question Concerning the Thing; Phenomenology and Theology.* (AM E EP F P)

HEIDELBERG, CATECISMO DE

Esse é o nome de um catecismo reformado (calvinista), compilado por dois professores de Heidelberg, Ursino e Oleviano, em 1562 D.C., a pedido do eleitor do Palatinado, Frederico III (1559-1576). Esse homem estava interessado em passar-se, com seus territórios, do luteranismo para o calvinismo. O citado catecismo também tinha o propósito de pacificar e unificar as várias ideologias protestantes em conflito. Frederico III, embora fosse professor luterano, tendo permanecido tal por toda a sua vida (o calvinismo foi declarado ilegal dentro do Santo Império Romano), na verdade era um calvinista. Mas esse catecismo é calvinista apenas moderadamente. A faculdade de Heidelberg também esteve envolvida em sua produção; porém, a base desse novo documento foi o livro de Ursino, *Catequese Menor*, de 1561. O resultado foi o mais ecumênico de todos os catecismos protestantes. Continua sendo usado pelas igrejas reformadas da Holanda e da Alemanha.

Essa confissão é tendente à conciliação (exceto quando se refere à missa católica romana). É evitada a doutrina calvinista da predestinação. Seu ensino sobre a Ceia do Senhor tenta aproximar-se da doutrina luterana, com propósitos conciliadores. A questão da descida de Cristo ao hades é ali interpretada como a angústia que ele sofreu antes da crucificação e já na cruz, o que é uma das perversões tipicamente ocidentais do texto de I Pedro 3:18 — 4:6. Essa doutrina bíblica causa embaraço para certos credos cristãos, pois visto que Cristo fez algo em favor dos perdidos, no hades, isso requer que tal ensino seja reconciliado com certas doutrinas rígidas acerca da natureza do juízo divino. No entanto, esse item só foi

HEIDELBERG — HELĀ

incluído no catecismo porque as igrejas luterana e reformada estavam discutindo sobre a questão.

Historicamente, o lançamento desse catecismo completou a separação entre o Palatinado (o palácio imperial e seus oficiais) e a Igreja luterana. Esse catecismo foi traduzido para o inglês e publicado em Oxford, na Inglaterra, em 1828. Ursino escreveu um comentário sobre esse catecismo, — que também foi traduzido para o inglês.

Conteúdo em Esboço:

Primeira parte. Sobre a miséria humana; *segunda parte:* sobre a redenção humana; *terceira parte:* sobre as ações de graças. É na primeira parte que quase todas as questões controversas e doutrinas são manuseadas. Esse catecismo foi adaptado para sermões e lições, pelo que foi dividido em cinquenta e dois capítulos, cada capítulo correspondente a um domingo do ano. Além das igrejas reformadas alemãs, também foi usado pelas igrejas reformadas da Hungria, da Polônia, da Suíça e da Escócia, quando foi impresso em inglês. (AM C E)

HEIDELBERG, ESCOLA DE

Essa foi uma das escolas filosóficas neokantianas, que atuou na última porção do século XIX, bem como no começo do século XX. Estava localizada na Universidade de Heidelberg (daí o seu nome). Essa escola aproximava-se da filosofia de Emanuel Kant, do ponto de vista axiológico, asseverando que o valor é a chave mestra da epistemologia. Ver o artigo separado sobre o *Neokantianismo*, especialmente no seu quarto item.

HEILSGESCHICHTE

1. No alemão, «história da salvação». Essa era uma espécie de filosofia piedosa da história, de acordo com a qual a obra mais importante de Deus é a salvação dos eleitos. O termo foi cunhado no século XVIII, tendo sido empregado no século XIX, por diversos teólogos, a fim de rebater a tentativa de Schleiermacher para fazer a teologia alicerçar-se sobre meros sentimentos religiosos. Esse ensino enfatizava certas passagens e pontos de vista bíblicos, conferindo ao todo uma espécie de tom agostiniano e calvinista. O propósito da história seria o chamamento dos eleitos, em um processo de desenvolvimento gradual, onde o agente seria o Espírito Santo e Cristo seria o alvo. O reino de Deus, de acordo com essa escola, seria estabelecido por meio da guerra, contra os poderes malignos. J.A. Bengel (vide) era advogado dessa posição, rejeitando o dispensacionismo mecânico de Cocceus e de Vitringa. Sua idéia de crescimento orgânico impedia o naturalismo ao afirmar que o Espírito Santo seria o agente do mesmo.

2. Karl Barth e seus seguidores modificaram radicalmente certos pontos de vista dessa doutrina, ao pensarem que os eventos importantes da história sagrada, como a encarnação, a redenção em geral, etc., teriam tido lugar em uma esfera supra-histórica, inacessível às pesquisas dos historiadores seculares, e reconhecidos apenas por meio da fé. Isso posto, a historicidade é diminuída em sua importância, o que provê uma via de escape dos ataques da alta crítica, nessa área. Entretanto, os críticos consideram as idéias de Barth como um moderno docetismo (vide).

3. Oscar Cullmann e outros teólogos concordam mais com o primeiro desses pontos de vista, insistindo na existência de uma conexão entre a teologia e os eventos históricos reais, de acordo com o que Cristo

realmente se encarnou e realmente voltará a este mundo, em sua *parousia* (vide). Essa posição salienta os atos de Deus na história. No entanto, segundo ela, a fé cristã não depende das vicissitudes da pesquisa histórica. A fé em Cristo é que empresta sentido aos registros bíblicos e ao seu conteúdo histórico. Essa posição postula uma historicidade essencial, embora não estrita.

HEIM, KARL

Teólogo sistemático alemão, nascido em 1874. A princípio ele ensinou em Munster e mais tarde, em Tubingen. Suas idéias estão alicerçadas sobre o pietismo da Suábia. Sua fé em Cristo não conhecia transigências; porém, ele também procurou interpretar a fé cristã à luz da ciência moderna. De modo geral, ele compartilhava da neo-ortodoxia de Karl Barth (vide), mas também era um filósofo de inclinações evangélicas, que defendia uma escatologia realista, em contraste com a platonização de Barth. Tinha uma posição teocêntrica, que requeria uma nova compreensão sobre todos os pressupostos filosóficos fundamentais. Acreditava na existência de um diabo pessoal. Preocupava-se em emprestar à fé uma natureza mais concreta e vital; e a sua teologia é uma impressionante tentativa de fazer o poder da fé tornar-se mais vivo e real neste mundo hostil.

HEISENBERG, WERNER

Físico alemão, nascido em 1901 em Wurzburg. Educou-se em Munique. Ensinou em Gottingen, Copenhagen e Berlim. Recebeu o prêmio Nobel de física, em 1932. Serviu como diretor do Instituto Max Planck de Física. Participou do desenvolvimento da *mecânica quantum* (vide). Isso conduziu-o ao seu conceito de *relações incertas*, o ponto de vista de que no nível microcômico da existência, não se pode contar com as medidas quantitativas por meio de coordenadas de espaço e tempo. Assim, a posição e o impulso de um elétron não podem ser determinados simultaneamente, e um aumento no cálculo de uma dessas coisas faz decrescer a exatidão na outra. Isso também é conhecido como o *princípio da indeterminação* de Heseinberg. Duas grandes modificações surgiram, com base nas pesquisas de Heisenburg. Assim, foi desfechado um novo golpe sobre a física clássica, pelo que essa ciência continuará a evoluir, na tentativa de explicar os fenômenos observáveis. Em segundo lugar, levanta-se a antiga questão da liberdade, e de que maneira ela se relaciona ao determinismo, com alguma ênfase maior ao lado da liberdade. Ver os artigos sobre o *Determinismo*, sobre a *Predestinação* e sobre o *Livre-Arbitrio*.

HELĀ

No hebraico, «ferugem». Esse era o nome de uma das esposas de Assur, antepassado dos homens de Tecoa (I Crô. 4:5). Eles pertenciam à tribo de Judá. Ela viveu por volta de 1612 A.C.

HELĀ

No hebraico, «abundância». Esse era o nome de uma localidade onde Davi obteve uma notável vitória militar sobre os sírios. Ele tomou muitos despojos, incluindo cavalos e carros de combate (II Sam. 10:16,17). Aparentemente, o local não ficava muito longe do rio Eufrates. O trecho de Ezequiel 47:16, na Septuaginta, parece situar o local ao norte de Damasco, para quem vai para Hamate. Alguns

HELBA — HELENISMO

estudiosos, porém, identificam-no com a moderna *'Alma* (antiga Alema), mencionada em I Macabeus 5:26. Os textos de execração egípcios (de cerca de 1850 A.C.), dizem que o local ficava ao sul de Damasco, em Hurã (vide), o que concorda com sua identificação com a moderna *'Alma*.

HELBA

Esse lugar também era conhecido como **Qelba**. O significado dessa palavra é *gordura*, provavelmente uma referência à grande fertilidade da região em redor. Esse era o nome de uma das cidades do território de Aser (Juí. 1:31). Os israelitas não obtiveram êxito na tentativa de expulsar dali os cananeus. Alguns estudiosos identificam essa cidade ou com Alabe (Juí. 1:31; vide), ou com Helbade (não mencionada na Bíblia), em Khirbet el-Mahalib, a oito quilômetros ao norte de Tiro, já nas costas mediterrâneas.

HELBOM

No hebraico, «gorda». Esse nome acha-se somente em Eze. 27:18, onde é mencionado o vinho produzido nesse lugar, dentre os vários produtos trazidos para venda no mercado de Tiro. Tem sido identificada com a Halbun que fica cerca de vinte e um quilômetros ao norte de Damasco. Fica situada em um estreito vale entre escarpas nuas e muito íngremes. Essa área é famosa por seus vinhos, desde a antiguidade. Estrabão (15.735) nos informa que era um vinho muito procurado pelos assírios, babilônios e persas.

HELCAI

No hebraico, «nomeado», «apontado». Esse era o nome de um sacerdote dos dias de Jeoaquim, o sumo sacerdote (Nec. 12:15). Helcai viveu por volta de 556 A.C. Esse nome deve ser entendido como forma abreviada de Helquias, que significa «Yahweh é a minha porção». Ele era cabeça da casa sacerdotal de Meraiote. Retornou a Jerusalém, em companhia de Zorobabel, terminado o cativeiro babilônico.

HELCATE

No hebraico, «suavidade», «liso». Nome de uma cidade existente nas fronteiras da tribo de Aser (Jos. 19:25). Foi dada como parte das possessões dos levitas gersonitas (Jos. 21:31), sendo uma das quatro cidades que couberam a essa tribo (ver I Crô. 6:75, onde uma forma variante desse nome é Hucouque). Alguns eruditos têm identificado o antigo lugar com a moderna Khirbert el-Harhaj, que fica cerca de vinte e um quilômetros ao sul de Aco e cerca de quarenta e cinco quilômetros a oeste do extremo sul do mar da Galiléia.

HELCATE-AZURIM (CAMPO DAS ESPADAS)

No hebraico, «campo dos fios da espada». Outros estudiosos preferem a tradução simples de «campos dos fios». Nossa tradução portuguesa prefere «Campo das Espadas». Talvez haja uma alusão a formações rochosas muito agrestes. Está em foco uma região perto do poço de Gibeom (ver II Sam. 2:16). O mais provável é que esse nome, foi dado com base na circunstância de um duelo sangrento, que teria tido lugar ali. Naquele lugar, doze homens de Joabe combateram contra doze homens das forças de Abner, até à morte. A Septuaginta traduz esse nome como *campo das emboscadas*, como se houvesse

derivação do verbo hebraico *emboscar*, em vez do termo hebraico que significa «pedreira» ou «fio de espada».

HELDAI (HELEDE)

No hebraico, «mundanismo». Nome de duas pessoas, mencionadas no Antigo Testamento:

1. Um netofatita, descendente de Otniel, encarregado de um dos turnos sacerdotais, que operavam no templo de Jerusalém (I Crô. 17:15). Viveu por volta de 1014 A.C. Foi um dos famosos trinta guerreiros de Davi, tendo sido nomeado capitão de vinte e quatro mil homens. Servia no décimo segundo mês. Muitos estudiosos pensam que o Helede de I Crô. 11:30 seria o mesmo homem. Mas o Helebe de II Sam. 23:29, provavelmente é um erro de transcrição.

2. Nome de um homem que fez parte de um grupo de judeus, que trouxe ouro e prata da Babilônia, a fim de ajudar aos exilados que haviam retornado do cativeiro babilônico (vide), juntamente com Zorobabel (Zac. 6:10). Com essas doações, foi feita uma coroa para o sumo sacerdote chamado Josué (Zac. 6:10,14). Nesse décimo quarto versículo, porém, ele é chamado Helem, o que pode ser um apelido, ou então houve ali um erro de transcrição e scribal.

HELEBE

Provavelmente é um erro de transcrição em lugar de Helede. Ver o artigo intitulado Heldai (Hel:de), no primeiro ponto.

HELEFE

Uma cidade que assinalava a fronteira sul do território de Naftali, a nordeste do monte Tabor (Jos. 19:33). A localização moderna é Khirbet 'Arbathah.

HELEM

No hebraico, «sonho». Nome de duas personagens do Antigo Testamento.

1. Bisneto de Aser e irmão de Samer (I Crô. 7:35), talvez o mesmo homem chamado Hotão, no versículo trinta e dois do mesmo capítulo. Ele viveu por volta de 1440 A.C.

2. Um ajudante de Zacarias (Zac. 6:14). Esse nome, mui provavelmente, envolve um erro scribal em lugar de Helede, que aparece no versículo trinta e dois desse mesmo capítulo.

HELENISMO

Ver os artigos separados: *Período Intertestamental; Filosofia Helenista e Escolas Filosóficas do Novo Testamento*.

Esboço:

- I. Definição
- II. O Helenismo e o Idioma Grego
- III. Esboço de Eventos Históricos
- IV. Vários Elementos da Cultura Helenista
- V. Indicações de Helenização no Novo Testamento

I. Definição

O historiador alemão, J.G. Droysen, no século XIX, inventou a expressão *era helenista*. Era usada para designar o período durante o qual a cultura greco-macedônica propagou-se dos Bálcãs para as terras que margeiam a bacia do mar Mediterrâneo, após a morte de Alexandre, o Grande, em 323 A.C.

HELENISMO

Entretanto, a *filosofia helenista* prosseguiu por um longo tempo após a sua morte política. Somente em 529 D.C., quando o imperador Justiniano tornou legítimas as antigas religiões e as antigas filosofias, é que chegou ao fim essa era helenista. Portanto, do ponto de vista da filosofia, esse período perdurou por cerca de setecentos anos. Durante esse período, até cerca de 30 A.C., a liderança política era grega, que sobrepujava a muitas outras instituições na Ásia Menor, na Síria, na Mesopotâmia e no Egito, com bases na civilização macedônica.

II. O Helenismo e o Idioma Grego

Ver o artigo separado sobre *Lingua do Novo Testamento*. Os historiadores admiram-se diante da expansão da língua grega, que lançou raízes por grande parcela do mundo conhecido, após a morte de Alexandre, o Grande. As conquistas de Alexandre levaram o grego à maioria dos centros de civilização da época. O resultado foi que os antigos dialetos gregos desapareceram, tendo surgido um idioma grego unificado e harmônico, chamado *koiné*, ou «comum». Um dos resultados disso foi que o Novo Testamento foi escrito em grego, visto que a Igreja era, essencialmente, uma entidade gentílica, e o grego era o melhor veículo para propagar uma mensagem universal. Os gregos deram ao cristianismo o seu idioma, e os romanos contribuíram com suas excelentes estradas, facilitando assim a propagação da mensagem cristã. Aquele idioma comum, em todo o império romano, facilitou em muito a propagação da cultura helenista. Os gregos tendiam por dar maior apreço àqueles que falavam o grego, e compartilhavam de sua cultura com eles.

III. Esboço de Eventos Históricos

1. Após a morte de Alexandre, que ocorreu em 323 A.C., durante cinquenta anos houve uma feroz disputa pelo poder, onde vários de seus ex-generais competiam por ficar com fatias de seu império. Esse período tem sido chamado de era dos *diadochoi*, ou seja, dos «sucessores» de Alexandre. O regente de Alexandre, Antipater, que governava a Macedônia, conseguiu manter intacto o império de Alexandre. Porém, quando Antipater morreu, em 319 A.C., as disputas pelo poder dividiram o império de Alexandre.

2. Divisões que se seguiram:

a. A maior parte da Ásia Menor, a Síria e a Mesopotâmia (quanto à área, era essa a maior fatia em que o império de Alexandre foi dividido) ficaram sob o controle de Antígono I e seu filho, Demétrio I (também chamado Poliorcetes).

b. O Egito ficou sob o controle de Ptolomeu I, de onde proveio a dinastia dos ptolomeus. Seguiram-se treze sucessores ao Ptolomeu original. Ver o artigo separado sobre *Ptolomeu*.

c. A Babilônia e o Irã foram tomados por Seleuco I. Os *selêucidas* (Seleuco I e seus sucessores) controlavam também a Síria e a Mesopotâmia. O território deles veio a se tornar o maior e o mais populoso dos estados helenistas. Antioquia era a capital ocidental da Selêucia. Ficava às margens orientais do rio Tigre. Em contraste com os ptolomeus, os selêucidas iniciaram uma política de expansão territorial, tendo estabelecido muitas colônias. Além disso, a exemplo dos ptolomeus, eles helenizaram a civilização na porção que controlavam. Antíoco III, cognominado o Grande, foi o maior dos monarcas da dinastia selêucida; e Antíoco IV Epifânio foi aquele que tentou helenizar os judeus, pelo que obteve uma péssima reputação. Ver os artigos separados sobre *Seleuco* e sobre *Antíoco IV Epifânio*.

d. A Trácia ficou sendo governada por Lisímaco.

e. A Macedônia e a Grécia ficaram nas mãos de Cassandro.

3. Esses líderes assumiram o título de *reis*, governando reinos separados, mas caracterizados todos por duas coisas comuns: a atitude helenística na vida e o idioma grego como veículo de expressão.

4. Várias vicissitudes eliminaram alguns sucessores desses reis, da forma mais violenta. Três potências maiores surgiram daí: a Macedônia, o Egito (dos ptolomeus) e a Síria (dos selêucidas).

5. Poderes menores centralizavam-se em torno de algumas poucas cidades principais. Essas cidades eram Pérgamo, Rodes, a Liga Etólia e a Liga Acaense. Estas duas ligas terminaram por ser a força política dominante na Grécia: a Etólia a noroeste, com capital em Termum; e a Acaense, no Peloponeso, composta de cidades, tradicionalmente, adversárias de Esparta. Atenas foi controlada, entre 316 e 306 A.C., pelo tirano Demétrio de Falerum. Mas, depois desse período, tornou-se independente, embora lhe faltasse qualquer poder político e militar verdadeiro. Contudo, Atenas tornou-se um centro cultural, devido às suas antiguidades e às suas escolas filosóficas.

6. *A Intervenção Romana*. Em cerca de 204 A.C., o Egito estava em estado de decadência geral. Foi com grande facilidade que os romanos conseguiram dominar o Egito. Em seguida, derrotaram a Macedônia, por meio de quatro guerras sucessivas. A terceira dessas guerras pôs fim à monarquia grega, e a quarta fez da Macedônia uma província romana, em 148 A.C. Os romanos combateram contra Antíoco III e Antíoco IV (163 A.C.). Em 64 A.C., a área foi anexada a Roma, como uma província, por Pompeu. O Egito estava debilitado e não servia de ameaça aos romanos, pelo que lhe foi permitido uma grande dose de liberdade. Mas, quando Cleópatra VII envolveu-se com César, e então com Antônio, as coisas se alteraram. Após a derrota de Antônio e Cleópatra, em 31 A.C., Otávio anexou o Egito como uma província romana.

IV. Vários Elementos da Cultura Helenista

1. *A Filosofia*. Temos apresentado um artigo separado sobre a *Filosofia Helenista*.

2. Quanto a uma *pesquisa geral*, que inclui o aspecto histórico, ver o artigo separado sobre o *Período Inter-testamental; Acontecimentos e Condições do Mundo ao Tempo de Jesus*.

3. *Literatura*. O Antigo Testamento foi traduzido para o grego, em uma famosa versão conhecida como *Septuaginta* ou *LXX*. Ver o artigo separado sobre esse assunto. Em certo sentido, a fé dos hebreus foi helenizada assim, visto que essa versão permitiu que muitos povos tivessem acesso direto ao pensamento hebreu, com uma resultante amálgama de maneiras de pensar. Os judeus helenistas também absorveram idéias gregas. A interpretação alegórica do Antigo Testamento veio a ser uma atividade comum em Alexandria.

Independentemente disso, a literatura desse período, que sobreviveu até nós, consiste, virtualmente, de poesias, excetuando as histórias escritas por Políbio de Megalópolis e os monógrafos de tipos humanos e de assuntos científicos, escritos por Teofrasto. Políbio (203? — 120 A.C.) aparece como um dos grandes historiadores da antiguidade. Outros historiadores, como Lívio, Apiano, Plutarco e Diodoro usaram as suas obras (em quarenta volumes), como fontes informativas. Ele registrou o surgimento do domínio romano sobre o mundo civilizado da época.

O termo *alexandrina* é empregado para falar sobre

HELENISMO

a poesia alegórica e alusiva da época, especialmente a poesia de Calímaco de Cirene (cerca de 310 — 240 A.C.). Ele especializou-se na composição de poemas curtos (*epyllia*). Apolônio de Rodos, do século III A.C., produziu um grande poema épico, a *Argonáutica*. Teócrito de Siracusa escreveu poemas pastoris. Herodas de Cós escreveu peças humorísticas e poesias. Esses poetas muito influenciaram os poetas latinos que se seguiram.

4. *Ciência*. Houve alguns notáveis avanços científicos durante o período helenista. O maior cientista geral do período helenista foi Eratóstenes, o qual dominou muitos assuntos, alguns científicos e outros não. Ele era historiador e estabeleceu uma cronologia científica para datar eventos da história da Grécia. Sendo poeta, era grande conhecedor da comédia ática. — Também era lingüista e geógrafo, sabia que a terra é redonda, e foi capaz de fazer um cálculo bem aproximado das dimensões do globo terrestre. Tornou-se chefe do museu de Alexandria. Seus contemporâneos apelidaram-no de Eratóstenes *Beta*, indicando com isso que, apesar de não ser o primeiro em qualquer assunto que dominava, era *segundo* em todos eles.

Teofrasto, por sua vez, distinguiu-se na botânica. Euclides e Arquimedes, na matemática. Aristarco, na astronomia.

5. *Religião*. Para os estudiosos da Bíblia, o lance mais importante foi a tentativa de Antíoco IV Epifânio, e de outros monarcas selêucidas, de helenizar os judeus, o que resultou na sangrenta guerra dos Macabeus. Com grande perda de vidas, Israel resistiu a esse esforço, tendo conseguido um período de independência política. Mas esse período não perdurou por muito tempo — menos de cem anos — antes que os romanos chegassem à região.

Esse período viu o testemunho dos cultos religiosos gregos tradicionais, de mistura com religiões orientais. Essas eram, realmente, religiões orientais, com uma capa de helenismo. Eueremo (século IV A.C.) ajudou nesse processo de debilitamento salientando a qualidade antropomórfica da antiga religião grega, onde os deuses eram pouco mais do que heróis. Os cultos orientais ofereciam uma abordagem mais teísta, de acordo com a qual era possível os adoradores se aproximarem mais de Deus. No Egito, Ptolomeu I, com a ajuda de Demétrio de Falerum, do ateniense Timóteo e do egípcio Maneto, procurou introduzir a adoração a *Sarapis*. Um templo gigantesco foi construído, para promover esse culto, chamado *Sarapeum*. Essa religião era uma espécie de mistura do culto a Zeus com o culto a Asclépio, juntamente com a deusa Ísis, nativa do Egito, e seu consorte, Osiris. Gradualmente, Ísis veio a obter maior prestígio do que Sarapis.

Além disso, havia o culto à deusa-mãe. Cibele, uma divindade da Ásia Menor. O culto de Mitra foi-se espalhando, desde seu centro, no Irã, e já se tornou muito importante, no tempo das conquistas romanas. Esses cultos foram rivais do cristianismo nos seus primeiros passos, após a intervenção romana. Um fato curioso desenvolveu-se durante o período helenista: a civilização greco-macedônia dominava a cena política, mas as formas religiosas da Ásia e do Egito é que predominavam sobre a cena religiosa. Apesar de haver o sincretismo de idéias religiosas, essa circunstância era uma espécie de revolta contra a helenização total de terras não tradicionalmente gregas.

V. Indicações de Helenização no Novo Testamento

Em primeiro lugar, temos a considerar o idioma em

que foi escrito o Novo Testamento, o grego. Também devemos pensar nas idéias gregas, refletidas no Novo Testamento, que modificaram a fé dos hebreus, mãe do cristianismo. A doutrina do *Logos* é um notável exemplo disso. Além disso, no pensamento hebreu chegamos a encontrar o mundo em dois níveis, da concepção platônica, que Plotino (e o neoplatonismo) promovia. Juntamente com isso, havia a idéia de que a porção inferior da esfera do mundo era uma espécie de duplicação da porção superior dessa esfera. O judaísmo helenizado, naturalmente, já havia adotado essa idéia, imaginando que Moisés transmitira a lei com base na lei já estabelecida no céu, e levantara o tabernáculo com base em modelos celestes que lhe haviam sido mostrados no monte Sinai. O trecho de Hebreus 8:5 reflete essa crença. Ver também Heb. 9:23. No artigo sobre a epístola aos *Hebreus*, seção VI 1, damos uma completa descrição sobre a influência filo-platônica sobre esse livro do Novo Testamento.

Talvez a maior influência que aparece no Novo Testamento, que reflete idéias que não pertenciam aos hebreus, seja a idéia da imortalidade da alma. Essa doutrina só surgiu bem mais tarde no judaísmo; e, quase certamente, foi tomada por empréstimo de outras religiões (orientais) e filosofias, sobretudo das noções de Platão e dos estoicos. No Novo Testamento, porém, os conceitos da imortalidade da alma e da ressurreição do corpo já aparecem combinados. A explicação dada por Paulo, no décimo quinto capítulo de I Coríntios tem deixado intranqüilos a muitos estudiosos. Para exemplificar, o trecho de I Cor. 15:18 parece dizer que o indivíduo *perece*, a menos que ressuscite; mas Fil. 1:23 ss, mostra que a alma sobrevive, inteiramente desvinculada do corpo físico. Desse modo, a ressurreição aparece como o revestimento de um novo corpo, espiritual, que dará à alma remida o seu veículo de expressão nos lugares celestiais, o que, sem dúvida, acontece. No entanto, não era assim que os hebreus compreendiam originalmente a questão, pois eles pensavam que o corpo físico seria absolutamente necessário à vida. A antiga noção dos hebreus era semelhante àquela que os Adventistas do Sétimo dia mantêm hoje em dia, porquanto eles ignoram a vida separada da alma, ensinada e prometida nas páginas do Novo Testamento.

Paulo adaptou várias de suas explicações teológicas segundo moldes helenistas. Para exemplificar, consideremos os seus *mistérios*. A finalidade desses mistérios era contradizer idéias pagãs, sobretudo, gnósticas; porém, a idéia geral de uma religião repleta de *mistérios* certamente era grega e helenista. Ver o artigo geral sobre *Mistério*. A interpretação alegórica, conforme se vê em Gál. 4:21 ss, foi tomada por empréstimo dos judeus alexandrinos, que mesclavam a fé dos hebreus e as idéias platônicas.

A passagem de Atos 6:1 refere-se à disputa entre os hebreus e os helenistas. E por essa última palavra, *helenistas*, provavelmente deveríamos entender judeus que falavam o grego, nascidos no estrangeiro, e não pagãos convertidos ao judaísmo. O contexto do trecho de Atos 1 — 5, que nos fornece o pano de fundo daquele versículo, aborda a propagação da Igreja cristã entre os judeus; mas, como os gentios chegaram a entrar no cristianismo só aparece no capítulo décimo daquele livro. Paulo disputava com judeus helenistas, em Atos 9:29, e não com gentios. Atos 11:20, mui provavelmente, é outra alusão a judeus que falavam o grego, pois ali também se acha o termo «helenistas».

Bibliografia: AM BOT E GC TAR TON Z

••• ••• •••

HELEQUE

No hebraico, «porção». Nome de um descendente de Gileade, fundador de uma família que tinha o seu nome (Núm. 26:30). Vários de seus descendentes foram pessoas influentes (Jos. 17:2). Ele viveu por volta de 1612 A.C. A linhagem de Heleque retrocede até José, pai de Manassés.

HELEZ

No hebraico, «força». Nome de dois indivíduos e de uma tribo:

1. Um dos trinta poderosos guerreiros de Davi (II Sam. 23:26; I Crô. 11:27). Nesta última passagem, ele é chamado de efraimita. Aparece como capitão do sétimo turno de sacerdotes, que serviam no templo de Jerusalém (I Crô. 27:10). Viveu por volta de 1014 A.C.

2. Um filho de Azarias, da tribo de Judá (I Crô. 2:39), descendente de Jerameel. Viveu antes de 1017 A.C.

3. Nome de um clã do qual o homem de número «2» era o cabeça. Esse clã também era conhecido pelo nome de os jerameelitas.

HELIOCÊNTRICA, TEORIA

Essa teoria envolve o conflito, entre os religiosos e os cientistas pioneiros, acerca de uma «ortodoxia» científica que indagava se o sol é ou não o centro do sistema solar. A antiga noção aristotélica ptolemaica fazia da terra o centro do Universo, como um corpo imóvel, fixo no espaço. Aristarco de Samos (310 — 230 A.C.) propunha que a terra e os planetas giram em torno do sol, o qual permaneceria fixo, ao passo que a terra giraria em torno de seu próprio eixo e também em sua órbita ao redor do sol. Esse conceito foi renovado por Copérnico (vide), que refutava assim os princípios da astronomia ptolemaica; e, mais tarde, esse conceito foi reforçado por Galileu (vide). Houve tanta oposição por parte da Igreja Católica Romana, contra eles, quanto havia tido a Aristarco de Samos, na época dele, pelos tradicionalistas. De acordo com certas idéias filosóficas antigas, mas equivocadas, o movimento seria a causa mesma da decadência; mas, conforme todos pensavam, a criação de Deus não é decadente e, assim sendo, a terra teria de ser imóvel. O que eles esqueciam é que isso queria dizer que só a terra não seria decadente, e que o resto do Universo, visto que giraria em torno da terra, seria decadente! Além disso, conforme eles pensavam, nosso bom senso nos diz que a terra é o centro de tudo. Podemos ver o sol, a lua e as estrelas se moverem em redor da terra. Em face de todas essas impressões, foram necessários muitos séculos de acúmulos de evidências científicas para que as idéias populares se modificassem. Entrementes, aqueles que declaravam, com toda a razão, que o sol é o centro do nosso sistema, referindo-se a movimentos (pois, na verdade, o próprio sol gira em torno de seu eixo), eram perseguidos, detidos e lançados na prisão. A lição moral envolvida em tudo isso é perfeitamente clara: precisamos ter tolerância com as novas idéias, pois, com grande freqüência, a longo prazo, elas mostram estar ao lado da verdade. A verdade, por sua vez, deveria ser o nosso maior interesse, e não uma ortodoxia que consiste somente na retenção de antigas idéias, que terminam por tornar-se obsoletas, diante do descobrimento de novos fatos. Nem sempre, pois, verdade e ortodoxia são sinônimos perfeitos. Há casos em que, para estarmos ao lado da verdade, precisamos passar por não-ortodoxos, pois assim os

outros nos consideram!

HELIODORO

No grego, «presente de Hélios». Hélios era o deus-sol dos gregos. Heliodoro foi o primeiro ministro do rei Seleuco IV Filopator, o qual reinou de 188 a 175 A.C. Ver o artigo geral sobre os *hasmoneanos*, quanto ao pano de fundo histórico. Heliodoro tentou, mas sem sucesso, pilhar os tesouros do templo de Jerusalém (II Macabeus 3). Isso foi ocasionado por um judeu, que entrou em desavença com o sumo sacerdote Onias, e que estava procurando vingar-se. Ele resolveu que a melhor coisa a fazer, para tanto, era informar as potências estrangeiras acerca dos tesouros do templo, na esperança de que ficariam suficientemente interessadas em tentar se apossar de tais riquezas. Seleuco, rei da Síria, na ocasião estava encarregado do governo da Palestina, pelo que apossar-se desses tesouros parecia uma empreitada fácil. O citado indivíduo judeu também informou Apolônio, governador da Fenícia, sobre aquelas riquezas prontas a serem pilhadas e, em seguida, informou ao rei. Heliodoro, pois, foi nomeado para obter o dinheiro.

Uma narrativa fantástica tem surgido em torno da questão, embora seja difícil avaliar quanto de verdade há na mesma. Heliodoro foi informado pelos judeus, no templo, de que o dinheiro ali guardado pertencia, principalmente, a viúvas e órfãos, que o haviam ali deixado em depósito. Tocar em tal dinheiro, por conseguinte, seria um sacrilégio. Porém, dificilmente os ladrões ficam impressionados diante de tais argumentos. Assim, Heliodoro adentrou o templo com um grupo de homens. Porém, imediatamente saiu-lhe ao encontro um cavaleiro, em um magnífico cavalo, com um grupo de jovens soldados, esplendidamente fardados, em uma aparição. O cavalo deu um coice em Heliodoro e os jovens soldados o espancaram. Então ele roçou ao sumo sacerdote, para que lhe fosse poupada a vida. Ele então foi salvo, e o sumo sacerdote orou, pedindo a recuperação de sua saúde. Humilhado, Heliodoro fez os sacrifícios exigidos e partiu. Uma outra versão da mesma história, que aparece no quarto livro dos Macabeus, faz de Apolônio o ladrão em potencial.

Heliodoro foi um típico político da antiguidade. Embora tivesse sido criado juntamente com Seleuco, acabou por assassiná-lo, em 175 A.C., na tentativa de obter o poder. No entanto, foi posto em fuga por Eumenes, de Pérgamo, e o irmão deste, Atalo. Foi então que subiu ao trono da Síria o infame Antíoco IV Epifânio. Era irmão de Seleuco. Os artigos separados sobre esses dois homens contam a história das negociações entre Israel e os *selêucidas*, governantes da Síria.

HELIÓPOLIS

No grego, «cidade do sol». O nome dado a essa cidade, em Jeremias 43:13, é Bete-Semes (vide), que significa «Casa do Sol». Todavia, outras cidades também eram conhecidas pelo nome de Bete-Semes, conforme aquele artigo nos mostra. Ver Gên. 41:45,50; 46:20. O deus-sol era chamado Rá, pelos egípcios. Heliópolis ficava cerca de dezesseis quilômetros a nordeste do Cairo, no Egito. Era a cidade onde se faziam os maiores estudos científicos do Egito. Outras cidades, como Roma e Constantinopla, furtaram seus adornos, a fim de embelezarem a si mesmas. Dois magníficos obeliscos de granito vermelho de Siena, que Faraó Tutmés III (em cerca de 1490 — 1450 A.C.) havia posto diante do templo

HELIÓPOLIS — HEMÁ

do deus Rá, atualmente podem ser vistos às margens do rio Tâmisia, em Londres, e no Central Park, de Nova Iorque. Um único obelisco permanece no antigo lugar, em Heliópolis. Esse obelisco foi levantado por Senworsrete I, em cerca de 2000 A.C., em honra a Rá-Horus do Horizonte. Tal obelisco data do tempo da cidade bíblica de Om (vide). É na moderna Heliópolis que fica o mais importante aeroporto do Egito. Conforme poder-se-ia supor com base em tal nome, a antiga cidade tornou-se famosa por seus elaborados ritos, em honra ao deus-sol. De fato, era esse o mais importante centro religioso do antigo Egito.

A partir da V Dinastia egípcia (que começou em cerca de 2500 A.C.), cada Faraó recebia o título de «filho de Rá». Os sacerdotes de Heliópolis brandiam uma grande autoridade, e não meramente uma posição religiosa forte. Heliópolis também foi um grande centro de erudição antiga. A história nos informa que o estadista grego, Sólon, bem como os filósofos gregos Tales, Platão e Eudoxo passaram ali algum tempo, estudando. Na época de Heródoto (cerca de 450 A.C.), a cidade já havia entrado em um período de declínio, o que se acentuou ante a fundação da biblioteca de Alexandria (vide sobre *Alexandria, Biblioteca de*), o que transferiu o centro da erudição antiga para aquele lugar (cerca de 305 A.C.). Quando o historiador e geógrafo grego, Estrabão, visitou Heliópolis, em 24 A.C., descobriu que as escolas dali estavam quase desertas. Atualmente, pouco resta da antiga cidade. Seus templos foram todos destruídos, e as pedras dos mesmos foram empregadas em outras edificações. O único monumento restante é o obelisco de granito vermelho, a que já nos reportamos. Tem a altura de vinte metros, e traz estampado o nome de Sesostri I (— que reinou de 1971 a 1928 A.C.). Esse obelisco assinalava, originalmente, o local onde havia um grande recinto fechado e um complexo de estruturas, utilizado na adoração e culto a Rá (Rá Atom), durante a XII Dinastia.

O livro de Gênesis informa-nos de que José, filho de Jacó, casou-se com uma filha do sacerdote do templo de Om (Heliópolis). As tradições extrabíblicas (geralmente lendárias e, portanto, indignas de confiança) asseveram que José e Maria descansaram em Heliópolis, quando levaram o infante Jesus ao Egito, para escapar da sanha homicida de Herodes.

HELIÓPOLIS (BAALBEQUE)

Os gregos também chamavam a cidade de Baalbeque, na antiga Síria, de *Heliópolis*, «cidade do sol». Ver o artigo separado sobre *Baalbeque*.

HELMHOLTZ, HERMANN VON

Suas datas foram 1821—1894. Foi um cientista e filósofo alemão. Nasceu em Potsdam. Foi professor de fisiologia em Königsberg, Bonn e Heidelberg. Ensinou física em Berlim. Contribuiu para várias ciências, como a física, a fisiologia, a biologia, a química, a psicologia e a matemática. No campo da filosofia, ele seguia a linha kantiana, concordando, por exemplo, que a nossa noção de espaço é algo intuitivo. De modo geral, ele aceitava o conceito kantiano da natureza *a priori* da inteligência, que nos ajuda a manipular os fenômenos. O alvo da ciência seria descobrir causas com base em forças simples.

Obras. Seus escritos incluem os títulos: *On the Sensations of Tone; Inductions and Deductions; Number and Mass; Papers on the Theory of Knowledge.*

HELOM

No hebraico, «forte». Nome do pai de Eliabe, chefe da tribo de Zebulom (Núm. 1:9; 2:7; 7:23,29; 10:16). Ele viveu por volta de 1658 A.C.

HELQUIAS

Ver sobre *Hilquias*.

HELVETIUS, CLAUDE ADRIEN

Suas datas foram 1715—1771. Foi um filósofo hedonista francês. Nasceu em Paris. Ocupou posições de responsabilidade no governo francês. Escreveu um famoso livro infame, com título em francês *De l'esprit*. Esse livro foi condenado na Sorbonne. Foi queimado publicamente, mas não demorou a ser traduzido para vários outros idiomas europeus. Além desse livro, ele escreveu *Sobre o Homem, suas Faculdades Intelectuais e sua Educação*. Suas idéias ajudaram a moldar a escola do *utilitarismo* (vide). Ver também o artigo sobre *Jeremy Bentham*.

Idéias:

1. O homem vive somente para o prazer, ao mesmo tempo em que procura evitar a dor. Até mesmo os mais nobres atos de auto-sacrifício, quando devidamente examinados, podem ser interpretados sobre essa luz.

2. Todas as idéias morais que há entre os homens podem ser atribuídas a meros costumes, e não a Deus. O bem público nada mais é do que o máximo de prazer para o maior número de pessoas. Os interesses individuais e os interesses públicos deveriam ser amalgamados entre si.

3. Uma das principais tarefas do estado é mesclar o desejo pelo prazer do indivíduo e do público, harmonizando esses dois desejos.

4. Os preconceitos religiosos, geralmente, são contrários aos desejos naturais dos homens, na busca pelo prazer e deveriam ser regulamentados pelo Estado, — que faria bem em combater tais preconceitos.

5. Ele pensava que todos os homens são iguais quanto aos poderes intelectuais, imaginando que suas diferenças residiriam em questões como motivação e educação.

6. A natureza humana seria, essencialmente, passiva e poderia ser manipulada. Ele negava o livre-arbítrio, como também duvidava de qualquer natureza espiritual existente no homem.

Helvetius foi forçado a se retratar, tendo perdido sua posição, por ordem do governo. Não obstante, ele viveu uma boa vida, tendo viajado muito e tendo sido honrado por poderosas figuras mundiais.

HEM

No hebraico, «graça», «favor». Nome de um dos filhos de Sofonias (Zac. 6:14). Alguns estudiosos identificam-no com o Josias de Zac. 6:10. Porém, outros tradutores não compreendem a palavra hebraica *hem* como um nome próprio, e assim traduzem o versículo como «em favor do filho de Sofonias». Assim diz também a Septuaginta. Ele foi mencionado entre aqueles que depositaram suas coroas no templo de Jerusalém. Viveu por volta de 519 A.C.

HEMÁ

A forma portuguesa reflete dois nomes diferentes



Colunas do templo de Júpiter,
Baalbeque — Cortesia, John
F. Walvoord

... ..



Altar de Rocha, Baalbeque
— Cortesia, John F. Walvoord



Ruínas do Tiro Antigo
Foto de Alistair Duncan

HEMORRAGIA — HENADAS

no hebraico, a saber:

1. Um filho de Lotã, filho mais velho de Seir (Gên. 36:22). Todavia, a nossa versão portuguesa diz ali *Homã*, em vez de Hemã. Isso se repete em I Crô. 1:39. Muitos estudiosos pensam que Homã é a forma correta do nome. No hebraico, o nome significa «violento», «furioso». Viveu por volta de 1800 A.C.

2. Um filho de Zera, filho de Jacó e Tamar, sua nora. Seu nome ocorre em I Reis 4:31 e I Crô. 2:6. No hebraico, esse nome significa *fiel*. Viveu por volta de 1640 A.C.

3. Há um outro Hemã (no hebraico, «fiel»), filho de Joel e neto do profeta Samuel, descendente de Coate. Seu nome ocorre por catorze vezes no Antigo Testamento: I Crô. 6:33; 15:17,19; 16:41,42; 25:1, 4-6; II Crô. 5:12; 29:14; 35:15 e Sal. 88 (no título, «Hemã, ezraíta»). Viveu por volta de 1060 A.C. Ele é chamado de um dos «cantores», em I Crô. 15:19. Ele foi o primeiro dos três principais levitas a quem foi dada a incumbência de dirigir a música vocal e instrumental do santuário, na época de Davi.

HEMORRAGIA

Ver o artigo geral sobre as **Enfermidades da Bíblia**. Uma hemorragia é uma perda ou fluxo de sangue, devido ao rompimento de algum vaso sanguíneo de qualquer dimensão, devido a alguma injúria ou devido à fragilidade do próprio vaso sanguíneo, o que o leva a romper-se espontaneamente, ou então, em resultado de alguma pressão externa. O trecho de Lucas 8:43,44, que descreve um dos notáveis milagres de Jesus, refere-se a uma mulher que vinha sofrendo de uma hemorragia pelo espaço de doze anos, mas que foi instantaneamente curada. Os médicos supõem que essa condição, no caso dela, foi provocada por uma disfunção de seu fluxo menstrual, devido a algum tumor fibroso em seu útero. Atualmente, tal condição é tratada cirurgicamente.

Sabemos que os curadores psíquicos têm podido curar condições assim, porque existe tal coisa como a cirurgia psíquica. Na vida de Jesus, poderes extraordinários de cura eram exibidos, não havendo como duvidar da autenticidade de tais curas. A ciência moderna ainda não atingiu o ponto em que possa pronunciar-se a respeito do poder do espírito.

HEMPEL, CARL GUSTAV

Nasceu em 1905. Foi um filósofo e cientista empírico alemão. Nasceu em Oranienburg. Estudou em Gottingen, Heidelberg e Berlim. Ensinou em Yale e em Princeton, nos Estados Unidos da América do Norte. Os principais filósofos que exerceram influência sobre ele foram Reichenbach, Schlick e Carnap. Hempel fez importantes contribuições para a filosofia da ciência.

1. Ele enfatizava a importância da linguagem, o que é comum na filosofia da ciência. Ele falava sobre o princípio da *traducionabilidade*, o que, para ele, indicava que o significado existente em uma sentença pode ser traduzido para a linguagem empírica.

2. «No tocante tanto à explicação dedutiva nomológica quanto à explicação científica, como 'modelos de acordo com a lei', ele argumentava que as diferenças entre as leis invocadas afetam o caráter lógico da inferência que liga a declaração sobre o fenômeno à informação explicativa. O primeiro tipo invocaria leis universais; mas, no segundo tipo, pelo menos algumas das leis não seriam estritamente universais, mas antes, seriam estatísticas em sua natureza. Em ambos os casos, entretanto, o fenômeno

pode ser deduzido das leis envolvidas, ou por necessidade ou com base em algum grau de probabilidade».

Ver o artigo separado sobre o *Positivismo Lógico*. Esses filósofos perderam de vista o fato de que o conhecimento pode ser genuinamente adquirido por outros meios além do meio empírico, como a razão, a intuição e as experiências místicas. Em outras palavras, o positivismo (e a filosofia da ciência) tem utilidade quanto às atividades empíricas importantes para o homem, embora mostre-se de utilidade secundária quanto à *gnosologia*. Ver sobre o *Misticismo*, importante no caso do conhecimento religioso.

HENA (CIDADE)

No hebraico «terra baixa», mas outros estudiosos preferem pensar em um sentido desconhecido. Era uma das seis cidades cujos deuses não teriam sido capazes de salvá-las dos exércitos atacantes de Senaqueribe, conforme Rabsaquê (vs. 28) salientou. O nome dessa cidade ocorre por três vezes no Antigo Testamento: II Reis 18:34; 19:13 e Isa. 37:13.

Provavelmente, essa cidade ficava localizada na Mesopotâmia, em conexão com Hamate, Arpade e outras, que foram derrubadas por Senaqueribe, antes de suas tropas virem a invadir a Judéia. Alguns estudiosos identificam-na com a cidade de *Ana*, às margens do rio Eufrates. A menção sobre a derrota dessas cidades, que Rabsaquê proclamou em altas vozes, tinha por intuito intimidar ao rei Ezequias, enfraquecendo a sua fé em Deus, quando os exércitos de Senaqueribe estavam acampados em redor de Jerusalém.

HENA (PLANTA)

Algumas traduções dizem «cânfora», em lugar de hena, nos trechos de Can. 1:14 e 4:13. A espécie vegetal em foco é a *Lawsonia inermis*, um arbusto de cor rósea, e que tem um odor similar ao da rosa. É largamente cultivada no Oriente, devido ao corante que a mesma produz. Suas folhas são reduzidas a pó e então em uma pasta, usada na cosmética. Moffatt traduz o trecho de Cantares 1:14 como: «Meu querido é meu ramo de flores de hena», o que se assemelha muito à tradução que aparece em nossa versão portuguesa: «Como um racimo de flores de hena... é para mim o meu amado».

A substância produzida com base nessa planta era usada para dar colorido às unhas das mãos e dos pés, às pontas dos dedos, e até mesmo às barbas dos homens e às crinas dos cavalos. Algumas jovens chegavam a colfírir as solas de seus pés com essa tinta. Curiosamente, na África, no Zaire, até hoje prevalece uma prática similar.

HENADADE

No hebraico, «favor de Hadade». Esse era o nome de um levita que ajudou a reconstruir as muralhas de Jerusalém, depois do cativeiro babilônico. Seu nome figura em Esd. 3:9. Ele era cabeça de uma casa de sacerdotes que retornaram em companhia de Zorobabel. Ele se encontrava entre aqueles que selaram o pacto estabelecido com Esdras (ver Nee. 10:9). Viveu por volta de 535 A.C.

HENADAS, DOCTRINA DAS

Ver o artigo sobre **Proclo**, segundo ponto.

HENDÁ — HENRIQUE VIII

HENDÁ

No hebraico, «agradável». Era filho mais velho de Disã, um dos filhos de Seir. Em I Crô. 1:41, ele é chamado Hanrão. Com a forma de Hendã, o nome aparece somente em Gên. 36:26. Ele viveu por volta de 1700 A.C.

HENGSTENBERG, ERNST WILHELM

Suas datas foram 1802—1869. Foi um teólogo e escritor de comentário bíblico alemão. Foi professor da Bíblia e de teologia sistemática em Berlim, durante quarenta anos. Foi fundador de um influente jornal religioso. Publicou muitos comentários bíblicos e uma *Cristologia do Antigo Testamento*, em três volumes. Foi um dos principais opositores do racionalismo, e também defensor da ortodoxia luterana.

HENKE, HEINRICH PHILIPP KONRAD

Suas datas foram 1752—1809. Foi diretor do seminário teológico de Helmstedt. Era racionalista e deísta. Ele opunha-se àquilo que pensava ser expressões várias de idolatria, no seio da Igreja cristã, como a cristolatria, a bibliolatria (vide) e a onomatolatria (isto é, a adoração a nomes, doutrinas, coisas, pessoas, etc.). Como deísta que era, não tinha muito respeito pela revelação sobrenatural, e não distinguia entre a história da Igreja e a história do dogma.

HENOTEÍSMO

Ver o artigo geral sobre *Deus*, III. *Conceitos de Deus*, sob 2. *Enoteísmo*. O Henoteísmo (enoteísmo) deriva seu nome dos termos gregos *henós*, «um», e *théos*, «deus». A idéia é que só existe um único Deus. Porém, no uso comum que se faz da palavra a idéia transmitida é que existe uma divindade suprema, que tem contacto com um certo mundo ou com certo grupo de seres, ao mesmo tempo em que podem existir outros deuses com outros campos de atividade. Pelo menos em algumas culturas, como na dos hebreus, o henoteísmo pode ser um passo intermediário entre o politeísmo (vide) e o monoteísmo (vide).

HENRIQUE DE GHENT

Suas datas aproximadas foram 1217—1293. Ele foi um filósofo escolástico e teólogo francês. Nasceu em Ghent ou em Tournai. Ensinou em Paris. Participou da comissão que condenou o averroísmo (vide). Era frade agostiniano, influenciado por Aristóteles e por Avicena. Foi contemporâneo de Tomás de Aquino e Boaventura, e influenciou as idéias de Duns Scoto. Ver os artigos separados sobre essas personagens. Algumas de suas idéias foram combatidas por Pedro, o Venerável, e por Bernardo de Clairvaux (vide). Tornou-se cãnone de Tournai, em 1267, e arqui-diácono em 1278. Fez conferências na Universidade de Paris. Faleceu em Tournai, a 29 de junho de 1293.

Henrique de Ghent era um agostiniano conservador, e reagia fortemente contra o racionalismo dos aristotelianos, como Tomás de Aquino. Os historiadores supõem que ele tomou parte na produção da famosa «Condenação de 1277», através da qual o bispo de Paris condenou, indiretamente, algumas das idéias de Tomás de Aquino. Ele defendia certa forma de *voluntarismo* (vide), asseverando a supremacia da vontade sobre o intelecto. Baseava a sua gnosniologia sobre a iluminação divina e, em consequência, sobre o

misticismo (vide), em vez da observação empírica, com o apoio da razão. Escreveu duas obras notáveis, com títulos em latim: *Summa Theologica* e *Quodlibeta*.

HENRIQUE DE LANGENSTEIN

Suas datas foram 1340—1397. Foi professor na Universidade de Paris e reitor da Universidade de Viena, na Austria. Tornou-se conhecido devido aos seus esforços em prol da reforma e da unidade da Igreja, o que ele promoveu em sua obra *Epistola Concilii Pacis*.

HENRIQUE VIII

Nasceu em 1491 e faleceu em 1547. Foi um rei da Inglaterra, cuja vida pessoal ficou entrecidada com a história da Igreja Anglicana. Seu divórcio não foi a causa real da Reforma Protestante na Inglaterra; embora tenha agido como um dos fatores que apressou o processo. Ele aboliu a jurisdição papal na Inglaterra e reduziu os privilégios e as propriedades dos clérigos. Também proclamou a supremacia do rei sobre a Igreja. Apesar de que muitos não aprovavam as suas táticas e as suas aventuras românticas, ele foi largamente aprovado diante de suas atitudes para com Roma, e por causa de certos atos que ele promoveu. Era um homem sem escrúpulos, mas dotado de grandes dotes práticos e de uma percepção política incomum.

Em 1521, Henrique escreveu (sem dúvida, com a ajuda de um ou dois teólogos) a sua obra *Assertio Septem Sacramentorum*, na qual ele defendia os pontos de vista tradicionais católicos sobre os sacramentos, uma defesa que tinha por finalidade contradizer a posição de Lutero. Por causa disso, foi recompensado pelo papa Leão X com o título de *Defensor da Fé* (vide). Até hoje a coroa inglesa ostenta esse título.

No entanto, não muito depois disso (de 1527 a 1533), Henrique estava envolvido em uma amarga disputa por que queria que seu casamento com Catarina fosse declarado nulo, a fim de que pudesse contrair matrimônio com Ana Bolena, a última de suas amantes, — que estava resolvida a não ser somente isso. É verdade que a questão suscitou muitos choques, mas também havia um crescente nacionalismo na Inglaterra, e muitos ingleses ansiavam por libertar-se de Roma. Mas, o direito de se divorciar não foi conferido por Roma, e a situação se agravou. Em 1533, Henrique VIII se casou com Ana Bolena, sem que o papa o tivesse liberado dos laços matrimoniais anteriores. Porém, em 1536, Henrique mandou executar Ana Bolena, por motivo de adultério. Antes mesmo disso, o parlamento inglês declarou Henrique VIII cabeça suprema da Igreja da Inglaterra, e todos os ingleses tiveram de prestar juramento, desligando-se de Roma.

Entre 1536 e 1540, estabeleceram-se várias casas religiosas inglesas. Com base nelas, vários ramos protestantes fizeram grandes progressos na Inglaterra. Porém, prosseguiam negociações visando a uma aliança doutrinária e política entre os grupos protestantes do continente europeu e os protestantes ingleses, o que recebia o apoio de altos escalões do governo. Entre os que apoiavam tal aliança estava o arcebispo Cranmer, homem muito respeitado por Henrique VIII. Naturalmente, havia também opositores. Um dos principais adversários era Sir Thomas More, homem de notável erudição e que também ocupava elevados cargos políticos. E também havia

HENRY, MATTHEW — HERÁCLIDES

John Fisher, o único bispo que resistiu a Henrique VIII até à morte. Henrique mandou decapitá-lo, em 1535.

Houve ameaças de reavivamentos católicos romanos, além de outros problemas, incluindo mais casamentos e divórcios por parte de Henrique VIII. Ao todo, ele casou-se por seis vezes, e ordenou a execução de duas de suas esposas. A despeito disso, encontrou tempo para declarar guerra contra a França e a Escócia; e estava pesadamente envolvido nesses conflitos quando faleceu, a 28 de janeiro de 1547. O trono ficou com seu filho, Eduardo VI, de nove anos de idade, com sua terceira esposa, Jane Seymour.

Os historiadores reconhecem suas grandes habilidades, apesar de seu espírito sangüinário e de seus métodos e atos tirânicos. Henrique conferiu à monarquia britânica um novo poder, um novo prestígio. Deixou atrás de si uma Igreja nacional. Eliminou o monasticismo na Inglaterra. Durante os seus dias veio à existência a Bíblia traduzida para o inglês, e o protestantismo lançou raízes na Inglaterra. Para vergonha dele, em seu zelo por dissolver a vida monástica, Henrique VIII também destruiu e dilapidou muitos tesouros sob a forma de livros, edificações, santuários, vitrais, etc. E, em vez de usar o dinheiro que obtivera com a liquidação dessas instituições e outras coisas, a fim de construir escolas e hospitais, ele malbaratou os fundos públicos com guerras infrutíferas e insensatas.

HENRY, MATTHEW

Nasceu em 1662 e faleceu em 1714. A ele credita-se a preparação de um comentário sobre a Bíblia inteira. Porém, faleceu quando chegou à epístola aos Romanos, e o resto do Novo Testamento foi completado por associados seus, que procuraram preservar suas idéias e seu espírito. Alguns também têm dito que ele foi o autor do primeiro comentário bíblico completo em inglês; mas essa distinção cabe, na realidade, a John Gill (vide), o qual escreveu o primeiro comentário versículo por versículo sobre a Bíblia inglesa inteira.

O comentário de Matthew Henry foi dividido em parágrafos. Ele foi um homem piedoso que escreveu comentários incisivos, são e sugestivos. Seu comentário vem sendo usado desde que foi publicado, tendo vendido um número incalculável de cópias. Naturalmente, seu trabalho acha-se obsoleto, quanto a muitos campos da erudição bíblica. Até mesmo no tocante aos seus dias, ele era, essencialmente, ignorante quanto às maneiras e os costumes do Oriente e da Terra Santa e, naturalmente, em sua época, pouco se sabia acerca de crítica textual e de arqueologia. Portanto, seu comentário é, essencialmente, devocional, e não erudito; mas contém muito material útil para o ensino geral e para a compreensão do texto da Bíblia. Em meu comentário sobre o Novo Testamento (*O Novo Testamento Interpretado*), procurei transmitir aos leitores o que há de mais significativo nos comentários de Matthew Henry. Há excelente material homilético na obra de Matthew Henry, se o leitor estiver disposto a ler seus comentários do começo ao fim, porquanto ele não forneceu esboços e nem auxílios formais, para ajudar o leitor a acompanhar a sua exposição. Ver o artigo geral sobre os *Comentários*.

••• ••• •••

HEORTOLOGIA

Essa palavra vem do grego *heorte*, «festa», e *logia*, «conhecimento». Esse é o estudo dos calendários sagrados, especialmente aqueles relacionados ao ano eclesiástico.

HEPATOSCOPIA

Literalmente, «observação do fígado». Trata-se de uma forma de adivinhação praticada desde tempos remotos pelos babilônios, hititas, etruscos e outros povos. Alicerça-se sobre a suposição de que a vida tem sua sede no fígado, e que a estrutura do mundo do futuro e da sorte dos indivíduos podem ser descobertos mediante as marcas existentes nos fígados das ovelhas. Os sacerdotes que lançavam mão dessa forma de adivinhação, primeiramente rogavam aos deuses e aos espíritos que lhes respondessem perguntas diversas. Em seguida, a ovelha era sacrificada. Ato contínuo, eram examinadas as marcas do fígado do animal abatido. E os sacerdotes julgavam-se capazes de discernir, com base nessas marcas, as respostas para suas perguntas. Ver o artigo geral sobre *Adivinhação*.

HERA

Esse era o nome da rainha dos deuses, irmã e esposa de Zeus (vide). Ela e Zeus eram adorados nos cumes dos montes, na antiga Grécia. Ela também é chamada de mãe de Ares, e era honrada nos cultos antigos mediante jogos de guerra. As mulheres consideravam-na a deusa do casamento. Grandes templos foram construídos em sua honra, em Olímpia, Argos e Samos.

Ela seria a filha mais velha de Cronos e de Rea, simbolizando os aspectos femininos das forças naturais, ao passo que Zeus simbolizava os aspectos masculinos dessas mesmas forças. Homero apresentou-a como a mais majestática das divindades femininas. Nas obras de arte, ela aparece sentada em um trono, vestida do pescoço aos pés. Sobre a cabeça ela exibiu um diadema, ou então um véu. Sua expressão fisionômica era severa e os olhos graúdos e bem abertos. Homero deu-lhe o título de *os olhos de boi*, sem dúvida por causa dessa característica. Políclito fez uma estátua de ouro e de marfim, representando Hera, que foi posta no seu templo, em Argos. Os romanos identificavam-na com a deusa Juno.

HERÁCLIDES DO PONTO

Suas datas aproximadas foram 388—315 A.C. Foi um filósofo e astrônomo grego. Nasceu em Heracléia, no Ponto, atualmente Ereğli, na Turquia. Estudou em Atenas, com Platão e com Euseuipo. Ele declarou sua crença de que a terra gira diariamente sobre seu eixo, o que explica o aparecimento e desaparecimento do sol, no horizonte, o que também sucede à lua e às estrelas. Também ensinou que os planetas Mercúrio e Vênus giram em torno do sol. Copérnico (vide), exprimiu a sua dúvida para com Heráclides, em várias questões que envolvem idéias astronômicas.

No campo da filosofia, ele defendia a doutrina do atomismo, e também promoveu certas idéias de Pitágoras. Sua ontologia girava em torno dos conceitos de átomos em movimento, no espaço vazio. Para ele, os átomos diferiam tanto qualitativa quanto quantitativamente. Pensava que a terra ficava no centro do Universo, parada no espaço, embora ele não soubesse dizer de que maneira.

HERÁCLITO

Suas datas foram 540—475 A.C. Foi um filósofo grego, nascido em Efeso, pertencente a uma família distinta. Foi um dos mais brilhantes filósofos pré-socráticos. Recebeu muitas alcunhas, como «o filósofo chorão», «o filósofo obscuro», etc. *Opunha-se* à religião popular de seus dias. — Ridicularizava as pretensões da democracia e chegou a criticar a Homero e a Hesíodo, que o povo tinha em alta estima. Aquilo que se conhece sobre o seu pensamento chegou até nós sob a forma de uma boa quantidade de fragmentos de seus escritos ou de citações feitas por outros filósofos. Suas idéias influenciaram diretamente, mais por aversão, a Sócrates, Platão e Aristóteles. Os cento e trinta e cinco fragmentos existentes de seus escritos mostram-se enigmáticos e oraculares quanto ao estilo. Para exemplificar: «O deus de Delfos nem revela e nem oculta, mas deixa entendido». Essa serve de boa observação sobre a natureza de nosso conhecimento que nos vem do alto.

Idéias:

1. *Panta Rei*. Tudo está em estado de fluxo. Ninguém pisa no mesmo rio por duas vezes. Esse conceito tornou-se fundamental para alguns sistemas, tendo provocado muitas disputas. Platão atribuía esse princípio ao mundo dos particulares (o nosso mundo físico), como parte de sua natureza transitória; mas preservava a imutabilidade no mundo das *idéias*. Na mente filosófica, o fluxo acabou associado à degradação e à decadência.

2. *As mudanças* ocorrem por causa de tensões entre pontos opostos, de conformidade com a idéia de tese, antítese, síntese, de Hegel, embora Heráclito não tivesse empregado essas palavras. Grandes alterações na vida também têm essa natureza, como, por exemplo, o bem e o mal, o nascimento e a morte, bem como todos os padrões na vida que envolvem ciclos e modificações. O único princípio imutável é que as coisas estão em constante fluxo.

3. *Quanto à Reencarnação*. Os vivos são os mortos, e os mortos são os vivos. «É a mesma coisa em nós que está viva e está morta, que está desperta e que está dormindo, que é jovem e que é velha. Pois quem é jovem fica velho, e quem é velho torna-se novamente jovem».

4. *O Logos*. Esse é o princípio divino que controlaria o fluxo em todas as coisas. Haveria uma *sabedoria atuante* em todas as coisas, que causa e controla todas as modificações e tudo quanto essas modificações produzem. A doutrina do Logos, tanto dos estoicos quanto do Novo Testamento, teve suas origens ali. O Logos garante uma unidade subjacente de todas as coisas. As diferenças são apenas aparentes e circunstanciais. «O caminho para cima e o caminho para baixo são uma mesma coisa». O Logos é o princípio que permite a conduta de todas as coisas.

5. *O fogo* é a unidade básica ou aquilo de que é feito o nosso mundo físico; e, através de várias transformações, transforma-se em todas as coisas. Contudo, ao que se presunha, o fogo seria apenas uma maneira de agir do Logos, como sua manifestação básica neste mundo físico.

6. O *valor* seria gerado por meio de conflito. «A guerra é a mãe de todas as coisas». Heráclito identificava a paz com a degeneração!

7. *Os Elementos Básicos*. A terra se liquefaria, transformando-se no mar; o mar se transformaria nas nuvens tempestuosas, em vapor e em fogo.

8. *Idéias Astronômicas*. O sol seria uma taça, no céu, que dirigiria a sua superfície côncava na direção da terra. Vapores de fogo, que sobem da terra,

reunir-se-iam nessa taça e se incendiariam. Os eclipses seriam causados por alguma inclinação dessa taça do sol. Heráclito explicava da mesma maneira as fases da lua. O mundo, ao mover-se para cima, chegaria ao verão; ao mover-se para baixo, chegaria ao inverno.

9. Heráclito atacava a religião popular, sobretudo em seu aspecto idólatra. Orar diante de um ídolo, para ele, era como conversar com a casa de um homem, estando ele ausente. Ele pensava que deuses que podem morrer e ser lamentados, não são deuses coisa alguma.

10. *Os Grandes Ciclos*. As modificações ocorridas na terra fazem parte de vastos ciclos, os quais, em si mesmos, são modificações de ordem cósmica. Cada ciclo consistiria em trezentas e sessenta gerações, ao que ele chamava de «ano do mundo». Se calcularmos cada geração como trinta anos, isso daria dez mil e oitocentos anos. Passado esse período, todas as coisas voltariam ao seu estado original, e então começaria um novo ano do mundo.

11. *A Razão Universal*. Essa razão foi posta à disposição do homem, o que lhe confere um imenso tesouro de conhecimentos. Sócrates aceitava esse conceito e buscava respostas para as questões éticas na Mente Cósmica. Esse é um dos aspectos da doutrina do Logos. Os estoicos, os neoplatônicos e a teologia cristã desenvolveram ainda mais a doutrina do Logos.

HERANÇA

Ver também sobre **Herdeiro**.

- I. Discussão Preliminar
- II. Uma Herança Indescritível
- III. Co-herdeiros com Cristo
- IV. Uma Condição
- V. Elementos Principais: Sumário

Rom. 8:17: *e, se filhos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados.*

I. Discussão preliminar

Temos aqui uma das mais notáveis declarações paulinas, que esclarece a natureza do evangelho por ele pregado, e que mais adiante é elaborada, no restante deste capítulo, o qual é apenas um desdobramento dos conceitos emitidos no presente versículo. Pois os filhos da casa são, mui naturalmente, *herdeiros* das riquezas do Pai. Os «filhos adotivos», que são os crentes, não são inferiorizados, nessa herança, em relação ao Filho de Deus. Jesus Cristo, porquanto são co-herdeiros da mesma glória. Outrossim, este texto deixa claro que a «adoção» é apenas uma forma alegórica que Paulo empregou a fim de ajudar-nos a compreender a dignidade envolvida no fato de ser algum filho de Deus. Na realidade, somos mais do que «filhos adotados», pois somos filhos «por nascimento», conforme fica subentendido neste e no versículo anterior, implícito no vocábulo «tekna», e abertamente asseverado em João 1:12.

A primeira coisa que nos convém considerar, portanto, é que os «filhos» são *participantes reais* da natureza divina (ver II Ped. 1:4).

II. Uma herança indescritível

1. Rejeitamos peremptoriamente a noção de uma herança segundo um ponto de vista materialista. Em outras palavras, não consideremos que a herança consistirá de «magníficas mansões» ou de «riquezas e confortos do outro mundo», ou de «moradias no alto de alguma colina», ou coisas similares que se dizem

HERANÇA

popularmente nas igrejas. Naturalmente, possuíremos todas essas coisas; mas quanto maior que isso será habitar nas dimensões celestiais, nas regiões da glória celeste! (Ver as notas em Efé. 1:3 no NTI). Tudo isso, entretanto, será apenas o meio ambiente de nossa herança, e não a parte essencial da mesma. Pensemos nisso! **Encontrarmos-nos lá e diremos:** «Aqui é o céu». Todavia, nossa herança envolve muitíssimo mais do que isso.

2. A herança é tudo quanto está envolvido na *Filiação* (que vide). Os filhos de Deus são a herança do Pai; e a filiação é a herança dos filhos de Deus.

3. Os filhos serão a plenitude do Filho (ver Efé. 1:23), e eles participarão de sua glória (ver Heb. 2:10). Assim sendo, eles serão o principal instrumento do Filho para suas realizações nos mundos eternos. Parte da tarefa deles será tornar Cristo tudo para todos, conforme poderia ser parafraseado o versículo mencionado.

4. A herança envolve as *Coroas* (que vide), isto é, a natureza espiritual e seus benefícios e atributos. Ver II Tim. 4:8.

5. Podemos observar, com tristeza, como alguns comentaristas evangélicos têm reduzido esse grande conceito do apóstolo Paulo, e o Drama Sagrado da Alma, a termos os mais simples e ínfimos. Por exemplo, Sanday e Headlam, *Epistle to the Romans*, (pág. 204) explicam que a herança do crente se resume no seguinte: «Originalmente significava i. a simples possessão da Terra Santa; ii. mas então veio a significar sua possessão permanente e assegurada (ver Sal. 24; 25:13; 36; 37:9-11, etc.); iii. especialmente a posse confirmada e conquistada pelo *Messias* (ver Isa. 60:21; 61:7); iv. e assim ela veio a tornar-se um símbolo das bênçãos messiânicas (ver Mat. 5:5; 19:29; 25:34, etc.).»

Essa forma de interpretação, transcrita acima, reduz a majestosa doutrina paulina da «salvação» ao nível da baixa categoria do reino messiânico segundo as opiniões do judaísmo. Porém, a leitura atenta do restante do oitavo capítulo da epístola aos Romanos, bem como do primeiro capítulo da epístola aos Efésios, contradiz essas interpretações terrenas, materialistas, quase que políticas.

6. Paulo falava antes sobre a imensidade dos lugares celestiais, sobre a imensidade dos *seres celestiais*, e não se referia, sob hipótese alguma, a algum reino messiânico salientado nas profecias do A.T. Portanto, essas interpretações chãs, de alguns comentaristas evangélicos, perdem inteiramente de vista o profundo significado dos conceitos da «igreja», da «noiva de Cristo», dos «filhos de Deus conduzidos à glória».

Newell (*in loc.*) chega ainda um pouco mais perto da verdade, quando comenta: «Ora, se um homem é realmente filho de Deus, por geração e nascimento, torna-se, indissolivelmente, herdeiro de Deus! Esse é um fato de magnitude tão impressionante que nossos pobres corações quase não podem apreendê-lo. Não é dito acerca dos anjos, dos querubins ou dos serafins que eles são herdeiros de Deus. Crente, se ao menos refletires sobre isso, se meditates profundamente acerca dessa verdade, 'nasci de Deus, e sou um de seus herdeiros', então as coisas terrenas se reduzirão a nada... herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo—eu não poderia ter a presunção de escrever essas palavras, se não estivessem no Livro santo de Deus. Que um culpado, perdido e miserável do primeiro Adão tenha escrito isso, um *co-herdeiro de Cristo*, que é o criador eterno de todas as coisas, o bem-amado de Deus Pai, o Justo, o Príncipe da vida, o Deus único, mostra-nos que somente o Deus de toda a graça

poderia preparar tal destino para tal criatura!»

III. Co-herdeiro com Cristo

Essas palavras indicam a natureza e a extensão da herança. A lei judaica, no tocante à herança, costumava determinar dupla porção para o irmão mais velho da família. Já as leis romanas e gregas (na Ática) davam igual porção a todos os filhos. E embora Paulo talvez não esteja aludindo a qualquer tipo terreno específico de herança, na alusão que nos faz aqui, apesar de tudo é instrutivo observarmos que a nossa herança é caracterizada, no tocante a sua grandeza, como igual à herança de Cristo, estando nós em posição idêntica ao Filho, compartilhando de sua glória, de sua glorificação.

A presença e a influência do Espírito Santo é algo considerado como a garantia de nossa herança. (Ver II Cor. 1:22; 5:5 e Efé. 1:14). O Espírito Santo, por igual modo, é aquele agente que dá testemunho, no homem interior do crente, acerca da magnificência da herança, conforme lemos em I Cor. 2:9 e ss, dando-lhe consciência da maneira grandiosa como Deus trata com os *remidos*, como parte daquilo que transforma os crentes em santos. Ora, é essa bondade divina que nos leva ao arrependimento, segundo o conceito expresso pelo apóstolo Paulo, em Rom. 2:4. Lemos que Cristo é o *herdeiro de todas as coisas*, em Heb. 1:2 e Apo. 3:21, e que seu trono está acima de tudo. Essas são tantas outras indicações do caráter da herança do crente, porquanto assim como a cabeça está identificada com o corpo, de tal modo que os dois, naturalmente, formam um único organismo, assim também é íntima a ligação que há entre Cristo e os remidos.

IV. Uma condição

Se com ele sofreremos. Essas palavras explicam, para o crente, o *Problema do Mal* (que vide). Aqueles que são assim identificados com o sofrimento de Cristo também compartilharão de sua glória. O sofrimento, pois, de certo modo, é reputado como a *mãe* dos filhos. Deus não poderia levar um remido à conformidade com a imagem de Cristo, a menos que tal remido se aliasse à *luta contra o reino das trevas*, chegando assim a reconhecer a profunda malignidade do mal. Somente um ser dotado de livre-arbítrio, que possa verdadeiramente escolher entre o bem e o mal, poderia vir a reconhecer o mal em sua grande malignidade. Assim, através do conflito secular, caracterizado por um combate agonizante contra a maldade, que leva os seus participantes à beira da morte, é que o caráter cristão pode ser profundamente formado, duplicando o caráter de Cristo nos crentes.

É por essa razão que estamos envolvidos no mesmo sofrimento experimentado por Cristo, na mesma luta contra o reino das trevas, em seus resultados universais. Existem muitas baixas nesse intenso sofrimento; e ao nosso derredor vemos o horror dos resultados do mal, na desumanidade do homem contra o homem, nas desordens da natureza, como os incêndios, os dilúvios e as catástrofes naturais, e ainda como a enfermidade e a morte. Todavia, se sofreremos é porque estamos identificados com Jesus Cristo, e não meramente porque somos filhos dos homens, o que nos torna naturalmente sujeitos ao caos produzido pelos efeitos do pecado no mundo, então podemos aceitar os próprios sofrimentos por que passamos como uma *garantia* da glória do porvir.

A Vida

*Feliz aquele que em modesta lida,
Isento da ambição e da miséria
No regaço do amor e da virtude
A vida passa. Mais feliz ainda*

HERANÇA — HERBART

*Se, das turbas ruidosas afastado,
A sombra do carvalho, entre os que adora,
Sente a existência deslizar tranqüila,
Como as águas serenas do ribeiro;
Mas, que digo! Nem esse, infíndos males,
Comuns a todos, seu viver não poupam.*
(Soares de Passos, Portugal)

V. Elementos principais: sumário

1. A própria salvação consiste de filiação; — portanto a herança é um aspecto da salvação. (Ver o artigo sobre a *Salvação*).

2. A herança espiritual faz parte de uma antiga promessa (ver Sal. 61:5), mas só poderia ter cumprimento em Cristo, o qual está conduzindo muitos filhos de Deus à glória (ver Heb. 2:10).

3. A nossa herança vem pela graça divina (ver Atos 26:18), tal como sucede à própria salvação (Efé. 2:8).

4. A herança significa um lar na pátria celeste (ver Col. 1:12), mas significa especialmente que nos tornaremos semelhantes a Cristo, em sua natureza moral e metafísica (ver as notas a esse respeito em Rom. 8:29 no NTI).

5. O fato de que podemos ser chamados de co-herdeiros indica a vastidão de nossa herança, pois a herança de Cristo também é nossa.

6. Porquanto os filhos pertencem ao Pai, ele os guia pelo seu poder (ver Isa. 63:12).

7. Durante sua peregrinação terrena, os eventos das vidas dos filhos de Deus foram adremente determinados (ver Pro. 16:33 e Atos 1:26); por conseguinte, nada pode suceder-lhes, que já não tenha sido previsto e aprovado de antemão. Portanto, os santos não podem ser derrotados, mas finalmente entrarão na posse de sua herança (ver Pro. 21:31).

8. O crente é chamado para confiar nessa graça divina (ver Mat. 6:33,34; 10:9,29-31).

9. Há certa unidade entre o antigo e o novo pactos; o antigo é perfeitamente inútil, sem o novo. Há continuidade dos propósitos espirituais de Deus, e o processo histórico acompanha o ato redentor.

HERANÇA FÍSICA

Ver o artigo sobre a *Genética*.

HERANÇA SOCIAL E CULTURAL

Cada pessoa chega ao mundo equipada com uma herança física pessoal, a qual não somente lhe confere suas características físicas, mas que também lhe proporciona suas atitudes mentais, seus ideais, seus padrões morais, seu temperamento e sua capacidade mental. De que modo exato isso se relaciona à alma é um mistério. A alma, delegada por Deus, prepara o seu próprio veículo físico? Ou tudo isso acontece meramente ao acaso? Pode uma pessoa nascer dotada de elevados padrões morais, e outra, não; e isso depender do código genético de cada uma? Nesse caso, qual é a relação entre isso e o espírito do indivíduo? Pode o espírito determinar as características do código genético? Ver o artigo sobre *Genética*, especialmente em seus pontos quinto e sexto, nesta enciclopédia.

Além da herança pessoal, biológica, há também a herança social e cultural. Assim, uma pessoa nasce em certo país, já sob a influência de certa religião, ou então, isenta dessa influência, dependendo da família em que nascer. Herda o idioma, os costumes sociais, a posição social, as tradições, as leis, as técnicas econômicas, a dieta, a organização social, a situação política, etc. Como é óbvio, todas essas coisas

exercem efeito sobre o tipo de pessoa que tal indivíduo vem a ser, e qual a potencialidade que terá na vida. O comportamento humano resulta, pelo menos em parte, da herança genética, com influências da herança social e cultural e, naturalmente, das decisões da própria pessoa. E onde é que a espiritualidade entra, em tudo isso? Poderia o espírito (ou alma) determinar onde a pessoa nascerá, a fim de cumprir uma missão específica? Tal princípio aplicar-se-ia a todas as almas? Ou somente às almas melhor desenvolvidas? As almas são simplesmente soltas a boiar nas vicissitudes da vida, com pouco propósito envolvido nisso?

A doutrina cristã ensina que Deus tem um propósito para todas as almas humanas. Esse propósito opera através de um longo período de tempo e, sem dúvida, envolve os estados, não-físicos da vida, e *talvez*, mais de uma existência física. Ver o artigo detalhado sobre a *Reencarnação*, quanto às minhas especulações acerca desse assunto.

Deve-se supor que tanto a herança física quanto a herança social fazem parte do grande plano de Deus para os indivíduos e para os grupos humanos, incluindo famílias, clãs, estados e nações. Acresça-se a isso que há um destino na direção do qual todos os homens, como um todo, se estão encaminhando, a saber, a união de todas as coisas em torno de Cristo (o Logos), como Cabeça (ver Efé. 1:9,10). Ver também sobre o *Mistério da Vontade de Deus*.

Paulo, em Romanos 8:20, admitiu o *caos*, mas pensou que o mesmo é usado nas mãos de Deus com um certo propósito, ou seja, o de dirigir as mentes dos homens na direção do princípio espiritual. Quanto ao caos está envolvido na existência humana é algo difícil de determinar. Porém, o que podemos admitir, apesar dessa dificuldade, é o triunfo final do espírito, bem como o presente interesse divino por todos os homens, o que nos prevê um designio para a nossa existência. Podemos supor, com toda a segurança, que quanto mais espiritualizados ficarmos, maior será o designio operante, a fim de nos conferir o senso de cumprimento, para o nosso próprio bem, como indivíduos e como grupos humanos.

HERBART, JOHANN FRIEDRICH

Suas datas foram 1776—1841. Foi um filósofo alemão, nascido em Oldenburg. Estudou com Fichte (vide), em Jena. Ocupou a cadeira antes pertencente a Emanuel Kant, em Königsberg (1809 a 1833). Depois disso, ensinou em Göttingen. Foi expositor de um realismo metafísico analítico.

Idéias:

1. A filosofia poderia ser dividida em lógica, metafísica e estética. Cada uma dessas áreas teria a tarefa de examinar, de reverberizar e de aperfeiçoar os conceitos.

2. Reverberizar um conceito seria dar-lhe maior precisão e clareza, mediante palavras bem escolhidas.

3. A metafísica teria a tarefa de reorganizar o conhecimento. A metafísica poderia ser dividida em metodologia, ontologia, sinequologia e eidologia.

Definição das Divisões de Metafísica:

a. *Metodologia*: seria a atividade segundo a qual atributos e idéias em oposição seriam unificados ou esclarecidos. Tais coisas poderiam envolver apenas diferentes relações, e não verdadeiras contradições.

b. *Ontologia*: esse é o estudo sobre o ser. O ser é, inerentemente, não-contraditório. Antes, envolve um *realismo pluralista*. A realidade compõe-se de muitas

HERBERT — HERBERTO

coisas reais, as quais existem por seu próprio direito, embora haja muitas conexões inter-relacionadoras entre elas.

c. *Sinequilogia*: essa é a função mediante a qual dada uma fundamentação natural à filosofia. Mostra como alguém pode chegar ao mundo do espaço-tempo, a começar pelas coisas reais da ontologia. Somente as coisas reais da ontologia nos apresentam a verdadeira realidade. Porém, por meio de conceitos, como o da continuidade, o indivíduo é capaz de gerar outros conceitos, de que precise para completar o seu sistema. Por exemplo, falamos sobre espaço e matéria inteligíveis. Porém, essas são construções meramente intelectuais, e não coisas reais em si mesmas. A experiência e a autoconsciência não nos revelam o caráter das coisas em si mesmas, aquilo que coincide com a verdadeira natureza das coisas. O nosso conhecimento, portanto, não se assemelha ao que é real; mas, para todos os propósitos práticos, representa-o. Pode dar a entender algumas coisas relativas às coisas reais, conforme elas existem, em sua pluralidade, com certas semelhanças e dissemelhanças, mantendo determinadas relações. Porém, quantas coisas reais existem, quais são as suas diferenças, e questões dessa natureza, não podem ser esclarecidas pela experiência.

d. *Eidologia*: isso é o que Herbart chamava de *epistemologia*. Trata-se do estudo das relações conceituais e da percepção. Envolve o exame, a conjunção e a distinção entre as coisas reais. A filosofia natural deriva-se da *sinequilogia*. E a psicologia deriva-se da *eidologia*. O ego é uma das coisas reais simples, que entra em contacto com outras coisas reais; e, nesses contactos, encontramos apresentações, prazeres, dores, idéias e tempo, este último com o seu passado, o seu presente e o seu futuro. Embora não possamos descobrir a natureza das coisas em si mesmas, podemos criar um sistema operante, que nos permita atuar neste mundo. As idéias gerais e abstratas não têm qualquer significação metafísica; mas são apenas abreviações que envolvem grupos de informes dos sentidos. Nem elas e nem as experiências de onde elas se derivam revelam-nos qualquer coisa sobre a natureza verdadeira do Real.

4. *A Estética*. Essa atividade é a avaliação daqueles tipos de experiência que nos trazem prazer ou dor. A estética deriva-se da atividade eidológica. A ética é uma divisão da estética, de acordo com Herbart. A ética tem como uma de suas bases a operação da vontade do indivíduo, e de outros indivíduos. Há cinco relações básicas, nas quais a vontade opera, a saber: a. a *liberdade interna*, que requer a harmonia dentro da vontade do próprio indivíduo; b. a *perfeição* de uma vontade harmônica produz a intensidade dos sentimentos e do poder; c. a *benevolência* ocorre quando a nossa vontade é levada à harmonia com a vontade de outras pessoas; d. a *lei* é a concordância das vontades das pessoas que desejam as mesmas coisas; e. a *equidade* é a correção do desequilíbrio que pode ocorrer entre duas vontades em conflito. Existem regras éticas válidas. Porém, precisamos examinar cada caso, a fim de não nos envolvermos com meras generalidades rigidamente aplicadas a todos os casos. Sempre terá de haver uma certa transigência entre o que é ideal e o que é real, entre o que é utópico e o que é prático.

5. *A Educação*. Seu sistema de educação se alicerçava sobre seus conceitos éticos e psicológicos. Atuariam ali a liberdade interior e as virtudes morais. O nosso método educacional deve produzir idéias, idéias relacionadas a outras idéias. Associações

ilusórias devem ser eliminadas; as idéias mais relevantes, salientadas; as informações recolhidas sempre poderão ser aplicadas a novas situações; à medida que forem surgindo. Ele não concordava com a filosofia de Rousseau, que defendia a noção de que se deve permitir à criança desenvolver-se à sua própria maneira. Antes, a criança deve ser submetida à disciplina. Uma personalidade multifacetada é o alvo a ser atingido. As tendências radicais deveriam ser evitadas. O caráter moral deveria ser o principal alvo da educação.

6. *A Religião*. A principal função da religião, conforme Herbart, seria a de reforçar as idéias e as práticas éticas. Deus seria o respaldo cósmico das nossas idéias éticas, e a crença teísta facilitaria a boa conduta. Todavia, ele opinava que está fora dos limites da filosofia argumentar em favor da divindade. Porém, poderíamos supor, com base naquilo que experimentamos e sabemos, que pode haver muitas coisas reais, e, dentre elas, o *real divino*, o qual governaria as nossas tão mutáveis relações (ver sobre a *teleologia*). O filósofo, pois, pode examinar esses conceitos e chegar às suas inferências; mas de nada lhe adiantará tentar validar o *real divino*. Ele mantinha uma espécie de crença deísta em Deus com alicerces sobre pontos de vista teleológicos e estéticos sobre a natureza. Ver o artigo sobre o *Deísmo*.

Escritos: *General Theory of Education; Main Points of Metaphysics; General Practical Philosophy; Introduction to Philosophy; Compendium of Psychology; Psychology as Science; General Metaphysics; Psychological Investigations*. (AM E EP MM P)

HERBERTO DE CHERBURY

Suas datas foram 1583—1648. Foi um filósofo inglês que nasceu em Eyton, Shropshire. Educou-se em Oxford. Foi feito cavaleiro por Tiago I. Era associado íntimo das realezas européias. Foi feito barão de Cherbury. Tornou-se conhecido como o fundador do *deísmo* (vide). Escrevia em latim.

Idéias:

1. *Os Cinco Pilares do Deísmo*. a. Existe um ser supremo; b. ele deve ser adorado; c. relacionamo-nos com ele através da piedade e das virtudes; d. o pecado é expiado por meio do arrependimento; e. a justiça requer punição pelos erros cometidos, após a morte física. Essas idéias seriam inatas, universais, dadas por Deus, não afetando em nada a diferença entre o deísmo e o teísmo. O deísmo divorcia de Deus a criação, supondo que Deus abandonou a sua criação e deixou-a ao encargo das leis naturais. O teísmo, por sua vez, ensina que Deus não somente criou, mas também continua interessado em sua criação, intervindo na mesma, recompensando ou castigando aos homens.

Herberto não era um deísta absoluto, no sentido em que essa palavra é usada atualmente, pois ele cria que a revelação não é impossível, embora, de maneira geral, ele defendesse a religião natural. De fato, lê-se que, de certa feita, ele pediu um sinal do céu, para saber se deveria publicar ou não um livro. E a resposta ter-lhe-ia sido dada por meio de uma voz forte, mas gentil. Isso significa que ele afirmava ter passado por experiências místicas, que é a base da religião teísta, nada tendo a ver com o deísmo, e sendo mesmo contrário a ele. — No tocante à revelação cristã, ele afirmava que ela é a melhor quando adere aos cinco pontos da fé, que ele formulara. Contudo, opunha-se à rígida bibliolatria de grupos como o dos puritanos. E também exortava aos pregadores que abandonassem a sua ênfase sobre os mistérios,

HÉRCULES — HERDEIRO

profecias e milagres como meio de dar apoio às suas crenças; e nisso vemos claramente o *deísmo*, segundo sua moderna definição.

2. Ele negava a *fé implícita* (vide), a idéia de uma Igreja infalível e a autoridade sagrada dos «padres» e dos pregadores em geral. Ele submetia a religião a teste, aceitando ou rejeitando cada uma delas, com base em seus cinco princípios.

3. No tocante à relação entre a fé e a razão, ele argumenta que cada um de nós deveria começar pela razão, e então, com base na mesma, ser produzida a fé. Ele acreditava que uma fé verdadeira deveria ser clara e evidente a toda a humanidade, isenta do peso de intermináveis dogmas.

4. *Os Poderes da Mente* (noções de gnosologia). Esses poderes seriam quatro, a saber: a. os instintos naturais, onde haveria *notitiae communes*, isto é, idéias inatas e indisputáveis de origem divina. Essas idéias teriam os sinais da universalidade, da certeza, da necessidade e da presença imediata. Seriam como as categorias concebidas por Kant, aquelas coisas que a mente impõe ao mundo. E seriam a base de toda a experiência humana significativa, como as que envolvem a religião, a lei e a ética. b. O *sensus internus*, ou seja, o senso interior. As qualidades humanas do amor, do ódio, do temor e do livre-arbítrio encontrar-se-iam ali. O homem possuiria essas qualidades como um atributo natural. c. O *sensus externus*, ou seja, o senso exterior, coisas que nos são mediadas através da percepção de nossos sentidos. d. O *discursus*, ou seja, o raciocínio, que seria a categoria menos segura dentre as quatro. Ela pode operar de forma bem ordenada, passando de um item para outro, com a ajuda das outras três. A razão seria a fonte da maioria dos erros humanos. Porém, haveria o poder corretivo dos instintos naturais, capazes de corrigir esses erros.

Locke atacou o seu conceito das idéias inatas, argumentando que mesmo que essas idéias existissem, isso não garantiria que elas sempre refletissem a verdade. A mente religiosa quase sempre defende alguma forma de idéias inatas. Ver o artigo separado sobre as *Idéias Inatas*.

HÉRCULES

Essa é a forma latinizada do nome grego *Hérakles*. Ele era o deus da vitória e das vagueações. Em várias cidades gregas, desde a antiguidade, havia altares dedicados a ele; e, posteriormente, também em Roma, como no Fórum Boarium, o mercado do gado. Seu nome significa «famoso por meio de Hera». Ver o artigo sobre *Hera*. Ele teria nascido em Tebas, conforme dizia a lenda, filho de Zeus e de Alcmena. Ela era a esposa de Antífrion. Mas, visto que esse homem estava sempre guerreando, Zeus assumiu a sua forma externa, a fim de poder seduzir a esposa dele, e o resultado foi Hércules. Os famosos doze trabalhos de Hércules têm dado origem à expressão popular que fala sobre alguma tarefa difícil como «uma tarefa para Hércules». Esses trabalhos incluíam a batalha e a matança de vários monstros, o trazer de volta uma cinta que estava na posse de Hipólita, rainha das Amazonas, para a filha de Euríestes. Um interessante labor foi limpar o estriume de três mil cabeças de gado da fazenda de Augeas, rei de Elis. Isso ele precisou fazer em um único dia. Hércules nem se lembrou de usar uma pá. E, além disso, se tivesse utilizado uma pá, não teria realizado a tarefa em um único dia. Assim sendo, fez o rio Alfeu desviar-se para a fazenda, permitindo que o rio fizesse o trabalho de limpeza em seu lugar. A tarefa mais

difícil de todas foi trazer o cão Cérbero, desde o hades. Estando ali, Hércules libertou Teseu, e trouxe do abismo do cão (tendo-o de fazer mediante a força bruta, e não com o uso dos braços). Em outra ocasião, também socorreu a Alceste, esposa de Admeto, retirando-a do hades. Alceste era filha de Pelias. Ela tornou-se conhecida por seu ternu e profundo amor por seu marido, Admeto. Quando as circunstâncias decretaram que ele morreria, também foi dito que alguém poderia morrer em seu lugar. Os próprios pais dele não quiseram ser seu substituto; mas a fiel Alceste tomou o lugar dele. Hércules, entretanto, reverteu a tragédia, trazendo do hades a alma dela, o que permitiu que ela vivesse novamente. Naturalmente, temos aí uma das muitas histórias antigas de descidas de deuses, heróis, etc., ao hades, a fim de realizarem alguma tarefa. A missão de Hércules era uma missão misericordiosa que reverteu a tragédia. A descida de Cristo ao hades fez por toda a humanidade o que Hércules fez por Alceste e seu marido. Ver o artigo sobre a *Descida de Cristo ao Hades*.

O deus Hércules foi honrado durante o período seléucida. Quando os reis daquela dinastia, principalmente Antíoco IV Epifânio, tentaram helenizar os judeus, obteram um sucesso parcial, pelo menos no começo. Jasor (que helenizou assim o seu nome, que no hebraico era Josué) tornou-se sumo sacerdote em 175 A.C. Ele estabeleceu em Jerusalém um ginásio, esperando poder debilitar a tradicional forma de viver dos judeus, mediante a introdução de hábitos gregos. De cinco em cinco anos eram efetuados jogos esportivos em Tiro, na Fenícia, em honra ao deus Hércules. Jason, pois, enviou delegados e prata, a fim de ajudar na promoção e na participação desse culto. Mas, aqueles que transportavam o dinheiro, resolveram que aquela não era uma maneira correta de usar o dinheiro enviado de Jerusalém, pelo que investiram esses fundos na construção de navios. Ver II Macabeus 4.18-20. Os judeus, pois, continuavam pensando como judeus.

HERDEIRO Ver também Herança.

Esboço:

1. Palavras Envolvidas
2. Textos do Antigo Testamento
3. Leis e Costumes
4. Usos Metafóricos

1. Palavras Envolvidas

No hebraico há um vocábulo envolvido e, no grego, três, intimamente ligados entre si, a saber:

1. *Yarash*, «herdeiro». Essa palavra hebraica ocorre por quase quarenta vezes com esse sentido, que não é o único. Por exemplo: Gên. 15:3,4; 21:10; II Sam. 14:7; Pro. 30:23; Jer. 49:1,2; Miq. 1:15.

2. *Kleronómos*, «herdeiro». Substantivo grego que é usado por quinze vezes: Mat. 21:38; Mar. 12:7; Luc. 20:4; Rom. 4:13,14; 8:17; Gál. 3:29; 4:1,7; Tito 3:7; Heb. 1:2; 6:17; 11:7 e Tia. 2:5.

3. *Kleronomia*, «herança». Substantivo grego empregado por catorze vezes: Mat. 21:38; Mar. 12:7; Luc. 12:13; 20:14; Atos 7:5; 20:32; Gál. 3:18; Efé. 1:14,18; 5:5; Col. 3:24; Heb. 9:15; 11:8 e I Ped. 1:4.

4. *Kleroneméo*, «herdar», um verbo grego que aparece por dezoito vezes: Mat. 5:5; 19:29; 25:34; Mar. 10:17; Luc. 10:25; 18:18; I Cor. 6:9,10; 15:50; Gál. 4:30 (citando Gên. 21:10); 5:21; Heb. 1:4,14; 6:12; 12:17; I Ped. 3:9; Apo. 21:7.

A forma reforçada, *sugkleronómos*, «herdeiro juntamente com», aparece por quatro vezes: Rom. 8:17; Efé. 3:6; Heb. 11:9 e I Ped. 3:7.

Ver o artigo paralelo sobre *Herança*, que aborda longamente o uso metafórico dessa palavra, além de dar detalhes sobre as leis e as práticas envolvidas com a questão, nos tempos antigos.

2. Textos do Antigo Testamento. Números 27:1-11 e Deuterônimo 21:15-17 são as passagens veterotestamentárias que abordam especificamente a questão das heranças. A moderna prática de se fazer um testamento escrito, deixando bens a outrem, não era conhecida na nação de Israel, nos dias antigos. Aquele que deixava uma herança a outrem, fazia-o por meio de instruções orais, embora suas provisões deversem ajustar-se às leis vigentes.

3. Leis e Costumes

a. O filho mais velho tornava-se o cabeça da família, quando seu pai falecia, e uma dupla porção da herança paterna cabia a ele, ou seja, recebia duas vezes mais que seus outros irmãos. Ver Deu. 21:17.

b. Era possível a um herdeiro vender a sua herança, por sua livre vontade (Gên. 25:29-34), ou então perdê-la, por motivo de delito sério (como no caso de Rúben; Gên. 35:22). Porém, a lei não permitia que um pai desse, como herança, a um filho mais novo, mais do que a seus outros irmãos, por motivo de favoritismo (Deu. 21:15-17).

c. No começo da história de Israel, o filhos das concubinas não recebiam qualquer herança (Gên. 21:10); mas a história mostra-nos que essa lei foi modificada, com a passagem do tempo.

d. As filhas não obtinham qualquer herança, a menos que um homem não tivesse herdeiros homens.

e. Se um homem morresse sem qualquer filho, então a herança precisava ser outorgada a alguma outra pessoa, de acordo com a seguinte escala de preferência: 1. uma filha; 2. um irmão ou irmãos; 3. um tio ou tios; 4. depois disso, quem fosse o parente masculino mais próximo (Núm. 27:1-11).

f. Uma viúva não podia tornar-se herdeira, pois, se o fosse, a propriedade herdada sairia da posse da família proprietária, o que era estritamente proibido. Se uma viúva não tivesse filhos, ela poderia permanecer como membro da família de seu marido, se se casasse com algum irmão solteiro de seu marido, ou então, poderia retornar à família de seu pai (Gên. 38:11; Lev. 22:13).

g. Entretanto, uma viúva podia conservar consigo aquilo com que contribuira para o casamento, bem como quaisquer presentes que seu marido lhe tivesse dado. Se seus filhos já fossem adultos, estavam na obrigação de cuidar dela.

h. Se uma filha viesse a herdar qualquer coisa (no caso de não haver nenhum herdeiro do sexo masculino), então ela teria de permanecer dentro da família de seu pai, a fim de que nenhuma propriedade fosse perdida por essa família (Núm. 36:6-9). Mas, se ela insistisse em se casar com um homem que não pertencesse à sua tribo, então perderia sua herança, passando-a para a próxima pessoa a quem a herança coubesse por direito. Parece que esse preceito, entretanto, nem sempre era observado (1 Crô. 2:34-36).

4. Usos Metafóricos

Aqueles que recebem a salvação de Deus, em Jesus Cristo, são herdeiros de Deus Pai e co-herdeiros com Jesus Cristo, o Filho. Ver Rom. 4:14; Gál. 3:29; Efé. 3:6. Oferecemos mais detalhes sobre os usos espirituais e metafóricos sobre a idéia de *herança* no artigo com esse título.

••• ••• •••

HERDER, JOHANN GOTTFRED VON

Suas datas foram 1744—1803. Ele foi um filósofo alemão. Nasceu em Mohrungen, na parte oriental da Prússia. Estudou em Königsberg, sob Emanuel Kant e J.G. Hamann. Trabalhou como tutor e pastor evangélico. Tornou-se pregador da corte em Weimar, em 1776, através da influência de Goethe. Ali ficou residindo até o fim de seus dias. Era amigo e discípulo de Lessing e, juntamente com Goethe, tornou-se um dos líderes do *Movimento Sturm e Drang* (vide). Dedicava-se muito às pesquisas e à escrita, apesar de suas pesadas responsabilidades domésticas. Nos seus últimos anos de vida, rejeitou algumas das idéias de Kant, o que o fez entrar em muitas controvérsias. Por exemplo, ele negava que as proposições matemáticas são juízos sintéticos *à priori*. Antes, proclamou a natureza tautológica da matemática. Atacou o Iluminismo (*Aufklärung*), quanto a quatro pontos: a. sua teoria da linguagem; b. seu conceito da mente e da personalidade humanas; c. sua atitude para com a poesia e as artes; d. sua abordagem da história e do desenvolvimento histórico.

Idéias:

1. A cultura de qualquer povo repousa sobre fatores, distintamente, intelectuais e emocionais. Esses fatores geralmente são herdados geneticamente, embora também sofram a influência do meio ambiente. Ele cria que cada cultura deve ser julgada por seus próprios méritos, e não por algum exame comparativo entre elas. «Shakespeare não era nenhum Sófocles, Milton não era Homero, e Bolingbroke não era Péricles» (*Ideen*, livro 13, cap. 7). A ciência, atualmente, está descobrindo coisas admiráveis sobre a herança genética que estão levantando questões de ordem espiritual e moral, mostrando que o meio ambiente desempenha um papel muito menos importante, sobre a vida humana, do que antes se pensava. Ver o artigo sobre a *Genética*. Herder, pois, fundou o método genético de análise histórica.

2. Como conseqüência prática dessa crença, ele advogava a idéia de que os poetas, escritores, etc., deveriam evitar imitar outras culturas, dando lugar à espontaneidade, como força controladora de seus esforços. Por que motivo os poetas contemporâneos imitariam os poetas clássicos, por exemplo?

3. A *linguagem* é um dos principais meios para o desenvolvimento de qualquer cultura. Em primeiro lugar, segundo ele supunha, a linguagem desenvolveu-se da cultura, imitando os sons e ruídos da natureza. Naturalmente, essa declaração simplista em nada contribui para solucionar o mistério de como o homem obteve a linguagem, e por que motivo os idiomas antigos são muito mais complexos do que os modernos.

4. A *religião*, segundo ele sentia, também é produto da natureza e da cultura, especificamente do impulso do homem para explorar a natureza. As primeiras religiões, por isso mesmo, assemelham-se muito aos mitos e à poesia das antigas culturas. As religiões são uma forma de mito e poesia, uma tentativa do homem para entender os mistérios que ele encontra na natureza. O cristianismo deve o seu poder superior ao seu elemento de excelência moral.

5. *Psicologia*. Herder objetava à divisão da mente em vários segmentos, intitulados razão, vontade, desejo, etc.; a cada um deles se atribui alguma função específica. Ele cria que o raciocínio, a percepção, os sentimentos, a vontade e todos os fatores mentais são uma só unidade, e não atribuíveis a diferentes áreas da mente. Ele declarava que o homem interior, com

todas as suas forças negativas, estímulos e impulsos, é apenas um. Ele objetava ao dualismo radical, no tratamento dos problemas corpo-mente, e preferia uma espécie de teoria do duplo aspecto, onde a mente e o corpo físico formam uma unidade, como aspectos de uma única realidade. Ver sobre o *Problema Corpo-Mente*. Ele tem sido acusado de haver antecipado o *behaviorismo* (vide), mas as suas idéias eram mais próximas do *vitalismo* (vide), conforme demonstra a sua doutrina do *kraft*. Ele concebia o *kraft* como uma espécie de força vital básica, não-humana, que não admite qualquer definição em termos humanos, mas que seria um elemento básico à vida inteira, em todos os seus aspectos.

6. *Filosofia da História*. Ele aplicava a isso a mesma idéia que aplicava às artes. Cada raça humana tem a sua própria história, influenciada pelas suas próprias condições, hereditariedade e meio ambiente; e os padrões de uma raça ou povo não podem ser aplicados a outra raça ou povo. Apesar disso envolver uma certa verdade, devemos-nos lembrar, por outro lado, que aquilo que *existe* não é necessariamente certo. Um povo ou indivíduo pode ter defeitos, erros, e até mesmo cometer crimes. A religião e a filosofia existem a fim de ajudar a corrigir esses erros, e não meramente para reconhecer que eles existem. A história da humanidade é um processo de evolução que leva na direção do ideal da humanidade.

7. *Herder, Fundador de Disciplinas*. Ele vivia, por assim dizer, obcecado pelas idéias de crescimento e desenvolvimento, razão pela qual é considerado um dos fundadores das religiões comparadas, da mitologia comparada e da filologia comparada.

HEREGE

Ver sobre *Heresia*.

HERES

No hebraico, «monte do sol». Esse é o nome de uma pessoa e de vários acidentes geográficos, mencionados nas páginas do Antigo Testamento:

1. Nome de um levita que voltou, em companhia de Zorobabel, terminado o cativeiro babilônico (I Crô. 9:15). Seu nome não se acha na lista paralela de Nec. 11:15,16. Seu trabalho era cuidar do tabernáculo. Viveu por volta de 536 A.C.

2. Nome de um monte perto de Aijalom, na fronteira dos territórios de Judá e de Dã. A região fora habitada pelos amorreus, antes de Israel ter conquistado a Terra Santa (Juí. 1:35). Aijalom e Saalbm são mencionadas em conexão com esse lugar. Uma cidade ali localizada chamava-se Ir-Semes, ou seja, Bete-Semes, conforme se pode deduzir mediante uma comparação de Juí. 1:34,35 com Jos. 19:41,42. A história registra que Israel não foi capaz de expelir os amorreus daquela região.

3. Em Juízes 8:13 lemos sobre a «subida de Heres», que se refere a um lugar a leste do rio Jordão, de onde Gideão voltou, após ter derrotado os reis Zóbá e Zalmuna. Contudo, o texto envolve problemas. Algumas versões dizem «antes do sol surgir», como se houvesse um modificador adverbial, e não um nome geográfico. E a própria questão topográfica também envolve dúvidas.

4. Em Isaías 19:18 há menção à «Cidade do Sol», mais literalmente, «cidade de Heres». Está em foco a mesma cidade que, em outros lugares aparece com o nome de *Heliópolis* (vide). O profeta predisse que ela seria uma das cinco cidades do Egito que falariam o idioma de Canaã e que se mostrariam leis a Yahweh.

HERESIA

Esboço:

I. A Palavra

II. No que Consiste a Heresia?

III. Usos Bíblicos dos Termos Traduzidos por *Heresia*

IV. Segundo o Catolicismo Romano

V. Segundo os Grupos Protestantes

VI. O Papel Positivo das Heresias

VII. Como Tratar com os Hereses

I. A Palavra

Esse vocábulo vem do grego *hairesis*, que significa *escolha*, «tomar para si mesmo». Quando se refere a um grupo de pessoas, que aceitaram uma má doutrina, aponta para alguma *seita*. A raiz verbal é *aireomai*, «escolher». O uso dessa palavra não é necessariamente negativo. Pode indicar qualquer *escolha* ou *seita*. O uso neotestamentário inicial indica a idéia de *facciosidade*; mas, com a passagem do tempo, o vocábulo foi adquirindo o sentido moderno de ponto de vista doutrinário que não concorda com o que é considerado ortodoxo, ou seja, correto. Um *herese* é alguém que acredita ou promove alguma opinião contrária àquilo que o grupo, seita ou igreja acredita.

II. No que Consiste a Heresia?

Antes de definirmos uma *heresia*, teremos de definir o que é a *ortodoxia*. Isso nos envolve no problema da *autoridade* (vide). Cada denominação cristã representa toda uma história de desenvolvimento de dogma e práticas. E cada uma delas é tão arrogante ao ponto de pensar que seu próprio desenvolvimento é melhor, representando mais corretamente os ensinamentos da Bíblia e, mais particularmente, do Novo Testamento. Intermináveis controvérsias circundam essa questão; e, no entanto, indivíduos e denominações permanecem confiantes de que a sua maneira de pensar é a única correta. Os liberais, por sua vez, pensam que toda a questão é ridícula, pois eles não acreditam que a Bíblia seja um perfeito guia à verdade e, certamente, não o único roteiro. Nesse caso, torna-se extremamente difícil determinar no que consiste a verdadeira ortodoxia. O resultado é uma série de *ortodoxias* convencionais, manufaturadas pelo homem, cada uma afirmando-se superior, se não mesmo a única digna do nome. A história da religião prova isso a sobejo.

Jesus, embora chamado de Deus-homem por todos os cristãos ortodoxos, foi o maior exemplo de heresia, para os judeus. E Paulo, embora quase adorado como um herói, por muitos cristãos, por outros (para nada dizermos acerca dos judeus) era reputado um destruidor da fé judaica, e Moisés, um corruptor da boa moral. E as religiões não-cristãs estão convencidas da veracidade de várias doutrinas que contradizem os ensinamentos do cristianismo. Para o islamismo, o maior de todos os pecados, que nem tem perdão, é o de chamar qualquer homem de Deus, pois isso parece-lhes furtar Alá da glória que só a ele é devida. Isso posto, para os muçulmanos, a pior de todas as heresias é a doutrina da plena divindade de Jesus. E entre os próprios cristãos tem-se feito objeção à *cristologia* como uma teologia má.

Dentro das várias denominações cristãs há pontos de vista largamente diferentes sobre algumas questões. De fato, algumas dessas doutrinas em choque, umas com as outras, podem ser defendidas com base no Novo Testamento — mediante a manipulação de textos bíblicos — e não só por meio da teologia posterior. Para exemplificar, podemos extrair do

HERESIA

Novo Testamento uma doutrina do inferno sem nenhuma mitigação misericordiosa, como um julgamento do fogo eterno. Porém, também podemos mostrar que a descida de Cristo ao hades (ver I Ped. 3:18 — 4:6) requer que se faça uma revisão dessa idéia, que se deriva, essencialmente, dos livros pseudepígrafos do período intertestamentário. Ver o artigo sobre o *Inferno*, onde isso é melhor explicado. Também sabemos que o próprio Novo Testamento não é tão homogêneo como indivíduos e denominações evangélicas gostariam de crer. Certamente Tiago representa o legalismo (vide) na Igreja primitiva, o que com dificuldade pode ser reconciliado com as doutrinas paulinas da fé e da graça, embora tanto os escritos paulinos quanto a epístola de Tiago façam parte integrante do Novo Testamento.

Além dessas coisas, há aqueles mistérios que não admitem uma perfeita, harmônica e satisfatória definição, como o mistério da vontade de Deus. Ver Efê. 1:9,10. Esse mistério promete a unidade final de todos os homens e de todas as coisas em torno do Logos, o que ultrapassa em muito a mensagem anunciada pelo resto do Novo Testamento. Também poderíamos mencionar o mistério da pessoa do Logos, encarnado em Jesus Cristo. É impossível explicar como uma pessoa pode ser, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Os liberais negam a divindade de Jesus (pelo que são chamados hereges). Os docéticos negam a humanidade de Jesus (pelo que também são chamados hereges). Mas a Bíblia ensina a realidade do Deus-homem. Os crentes ortodoxos têm gasto séculos na tentativa de definir a cristologia (vide). E a doutrina cristã do Deus-homem é considerada a pior heresia que já houve, na opinião dos judeus e dos islamitas, os quais pensam que esse ensino é contrário ao monoteísmo. E, por causa de ensinamentos como a predestinação, a eleição, a expiação limitada, etc., os arminianos reputam os calvinistas heréticos; e os calvinistas pensam que os arminianos é que são hereges.

Tenho escrito essas coisas para mostrar que a questão envolvida é muito mais uma questão de definição da verdade. E, em nosso presente estado de conhecimento, essa tarefa dificilmente será resolvida de modo satisfatório. De fato, somente Deus conhece a teologia a fundo; todos nós continuaremos apenas buscando, tateando. Em consequência, cabe-nos ser cuidadosos sobre como falamos acerca de outras pessoas. Uma pitada de humildade muito pode ajudar, nessa questão.

III. Usos Bíblicos dos Termos Traduzidos por Heresia

1. Na Septuaginta, em Lev. 22:18, a palavra grega *hairesis* tem o seu sentido básico de «escolha», «preferência», referindo-se às ofertas voluntárias dadas pelo povo de Israel.

2. *Opiniões escolhidas*, consideradas destrutivas, estão em foco no trecho de II Ped. 2:1.

3. *Seitas ou partidos* que, naturalmente, tinham suas opiniões distintivas, estão em foco em Ato 5:17 e 15:5 (os fariseus e os saduceus como *seitas*), ou então, em Ato 24:14 e 28:22 (onde os cristãos é que aparecem como uma *seita*). Em Ato 24:14, Paulo substituiu a palavra *seita* pelo vocábulo «caminho», provavelmente, porque aquela palavra poderia ser entendida em um sentido adverso. Apesar disso, em Eusébio (*Hist.* 10:5,21-22) encontramos uma referência à Igreja cristã como uma *sagradíssima heresia*, ou seja, uma posição doutrinária que alguns tomavam como a sua opção.

4. Em I Cor. 11:19 e Gál. 5:20, está em pauta o

sentido de *facção*, ou seja, um *cisma* criado entre os cristãos. Nesses casos, o que está em mira não é alguma doutrina errada e, sim, um espírito faccioso, que chega a dividir os crentes uns dos outros.

O uso da palavra *heresia*, que predominou na história posterior da Igreja, é aquele sentido que aparece em II Ped. 2:1 (número «2», acima). Essas são heresias destrutivas; por causa delas os homens chegam a negar ao Mestre e ao seu caminho de salvação. Os promotores dessas heresias atraem os discípulos após si e, finalmente, formam grupos e denominações separados. A história da Igreja antiga refere-se ao gnosticismo (contra o que já se encontra oposição no Novo Testamento, como em Colossenses e nas epístolas de João), ao montanismo, ao monarquianismo e ao arianismo (ver os artigos separados sobre cada uma dessas heresias).

IV. Segundo o Catolicismo Romano

1. *Heresias Formais*. Isso ocorre quando alguém que diz que é cristão rejeita, deliberada e teimosamente, contradizendo ou duvidando, a algum dogma estabelecido pelas autoridades eclesásticas da Igreja Católica Romana. Os grupos protestantes, de acordo com essa definição, são *heréticos*. Todavia, a Igreja Católica Romana distingue entre heresia e *cisma* (vide). A Igreja Ortodoxa Oriental separou-se da porção ocidental da Igreja Católica em 1054, o que constituiu um *cisma*, mas os sacramentos da Igreja Ortodoxa Oriental são considerados válidos pela Igreja ocidental. Portanto, os ortodoxos orientais são considerados cismáticos, mas não heréticos. Eles têm ferido o amor e a unidade, mas não chegaram a incorrer na gravidade dos erros protestantes, do ponto de vista do catolicismo romano.

2. *As Heresias Formais e os Católicos Romanos*. Para que alguém seja um autêntico herege, é mister que a pessoa tenha feito parte da Igreja Católica Romana e tenha sido batizada. O verdadeiro herege também deve sê-lo voluntariamente, além de mostrar-se obstinado, e não inocente, nesse erro. Esses termos, pois, aplicam-se a ex-católicos romanos. Nesse caso, um protestante é um irmão errado, e não um verdadeiro herege. Porém, no uso da Igreja e da história comum, os protestantes também aparecem como heréticos.

3. *As Heresias Materiais*. Esses são aqueles erros que, embora heréticos, estão baseados sobre a ignorância ou a falta de oportunidade; ou então porque o indivíduo nasceu dentro de um sistema que ensina doutrina contrária à da Igreja Católica Romana. De acordo com essa definição, os protestantes são hereges materiais, e não hereges formais.

4. *A Apostasia*. Ver o artigo separado sobre esse assunto. Um apóstata é pior do que um herege, porquanto chegou a negar, completamente, a fé cristã, separando-se da Igreja-mãe, ou literalmente (por haver-se unido a alguma seita não-cristã), ou por haver interrompido sua associação com cristãos, no seio da Igreja. Nem todos os apóstatas estão fora do redil da Igreja, mas todos abandonaram a fé cristã, no próprio coração. Um apóstata, embora antes fosse parte da Igreja, rejeita o cristianismo ortodoxo. Os hereges erraram, mas não abandonaram a Igreja Católica Romana.

V. Segundo os Grupos Protestantes

Quase todos os protestantes que falam em heresia e em hereges são do tipo que se apega às Escrituras Sagradas como seu único guia de doutrina e prática, mas que encontram cristãos que diferem de suas opiniões religiosas. Por sua vez, os protestantes liberais não vivem ansiosos à cata de hereges. Mas, os

HERESIA

protestantes conservadores descobrem hereges até mesmo entre outros protestantes conservadores, por causa, às vezes, de pequenas diferenças de opinião sobre as mais variadas crenças. Para exemplificar, os protestantes arminianos não hesitam em chamar de hereges aos calvinistas rígidos, por que estes defendem uma expiação limitada, paralelamente a um exagerado determinismo (vide). Por muitas vezes, as acusações de heresia devem-se apenas à ignorância acerca da teologia comparada. Exemplifiquemos. Quase todos os primeiros pais da Igreja, do Oriente e do Ocidente, interpretavam o trecho de I Pedro 3:18 — 4:6, que fala sobre a descida de Cristo ao hades, como passagem que ensina que Cristo ofereceu plena salvação aos perdidos confinados naquele lugar, possibilitando assim a salvação para além-túmulo. Isso significa que Cristo teve três missões: aquela na terra; aquela no hades; e aquela nos céus. Mediante essa tríplice missão, o poder e o alcance de Cristo atingem todo o Universo. Gradualmente, contudo, a Igreja ocidental veio a rejeitar esse ponto de vista, limitando a oportunidade de salvação até antes da morte biológica do indivíduo, usando o trecho de Hebreus 9:27 como seu texto de prova. Pessoalmente, aceito a posição da Igreja oriental quanto a essa doutrina; e alguns me têm chamado de herege, por esse motivo. Não obstante, essa posição tem bases bíblicas firmes, e é muito bem representada na interpretação da Igreja cristã histórica.

A ignorância leva as pessoas a muitas armadilhas. Uma dessas armadilhas consiste em querer classificar outras pessoas como hereges; outra armadilha é a arrogância; e ainda uma outra é o falso orgulho na própria tradição ou denominação, às expensas de outras pessoas. Os jovens radicais tornam-se ainda muito mais radicais por causa de certos mestres, nas escolas teológicas, que vivem intoxicados pelo orgulho denominacional, e que promovem teologias provinciais. Nesses círculos, é fácil as pessoas pensarem em outras pessoas em termos negativos, tachando-as de hereges por causa de pequenas diferenças de opinião. Tal atividade é encorajada pela ausência de estudo quanto à teologia comparada.

Quase todos os protestantes conservadores proclamam a Bíblia como a única autoridade em questões de fé e prática. Na realidade, porém, essa regra transmuta-se em: «As Escrituras, conforme eu e minha denominação as interpretamos». As interpretações dos concílios da Igreja não são consideradas autoritárias por eles; mas as interpretações de suas respectivas denominações o são. Embora aqueles que defendem a Bíblia como a única regra de fé e prática nunca admitam esse fato, assim, realmente, sucede.

É admirável como tão grande número de denominações, com pontos de vista tão variegados quando a certas questões, conseguem dar apoio a seus respectivos sistemas, todos igualmente dizendo-se baseadas na Bíblia. Mas, uma coisa que poucos reconhecem é o fato de que mais de um sistema doutrinário pode derivar-se da própria Bíblia. Muitas das divisões cristãs começaram ali, e não na teologia cristã posterior. Já mencionarei como as Igrejas ocidental e oriental dividiram-se quanto à importante doutrina da descida de Cristo ao hades. Além disso, poderíamos mencionar conflitos como o determinismo versus livre-arbítrio. Essas duas posições podem ser demonstradas por meio de textos de prova no próprio Novo Testamento. Por igual modo, mais de uma forma de governo eclesiástico pode ser defendida com base no Novo Testamento. Se ficarmos somente com a epístola de Tiago, poderemos até mesmo derivar o *legalismo* (vide) das páginas do Novo

Testamento. E, além disso, — também dispomos de todo o volume do Antigo Testamento em defesa dessa posição legalista! No entanto, o legalismo é considerado heresia, em nossos dias! De fato, existem denominações cristãs de tendências legalistas que se utilizam da epístola de Tiago em apoio à sua posição. Deveríamos chamá-las de heréticas? Nesse caso, então teremos de proclamar, a exemplo do que fez Lutero, a inferioridade da epístola de Tiago, não a considerando autoritária.

Tenho mostrado, neste artigo, que a questão da heresia não é tão fácil como poderia parecer à primeira vista, e que muito daquilo que é considerado heresia é apenas variedade de interpretação, dentro de diferentes denominações cristãs. Naturalmente, há aqueles que negam a Cristo, ao evangelho da graça e a outros aspectos importantes da doutrina cristã. Portanto, quando encontramos tais casos, então, com cuidado, podemos usar a palavra «heresia».

VI. O Papel Positivo das Heresias

Jesus Cristo, na opinião de muitos, foi um grande herege, tendo sido crucificado por suas supostas blasfêmias. As autoridades religiosas dos judeus é que determinaram o julgamento. Mas, o que era então uma heresia, tornou-se a nova ortodoxia. Considero um homem completamente louco, se ele não percebe a diferença fundamental entre a posição doutrinária do Antigo Testamento e a posição doutrinária do Novo Testamento. Uma dessas grandes diferenças é a definição metafísica do Messias. Um Deus-homem é uma teologia inconcebível na mente de qualquer judeu ortodoxo. A pergunta que se deve fazer é: Essa doutrina é verdadeira, ou não? O cristianismo conservador alicerça todo o seu sistema sobre a verdade dessa doutrina. É importante observar como, em certos casos, um ponto considerado herético pode vir a ser uma nova ortodoxia. Não há pontos finais. O que parece um ponto final, torna-se apenas um novo começo. Isso sempre aconteceu na história da fé religiosa. Os teólogos, entretanto, gostam muito de encontrar pontos finais. Nunca surge uma síntese que não venha a tornar-se em uma nova tese, com sua conseqüente antítese, de onde surge uma nova síntese, e assim sucessivamente, *ad infinitum*. Se assim não fora, Deus teria estagnado. Somente Deus conhece, realmente, a teologia. Em caso contrário, seríamos tão espertos e perspicazes quanto o próprio Deus. A nossa compreensão, porém, é muito limitada; a nossa sabedoria demonstra grande ignorância; o nosso fundo de conhecimento é muito insuficiente. Por todas essas razões, é inevitável que a teologia seja tão difícil. Além disso, devemos pensar nos mistérios, sobre os quais bem pouco conhecemos. Serão necessárias novas revelações, como também um novo desenvolvimento espiritual se tivermos de esclarecer não apenas algumas, mas muitas questões teológicas. E, durante esse processo de iluminação, muita gente será apodada de herege, embora elas tenham obtido novos discernimentos quanto à verdade.

A verdade, esmagada até à terra, tornará a levantar-se;

Os anos eternos de Deus lhe pertencem;
Mas o erro, ferido, estremece de dor,
E morre entre os seus adoradores.

(Lord Bryon)

«O menor átomo de verdade representa a labuta amarga e a agonia de algum homem; para cada fagulha ponderável da verdade há o sepulcro de um corajoso pesquisador da verdade, em algum solitário montículo de cinzas e uma alma que torra no inferno» (H.L. Mencken).

HERESIA — HERESIOLOGISTA

Paulo foi um herege criativo. Suas doutrinas da fé e da graça contradizem frontalmente a ortodoxia judaica. Por causa disso, foi perseguido como um animal, visto que era diferente das outras pessoas. No entanto, hoje em dia, ele é um de nossos heróis. Sua heresia tornou-se uma ortodoxia nova. Não obstante, os judeus costumavam proclamar, em altas vozes, que Deus chegara ao ápice da revelação divina com eles, no sistema religioso judaico.

«Se a verdade fere-nos de tal modo que não a queremos ouvir proclamada, fere ainda mais severamente àqueles que ousam proclamá-la. A verdade é uma espada de dois gumes, com freqüência, mortalmente perigosa para quem faz uso dela.»

(Juiz Ben Lindsey)

O teólogo Karl Rahner frisou o papel positivo da heresia na história eclesiástica. É um meio de lançar luz sobre a posição doutrinária da Igreja. Vou além: toda heresia é um meio de destacar e trazer à luz novas verdades. De nada adianta pensarmos que isso só poderia suceder na Igreja primitiva. Já sucedeu e continuará sucedendo por muitas vezes. Porém, é importante reconhecermos as distorções da fé, que são heresias autênticas. Eis por que os teólogos estudam e os escritores publicam livros. Contudo, os teólogos deveriam estudar e os escritores deveriam escrever em espírito de humildade, sem se julgarem, necessariamente, corretos em suas interpretações.

VII. Como Tratar com os Hereges

A primeira epístola aos Coríntios, em seus capítulos terceiro a décimo quinto, mostra que Paulo preferia ensinar a fim de promover a *unidade* cristã, do que dividir a Igreja, por causa de diferenças doutrinárias. Dispôs-se até mesmo a tolerar os filósofos, que não viam sentido na ressurreição do corpo físico. O apóstolo não exigiu a expulsão deles, embora, atualmente, como é óbvio, negar a realidade da ressurreição sem dúvida é uma heresia. Paulo estava disposto até mesmo a tolerar a sabedoria grega, embora sempre esperançoso em poder levá-la a reconhecer a sabedoria superior de Cristo. No trecho de Tito 3:10, naturalmente, encontramos uma instrução acerca do que deveríamos fazer no caso dos hereges: «Evita o homem faccioso, depois de admoestá-lo primeira e segunda vez». Essa versão compreende esse trecho em que o grego é entendido em seu sentido mais primitivo, dando a idéia de facciosidade. Quantos conflitos entre os fundamentalistas, cujas doutrinas são aprovadas, poderiam ser evitados, se ao menos seguissem esse versículo! O espírito *faccioso* é uma *heresia*, nos termos do Novo Testamento!

É possível que nesse trecho de Tito 3:10 esteja em foco alguma forma de gnosticismo, estando em pauta questões doutrinárias, e não apenas o espírito contencioso, daqueles que perturbam a Igreja com controvérsias inúteis. E, naturalmente, a introdução de doutrinas estranhas é uma maneira de causar divisões, pelo que ambas as idéias estão em mira. Referências bíblicas como II Tim. 2:23 e 3:1 ss parecem pôr as epístolas pastorais bem no centro da luta contra o gnosticismo. Em outras palavras, os falsos mestres combatidos pertenciam a essa seita. Nesse caso, as controvérsias e as atividades facciosas eram as dos mestres gnósticos. A passagem de I Cor. 11:19 refere-se aos facciosos, aqueles que seguiam líderes humanos como heróis, e assim provocavam divisões na Igreja, certamente uma heresia prática, mesmo que não teórica. O trecho de II Tim. 3:5 também ensina a separação que deve haver entre os crentes e essa gente. Sem dúvida, isso envolve alguma

forma de *exclusão* (vide). O texto de II Tim. 2:24,25 demonstra que os crentes devem exercer grande paciência em seu ensino, em todos os casos em que haja elementos de espírito polêmico na Igreja. I Coríntios 5:11 é um trecho bíblico que nos ordena a nos separar de várias formas de pecadores contumazes, no seio das Igrejas locais, como os alcoólatras, os imorais, etc.; e, por extensão, alguns têm alistado as heresias doutrinárias dentro dessa categoria. O crente nem ao menos deveria comer em companhia de tais pessoas, embora seja duvidoso que possamos dizer que esse versículo envolve alguma heresia.

O trecho de II Pedro 2:1 refere-se àqueles que introduziam doutrinas destruidoras. Sem dúvida estão ali em foco os *falsos mestres*. Os gnósticos certamente são destacados nessa passagem, apesar do que ela é aplicada de modo geral a qualquer tipo de erro doutrinário. Judas (vs. 4-16) encerra uma longa diatribe contra os gnósticos, versículos esses que também têm sido largamente aplicados a todas as formas de posição heterodoxa.

Nas páginas da *história eclesiástica*, o principal método de cuidar do problema dos hereges consistia em excluí-los ou excomungá-los. Imperadores romanos, como Teodósio e Justiniano fizeram da heresia um crime civil (e não meramente religioso), e daí, algumas vezes, resultou a execução dos condenados. A Igreja Católica Romana, durante a Idade Média, instituiu a *inquisição* (vide), a qual decretou muitos encarceramentos, banimentos e execuções. João Calvino, em Genebra, na Suíça, aplicou os mesmos métodos, e ordenou a execução de quase sessenta pessoas, no decurso de poucos anos. Mas também banii e encarcerou a um grande número de pessoas! Em Genebra, o crime religioso da heresia também era tratado como uma ofensa civil, porquanto, no tipo de teocracia que ali foi instituído, não havia separação entre a Igreja e o Estado. Mas a Igreja Anglicana, com sua maneira usual ampla de ver as coisas, quase tornou ilegais os julgamentos por motivo de heresia. E aqueles julgamentos que têm ocorrido ultimamente, como o do bispo Pike (na década de 1970), têm sido reduzidos a nada, estabelecendo um precedente para esse tipo de ação judiciária. Todavia, nos grupos protestantes mais conservadores, ocasionalmente, ainda há julgamentos formais por motivo de heresia; mas geralmente, contudo, aqueles que dissentem simplesmente se afastam, por não se sentirem bem acolhidos. Os liberais têm-se oposto firmemente aos julgamentos por heresia, e os críticos das instituições religiosas por várias vezes têm louvado os hereges, antigos e modernos, como heróis religiosos, em meio a uma Igreja ignorante e hostil. (AM B C NTI R Z)

HERESÍMACO

Essa palavra vem do grego, *haerésis*, «heresia», e *machesthai*, «lutar contra». Esse é o nome que se dá a alguém que, habitualmente, e usualmente com zelo, luta contra o que ele considera ser alguma heresia. Trata-se de um caçador de hereges. Essa atividade sempre é acompanhada por preconceitos, disposição em prejudicar, crueldade e hipocrisia. Devemos combater o erro, mostrando a verdade; mas sem espírito de perseguição contra as pessoas. Foi falhando nisso que, por exemplo, o catolicismo romano instituiu a Inquisição (vide).

HERESIOLOGISTA

Esse vocábulo vem do grego, *haerésis*, «heresia», e *logia*, «estudo de». Essa palavra refere-se a algum cronista ou escritor sobre heresias. É comentente

HERETE — HERMAS

usada para indicar alguém que escreve contra as heresias. Entre os primeiros heresiologistas importantes da Igreja antiga podemos citar Irineu, Tertuliano, Hipólito, Dionísio de Alexandria e Epifânio, acerca de quem oferecemos artigos separados. Alguns desses homens, entretanto, foram considerados hereges por outros.

HERETE

Nome de um bosque ou floresta que ficava no território de Judá, localizado entre Adulão e Giló. O termo hebraico significa «moita». Foi ali que Davi se ocultou, depois que partiu de Moabe (I Sam. 22:5). Algumas versões trazem a grafia variante *Harete*. Alguns estudiosos supõem que a moderna aldeia chamada Khirbete Qila assinala a antiga localização.

HERMÁGORAS

Ver o artigo sobre a **Retórica**, em seu quinto ponto.

HERMARCO

Ele foi o primeiro sucessor de Epicuro. Ver os artigos sobre *Epicurismo*; *Epicuro e Escolas Filosóficas do Novo Testamento*. Ver também sobre o *Hedonismo*.

HERMAS

Um cristão primitivo, a quem Paulo saúda, em Rom. 16:14. O nome era bastante comum nos dias de Paulo. Porém, não dispomos de qualquer informação sobre essa pessoa. Orígenes conjecturava que ele teria sido o autor do livro apócrifo *Pastor de Hermas* (vide). Porém, os eruditos pensam que ele estava equivocado.

HERMAS, PASTOR DE

Esboço:

- I. Caracterização Geral
- II. Autor
- III. Data e Origem
- IV. Esboço do Conteúdo
- V. Teologia e Ética desse Livro
- VI. Texto e Cânon

I. Caracterização Geral

Esse é o mais longo dentre aqueles escritos classificados como dos *pais apostólicos*. É mais volumoso do que qualquer livro isolado do Novo Testamento. O testemunho dos antigos dá ao livro uma data de cerca de 140 D.C.; mas outros, até com certas provas convincentes, falam em uma data mais antiga do que isso. O autor é chamado *Hermas*, um cristão romano. Sua obra divide-se em três seções gerais: a. visões (das quais há cinco); b. preceitos (são doze); e c. símiles (ou parábolas, das quais há dez). Presumivelmente, a mensagem que ele entregou foi-lhe dada pelo próprio Cristo, o qual lhe apareceu como se fora um Pastor, o que explica o título da obra, *Pastor de Hermas*.

O objetivo principal dessa obra é o de garantir uma segunda chance de arrependimento para os que pecassem após o batismo em água. Tal como a maioria das obras apocalípticas, essa também não é homogênea em seu estilo e em sua estrutura. O autor parece que reagia contra pontos de vista radicais sobre o arrependimento, que não permitiam o perdão para aqueles crentes batizados que caíssem em pecados graves. Certos trechos dessa obra soam como

se fossem escritos essênios, das cavernas de Qumran. Ver o artigo sobre *Mar Morto, Manuscritos do*.

Alguns cristãos antigos consideravam que essa obra era canônica e autoritária, embora a grande maioria deles não concordasse com essa opinião, por vários motivos óbvios, como sua evidente visão distorcida do arrependimento e a data posterior de sua composição. De fato, uma de minhas fontes informativas a respeito faz a seguinte avaliação: «Não é de grande valor literário ou religioso».

II. Autor

O autor chama a si mesmo de *Hermas*. Não sabemos dizer se esse era o seu nome real, ou se o escolheu por alguma razão desconhecida, para fazer parte do título do seu livro. Seja como for, o seu estilo e o conhecimento que ele reflete no livro parecem identificá-lo como um homem de origem judaica. Aparentemente era romano, tendo nascido como escravo. Não foi criado por seus pais. Casou-se com uma mulher que falava com grande leviandade (visão 2:2,3); tinha filhos indisciplinados. Era agricultor por profissão, e não era homem de talentos especiais, nem mesmo literários.

III. Data e Origem

Roma está identificada com esse livro, pelo menos em parte. As primeiras visões teriam ocorrido na estrada para Cumae, uma antiga cidade grega cerca de dezenove quilômetros a oeste de Nápolis. Ele fora instruído a entregar uma cópia de sua obra a Clemente, presumivelmente, o autor da Primeira Epístola de Clemente, e uma outra cópia a Grapte, uma personagem desconhecida para nós (visão 2:4,3). Clemente (bispo de Roma?) viveu em Roma entre 88 e 97 D.C., sendo possível que a primeira porção dessa obra tenha sido escrita nessa época. Contudo, o chamado *Cânon Muratoriano* (de cerca de 200 D.C.), declara que, «recentemente, em nossos próprios tempos», *Hermas* escreveu aquele livro, identificando-o como irmão de Pio, bispo de Roma. De fato, Pio foi bispo em cerca de 140 D.C. É possível que a primeira parte dessa obra tenha sido, realmente, escrita na época de Clemente de Roma; mas o livro só foi terminado e publicado cerca de cinquenta anos mais tarde. Mas, nesse caso, é difícil ver como *Hermas* cumpriu o seu desejo de entregar uma cópia da obra a Clemente, a menos que, posteriormente, ele tenha expandido uma obra menor, dando-lhe uma nova edição. Nesse caso, a cópia dada a Clemente seria apenas uma parte da obra que atualmente conhecemos.

IV. Esboço do Conteúdo

Esse livro foi provocado, essencialmente, pelo ponto de vista sobre o pecado que era largamente defendido em muitos lugares, no século II D.C. Alguns cristãos haviam chegado à tola conclusão de que o crente, após ser batizado em água, não incorre mais em pecado, ou, pelo menos, não comete mais nenhum pecado grave. Contudo, *Hermas* notou que, simplesmente, isso não acontece na prática. E assim surgiu a dúvida se há perdão para esses pecados. A resposta de *Hermas* é dúbia e incompleta; mas, pelo menos, é melhor do que a má teologia que a criara. Ele sentia que, na época em que estava escrevendo, era possível receber perdão pelos pecados cometidos após o batismo; mas também previa a época em que essa oportunidade seria cortada. Por que motivo os homens gostam de pôr ponto final às coisas? Talvez ele quisesse dar a entender que o crente pode desgastar a graça de Deus de tal maneira que o perdão só lhe pode ser dado até certo ponto. Isso também reflete uma péssima teologia, que dá margem

HERMAS — HERMENÊUTICA

a uma piedade falsa, porquanto homens que continuam pecadores, acabam pensando que não o são. Muitas pessoas reduzem o escopo do pecado, para que possam pensar que não são pecadoras; mas, ao assim fazerem estão apenas criando uma teologia truncada e distorcida.

As três seções do livro são: cinco visões, doze preceitos e dez símiles.

1. Cinco Visões

Essas visões falam sobre a Igreja. Ela é apresentada como uma torre em construção. Uma idosa mulher, Roda (a proprietária de Hermas, quando ele era escravo), aparece e fala com ele. Então surge outra idosa matrona, que representa a Igreja. Essa explica que a torre consiste em pedras que são pessoas, como os apóstolos, os bispos, os diáconos, etc. Essas pedras se ajustam facilmente à edificação, o que também sucederia aos mártires e aos justos. Porém, os incrédulos e os apóstatas são rejeitados, não sendo aceitos na construção. Algumas mulheres postani-se de pé, em redor da torre, simbolizando as virtudes da fé, da continência, da simplicidade, do conhecimento, da inocência, da reverência e do amor. A idosa mulher que representa a Igreja vai remoçando, até tornar-se uma linda jovem, ao mesmo tempo em que a fé de Hermas se robustecia. A quarta visão é apocalíptica, referindo-se a uma grande fera que perseguirá e semeará a destruição, engolfando a terra na miséria. Na quinta visão, aparece o Pastor (que representa Cristo ou um ser angelical). Ele é intitulado de Anjo do arrependimento, e apresenta o resto do livro, que consiste nos preceitos ou mandamentos e nas símiles ou parábolas.

2. Os Preceitos ou Mandamentos

O material que faz parte dessa seção não é bem organizado, embora ali apareçam idéias básicas, como a unidade de Deus, que serve de alicerce de todas as considerações morais; o temor a Deus; advertências contra ofender ao Espírito; a ênfase sobre as virtudes básicas da simplicidade, da reverência, da inocência, da paciência, da alegria e da veracidade; a rejeição ao ânimo nobre; a resistência contra os maus desejos; a rejeição ao adultério e à fornicação; a moderação a ser observada em todas as coisas. No fim dessa seção há um aviso no sentido de que a salvação não é possível, a menos que esses princípios éticos e espirituais sejam observados.

3. As Símiles ou Parábolas

Aparecem algumas estórias completas, que são parábolas; mas, em sua maior parte, nessa seção há apenas exortações com símiles e metáforas, e a seleção das mesmas não é brilhante. Coisas específicas ali expostas são a comparação entre as cidades celestial e terrestre; o rico como uma vinha, que precisa do apoio dos pobres que se assemelham a um carvalho; as árvores em florescência ilustram as vidas dos justos; os ímpios, porém, são como árvores ressecadas; o salgueiro ilustra a lei de Deus, com seus muitos ramos; há um pastor do luxo, e também um outro, do castigo. A parábola mais longa fala sobre doze montes na Arcádia, que diferem quanto à forma, à formação, à vegetação, etc., representando todas as variedades de seres humanos, bons e maus.

V. Teologia e Ética Desse Livro

Já vimos como os mandamentos devem ser guardados, sob pena de perda da salvação. Isso reflete uma forte posição arminiana. O tom ético geral é o do *ascetismo* (vide). Há uma acentuada ênfase sobre as virtudes cristãs básicas, representadas pelas mulheres. Um homem poderia casar-se de novo, se viesse a enviuvar, mas isso seria menos virtuoso do que

permanecer na viuvez. Hermas não era um teólogo, pelo que há fragmentos de conceitos teológicos dispersos por toda a parte, e não a exposição de qualquer sistema. Há menção ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, mas nenhuma declaração formal que nos ensine o trinitarismo. É dito que o Espírito habita na carne humana, fazendo-o por pura compaixão. O batismo figura como um rito necessário à salvação.

VI. Texto e Cânon

O livro *Pastor de Hermas* foi escrito em grego. Mas, atualmente, não há nenhuma cópia completa dessa obra. O manuscrito *Aleph*, do Novo Testamento, contém esse livro até o preceito 4 (3,6). Há um manuscrito do século XV, no mosteiro do monte Atos, que contém quase todo o restante desse livro. Naquele mosteiro, igualmente, há textos incompletos desse livro, escritos em papiro ou em pergaminho. Existem duas traduções latinas e uma etíope, como também alguns poucos fragmentos de traduções em coptico e em persa. Alguns poucos pais da Igreja aceitaram esse livro como canônico, a saber; Irineu, Orígenes e Tertuliano (em seus primeiros escritos), mas a Igreja universal nunca aceitou tal obra como canônica. Ver o artigo geral sobre o *Cânon*. (AM E GR Z)

HERMENÊUTICA

Esboço:

I. A Palavra e seus Usos

II. Caracterização Geral

III. A Hermenêutica como um Modo de Interpretar — Princípios de Interpretação da Bíblia

I. A Palavra e seus Usos

Esse termo vem do grego, *hermeneutikós*, que significa «interpretação», ou «arte de interpretar». O vocábulo grego *hermeneutes* significa «intérprete». Essa palavra deriva-se do nome de *Hermes*, que era tido como o mensageiro divino e intérprete dos deuses, e que também era o deus da eloquência, que os romanos chamavam de Mercúrio.

Usos:

1. O uso comum dessa palavra alude à interpretação de textos escritos, especialmente bíblicos, embora também de natureza filosófica, legal, etc.

2. As atividades da filosofia das ciências sociais são consideradas, por muitos especialistas, como mais aparentadas à hermenêutica do que às ciências exatas, as quais já usam métodos de laboratório em suas pesquisas. Spranger (vide) referia-se à psicologia como uma «hermenêutica do espírito».

3. A filosofia, dentro daquilo em que ela opera em uma cultura qualquer, envolve a hermenêutica.

II. Caracterização Geral

A hermenêutica é a ciência das leis e princípios de interpretação e explanação. Em relação aos estudos bíblicos e teológicos, o principal aspecto desse estudo diz respeito à compreensão das Escrituras Sagradas, e por que meios essa compreensão deve ser atingida. A hermenêutica deve ser estudada, logicamente, antes da *exegese* (vide), a qual vale-se dos princípios hermenêuticos em suas investigações e conclusões. A hermenêutica bíblica requer um bom conhecimento das línguas originais usadas na Bíblia, além dos significados originais desses escritos sagrados, vistos do ângulo dos seus escritores originais, do seu pano de fundo histórico, de seu meio ambiente literário, da história do pensamento religioso, dos pontos de vista científicos dos tempos antigos, etc. A terceira seção deste artigo elabora essas questões.

HERMENÊUTICA

O *método crítico histórico* de investigação bíblica, que surgiu no século XIX, salienta a necessidade de compreendermos o que os próprios autores bíblicos entendiam com aquilo que diziam, considerando-se a posição deles dentro da história. Esse método de investigação salienta que eles viveram em uma época em que a ciência era deficiente e muito limitada; que eles haviam herdado idéias primitivas sobre a natureza; seus pontos de vista sobre Deus eram bastante antropomórficos; que eles tinham pouca noção sobre crítica textual, e que, virtualmente, desconheciam totalmente a arqueologia. Assim, cresceu a ênfase acerca do descobrimento do que esses autores sagrados tinham querído ensinar, e uma preocupação menor com o conteúdo das *verdades* que eles ensinavam. Aos teólogos dogmáticos foi entregue a tarefa de investigar esse conteúdo.

A Nova Hermenêutica. A renovação do interesse pela hermenêutica bíblica tem sido estimulada por teólogos existencialistas, como Rudolf Bultmann e seus seguidores. Nomes associados a isso são Gerhard Ebeling, Ernest Fuchs e Martin Heidegger. Esses homens seguiram as idéias de Bultmann, embora as tivessem levado a extremos que ele não teria aprovado. Heidegger enfatizava a importância da linguagem como algo anterior à humanidade, como um poder que teria moldado a compreensão dos homens. A própria existência humana seria definida linguisticamente; e, através da linguagem, chegaríamos a entender o ser humano. A existência humana torna-se autêntica quando tem permissão de desempenhar o seu papel; e então chegamos a uma compreensão apropriada da mensagem que ela tenta comunicar. Isso posto, a linguagem seria Hermes, o mensageiro dos deuses. Por meio da ciência da hermenêutica, procuramos recapturar os eventos preferidos pelos profetas, extraindo dali o sentido que convém. Isso envolve mais do que entender o que um profeta qualquer tem a dizer, no contexto de sua própria época. Antes, devemos procurar penetrar no seu sentido, naquilo que significa hoje em dia, pois a verdade reveste-se de uma universalidade que é comunicada por meio da linguagem. Jesus proferiu palavras imortais, aplicáveis em qualquer época. Não precisamos nos preocupar com toda a forma de questão cultural e histórica, a fim de entendermos a mensagem universal da alma, mas precisamos entrar na linguagem do coração, para que tenhamos uma perfeita compreensão das coisas. É também há uma linguagem da fé, que devemos esforçar-nos por entender. Verdadeiramente, parece que esses filósofos-teólogos acreditam que a linguagem reveste-se de alguma qualidade mística, dotada de tesouros ocultos. A demitização pode ser uma tarefa infrutífera. A verdadeira hermenêutica tem a tarefa de compreender de que modo o evangelho de Cristo aplica-se ao homem moderno. Há nisso uma fé de que o evangelho, verdadeiramente, dirige aos homens uma mensagem universal, mensagem essa que pode ser determinada.

A nova hermenêutica não ignora a erudição histórica e crítica dos eruditos do século XIX. Porém, aponta para uma tarefa idêntica à do pregador. Há uma mensagem a ser comunicada que é mais importante do que o manuseio crítico de um texto qualquer. A erudição, quando muito, leva-nos somente ao limiar da interpretação. A partir desse ponto, o Espírito, que fala através da linguagem, deve receber a permissão de levar-nos a profundezas maiores. A mensagem pode ficar aprisionada em um texto; e precisa ser liberada. A tarefa da hermenêutica e da pregação, portanto, é a liberação. Uma vez

liberada, a mensagem pode nos transformar. Dentro dessa interpretação, encontramos o casamento entre a interpretação e o dogma; e o dogma torna-se uma verdade viva que nos transforma, não se limitando a ser apenas uma crença credal. A erudição histórico-crítica, pois, torna-se uma serva da hermenêutica, e não a própria substância da mesma.

III. A Hermenêutica como um Modo de Interpretar — Princípios de Interpretação da Bíblia

a. *As línguas originais* devem ser lidas e compreendidas, ou então, o estudioso precisa ter acesso a textos fidedignos, que transmitam fielmente o sentido do texto original. O estudioso também deveria consultar não apenas uma, mas muitas traduções, para então julgar os seus méritos comparativos, quanto a casos específicos. Deveria ter cuidado para evitar envolvimento na manipulação sofista de vocábulos ou expressões hebraicas e gregas. Quase qualquer coisa pode ser ensinada, através da manipulação indevida dos textos. As próprias traduções oficiais, algumas vezes, envolvem-se nesse tipo de atividade. Consideremos os muitos sermões que têm sido pregados com base nas supostas diferenças entre *agapáo* e *philéo* (palavras essas que são meros sinônimos), na tentativa de explicar o trecho de João 21:15 ss.

b. *O Tipo de Literatura a ser Examinado.* O estudioso precisa examinar prosa, poesia, alegoria, trechos literais e trechos simbólicos. Consideremos os apocalipses, com seus fantásticos símbolos. Atualmente, muitos pregadores supõem que sempre devemos entender literalmente um texto, a menos que haja razões especiais para interpretarmos o mesmo simbolicamente. Mas, no caso dos apocalipses (incluindo o Apocalipse de João), a interpretação literal desvia para longe da verdade, em vez de conduzir à verdade. Uma *estrela que cai*, por exemplo, é o símbolo apocalíptico de um anjo, e não uma alusão a alguma catástrofe cósmica, a algum acontecimento astronômico. As pragas de insetos e animais grotescos não apontam para pragas comuns. Antes, falam sobre as atividades demoníacas. Se quisermos compreender o Apocalipse de João, em nosso Novo Testamento, teremos de familiarizar-nos com os livros pseudépigrafos, onde os símbolos se assemelham muito com os do Apocalipse. Em meu comentário sobre o Apocalipse, no NTI, procurei apresentar ao leitor aquilo que os próprios autores sagrados pensavam acerca dos símbolos que empregaram; e isso, necessariamente, nos conduz ao fundo da linguagem simbólica empregada nos livros pseudépigrafos.

c. *Pano de Fundo Histórico.* Precisamos entender um livro dentro do contexto histórico no qual foi escrito. Quando o Apocalipse fala sobre *Roma*, indica a Roma do tempo do paganismo, e não a Igreja Católica Romana, e nem os protestantes cismáticos. Infelizmente, o livro de Apocalipse tem servido de campo de batalha entre as denominações cristãs. Entretanto, João estava atacando Roma. É um erro tentar modernizar o que os profetas disseram. Isso não significa que eles não falaram sobre coisas do fim de nossa dispensação. Mas significa que muitas de suas predições diziam respeito à sua própria época, a curto prazo, e não a longo prazo.

Consideremos, além disso, a história da criação. Precisamos entender que o autor sagrado não tinha consciência da imensa antiguidade do globo terrestre. Ele falou sobre a raça adâmica, mas não sabia acerca da imensa expansão da história astronômica e geológica da humanidade, que antecede à história recente da raça adâmica. Isso posto, é impossível

HERMENÊUTICA

extrair do livro de Gênesis alguma declaração dogmática sobre a idade da terra. Além disso, devemos entender que ele se referiu a um certo aspecto da história antiga, e não à totalidade dessa história, que está perdida nas brumas do tempo. Quando o autor sagrado falou sobre o dilúvio, referiu-se a um relato genuíno. Porém, não tinha consciência do fato de que já tinham ocorrido outras catástrofes universais similares. Heródoto diz-nos que os egípcios sabiam que tinha havido mais de um dilúvio, chamando os gregos de crianças, porque só sabiam de um desses dilúvios. Não deveríamos fazer com que registros parciais da história tomem o lugar da história total. A ciência e outras referências literárias podem aumentar o nosso conhecimento sobre essas coisas.

No tocante ao pano de fundo histórico, precisamos ter um conhecimento funcional da história narrada na Bíblia, bem como as histórias dos povos envolvidos no relato bíblico. Em caso contrário, não seremos capazes de determinar o significado de muitos textos. Quando lemos sobre Abraão, precisamos conhecer os costumes matrimoniais de sua época, como também costumes sobre heranças, sobre leis pré-mosaicas, etc., sob pena de muitas passagens da Bíblia permanecerem obscuras para nós. Quando Abraão mentiu, dizendo que Sara era sua irmã, pensamos que ele cometeu um grande mal. De certa feita ouvi uma mensagem, dada em uma escola dominical, por um professor que se mostrava muito perturbado diante do fato de Abraão não haver *protegido* Sara, ao pespegar uma mentira sobre ela. No entanto, a verdade é justamente o oposto. Naqueles tempos, os chefes tribais (denominados *reis*, nas páginas da Bíblia), nos dias do Antigo Testamento, podiam fazer o que bem entendessem com as mulheres que passassem por seus territórios, fossem elas solteiras ou casadas! Facilmente, Sara poderia ter-se tornado parte do harém de um daqueles chefes; e ninguém pode agora dizer que Abraão estava disposto a sacrificar a virtude de Sara para salvar a própria pele. Talvez somente assim estivesse salvando a vida dela também. Apesar disso parecer revoltante para a moderna mentalidade evangélica, essa era a dura realidade nos dias de Abraão.

d. Condições Geográficas e Meteorológicas. Os povos antigos viviam limitados por sua geografia local, pelo clima em que viviam e pela fertilidade das terras que ocupavam. O temor da fome, entre outras coisas, produziu a adoração às forças da natureza, o sacrifício de crianças a certos deuses, cujos favores buscavam, além de outras coisas desse jaez. Para os cananeus, Baal era o deus da chuva, que cuidaria das terras e as tornaria férteis. Os poderes do relâmpago e do trovão, além de outras forças naturais, não eram entendidos. Esses poderes eram atribuídos a seres divinos, bons ou maus. Isso originou todo o desenvolvimento de uma teologia primitiva, completa com deuses de todas as espécies, que controlariam todas as facetas das atividades humanas. Ver o artigo sobre os *Deuses Falsos*.

e. Diferenças Culturais. Precisamos saber algo sobre os próprios hebreus, além de entender porque acreditavam em certas coisas e faziam certas coisas. Ao estudarmos a história de um povo qualquer, temos de compreender o meio ambiente em que eles viviam, bem como toda a sua formação. Ficamos perplexos diante das intermináveis guerras de Israel, diante da imensa crueldade, das matanças sem sentido, ao mesmo tempo em que supunham que estavam agindo por orientação divina. Orígenes, por isso mesmo, queixou-se do ponto de vista primitivo sobre Deus, em

muitos trechos do Antigo Testamento, tendo procurado eliminar essa dificuldade mediante uma interpretação alegórica, onde o aspecto histórico não era devidamente enfatizado. Além disso, ele buscava um conhecimento maior na mensagem mística de alguma passagem, inteiramente à parte da história ali narrada. Ver os artigos intitulados *Alegoria e Interpretação Alegórica*.

f. Revelações Preliminares. Dentro da interpretação do Antigo Testamento, nunca nos devemos olvidar do fato de que estamos tratando de revelações anteriores e inferiores àquelas que nos são feitas no Novo Testamento. Isso posto, devemos usar de cautela para não transformarmos em dogmas alguma teologia antiga, que corresponda a algum nível anterior da revelação divina. Poderíamos destacar o conceito de Deus como uma questão básica quanto a isso. O Novo Testamento nos apresenta uma visão superior sobre o Ser divino. Para ilustrar, no Pentateuco não há qualquer ensino sobre a alma, não há qualquer promessa de recompensa aos que praticarem o bem, *depois* desta vida, e nem há qualquer ameaça àqueles que agirem mal, *depois* desta vida. Além disso, no Antigo Testamento encontramos um sistema legalista, baseado sobre as obras humanas, que Paulo ultrapassou. Isso não significa, entretanto, que não encontramos ali uma mensagem rica, de onde podemos extrair muitas lições valiosas. Porém, não podemos ficar dependentes da mensagem do Antigo Testamento, quando se trata de formular a nossa teologia.

Alguns Problemas Especiais

a. Procurando solucionar tudo mediante textos de prova. Quando buscamos a verdade, não basta encontrarmos algum texto de prova para alguma assertiva nossa, como se isso resolvesse todos os problemas envolvidos. Pois alguma outra pessoa, que tenha uma opinião contrária à nossa, — será capaz de encontrar algum texto de prova que pareça dizer precisamente o contrário. Consideremos, por exemplo, a controvérsia acerca da regeneração batismal. Se ficarmos somente com o que Paulo escreveu, não poderemos aceitar essa doutrina, sob hipótese alguma. Porém, se ficarmos somente com versículos como Mar. 16:16 e Atos 2:38, então, poderemos entender que a regeneração batismal tem alguma razão de ser. Citações que chegaram até nós, pertencentes ao século II D.C., mostram-nos que a Igreja, nessa época, já estava dividida sobre a questão. E se pudéssemos ter ido a uma reunião dos apóstolos originais é bem possível que, se esse assunto fosse trazido à baila, veríamos que eles mesmos emitiriam opiniões dispares sobre o assunto. A nossa busca pela verdade deve ultrapassar à mera letra. Faz parte da hermenêutica reconhecer isso. O próprio Novo Testamento pode ser usado como base de mais de uma posição possível, quanto a vários assuntos.

b. Apesar de certos problemas especiais, a hermenêutica pode ser usada para mostrar a unidade básica da bíblia, pelo menos no sentido de que uma revelação progressiva foi-se desdobrando, nesse grupo de sessenta e seis livros. Essa unidade gira, essencialmente, em torno da esperança messiânica. O trecho de II Timóteo 3:15 *ss* encerra essa apologia. As Escrituras são a nossa principal regra de fé e de prática. Alguns falam em «única» regra de fé e prática; mas isso nenhum grupo cristão faz, na realidade, pois todos aceitam outras autoridades, além da Bíblia. Ver o artigo sobre a *Autoridade*. Deus falou de muitas e variadas maneiras (Heb. 1:1), mas a mensagem do Senhor tornou-se clara, através das revelações bíblicas que nos foram feitas. A Bíblia

HERMENÉUTICA — HERMÓGENES

narra a história dos heróis da fé, como Abraão, Moisés, Cristo e os apóstolos. Por assim dizer, todos faziam parte de uma só equipe, encarregada da transmissão da mensagem espiritual.

c. *Alegorizar ou não?* A escola alexandrina — Clemente, Orígenes e seus sucessores — defendia a alegorização da Bíblia (removendo assim porções dignas de objeção, do Antigo Testamento). Mas a escola de Antioquia sempre se mostrou contrária a essa alegorização. Ver o artigo separado sobre a *Escola Teológica de Antioquia*.

d. *Sentidos do texto:* 1. literal; 2. alegórico, que procura fazer aplicações espirituais; 3. moral, que envolve lições que podem ser deduzidas dos relatos e dos ensinamentos que têm implicações éticas, ou então exigências e ilustrações éticas; 4. sentidos *analógicos*. Os sentidos espirituais encontram-se em itens de ordem física, como a *água*, que representa a vida espiritual, ou as operações do Espírito. 5. Sentidos *místicos*. Nos textos bíblicos, com frequência, podemos descobrir sentidos ocultos profundos, que o Espírito comunica acima da mera letra. Devemos supor, quanto a isso, que certa dose de iluminação se faz necessária para que vejamos e compreendamos tais lições. O trecho de Efésios 1:18 refere-se à iluminação como algo de que precisamos para nosso crescimento e compreensão espirituais. O Espírito nos conduz a toda a verdade. Versículos bíblicos podem servir de veículo a essa comunicação.

Ilustração: a água.

1. *Literalmente:* qualquer referência ao mar, a um lago, a um rio, que seja meramente isso, uma referência literal à substância que se chama água.

2. *Alegoricamente:* a água já representa o batismo em água.

3. *Moral ou eticamente:* a água fala sobre a pureza ou a purificação.

4. *Analogicamente:* o mar aponta para as nações ou povos.

5. *Misticamente:* a água refere-se às operações do Espírito de Deus.

Bibliografia. B C DUG E R RB WO

HERMES

Alguns eruditos pensam que essa palavra deriva-se do termo grego *herma*, que significa «pilha de pedras» ou «pedra posta de pé». Tais pedras serviam, na antiguidade, de marcos ou sinais. Supunha-se que os espíritos ou deuses habitavam em tais pedras, ou, pelo menos, manifestavam-se nas mesmas. Seja como for, Hermes era concebido como o deus-guia dos viajantes, parecendo ser essa a fonte original do nome desse deus pagão.

De acordo com a mitologia grega, ele era filho de Zeus e de Maia. Era mensageiro e arauto dos deuses, como também o deus da ciência, da eloquência e da esportividade; era o patrono dos ladrões e dos viajantes e o deus dos rebanhos e do comércio; era o protetor das fronteiras; e, finalmente, era o guia das almas que estavam a caminho do hades. O equivalente romano era *Mercúrio* (vide).

Referência no Novo Testamento. O livro de Atos (14:12,13) alude a *Hermes* e a *Zeus*. Nossa versão portuguesa, porém, dá os nomes romanos desses deuses pagãos, dizendo: «A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio...» Isso ocorreu quando os habitantes de Listra, presenciando o milagre de cura realizado por Paulo e Barnabé, tomaram-nos como manifestações de divindades pagãs, e até queriam oferecer sacrifícios pagãos em honra deles.

Mas, logo em seguida, instigados por certos judeus raciais, resolveram apedrejar Paulo, deixando-o como morto. O acontecimento ilustra a superficialidade dos impulsos e da religiosidade das pessoas. Ovídio contou a lenda de como esses dois deuses haviam sido entretidos por seres humanos, sem terem sido reconhecidos, mais ou menos como Abraão acolheu os anjos, sem sabê-lo. As mentes das pessoas eram condicionadas a aceitar a circulação fácil de elevados poderes espirituais entre elas; e as obras clássicas ilustram amplamente o ponto. Nos escritos de Homero, os deuses aparecem e entram em associações as mais diversas com as pessoas, com toda a facilidade e naturalidade. No livro de Gênesis, lê-se que Deus vinha passear no jardim do Éden e conversar com Adão e Eva.

HERMES TRISMEGISTUS

Esse era o nome grego do deus egípcio *Tote* ou *Thoth*, considerado fundador da alquimia e de outras ciências ocultas. Ele era parcialmente identificado com a divindade grega *Hermes* (vide). *Hermes Trismegistus* (três vezes grande) também refere-se a um corpo filosófico e religioso de literatura que data do século III ou IV D.C., embora alguns estudiosos pensem que esse material ainda é mais antigo do que isso. Envolve um conglomerado de idéias de várias filosofias religiosas, principalmente de origem grega, e fortemente platônicas (ou neoplatônicas), com alguma mistura com elementos da religião egípcia antiga. Nesse material há bem pouca semelhança com as idéias cristãs. Ver também sobre as *Escrituras Herméticas*.

HERMÉTICA, LITERATURA

Ver sobre *Escrituras Herméticas*.

HERMETICISMO

Esse é o nome da tradição de ocultismo com base nos antigos tratados chamados *Corpus Hermeticum*. Ver também sobre as *Escrituras Herméticas*.

HERMÓGENES (NOVO TESTAMENTO)

Esse nome vem do grego e significa «nascido de Hermes». Ver o artigo separado sobre esse assunto. Esse homem era discípulo de Paulo, provavelmente, proveniente da Ásia Menor. Por algum tempo acompanhou ao apóstolo em suas viagens, como um de seus cooperadores. Juntamente com Figelo, «fugitivo», ele *abandonou* a Paulo. Isso pode ter acontecido de maneira doutrinária: ele abandonara a fé cristã. Ou então pode ser compreendido em sentido prático: deixara de ajudar a Paulo e tornara-se um fator adverso à propagação do evangelho. Seja como for, Hermógenes e Figelo abandonaram ao apóstolo Paulo, durante seu segundo período de aprisionamento em Roma, quando ele esperava pelo apoio deles. Talvez tivessem agido assim, por temerem a perseguição, o aprisionamento ou qualquer outro tipo de maltrato por parte das autoridades romanas. Ver II Tim. 1:15. Esses homens, pois, foram mencionados em contraste com o fiel Onesíforo.

No livro apócrifo, *Atos de Paulo e Tecla* (2:1), Demas e Hermógenes aparecem como companheiros de Paulo, mas também como homens extremamente hipócritas. Não é provável que essa obra nos forneça qualquer informação adicional séria sobre Hermógenes; e o que é dito ali alicerça-se sobre meras conjecturas, com base no que diz o Novo Testamento.

HERMÓGENES DE TARSO

Ver o artigo sobre a **Retórica**, oitavo ponto.

HERMOM

No hebraico, «pico». Trata-se de um monte na fronteira extrema do norte de Israel, do outro lado do rio Jordão. Os hebreus conquistaram dos amorreus aquela região (Deu. 3:8). O espigão sul da cadeia dos montes do Antilíbano corre paralelo à cadeia do Líbano, mas separado da mesma pelo vale de Bewaa. O monte Hermom fica nesse espigão. Atinge a altitude de cerca de 2.814 metros acima do nível do mar, sendo o monte mais elevado da Síria. Sua altura permite que esse monte possa ser avistado de quase toda a Palestina, desde o mar Morto. A neve recobre esse monte a maior parte do ano, razão pela qual os árabes chamam-no de *monte de cãs*. A neve que se dissolve nessa área serve de principal suprimento de água do rio Jordão, ou seja, a água que, finalmente, chega ao mar Morto. O monte Hermom é calvo, visto que ali não crescem árvores, da linha de onde chega a neve para cima. Existem dois outros picos montanhosos que não são muito menos altos do que o próprio Hermom, pelo que ali há um grupo de três elevados picos montanhosos.

Desde os tempos do Antigo Testamento, esse monte foi respeitado como um lugar santo. Têm sido encontradas as ruínas de vários templos, em suas faldas. Nesse monte habitam muitas espécies de animais, como lobos, leopardos e o famoso urso da Síria. Abaixo da linha onde chega a neve, há grande abundância de árvores, incluindo o pinheiro, o carvalho e o álamo.

Referências Bíblicas. Os amorreus chamavam esse monte de *Senir*. O termo *Siriom* (uma forma variante) ocorre em Sal. 29:6. *Senir* é o nome que aparece em Deu. 3:9; I Crô. 5:23; Can. 4:8; Eze. 27:5. O trecho de Deu. 4:48 diz «Siom, que é Hermom». A passagem de Can. 4:8 fala sobre o «cume de Senir e de Hermom». O Hermom ficava na fronteira norte do reino dos amorreus (Deu. 3:8 e 4:48), fazendo parte do território chamado «reino de Ogue, em Jos. 12:5 e 13:11. Josué levou as suas conquistas militares até ali (Jos. 11:17; 12:1 e 13:5), e o território da tribo de Manassés chegou a ter ali uma de suas fronteiras. O trecho de Jos. 11:3 localiza os hititas como um povo que habitava no sopé do monte Hermom. Baal era uma divindade adorada ali, pelo menos em certo período da história, conforme aprendemos em Jui. 3:3, onde o lugar é chamado de «monte de Baal-Hermom». Os arqueólogos têm encontrado restos de santuários no pico mais elevado desse monte.

Muitos eruditos supõem que o «alto monte», referido em Mat. 17:1 e Mar. 9:2, ou então «monte», em Luc. 9:28, são referências ao monte Hermom. A narrativa da *transfiguração* de Jesus está em pauta nessas referências.

No período romano, um centro sagrado e pequenos santuários foram construídos em suas faldas. O ponto mais elevado era circundado por uma muralha de tijolos, sendo provável que ali também houvesse um altar, embora, atualmente, não se veja qualquer resto do mesmo. Havia uma câmara escavada na própria rocha, no planalto, sem dúvida com algum propósito religioso. Os habitantes de Panéias e do Líbano contavam com um templo, no cume do monte Hermom. No século X D.C., esse monte tornou-se centro da religião dos drusos. Em Hasbeia, nas suas vertentes ocidentais, foram encontrados os livros

sagrados de uma seita, por um grupo de arqueólogos franceses, em 1860. Os árabes deram ao monte o nome de *Jebel Esh-Sheikh*, isto é, «monte do chefe». Provavelmente, isso deriva-se da circunstância de que foi ali que o principal líder religioso dos drusos fixou residência.

«Não há que duvidar que um dos picos sulistas do Hermom foi a cena da transfiguração. Nosso Senhor viajou desde Betsaida, nas praias noroestes do mar da Galiléia, até às costas de Cesaréia de Filipe. Partindo dali, ele levou os seus discípulos até a uma elevada montanha, onde se transfigurou diante deles. Depois disso, ele retornou a Jerusalém, passando pela Galiléia. Comparar Mar. 8:22-28 com Mar. 9:2-13, 30-33. Durante muitos séculos, uma tradição dos monges atribuiu essa honra ao monte Tabor; mas agora, sabe-se que o verdadeiro monte da transfiguração foi o Hermom» (S, citando Kitto).

HERODES**I. Nome e Caracterização Geral**

Esse nome significa «heróico». Não era o prenome de uma pessoa e, sim, um nome de família. Pertencia a todas as gerações da casa ou dinastia dos Herodes. Josefo chamou Herodes Antipas de Antipas; mas Lucas mostrou-se correto ao chamá-lo de Herodes ou de Herodes, o tetraarca, ou então de Herodes, o tetraarca da Galiléia. Ver Luc. 3:1,19. Josefo também o chamou de Herodes, o tetraarca e de Herodes, o tetraarca da Galiléia. Em *Anti.* 18:2,3 e 7:1, Josefo chama-o de *Antipas*. Essas referências ilustram o uso que se fazia do sobrenome Herodes, o qual veio a designar uma dinastia, e não somente o fundador dessa dinastia, Herodes, o Grande.

Josefo fala, primeiramente, sobre a família Herodes, no início de seu décimo quarto livro sobre as antiguidades judaicas. Nesse livro, em 1:3, ele nos informa de que um dos principais, Hircano, o sumo sacerdote, era um idumeu chamado Antipater. Era conhecido como um homem riquíssimo, e também como um homem turbulento e de espírito sedicioso. Josefo também mencionou fontes informativas que diziam que esse homem, Antipater (que veio a tornar-se Herodes, o Grande), descendia de uma das melhores famílias judaicas que haviam retornado após o cativeiro babilônico, tendo fixado residência em Jerusalém. Porém, o próprio Josefo pensava que tudo isso não passava de fabricação, para lisonjear o orgulho de Herodes e promover suas intenções políticas.

Todos os descendentes de Herodes, o Grande, até à quarta geração, que estiveram ligados ao governo da Palestina, e que são mencionados nas páginas do Novo Testamento, chegaram à história secular com o sobrenome de *Herodes*. Foram eles Herodes Arquelaus, Herodes Antipas, Herodes Filipe II, Herodes Agripa I e Herodes Agripa II.

Os Herodes, portanto, formaram uma dinastia que surgiu quando se acabou o poder dos Macabeus. Ver sobre os *Hasmoneanos*. A Síria e a Palestina foram conquistadas pelos romanos. Antipater (Herodes, o Grande), foi nomeado governador da Iduméia. Ver Josefo, *Anti.* 14:1,3, porção 10. O filho dele também se chamava Antipater (Antipas é uma forma variante), e Josefo considerava-o idumeu de raça. Ver Josefo, *Guerras* 1:6,2, porção 123. Ver também *Anti.* 14:1,3, porção 9. Justino Mártir, em *Diálogo* com Trifo 52:3 e Eusebio, *História* 1.6,2 e 7.11, além de referências no Talmude, com Baba Bathra 3b-4a, e Kidusshing 70b, confirmam essa informação.

HERODES

Antípater, pai de Herodes, o Grande, tornou-se figura importante após a morte de Alexandra, a rainha da família dos Macabeus. Seu filho mais velho, Hircano II, assumiu o poder em 67 A.C. Porém, seu irmão mais ambicioso, Aristóbulo, desfez-se dele, após apenas três anos. Ver Josefo, *Anti.* 15.1,2; 4.7; 6.4, porção 180, *Guerras* 1.5.4, porções 117-119. Hircano, seguindo a síndrome das uvas verdes, afirmou que, na realidade, nunca desejava governar; e, ao que parece, os dois irmãos não se hostilizavam. Aristóbulo tornou-se sumo sacerdote, e também rei. E Antípater, observando todas essas manipulações, resolveu que poderia obter o poder controlando Hircano. Assim sendo, persuadiu-o de que havia sido maltratado, e que deveria retaliar. Hircano, pois, requereu ajuda da parte de Aretas, rei da Arábia. Ver Josefo, *Anti.* 14.1.3-4, porções 8 a 18.

Os romanos, observando todas as lutas e a confusão que resultavam desses choques, em busca do poder, simplesmente fizeram intervenção e se apossaram da Palestina. Isso pôs fim à supremacia dos Macabeus sobre a Judéia. Pompeu declarou guerra contra Aristóbulo. Foram-lhe necessários três meses de batalhas para capturar Jerusalém. Contudo, não saqueou o templo e seus tesouros. Ver Josefo, *Anti.* 14.4.4, porções 69 e 72; Lívio 102; Plutarco, *Pompeu* 39; Dio Cássio, 37.15-17. Antes, reinstalou Hircano como sumo sacerdote (Josefo, *Anti.* 14.5.5, porção 73; *Guerras* 1.7.6, porção 153). No entanto, a cidade de Jerusalém ficou sujeita a Roma, sob o governo de Escauro, que se tornara legado romano da província da Síria.

Entretentes, Antípater era usado pelos romanos, após ter ajudado a derrotar os Hasmoneanos. Casou-se com uma ilustre mulher árabe, de nome Cipros, e teve quatro filhos com ela: Fasael, Herodes, Feroras e uma filha, Salomé. Ver Josefo, *Anti.* 14.7.3, porção 121, e *Guerras* 1.8,9, porção 181.

Hircano e Antípater mostraram-se leais ao partido de César, que derrotou a Pompeu. No Egito, Antípater arriscou a vida em defesa da causa de César (48 — 57 A.C.). César honrou Herodes, tornando-o cidadão romano e nomeando-o como procurador da Judéia. Hircano, por sua vez, teve confirmada a sua posição de sumo sacerdote, tendo recebido o título de etnarca dos judeus. Antípater permaneceu leal a Hircano, embora ele é quem brandisse a autoridade real.

Herodes, o Grande, tornou-se governador da Galiléia com apenas vinte e cinco anos de idade. Entrou em lutas pelo poder, contra Hircano, e acabou sendo julgado por este. Sexto César, governador da Síria, ordenou que Hircano declarasse Herodes inocente, e ele o fez com relutância. Herodes desejou vingar-se do insulto; mas, seu pai e seu irmão aconselharam-no a não lançar mão da violência. E isso produziu dividendos, no tempo certo, quando Hircano recomendou a Antônio que nomeasse Herodes como governador. E foi assim que Antônio nomeou Herodes, tetrarca da Judéia. Ver Josefo, *Guerras* 1.12.5, porções 243 e 244; *Anti.* 14.13.1, porções 324 a 326.

II. Gráfico da Família Herodes

A. Primeira Geração

Herodes, o Grande, filho de Antípater. Nasceu em 72 A.C. e faleceu em 4 A.C. Foi rei da Judéia entre 37 e 4 A.C. Ver Mat. 2:1-19; Luc. 1:5.

Suas principais esposas:

1. *Dóris*, mãe de Antípater. Herodes mandou executar esse seu filho, poucos dias antes de sua própria morte.

2. *Mariamne*, filha de Alexandre e Alexandra, ambos pertencentes à dinastia dos governantes hasmoneanos. Ela foi mãe de Aristóbulo e de Alexandre. Foi executada a mando de Herodes, o Grande, em 29 A.C.

3. *Mariamne*, uma outra esposa do mesmo nome. Era filha de Simão, o sumo sacerdote, e mãe de Herodes Filipe, que foi deserdado. Ver Mat. 14:3 e Mar. 6:17.

4. *Maltace*, de Samaria. Ela foi mãe de Arquelau e de Herodes Antipas. Ver Luc. 3:1,19,20; 13:31-33; 23:7-12; Mar. 6:14-29; Mat. 14:1-11.

5. *Cleópatra* de Jerusalém. Ela era a mãe de Herodes Filipe, o tetrarca. Ver Luc. 3:1.

B. Segunda Geração

Antípater, filho de Dóris, nunca é mencionado no Novo Testamento.

Aristóbulo, filho de Mariamne. Também nunca é mencionado nas páginas do Novo Testamento. Foi executado em 5 A.C.

Alexandre, filho de Mariamne. Também não é mencionado no Novo Testamento, e também foi executado em 5 A.C.

Herodes Filipe, filho da outra Mariamne, filha de Simão, sumo sacerdote. Ele foi o primeiro marido de Herodias. Ver Mat. 14:3 e Mar. 6:17.

Herodes Antipas, filho de Maltace. Foi tetrarca da Galiléia, entre 4 A.C. e 39 D.C. Ver Luc. 3:1,19,20; 13:31-33; 23:7-12; Mar. 6:14-29; Mat. 14:1-11.

Arquelau, filho de Maltace. Foi etnarca da Judéia entre 4 A.C. e 6 D.C. Ver Mat. 2:22.

Herodes Filipe, filho de Cleópatra. Foi tetrarca da Itúria e de Traconites, entre 4 A.C. e 34 D.C. Ver Luc. 3:1.

C. Terceira Geração

Herodes de Calcis, filho de Mariamne. Reinou entre 41 e 48 D.C. Casou-se com duas sobrinhas: Berenice, que o abandonou, e Salomé. Nunca é mencionado no Novo Testamento.

Herodes Agripa I, filho de Mariamne. Foi rei da Judéia de 37 a 44 D.C. Ver Atos 12:1-24.

Herodias, esposa de Herodes Antipas. Ver Mat. 5:17 e 14:3.

D. Quarta Geração

Berenice, que se tornou amante de seu próprio cunhado, embora esposa de Herodes de Calcis. Ver Atos 25:13.

Herodes Agripa II, filho de Herodes Agripa I. Foi tetrarca de Calcis e de certos territórios da parte norte de Israel. Governou de 50 a 70 D.C. Ver Atos 25:11 — 26:32.

Drusila, que se casou com Félix, procurador da Judéia. Pereceu, juntamente com seu filho, por ocasião da erupção do vulcão Vesúvio, em 79 D.C. É mencionada em Atos 24:24.

Salomé, filha de Herodias e do primeiro marido dela, Herodes Filipe. Não é especificamente mencionada no Novo Testamento, mas é identificada com a donzela que dançou, em Mar. 6:22 e Mat. 14:6. Casou-se com seu tio avô, Filipe, o tetrarca.

III. Os Herodes do Novo Testamento

Os diversos Herodes do N.T.:

Apresentamos aqui a descrição dos Herodes dos tempos neotestamentários, com alguma abundância de pormenores:

1. *Herodes, o Grande*. Governante dos judeus de 40 a 4 A.C., nasceu em cerca de 73 A.C. Era idumeu ou edomita, isto é, descendente de Edom, um povo conquistado e levado ao judaísmo por João Hircano,



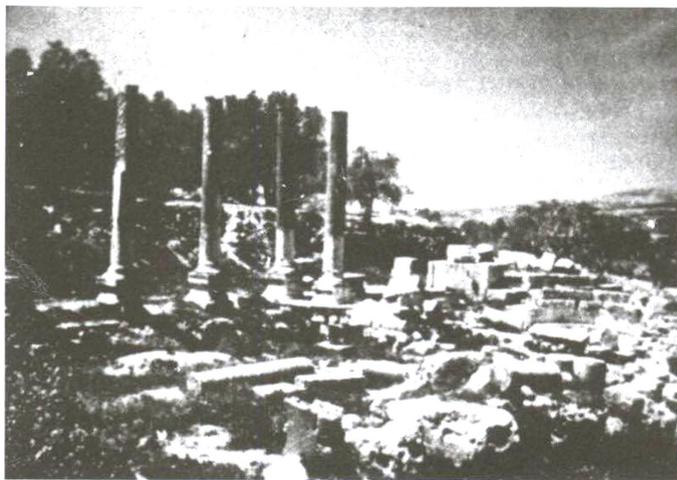
Moeda de Herodes o Grande



Tiara com estrela e palmas de uma moeda de Herodes, o Grande — Cortesia, Baker Book House



Herodes o Grande. Busto encontrado em 1893 pelo Arqueólogo Archimandrate Antony



Ruínas do Palácio de Verão de Herodes (Samaria-Sebaste), — Cortesia, Dr. John F. Walvoord

HERODES

em cerca de 130 A.C. Assim sendo, os Herodes, embora não fossem judeus de nascimento, supostamente eram judeus de religião. A religião era usada, portanto, como veículo para fomento do governo secular, isto é, atendendo aos interesses da família dos Herodes.

Herodes, o Grande foi nomeado *procurador* da Judéia em cerca de 47 A.C. A Galiléia pouco mais tarde também ficou debaixo de seu controle. Após o assassinio de César, Herodes desfrutou das graças de Marco Antônio. O título de Herodes, «rei dos judeus», foi-lhe dado por Antônio e Otávio. Opunha-se politicamente aos descendentes dos Macabeus, os quais, tendo por nome de família o apelativo Hasmom, eram chamados de Hasmoneanos. Estes controlavam Israel antes da dominação romana, e se ressentiam do governo de Herodes. Todavia, Herodes, o Grande, casou-se com uma mulher pertencente a essa família, Mariamne, neta do antigo sumo sacerdote Hircano II, embora essa medida não tivesse posto fim às suspeitas dos principais Hasmoneanos sobreviventes. Por isso mesmo, Herodes, o Grande, foi assassinando um por um até que se livrou de todos eles, incluindo a própria Mariamne, e até mesmo os filhos que teve com ela. Esse foi apenas um dos episódios de assassinios, entre muitos, cometidos por Herodes, o Grande. Foi esse Herodes que perpetrou a matança dos inocentes, em Belém da Judéia (ver Mat. 2) e antes de seu falecimento ordenou que seu próprio filho, Antípater, fosse morto. Outrossim, providenciou para que, após a sua morte, todos os seus nobres fossem assassinados, para que não houvesse falta de lamentadores por ocasião de sua morte. Morreu de uma enfermidade fatal do estômago e dos intestinos.

Por toda parte se tornou famoso por suas notáveis atividades como edificador. E essas atividades foram realizadas não só em seus próprios domínios, mas até mesmo em cidades estrangeiras (por exemplo, Atenas). Em seus próprios territórios ele reedificou Samaria (dando-lhe o nome de Sebaste, em honra ao imperador). Reparou a torre de Estrato, na costa do mar Mediterrâneo, fez ali um porto artificial e o chamou de Cesaréia. Mas a sua obra de arquitetura mais famosa foi a ereção de um magnífico templo em Jerusalém, construído para ultrapassar o de Salomão, tendo conseguido o seu intento, pelo menos em parte. Esse templo substituiu o templo erigido após o cativeiro, embora os judeus considerassem ambos como um só. Alguns escritores antigos dizem que isso foi feito com o fito de pacificar os judeus, devido às suas traições e matanças, que envolveram muitos líderes, incluindo sacerdotes. Entretanto, os judeus jamais puderam lhe perdoar o desaparecimento da família dos Hasmoneanos.

2. Arquelau, chamado de Herodes, o etnarca, em suas moedas. Herodes, o Grande, doou o seu reino a três de seus filhos: A Judéia e a Samaria ficaram com Arquelau (Mat. 2:22), a Galiléia e a Peréia ficaram com Antipas, e os territórios do nordeste couberam a Filipe (ver Luc. 3:1). O imperador Augusto ratificou essas doações. Arquelau era o filho mais velho de Herodes, por sua esposa samaritana, Maltace. Herodes, o Grande, teve o seu programa de edificações continuado por Arquelau, e este parecia resolvido a exceder em crueldade e impiedade ao seu pai. O seu governo tornou-se, finalmente, intolerável, e uma delegação enviada da Judéia e da Samaria conseguiu a remoção de Arquelau. Nessa altura da história, a Judéia tornou-se uma província romana, passando a ser governada por procuradores nomeados pelo imperador.

3. Herodes, o Tetrarca. (Ver Luc. 3:19 e 9:7).

Também era chamado Antipas. Era filho mais novo de Herodes e Maltace. Os distritos da Galiléia e da Peréia eram os seus territórios. É lembrado nos evangelhos por haver preso, encarcerado e executado João Batista, bem como por causa de seu breve encontro com Jesus, quando do julgamento deste (Luc. 23:7). Também se mostrou notável construtor. Edificou a cidade de Tibério. Divorciou-se de sua esposa (filha do rei dos nabateus, Aretas IV), a fim de casar-se com Herodias, esposa de seu meio-irmão, Herodes Filipe, em vista do que João Batista fez oposição. Essa ação foi, finalmente, a causa de sua queda, porquanto Aretas, usando tal coisa como justificativa (talvez válida, aos olhos dele), declarou guerra e derrotou definitivamente a Herodes, o Tetrarca. Esse Herodes terminou os seus dias no exílio.

4. Herodes Agripa, chamado de rei Herodes, em Atos 12:1. Era filho de Aristóbulo e neto de Herodes, o Grande. Era sobrinho de Herodes, o Tetrarca e irmão de Herodias. Após a execução de seus pais, em 7 A.C., foi levado a Roma e ali criado. Teve de abandonar Roma por causa de pesadas dívidas, e subsequentemente foi favorecido por Antipas. Por ter ofendido o imperador Tibério, foi encarcerado, mais tarde, porém, quando esse imperador morreu, foi posto novamente em liberdade. Mais tarde recebeu os territórios do nordeste da Palestina como seus domínios, e quando Antipas, seu tio, foi banido, também ficou com a Galiléia e a Peréia. O imperador Cláudio aumentou uma vez mais os seus territórios, anexando aos seus domínios a Judéia e a Samaria, de tal modo que, Agripa, finalmente, dominou um reino, para todos os efeitos, equivalente aos domínios de seu avô, Herodes, o Grande. Agripa procurou obter o apoio dos judeus, e aparentemente grande foi a medida do sucesso alcançado. Assediou os apóstolos, provavelmente por essa mesma razão (Atos 12:2—e matou Tiago, irmão de João). Sua morte súbita e horrível é registrada por Lucas em Atos 12:23, sendo ali atribuída ao julgamento divino. Seu filho único, também chamado Agripa, passou a governar alguns dos territórios que haviam pertencido a seu pai. Suas duas filhas, Berenice (Atos 25:13) e Drusila (Atos 24:24) foram outras pessoas sobreviventes de sua família.

5. Agripa, filho de Herodes Agripa (nº 4, acima) chamado Herodes Agripa II. Era jovem demais para assumir a liderança, após o falecimento de seu pai. Mais tarde recebeu o título de rei da parte de Cláudio, e passou a governar o norte e o nordeste da Palestina. Mais tarde Nero aumentou os seus territórios. De 48 a 66 D.C., ele exerceu autoridade de nomear os sumos sacerdotes dos judeus. Procurou, com grande empenho, evitar o conflito entre os judeus e os romanos (66 D.C.), mas fracassou na tentativa. Permaneceu fiel a Roma. Nas páginas do N.T. ele é conhecido devido ao seu encontro com o apóstolo Paulo, segundo está registrado em Atos 25:13-26:32. No trecho de Atos 26:28, temos: «Por pouco me persuades a me fazer cristão», embora alguns pensem que a verdadeira tradução seria algo como: «Com bem pouca persuasão pensas em fazer-me cristão?» (tradução da ASV); ou então: «Estás apressado a persuadir-me a fazer de mim um cristão!» (como as traduções GD e WM), porquanto Herodes, evidentemente, proferiu essas palavras em tom de muxoxo, e não seriamente. Ele morreu sem filhos, em cerca de 100 D.C.

Os herodianos eram um partido político que favorecia a dinastia dos Herodes, julgando-os preferíveis ao governo romano direto. Ver o artigo

HERODES — HERODIANOS

sobre os *Herodianos*.

Atos 25:13: Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice vieram a Cesaréia em visita de saudação a Festo.

Temos neste versículo Herodes Agripa II. Esse homem era filho do infame Herodes, perseguidor da igreja, assassino do apóstolo Tiago, e que subsequentemente sofreu horrendo julgamento divino. (Ver o décimo segundo capítulo do livro de Atos quanto a essa história). Quando faleceu o seu genitor, em 44 D.C., Agripa tinha apenas dezessete anos de idade, pelo que também era jovem demais para suceder ao seu pai no trono. Seis anos mais tarde, entretanto, o imperador Cláudio (em 50 D.C.) lhe entregou Calquis, que até então vinha sendo governada por seu tio, que falecera apenas recentemente. Em seguida, dois anos mais tarde, foi transferido para as tetrarquias que anteriormente tinham pertencido aos domínios de Filipe e Lisânia, quando então lhe foi conferido o título de «rei». (Ver Atos 25:13 e 26:2,7). Por conseguinte, Agripa passou a governar territórios que ficavam localizados a nordeste e ao norte da Palestina, isto é, Gaulanitis, Traconites, Auranitis, Batanéia e Ituréia. No ano de 55 D.C., o imperador Nero acrescentou ao reino de Agripa algumas cidades da Galiléia e da Peréia, tendo igualmente recebido o direito de nomear o sumo sacerdote, direito esse que lhe coube de 48 a 66 D.C. Em vista de todos esses favores imperiais, Agripa deu novo nome à capital de seu reino, Cesaréia de Filipe, que passou a chamar-se Nerônias. (Quanto a essa localidade, ver as notas expositivas sobre Atos 10:1 no NT1).

Agripa fez o que lhe estava ao alcance para fazer cessarem as hostilidades entre Israel e Roma. (a famosa *Guerra dos Judeus*), a qual teve início em 66 D.C. Porém, tendo fracassado nestes seus esforços pacificadores, permaneceu leal ao império romano. Após a queda de Jerusalém, ele se retirou para Roma com Berenice, sua irmã. (Ver o artigo sobre *Berenice*). Devido à sua lealdade ao império, a Agripa foi dado ainda um maior território para governar. Agripa faleceu em Roma, em 100 D.C., sem herdeiros, tendo sido o último dos Herodes, tão celebrados na história da Palestina, bem como o seu último monarca.

Esse membro da família dos Herodes, Agripa, só é conhecido nas páginas do N.T. por causa de seus contactos com o apóstolo Paulo, segundo o registro de Atos 25:13—26:29. As ofensas essenciais que Agripa praticou, segundo a opinião dos judeus, foram: a construção de seu palácio em Jerusalém, o que o levou a olvidar-se do templo; as mudanças frequentes e caprichosas de sumos sacerdotes, conforme era de seu direito nomeá-los; e a sua sólida lealdade a Roma, sem jamais ter hesitado nessa atitude.

Bibliografia. AM BUS ND PER Z.

HERODIANOS

Esses eram os **apoladores** da dinastia dos Herodes, instituída por motivo de interesses nacionalistas, a fim de impedir o governo romano direto, que era desprezado quase universalmente pelos judeus. Ordinariamente os herodianos reputavam (ou assim diziam) o sucessor dos Herodes como se fora o Messias. Procuravam conservar a política judaica (isso em acordo com os fariseus). Não eram ordinariamente ortodoxos em suas crenças religiosas (e nisso concordavam com os saduceus). Os herodianos são mencionados como inimigos de Jesus, por uma vez, na Galiléia; e por mais uma vez, em Jerusalém. (Ver Mar. 3:6; 12:13 e Mat. 22:16).

Uniam-se aos fariseus no tocante à questão do pagamento de impostos a um governo estrangeiro, pagamento esse que, segundo a mentalidade judaica, era considerado ilegal.

A identificação desse partido político com o partido religioso que, na literatura rabínica, é chamado de os *Boethusianos*, isto é, aderentes da família de Boethus, cuja filha, Mariamne, foi uma das esposas de Herodes, o Grande e cujos filhos foram criados por ele visando o sumo sacerdócio, atualmente não é bem aceita entre os eruditos.

Os Herodianos eram os partidários da dinastia dos Herodes, instituída por motivo de *interesses nacionalistas*, a fim de ser impedido o governo pagão direto, que sempre foi desprezado pelos judeus. Ordinariamente consideravam (ou pelo menos assim diziam) que a sucessão dos Herodes era o Messias. Procuravam manter a política judaica, e, nessa tentativa, concordavam com os pontos de vista dos fariseus. Na realidade não eram um grupo religioso, e usualmente tendiam a não se mostrar ortodoxos quanto a pontos de vista religiosos, e nisso concordavam mais frequentemente com os saduceus. Davam apoio ao pagamento de tributos aos romanos, ao que os fariseus, como um grupo, se opunham.

A palavra *fariseus* significa *separados*, embora alguns eruditos considerem—que se trata de um vocábulo de origem e de significação incertas. A princípio apareceram como um grupo distinto, pouco depois da revolta dos Macabeus (que livrou os judeus do domínio sírio, em cerca de 140 A.C.). Os fariseus, como agrupamento religioso, ordinariamente procediam do povo comum, em contraste com os saduceus, que usualmente eram elementos provenientes da aristocracia. No começo, o movimento dos fariseus tinha por intuito purificar e defender a crença ortodoxa. Eles eram porta-vozes das opiniões das massas populares. Após alguns anos, porém, o farisaísmo foi invadido por grande acúmulo de legalismo ritualista, que obscureceu o propósito original do movimento, embora muitos indivíduos dentre eles se tenham conservado sinceros e honestamente religiosos. Embora continuassem ortodoxos em suas declarações, gradualmente foram perdendo a presença e a aprovação divinas, e nessa condição não souberam reconhecer o seu Messias, transformando-se, assim, nos principais oponentes de Jesus. Os fariseus, juntamente com os saduceus, perfaziam o principal corpo autorizado dos judeus, civil e religioso, denominado sinédrio.

A combinação desses dois grupos para oferecerem oposição a Jesus é instrutiva, porquanto geralmente se opunham um ao outro quanto à questão do pagamento de impostos às autoridades romanas. Os fariseus se opunham à cobrança de impostos e os herodianos lhe eram favoráveis. Mas, por algum tempo, tendo encontrado um adversário comum, aqueles dois grupos, normalmente inimigos, uniram-se. Não buscavam respostas com sinceridade, mas meramente armavam uma cilada contra Jesus.

Os herodianos, tanto quanto os fariseus, estavam *ansiosos* por se livrarem de Jesus, embora por motivos diferentes. Para eles, ele era um revolucionário político em potencial, que queria perturbar seus planos de restaurar a monarquia judaica. Os falsos líderes não mais buscavam «falsas acusações», mas agora planejavam a morte de Jesus, por meios legais ou ilegais. A opinião antiga de que os herodianos não queriam pagar impostos a Roma, ou se opunham a Jesus porque pensavam que Herodes, o Grande, fosse o Messias, provavelmente é incorreta. Eram simplesmente políticos, que preferiam o governo romano

HERODIÃO — HERODOTAGE

indireto, através da dinastia herodiana, ao governo direto, estando ansiosos por assumir algum poder dessa maneira. Jesus, pois, era obviamente perigoso para os planos deles.

HERODIÃO

Paulo enviou saudações a Herodião, entre outros, conforme o registro de Rom. 16:11. Esse décimo sexto capítulo talvez seja parte genuína da epístola de Paulo aos Romanos, pelo que as pessoas ali saudadas seriam residentes da cidade de Roma. Por outro lado, muitos especialistas crêem que essa lista fazia parte de uma breve epístola enviada à Ásia Menor (Éfeso), que foi anexada à epístola aos Romanos, a fim de ser preservada. Quanto ao problema envolvido, ver o artigo sobre a epístola aos Romanos, oitava seção, *Integridade da Epístola*, em seus últimos parágrafos. Seja como for, no tocante ao próprio Herodião nada sabemos, a não ser aquilo que podemos deduzir do próprio texto sagrado. Ali ele é chamado de «meu parente». Essas palavras podem indicar algum grau de parentesco de sangue com Paulo, mas também podem significar apenas que Herodião era judeu, como o apóstolo. Seu nome talvez sugira que era um dos libertos da casa de Herodes, ou que antes ele seria membro da casa de Aristóbulo. Ver Rom. 16:10.

Hipólito informa-nos de que Herodião tornou-se bispo de Tarso; mas outros afirmam que ele foi bispo de Petra. Tradições dessa natureza, usualmente, não se revestem de grande valor, pois somente visam emprestar posições importantes, a pessoas mencionadas no Novo Testamento, com propósitos dramáticos.

HERODIAS

Ver o artigo geral sobre Herodes. Herodias era filha de Aristóbulo, um dos filhos de Mariamne e de Herodes, o Grande. Era irmã de Herodes Agripa I. Primeiramente casou-se com seu tio, Herodes Filipe, que era filho de Herodes, o Grande, e de outra esposa, que também se chamava Mariamne. Esse Herodes não deve ser confundido com o tetrarca Filipe. Anos depois, casou-se com seu tio, Herodes Antipas. Este era o filho caçula de Herodes e de Maltace, o qual chegou a governar a Galiléia e a Peréia. Esse foi o Herodes que mandou executar João Batista.

De seu primeiro casamento, ela teve uma filha, de nome Salomé. Essa filha casou-se com seu tio-avô, Filipe, o tetrarca. É comum os estudiosos identifiquem Salomé com a jovem que dançou, conforme se vê em Mar. 6:22 ss; mas isso continua sendo debatido pelos eruditos. Antipas foi exilado em 39 D.C. Herodias preferiu acompanhá-lo, em vez de aceitar o favor de Gaio, que lhe permitira permanecer e iniciar uma nova vida, o que ele estava disposto a conceder, por ser amigo de Herodes Agripa (o Herodes do décimo segundo capítulo do livro de Atos). Ele era filho de Aristóbulo e neto de Herodes, o Grande, e irmão de Herodias.

Herodias tornou-se perenemente infame, por causa do papel que desempenhou no caso da execução de João Batista. Herodias e seu marido, Herodes Filipe, residiam em Roma. Estando ela hospedada na casa de Herodes Antipas, ela e Antipas se apaixonaram um pelo outro, e ele acabou persuadindo-a a se casar com ele. Para isso, ele precisou divorciar-se de sua primeira esposa, uma princesa nabatéia, a fim de poder casar-se com Herodias. João Batista denunciou publicamente o casamento de Herodias com Antipas, e acabou aprisionado na fortaleza de Maquero. O ódio de Herodias contra João Batista atingiu um

ponto sem controle, e o resultado foi o pedido que ela fez para que Antipas mandasse executar o profeta, o que sucedeu. Herodias causou a queda e o exílio de Antipas, ao encorajá-lo a buscar exagerado poder político. Quanto à narrativa inteira a respeito, ver o artigo sobre *Herodes Antipas*, e também sobre *Herodes*, terceiro ponto.

HERODIUM

Dois palácios-fortalezas foram construídos por Herodes, o Grande, e receberam esse mesmo nome. Ambos tinham por intuito immortalizar o nome dele. Uma dessas edificações ficava na fronteira entre a Judéia e a Iduméia, em um lugar que, atualmente, não se sabe determinar. A outra ficava cerca de onze quilômetros ao sul de Jerusalém. Uma colina, ali existente, foi aterrada, tornando-se artificialmente ainda mais elevada; e então a fortaleza foi construída no topo da mesma. Várias cidades pequenas foram construídas, com base nesse mesmo esquema arquitetônico, como Alexandrium, Hirânia, Massada, Maquero, Cesaréia e Jericó. A fortaleza chamada *Herodium*, próxima de Jerusalém, foi erigida a fim de comemorar uma vitória de Herodes sobre os partas e os judeus, naquele local (ver Josefo, *Guerras*, 1.13.8). Herodes começou essa construção em 24 A.C., e terminou em 15 A.C.

O Herodium era uma magnífica combinação de estruturas. Havia um grupo de torres que o cercavam. Duzentos degraus de mármore polido levavam até o cimo; apartamentos reais proviam espaço para guardas e visitantes. Palácios foram edificadas no sopé da colina. E também havia outros palácios, tanques e terraços. Um aqueduto trazia água para ali, de longa distância. Ver Josefo, *Anti*. 15:9.4; *Guerras* 1:21,10.

Ali ocorreram eventos significativos. Simão, um líder dos judeus rebeldes, enviou Eleazar a fim de exigir a rendição do Herodium; mas os defensores não aceitaram a ordem. Ver Josefo, *Guerras* 4:9.5. Além disso, o Herodium foi um dos três últimos refúgios dos judeus, quando os romanos avançaram a fim de abafar a rebelião, cujo resultado foi a ruína da cidade de Jerusalém, em 70 D.C. O próprio Herodium foi destruído em 72 D.C. Ver Josefo, *Guerras* 4:9,10.

Os arqueólogos começaram a escavar o local em 1962. Essas escavações demonstraram que o lugar tornou-se ocupado no século V D.C. Muitos objetos interessantes foram ali encontrados, incluindo máquinas romanas de cerco, ostraca com escrita em grego e em hebraico, pontas de flechas, decorações de parede em gesso e sistemas de banho romanos. Informes registrados em rolos de papiro, relacionados a Bar-Cochba, mostram-nos que ele se utilizou do Herodium para armazenar cereais para as suas tropas. Presume-se que Herodes foi ali sepultado; mas até agora, seu túmulo ainda não foi encontrado.

HERODOTAGE

Essa palavra refere-se à literatura antropológica que aborda os hábitos, os costumes, as crenças e as culturas humanas, comparando-os uns com os outros. O vocábulo começou a ser usado em alusão a Heródoto (vide), o qual proveu esse tipo de material em seus relatos históricos. Por exemplo, ele proveu narrativas comparativas detalhadas acerca de costumes de sepultamento. Alguns povos antigos cremavam os seus mortos; outros, comiam-nos; e outros, sepultavam-nos. E assim por diante. Ver sobre Heródoto, *História* 3.37.38.

HERÓDOTO — HESÍODO

HERÓDOTO

Ele foi um historiador grego, cognominado de «pai da história». Nasceu em 484 e faleceu em 424 A.C. É mais famoso por causa de suas *Histórias*, uma coleção de nove livros que abordam vários aspectos da história do império persa, e suas guerras contra a Macedônia.

Heródoto nasceu em Halicarnasso, na Ásia Menor. Foi testemunha da ocupação da Grécia jônica pelos persas. Foi expulso de sua casa por razões políticas, e começou a viajar extensamente pelo mundo antigo. Finalmente, se estabeleceu em Turi, na Itália, onde acabou falecendo. Desde há muito os estudiosos vêm debatendo o valor dos registros *históricos* que ele deixou. Sabemos que ele inventava diálogos, pois era mais um novelista do que mesmo um historiador. Também narrou muitos relatos pessoais interessantes, incluindo até mesmo lendas em sua obra. Não obstante, a arqueologia tem demonstrado a autenticidade de muito de sua história, pelo que, apesar de ter sido um historiador novelista, pode ser classificado, com razão, como um dos grandes historiadores da humanidade.

Heródoto alicerça-se sobre um tema moral subjacente, em sua história sobre as guerras grego-persas. Ele supunha que o orgulho despertava a ira dos deuses, e que essa teria sido a razão principal pela qual os gregos foram capazes de derrotar os persas, muito superiores em número. Os estudiosos da Bíblia extraem muitas informações dos escritos de Heródoto no tocante a questões abordadas no Antigo Testamento, sobretudo no que diz respeito a características culturais especiais dos gregos e dos persas. Qualquer comentário ou enciclopédia bíblica, naturalmente, deve incluir um bom número de referências a Heródoto.

HESBOM

Nome hebraico, «prestação de contas». Alguns estudiosos também pensam no significado «inteligência», para esse nome. Hesbom era uma cidade na porção sul do território dos hebreus, do outro lado do rio Jordão. Ficava cerca de vinte e nove quilômetros a leste do rio Jordão, cerca de oitenta quilômetros a leste de Jerusalém, e catorze quilômetros e meio ao norte de Madaba, localizada entre os riachos Jaboque e Arnom. O trecho de Núm. 21:25-30 informa-nos de que, originalmente, a cidade pertencia aos moabitais. Seom, rei dos amorreus, conquistou a cidade, fazendo dela a sua capital. Posteriormente, os israelitas apossaram-se da cidade, quando estavam a caminho de Canaã. Depois que o povo de Israel estabeleceu-se na Terra Santa, Hesbom ficou na fronteira dos territórios das tribos de Rúben e de Gade, embora conferida à tribo de Rúben (Núm. 32:37). Eles a reconstruíram. Tempos depois, os homens da tribo de Gade tomaram conta dela, entregando-a a levitas meraritas como sua possessão (Jos. 21:39; I Crô. 6:81). Passado algum tempo, os moabitais tornaram a conquistar a cidade, fato esse mencionado nas denúncias de dois profetas (Isa. 15:4; 16:8,9; Jer. 48:2,34,45 e 49:3).

A moderna aldeia de Hesban assinala o local antigo. Os arqueólogos têm encontrado ruínas ali, principalmente da época da ocupação romana. Essas ruínas cobrem os lados de uma colina, de onde se enxerga um largo território, e de onde ruínas de outras antigas cidades também podem ser vistas. Um reservatório de água, em ruínas, talvez esteja associado às «piscinas de Hesbom», mencionadas em Can. 7:4. Antigos condutos de água têm sido

encontrados ali. Sem dúvida, faziam parte do sistema incorporado àquelas piscinas. Esses condutos ficam no wadi Hesban, que flui perto da cidade, quando caem chuvas.

HESÍODO

Poeta grego do século VIII A.C. Nasceu em Ascra, na Boetia, porção leste central da Grécia, capital de Levadia, onde houve uma antiga república. Aparentemente, ele trabalhou como pastor e sua poesia falava sobre o seu trabalho. Posteriormente, ele resolveu falar sobre os deuses. Geralmente, pensa-se que ele viveu na geração seguinte à de Homero. As obras de Homero representavam um ponto culminante na técnica das composições orais dos cantores, com uma excelente poesia, acompanhada pela música da harpa. Hesíodo, porém, já representa uma época em que os cantores estavam sendo substituídos, pouco a pouco, por meros recitadores. Registros escritos também estavam tomando o lugar da preservação oral da recitação. O trabalho de Hesíodo era, artificialmente, inferior ao de Homero; mas Hesíodo introduziu novos estilos de composição escrita. Suas duas obras principais são a *Teogonia* (Origem dos Deuses) *Obras e Dias*. Também é bem possível que *O Catálogo das Heroínas* tenha sido de sua autoria.

Termos, Idéias e Filosofia de Hesíodo:

1. Hesíodo fazia o contraste entre a *Ordem* e o *Caos*, dizendo que a *Ordem* procedera do *Caos* mediante o poder do deus *Eros*. Nisso achamos uma espécie de controle *teísta* das coisas, com o predomínio do princípio do amor, de modo geral, o que resultaria, afinal, na boa ordem de todas as coisas.

2. O passado era glorificado por Hesíodo, como se tivesse sido a *era áurea*. Depois disso, segundo ele pensava, teria havido a deterioração da cultura, fazendo a era áurea ceder lugar à era argentina (de prata), daí para a era do bronze, e, finalmente, para a era do ferro. Naturalmente, o presente (que coincidia com os seus próprios dias) seria a pior de todas as épocas. Entretanto, as predições bíblicas fazem-nos entender que a era áurea ainda jaz no futuro, quando houver a intervenção divina, mediante a segunda vinda de Cristo à terra.

3. Em sua *Teogonia*, Hesíodo traçou uma antiga teologia, que incluía inúmeras lendas, mitos e especulações. Essa obra consta de cerca de mil linhas em versos de estilo *hexâmetro dactílico*. Esse poema teria sido dado por *inspiração* divina (uma visita das musas teria provido tal inspiração). Essa obra procura sintetizar os muitos cultos e mitos gregos conflitantes, os muitos elementos que fazem parte das culturas micena, anatólia e mesopotâmica. A *conclusão* do poema celebra o triunfo dos deuses do Olimpo, encabeçados por Zeus, que é ali descrito como o *supremo deus da justiça*. Ele se tornou o deus principal ao triunfar sobre Urano e Cronos, seus injustos antecessores. Ao derrotar as terríveis forças dos titãs e de Tifom, que ameaçavam a ordem universal, Zeus tornou-se um governante supremo universal e justo. Nisso vemos um esforço para purificar a fé religiosa, retirando dela as coisas horríveis que o povo atribuía às divindades. A despeito disso, coisas horríveis continuaram sendo ditas acerca de Zeus, de tal maneira que os leitores das obras clássicas não podem descobrir em que sentido ele era superior aos seus antecessores, exceto, talvez, que teria mais poder do que eles. Portanto, a força era o direito. Hesíodo, porém, abordou o *problema do mal* (vide). Isso transparece em seu

HESMOM — HEVEUS

mito *Prometeu-Pandora*. Muitos teólogos cristãos vêem, no Novo Testamento, uma purificação do conceito de Deus em comparação com o Antigo Testamento. A necessidade de tal purificação foi uma das forças que atuaram por detrás do desenvolvimento da chamada *interpretação alegórica* (vide).

HESMOM

No hebraico, *gordura*. Esse era o nome de uma cidade do território de Judá mencionada em Jos. 15:27. Ficava na porção sudeste de Judá, perto de Bete-Pelete. Alguns estudiosos pensam que esse seria o lugar do nascimento dos *hasmoneanos* (vide). Nesse caso, ou eles teriam recebido o nome de família com base nessa cidade, ou então, muito menos provavelmente, a cidade teria adquirido seu nome por causa deles. Josefo usou o termo *hasmoneano* a fim de referir-se à família dos *Macabeus* (*Anti.* 12.6,1).

HÉSTIA

Esse era o nome da imaginária irmã de Zeus, a deusa virgem da «lareira» (exatamente o que o seu nome significa). Ela veio a ser reputada como uma espécie de protetora do lar e da cidade. Eram-lhe oferecidas libações, que assinalavam o começo e o fim dos sacrifícios dedicados em sua honra. A fim de conseguir as boas graças da deusa, cada colônia local tomava fogo sagrado da fornalha da cidade antiga para a nova cidade, transferindo assim as bênçãos de Héstia para a nova localidade. Ela não estaria interessada na guerra, mas protegeria as famílias e as cidades. Poucas lendas desenvolveram-se em torno dela. *Vesta* era a deusa romana equivalente a Héstia.

HETE

Alguns preferem a transliteração portuguesa *Quete*. Trata-se da oitava letra do alfabeto hebraico. Ver o artigo sobre o *Alfabeto*. Aparece também no começo da oitava seção do Salmo 119. Cada letra dessa seção começa com essa letra, um antigo artifício literário para efeito de memorização.

HETE

No hebraico, «terror», «medo». Esse era o nome do antepassado dos hititas. Ele era o filho mais velho de Canaã, e habitava na parte sul da Terra Prometida, perto de Hebrom (Gên. 10:15; 23:3,7 e 25:10). Efrom, ou Hebrom, era descendente de Hete. Nos dias de Abraão, Hebrom era um lugar habitado pelos descendentes de Hete. Alguns estudiosos têm conjecturado de que havia uma cidade chamada Hete; mas nenhuma evidência tem sido achada para consubstanciar tal suposição. As esposas de Esaú foram chamadas «filhas de Hete» (Gên. 27:46), embora algumas traduções digam ali «hititas». Esse povo é mencionado por ocasião da compra da caverna de Macpela, por Abraão, para ser usada como sepulcro da família (Gên. 23; 25:10; 49:32). O fato de Rebeca aconselhar Jacó a não se casar com alguma mulher hitita (Gên. 26:46 e 28:1), mostra-nos que os hebreus e os hititas não se ajustavam bem um ao outro.

HETERODOXIA

Essa palavra vem de dois termos gregos, *héteros*, «outro, de espécie diferente», e *doxa*, «opinião». Uma

opinião heterodoxa é uma opinião que se opõe a uma opinião ortodoxa. Antes de poder ser definido aquilo que é heterodoxo, é preciso que se tenha um padrão de ortodoxia. Como é óbvio, várias denominações cristãs são acusadas por outras denominações de embalsamarem opiniões heterodoxas, e vice-versa, o que também ocorre no caso de idéias heréticas. A Bíblia é usada como padrão, mas os defensores de opiniões contraditórias conseguem acusar-se mutuamente. A palavra «heterodoxia», com frequência, é usada como sinônimo de «heresia»; mas outras vezes, indica apenas um grau secundário de desvio, ou de algum desvio sobre questões de pouca importância, em comparação com o que está envolvido nas heresias. Ver o artigo detalhado sobre *Heresia*.

HETERONOMIA

Um termo usado na ética a fim de designar alguma lei imposta sobre alguém, por alguma força externa. Os termos gregos envolvidos são *héteros*, «outro, de espécie diferente», e *nomos*, «lei». Kant empregava esse vocabulário para referir-se a qualquer princípio que determina ações morais, que não se originem na vontade racional do agente. Assim, a conduta torna-se *heterônima* quando se alicerça sobre as emoções, os desejos, os prazeres, os afetos, ou a vontade de outrem. O teólogo Tillich (vide) aplicava o termo a uma forma de raciocínio falaz, alicerçado sobre algum princípio fora de si mesmo.

HETEUS

Ver sobre *Hititas*, *Heteus*.

HETLOM

No hebraico, «embrulhada». Uma cidade mencionada em Eze. 47:15 e 48:1. Alguns estudiosos pensam que o nome significa «fortificada». Essa cidade marcava a fronteira norte de Israel. No livro de Ezequiel, essa cidade aparece como o marco fronteiro *ideal*, o que significa que, na verdade, não era assim. O lugar é desconhecido, embora alguns tenham pensado na moderna Heitela, a nordeste de Trípolis.

HEURÍSTICO

Esse termo indica qualquer coisa que tende a indicar ou estipular uma *investigação*. Deriva-se do verbo grego que significa «encontrar». O processo heurístico, com frequência, envolve uma questão de tentativa e erro, o acúmulo de evidências e a obtenção de conclusões, por esses meios. Dentro da lógica moderna, essa palavra descreve um processo mediante o qual alguém espera encontrar solução para algum problema, embora isso não garanta um sucesso indiscutível.

HEVEUS

No hebraico quer dizer *aldeões*. Um povo que descendia de Canaã (ver Gên. 10:17), e que originalmente ocupava a porção mais ao sul daquele território da Palestina, paralela à costa do Mediterrâneo, que os filisteus ou catorinos posteriormente ocuparam (ver Deu. 2:23). Visto que o território dos heveus é mencionado em Josué 13:3, em adição a cinco estados filisteus, parece que o mesmo não estava incluído no território desses últimos, e que a expulsão dos heveus deveu-se a uma invasão filistéia antes daquela mediante a qual os cinco principados filisteus

HEXAPLA — HEXATEUCO

foram fundados. O território deles começava em Gaza e se estendia para o sul, até o rio do Egito (ver Deu. 2:23), formando aquele que se tornou o reino unido dos filisteus de Gerar, na época de Abraão, quando não ouvimos falar sobre uma variedade de estados filisteus. Lemos em Deuteronômio 2:23 que a pátria original dos heveus chamava-se Hazerim, conforme algumas versões. Mas, na Bíblia portuguesa, nesse último trecho citado, o nome deles é grafado *aveus*.

HEXAPLA

Vem de um vocábulo grego que significa «sêxtuplo». Refere-se a uma edição das Sagradas Escrituras que contém seis versões diferentes em colunas paralelas, especialmente uma coletânea de versões hebraicas e gregas do Antigo Testamento, arranjadas desse modo. Orígenes produziu uma hexapla que se tornou famosa, no século III D.C. Ver sobre *Bíblia Políglota*.

HEXATEUCO

Essa palavra vem do grego *hex*, «seis», e *teuchos*, «rolo», «livro», «instrumento». A referência é aos cinco primeiros livros da Bíblia, que alguns eruditos vieram a considerar uma unidade natural, da mesma maneira que o Pentateuco refere-se aos cinco primeiros livros da Bíblia. Esses cinco livros são tidos como uma unidade natural, visto que a tradição judaica piedosa atribuía todos eles a um único autor, Moisés. Esses cinco livros, pois, vieram a adquirir uma autoridade impar, sendo chamados de cinco livros de Moisés ou *Tora*. Esses livros contam a história da origem das coisas e a doação da lei, em que a espiritualidade e os pontos distintivos dos hebreus vieram à existência.

Adição de Um Outro Livro aos Cinco. No século XVII, alguns eruditos começaram a examinar o conteúdo dos cinco livros, à luz de suas promessas ainda não cumpridas, mas que foram cumpridas no livro de Josué. A eles pareceu que o Pentateuco era incompleto, a menos que se adicionasse o livro de Josué. No século XIX, os estudiosos haviam concluído que esses livros haviam sido compostos com base em quatro documentos primitivos, designados pelas letras J.E.D.P.(S.). Isso indica uma característica essencial de cada suposto documento original. Essas letras significam: *J* (aqueles escritos onde Deus é comumente conhecido pelo título Yahweh ou Jeová, o que indicaria um escritor específico ou uma escola específica de escritores, que não estiveram envolvidos nas outras porções que vieram a fazer parte do Pentateuco e do Hexateuco). *E* (aqueles escritos em que o nome divino comum é Elohim, o que, novamente, ao que se presume, teriam sido preparados por outros escritores, que teriam favorecido esse nome divino). *D* (o autor da lei reiterada, a saber, do livro de Deuteronômio). *S* (sacerdotal, que apontaria para o autor ou autores que nos deram os textos que tratam sobre o sacerdócio levítico, suas leis, regulamentos, etc.). Há quatro artigos, nesta enciclopédia, intitulados *J.E.D.P.(S.)*, onde ofereço descrições mais completas sobre os materiais envolvidos em cada um desses supostos documentos. Ver também o artigo intitulado *Código Sacerdotal*, quanto ao material que faria parte do suposto documento *S*. Ver sobre *J.E.D.P.(S.)*.

Há eruditos que acreditam que Josué também esteve envolvido nessas fontes informativas, pelo que deveriam ser consideradas uma parte natural de uma unidade formada por seis livros. Em anos recentes, a

teoria dos documentos J.E.D.P.(S.) tem sido posta em dúvida quanto a muitos pontos. Alguns eruditos pensam que a teoria não ultrapassa o livro de Números. Além disso, *D* não aparece antes de Deuteronômio, mas continua até o fim de II Reis. Por essas razões, outras classificações têm aparecido, como a do Tetrateuco (os quatro primeiros livros da Bíblia considerados como uma unidade), que teria sido uma conclusão que foi perdida, ou então que foi incorporada nos livros de Josué e Juizes. Ademais, a *narrativa deuteronômica* tem sido considerada por alguns como um relato que vai desde o Deuteronômio até II Reis, inclusive, o que significaria que esses livros estariam alicerçados sobre fontes informativas separadas.

Se, antigamente, houve tal coisa como um *hexateuco*, pode-se supor que, posteriormente, Josué foi um livro que recebeu uma posição subordinada, por lhe faltarem a teologia, os ritos e as instituições que distinguem o judaísmo. Sua história de intermináveis conquistas, de derramamento de sangue e de crueldades, embora muito importante com propósitos históricos, talvez tenha sido reputada fora de sintonia com os livros anteriores, impedindo-o de formar uma unidade literária juntamente com os mesmos. Nesse caso, o *Pentateuco* elevou-se acima de outros escritos sagrados e tornou-se a base do judaísmo inteiro, a *Tora*. Se isso, realmente, sucedeu, então o Hexateuco era a unidade literária original, e o Pentateuco surgiu mais tarde, por razões teológicas.

Os labores dos estudiosos, que têm procurado descobrir vários níveis de fontes informativas, e um certo número de autores para o Hexateuco, sem dúvida, têm produzido alguns resultados positivos, do ponto de vista bíblico e histórico. No entanto, há muitas teorias em conflito umas com as outras, e não podemos pensar que aquilo que eles têm feito é destituído de erro, final. Certo autor descobriu nada menos de dezoito escritores e editores no Hexateuco! Podemos estar certos de que houve pouco mais de dois ou três, e que também houve trabalho de editoração. Porém, mais do que isso já resulta de pura especulação.

Os eruditos que defendem a natureza ímpar do Pentateuco, oferecem para isso as seguintes razões:

1. Josué, naturalmente, é continuação e incorporação de muito material proveniente do Pentateuco; mas, nem os judeus e nem os samaritanos lhe deram posição de igual importância aos cinco primeiros livros. Os samaritanos talvez ansiassem por exaltar o livro de Josué, visto que encerra possíveis textos de prova que favorecem o monte Gerizim, acima de Sião, como o centro legítimo da adoração. Há muita coisa no livro de Josué para recomendar o nacionalismo samaritano. O próprio Josué era um herói efraimita, que convocou as doze tribos para se reunirem a ele em Siquém, à sombra do monte Gerizim (Jos. 8:32). Importantes eventos ocorreram ali, conforme está registrado no livro de Josué; e, no entanto, os samaritanos apegaram-se ao Pentateuco como sua autoridade maior.

2. A tradição que apoiava a autoria mosaica do Pentateuco não incorporava o livro de Josué. Sem importar o que pensamos sobre a exatidão dessa tradição, pelo menos ela mostra que ao livro de Josué conferiu-se uma posição inferior, em relação ao Pentateuco. Apesar de todas as suas virtudes, Josué não foi um legislador inspirado, embora tivesse sido um fidelíssimo executor da *Tora*.

••• ••• •••

HEZIOM — HIDASPES

HEZIOM

No hebraico, «visão». Esse era um rei da Síria, pai de Tabrimom (I Reis 15:18). Alguns estudiosos pensam que ele é o mesmo Rezom, filho de Eliada (I Reis 11:23). No texto hebraico original, Heziom e Rezom são nomes extremamente parecidos entre si. Ele viveu em algum tempo, antes de 928 A.C.

HEZIR

No hebraico, «porco». Esse era o nome de duas pessoas, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um sacerdote encarregado do décimo sétimo turno, dentre os vinte e quatro turnos de sacerdotes que cuidavam do templo de Jerusalém. Ele viveu na época da Davi (I Crô. 24:15), ou seja, por volta de 1014 A.C.

2. Nome de um homem cuja família retornou do cativeiro babilônico, e que veio residir em Jerusalém. Ele assinou o pacto com Neemias (Nee. 10:20). Viveu por volta de 410 A.C.

HEZRAI

Ver sobre **Hezro**.

HEZRO

No hebraico, «ambiente cercado», uma forma alternativa de Hezrai, que aparece em I Crô. 11:37. Esta última forma ocorre em II Sam. 23:35. Ele foi um dos trinta poderosos guerreiros de Davi. Era carmelita. Viveu por volta de 1046 A.C.

HEZROM

No hebraico, «cercado» ou «murado». Esse é o nome de duas personagens e de uma localidade, no Antigo Testamento:

1. Um filho de Rúben, filho de Jacó (Gên. 46:9; Êxo. 6:14; I Crô. 4:1; 5:3). Foi o fundador de uma família conhecida por seu nome (Núm. 26:6). Viveu por volta de 1874 A.C.

2. Um filho de Perez e antepassado de Davi (Gên. 46:12; Rute 4:18). Viveu por volta de 1856 A.C.

3. Uma cidade perto da fronteira sul do território de Judá (Josué 15:3). Ficava entre Cades-Barnéia e Adar. O trecho de Núm. 34:4 a chama de Hazar-Hadar.

HICSOS

Os hicsos formavam um corpo misto de vários povos, que, vindos da região da Síria, entraram no Egito, no século XVIII A.C. Só foram, finalmente, expulsos da região do delta do Nilo em cerca de 1580 A.C., pelo Faraó Amose I, fundador da XVIII Dinastia egípcia.

«Hicsos» é uma transliteração do egípcio, com o sentido de «governantes de terras estrangeiras». Apesar de misturados, parece que a herança racial principal deles era formada por semitas da região noroeste ocupada pelos descendentes de Sem. Eles governaram o Egito, constituindo as dinastias XV e XVI. Sua capital era em Avaris-Tânis, no delta do rio Nilo. Até onde se sabe, foi Meneto, um historiador egípcio do século III A.C., quem os chamou, pela primeira vez, pelo nome de *hicsos*. Alguns estudiosos interpretam tal nome como «reis pastores». O termo egípcio *shushu* (pastores), tem sido confundido como *shosu* (terras estrangeiras).

As idéias mais antigas sobre esse povo incluíam as noções de que eles teriam sido um povo asiático muito numeroso, etnicamente distinto, muito habilidoso nas artes da guerra sabendo usar carros de combate puxados a cavalo, e que havia entrado no Egito como um furacão. Mas as descobertas feitas por estudiosos recentes mostram-nos que houve apenas uma mudança de governantes em um Egito debilitado, no fim do Reino Médio. Primeiramente, houve um processo de infiltração lenta, antes que houvesse a invasão por um número maior de hicsos, até que o equilíbrio de poder pendeu para o lado dos hicsos, às expensas dos egípcios. Primeiro eles se apossaram do delta do Nilo e dessa cabeça de ponte, finalmente se espalharam por todo o Egito, dominando-o inteiramente. Assim, entraram elementos asiáticos na cultura egípcia, embora mesmo assim prevalecessem as características da cultura egípcia.

Parece que, realmente, foi nessa época que houve a introdução do carro de guerra puxado a cavalo, no Egito. Os hicsos usavam armas de bronze, bem como o arco composto, que trouxeram da Ásia. Mas os egípcios adotaram essas novas armas e, de fato, quando se revoltaram contra os hicsos, séculos depois, se utilizaram desse armamento superior.

Alguns eruditos creem que o começo da carreira de José, filho de Jacó, no Egito, deve ter coincidido com a XIV Dinastia egípcia e com o começo do período de dominação dos hicsos. As evidências arqueológicas mostram-nos que eles exerceram alguma influência sobre a Palestina. Construíam espaçosos abrigos de barro para os seus cavalos, um tipo de construção que os arqueólogos também têm encontrado em Jericó, em Siquém, em Laquis e em Tell el-Ajjul. Os hicsos também levantaram muitos templos em honra a Baal, e a deusa-mãe também parece haver sido reverenciada por eles. Objetos de adoração dos hicsos, como figurinhas nuas, serpentes e pombas têm sido desenterrados pelos arqueólogos. Os governantes hicsos adotaram o estilo faraônico, chegando mesmo a se chamarem de filhos de Rá, um dos títulos que os Faraós davam a si mesmos. A adoração do grande deus dos hicsos, Baal, não era vista como legítima pelos egípcios. Há antiqüíssimos escaravinhos que indicam que certos estrangeiros galgaram a postos administrativos importantes no Egito; e isso ajusta-se bem ao caso de José, embora tais escaravinhos (vide) nada tenham a ver diretamente com ele. (AM E SET)

HIDAI

Alguns estudiosos pensam que o sentido desse nome é desconhecido; mas outros opinam que significa «poderoso» ou «chefe». Esse era o nome de um dos trinta poderosos guerreiros de Davi (II Sam. 23:30). Ele era efraimita, da área dos bosques de Gaás. No trecho paralelo de I Crô. 11:32, ele é chamado Hurai. É possível que Hidai seja uma forma corrupta de Hurai, embora não se conheçam as razões para tal variante.

HIDASPES

No trecho de Judite 1:6 (um livro apócrifo), há um rio com esse nome, mencionado juntamente com os rios Tigre e Eufrates, associado a Elimaís, o que é um indício que nos permite localizar tal rio como próximo do golfo Pérsico. A versão siríaca diz ali Ulai. O trecho canônico de Daniel 8:2 localiza o rio Ulai no Elão. Como é clato, o nome desse rio, Hidaspes, não aparece no cânon palestino do Antigo Testamento.

••• ••• •••

HIDEQUEL — HIERÁPOLIS

HIDEQUEL

Nome de um dos rios que bannavam o jardim do Éden (Gên. 2:14). Aparentemente, era nome equivalente ao Tigre (ou então, era um nome que os hebreus davam a esse rio). Visto que as descrições dadas naquele trecho não se ajustam à topografia atual, qualquer identificação é simplesmente impossível. Os eruditos liberais supõem que a passagem é poética e parcialmente imaginária, pelo que nenhuma localização específica teria de ser determinada. Antes, qualquer tentativa nesse sentido seria fútil.

HIDROPISIA

Ver o artigo sobre *Doenças*.

HIEL

No hebraico, «vida de Deus». Esse era o nome de um homem nativo de Betel, que reconstruiu Jericó, mais de quinhentos anos após a sua destruição, quando Israel conquistou a Terra Prometida. Ele viveu no tempo de Acabe, rei de Israel. Ao reconstruir a cidade, ficou sujeito à maldição que fora proferida contra ela (ver I Reis 16:34). Essa maldição predizia a morte do primogênito do homem que reconstruísse Jericó, e Hiel perdeu dois filhos, enquanto reconstruía a cidade. Um terceiro filho morreu, ao terminar a construção. Isso teve lugar por volta de 915 A.C. Alguns estudiosos supõem que Hiel sacrificou seus filhos em holocaustos, e assim cumpriu pessoalmente a maldição, talvez na esperança de que nada além disso sucederia a ele e ao seu projeto, se assim fizesse. Porém, esses filhos também podem ter morrido de enfermidade, ou por causa de algum acidente. Seja como for, a maldição teve cumprimento. E, além disso, Jericó continuou sendo uma cidade importante por muitos séculos depois disso.

HIENAS

No hebraico, *lylīm*, um vocábulo que aparece somente por três vezes, em Isa. 13:22; 34:14 e Jer. 50:39. As traduções variam muito quanto ao sentido dessa palavra, indo desde o lobo até a alguma ave de rapina. Entretanto, a tradução «hiena», escolhida por nossa versão portuguesa, parece ser a mais acertada, segundo vários estudiosos modernos, embora não haja certeza absoluta quanto a isso.

Em uma outra passagem — Jer. 12:9 — onde aparece o termo hebraico *isabua*, que nossa versão portuguesa traduz por «ave de rapina», os rabinos, nos escritos talmúdicos, traduziram por «hiena», e isso tem causado considerável confusão entre os eruditos modernos. Em uma outra passagem, I Sam. 13:18, a expressão «vale de Zeboim» poderia ser traduzida por «vale das hienas», visto que a mesma raiz hebraica está em foco.

A hiena é um animal carnívoro, que se alimenta de cadáveres, mais encorpado que o lobo. Tem cabeça grande, queixadas poderosas e as pernas dianteiras são bem mais compridas que as traseiras. A espécie de hiena mais comum, que vive na Palestina, é malhada. Seu habitat vai desde a Índia, passando pelo sudoeste da Ásia e chegando até o leste e o norte da África. Em nossos dias, a população de hienas na Palestina está extremamente reduzida.

A hiena é um animal muito ousado, que caça em bandos pequenos, fazendo como presa até mesmo as zebras, além de muitos outros animais. Além de se alimentar de animais mortos, também causa muitos

estragos na fauna viva. Usualmente tem um a quatro filhotes por ano. Seu período de gestação é de três meses. A hiena pode viver até cerca de vinte e cinco anos.

HIERÁPOLIS (ÁSIA MENOR)

Ver Col. 4:13.

Ficava cerca de dezesseis quilômetros de Colossos, quase na direção norte, ao passo que Laodicéia ficava entre o norte e o leste. Hierápolis era cidade da província romana da Ásia, no ocidente do que atualmente é a Turquia. Ficava somente cerca de dez quilômetros ao norte de Laodicéia, no lado oposto do vale do rio Lico. Fora edificada em redor de copiosas fontes termais, famosas por suas propriedades medicinais. Um escapamento subterrâneo de gases venenosos foi tapado pelos cristãos, no século IV D.C. Essas características naturais criaram, em Hierápolis, várias formas de cultos pagãos, desde os tempos mais antigos. Hierápolis não tinha qualquer importância comercial; — dependia de sua vizinha maior, Laodicéia.

Polícrates, bispo de Éfeso em 190 D.C., citou uma tradição que asseverava que o apóstolo Filipe vivera, pregara e fora sepultado ali, mas não há como confirmar tal coisa. Atualmente, há uma pequena aldeia, chamada Ecirlicói, localizada nas proximidades, no sopé de uma espetacular elevação de pedra calcária, que tem resultado de depósitos feitos pelas fontes termais, através dos milênios.

Este versículo sugere que essas três cidades, que formavam uma triada geográfica, estavam sob o ataque de perigos comuns, da parte de falsos mestres; e, tendo resultado dos esforços de Epafras, todas elas muito o preocupavam.

A Cidade Sagrada

No grego, «cidade sagrada». Uma cidade da antiga Frígia. Ficava cerca de dezesseis quilômetros a nordeste da moderna cidade de Denizli, no sudoeste da Turquia. A cidade que atualmente ocupa o local chama-se Pamucale. Hierápolis ficava a dez ou onze quilômetros a nordeste de Laodicéia, e cerca de dezesseis quilômetros ao norte de Colossos. O Novo Testamento menciona três cidades do vale do rio Lico: Laodicéia, Colossos e Hierápolis. Ver Col. 1:2 e 4:13. Esse vale era importante para o sistema de comunicações da península, e era a principal rota comercial que partia das margens do mar Egeu ao rio Eufrates, passando por Éfeso, Esmirna, Mileto e subindo até à Síria. Esse caminho corria na direção leste até chegar aos chamados Portões da Frígia. Para além desse ponto, na fronteira entre a Frígia e a Carátia, o vale do rio Meandro dificultava os negócios, pelo que o caminho desviava-se para o vale do rio Lico, como já dissemos. Dessa forma, cidades eram ligadas entre si, e o comércio trazia riquezas materiais e tornava aquelas regiões politicamente importantes. Hierápolis era famosa por suas fontes termais de águas minerais, que formavam depósitos de cascatas petrificadas e um terreno cheio de fendas e fissuras, chamado plutônio ou carônio, que emite o dióxido de carbono. Todavia, essas fissuras, com o tempo desapareceram.

Perdeu-se no nevoeiro do passado qualquer história verdadeiramente antiga de Hierápolis. Porém, supõe-se que uma cidade foi fundada no local, depois de 190 A.C., por ordem do rei Eumenes II, de Pérgamo. Essa cidade foi danificada por um terremoto, em 60 D.C., mas foi reconstruída. Quase todas as ruínas que os

HIERÁPOLIS — HIERARQUIA

arqueólogos têm podido desenterrar datam dos séculos II e III D.C. Um teatro romano bem preservado, banhos amplos e túmulos monumentais têm sido escavados.

A Igreja cristã dali, provavelmente, foi fundada por Paulo, quando ele passou vários anos em Éfeso. Sem dúvida, isso teve lugar quando ele percorreu a estrada que levava às cidades dispersas ao longo do caminho. Supomos que Epafras também atuou ali. Policrates era o bispo cristão de Hierápolis, nos fins do século II D.C. As tradições dizem que o evangelista Filipe e o apóstolo João também ministraram ali; e muitos supõem que o apóstolo Filipe foi sepultado naquela cidade.

O filósofo estoico Epicteto (vide), nasceu em Hierápolis, em cerca de 55 D.C. Sabe-se, por meio de uma inscrição existente no lugar, que havia ali uma comunidade judaica ativa, e que guildas comerciais operavam ali com corantes de cor púrpura e com tapetes. Certas inscrições dali também mencionam festividades judaicas, como a dos pães asmos e a de Pentecoste.

Símbolos Neotestamentários. Os laodicenses fabricavam um colírio que era bem conhecido no mundo antigo. A lama altamente emulsificada e quimicamente carregada, conforme se sabe, é comum nas fontes termais; e podemos supor que aquele colírio tinha por base a lama das fontes termais de Hierápolis. O trecho de Apo. 3:18 pode ser uma referência a isso. Além disso, a água morna é uma característica dos lugares onde há fontes termais. Essas águas mornas, com suas substâncias químicas, são muito enjoativas ao paladar, o que pode estar em foco em Apo. 3:15, 16. No NNT, em Apo. 3:15, ofereço uma longa descrição do símbolo das águas mornas. Ver também o artigo sobre a *Mornidão Espiritual*.

HIERÁPOLIS (SÍRIA)

Essa era uma antiga cidade da Síria, que nunca é mencionada na Bíblia. Ficava a oitenta quilômetros a nordeste de Alepo. Seu nome grego significa «cidade sagrada». Os assírios, porém, chamavam-na de *Mampigi* (ou *Nappigi*), que significa «fonte». A moderna aldeia de Mambije, que fica perto do local antigo, deriva daí o seu nome.

A Hierápolis da Síria era uma cidade de considerável importância no tempo dos monarcas selêucidas (cerca de 300 A.C.), reis da Síria. Ver sobre *Seleuco*. Essa cidade era um centro comercial na estrada entre Antioquia da Síria e a Mesopotâmia, como também era o santuário da deusa Atargatis e seu consorte, Hadade. Em torno desse santuário formou-se um culto da fertilidade, com suas proverbiais cenas de imoralidade. Luciano, em seu livro *De dea Syria*, descreve o mesmo. Esse culto teve certa importância em lugares greco-romanos, fora de Hierápolis. Os romanos destruíram o templo desse culto, em Hierápolis, em 53 A.C.; mas isso não pôs fim àquele culto. Hierápolis tornou-se capital de uma província romana, depois do ano 200 D.C. Os persas conquistaram a cidade no século IV D.C., e os islamitas, no século V D.C. As cruzadas da Idade Média ocuparam-na por um breve período. Finalmente, foi destruída pelas hordas mongólicas, no século XI D.C. Os arqueólogos têm descoberto e investigado —muitos remanescentes arqueológicos encontrados ali; mas quase todos eles são de data posterior.

HIERARQUIA

Essa palavra vem do grego, *hierós*, «sagrado», e

archein, «governar». Isso posto, a significação original da mesma é o governo divino, executado por diversas ordens ascendentes. No sentido popular ou não-teológico, a palavra alude a qualquer tipo de governo constituído por várias camadas de autoridade, ou então por alguma série de grupos, classes, famílias, gêneros, espécies ou ordens sistematizadas. De acordo com o uso eclesiástico da palavra, oficiais eclesiásticos, em sucessivas ordens, estão em pauta, quando então se deve pensar em uma organização eclesiástica com oficiais superiores e subalternos. É o caso específico da Igreja Católica Romana, cuja hierarquia consiste no papa, nos cardeais, nos arcebispos, nos bispos, nos padres, etc.

De acordo com as ordens ascendentes dos universais (vide), concebidas por Platão — onde a *Bondade* é o elemento mais exaltado e mais poderoso — temos um antigo ensino sobre os poderes hierárquicos. Os sistemas deístas, como o dos gnósticos, separavam Deus da humanidade, através de uma quase infundável ordem de seres ou poderes celestiais ou angelicais, que atuariam como mediadores. Isso servia a diversas funções. A primeira dessas finalidades era permitir que Deus governasse por delegação para não ter de se corromper mediante o contacto pessoal com a matéria (que eles tinham como a sede mesma do mal). Assim, de acordo com a doutrina dos gnósticos, o poder que criou a matéria era um poder subalterno, e não o poder do Ser supremo. Esse poder subalterno, por não ser perfeito, teria criado um mundo imperfeito, o que explica a existência do mal neste mundo. Ver o artigo sobre o *Problema do Mal*. Nos escritos de Platão, o *Demiurgo* seria esse poder criador intermediário. Em alguns sistemas filosóficos, esse poder era idêntico ao Logos (uma idéia filosófica que transparece no Novo Testamento, mormente nos escritos joaninos). Mas, dentro de outros sistemas, o Logos ocupava uma posição superior a de um mero mediador importante. Naturalmente, no Novo Testamento, o Logos (em nossas versões portuguesas, «o Verbo») é a própria manifestação de Deus, considerada do ponto de vista da racionalidade, encarnada na pessoa de Jesus Cristo. Ver João 1:1, 14. E também não há uma série de intermediários entre Deus e o homem, mas um só intermediário, o Deus homem, Jesus Cristo. «Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem» (I Tim. 2:5). Portanto, a idéia católica romana da intermediação de «santos» e de anjos deriva-se de idéias filosóficas gnósticas e não do Novo Testamento.

Nas sociedades humanas, por muitas vezes, as ordens religiosas de sacerdotes operam em favor do governo, formando uma espécie de hierarquia de poder, delegada pela realeza. Isso é copiado, pelo menos em parte, pelo sistema hierárquico católico (romano ou ortodoxo), onde os prelados são considerados parte integrante da autoridade constituída. No entanto, o caminho instituído pelo Senhor Jesus determina a separação entre a Igreja e o Estado. «Daí, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus» (Mat. 22:21).

Esses sistemas hierárquicos religiosos são concebidos, algumas vezes, como copiados segundo um modelo celestial, e como se recebessem sua autoridade dessas entidades e forças celestiais. Além disso, em alguns desses sistemas, os ofícios eclesiásticos são hereditários, como no caso do sacerdócio aarônico, na antiga nação de Israel. Os reis do Egito e dos astecas também eram considerados monarcas por determinação divina, e os sacerdócios que eles apoiavam, por sua vez promoviam a continuação daqueles governos

HIEROCLES — HILEL

civis.

Usos da Palavra «Hierarquia». O conceito de hierarquia eclesiástica já existia desde antes do alvorecer do cristianismo. Mas, nos meios cristãos, o uso da expressão, evidentemente, foi iniciada pelo pseudo-Dionísio, um autor cristão neoplatônico do século IV ou V D.C. Esse autor comparou as nove ordens dos seres angelicais com três grupos de três elementos cada, que existiriam entre os cristãos: dois desses grupos seriam constituídos por leigos, e um deles seria constituído pelas ordens sacras dos bispos, sacerdotes e diáconos. A partir daí, a hierarquia foi-se desdobrando em várias outras ordens, inteiramente à revelia dos ensinamentos neotestamentários, que ensinam a igualdade de todos os crentes. «Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos» (Mat, 23:8).

HIEROCLES DE ALEXANDRIA

Ele viveu por volta de 430 D.C. Foi um filósofo helênico. Era seguidor das idéias de Plutarco. Foi o fundador da escola de Atenas, e membro da escola alexandrina do neoplatonismo (vide). Sua abordagem filosófica era eclética, pois combinava idéias de Platão, de Aristóteles e dos mestres estoicos. Ele procurava reconciliar a idéia grega do destino com a idéia cristã da providência divina. Aceitava a criação *ex nihilo* (vide), negando a idéia usual de emanações divinas do neoplatonismo. Para ele, o demiurgo teria criado o mundo por um ato de sua própria vontade.

HIERÓGLIFOS

Essa palavra vem do grego, *hierós*, «sagrado», e *glúphein*, «esculpir», dando a idéia de gravar símbolos sagrados.

Os hieróglifos eram uma espécie de escrita desenhada, usada pelos sacerdotes egípcios. Esses desenhos representavam animais, homens e mulheres em diferentes posturas; desenhos geométricos e figuras simples como um olho, o sol, duas pernas, um homem comendo, um homem inclinado para a frente, uma ave apanhando um verme, uma serpente, um cajado, etc. Esses símbolos representavam idéias, associações, números, etc., formando um alfabeto primitivo. Essa forma escrita tornou-se na escrita hierática (vide), a qual, por sua vez, deu lugar à escrita demótica (vide).

Os hieróglifos foram decifrados por Champollion, um estudioso francês, em 1822. Ele conseguiu o feito com a ajuda de uma inscrição trilingüe, a chamada Pedra de Rosetta. Essa pedra foi encontrada por ocasião de uma campanha militar de Napoleão, no norte da África. Já desde o século I A.C., os gregos denominavam os símbolos esculpidos nos templos e nos túmulos egípcios de *hieroglúphika grammata*, ou seja, «letras sagradas esculpidas».

A escrita hieroglífica era usada, principalmente, em inscrições em monumentos, e só podia ser lida pelos sacerdotes egípcios e por outras pessoas altamente instruídas. Outras vezes, as figuras eram pintadas sobre madeira, pedra, cerâmica ou papíro. Interessante é que o termo *hieróglifos* também tem sido empregado para indicar a escrita primitiva, mas similar, de outros povos, como a dos hititas e a dos maias (estes últimos na América Central). Todavia, os verdadeiros hieróglifos eram os egípcios. Tanto os egípcios quanto os sumérios já sabiam escrever desde o terceiro milênio A.C., e os eruditos continuam debatendo sobre qual desses dois povos teria aprendido a escrever primeiro. Os estudiosos datam o

desenvolvimento dos hieróglifos entre 3110 e 2880. A.C. Quanto a informações gerais ver o artigo sobre a *Escrita*, seção quarta. Ver também o artigo intitulado *Alfabeto*.

HIERONIMITAS

Nome de uma ordem monástica que, nos séculos XV e XVI, era representada por diversos mosteiros importantes na Espanha. Eles requeriam de seus membros uma vida de grande austeridade, entregando-se ao estudo e à contemplação e ocupando-se em ministérios ativos, o que os fez conquistar considerável influência política em seu país.

HIERONIMOUS

Forma latina do nome próprio Jerônimo. Esse apelativo vem dos termos gregos, *hierós*, «sagrado», e *ónoma*, «nome». Portanto, significa «nome sagrado». Ver o artigo sobre *Jerônimo*.

HILÁRIO

Tornou-se conhecido como Hilário de Poitiers. Suas datas aproximadas foram 300 — 367 D.C. Foi bispo de Poitiers, na França, em cerca de 350 D.C. Tornou-se conhecido pela santidade de sua vida e por sua oposição ao arrianismo (vide). Foi exilado pelo imperador Constantino para o Oriente, onde tentou obter a reconciliação entre os semi-arianos (vide) e os católicos. Devolveram-lhe a sua sede em 364 D.C. Foi um dos doutores da Igreja, mas que não se ocupava somente de seus estudos e de suas obras de caridade. Sua oposição a Constantino agitou a sua vida. O imperador tentou manter a união entre a Igreja e o Estado, pois as controvérsias que abalavam a Igreja ameaçavam essa união. Todavia, o imperador só piorou a situação, ao buscar ativamente o apoio galiano para as formulações doutrinárias arianas. Por essa razão é que Hilário foi exilado para a Frígia. Ali ele estudou os escritos dogmáticos dos arianos. Foi ali que Hilário escreveu suas obras *De Trinitate* e *De Synodis*. Conseguiu produzir alguma unidade de pensamento e de atitudes, e contava com alguns apoiadores arianos, que ajudaram a anular o decreto de seu exílio. Faleceu em Poitiers, a 13 de janeiro de 367 ou 368 D.C.

HILEL

Hilel I, chamado o *Ancião* (no hebraico, *Ha-Zaken*), foi o mais proeminente mestre e rabino judeu do primeiro século da era cristã. Suas datas foram 70 A.C. a 10 D.C. Foi o fundador de uma influente escola, que tem o seu nome, a escola rabínica de Hilel ou *Bete Hilel* (vide). Foi o ancestral de uma influente família judia, proeminente nos primeiros quatro séculos da era cristã.

As tradições atiançam-nos que ele descendia de Davi, que nasceu na Babilônia e que migrou para a Palestina com quarenta anos de idade. Seus primeiros mestres foram Semaías e Abtalião. *Yoma* 35 b fala sobre a sua pobreza e dificuldades, e também comenta sobre sua rara diligência, zelo e mente arguta. Tornou-se prontamente um dos grandes mestres da erudição dos hebreus. Quando os Bene Batira resignaram como chefes de um colégio rabínico, Hilel foi nomeado para tomar o lugar deles. Além de ser um grande professor, tornou-se conhecido por haver formulado regras de exposição sistemática da Bíblia. Essas regras eram sete e

HILEL — HILQUIAS

tornaram-se úteis para todos os tempos desde então, até hoje. Os historiadores têm comentado sobre sua santidade pessoal, sua humildade e o profundo amor que devotava a todos os seres humanos.

Era apenas natural que muitas lendas tivessem surgido em torno de seu nome. Uma dessas, bem conhecida entre os estudiosos da Bíblia, envolve um gentio que teria vindo consultar a ele e a Shammai (vide), outro famoso rabino judeu, que era seu oponente. Esse gentio disse que abraçaria o judaísmo, se um deles pudesse dizer-lhe a essência dessa religião, de pé sobre uma perna. Shammai não conseguiu fazê-lo. Mas Hilel, de pé sobre um único pé, disse: «Não faças ao próximo aquilo de que não gostas; essa é a lei inteira, e o resto é apenas comentário». Naturalmente, essa é a mesma Regra Áurea de Jesus, dita em sentido negativo. Ver Mat. 7:12. Jesus chamou esse ato de «a lei e os profetas»; e podemos afirmar que, sob várias formas, isso fazia parte do judaísmo anterior à era cristã. Esse episódio sobre Hilel está registrado em *Shab.* 31 a. Esses aforismos caracterizam a contribuição de Hilel para a literatura e a erudição. Sua fama era tão grande que alguns chegaram a chamá-lo de segundo Esdras, cuja missão era a de restabelecer um ensino sistemático e eficaz sobre as observâncias da lei mosaica.

Hilel e sua escola defendiam uma interpretação mais liberal da lei. Em contraste com o rígido conservadorismo de Shammai, ele interpretava as Escrituras de maneira suficientemente flexível para enfrentar situações novas, e para deduzir orientações para períodos de transição e mudança. Sabemos, por exemplo, que seus pontos de vista sobre o divórcio eram tão liberais que alguns eruditos da Bíblia não se sentem à vontade com ele. Também sabemos que ele se tornou conhecido por seu *pruzbol*, uma regra relativa ao pagamento de dívidas. O trecho de Deu. 15:2 alude ao cancelamento de todas as dívidas no ano do Jubileu; mas isso só ocorria a cada cinquenta anos. De acordo com a regra de Hilel, porém, um credor podia escolher um tribunal como seu agente, impondo suas reivindicações antes do ano sabático, a fim de coletar seus ganhos após esse ano sabático. Hilel também encorajava leis que ajudavam tanto ao que emprestava como ao que tomava por empréstimo, dentro do espírito da lei, embora não rigidamente em consonância com a letra da lei. Muitas de suas máximas éticas têm sido preservadas no Talmude. *Pirke Avot* (Ética dos Pais), contém a seguinte máxima, que serve de exemplo: «Quanto mais propriedades, mais ansiedades; quanto mais estudos, maior sabedoria; quanto mais conselhos, maior compreensão; quanto mais retidão, maior paz». Essa é uma boa maneira de encerrar um artigo sobre um dos grandes mestres religiosos do mundo.

HILOMORFISMO

Essa palavra vem do grego *hulé*, «matéria», e *morphe*, «forma». Trata-se de uma doutrina metafísica que afirma que todos os objetos naturais se compõem de matéria e de forma. *Aristóteles* foi o primeiro a definir essa idéia, e então ela foi aproveitada pelo tomismo (vide). A forma seria o princípio da atualidade e da atividade, ao passo que a matéria seria o princípio da potencialidade e da passividade. A forma se encontra em toda matéria, conferindo-lhe o seu desenvolvimento potencial (teleologia). Essa seria uma força ativa na matéria e em todas as coisas compostas de matéria. Ver o artigo sobre *Causa*. Essa matéria torna-se importante nas discussões teológicas sobre a relação entre o corpo e a

alma, bem como na teologia atinente à *eucaristia* (vide).

HILOTEÍSMO

No grego, *húle*, «matéria» ou «madeira», e *theós*, «deus». Esse nome indica aquela doutrina que diz que a matéria é divina, ou então, que Deus é feito de substância material. Os mórmons retêm certa variedade dessa doutrina quando afirmam que o espírito é matéria, embora em forma mais refinada, o que remove o dualismo comum, que faz parte das explicações cristãs tradicionais.

HILZOÍSMO

Esse nome vem de *hulê*, «matéria», e *zoê*, «vida». Indica o conceito que diz que a matéria é viva, ou tem propriedades próprias da vida. Quando Tales de Mileto disse: «Todas as coisas estão cheias de deuses», ele estava expressando esse ponto de vista. Alguns supõem que ele estava falando poeticamente; mas tudo quanto ele quis dizer é que a matéria tem alguma espécie de força natural que a faz passar por muitas mudanças, mediante as quais todas as coisas, conforme as conhecemos, foram criadas.

De acordo com essa posição, uma forma básica da matéria, como a água, a terra, o fogo ou o ar, se modifica em todas as outras formas mediante os processos de condensação e de expansão (rarefação). Porém, alguns intérpretes supõem que Tales mostrava-se sério quando falava sobre deuses em todas as coisas, o que significaria que a matéria caracteriza-se por uma verdadeira vida, em algum sentido. Isso faz do hilozoísmo uma forma de pampsiquismo (vide). Em sua variedade naturalista, o hilozoísmo não precisa de qualquer deus ou deuses para imaginar que é assim que as coisas evoluem. Porém, há aquela variedade pampsíquica que pode aliar essa idéia à crença teísta. Se não estabelecermos distinções rígidas entre a matéria e a própria vida, então será fácil percebermos como a vida (conforme a definimos) poderia ter-se originado da chamada matéria inanimada. Nesse caso, a matéria seria a origem mesma das formas de vida, produzidas por determinadas condições favoráveis. Ver também o artigo sobre a *Evolução*.

HILQUIAS

No hebraico, «Yahweh é minha porção». Nos livros apócrifos, seu nome é escrito com formas variantes, como Helquias (Esdras 1.8), Helchias (I Esdras 8.1) e Quelquias (Baruque 1.1,7). Esse foi o nome de vários homens, quase todos eles sacerdotes de Israel, a saber:

1. Um levita merarita, filho de Anzi, descendente de Merari (I Crô. 6:45,46). Foi antepassado de Etã. Viveu em cerca de 1014 A.C.

2. Um outro levita Merarita, filho de Hosa, um contemporâneo de Davi (I Crô. 26:11). Também viveu por volta de 1014 A.C.

3. O pai de Eliaquim, que trabalhava como um oficial da corte do rei Ezequias (II Reis 18:18,26; Isa. 22:20; 36:3). Viveu por volta de 713 A.C.

4. O pai do profeta Jeremias, mencionado em Jer. 1:1, e que muitos estudiosos pensam ter sido descendente de Abiatar, o sumo sacerdote dos dias do rei Davi, a quem Salomão removeu do ofício, quando apoiou a Adonias. Sabe-se que Jeremias era da família sacerdotal de Anateo (I Reis 2:26). Hilquias viveu em cerca de 628 A.C.

HIM — HINDUÍSMO

5. O pai de Gemarias, que era contemporâneo de Jeremias (Jer. 29:3). Ele desempenhava as funções de embaixador, representando o rei Zedequias diante de Nabucodonosor, algum tempo antes de 587 A.C.

6. O sumo sacerdote dos dias de Josias, ativo nas reformas religiosas instituídas por esse rei de Judá. Ele encontrou o livro da lei no templo (II Reis 22:4-14; 23:4; I Crô. 6:13; II Crô. 34:9-22). Viveu por volta de 650 A.C.

7. Um chefe entre os sacerdotes que retornou, com Zorobabel, do cativeiro babilônico (Nee. 8:4; 11:11; 12:7,21). Viveu por volta de 445 A.C.

8. Um sacerdote que ajudou a Esdras, quando foi lida a lei diante do povo, como parte das reformas religiosas ocorridas após o cativeiro babilônico (Nee. 8:4). Alguns estudiosos pensam que se trata do mesmo Hiiquias de número sete, acima. Viveu por volta de 445 A.C.

9. Um antepassado de Baruque, servo de Jeremias (Baruque 1:1,7).

10. O pai de Susana (Susana 2.29,63).

HIM

Ver sobre **Pesos e Medidas**.

HIMENEU

No grego, «pertinente a **Himeneu**», o deus do casamento. As únicas referências a esse homem, no Novo Testamento, são I Tim. 1:20 e II Tim. 2:17. Os nomes de deuses pagãos, como é natural, eram usados como nomes próprios de pessoas, nos tempos gregos e romanos, tal como muitos nomes de santos e de famosas figuras religiosas são utilizadas hoje em dia. A única coisa que podemos depreender, quanto à natureza dos ensinamentos desse homem é que ele se ocupava de «falatórios inúteis e profanos» (II Tim. 2:16); e também que ele e Fileto pregavam que a ressurreição já havia ocorrido, pervertendo assim a fé de alguns na ressurreição futura. Podemos supor que esses dois homens eram líderes gnósticos da época. As palavras deles eram malignas, correndo como um câncer, o que ilustra o poder destrutivo dos falsos ensinamentos. Portanto, é razoável supormos que várias outras doutrinas distorcidas, atacadas nas chamadas «epístolas pastorais», também eram ensinadas por aqueles homens e pela facção da Igreja que se tornara discípulo deles. Seu nome também é associado ao de Alexandre (vide). Ver o artigo geral sobre o **Gnosticismo**.

Era comum os gnósticos negarem a realidade da ressurreição, visto que esse sistema ensinava a maldade inerente à matéria. Em um sistema assim, seria um absurdo ensinar o retorno à vida do corpo físico. Contudo, devemos nos lembrar que muitos judeus concebiam em termos literais a ressurreição, supondo que os próprios elementos do corpo morto seriam renovados e transformados em um outro corpo material. Isso também perde de vista a idéia do corpo espiritual, envolvido na ressurreição, que talvez não parecesse ofensiva para os gnósticos. Ver o artigo sobre a **Ressurreição**. Ver I Cor. 15:12 quanto à negação da ressurreição pelos filósofos de Corinto.

O livro apócrifo *Atos de Paulo e Tecla* 2:14 (comparar com Eclesiástico 30:4) mostra-nos que alguns antigos criam que a ressurreição ocorre no nascimento de nossos próprios filhos, e que, por isso mesmo, deveria ser entendida como um ensinamento meramente simbólico. Mui provavelmente, porém, não era esse o erro ensinado por Himeneu. Contudo,

disputa-se, entre os estudiosos, em qual sentido ele ensinava que a ressurreição já é passada. É possível que ele quisesse dizer que a única ressurreição que jamais haveria era de Cristo e daqueles que ressuscitaram juntamente com ele (Mat. 27:52,53); e também, menos provavelmente, que a ressurreição dá-se em nossos próprios filhos que já nasceram (conforme foi dito acima). Contudo, é possível que ele também espiritualizasse a doutrina de alguma outra forma, dizendo, por exemplo, que a conversão ocorre por ocasião da conversão de cada indivíduo. Ou então ele pode haver ensinado que a vinda de Cristo ao mundo fora a ressurreição espiritual do mundo.

O fato é que Paulo assevera que entregara Himeneu a Satanás. Isso constitui para nós um outro pequeno problema. Talvez isso queira dizer que Himeneu haveria de morrer fisicamente, em breve, como no caso registrado em I Cor. 5:5. Ou então, que ele seria vítima de aflições várias, como sucedeu a Jó (Jó 2:6), de natureza financeira ou outra qualquer, ou que seria cercado por uma multidão de desgraças. O que é certo é que não temos aqui nenhuma declaração direta relativa à excomunhão (vide), embora isso possa ter feito parte da questão, sem ser especificamente mencionada.

HINAYANA, BUDISMO

Ver sobre **Budismo Hinayana**.

HINDUÍSMO

Ver o artigo separado sobre a **Filosofia Hindu**, que mostra como a fé hindu é interpretada filosoficamente.

Esboço:

- I. Declaração Introdutória e Caracterização Geral
- II. Estágios do Desenvolvimento Histórico
- III. Crenças, Literatura, Escolas e Suas Características
- IV. Os Quatro Caminhos da Religião Hindu
- V. Seis Sistemas da Filosofia Hindu
- VI. Sumário de Alguns Importantes Conceitos Hindus
 1. Respeito pelas Escrituras Hindus
 2. Filosofia
 3. Cosmologia
 4. Alguns Pontos Teológicos
 5. Renascimento e Libertação
 6. Salvação
 7. Iluminação
 8. Formas de Culto
 9. O Sistema das Castas
 10. Ética

I. Declaração Introdutória e Caracterização Geral

1. O **hinduísmo** é a fé religiosa do povo hindu, a raça ariana da Índia. A palavra *hindu* também tem uma conotação religiosa, indicando alguém que professa o hinduísmo como sua religião. A palavra *hind* é um antigo nome da Índia. O persa antigo tinha uma palavra, *hindu*, que significava «terra dos indianos». O termo sânscrito que serve de base é *sindhu*, que significa «rio». Está em foco o rio *Indo*, que flui através da porção ocidental do Tibete e do noroeste da Índia, por mais de 3.100 km, desaguando na porção noroeste do mar da Arábia. O hinduísmo, como religião, tem cerca de meio bilhão de seguidores, ou seja, cerca de 84 por cento da população da Índia e cerca de onze por cento da população do Paquistão. Em anos recentes, essa fé

HINDUÍSMO

vem sendo propagada por missionários hindus nos países ocidentais, o que tem aumentado ainda mais o número de adeptos, — além de exercer grande influência sobre as idéias de outras religiões. De fato, nossos dias têm visto uma considerável influência de vários conceitos hindus sobre outras fés, mesmo quando o sistema, como um todo, não tem sido aceito.

2. O *hinduísmo*, porém, é mais do que uma religião. Também é um sistema social e legal, um conjunto de noções artísticas e científicas e, naturalmente, é também uma filosofia. Poderíamos afirmar que representa o pulsar do coração de um numerosíssimo povo, e não meramente a fé religiosa que eles professam.

Tal como em qualquer sistema religioso de âmbito nacional ou internacional, o hinduísmo incorpora uma larga gama de crenças religiosas, além de diversos costumes sociais. Em um sentido geral, podemos falar sobre o *alto* hinduísmo, em contraste com o hinduísmo *baixo* ou popular. O hinduísmo alto é o *brahmanismo*, desenvolvido por sábios e profetas. O hinduísmo baixo aparece nas aldeias, incorporando muitas crenças e práticas que vêm de um passado remoto.

3. *Literatura Antiga: os Vedas* (vide). Essa literatura remonta a tradições orais tão antigas quanto 1500 A.C. Essa literatura pertencia aos indo-arianos, um povo indo-europeu, que parece haver entrado na Índia vindo do noroeste, algum tempo logo depois dessa data. Os primeiros materiais escritos, chamados *Rig Veda*, datam de cerca de 1000 A.C. Essa é uma compilação que reflete séculos de desenvolvimento. Os textos védicos incorporam assuntos como teologia, filosofia, mitologia, cerimônias religiosas, especulações metafísicas, ética, ordem social, leis, e muitas coisas que dizem respeito às pessoas, de modo geral. A classe privilegiada, intitulada de os brahmas, era a responsável pela formulação desses textos e sua preservação, canonização e disseminação, algo parecido com o que os rabinos têm feito quanto ao judaísmo. Por causa desse envolvimento, o hinduísmo alto também é chamado brahmanismo.

II. Estágios do Desenvolvimento Histórico

1. O *Hinduísmo Védico*. As religiões dessa área foram avassaladas pela invasão da Índia pelos arianos; mas muitos dos elementos das mesmas foram incorporados na nova fé emergente. Esse processo vem desde cerca de 1500 A.C. A religião védica caracterizava-se pelo otimismo, pelo amor à vida, por uma espécie de fé neste mundo, mas com alguma crença acerca da vida vindoura. Os vedas (vide) tornaram-se uma importante fonte de fé para todas as gerações que se seguiram. Os deuses eram as forças da natureza, como Varuna (o firmamento); Intra (a tempestade, a fertilidade e a guerra); Agni (o fogo); Soma (a bebida alcoólica que fazia parte do sistema de sacrifícios, e era considerada um elixir da imortalidade); Vayu (o vento); Ushas (o alvorecer). Além desses, muitos deuses controlavam várias atividades da sociedade. A literatura desse período, os quatro Vedas e o Atharva-Veda (vide), tornou-se nas Escrituras básicas do hinduísmo.

2. O *Hinduísmo Brahmanic*. Quando o hinduísmo védico acabou fenecendo, surgiu uma nova literatura, e os sábios desenvolveram essa fé. A literatura que eles compilaram e produziram chama-se os *Brahmanas*. Foi introduzido muito ceremonialismo, bem como especulações e práticas mágicas. Esse elemento mostrou ser tão importante que decresceu a importância dos deuses. Foi durante esse período que

os conceitos da transmigração das almas, com uma resultante dívida kármica (vide), além de outros benéficos, foram concebidos. Ver o artigo separado sobre o *Karma*. Especulações filosóficas acerca da origem e do destino do homem tornaram-se importantes. Foi institucionalizado o sistema de castas.

3. O *Hinduísmo Filosófico*. Ver o artigo separado sobre a *Filosofia Hindu*. Esse período corresponde, a grosso modo, ao período clássico da Grécia; anterior ao cristianismo, onde se desenvolveu a filosofia ocidental. A metafísica tornou-se um elemento importante. Foram feitas investigações concernentes à origem do mundo e do homem, bem como aos deveres e ao destino do homem, em um sentido filosófico. O registro dessas antiqüíssimas reflexões ficou preservado nas *Upanishadas* (vide), o grande livro de texto filosófico do hinduísmo. O *karma* continuou sendo um importante conceito e surgiram especulações atinentes à natureza da reencarnação. Fornecemos um artigo detalhado sobre a *Reencarnação*. Passou-se a conceber o *Brahman* como uma espécie de alma do mundo, a mais elevada divindade. Foram abandonados os holocaustos como um meio de salvação; e o conhecimento, operando através do *karma*, veio a substituir esses holocaustos. Foi declarada a natureza ilusória da matéria. A *moksha*, ou «salvação», seria obtida se os homens aprendessem a separar sua espiritualidade das ilusões deste mundo, retornando ao espírito puro. Várias escolas do hinduísmo filosófico intitulam-se Shankara, Ramanuja e Vedanta.

4. O *Hinduísmo Devocional e Sectário*. Alguns reagiram contra a decadência do hinduísmo brahmânico, em razão do que surgiram especulações filosóficas, e o hinduísmo tornou-se *ateu*. Talvez, em vários casos, o hinduísmo fosse mais *deista* do que mesmo *ateu*, porquanto a divindade não era negada, mas os deuses foram rejeitados como importantes para os homens, e a existência deles foi mesmo lançada na dúvida. Por causa dessa tendência emergiram, no século VI A.C., o *budismo* e o *jainismo* (vide). Estes tornaram-se religiões distintas, embora alguns eruditos tratem-nas como ramos heréticos do hinduísmo.

5. O *Hinduísmo Reformado*. Alguns incluem nesse ponto o desenvolvimento do budismo e do jainismo. Os inúmeros deuses perderam terreno diante de duas grandes divindades pessoais. Essas eram *Vishnu*, que, originalmente, era um deus-sol secundário, nos Vedas; e *Shiva*, presumivelmente, um deus que, originalmente, havia sido adorado na Índia, antes da invasão da mesma pelos arianos. A princípio ele aparecia vinculado ao Rudra da literatura védica, sendo, essencialmente, um deus da tempestade e da fertilidade.

Para muita gente, a adoração de *Vishnu* tornou-se tão importante que apareceu um virtual monoteísmo. *Vishnu*, um deus pessoal, tomou o lugar da força divina impessoal dos filósofos. Ele manifestar-se-ia na *encarnação*, em número total de dez, que atingiu seu ponto culminante em Rama e Krishna (vide). Este último é similar ao Cristo dos cristãos, que é a encarnação do Logos. Isso significa que, quanto a esse ponto, há uma identidade de idéias entre o hinduísmo e o cristianismo, embora diferentes nomes e palavras sejam usadas para exprimir a doutrina. Por essa altura, um sistema elaborado de céus e de inferno veio à tona. A alma pode entrar em um ou em outro, mas também podem sair de ambos, enquanto prossegue em seu caminho de evolução espiritual, com suas muitas reencarnações. Acima de todas essas experiên-

HINDUÍSMO

cias (a terrena, a infernal e a celestial) há a *emancipação*, que é o verdadeiro céu dos hindus, e onde a alma é reabsorvida pelo princípio divino e nele desaparece.

No nível popular, o alvo da salvação consiste em obter a comunhão com os deuses, mediante a ajuda graciosa de Krishna e de Rama. Se substituírmos Deus pelos deuses, então teremos aí, essencialmente, o ponto de vista cristão popular, que pode ser ouvido nas igrejas, a cada domingo. O alvo real da fé cristã consiste em compartilhar o indivíduo da natureza e da imagem do Filho de Deus, e destarte, vir a participar da própria natureza divina (ver Rom. 8:29; II Cor. 3:18; Col. 2:10 e II Ped. 1:4). Porém, esse aspecto é quase inteiramente esquecido no cristianismo popular, onde o «chegar ao céu» e desfrutar da bem-aventurança ali dominante, é o alvo mesmo da existência humana.

Há certas similaridades entre o pensamento cristão e essa forma de hinduísmo. Em razão disso, pode-se presumir que haja desenvolvimentos paralelos, que poderiam ter sido inspirados pelo Logos, em sua atividade universal. Ver João 1:9. Assim como o Novo Testamento é o grande documento sagrado dos cristãos, assim também o Bhagavad-Gita é o grande documento da fé religiosa que gira em torno de Krishna. O trecho de Efésios 1:9,10, ao referir-se ao mistério da vontade de Deus, assegura-nos que, a longo prazo, o plano de Deus visa unir todos os seres inteligentes em torno do Logos (chamado Cristo, em sua encarnação). E, na história das religiões, podemos perceber alguma percepção preliminar quanto a essa verdade, embora a mesma seja ali expressa mediante um vocabulário diversificado.

Na adoração a Shiva, a obtenção da salvação é, essencialmente, uma questão devocional. A literatura das seitas que adoram Shiva é chamada de as *Puranas*. Porém, a natureza universalista da Bhagavad-Gita tem permitido que essa literatura seja usada por muitas seitas hindus.

Desenvolvimentos Posteriores. A invasão islâmica, de cerca de 1000 D.C., fez o islamismo e o hinduísmo entrarem em choque. Um dos resultados disso foi a fé sincrética dos *sikhs* (vide). Essa fé foi fundada por Nanak (vide), mais ou menos na mesma época em que surgia a Reforma Protestante na Europa. Foi adotado, então, o estrito monoteísmo islâmico e toda a idolatria foi eliminada. Mas, além disso, foi incorporada a militância islâmica, com o seu fanatismo religioso. Isso produziu uma virtual teocracia, que veio a dominar toda a porção noroeste da Índia. Até hoje, o movimento domina somente naquela parte da Índia. Atualmente, é reputada uma religião distinta do hinduísmo.

Também houve a invasão de forças ocidentais, de onde surgiram várias seitas, como a de Brahma-Samaje (fundada em 1828), a Aria-Sama (fundada em 1875), e a Rama-Krishna e os Servos da Índia. Todos esses grupos tomaram por empréstimo, pesadamente, idéias e princípios cristãos, e continuam sendo forças muito ativas na Índia, até hoje.

Elementos Comuns no Hinduísmo. Pode-se notar que aquilo que se poderia classificar historicamente como hinduísmo envolve muitos aspectos diversos, e que várias grandes religiões emergiram dessa fé. Mas, no caso daqueles que continuam a intitular-se hindus, há alguns fatores comuns. Em primeiro lugar, os *Vedas* continuam sendo respeitados e usados, sendo repudiados somente por algumas seitas modernas do hinduísmo. Os princípios da reencarnação e do karma permanecem como princípios universais. O sistema de castas continua firme e entrincheirado. Os

sanyasi (vide), ou «homens santos» são figuras importantes em todas as variedades do hinduísmo. O princípio da *não ofensa* permeia quase todos os sistemas. Assim, apesar do hinduísmo ser uma espécie de processo antropológico, continua merecendo ser chamado de uma grande religião, apesar de toda a sua diversidade. Contudo, a diversidade que há no hinduísmo é tão grande que certo autor insistiu em uma resposta bem peculiar à pergunta: «O que é um hindu?» Respondeu ele: «Todo aquele que se considera hindu, é hindu.»

III. Crenças, Literatura, Escolas e Suas Características

1. *As Escrituras Básicas.* A palavra *veda* significa *conhecimento*. É relacionada à palavra latina *videre* (port. «ver»). Ver é saber. Os Vedas, portanto, representam um fundo de informações religiosas do hinduísmo. Estes documentos existem em três partes: a. Os *Samhitas* («coleções»), que incluem o Rig-Veda, uma coletânea de hinos em louvor aos deuses; os Sama-Veda, que são melodias relacionadas a esses hinos; os Yajur-Veda, que são fórmulas de sacrifício; e os Atharva-Vedas, que são fórmulas mágicas. b. Os *Brahmanas*, que são textos que abordam questões rituais, sacrifícios e sua aplicação à vida religiosa. c. Os *Upanishadas*, que são discursos filosóficos, e que servem de base primária da filosofia hindu.

2. As composições literárias *Ramayana* (vide) e *Mahabharata* (vide), compostas por volta do ano 200 D.C., mas cujo material retrocede até cerca de 1000 A.C., são um tanto equivalentes à *Ilíada* e a *Odisséia*, da tradição grega. São narrativas épicas. O Mahabharata narra os conflitos entre os Kurus e os Pandavas, dois ramos da mesma família; e o Ramayana conta como a esposa do bondoso rei Rama foi sequestrada pelo rei do Ceilão, e, mais tarde, foi libertada. Essas estórias provêm o arcabouço da ética e da metafísica, e assim tornam-se instrumentos de ensino religioso. O princípio da encarnação divina e da imortalidade da alma é vigorosamente sublinhado no Ramayana, juntamente com um elaborado sistema ético, pessoal e social.

3. *Estágios na Vida a serem Dominados.* A vida passaria por vários estágios, cada um deles com alguma coisa para nos ensinar. Nos escritos hindus, podem ser distinguidos os seguintes estágios:

a. O período da disciplina e da educação, que é um período formativo básico. O conhecimento destaca-se acima de tudo, durante essa fase. Damos explicações mais completas sob o quinto ponto, onde são descritas as principais maneiras de alguém retornar a Deus. Ver 5a.

b. A fase da vida de um homem que está desempenhando o seu papel neste mundo, o dono de casa, ou qualquer outro tipo de trabalhador ativo, que assume a sua responsabilidade, que se casa, que constitui família e que passa pelos conflitos morais próprios desta vida. Cabe aqui, também, o serviço que devemos prestar em favor de nossos semelhantes, a vida segundo a lei do amor, o aprendizado da ética pessoal e social.

c. Um período de retiro e reflexão, quando os poderes físicos e mentais do indivíduo começam a se enfraquecer. Esse é um período de digestão daquilo que tem sido aprendido.

d. A vida dos eremitas. Essa seria a mais radical manifestação do que começamos a descrever sob o ponto anterior, «c». Cabe nessa fase a *renúncia*, através da qual se rompe o liame que o mundo mantém sobre o indivíduo. E é assim que a pessoa obtém a liberdade e o senso de realização.

HINDUÍSMO

4. *O Sistema de Castas.* Na literatura hindu há muitos textos que mostram a existência de classes sociais, uma das razões do poder desse sistema filosófico religioso. As castas são as seguintes: a. os *brâmanes*, que são os sacerdotes e os líderes religiosos. b. os *kshatriya*, que são os reis e os guerreiros. c. os *vaiśya*, que são aqueles que se dedicam ao comércio e às profissões. d. os *śudra*, que são os agricultores e as classes operárias. Os seguidores da vereda do amor e da devoção (ver o ponto 5.b), tendem por ser contrários a essa divisão social em castas.

IV. Os Quatro Caminhos da Religião Hindu

As diferentes personalidades entre os homens operam melhor se seguirem as suas tendências naturais, quer se trate da escolha de uma profissão, quer se trate de todas as outras coisas envolvidas nas situações e conflitos da vida. O progresso do espírito é ajudado pelas maneiras específicas de viver que adotamos. Porém, algumas almas são latas o bastante para não se limitarem a uma única maneira de viver. Não obstante, os seguintes caminhos são sugestivos acerca de como variados tipos de personalidades podem avançar melhor em sua inquirição espiritual.

Os *quatro caminhos* da religião hindu ensinam-nos como retirar as camadas de egoísmo que nos embaraçam. Esses quatro caminhos ensinam como o espírito pode ser libertado, e assim voltar para o infinito. Em outras palavras, podemos liberar por meio de vários modos de atividade e expressão, cada um contribuindo para a formação de tipos ou personalidades específicos.

1. **O Caminho do Conhecimento: Jnana Ioga.** Ioga = jugo, o que indica um caminho de disciplina pessoal e dever. Esse é o caminho que faz o homem obter conhecimento, transcendendo ao seu estado normal, elevando sua mente e seu espírito acima das idéias e atividades egoístas, que o cativam. As *Upanishadas* têm muito a dizer sobre isso. Nessa obra, encontramos especificadas algumas das coisas que um homem precisa saber quanto ao conhecimento sobre questões éticas, metafísicas e religiosas. O Ser supremo é *Brahman*, do qual uma manifestação pessoal é *Atman*. Os ciclos da reencarnação (vide) têm, como seu propósito, produzir a *identidade* entre Brahman e Atman, por meio da iluminação. O sofrimento e a ignorância servem de obstáculos para que Atman não se aproxime de Brahman. O conhecimento que se mescla com a iluminação remove a ignorância, e isso possibilita a identificação entre Atman e Brahman. Fica entendido que somente as castas superiores terão o tempo e o luxo para buscar o conhecimento, pelo que é raríssimo o que pessoas das castas inferiores, como os operários e os agricultores, enveredem por esse caminho de volta a Deus. Todo o conhecimento faz parte do conhecimento de Deus, pelo que toda a busca intelectual faz parte dessa vereda, mas, sobretudo, o conhecimento religioso e espiritual, que facilita a iluminação.

2. **O Caminho do Amor: Bhakti Ioga.** A lei do amor é o sol do céu ético, devendo dominar a tudo. Sem esse sol, não há vida. A bhakti ioga inclui a devoção religiosa, e também as obras caridosas. O caminho de Cristo é reconhecido na religião hindu como, essencialmente, um caminho de amor, por causa da devoção que Cristo inspira nos seus seguidores. Esse *caminho*, em seu começo, foi uma reação contra o sistema de castas, porquanto a lei do amor é sempre universal em seu alcance e expressão. O amor une. No começo, por causa de sua natureza

contrária às castas, esse caminho foi ignorado pelos brâmanes; mas, quando esse elemento anticasta tornou-se menos importante, eles o aceitaram. A tendência desse *caminho* é desprezar a porção ritual e formal da religião. Essa porção é substituída pelo calor das emoções humanas. Deus torna-se pessoal dessa maneira, substituindo a força cósmica da religião dos brâmanes. Nesse sistema, temos o desenvolvimento da *avatar*, «conceito», o líder espiritual que é uma encarnação de Deus, ou um líder especial, que ultrapassa o tipo usual de líder religioso. Esse é um tipo messiânico de conceito. Vishnu e Shiva são divindades importantes desse caminho. As encarnações incluem Krishna, Rama e Buddha e no hinduísmo de nossos dias, Cristo é aceito por muitos como uma dessas encarnações.

No norte da Índia, tem-se desenvolvido uma expressão mística desse caminho. É produto da mistura de conceitos bhakti e dos sufis islâmicos. Encontramos ali a notável declaração: «Oh, Deus, sem importar se és Alá ou Rama, vivo pelo teu Nome».

No estudo das religiões comparadas, com frequência, descobrimos que crenças e compromissos comuns ocultam-se sob um vocabulário diferente. O ramo bhakti desenvolveu-se a partir do século XII D.C. Ramanda (1370 — 1440) deu a esse movimento composto o seu primeiro impulso. Ele pregava a necessidade de inspiração direta, o que significa que emprestava à fé religiosa uma abordagem mística. Ver sobre o *Misticismo*. Kabir foi o mais importante dos seus discípulos. Nanak, o fundador da seita sikh, foi influenciado por ele. Dadu, um influente seguidor de Kabir, expressou bem o sentimento básico dessa fé, quando declarou: «Quem pode conhecer-Te, ó invisível, inabordável e insondável? Dadu não tem o desejo de conhecer; fica satisfeito em deixar ser arrebatado por toda essa Tua beleza, regozijando-se em Ti». Esse caminho atraiu as classes mais baixas, do que resultou um corpo popular de literatura religiosa. O hindu vernáculo foi usado como veículo de expressão nesses escritos, em lugar do antigo sânscrito dos grandes mestres. A simplicidade é um princípio importante; a comunhão direta com Deus, sem qualquer ritual, é o ponto central. Não é enfatizada a organização religiosa, visto que o próprio homem torna-se o templo de Deus, segundo essa fé.

A lei do amor, em sua aplicação, significa o uso das nossas energias e recursos para promover o bem-estar dos outros. Uma parte importante desse caminho é a devoção a Deus. Deus é o primeiro objeto do nosso amor. Somente então aparecem as outras pessoas, que são consideradas nossos irmãos e irmãs.

3. **O Caminho do Trabalho: Karma Ioga.** Esse é o caminho da realização, do serviço, da dedicação a alguma profissão secular ou religiosa. Algumas pessoas gostam tanto do trabalho que o preferem à comunhão com o próprio Senhor. O trabalho nos provê a oportunidade de transcendermos ao nosso estado normal, dedicando-nos assim àquelas coisas que nos separam do egoísmo. Isso leva as nossas almas a se aproximarem de Deus.

4. **O Caminho do Desenvolvimento Psíquico: Raja Ioga.** Encontramos aqui o toque místico na vida, tão importante para o crescimento espiritual. A base de toda e qualquer fé religiosa é a experiência mística do profeta, que recebe as suas informações através da revelação. A revelação é um aspecto do misticismo (vide). Porém, acima da experiência dos profetas, todos os indivíduos precisam desfrutar pessoalmente de comunhão com Deus, através do Espírito. É somente assim que encontramos comunhão com Deus.

HINDUÍSMO

V. Seis Sistemas da Filosofia Hindu

Esses sistemas já estavam bem formados em cerca de 200 D.C. As similaridades internas, entre eles, permitem-nos falar em *três pares* de sistemas.

a. *A Nyaya-Vaisheshika*. Quanto a informações sobre as idéias filosóficas desse par, ver o artigo separado intitulado *Nyaya*. O ponto de vista em apreço foi exposto por Gautama (não o Buda), no século III A.C. Mais ou menos nessa mesma época, *Kanada* (vide), produziu a *Vaisheshika Sutra*.

b. *A Sankhya-Ioga*. Quanto a informações sobre esse par, ver o artigo separado sobre *Sankhya*.

c. *A Purva-Mimamsa-Vedanta*. Ver sobre *Purva Mimamsa*. Ver também sobre *Vedanta*. A filosofia *Vedanta* tem sido a mais influente desses pares de sistemas.

VI. Sumário de Alguns Importantes Conceitos Hindus

No hinduísmo há uma larga gama de crenças, juntamente com muitas escolas, que promovem diferentes idéias. Não há credo formal e nem formas padronizadas de adoração. No nível inferior, inclui os mais primitivos tipos de animismo. Em sua expressão mais sofisticada, surge o monismo. Assim, uma caracterização geral deve ser uma descrição bem ampla dos muitos elementos que formam o chamado *hinduísmo*. Esperamos dar aqui somente alguns conceitos básicos, que encontram larga aceitação entre os hindus.

1. **Respeito pelas Escrituras Hindus.** Embora o hinduísmo não disponha de coisa alguma parecida com o *cânon* do Antigo e do Novo Testamentos, há um conjunto básico de documentos, que todos os hindus honram. Esses documentos são sete:

a. Os *Vedas* (vide), que contêm as fontes gerais da fé hindu.

b. Os dois grandes épicos escritos em sânscrito: *O Mahabharata* (vide), que contém o *Bhagavad-Gita*; e o *Ramayana* (vide). Esses são fontes informativas de teologia e de mitologia.

c. O *Mahatmya*, que congrega obras mais recentes, escritas em sânscrito, e que reflete pontos de vista e desenvolvimentos locais.

d. As *Puranas* (ver sobre *Shastras*, terceiro ponto), que provêem idéias sobre cosmologia.

e. As *Sutras* (vide), uma espécie de sumário dos *Vedas*, onde há muitas leis antigas.

f. As *Shastras* (vide), uma palavra sânscrita que significa *livros sagrados*, aludindo às quatro classes de escrituras hindus: *Śruti*, *smṛiti*, *purana* e *tantra*.

g. As *Upanishadas*, que apareceram, a princípio, como apêndices das *Brahmanas*, e representam a filosofia *Rig Védica*. Ver sobre *Vidas*, quarto ponto. Também são conhecidas como as *Vedanta*, ou seja, «fim dos *Vedas*».

2. **Filosofia.** Quanto aos tipos de filosofias existentes no hinduísmo, ver o artigo intitulado *Filosofia Hindu*.

3. **Cosmologia.** Há uma grande variedade de opiniões sobre essa questão. Porém, se tivéssemos de designar uma idéia predominante, poderíamos dizer que a idéia das *Puranas* foi a que mais conquistou a imaginação dos hindus. Essa obra ensina que haverá a dissolução de todas as coisas (chamada *pralaya*), seguida pela recriação (chamada *pratisarga*). Os elementos do Universo constituem a matéria (*prakṛiti*), que consiste em três qualidades: bondade, paixão e trevas. Em contraposição à matéria há o espírito (*purusa*). O *Brahma* auto-existente manifesta-se através desses dois princípios, e dele é que evoluíram

todos os deuses e todos os seres vivos, como também a terra, o céu e o inferno. A tendência do hinduísmo é falar sobre o mundo material como uma *ilusão*, porque somente *Brahma* teria existência *real*.

4. **Alguns Pontos Teológicos.** A cosmologia faz parte integrante da teologia, pelo que o que é dito sobre a cosmologia também se aplica à teologia. A teologia hindu mais antiga era francamente politeísta. Distintos grupos favoreceram distintas divindades, uma ou mais delas. Porém, formas variadas de monoteísmo desenvolveram-se quando um único deus tornou-se mais importante do que os outros, como na adoração a *Shiva* e a *Vishnu*. Dentro da fé *Vishnu*, encontramos os *avatares*, ou seja, encarnações da divindade. Ali *Krishna* torna-se uma espécie de messias hindu, o que significa que há certos paralelos com as crenças cristãs. O politeísmo do hinduísmo acompanha o politeísmo de outras culturas, onde as forças da natureza, as forças geradoras, os elementos dos cosmos, como o sol, a lua e as estrelas, recebem adoração. Em suas formas mais crassas, há um grande número de deuses e deusas da vegetação e da fertilidade, espíritos ancestrais que são adorados e animais que recebem atenção toda especial, como o macaco, o pavão, a cobra, o tigre e o cavalo. Lugares geográficos naturais são considerados sagrados, e há também uma elaborada astrologia, como o uso de presságios, como o temor do mau olhar, etc.

5. **Renascimento e Libertação.** O conceito de renascimento não se encontra na maior parte dos *Vedas* antigos; mas aparece no começo da fé hindu, sendo uma constante em quase todos os sistemas. A forma mais sofisticada de renascimento, no hinduísmo, promove uma evolução cósmica de acordo com a qual a alma atravessa todos os estágios da existência, começando pelo estado mineral, passando por todas as formas animais e entrando, finalmente, no que é puramente espiritual. Essa doutrina propõe que a alma humana, portanto, tem acompanhado vários estágios da existência, e não meramente a existência humana, e que a sua evolução ultrapassa ao que é material, chegando à comunhão com Deus e à participação na natureza divina. O *karma* (vide) seria o princípio normativo em tudo isso. Esse vocábulo significa «trabalhos», e a idéia por ele retratada é que opera a lei da colheita segundo a sementeira, de acordo com o que todos os seres humanos progredem ou regredem, determinando o destino de cada um. A falta de permanência e a mudança são condições inevitáveis de toda a existência e, portanto, até da libertação. Isso tende por fazer a vida parecer miserável, enquanto o homem se acha distante de Deus. Por outro lado, alguns hindus falam sobre todas as coisas como uma grande *piada* cósmica. Deus e os homens estariam se divertindo muito, em todo esse ir e vir, em todo esse cair e levantar-se, e até mesmo as ocorrências mais sérias e trágicas seriam engraçadas, a longo prazo.

6. **Salvação.** Essa consistiria na libertação dos ciclos da reencarnação. Mas, para além dessa libertação, haveria a participação na natureza divina, com a reabsorção pela mesma — e seria então que *Atman* tornar-se-ia *Brahman*. *Atman* é a alma humana, a manifestação da alma divina. A salvação, pois, consistiria no retorno da alma humana ao ser divino, o que produz uma participação finita na divindade. Isso encontra paralelo no pensamento cristão, conforme se vê, por exemplo, em II Ped. 1:4. Nos escritos de Paulo, isso é definido como a obtenção da natureza e dos atributos do Filho (o *Logos*), segundo se vê em Rom. 8:29 e II Cor. 3:18; ou, então, é definido como a participação na plenitude de Deus

HINDUÍSMO

(ver Efê. 3:19). Na opinião de alguns pensadores hindus, a liberação na salvação aponta para o fim do dualismo e a absorção do Atman por Brahman, pondo fim à existência individual. — Para outros pensadores hindus, porém, a *intuição*, por parte da alma, que participa na essência divina, é a plena entrada no aprazimento desse estado.

7. Iluminação. Essa exerce um efeito espiritualizador, e o seu alvo final é identificar Atman com Brahman. A iluminação seria conseguida por meio do conhecimento, usualmente com a ajuda da *meditação* (vide). O adorador exibe devoção ou amor (*bhakti*) ao seu deus; e isso ajuda no processo da iluminação, porquanto Deus age em favor do homem que busca a espiritualidade com seriedade. Para alguns, o *ascetismo* (vide) também é uma grande ajuda nesse processo. Além disso, a ajuda prestada por um *guru* é um fator importante. O indivíduo precisa da ajuda de um líder espiritual que já tenha atingido um alto grau de desenvolvimento espiritual, e que possa guiar a outros. A relação entre o professor e o aluno não pode ser ignorada. Os grandes gurus são os *avatares* que atingiram um elevado grau de perfeição, e que podem ser considerados encarnações da divindade. Esses facilitam avanços universais, e não meramente a ajuda, para alguns indivíduos particulares.

8. Formas de Culto. Todos os tipos de elementos formadores são encontrados entre essas formas. Havia santuários à beira do caminho, dedicados a uma ou outra divindade. Certas cidades eram consideradas sagradas. O uso de imagens, como ajuda à adoração, é um elemento comum até hoje, excetuando-se nas formas mais sofisticadas do hinduísmo monoteísta. No caso do hinduísmo não sofisticado, a idolatria é abertamente usada. No caso dos mais eruditos, uma imagem serve apenas de lembrete ou símbolo da divindade adorada. Muitas formas de ofertas foram incorporadas ao hinduísmo. Há ofertas de flores, de frutos, de cereais, de dinheiro e, em alguns casos, de animais sacrificados. Um sacerdote é sempre utilizado como intermediário. Há cânticos religiosos que são usados na adoração. Templos muito elaborados são usados pelos adoradores. As formas de culto mais eruditas citam as escrituras em sânscrito. Mas os sacerdotes das aldeias que desconhecem o sânscrito, usam os dialetos locais. Os brâmanes, ou seja, a hierarquia sacerdotal, constituem as principais autoridades religiosas. Eles oficiam em todas as variedades de cerimônias religiosas, nos templos, nos lares e nos palácios públicos. Quase todos eles conhecem a astrologia, fazem horóscopos e interpretam-nos para as pessoas interessadas.

9. O Sistema das Castas. As divisões sociais são hereditárias. A palavra *casta* significa «puro», refletindo a idéia de «raça pura» ou de «linhagem pura». O termo hindu correspondente é *jati*, que significa «grupo por nascimento». As castas determinam os limites permissíveis ao matrimônio, as condições, as situações e as profissões. Ninguém passa de uma casta para a outra, e nem um estrangeiro pode tornar-se membro de alguma casta hindu. Há cinco castas distintas; conforme já dissemos. Os membros da última casta, os *pachanas*, são os mais deploráveis quanto à sua condição. Em português, eles são chamados de párias ou intocáveis. Esses são os pobres e destituídos de tudo, embora Gandhi os chamasse de «povo de Deus». Os últimos dois grupos não contam com cerimônias religiosas e nem mesmo ritos de iniciação. No hinduísmo acredita-se que, por ocasião da reencarnação, o estado de uma pessoa pode mudar, se ela vier a merecer uma melhor posição. Em favor do hinduísmo em geral pode-se afirmar que

muitos hindus opõem-se a esse sistema, embora ninguém tenha podido acabar com o sistema de castas entre os seguidores do hinduísmo. Quanto a esse particular, o hinduísmo ainda não veio a entender o grande princípio cristão da unidade, porquanto, em Cristo, não há distinções raciais, sociais ou sexuais (ver Gál. 3:28).

10. Ética. No campo da ética, o conceito de *dever* (*dharma*) ocupa lugar de destaque. Os principais deveres são: a. o cumprimento das funções das castas; b. as honrarias apropriadas aos deuses, incluindo a realização de cerimônias e ritos religiosos; c. a prática da lei do amor, mediante obras caridosas; d. a doação de esmolas; e. o preparo e realização de votos e peregrinações; f. a reverência aos sacerdotes e demais autoridades religiosas; g. o seguir dos quatro caminhos que já descrevi sob o ponto III.5; h. a passagem pelos estágios ideais da vida humana, conforme descrevemos sob o ponto III.3. Tudo isso inclui uma grande devoção à fé religiosa, como um fator norteador. Para alguns, a fase itinerante, ascética, em que a pessoa pede esmolas, é a fase culminante, embora tal parecer esteja cada vez mais desaparecendo no hinduísmo. Além desses, ainda temos o seguinte sagrado dever: o princípio da não injúria (*ahimsa*), que é importantíssimo, por ser o princípio mais basilar da conduta entre os hindus. Gandhi chamou esse princípio de *não violência*, visto que, para ele, prejudicar qualquer criatura viva, em qualquer sentido, era uma violência. Esse princípio é exemplificado na proteção dos bovinos, o que se tem tornado um motivo de piadas e chacotas, entre os que não são hindus, mas que é uma questão séria para eles. Assim, em inglês, a expressão *holy cow!*, «vaca santa!», durante muitos decênios foi uma expressão mais equivalente à expressão brasileira «Nossa!» Nessa regra está envolvido o conceito hindu da santidade de *todas* as formas de vida, e não somente da vida humana. Os não-hindus têm pensado que o princípio da transmigração de almas está à base dessa questão, mas esse é apenas um fator dentre vários. Portanto, é uma piada grosseira, dizer-se: «Não faça mal a uma vaca porque pode ser a sua avó que voltou à vida!» Isso perde de vista toda a questão do respeito dos hindus à vida, em *si mesma*, à parte da questão da reencarnação.

A violação de deveres é um pecado, o que, para os hindus, pode ser absolvido mediante o pagamento de alguma pena, ou através de ritos expiatórios.

Para nós, o sistema de castas é uma violação dos direitos humanos; mas, para os *hindus*, é uma maneira de alguém desincumbir-se devidamente dos seus deveres, em consonância com o que a evolução espiritual de uma pessoa fez à alma. Interromper o sistema de castas seria interromper o *karma*. O conceito do *dever*, no hinduísmo, é mais importante do que aquilo que nós consideramos como os direitos humanos.

Liberação. A ética, como é óbvio, é importante no campo da liberação, visto que, no hinduísmo, tudo depende do *karma*. No sistema ioga de Patanjali, há oito passos conducentes à liberação. Os dois primeiros passos são éticos. O primeiro deles inclui cinco restrições: o indivíduo não deve danificar a vida (princípio da não injúria); a mentira fica eliminada; o furto é proibido; as paixões desenfreadas são prejudiciais; e o indivíduo não deve ser ganancioso nem ao ponto de aceitar presentes desnecessários. O segundo desses passos incorpora cinco observâncias: a purificação do corpo mediante a lavagem; ensinso para impedir as paixões excessivas; o contentamento com a própria sorte; o ascetismo; o estudo dos

HINO (HINOLOGIA)

documentos religiosos; a devoção a Deus. Sem a preparação de uma vida *moral* bem ordenada, a meditação é considerada *inútil*. (AM E FARQ H HUS P)

HINO (HINOLOGIA)

Ver os artigos separados sobre *Música* e sobre *Música e Instrumentos Musicais*.

Esboço:

I. A Palavra e Seus Usos

II. Pano de Fundo no Antigo Testamento

III. Música Cristã Primitiva: As Distinções em Colossenses 3:16

IV. O Poder da Música

V. Informes Históricos

I. A Palavra e Seus Usos

A palavra grega *humnos* era usada, nos tempos clássicos, para aludir a qualquer ôde ou cântico escrito em louvor aos deuses ou aos heróis. Ver Êsquilo, *Cho.* 475; Platão, *Leg.* 7, par. 801 d; *Repúb.* 10 par. 607A. A Septuaginta usava essa palavra para denotar o louvor prestado a Deus, como em Sal. 40:3; 55:1; Isa. 42:10. No Novo Testamento, a palavra ocorre apenas em Efé. 5:19 e Col. 3:16. A forma verbal ocorre em Mat. 26:30 e Mar. 14:26, onde está em vista a segunda parte do *Hallel* (vide), referente aos Salmos 115 — 118. Além disso, em Atos 16:25 temos a forma verbal, onde encontramos Paulo e Silas louvando ao Senhor na prisão. A forma verbal, *umneo*, significa «cantar um hino», «cantar louvores». Essa é, igualmente, uma palavra clássica, encontrada em vários autores, como Xenofonte (século VI A.C.). Josefo a emprega em *Antiq.* 7.80 e 11.80.

«...cantar-te-ei louvores no meio da congregação» (Heb. 2:12).

II. Pano de Fundo no Antigo Testamento

Sabemos que muitas culturas antigas tinham seus próprios hinos, que faziam parte do seu culto religioso. Esses hinos eram cantados tanto formalmente, nos templos, quanto informalmente, isto é, em particular. Neste artigo, porém, interessamo-nos pelo pano de fundo dos hinos cristãos. Nesse contexto, é correto asseverarmos que até onde diz respeito à música formal, os salmos do Antigo Testamento foram a inspiração dos primeiros hinos cristãos. Sabemos que alguns desses hinos foram usados nos tempos do Antigo Testamento, na adoração formal, e que Davi, que era um músico perito, desenvolveu a música no culto de Israel ao ponto da mesma tornar-se um aspecto importante desse culto. Os títulos de vários de seus salmos contêm alguma introdução como «ao mestre de canto». As concordâncias alistem nada menos de cinquenta e cinco salmos introduzidos desse modo. Ver alguns poucos exemplos: Sal. 4,5,6,8,9,11,12,13,14,18,19,20.

O uso da música, formal e informal, no Antigo Testamento, é mencionado em I Sam. 18:6; I Crô. 15:16; II Crô. 5:13; 7:6; 23:13; 34:12; Ecl. 12:4; Lam. 3:63; 5:14; Dan. 3:5,7,20; 6:18 e Amós 6:5. O trecho de I Crô. 15:16 afirma especificamente que Davi nomeou músicos, dentre os levitas, para desenvolverem a música como parte da adoração divina. Daí desenvolveu-se a classe dos músicos em Israel, o que, conforme sucedia quanto a outras atividades, perpetuava-se em famílias.

«Os cânticos de Maria e de Zacarias foram os genitores e os modelos de uma multidão de cânticos santos. Nos salmos das Escrituras, a igreja neotestamentária encontrou um instrumento de grande

amplitude. Podemos imaginar o deleite com que os crentes gentílicos se utilizavam do saltério, extraindo dali uma ou outra pérola, recitando-as em suas reuniões e adaptando-as para suas formas nativas de cântico. Depois de algum tempo, começaram a misturá-las com os cânticos de louvor de Israel, formando novas modalidades de *hinos*, para a glória de Cristo e do Pai, faltando-lhe pequeno retoque para que se tornasse um autêntico poema, ou como aqueles que dão começo às tremendas visões do livro de Apocalipse. E a isso poderíamos acrescentar os *cânticos espirituais*, de caráter mais pessoal e incidental, como o *Nunc dimittis*, de Simeão, ou o cântico do cisne de Paulo, em sua última epístola a Timóteo» (Findlay, sobre Col. 1:16).

III. Música Cristã Primitiva: As Distinções em Colossenses 3:16

Com base em Mat. 26:30, sabemos que certas porções do Antigo Testamento, sobretudo os salmos, eram usadas como hinos cristãos. O mais antigo hino cristão de que há registro é o *Phos Hilaron*, um hino grego traduzido como *Salve, Luz Rejubilante*, por John Keble, ou como *O Alegre Luz*, por Robert Bridges. Ao que parece, estava ligado à cerimônia do acender das lâmpadas, e provavelmente, foi composto nos fins do século III D.C. Porém, no próprio Novo Testamento encontramos vestígios de antigos hinos. As passagens abaixo são possibilidades:

1. O prefácio do evangelho de João (vss 1 a 5).
2. Efé. 5:14, um fragmento de um cântico espiritual.
3. I Tim. 3:16.
4. II Tim. 2:11-13.
5. Tia. 1:16.
6. Pelo menos certas porções de I Cor. 13.
7. Apo. 5:13,14.

Uma vez que o cristianismo se tornou uma religião tolerada (de 310 D.C. em diante), floresceu a hinologia cristã. Ambrósio compôs certo número de hinos com temas ascéticos, além de outros que atacavam posições doutrinárias heréticas de vários grupos. O poeta cristão latino, Prudêncio, também contribuiu com alguns hinos.

Distinções na Música Religiosa do Período Neotestamentário:

O trecho de Col. 3:16 fornece-nos algumas idéias sobre a música na Igreja apostólica, mencionando três classes (que talvez se justapassem): salmos, hinos e cânticos espirituais.

1. *Salmos*. Essa palavra pode ser comparada ao que se lê em I Cor. 14:15. O termo grego *psalmos* correspondente ao cognato *psallein*, que significa «tanger», é uma alusão ao tanger das harpas e outros instrumentos de corda, visto que as composições religiosas e os salmos do Antigo Testamento eram assim acompanhados. Sem dúvida, há ali alusão aos salmos do Antigo Testamento, que foram adaptados ao acompanhamento musical, o que se prolongou até o tempo das sinagogas e da Igreja cristã primitiva. As *Constituições Apostólicas* mencionam seu uso nas Igrejas locais (2.57.5). O *hino* que foi entoado por Jesus e seus discípulos, por ocasião da última ceia (Mat. 26:30), mui provavelmente, foi um dos salmos de Davi, talvez a segunda metade do *hallel*, isto é, Salmos 115 — 118. Ver os comentários sobre o *hallel*, *in loc.*, no NTI.

2. *Hinos*. Originalmente, esse termo referia-se aos cânticos de louvor em honra a algum deus ou herói. Na Igreja cristã foram compostos *hinos*, normalmente por cristãos, em louvor a Deus Pai ou a Jesus Cristo.

HINO (HINOLOGIA)

Sua forma verbal significa «cantar», «louvar», «narrar repetidamente». Os textos do Novo Testamento, dados acima, talvez reflitam antigos hinos usados pelos cristãos.

3. *Cânticos Espirituais*. No grego temos o termo *odê*, palavra geral que significa «cântico». Originalmente, também era usado para indicar o louvor prestado a deuses ou heróis, embora, mais tarde, tenha recebido aplicação mais ampla. Não há como distinguir precisamente entre os hinos e os cânticos. Na verdade, ambas as palavras apontavam para cânticos de composição cristã, em contraste com *salmos* mais formais do Antigo Testamento. Alguns eruditos pensam que os cânticos seriam *poemas* sagrados, adaptados à música, embora não haja como comprovar essa opinião. O vocábulo pode indicar todas as formas de cântico, acompanhadas ou não por instrumentos musicais. O trecho de I Cor. 14:14 demonstra que alguns cânticos eram entoados em línguas, por inspiração do Espírito Santo. É possível que alguns deles tenham sido traduzidos e preservados.

Plínio, ao narrar os resultados de suas investigações quanto aos costumes dos cristãos primitivos (em cerca de 112 D.C.), diz-nos que eles estavam «acostumados a se reunirem, em um dia determinado, antes do irromper do dia, a fim de cantarem um hino, como uma antífona, a Cristo, como se este fosse uma divindade» (*Cartas* 10:96).

IV. O Poder da Música

Temos provido um artigo separado sobre a *Música*, onde procuramos mostrar o notável poder que a música pode ter. Por causa desse poder, urge que a música evangélica não tome ritmos emprestados das formas de música sensual do mundo, como o *jazz* e o *rock and roll*, porquanto é óbvio que essas variedades provocam certas emoções fortes específicas. A música, para nós, deveria ser uma expressão espiritual, e de forma alguma pode assumir aquelas formas usadas no mundo que são sensuais. Essas formas de música excitam a natureza carnal, não exercendo qualquer poder benéfico sobre o espírito. Bem pelo contrário, ofendem aos nossos sentimentos espirituais. Aquele artigo sobre a *Música* provê ao leitor o que mais temos a dizer sobre o assunto.

V. Informes Históricos

1. Já lemos sobre as formas musicais usadas na Igreja primitiva e nos primeiros séculos do cristianismo, na seção III, acima.

2. *Hinologia Latina na Idade Média*. Os principais contribuidores para essa hinologia foram as ordens monásticas. Os hinos eram compostos para acompanhar o progresso das estações da Igreja e suas expressões doutrinárias. Esses hinos eram chamados hinos *oficiais*, copiando o estilo de Ambrósio. Eram escritos com métrica, primeiramente com oito sílabas (a métrica longa); e então, mais tarde (já no tempo do papa Gregório I), com a chamada métrica sáfica, de estâncias de quatro linhas, as três primeiras com onze sílabas cada, e a última, com cinco sílabas. Melodias simples eram preparadas para esses hinos. Os monges entoavam-nos diária e regularmente, como parte de seu *ofício* ou práticas religiosas (o que explica o nome desses hinos), em contraste com os hinos usados por ocasião da missa.

Um certo magistrado espanhol, Aurélio Prudêncio Clemente (348 — 412 D.C.), compôs muitos poemas que foram adaptados como hinos. Benedito (em cerca de 530 D.C.) determinou que um hino fosse entoado em cada *ofício* (o culto diário de orações, que, juntamente com a eucaristia, constituiriam a maneira

da Igreja adorar a Deus). Ver o artigo separado sobre o *Ofício Divino*, quanto a detalhes. Os hinos de Venâncio Fortunato (530 — 609 D.C.), bispo de Poitiers, assinalaram o começo da maneira de pensar medieval. Esses hinos são ricos em seu simbolismo romântico, honrando os principais símbolos religiosos, como a *cruz*. Um irlandês, Sechnall, escreveu um hino de comunhão em cerca de 690 D.C. E um poeta carolíngio, Teowulf, em cerca de 821 D.C., compôs um hino para a procissão do Domingo de Ramos. Fortunato compôs o famoso *Pange Lingua Gloriosa*, que continua sendo utilizado até os nossos próprios dias.

Uma outra forma de hino que veio à existência desde tão cedo quanto o século IX D.C., foi aquela chamada *seqüência*, que primeiramente provia palavras para as elaboradas fases litúrgicas do *Aleluia*, o que lhe explica o nome. Esse *Aleluia* era entoado em dias festivos. No começo, essa música tinha forma de prosa, mas, posteriormente, assumiu métrica. Quicá a mais bem conhecida dessas composições é o *Dies Irae*, de Tomás de Celano (falecido em cerca de 1255). O papa Inocente III, e também Estêvão Langton, arcebispo de Canterbury, exploraram esse tipo de composição musical.

Outrossim, havia poemas devocionais escritos em latim, que foram musicados. Muitos deles foram traduzidos para o inglês, a começar pelo século XIX. John M. Neal tornou famosos a alguns desses hinos. Pois quem já não ouviu os hinos: *Jerusalem the Golden* e *Jesus, The Very Thought of Thee*.

Hinos em vários idiomas (em contraste com aqueles escritos em latim) apareceram bem antes da Reforma Protestante. Cânticos alegres levaram a música sacra ao povo, em seus próprios idiomas vernáculos, e melodias populares musicavam as composições escritas. Algumas vezes, o latim era misturado com outras línguas. Francisco de Assis, no século XIII, fez o cântico de hinos tornar-se popular por toda a Europa. Vieram à existência grandes hinos como *Laudi Spirituali*, *Alta Trinita Beata* e *Divinum Mysterium* (em italiano); *Cantus Mariales*, *Tantum Ergo* (adaptados para o espanhol); *Noel* (francês); *Piae Cantiones* (adaptado para o alemão); e *Ravenshaw* (dos grupos separatistas boêmios de João Huss).

3. *Hinologia Grega*. A Igreja Oriental produziu uma hinologia mais elaborada do que a da Igreja Ocidental. Havia o *kontakion* e o *kanon*, originalmente associados à história da Paixão de Cristo, entoados por coros monásticos. Neale traduziu o magnífico hino *Dia da Ressurreição*, que procede da tradição oriental. Ele e João Brownlie traduziram e adaptaram outros antigos hinos para os cristãos de língua inglesa. Também desenvolveram-se peças teatrais sobre milagres, partindo de elaborados hinos da páscoa, compostos no Oriente; e foi daí que se desenvolveu o moderno drama teatral. Esse fenômeno foi comum tanto no Oriente quanto no Ocidente.

4. *A Reforma*. Um novo ímpeto foi emprestado a hinos compostos em línguas faladas, com o advento da Reforma. Foi a partir de então que surgiu o cântico da parte da congregação inteira. De fato, foi através da influência de Lutero, o qual também compôs hinos, que essa prática ficou bem firmada. O seu hino mais conhecido é o imortal *Ein' fest Burg* («Castelo Forte», nº 323 do Cantor Cristão). Paulo Gerhardt, que produziu um Coral da Paixão, só perdia em importância, como compositor de hinos em alemão, para Lutero. Zinzendorf, líder de um movimento separatista, trouxe para a América do Norte os corais alemães, que eram entoados em colônias morávias.

HINO (HINOLOGIA) — HINOM, VALE DE

João Sebastião Bach (1685 — 1750) escreveu hinos imortais, fazendo dos cânticos alegres o centro de sua grandiosa arte. Ver o artigo separado sobre ele.

5. O *Movimento Huguenote* (vide) produziu Clemente Morot, que traduziu os salmos para o francês, transformando-os em hinos com métrica. Em Genebra, ele conheceu um seguidor de Calvino, Teodoro Beza (vide), o qual completou a versificação do saltério para o francês. E Luís Bourgeois musicou essa obra. O calvinismo restringia a expressão musical, exigindo que todos os hinos tivessem uma base bíblica, o que indicava, essencialmente, o emprego dos salmos do Antigo Testamento.

6. A *Igreja Anglicana*. Em 1539, Miles Coverdale publicou trinta e seis hinos, traduzidos do alemão para o inglês. A Igreja Anglicana levantou o embargo calvinista contra hinos não bíblicos, permitindo uma composição mais livre das palavras. Tomás Sternhold traduziu trinta e sete salmos que foram adaptados como hinos. Seguiram-se muitos outros hinos, como poemas musicados. A partir do século XVII apareceram vários hinários. Em Charleston, no estado norte-americano da Carolina do Sul, em 1737, João Wesley publicou uma *Coletânea de Salmos e Hinos*, que foi o primeiro verdadeiro hinário anglicano. Continha 70 hinos. Todavia, algumas igrejas evangélicas não o usavam porque continha hinos que não tinham sido diretamente extraídos da Bíblia. Além disso, é óbvio, foi dessa época, igualmente, a produção dos hinos de João e Carlos Wesley. É curioso observar que João Wesley rejeitou alguns dos hinos de seu irmão, por serem por demais sentimentais. Os batistas e outros grupos independentes engrossaram o número daqueles que produziram hinos. Muitos nomes famosos, que não são de interesse especial para os leitores brasileiros e outros de língua portuguesa, apareceram. Entretanto, muitos hinos ingleses (juntamente com aqueles que tinham sido traduzidos do latim e do alemão para o inglês) entraram nos hinários em português, com o resultado de que o elemento «estrangeiro» é realmente importante nesse campo, ao que alguns têm feito objeção.

É verdade que a música dos hinos tem seguido tradicionalmente a música popular da época em que foram compostos, excetuando no caso das composições mais formais, que tendem a conservar expressões musicais mais clássicas. Isso tem produzido o perigo de incorporar ritmos e variedades musicais que refletem a decadência da sociedade em geral. É lamentável que a grande decadência destes finais do século XX também esteja influenciando nossos hinos. O ritmo do *rock and roll* tem penetrado nas igrejas, destruindo, em muitos lugares, o espírito da adoração. Nem tudo quanto é novidade é necessariamente correto. Hume fez-nos lembrar que a falácia natural é, realmente, uma falácia. Aquilo que *existe* não precisa ser, necessariamente, equiparado àquilo que *deveria ser*. Ver o artigo separado sobre *Hume, Lei de*. Ver também o artigo separado intitulado *Hinos Hebraicos e Judaicos*. (AM E FRO ROUT)

HINO ANGELICAL

O hino *Glória in excelsis*, assim chamado porque sua porção anterior é formada pelas palavras do anjo ao anunciar o nascimento de Jesus (ver Luc. 2:14). Em várias liturgias orientais, é usado no começo do culto. Também tem sido usado no culto, antes da leitura da epístola ou evangelho, ou quase no final, como cântico de ação de graças após a comunhão.

•••••

HINOS HEBRAICOS E JUDAICOS

1. Sabemos que havia uma música religiosa formal na antiga nação de Israel, antes da época de Davi; mas ele, como músico habilidoso que era, e escritor de muitos salmos, deu à música uma posição importante e institucionalizada no culto dos hebreus. Temos descrito isso com detalhes no artigo *Hino (Hinologia)*, seção 1, *Pano de Fundo do Antigo Testamento*.

2. Os salmos e cânticos sacros, baseados na Bíblia, formam o tesouro de hinos da congregação judaica.

3. Poemas pós-talmúdicos receberam o título de *piyyut* (do termo grego *poiesis*, «poesia»). A princípio, essas composições, que não se derivavam diretamente das Escrituras, eram escritas por autores que hoje desconhecemos.

4. Do século VII D.C. em diante, nomes de compositores de hinos tornaram-se conhecidos por nós, como Jose ben Jose, Hannai e Eleazar Kalir. Saadia Gaon (falecido em 942 D.C.) produziu *piyyut* devocionais. A escola hispano-árabe produziu os hinos de Salomão ibn Gabirol, Moisés e Abraão ibn Esdras, e também Jeudá Halevi. E também houve os *piyyut didáticos* de Yannai e Kalir, bem como seus discípulos dos ritos romano-germânicos. A tendência da época era versificar e musicar homilias rabínicas; e assim certos hinos vieram a ser vinculados a ocasiões específicas, como festividades e eventos importantes da vida religiosa.

5. Algumas das composições *piyyut* entraram na liturgia da congregação judaica, embora em face de inflexível oposição, da parte de muitas pessoas. As objeções aludidas estavam baseadas sobre estes pontos: a. muitas delas não estavam alicerçadas sobre a Bíblia; b. algumas continham problemas doutrinários; c. algumas tendiam por perturbar a liturgia e os costumes aceitos; d. algumas eram obscuras ou crípticas em sua linguagem. Não obstante, algumas das mais inspiradas dentre essas composições foram retidas, e tornaram-se tradicionais.

6. O judaísmo reformado introduziu hinos em línguas e liturgias modernas. A primeira coletânea de hinos foi publicada, em 1810, por Israel Jacobsen. Também houve o *Hinário de Hamburgo*, de 1845, que foi largamente usado na Alemanha e nos Estados Unidos da América. Seguiram-se outros hinários como o *Hinário da Escola Sabática*, de Isaque S. Moses, de 1920; o *Livro de Cânticos Judaicos*, de A.Z. Idelsohn, de 1929; e o *Hinário União*, publicado por rabinos norte-americanos. A fim de mostrar a extensão dos hinos hebreus, foi lançada a obra de I. Davidson, *Coletânea de Poesias Hebréias Medievais* (4 volumes, 1924 — 1933), com cerca de trinta e cinco mil verbetes, embora algumas dessas poesias sejam seculares. Em seguida, poderíamos mencionar a *Coletânea de Melodias Hebréias Orientais* (10 volumes, 1914 — 1933), com diversos milhares de textos com músicas e orações. Essa seleção é universal, refletindo hinos que têm aparecido dentre a comunidade judaica internacional.

HINOM, VALE DE

Esse vale circunda Jerusalém na parte sul, abaixo do monte Sião. Na Bíblia, esse vale é frequentemente mencionado em conexão com os cruéis ritos a Moloque, que foram imitados pelos reis e pelo povo de Israel (Jos. 15:8; 18:16; Nee. 11:30; Jer. 7:31; 19:2). Quando Josias derrotou essa idolatria, ele profanou o vale de Hinom, lançando no mesmo ossos de mortos, a pior de todas as poluições, entre os hebreus. Desde então, o lugar tornou-se uma espécie de monturo, onde sempre havia algum lixo queimando e lançando

HIPAPO — HIPNOTISMO

fumaça. Foi por causa dessa circunstância que apareceu a ilustração da *Geena* (em heb., «vale de Hinom») (ver Mat. 5:22,23; Mar. 9:43; João 3:6). De fato, a certa altura das tradições dos hebreus, pensava-se que aquele lugar seria a própria entrada para o inferno, pois, na antiga cosmogonia, julgava-se que o lugar dos mortos seria no interior do globo terrestre.

Esse vale formava parte da fronteira entre os territórios de Judá e de Benjamim. Ficava situado entre o lado sul, pertencente aos jebuseus, isto é, Jerusalém, e En-Rogel (ver Jos. 15:7 ss). Em En-Rogel fica a atual fonte da Virgem. O vale de Hinom é o mesmo vale do Cedrom, que corre ao sul de Jerusalém, de leste para sueste. Porém, se era o que atualmente se chama Bir Eyyub, então há duas outras possibilidades: ou era o vale Tiropoeano, que parte do centro de Jerusalém para o sueste, ou então era o vale que circunda a cidade nos lados oeste e sul, o qual, em nossos dias, chama-se wadi al-Rababi. Todos esses três vales, em sua extremidade sueste, terminam perto do poço de Siloé. E muitos eruditos pensam que esse wadi é a identificação geográfica correta do antigo vale de Hinom. Seja como for, o vale tinha má reputação, pois, além de ser um monturo, onde eram cremados corpos de criminosos e queimado o lixo da cidade, etc., segundo certas predições, seria o lugar de uma futura grande destruição, por juízo divino. Ver Jer. 7:31-34, onde é chamado de «vale da Matança».

HIPAPO DE METAPONTO

Ele viveu nos séculos VI e V A.C. Foi um filósofo grego, reputado como um dos primeiros discípulos de Pitágoras. Em seus conceitos, porém, aproximava-se mais de Heráclito. Ele considerava o fogo como o elemento básico, e que a alma compõe-se desse elemento. Ver o artigo sobre *Filosofia Grega*, I. *Esboço da Filosofia Pré-Socrática*.

HÍPIAS DE ELIS

Viveu no século V A.C. Foi um filósofo grego, sofista famoso e contemporâneo de Pitágoras. Platão mencionou-o em vários de seus diálogos, com *Hippias Major*, *Hippias Minor* e *Protágoras*. Ele teria dominado todo o conhecimento de sua época, pelo que teria um saber enciclopédico. Contribuiu à matemática. É lembrado por ter feito uma distinção entre as leis criadas pelo homem e as leis naturais, revestidas de uma eterna validade. O poder das leis naturais é especialmente prezado na história da filosofia, tendo servido de base para muita legislação, sobretudo no tocante aos direitos humanos, os quais, ao que se presume, seriam promovidos pela própria natureza. Paulo fala sobre a lei natural, no primeiro capítulo da epístola aos Romanos, onde declara o conhecimento de Deus e o direito que o mesmo envolve, pois está alicerçado, naturalmente, sobre o Criador e a sua vontade. Ver o artigo geral sobre os *Sofistas*.

HIPNOTISMO

Esboço:

- I. Na História Antiga
- II. Franz Mesmer
- III. Técnicas Clássicas
- IV. Usos
- V. Abusos

Esse é um título que merece figurar em uma enciclopédia como esta, visto que aborda uma questão

de conhecimento daquilo que o homem é (antropologia). Outrossim, a ética está envolvida nessa questão.

Hipnose é um vocábulo que vem do grego *húpnos*, «dormir», porquanto os antigos pensavam que as pessoas hipnotizadas estavam apenas dormindo. Agora, porém, sabe-se que o sono nada tem a ver com esse estado. Antes, parece ser uma condição de elevada concentração mental, que chega ao estado de transe ou de consciência alterada. Trata-se de um fenômeno complexo, que desafia qualquer definição precisa. As próprias descrições do hipnotismo são muita variegadas e até conflitantes.

I. Na História Antiga

Sabe-se pouquíssimo sobre o hipnotismo até que surgiu o trabalho de Franz Anton Mesmer, o qual, nos fins do século XVIII, falava sobre o seu magnetismo animal, usando-o como um instrumento de terapia. Antes disso, supõe-se, contudo, que o estado já era reconhecido, mas como se fosse um mero transe ou como estados religiosos de êxtase. Mesmo assim, a literatura da antiguidade fala pouquíssimo, sobre o assunto.

II. Franz Mesmer

Ele foi um médico europeu do século XVIII. Acreditava na existência de um fluido rarefeito que ele chamava de magnetismo animal; e supunha que, quando as pessoas eram deixadas em estado de transe, ele era capaz de controlar esse fluido, influenciando a saúde delas para melhor. Ele pensava estar usando alguma força magnética para controlar o fluido, corrigindo assim os desequilíbrios no fluxo desse fluido dos seres humanos. Outros estudiosos franceses rejeitavam a idéia do magnetismo, embora reconhecendo que Mesmer obtinha sucesso na cura de certos pacientes. Começaram, então, as investigações científicas sobre esse estado, que se chamou, no começo, de *mesmerismo*. Foi James Braid, um médico inglês, quem cunhou o termo *hipnose*, que usamos atualmente. Todavia, o interesse pela questão foi-se desvanecendo lentamente. Foi preservado somente pelos curiosos e pelos entretenedores. Porém, não houve qualquer avanço científico verdadeiro sobre a questão, até à década de 1950, quando então associações médicas inglesas e norte-americanas aprovaram, formalmente, o uso do hipnotismo.

III. Técnicas Clássicas

O indivíduo a ser hipnotizado é convidado a concentrar a atenção sobre algum objeto. Enquanto faz isso, é-lhe dito que está ficando com sono, que seus olhos estão pesados. Então vem a ordem para a pessoa fechar os olhos. Mediante esse modo de concentração, o indivíduo entra no transe hipnótico. Se a pessoa não conseguir abrir os olhos, quando lhe é dito que não pode fazê-lo, e então lhe é dito que tente, então o transe é genuíno. Todavia, há transe hipnóticos mais profundos e mais superficiais, que produzem variegados resultados. Uma pessoa cega pode ser hipnotizada mediante um diferente modo de concentração, e os surdos podem ser hipnotizados imitando atos repetitivos que o hipnotizador os ajude a realizar. A auto-hipnose é possível, especialmente depois que o indivíduo é primeiramente hipnotizado por outro, e então, por auto-sugestão, repete o ato, sem ajuda externa. Alguns hipnotizadores têm um poder especial; e até mesmo mediante o som de sua voz, com seus vários comandos, parecem ser capazes de hipnotizar, sem a necessidade de qualquer técnica de concentração. No caso de certos hipnotizadores, sem dúvida, trata-se de algum poder psíquico e não apenas o som da voz. Em outras palavras, a mente do hipnotizador tem a capacidade de controlar as mentes

HIPNOTISMO

alheias.

IV. Usos

O simples fato de que as associações médicas britânicas e norte-americanas aprovaram o uso controlado da hipnose, como uma terapia, durante a década de 1950, demonstra que o hipnotismo se reveste de algum valor terapêutico. Ocasionalmente, ouve-se falar sobre a cura de alguma condição doutra sorte impossível de ser curada, como, por exemplo, alguma afecção cutânea de causa desconhecida. Um certo pesquisador foi capaz de curar uma condição assim, através da sugestão hipnótica. Mas a coisa estranha é que foi capaz de fazer a condição desaparecer somente em um dos braços, mas não no outro, e repetidos esforços para curar a afecção no outro braço foram baldados. Consideremos os seis pontos abaixo:

1. Os Principais Objetivos Terapêuticos

a. Fazer diminuir a intensidade da dor, reduzindo ou mesmo eliminando a necessidade de analgésicos.

b. Anestesiar, com ausência total de dor, na prática médica ou dentária.

c. Fazer diminuir os estados de ansiedade.

d. Reprimir sintomas vários de diversas enfermidades.

e. Curar doenças de origem psicossomática.

f. Curar pacientes afetados não por razões psicossomáticas, mas talvez pela agitação do próprio sistema imunológico natural. Aqui, porém, já estamos abordando mistérios. Pois é possível que certas curas se processem através de poderes mentais (à parte de qualquer sistema imunológico), que ainda não foram devidamente compreendidos, mas que fazem parte das curas psíquica e espiritual.

2. Melhorias Psicológicas

a. Remover ansiedades e instilar confiança e otimismo, para que as pessoas vivam e se sintam melhor.

b. Interromper o poder dos vícios.

c. Melhorar a capacidade de aprender.

d. *Psicoterapia geral.* Durante algum tempo, Freud se utilizou do hipnotismo, antes de começar a usar a psicanálise. Ele descobriu que certos pacientes tendem por fantasiar, desenterrando no passado acontecimentos imaginários, que estariam-lhes servindo de obstáculos. O fenômeno da fantasia, no caso da hipnose, é notável; mas, a despeito disso, há casos de psicoterapia bem-sucedida, através do hipnotismo. Algumas vezes, o hipnotismo pode desvendar, em curto tempo, dificuldades que a psicanálise levaria meses, ou mesmo anos, para descobrir.

3. Terapia Através da Descoberta de Problemas em Vidas Passadas

Um número crescente de psiquiatras está convencido de que há enfermidades que resultam de condições existentes nas vidas passadas dos pacientes. A teoria é que o descobrimento desses problemas pode produzir curas imediatas, pois somente então a causa real de certas enfermidades é trazida à tona. De fato, alguns psiquiatras estão usando a hipnose para desvendar esses alegados problemas, não por acreditarem que a causa real foi assim descoberta, mas porque o processo realmente funciona. Em suas mentes, o que ocorre é uma *fantasia* inventada pelos pacientes envolvidos, atribuindo alguma causa a alguma má condição física. Essa fantasia declara, por exemplo, que as constantes dores de cabeça de certo indivíduo se devem a uma severa injúria craniana que a pessoa sofreu há duzentos e cinqüenta anos atrás, e da qual

ela ainda se lembra, embora não de maneira consciente.

Uma vez que o indivíduo pensa que descobriu a causa de sua condição, então fica aliviado de suas dores de cabeça. E aqueles que acreditam na reencarnação, supõem que a causa real foi descoberta. Em caso contrário, as pessoas supõem alguma fantasia, e o hipnotizador pensa que, a despeito disso, ainda assim a terapia dá certo, e é nisso que ele está interessado. As pesquisas quanto a esse campo deveriam prosseguir, porquanto não há que duvidar que curas realmente admiráveis estão sendo realizadas desse modo. Temos provido um artigo separado sobre a *reencarnação*, com esse nome, onde há uma discussão detalhada sobre a questão, tanto a favor como contra essa teoria.

4. Diagnóstico das Enfermidades

Em alguns casos notáveis, hipnotizadores têm sido capazes de dar diagnósticos precisos, sobre enfermidades, quanto a pessoas que estão sob o transe hipnótico. Edgar Cayce pode servir de modelo quanto à questão. Há muitos casos bem documentados de como ele diagnosticou enfermidades, e também de como prescreveu os medicamentos certos. Questões assim precisam continuar a ser investigadas, em vez de serem ignoradas ou ridicularizadas. O que hoje é difícil de entender, amanhã será entendido até pelas crianças.

5. O Conhecimento dos Fenômenos Psíquicos

A hipnose facilita a produção de fenômenos psíquicos, fenômenos esses que têm a capacidade de ampliar o fundo de conhecimentos que uma pessoa pode ter. Quanto a isso, estamos tratando com mistérios. Há coisas deveras admiráveis que estão sendo feitas. Conheci, pessoalmente, a certo homem que, ao hipnotizar um seu filho, podia fazê-lo descrever acontecimentos em uma cidade distante. Por exemplo, ele podia «enviá-lo» a certo quarto, na residência de um amigo. Então o filho daquele homem descrevia o que via ali. O jovem era capaz de fazer descrições muito exatas. Como é óbvio, temos aí um nítido caso de clarividência. Alguns têm sido capazes de «ver através» de paredes, descrevendo coisas que estão acontecendo do outro lado. Outras pessoas possuem notórios poderes telepáticos, quando estão sob hipnose. Essas experiências precisam continuar a ser feitas, sob condições controladas, porque é legítimo termos conhecimentos sobre os poderes da mente, que, afinal de contas, é mais importante para a pessoa real do que o mero corpo físico. A ciência do futuro talvez pense que tudo aquilo sobre o que falamos é muito simples, embora para nós, no presente estágio de conhecimento, tais coisas nos pareçam misteriosas. Porém, a ignorância não tem qualquer valor. Nenhuma ciência jamais se desenvolveu sem primeiro passar por um período de tentativas e erros, enquanto muitos circunstantes somente escarneciam.

6. O Desenvolvimento Psíquico e Espiritual

O transe hipnótico pode ser substituído pelo transe místico e, através disso, um indivíduo pode tentar melhorar suas capacidades psíquicas, aprimorando os seus conhecimentos, os seus meios de obter mais conhecimentos, bem como a confiança geral com que dirige a sua vida. E o conhecimento adquirido por meio desse tipo de transe, quando aborda questões filosóficas e religiosas, é tido por muitos como benéfico. Contudo, fica em aberto o quanto do conhecimento assim adquirido é genuíno. Pois a hipnose é bem conhecida quanto à sua tendência de causar fantasias. Algumas vezes, essas fantasias são

HIPNOTISMO — HIPÓCRATES

muito coloridas e convincentes; pois as investigações subsequentes nada descobrem. O Dr. Ian Stevenson, da Universidade do estado norte-americano de Virgínia, que tem feito muitos estudos sobre o problema da reencarnação, quando iniciou os seus estudos empregava a hipnose para recuperar alegadas vidas passadas das pessoas. Porém, as investigações que então eram feitas, quando isso se tornava possível, produziam bem pouco de positivo. Pois, na verdade, a hipnose estava provocando um maior número de problemas do que aqueles que estava resolvendo. Por essa razão, Stevenson abandonou esse método. Mas outros pesquisadores têm continuado a usar o método, tendo publicado resultados em várias profundidades. Dizem esses que um transe profundo pode produzir memórias genuínas de existências passadas do indivíduo. E que os trances superficiais é que produzem fantasias. Seja como for, as investigações nesse campo deveriam continuar. A ignorância nada vale. As investigações poderiam provar que as memórias de vidas passadas são genuínas ou são falsas; mas precisamos saber qual a resposta.

No caso de serem genuínas as vidas passadas, então é óbvio que tais coisas exerceriam seu efeito sobre nossa atual espiritualidade e sobre nossas inquirições espirituais. As instruções recebidas sobre questões morais e espirituais, poderiam ser de grande valia. Alguns pesquisadores opinam que a questão revestese de certo valor, quanto a esse terreno. Mas a questão ainda se encontra um tanto confusa na mente dos estudiosos.

Seja como for, nossa pesquisa espiritual deveria ir muito mais fundo do que o transe hipnótico. O *transe místico* tem produzido revelações e conhecimentos; e isso é demonstrado tanto no Novo Testamento como em todas as demais fé religiosas sérias, que contam com visões e com experiências místicas dos profetas. Ver o artigo sobre o *Misticismo*, quanto a detalhes sobre a questão. Quanto a mim, não recomendo o uso do hipnotismo, com qualquer propósito, a menos que manuseado por técnicos habilitados, que reconhecem tanto as potencialidades quanto os riscos envolvidos nessa técnica. Também não espero que dessa prática emerja muita coisa de valor espiritual, embora a medicina possa tirar grande proveito da mesma. As verdadeiras experiências místicas, dirigidas pelo Espírito de Deus, realmente transformam aqueles que passam por elas. Mas, não há a mínima evidência de que o mesmo ocorre no caso do transe hipnótico.

V. Abusos

1. **Uma causa de crimes?** Tem sido disputado se alguém pode ser forçado a fazer algo, sob o transe hipnótico, que não faria em seu estado normal. Pode ser verdade, estritamente falando, que um indivíduo, por exemplo, não queira assassinar a outro, meramente porque isso lhe foi sugerido pelo seu hipnotizador. Por outro lado, um hipnotizador habilidoso pode apresentar uma sugestão que se torne moralmente aceitável para a pessoa hipnotizada. Por exemplo, certo psiquiatra foi capaz de seduzir a muitas mulheres, meramente dizendo-lhes que a pessoa com quem estavam prestes a fazer sexo era o marido delas. Além disso, tendências latentes para o erro, mas que não emergem à superfície sobre circunstâncias normais, podem ser agitadas mediante a sugestão hipnótica. Por conseguinte, o suposto fator de segurança, que seria o código moral do próprio indivíduo hipnotizado, pode ser ultrapassado mediante sugestões, ou pode ser debilitado, e isso com resultados desastrosos.

2. Nos casos de crimes diversos, não são admissíveis como evidências judiciais as confissões obtidas através

da hipnose. Não obstante, muitas coisas valiosas têm sido obtidas por meio dessa prática, que tem ajudado a resolver casos difíceis. Para evitar abusos, entretanto, é mister muito cuidado. Há casos, entretanto, em que alegados crimes, que teriam sido cometidos e confessados, por parte de pessoas hipnotizadas, na verdade nunca ocorreram. A fantasia explica tudo.

3. Algumas vezes, a hipnose é como um tiro pela culatra. Tomei conhecimento de um caso em que um psiquiatra julgava estar melhorando sensivelmente as condições de certo paciente, aliviando eventos traumáticos de sua vida passada. Com frequência, isso produz bons efeitos de *catarse*, porquanto os estados psicológicos anormais do indivíduo podem diminuir ou mesmo desaparecer. Nesse caso particular, entretanto, o contrário foi o que ocorreu. E o paciente cometeu suicídio. Não foi capaz de suportar o que lhe foi desvendado, e sentiu-se forçado a obter alívio através dessa grande fuga. Ora, se coisas assim sucedem quando profissionais estão controlando os procedimentos, quanto mais isso pode acontecer quando meros amadores se aventuram nesse campo.

4. **Paranóia.** Algumas pessoas, simplesmente, nunca deveriam ser hipnotizadas. Já têm sido noticiados casos de paranóia, que a hipnose aparentemente iniciou ou exacerbou. O uso da hipnose, com motivos de entretenimento, provavelmente, envolve pouco ou nenhum risco para a maioria das pessoas, mas talvez um grande risco para algumas poucas pessoas.

5. Para mim, o uso da hipnose com o fito de desenvolver a espiritualidade é um abuso e uma burla. Promete resultados dúbios, em vez de concentrar a atenção sobre aquilo que é vital — o verdadeiro contacto do espírito com o Espírito de Deus, mediante Jesus Cristo.

A hipnose já é considerada como um auxílio poderoso, pela medicina moderna. Isso poderia aumentar dramaticamente, mediante pesquisas devidamente orientadas. A hipnose promete ter valor para o desenvolvimento dos poderes psíquicos, os quais, quando devidamente estudados e dirigidos, poderiam revestir-se de considerável valor final. Porém, a hipnose praticada em busca da espiritualidade parece-me um substitutivo barato para os estados autênticos de misticismo. É praticamente certo que *uma parte* daquilo que ocorre dentro do *movimento carismático* (vide) deve-se a possíveis trances hipnóticos, e não a estados místicos genuínos.

HIPÓCRATES, JURAMENTO DE

Ver o artigo separado sobre *Medicina, Ética da*.

O *juramento de Hipócrates* é atribuído ao célebre médico grego, Hipócrates. Ele era nativo da ilha de Cós, tendo vivido em cerca de 460 — 357 A.C. Alguns supõem que esse juramento deriva-se dos ritos ainda mais antigos dos pitagoreanos. Tal juramento tornou-se a base da prática ética médica do Ocidente, tendo sido traduzido para muitos idiomas. Inúmeros formandos de medicina têm feito esse juramento, até os nossos próprios dias. Qualquer código, antigo ou moderno, mostra-se inadequado, por causa de problemas inerentes e de hiatos, que se derivam de pontos de vista em mutação, sobre alguns assuntos. No entanto, esse juramento tem demonstrado seu valor, atravessando os séculos, até hoje.

Cito aqui o código inteiro de Hipócrates, traduzido para o português de uma tradução feita por W.H.S. Jones, em seu livro, *Hipócrates*, existente na Biblioteca Clássica Loeb, vol. I, págs. 298-301, em

HIPOCRISIA

Cambridge, Imprensa da Universidade de Harvard (1952-1958): «Juro pelo médico Apolo, por Asclépio, pela Saúde, pela Cura Tudo e pelos deuses e deusas como testemunha, de que levarei avante, de acordo com minha habilidade e bom juízo, este juramento e este compromisso:

«Considerar meu mestre nesta arte como igual a meus pais; torná-lo sócio em meus proventos e quando ele estiver precisando de dinheiro, compartilhar do meu dinheiro com ele; considerar seus descendentes iguais a meus irmãos; ensinar-lhes esta arte, se precisarem aprendê-la, sem qualquer cobrança ou taxa; e conferir instrução oral e por preceitos, bem como todo outro conhecimento, a meus filhos e aos filhos de meu mestre, e aos alunos que tiverem assinado este compromisso e jurado obediência à lei dos médicos, mas não a outros.

«Usarei meus tratamentos para ajudar aos doentes, segundo minha capacidade e bom juízo, mas nunca usá-los-ei para prejudicar a outrem.

«Nunca darei veneno a alguém, mesmo que seja solicitado a isso, e nem sugerirei tal plano. Por igual modo, nunca darei um instrumento a uma mulher, para provocar-lhe o aborto. Mas, em pureza e santidade, guardarei minha vida e minha arte.

«Não usarei meu bisturi nos que sofrerem de pedras, mas darei lugar aos especialistas nesse ramo.

«Em qualquer casa em que eu entrar, fá-lo-ei para ajudar aos enfermos, resguardando-me de toda intenção de malefício e dano, especialmente de atos de fornicação com homem ou mulher, com livres ou escravos.

«Tudo quanto, no curso de minha prática, eu vir ou ouvir (ou mesmo fora da prática de meus contactos sociais), que nunca devam ser publicados, não divulgarei, pois considerarei tais coisas como segredos santos.

«Se eu não quebrar este juramento, mas antes, se eu observá-lo, que possa desfrutar de honra em minha vida e em minha arte, entre todos os homens de todos os tempos; mas, se eu transgredir e perjurar, que o oposto me aconteça.»

HIPOCRISIA

Esboço:

- I. A Palavra e Suas Definições
- II. Referências e Idéias Bíblicas
- III. Exemplos Bíblicos de Hipocrisia
- IV. Um Emprego Filosófico Útil
- V. Todos os Religiosos são Hipócritas

I. A Palavra e Suas Definições

Essa palavra vem do verbo grego que significa «apreciar». O substantivo era usado para indicar «aquele que replica» e no uso e desenvolvimento desse vocábulo, veio a assumir o significado de *ator*, partindo da idéia de que os atores replicam uns aos outros. Finalmente, o termo passou a significar «ator» quanto a coisas sérias, até adquirir o sentido moderno de «hipócrita». Essa palavra é usada por vinte vezes no Novo Testamento (sempre nos evangelhos sinópticos), sempre em mau sentido. Lucas usou a forma verbal por uma vez (Luc. 20:20), com o sentido de «fingir». As autoridades religiosas profanavam a prática religiosa, transmutando-a em uma peça de teatro, chegando ao cúmulo de atrair as multidões, que aplaudiam o espetáculo que davam. E a recompensa delas era o aplauso que recebiam.

No Antigo Testamento encontramos o termo hebraico *hanep*, que significa «poluído», «ímpio». A

raiz dessa palavra, *hnp*, indica aquilo que é antagônico ao que é sagrado. Em algumas ocorrências dessa palavra, a Septuaginta traduz por *hipócrita* (como em Jó 34:20; 36:13), mas essa é apenas uma das traduções possíveis, não sendo o seu uso básico. Em Isaías 32:6, segundo a nossa versão portuguesa, o vocábulo hebraico *khoneph* é traduzido por «usar de impiedade». A raiz hebraica, acima mencionada, aparece em trechos como Jó 13:16; 15:34; 17:8; 20:5; 27:8; 34:30; 36:13; Pro. 11:9 e Isa. 9:17. A idéia básica é a de alguém que usa de duplicidade, mostrando-se assim ímpio e insincero, culpado de levar uma vida fingida, hipócrita.

A hipocrisia consiste em fingir alguém ser aquilo que ele não é, como se estivesse representando ser melhor do que, na realidade, é. Essa é a base do falso orgulho. Alguém gostaria de ser algo significativo. Não sendo isso, o indivíduo apresenta ao público uma fachada de bondade que é falsa ou exagerada. Os sinônimos são a dissimulação, o farisaísmo, o fingimento e a falsa pretensão. O ludíbrio sempre faz parte da vida ou dos atos dos hipócritas.

«A hipocrisia é o ato de simular qualidades de personalidade, de caráter moral e de convicções religiosas ou outras crenças que, na verdade, não estão presentes no indivíduo, o qual assume uma aparência falsa. Se o termo *hipocrisia* é aplicado, no uso comum, à dissimulação deliberada ou à insinceridade intencional, não deveria ser limitada somente à idéia de um ludíbrio consciente. Pois esse termo pode também aludir de modo coerente, embora nem sempre bem aceito, às *distorções inconscientes* de algum ideal professado, às discrepâncias ou incoerências não reconhecidas que prevalecem entre aquilo que os homens dizem defender, na teoria, e a qualidade de personalidade que eles demonstram na prática diária.» (E)

II. Referências e Idéias Bíblicas

Oferecemos uma completa revisão sobre as referências veterotestamentárias e seu uso, na seção I. No Novo Testamento, o termo grego *upókrisis*, «hipocrisia», aparece somente por sete vezes: Mat. 23:28; Mar. 12:15; Luc. 12:1; Gál. 2:13; I Tim. 4:2; Tia. 5:12; I Ped. 2:1. O adjetivo *upokrités*, «hipócrita», figura por vinte vezes: Mat. 6:2,5,16; 7:5; 15:7; 16:3; 22:18; 23:13-15,23,25,27,29; 24:51; Mar. 7:6; Luc. 6:42; 11:44; 12:56; e 13:15. Todos esses usos ocorrem nos evangelhos sinópticos, envolvendo, essencialmente, a denúncia de Jesus contra os líderes religiosos cuja espiritualidade não correspondia à ostentação deles em público.

Idéias Bíblicas:

Deus reconhece e detecta os hipócritas (Isa. 29:15,16); Cristo reconhecia-os e detectava-os (Mat. 22:18); Deus não encontra prazer algum na hipocrisia (Isa. 9:17); um hipócrita não pode apresentar-se diante de Deus, esperando o seu favor (Jó 13:16); os hipócritas são cegos por sua própria vontade (Mat. 23:17,19); os hipócritas são justos aos seus próprios olhos (Luc. 18:11); e também apreciam a ostentação (Mat. 6:2,5); e, além disso, são censuradores, condenando ao próximo (Mat. 7:3-5; Luc. 13:14,15); promovendo as tradições humanas, em vez da verdade divina (Mat. 15:1-3); e requerem muitas práticas religiosas triviais, às quais emprestam um exagerado valor (Mat. 23:23,24). Além disso, se exibem uma forma externa de piedade, não possuem a verdadeira espiritualidade (II Tim. 3:5); professam a fé religiosa, mas não a praticam (Eze. 33:31,32; Mat. 23:3; Rom. 2:17-23); falam sobre coisas grandiosas, mas seus atos não correspondem àquilo que dizem

HIPOCRISIA — HIPOSTASE

(Isa. 29:13; Mat. 15:8). Gloriam-se nas meras aparências (II Cor. 5:12); insistem em ter privilégios especiais (Jer. 7:4; Mat. 3:9). Outrossim, oprimem aos incapazes (Mat. 23:14); apreciam ocupar lugares proeminentes (Mat. 23:6,7); a adoração deles não é aceita por Deus (Isa. 1:11-15); procuram destruir outras pessoas com as suas calúnias (Pro. 11:9). A hipocrisia está ligada à apostasia (I Tim. 4:2); impede o crescimento na graça divina (I Ped. 2:1). Há um «ai» pronunciado contra os líderes religiosos hipócritas (Mat. 23:12); o castigo divino aguarda por esses (Jos. 25:34; Isa. 10:6; Mat. 24:51).

III. Exemplos Bíblicos de Hipocrisia

Caim (Gên. 4:3); **Absalão** (II Sam. 15:7,8); os judeus, em tempos de desvio e apostasia (Jer. 3:10); os fariseus (Mat. 16:3); Judas Iscariotes (Mat. 26:49); os herodianos (Mar. 12:13,15); Ananias (Atos 5:1-8); Simão (Atos 8:13-23); até mesmo Pedro e Barnabé caíram em pecado de hipocrisia, no tocante ao tratamento que deveria ser dado aos crentes gentílicos, no começo da dispensação do evangelho, conforme nos informa Paulo, em Gál. 2:13.

IV. Um Emprego Filosófico Útil

Os filósofos existenciais fornecem-nos um certo discernimento sobre a questão da hipocrisia. Eles se referem à hipocrisia com o nome de *existência não-autêntica*. Quando alguém se amolda à opinião e às expectativas públicas, em vez de seguir os ditames de sua própria consciência, então está levando uma existência não-autêntica. A busca pela *autenticidade* é uma das principais preocupações do homem verdadeiramente justo. A Bíblia insiste em que devemos ser autênticos em nossas palavras e em nossas ações.

V. Todos os Religiosos são Hipócritas

É fácil chamarmos outras pessoas de hipócritas; e é ainda mais fácil sermos tão arrogantes que nos consideramos autênticos, enquanto todas as outras pessoas seriam destituídas de autenticidade. A verdade é que todas as pessoas religiosas, incluindo até mesmo as sinceras, e até mesmo aqueles que buscam diligentemente pela autenticidade, em certo grau, são hipócritas. Isso é verdade porque o ideal está sempre acima de nossa capacidade de *realização*. Além disso, a nossa tendência é tentar apresentar diante dos outros a idéia de que temos atingido melhor os ideais de sinceridade e autenticidade do que na realidade o fizemos. E não somente isso, mas também conseguimos enganar a nós mesmos, pensando que somos melhores do que, na realidade, o somos. Portanto, não somente somos hipócritas diante de nossos semelhantes, mas até mesmo diante de nós. Todavia, isso *não anula* qualquer genuína espiritualidade. Devemos continuar subindo na direção do ideal. A hipocrisia tem muitos níveis. Parte da inquirição espiritual consiste em ir eliminando a hipocrisia, juntamente com muitos outros defeitos de caráter, debilidades e vícios. A *humildade* é uma virtude, e nos ajuda a anular a hipocrisia. Ver o artigo sobre esse assunto.

HIPOLITO

Viveu entre c. de 160 e 236 D.C. Foi um apologeta erudito e autor cristão romano. Era discípulo de Irineu, e continuou os escritos de seu mestre contra o *gnosticismo* (vide). Ele descreveu o seu sistema como uma mistura de filosofia grega e de religião astral. Escreveu várias obras importantes. Ele também era cabeça de um grupo cismático local, e sua influência e valor foram tais que ele foi canonizado após o martírio.

Opôs-se ao papa Calisto, que havia relaxado a disciplina penitencial, acusando-o de heresia e de inovação. Nisso foi apoiado por uma facção, tornando-se uma espécie de antipapa (ou antibispo de Roma), em 217 D.C. Alguns historiadores reputam-no o primeiro antipapa. Ao que parece, posteriormente, reconciliou-se com a Igreja oficial. Durante a perseguição movida pelo imperador Maximino, ele e o papa Pontano foram banidos para a ilha de Sardenha. Ambos faleceram ali, mas quando o papa Fabiano (falecido em 250 D.C.) subiu ao trono papal, ordenou que seus ossos fossem trazidos de volta a Roma, e ambos foram honrados como mártires. Foi descoberta uma estátua em honra a Hipólito, em 1551, com uma lista de suas obras escritas; e os arqueólogos crêem que essa obra foi erigida pelos partidários de Hipólito. Suas obras incluíam vários escritos contra grupos heréticos; uma crônica que abrangia desde a criação até o ano de 234 D.C.; obras doutrinárias, incluindo um tratado sobre o *anticristo*. O seu comentário sobre o livro de Daniel é a mais antiga obra exegética existente, proveniente da Igreja antiga. Sua obra mais famosa intitulava-se *Tradição Apostólica*, com muitos discernimentos significativos quanto à liturgia romana. A festa religiosa em sua honra é celebrada a 3 de agosto.

HIPOPÓTAMO

Ver sobre *Beemote*.

HIPOSTASE

Essa palavra vem do grego *upóstasis*, que vem de *upó*, «sob» e *istasthai*, «ficar». Essa palavra tem recebido várias definições, de acordo com o uso, tornando-se uma parte importante da explicação da *Trindade* (vide) e da *Cristologia* (vide).

1. *Usos Sugestivos*. A palavra é usada para designar uma estátua, um acampamento ou os sedimentos que se depositam no fundo de um barril de vinho. Pode apontar para qualquer coisa que se deposita no fundo de líquidos ou qualquer tipo de suporte, que apóia a outra coisa. Metaforicamente, significava *alicerce*, ou a *base* da esperança, ou a *razão* de alguma expectativa. Também chegou a significar a *essência* ou *substância* de qualquer coisa, ou sua natureza essencial. Foi esse último sentido que a teologia tomou por empréstimo.

2. *Na Filosofia*. De modo geral, essa palavra indica alguma substância individual distinta, ou então, alguma substância lógica. Aristóteles empregou a palavra para denotar alguma substância individual, na perfeição de sua realidade.

3. *Usos Teológicos*. A princípio, durante as discussões trinitarianas e cristológicas, a palavra era usada como sinônimo de *ousia*, «ser», «essência». Ver o artigo separado sobre *Ousia*. Em seguida, veio a ser usada para indicar a substância divina, em seus três modos pessoais. Assim, os membros da trindade vieram a ser chamados *hipóstases*, como distinções eternas dentro da *ousia* ou *essência* divina. Na *hipóstase* encontramos as distinções de pessoas; e, na *ousia*, a eterna unidade da natureza. Porém, esse é apenas um dos desenvolvimentos do uso dessa palavra, e não a totalidade de seus usos possíveis.

a. Orígenes não distinguia entre *upóstasis* e *ousia*, usando a primeira de maneiras que, mais tarde, requeririam *ousia*.

b. Anátemas antiarianos se vincularam ao credo niceno, atacando aqueles que diziam que o Filho é da

HIPOSTASE — HIPÓTESE

uma *ousia* ou de uma *upóstasis* diferente do Pai.

c. Pela época do Concílio de Sárdica (343 D.C.), pelo menos em alguns lugares, essas duas palavras estavam sendo usadas de diferentes maneiras. Esse concílio falou sobre a única *upóstasis* do Pai, do Filho e do Espírito (apontando assim para a única natureza deles e para a unidade deles nessa natureza), e acusou os hereges de chamarem isso de *ousia*.

d. Os pais capadócijs da Igreja (ver sobre *Capadócijs, os Três*), esclareceram o pensamento trinitariano usando as duas palavras de modo a diferenciá-las uma da outra. Para eles, *ousia* era usada para indicar a substância divina, sem qualquer distinção interior. Para eles, pois, havia *mia ousia*, «uma substância», mas *treis upóstaseis*, «três manifestações». Isso foi traduzido para o latim mediante o uso das palavras correspondentes a «uma substância» e «três pessoas», a terminologia empregada pela maioria dos teólogos, até hoje. Muitos gregos não se sentiram satisfeitos diante dessa tradução, pois, para eles, isso criava uma cristologia tipo sabeliana. Ver o artigo sobre *Sabélio*. Esse homem, que viveu no século III D.C., explicava que a divindade é de uma substância ou essência, embora operando mediante três manifestações temporárias e sucessivas: como criador e legislador, em Deus Pai; como redentor, no Filho; e como doador da vida, no Espírito Santo. Ver sobre o *Modalismo* e o *Monarquianismo*.

e. O Concílio de Alexandria (362 D.C.) procurou resolver o conflito ao definir a palavra *upóstasis* pela palavra *peessoa*; mas foram poucos os que aceitaram tal tradução.

f. O termo *upóstasis*, no tocante ao Filho, veio a indicar a unidade de sua natureza divina e de sua natureza humana.

g. Em harmonia com os esforços do Concílio de Alexandria, a teologia ortodoxa procurou se resguardar contra uma interpretação da palavra *peessoa* que lhe desse qualquer idéia de mera maneira ou tipo de manifestação. Apesar desses esforços, vários teólogos, incluindo Karl Barth, nos tempos modernos, asseveraram não gostar da palavra «peessoa», quando se refere à substância divina. Ver o artigo intitulado *Unidade Hipostática*.

h. Existem aqueles teólogos que, seguindo as sugestões do neoplatonismo, chamam Deus de *uperousios*, isto é, «acima de substância». Em outras palavras, quando falamos sobre Deus, então fracassam todos os nossos melhores argumentos, porquanto Deus está acima de qualquer coisa que poderíamos chamar de «substância». De fato, a natureza de Deus está acima de nossas categorias de intelecto; e, quando começamos a fazer pequenas distinções, considerando-nos ortodoxos, e os outros hereges, na verdade não estamos dizendo muito acerca de Deus. O leitor deveria consultar o artigo sobre *Cristologia*, para ver até que ponto os teólogos têm ido em suas tentativas de definir aquilo que, simplesmente, não pode ser definido. Os homens gostam de reduzir os *mistérios* de Deus a categorias intelectuais, mas Deus é o *Tremendum Misterium*.

i. *Ario* (vide), em certo estágio de sua teologia, deu uma interpretação triteísta à questão, ao falar sobre as distintas hipóstases do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O mormonismo aproveitou esse tipo triteísta de explicação.

j. A posição ortodoxa tem insistido sobre o *homoousios* (uma substância) de Deus, que se manifesta a nós de três maneiras ou em três pessoas (hipóstase). Mas, depois de havermos dito isso, não teremos feito muito para descrever a natureza de Deus. (B C E P R)

HIPÓTESE

Essa palavra vem do grego *upó*, «sob» e *tithenai*, «pôr». O termo indica uma suposição. Todavia, a palavra tem adquirido um grande número de significados, dentro da filosofia, a saber:

1. Uma explicação provisória, que precisa de evidências para que se torne uma teoria ou lei. Usualmente, essa palavra envolve alguma idéia de especulação e, talvez, de arbitrariedade.

2. Dentro da hierarquia de declarações sobre a verdade, de acordo com Platão, a hipótese aparece em terceiro lugar. Ele a aplicava às fórmulas matemáticas, que nos chegam através da razão. Essas declarações são incapazes de uma demonstração direta, mas concordam com os ditames da mente. As proposições que podem ser demonstradas se baseiam sobre uma hipótese.

3. Aristóteles pensava que uma hipótese pode ser demonstrada, embora usada sem a apresentação de provas. Uma hipótese pode postular fatos sobre uma entidade; e o exame desses postulados pode nos fornecer a demonstração da realidade da questão.

4. Descartes empregava o termo para referir-se a declarações que não sabemos distinguir claramente como verdadeiras ou falsas, mas que servem de pontos de partida para alguma discussão.

5. Newton objetava a isso, afirmando que ele não criava hipóteses. Para ele, a ciência não tem por escopo inventar hipóteses e, sim, descobrir e descrever as leis que regem o Universo. Em relação à questão ele dizia: *Hypotheses non fingo*, ou seja, «não crio hipóteses».

6. Lotze asseverava que precisamos de hipóteses para preencher os hiatos entre os postulados necessários e a experiência.

7. Para Comte e outros, uma hipótese é uma asserção que precisa ser sujeita à comprovação, mediante a experiência. Por isso é que ele usava a expressão *hipóteses experimentais*. Essa idéia faz contraste com as hipóteses *ad hoc*. Ver o décimo ponto, abaixo.

8. Peirce pensava que podemos formar uma hipótese mediante o processo de abdução, que significa que a mente passa de um fenômeno para uma condição capaz de ter produzido tal fenômeno. Essa condição torna-se uma hipótese sobre aquele fenômeno.

9. Poincaré tinha uma hierarquia de hipóteses, dependendo do potencial de seus valores de verdade. Primeiramente viriam as *generalizações gerais*, que repousariam sobre a experiência; em segundo lugar viriam *generalizações de segunda ordem*, mais fracas, embora também sujeitas à experiências; e, finalmente, viriam *questões indiferentes*. Essas seriam hipóteses sobre coisas, mas que, por enquanto, não podem ainda ser comprovadas, embora permaneçam dentro do terreno da especulação. Ele punha a teoria atômica dentro dessa categoria.

10. A *hipótese preditiva* anteciparia uma verdade, talvez dependendo da intuição sobre a verdade, à parte de qualquer experiência que lhe sirva de base. As hipóteses *ad hoc* são aquelas que repousam, de modo absoluto, sobre fenômenos conhecidos e, se chegam a predizer, isso se deve à inferência, e não à intuição.

11. O *método hipotético-dedutivo* aponta para o modo de proceder através do qual os conceitos (hipóteses) são esclarecidos mediante uma completa dedução, que examine toda uma série de premissas. Então uma hipótese torna-se parte do processo inteiro, e as deduções feitas poderão provar ou não a

HIPÓTESES — HIRCANO

mesma. Esse método, normalmente, está associado aos modos de proceder da matemática e da física.

12. A hipótese corresponde à cláusula que diz «se então», em uma sentença. A cláusula que se segue é a que dá a conclusão. A conclusão está condicionada ao valor da verdade do «se» que foi levantado.

HIPÓTESES NON FINGO

Ver sobre **Hipótese**, quinto ponto.

HIRA

No hebraico, «splendor». Esse era o nome de um adulamita amigo de Judá, segundo se vê em Gên. 38:1,12. A Septuaginta diz «seu pastor», em lugar de «seu amigo», e as palavras hebraicas engarvidas podem ser assim interpretadas. Todavia, preferimos pensar que a tradução «amigo» é que está correta.

HIRANYAGARBHA

Essa é a palavra sânscrita que significa «germe dourado». De acordo com a filosofia e a religião dos hindus (*Rig Veda* 10.121), esse poder, considerado como a *inteligência cósmica*, ocupa um lugar similar àquele dado ao Logos, no pensamento grego e cristão. Essa força estaria relacionada ao Universo, tal como a alma de um homem estaria ligada ao seu corpo. Em outras palavras: a alma do mundo. A esse poder é atribuída a criação do mundo; mas, nas Upanishadas Svetasvatara, esse poder teria sido criado por Rudra. Isso se afasta da doutrina do Logos, que atribui eternidade a esse poder.

HIRÃO

No hebraico, «nascido nobre». Nome de três personagens ligadas à narrativa bíblica de alguma maneira, a saber:

1. Hirão, rei de Tiro, que teve negociações com Davi e Salomão, enviando carpinteiros, pedreiros e madeiros a Davi, ajudando-o a construir seu palácio (II Sam. 5:11). Depois, negociou com Salomão, após a morte de Davi, entrando em aliança com ele, de natureza mais íntima, em relação a qualquer outro período da história de Israel. Alguns estudiosos distinguem entre o Hirão que negociou com Davi e o Hirão que entrou em aliança com Salomão, pensando que este último seria neto do primeiro. Quase todas as minhas fontes informativas pensam, porém, que se trata de um único indivíduo. Seja como for, o Hirão que tratou com Davi mostrou ter-lhe muito respeito. Então Salomão subiu ao trono de Israel, e Hirão estabeleceu com ele um pacto (seria ou não seu neto?), suprimindo-lhe a madeira e operários especializados, para a construção do templo de Jerusalém.

O nome *Hirão* parece ser de derivação fenícia. A forma fenícia desse nome era *Hirom* (ver I Reis 5:10,18; mas nossa versão portuguesa diz ali, igualmente, «Hirão»). Isso seria uma abreviação de *Airão* (ver Núm. 26:38), que significa «meu irmão é o (deus) exaltado». Seja como for, as descobertas arqueológicas mostram que o plano do templo judeu seguia um modelo comum aos templos fenícios. Isso significa que a influência estrangeira era grande, e o labor de estrangeiros possibilitou a ereção da estrutura. Salomão pagou parte da dívida assumida mediante o comércio, especialmente com trigo e azeite de oliveira (I Reis 5:2-11). E, naturalmente, os operários foram pagos por Salomão. Esses operários eram especializados nos mais variegados mistérios.

Entre eles havia até bordadores e entalhadores (II Crô. 2:3-7).

Após a ereção do templo, as relações entre judeus e fenícios continuaram cordiais e vitais. Salomão deu a Hirão vinte aldeias na Galiléia e em troca, recebeu cento e vinte talentos de ouro (I Reis 9:10-14). Isso fez parte de um acordo sobre questões fronteiriças, com vantagens econômicas para ambos os lados. Todavia, Hirão devolveu as aldeias, julgando-as dotadas de pouco valor. Salomão e Hirão também cooperaram no comércio marítimo. Suas duas frotas importavam ouro, prata e artigos raros, como macacos, pavões, marfim e outros itens do comércio (I Reis 10:22; II Crô. 9:21). Hirão supria marinheiros experientes, segundo se vê em I Reis 9:26-28 e II Crô. 8:17, visto que os israelitas nunca foram bons marinheiros.

Josefo (Apion I.17,18) diz-nos que o pai de Hirão era Abibalo, que fora rei de Tiro antes dele, e que Hirão e Salomão trocaram intensa correspondência, consultando-se entre si sobre vários problemas e idéias. Salomão compartilhou sua sabedoria com esse rei de Tiro. Morreu com a idade de cinqüenta e três anos, após um próspero reinado de trinta e quatro anos. Josefo também o mencionou, em Anti. 8:2,6,7. Ele tomou por empréstimo informes dos historiadores Menandro e Dio. A história também nos informa que Hirão guerreou contra Chipre, a fim de obrigar o pagamento de tributos, além de ter fortificado a ilha de Tiro, onde edificou templos a Astarte-Melquarte (mais tarde chamada Hércules). Também adornou outros templos. Clemente de Alexandria e Taciano asseveraram que uma filha de Hirão casou-se com Salomão, o que parece ser correto. Sabemos, com base em I Reis 11:1,2, que havia mulheres sidônias entre suas esposas.

2. Hirão era filho de uma viúva da tribo de Dã, e seu pai era um homem de Tiro. Ele foi enviado pelo rei do mesmo nome a fim de executar as principais obras do interior do templo de Jerusalém, provendo os vários utensílios necessários para os ritos sacros (I Reis 7:13,14,40). É possível que o fato de que ele era meio israelita tenha servido de fator que facilitou sua seleção para a tarefa. Em II Crô. 2:13 e 4:11,16, ele é chamado Hurão (em nossa versão portuguesa, «Hirão-Abi»). Viveu por volta de 1000 A.C.

3. Um outro Hirão, rei de Tiro, é mencionado nos anais reais do grande conquistador assírio, Tiglate-Pileser III (744—727 A.C.), acerca de quem nada se sabe, e que nem ao menos desempenha qualquer papel no relato bíblico.

HIRCANO

Entre os líderes *hasmoneanos* (vide) houve dois com o mesmo nome de Hircano, a saber: João Hircano e Hircano II. Ver, respectivamente, a seção III.5, sobre o primeiro, e III.9, sobre o segundo.

Todavia, um terceiro Hircano é mencionado em II Macabeus. Ele era filho de Tobias, um homem importante que havia guardado grande soma em dinheiro no templo. O governante sírio, Seleuco IV, cobiou o dinheiro e enviou um representante, de nome Heliodoro, a fim de confiscá-lo. Porém, saiu-lhe ao encontro uma aparição, que resistiu às suas intenções. Assim foram anuladas todas as idéias que ele tinha de pôr as mãos sobre o dinheiro. Ver o relato em II Macabeus 3.24-29.

Hircano é um nome derivado de *Hircânia*, uma região ao sul do mar Cáspio, para onde foram muitos judeus, por ocasião da deportação do cativo babilônico.

•••••

HISSOPO

A planta que, atualmente, tem esse nome é a *Hyssopus officinalis*, uma erva medicinal arbustiva, da família da menta, que chega até cerca de sessenta centímetros de altura, com pequenos cachos de flores azuis. Todavia, os estudiosos não se têm sentido capazes de identificar a planta bíblica desse nome, havendo muitas opiniões a respeito. Na Bíblia há onze referências a essa planta, nove no Antigo Testamento e duas no Novo Testamento: Exo. 12:22; Lev. 14:4, 6, 49, 51, 52; Núm. 19:6, 18; I Reis 4:33; Sal. 51:7; João 19:29 e Heb. 9:19. A menção mais notável é a do evangelho de João, posto que foi mediante essa planta que um pouco de vinagre, embebido em uma esponja, foi levado até os lábios do Senhor Jesus.

Essa referência tem sido motivo de debates, visto que alguns eruditos pensam que o hissope não era uma planta de ramos suficientemente longos para poder ser usada com essa finalidade. Há uma variante textual que dá o termo latino correspondente a *lança*, supondo que um soldado ergueu a esponja, embebida em vinagre, na ponta de sua lança. Dou amplas explicações a respeito, *in loc.*, no NTI. De fato, algumas traduções têm adotado *lança* como o verdadeiro texto, apesar do fato de que essa variante conta com menos evidências textuais nos manuscritos antigos. Quanto ao comprimento do ramo de hissope, devemos lembrar que, em contraste com as idéias dos artistas sobre a crucificação, os executados não ficavam tão distantes do solo como se vê nas gravuras, pelo que não seria necessário o uso de qualquer planta de ramos longos. Certas espécies de hissope, sem dúvida, poderiam ter realizado o trabalho.

A referência em Hebreus 9:19,20 diz que Moisés usou hissope a fim de aspergir o sangue dos animais sobre todo o povo e sobre o livro. De fato, os informes históricos nos mostram que o livro, propriamente dito, não foi aspergido com sangue. E esse aparente equívoco do autor da epístola aos Hebreus tem feito os céticos se regozijarem, e os harmonizadores fanáticos - chorarem e buscarem toda forma de explicação distorcida. Esse tipo de atividade é ridículo, porquanto coisas triviais como essas são, completamente destituídas de importância para a fé, nada tendo a ver com a *autoridade* das Escrituras. — Além disso, como é natural, não foi a multidão inteira que foi salpicada de sangue, mas apenas alguns representantes, que estariam mais próximos de Moisés na ocasião, outra questão sem importância.

Aparecem instruções dadas a Moisés, em Êxodo 12:22. Ele deveria tomar um ramo de hissope e mergulhá-lo no sangue do cordeiro, na bacia. Então o sangue seria aplicado à verga e às ombreiras da porta de entrada das casas dos israelitas, como um meio de protegê-los do anjo da morte. Esse foi o começo da páscoa; e, daí por diante, tornou-se costumeiro observar algum memorial a respeito. O hissope também era usado nos ritos de purificação dos leprosos (Lev. 14:4,6), nos casos de pragas (Lev. 14:49-52) e por ocasião do sacrifício da novilha vermelha (Núm. 19:2-6; Heb. 19:19). Outrossim, o trecho de Sal. 51:7 usa o termo em alusão à purificação espiritual, como metáfora que indica que Deus nos purifica do pecado.

As identificações do hissope incluem as seguintes espécies vegetais: 1. o orégano sírio, chamado cientificamente de *Origanum maru L.*; 2. o orégano egípcio, cujo nome científico é *O. aegypticum L.*; 3. o hissope mencionado em I Reis 4:33 pode ter sido uma samambaia (a *Capparis sicula*) que cresce em paredes, visto que era diferente daquela usada nos

ritos da páscoa; 4. e o «*hissope*» usado por ocasião da crucificação do Senhor Jesus pode ter sido a *Sorghum vulgare*, uma erva do tipo milho, que podia atingir a altura de 1,80 m.

A planta moderna, *hyssopus officinalis*, não medrava nem na Palestina e nem no Egito, pelo que dificilmente pode ter sido a planta em questão. Provavelmente, estão em pauta várias plantas, nas diversas referências bíblicas, o que pode ter incluído algumas das plantas mencionadas acima.

HISTÓRIA

Esboço:

- I. O Termo
- II. Historiografia Bíblica
- III. Definições Filosóficas da História
- IV. A História Bíblica Cronológica
- V. A Filosofia da História
- VI. A Bíblia e a História: Significados

I. O Termo

O termo português *história* vem do grego, *istoria*, que significa «informação», «inquirição», «narração». A forma verbal, *istoréio*, significa «narrar», «aprender por inquirição».

Tal como todas as palavras importantes, é impossível definir a história, o que significa que terminamos com uma descrição ou conjunto de idéias. Para alguns, a história é apenas a narração de eventos, em ordem cronológica, sem qualquer tentativa de encontrar algum sentido. Para outros, a história resulta de uma força viva, inteligente e teleológica, que vincula tudo a algum plano piloto. Qualquer artigo sobre a história, naturalmente, envolve-se nas teorias sobre o significado da história.

A história, como uma *disciplina*, é um ramo do conhecimento humano, cuja matéria é o passado e seus eventos importantes. A história é a experiência passada da humanidade, preservada no registro dos documentos escritos, nos artefatos e nas evidências descobertas pela arqueologia, e também nos registros geológicos. A história abarca todas as instituições, os movimentos sociais, as guerras, os avanços tecnológicos, a antropologia, as ciências em geral e os desenvolvimentos culturais e governamentais da humanidade. E, naturalmente, a história da religião é parte inseparável da história. A história envolve a humanidade; mas também é divina, sendo, por isso mesmo, teleológica, ou seja, prossegue para alguma finalidade. Do ponto de vista da Bíblia é o avanço das operações de Deus entre os homens, com finalidades específicas.

A *história*, nas escolas, usualmente é estudada como parte das *humanidades*. Porém, envolve-nos em todas as ciências, e os métodos científicos têm sido necessariamente usados para nos dar toda a precisão que se tem feito mister.

II. Historiografia Bíblica

Temos provido um artigo separado com esse título. Este artigo acompanha a origem dos escritos históricos, e também examina a questão de Israel, no tocante à história, comentando sobre os *pontos culminantes da história*.

III. Definições Filosóficas da História

1. *Aristóteles*. Ele distinguia entre a história, por um lado, e a poesia e a filosofia, por outro. Para ele, a história consistia no que realmente sucedeu. A poesia e a filosofia envolveriam o que poderia acontecer, potencialmente.

HISTÓRIA

2. *Francisco Bacon*. Para ele, a história é aquela disciplina que nos diz aquilo que é circunscrito pelo tempo e pelo espaço. A memória seria o principal instrumento na descrição dessas questões. Ele dividia a história em natural, civil, eclesiástica e literária, que seriam as principais divisões da história.

3. *Vico*. Ele afirmava que a história é o estudo mais importante do homem, como aspecto da erudição humana. O homem tem feito a história, pelo que, para entendermos o homem, primeiramente, teríamos de entender a história.

4. *Herder*. Ele supunha que cada época e cultura são individualistas, devendo ser explicadas segundo seus próprios termos, e não mediante comparações com outras épocas e culturas. Assim, ele fundou o que se chama de método *genético* de análise histórica.

5. *Hegel*. A razão divina é que faria a história, controlando totalmente o processo e seus resultados, mediante o arranjo da tríada composta de tese, antítese e síntese.

6. *Schelling*. Ele via três estágios nos movimentos históricos: 1. o estágio primitivo, caracterizado pela predominância da sorte; 2. a era dos romanos, caracterizada pela reação dos aspectos ativos e voluntários dos homens; 3. o estágio futuro, que produzirá a síntese dos dois estágios anteriores, formando um ideal bem equilibrado, que se tornará uma realidade.

7. *Carlyle*. A história seria determinada por grandes homens, que criam e orientam.

8. *Dilthey*. Os historiadores são limitados, e até cegos, pelas perspectivas da época em que vivem. Assim, seria impossível atingir uma história objetiva. Ver o artigo sobre o *Historicismo*.

9. *Ritschl* e *Troeltsch*. Para eles, a religião reveste-se de grande importância na história. A religião e a história não poderiam ser separadas, e cada uma delas seria produto e criadora da outra. Contudo, o cristianismo emergiu da história, embora independente da mesma.

10. *Windelband*. A história é uma das ciências da cultura humana.

11. *Max Weber* e *Edward Spranger*. Seria possível extrair idéias da história, que se tornam a base do estudo das ciências sociais.

12. *Rudolf Otto*. Seu interesse pela história originava-se em sua tentativa de definir certos aspectos da filosofia da religião. Ele obteve vários conceitos religiosos compreendendo o seu pano de fundo histórico.

13. *Croce*. Ele dizia que a filosofia e a história são elementos inseparáveis no desenvolvimento da vida do espírito. Ele via o desenvolvimento da filosofia segundo termos históricos.

14. *Collingwood*. Cada disciplina estudada pelo homem contém alguma verdade, mas, acima de todas, brilha a história. Essa é a mais importante disciplina da inquirição humana.

O leitor deveria distinguir o que digo aqui da *Filosofia da História* (seção V), cuja substância aparece em um artigo separado, com esse título.

IV. A História Bíblica Cronológica

A história da Bíblia, em sua inteireza, é apresentada sob forma cronológica em dois artigos separados, intitulados *Cronologia do Antigo Testamento* e *Cronologia do Novo Testamento*.

V. Filosofia da História

Temos apresentado um artigo separado com esse título. Ali são descritas as várias definições filosóficas sobre o sentido e a natureza da história.

VI. A Bíblia e a História: Significados

O artigo sobre a *Filosofia da História* apresenta três seções relacionadas ao ponto de vista bíblico da história, a saber: 1. a cultura judaica (sua filosofia da história); 4. a filosofia da história de Agostinho; e 12. o dispensacionismo, uma importante visão cristã da natureza da história.

Pontos de Vista Bíblicos Sobre a História:

1. *A história começou* com o ato criativo de Deus, pelo que é impossível isolar a história humana da vontade divina, conforme Marx, erroneamente, fez. Os capítulos um e dois de Gênesis ilustram isso.

2. *O poder de Deus*, através do *Logos*, está sempre controlando e sustentando o processo histórico (ver Col. 1:16). A consumação da história estará ligada a um ato de intervenção divina (II Ped. 3).

3. *A Intervenção Divina*. A história dos profetas bem como as vindas de Cristo (a primeira e a segunda) são intervenções divinas na história, que guiam o seu curso e garantem a concretização dos desígnios de Deus. Assim, a história é um processo teleológico, guiado pela mente divina (João 1:14,18) e pela mensagem inteira do evangelho. O trecho de Efésios 1:9,10 mostra-nos que a *unidade* de todas as coisas, em torno do *Logos*, é o alvo final do processo histórico. Ver o artigo sobre a *Restauração*. Ver também o artigo *Mistério da Vontade de Deus*.

4. *A Escrita da História*. Geralmente reconhece-se que a história registrada pelos hebreus, a começar por volta do ano 1000 A.C., é bastante exata, e que os hebreus foram os primeiros e melhores historiadores. O interesse pela história teve prosseguimento na fé cristã. Lucas foi o grande historiador da Igreja primitiva. No prólogo de seu evangelho, ele salienta a importância da história que registrou, e como investigou tudo acuradamente. Desse modo, a fé cristã foi vinculada aos eventos históricos reais, não podendo ser interpretada apenas poética ou metafóricamente. Como é óbvio, qualquer fé autêntica transcende à mera história. E muitas das verdades da fé independem da história, como, por exemplo, a realidade da ressurreição de Cristo (I Cor. 15). Além disso, os eventos históricos fornecem-nos muitas lições morais e espirituais importantes. Ver Heb. 11; I Cor. 10:6,11 e II Ped. 2:16. Paulo afirma, em Rom. 15:4; que a história escrita tem uma função espiritual positiva.

5. *Fator Controlador: a Soberania Divina*. A história não é destituída de significado (conforme dizem os existencialistas); e nem é controlada por alguma força cósmica e impessoal (conforme dizia Hegel); e nem é controlada pelo determinismo econômico (conforme Marx dizia); e nem, finalmente, é algo misterioso (conforme afirmam os evolucionistas). Antes, a providência divina cuida de todos os detalhes. Deus mostra-se soberano na história. Essa é uma indicação bíblica geral, e a profecia bíblica repousa sobre essa realidade. Paulo afirmou tal coisa em Rom. 11:36 e Ef. 4:6. Deus é um Ser transcendental, embora também seja imanente em toda a sua criação. As instituições humanas, como a família (Gên. 1:28; 2:20), o governo humano (Gên. 9:5,6; Rom. 13:1-7), e o aparecimento e desaparecimento das nações (Atos 17) são atribuídas à vontade e ao controle divinos. A história da Igreja também está sob o controle de Deus (I Cor. 10:32). Daniel vinculou os seres celestes aos acontecimentos históricos, como o surgimento, o caráter e a queda das nações (Dan. 10:13,21 e 12:1). Quanto a declarações similares ver Deu. 32:8; Isa. 40:15,28; Jer. 46:28; Dan. 2:21,37.

HISTÓRIA

Fatores controladores atuaram durante toda a história do povo de Israel, sendo essa a nação messiânica, pois o Messias é o Logos encarnado.

6. O Significado e o Destino na História

A vida física oferece-nos a oportunidade de aprender, pois através dela aprendemos o valor das coisas espirituais e correspondemos a elas. Trata-se de um lugar onde a santificação e a transformação preliminares, à imagem de Cristo, podem tornar-se realidades (I Tes. 4:3; Rom. 8:29). A vida física tem um propósito em conjunção com a vida futura, do após-túmulo, embora também se revista de um importante propósito atual. Aquilo que fazemos é muito importante, tendo em vista a nossa missão neste mundo e o bem da humanidade. Deveríamos pensar em termos de uma missão pessoal dupla. Uma dessas missões é essencialmente física, terrena. A própria terra tem um destino, como um dos segmentos da criação divina. Este mundo não é apenas um lugar em que nos preparamos para a vida espiritual futura, — nos mundos celestes. O trabalhador que cumpre bem a sua tarefa está cumprindo um importante papel, posto que secundário. Ele está contribuindo para o bem-estar deste mundo, e para o seu propósito geral. Esse destino secundário envolve elementos que também se inter-relacionam, contribuindo para a existência nos céus. Algumas pessoas, desde agora mesmo, têm uma missão espiritual a cumprir, relacionada especificamente à ética e aos valores e alvos espirituais. No entanto, a grande maioria das pessoas não tem nenhuma missão assim.

Algumas pessoas estão convencidas de que o destino terreno — inteiramente à parte da questão de pagar dívidas e de obter o bem que alguém, porventura, semeou — requer várias vidas terrenas, a fim desse destino ser apropriadamente cumprido. Henry Ford afirmava que ele precisava de mais de uma vida na terra para realizar as suas idéias, aceitando a noção da reencarnação em relação a esse senso de cumprimento. A Bíblia, de fato, admite o conceito de casos especiais de reencarnação. Assim, Elias retornaria à terra. Jesus foi concebido, embora erroneamente, como reencarnação de algum profeta. Acerca do anticristo espera-se que ele suba dos hades, para cumprir uma outra missão satânica neste mundo (Apo. 17:8). Além desses, as duas testemunhas do capítulo onze de Apocalipse já teriam vivido como dois antigos profetas, mas que retornariam a fim de cumprir uma outra missão celeste. Fazia parte da teologia judaica comum a idéia de que os antigos profetas teriam mais de uma vida na terra; e sabemos que os fariseus e os essênios acreditavam na reencarnação generalizada. Esse assunto permanece um dos enigmas da existência, e há evidências inconclusivas em favor e contra o mesmo. Ver o artigo sobre a *Reencarnação* quanto aos argumentos, contra e a favor desse conceito. O trecho de Apo. 3:17 (a pedra branca e a doutrina do novo nome) assevera a importância e o valor impar de cada indivíduo. Essa individualidade relaciona-se tanto a esta vida como aos futuros ciclos da eternidade.

A Restauração da Comunidade. O propósito divino envolve todos os homens, e não meramente os eleitos. Isso fica claro em Efé. 1:9,10, onde é prometida uma restauração geral de todas as coisas, formando a *unidade* de tudo em torno do Logos. Ver o artigo sobre a *Restauração*. Mas, para além da restauração, temos a considerar a participação na natureza divina, mediante a nossa transformação segundo a imagem do Filho, que é o destino dos remidos. Ver sobre *Eleição* e sobre *Redenção*. Essa participação na

natureza divina é a essência mesma da salvação (vide). Ver II Ped. 1:4; II Cor. 3:18 e Col. 2:10. Os remidos virão a participar de toda a plenitude de Deus, isto é, de sua natureza e de seus atributos. Isso é ensinado em Efé. 3:19, o mais elevado conceito espiritual de que dispomos na Bíblia. Ver o artigo chamado *Divindade, Participação na, Pelos Homens*. Essa participação é finita, mas nunca cessará de se ampliar. Nunca atingiremos a estatura do Pai, mas estaremos sempre crescendo nessa direção. Não se pode pôr o oceano em uma xícara, mas pode-se encher uma xícara com o oceano. Visto que há uma infinitude com que teremos de ser cheios, também deverá haver um infinito enchimento.

7. A História é Linear ou é Cíclica? Finalidade Instrumentais

Se seguirmos alguns informes bíblicos e isolá-los, então teremos de concluir que a história teve um começo, move-se de um acontecimento e condição para outro acontecimento e condição, e atinge um alvo ou finalidade. No entanto, há razões para crermos que esse modo linear de operação move-se dentro de um ciclo. Quando a Bíblia fala sobre a eternidade como uma sucessão de eras, obtemos ali a idéia de ciclos, porquanto *cada era* é um ciclo. Ademais, devemos tomar consciência do fato de que não há tal coisa como ponto final. Todas as finalidades são *instrumentais*. Em outras palavras, os pontos finais tornam-se *novos começos*. Daí, todos os fins, na verdade são novos começos. Não há tal coisa como uma síntese final. A síntese torna-se, inevitavelmente, em sua antítese. Dali emergem uma nova tese e antítese, e a anterior síntese expressa-se mediante seus opostos. Da nova tese e sua antítese, emerge uma nova síntese; e as obras de Deus requerem que esse processo nunca termine. Com base nesse pensamento, alguns teólogos, como Orígenes, especularam que haveria muitas quedas e restaurações, e que aquilo que agora conhecemos é apenas *uma* das muitas ocorrências e processos. Essa é uma especulação que talvez tenha algum valor, embora esteja fora de nosso alcance afirmarmos ou negarmos tal idéia. Seja como for, a astronomia sugere que cerca de dezesseis bilhões de anos no passado, ou mesmo mais, houve um começo no «big bang», ou seja, uma tremenda explosão que espalhou a matéria pelo Universo, conforme a vemos agora. Os estudiosos afixam que essa propagação da matéria, devido à força daquela explosão, ainda não terminou. Quando a extensão máxima for atingida, então haverá um retorno ao centro, pela força gravitacional. Se isso vier a suceder, então a matéria, tremendamente condensada, poderá vir a explodir novamente. E isso originaria um novo começo cósmico. O começo da terra, a criação conforme a conhecemos, seria apenas um episódio dentro de um tremendo drama cósmico. Se essa teoria está com a razão, então devem ter ocorrido inúmeros «big bangs», ou seja, inúmeros ciclos cósmicos.

Em consonância com Isso, parece lógico afirmarmos que pode ter havido inúmeros ciclos semelhantes ao da terra, embora não envolvendo o globo terrestre segundo o conhecemos atualmente. Isso poderia ter envolvido almas humanas (talvez incluindo todas aquelas que atualmente existem, além de muitíssimas outras), de tal maneira que a humanidade (no nível do ser espiritual, sugerido por essa palavra) pode ter envolvido muitos ciclos cósmicos. Tudo isso, naturalmente, é pura especulação; mas o conceito geral envolvido faz sentido, contando com algumas evidências, posto que inconclusivas.

As evidências astronômicas contrárias a uma criação jovem (que incluía o globo terrestre) são

HISTÓRIA — HISTORICIDADE

esmagadoras; e essas mesmas evidências sugerem grandes ciclos cósmicos. As religiões e filosofias orientais sugerem que a alma humana, sendo preexistente, antiqüíssima, tem visto os grandes ciclos cósmicos. Os pais alexandrinos da Igreja, influenciados por Platão, que ensinava idéias dessa ordem, pensavam que a alma é preexistente; e quase todos os pais gregos, além de muitos prelados da Igreja Oriental Ortodoxa, têm aceito essa posição sobre a alma, em contraste com o que diz a Igreja ocidental. Minha opinião pessoal é que os pais gregos, quanto a esse ponto, mostravam ter mais sabedoria do que os pais ocidentais da Igreja. Contudo, estamos lidando aqui com muitos mistérios. A especulação pode enriquecer a teologia, e não deve ser sumariamente rejeitada. Todavia, deveríamos rotulá-la de tentativas, não nos mostrando dogmáticos. Naturalmente, as especulações entram em toda espécie de raciocínio sobre as origens e sobre os destinos finais, coisas sobre as quais, confessamos, pouquíssimo sabemos. Ver os artigos separados sobre a *Astronomia* e os *Antediluvianos*, quanto a outras informações. (AM E EP R Z)

HISTÓRIA ÁRABE DO CARPINTEIRO JOSÉ

Presumivelmente, Jesus teria narrado a vida de José aos Seus discípulos, e o resultado foi esse livro. Este pode ter sido originalmente escrito em grego, mas só existe em cóptico (completo no boairico e apenas fragmentos no saídico). Mas a princípio era conhecido somente em árabe, o que explica o seu título.

Fontes informativas. A primeira parte está alicerçada sobre o Proto-evangelho de Tiago (ver o artigo a respeito); e a segunda parte sobre a religião egípcia. Provavelmente data do século IV D.C. Ali é declarado que Maria teve o mesmo fim físico que quaisquer outros seres mortais, o que demonstra que deve ter sido produzido antes do século V D.C., quando começou a prevalecer a doutrina da assunção de Maria.

Ali é dito que José tinha avançada idade quando foi encarregado de cuidar de Maria. Presumivelmente, José já teria quatro filhos e duas filhas, de um casamento anterior, que seriam os *irmãos* de Jesus, nos evangelhos canônicos, note-se bem! (Ver Mat. 12:47 e a exposição desse versículo no *NTI*, sobre essa questão). (CH HEN JAM Z)

HISTÓRIA DO ANTIGO TESTAMENTO

Ver os seguintes artigos: *História*: seção II, Historiografia Bíblica; IV, História Bíblica Cronológica; VI, A Bíblia e a História, Significados. *Cronologia do Antigo Testamento e Antigo Testamento*. Ver especialmente sobre *Israel, História de*.

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS

Esboço:

- I. Ceticismo
- II. Meios de Conhecimento
- III. Problema do Interesse Histórico
- IV. A Compelidora Realidade de Jesus
- V. Testemunhos de Marcos e Pedro
- VI. Testemunho de Lucas
- VII. Testemunho de Mateus
- VIII. Testemunho de Paulo
- IX. Testemunho da Igreja Primitiva
- X. Testemunho dos Livros Apócrifos e Outros Primitivos Escritos Cristãos

XI. Influência Divina dos Evangelhos

XII. O que não Significa a Historicidade

XIII. Bibliografia

Podemos aceitar com confiança a informação que os evangelhos nos apresentam acerca da identificação, da vida e dos ensinamentos de Jesus Cristo? Para os crentes sinceros, essa pergunta é crítica. Queremos saber quem ele foi, que fez e que ensinou. Queremos saber que significado têm para nós os registros dos *Evangelhos*. Por essa causa, poucas perguntas se revestem de maior importância do que a que aborda a *validade histórica* dos Evangelhos.

Temível é o caso,

Lágrimas há no mero relato;

Inevitavelmente chegou o tempo

Quando ninguém podia dizer,

«Eu vi».

Jubiloso é o caso,

Alegria há no mero relato;

É chegado o tempo

Quando eu posso dizer, «Eu sei»,

Porquanto «eles viram».

Russell Champlin

I. Ceticismo

Até mesmo as mentes mais brilhantes são potencialmente sujeitas ao *ceticismo exagerado*, mesmo em face das evidências mais convincentes. A comunidade científica, por longo tempo, recusou-se a reconhecer a realidade dos meteoritos, devido ao raciocínio *a priori*, que «qualquer tolo sabe que pedras não podem cair do céu». Somente uns poucos ousavam fazer coleções de «pedras caídas do céu», ao passo que homens de grande inteligência e realização zombavam. Quando, finalmente, as evidências em favor dessas pedras se tornaram esmagadoras, a comunidade científica foi forçada a refazer as «teorias cósmicas», a fim de incluir a queda de pedras vindas do espaço. O ceticismo exagerado penetrou na igreja juntamente com a ênfase sobre o método científico, próprio de nossa época, paralelamente à desconfinança em todas as reivindicações e autoridades eclesiásticas.

Hoje em dia, o espírito de ceticismo anda tão generalizado que, para alguns, qualquer idéia contrária às realidades espirituais, embora totalmente destituída da verdade, merece mais atenção que alguma *declaração de fé*, sem importar as provas que pareçam justificar a mesma.

Infelizmente, o ceticismo tornou-se popular hoje em dia no seio da igreja, e os homens se deleitam em despedaçar as antigas tradições e os objetos sagrados. David Strauss, de certa escola alemã de teologia, em seu livro, *Vida de Jesus* (1836), chegou a duvidar seriamente da própria existência de Jesus, referindo-se ao «mito histórico de Jesus». Desde então popularizou-se a busca pelo «Jesus histórico», com a confiança de que o Jesus dos evangelhos na realidade é uma figura mitológica, uma invenção da igreja primitiva, distorção de entusiastas fanáticos. Um certo Arthur Drews, em seu livro *O Mito de Cristo*, asseverou um culto pré-cristão ao salvador, do qual teria sido emprestada a história de Cristo. Outros têm dito essencialmente a mesma coisa, com base em evidências supostamente alicerçadas sobre os Manuscritos do Mar Morto, que mencionam um líder religioso intitulado *Mestre da Justiça*. E a fim de achar nele um *arquétipo* do Jesus dos evangelhos, têm tido que inventar muitas coisas fantasiosas. Rudolf Bultman e seus discípulos, embora aceitando Jesus como personagem histórico, têm dito que circunda a sua pessoa um tão denso nevoeiro de mitos que se tornou necessário aborçarmos os primitivos documentos

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS

cristãos com uma pronunciada atitude de «desmitologização».

Este artigo busca dar algumas razões simples por que tal atividade, talvez efetuada por homens no espírito da investigação honesta, tende por prejudicar, em vez de promover a fé cristã. Outrossim, a posição deste artigo é que tais idéias representam posições extremas, que tendem por impedir o conhecimento da «verdade de Jesus», — em vez de ajudar-nos nessa busca. Este artigo, pois, procura salientar que temos bons motivos para confiar nos registros evangélicos como relatos exatos do que Jesus foi, fez e disse.

Ceticismo, cegueira da alma: Meus amigos, considereis o que declarou o grande Agostinho: «Creio, para que possa entender». Agostinho disse isso com base na convicção acerca das realidades metafísicas de que «a crença é a base do conhecimento», ao passo que o «ceticismo» é a «base da ignorância». Permita-me explicar, em termos mais simples, o que isso quer dizer. Existe a realidade das forças antiespirituais. Essas forças podem cativar as mentes dos homens. O ceticismo é um terreno fértil onde as forças antiespirituais medram à vontade. O ceticismo pode até mesmo resultar da atividade de seres tenebrosos, que invadem a atmosfera da consciência dos homens. Portanto, há um «reino do ceticismo», — que é o reino das trevas espirituais. Todo o cético é naturalmente privado de luz espiritual, porque habita nas trevas. Por outro lado, há o reino da «luz espiritual». A *crença* ajuda-nos a entrar nesse reino. Uma vez que entramos nesse reino, — nossas almas se tornam «sujeitas à iluminação espiritual». É somente então que chegamos a «entender» as verdades espirituais, pois tornamo-nos passíveis de sua revelação. Portanto, é pura verdade aquilo que Agostinho disse: «Creio, para que possa entender». O que ele quis dizer foi: «Tenho uma fé simples o bastante para conservar abertos os canais de iluminação espiritual. Evito o ceticismo, que é o reino das trevas, que entope esses canais».

Destaca-se, pois, aquela verdade que diz que é *melhor crer demais* que crer de menos. Isso, naturalmente, não nos isenta da investigação honesta, pois Deus nos livre dos dogmas mortos! Investigamos, devemos investigar; mas devemos fazê-lo com um espírito de acolhimento espiritual, e não com ódio nos corações pelo que é antigo e tradicional.

Evitemos o extremo oposto. Tenho falado do ceticismo, tachando-o conforme ele é, ou seja, «o campo das trevas espirituais, que apaga a verdade potencialmente aprendida». Porém, há um outro perigo, a saber, o do *ódio sagrado*, falsamente assim chamado, porque nada do que é *sagrado* permite ódio ao próximo. Pensemos nos ataques da «literatura do ódio», que tem sido produzida por homens que a si mesmos se reputam espirituais. Na «defesa da verdade», alguns indivíduos se têm tornado *agentes do ódio*. Meus amigos, isso faz parte do «reino das trevas», tanto quanto o ceticismo.

II. Meios de Conhecimento

Consideremos como chegamos a saber das coisas:

1. *Através dos cinco sentidos.* Esse é o meio de conhecimento de «todos os dias». Os filósofos reconhecem a debilidade desse método, pois os sentidos podem ser inexatos, e até mesmo ilusórios. A ciência ensina-nos que as realidades profundas da vida não estão sujeitas aos meros sentidos. Contudo, nosso **conhecimento «prático»** nos chega através dos sentidos. Mediante esse conhecimento criamos medicamentos e máquinas que nos ajudam a obter uma

vida física mais abastada. Porém, as verdades morais e espirituais requerem um tipo mais apurado e poderoso de «conhecimento», do que aquele alcançado pelos meros sentidos.

2. *Através da razão.* A mente humana é constituída de tal modo que a «razão disciplinada» pode chegar a certas verdades, sem a ajuda da experiência dos sentidos. Entre elas citamos as verdades «morais» ou «éticas». Cremos que a mente humana está sujeita à comunicação com o ser divino e que, se fizer uma busca honesta por certas verdades, poderá obtê-las. Rejeitamos a tese de que a verdade ética depende somente do —meio ambiente—, dependendo dos tempos e condições em mutação. A razão pode transcender a tudo isso.

3. *Através da intuição.* Esse é o «conhecimento imediato», que não precisa ser mediado através dos «sentidos», ou da «razão». O indivíduo, no «nível da alma», é capaz de certos «discernimentos» que podem transmitir-lhe a verdade. A «fonte» da intuição pode ser desconhecida, ou pode provir da alma ou de Deus, ou de alguma outra força espiritual, como o ministério dos anjos. Certamente a intuição pode ensinar-nos a «verdade moral», podendo até transcender à mesma, conferindo-nos determinados discernimentos acerca da realidade metafísica superior.

4. *Através do conhecimento místico.* Este pode assumir duas formas, «objetiva» e «subjetiva». O conhecimento místico objetivo envolve «visões», «sonhos» e «revelações», que procedem de uma fonte espiritual superior. Por exemplo, há revelações que foram dadas aos profetas, das quais resultaram as «Escrituras». Esse «conhecimento» é um «dom de Deus», transcendendo os sentidos, a razão e a intuição. Também há o Espírito que se revela à alma, que nos ensina internamente, o que é o «caminho subjetivo».

Em termos simples, pois, temos descrito «como sabemos das coisas». Cremos que a experiência cristã envolve *todos* esses meios de conhecimento. Cremos que aquilo que os evangelhos narram é «historicamente fidedigno», e isso foi conhecido mediante a «percepção dos sentidos». Eles «viram», portanto, nós «cremos». Tal conhecimento, entretanto, pode ser confirmado por minha «razão» ou por minha «intuição». Percebo o poder da vida de Jesus. Minha razão diz-me que a verdade «deve estar por detrás do registro que conta sobre essa vida inigualável de Jesus. Posso também receber discernimentos intuitivos que me digam a mesma coisa, ou que confirmem para mim certas doutrinas ou realidades espirituais da mensagem de Cristo». Mediante a comunhão mística com o Espírito, o *Jesus histórico* torna-se o «Cristo que em nós vem habitar». Portanto, posso aproximar-me dos evangelhos com mais do que mera «curiosidade histórica». Desejo saber o que essas coisas significam para a minha alma, e não apenas para minha mente interrogativa. Confio no Jesus histórico, mas também desejo que em mim opere o Cristo eterno. Desejo ver confirmada a realidade de suas obras históricas, mas estou igualmente interessado na realidade presente de suas operações espirituais.

Sendo esse o caso, evitarei «cortar e queimar» aqueles que discordarem de mim, para que evite o campo de trevas espirituais que isso representa. Assim ajo porque meu interesse em Jesus é mais profundo do que obter mera «confirmação histórica». Também quero ter uma presente «confirmação espiritual», para que minha alma regreda na transformação segundo a sua imagem (ver Rom. 8:29; II Ped. 1:4 e Col. 2:10). Creio que se pode apresentar uma *defesa adequada* da natureza fidedigna dos evangelhos; mas também

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS

acredito que «Cristo na vida» é ainda mais importante; pois apesar de que Cristo pode nascer em Belém por mil vezes, se não tiver nascido em mim, minha alma continua desamparada. Se creio que é historicamente exato que Cristo foi crucificado, e se minhas investigações podem confirmar isso para mim, de que me adiantará tal coisa se eu mesmo não for «crucificado com Cristo»? Sim, até onde me diz respeito, em caso contrário ele continuará no sepulcro, sem importar minhas asseverações históricas, se eu, por causa de quem ele ressuscitou, continuo escravizado pelo pecado.

Assim, pois, há vários—meios de conhecimento, como também há diversos objetos desse conhecimento. Aceito a «realidade histórica» de Jesus, e creio que os evangelhos são narrativas fidedignas acerca dele. Porém, minha alma anela por conhecer ao Cristo eterno. Se esse desejo não for concretizado em nós, de que valerão todas as nossas defesas intelectuais e a pompa acadêmica?

III. Problema do Interesse Histórico

A questão crítica sobre a qual deve basear-se qualquer investigação sobre a *historicidade* parece ser o *interesse histórico* dos escritores dos evangelhos. É verdade que uma verdade espiritual pode ser comunicada até mesmo através de um mito. Em minha literatura sagrada talvez haja o mito de um monstro de seis cabeças, que é o destruidor de todo o bem. Talvez nem exista tal monstro, mas pode ser símbolo vivo de uma verdade bem real. Alguns crentes se consolam nessa circunstância da «verdade simbolicamente mediada», e pensam que a questão da natureza histórica fidedigna dos documentos cristãos é bastante destituída de importância. Apesar de percebermos que a verdade pode transcender à história, não exigindo de modo absoluto «acontecimentos» históricos sobre os quais se alicerce, acreditamos que há boas razões para supormos que determinados eventos históricos trazem em si mesmos a manifestação da verdade. Por conseguinte, é importante que o homem chamado *Jesus* seja encarnação do ser divino, apesar de ser igualmente verdadeiro homem. É importante que ele realmente tenha realizado os atos que lhe são atribuídos, através do poder do Espírito, pois através desses relatos documentados posso ver como Deus é capaz de operar entre os homens, visando o bem dos mesmos, e como ele é capaz de manifestar-se ao homem. É importante saber que, «historicamente» falando, Jesus ressuscitou dentre os mortos, pois assim vejo como o impulso da vida divina, operando no homem, pode fazer qualquer coisa, chegando mesmo a elevá-lo a um nível superior da existência, livrando-o do que é mundano, profano e físico.

Tem sido negado por alguns que os evangelistas tivessem tido qualquer autêntico interesse histórico; ou então, se o tiveram, que esse foi asseverado por relatos exagerados e fanáticos como nas lendas.

1. O exame feito nesses documentos revela um interesse histórico, e bastante intenso. Quem pode ler o prefácio de Lucas e duvidar disso? «Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem». Vários fatores importantes nos são apresentados de imediato:

a. Lucas afirmava que seus relatos se alicerçavam sobre narrativas de *testemunhas oculares*. Sob o

ponto V, intitulado «Testemunho de Marcos e Pedro», abordamos essa questão, não sem evidências históricas.

b. Lucas afirmava que certas pessoas, ainda vivas, tinham visto as coisas sobre as quais ele escrevia, e que aquilo que Jesus fizera e dissera era «crido com máxima firmeza».

c. Lucas afirmava ter feito *cuidadosa investigação*, tendo descoberto evidências significativas e confirmações do que estava prestes a relatar.

d. Lucas usou o evangelho de Marcos como seu principal esboço histórico, pelo que deve ter ficado *satisfeito*, mediante suas investigações, de que o que ali estava contido, refletia fatos históricos objetivos.

e. Lucas, por ser médico (Col. 4:12), provavelmente ter-se-ia mostrado sóbrio e *cuidadoso*, não se deixando arrastar por relatos de «entusiastas fanáticos».

f. Lucas estava em posição *imensamente melhor* para conhecer a situação «histórica» do cristianismo primitivo, do que qualquer crítico moderno, o qual, apesar de todos os seus protestos, têm que se basear essencialmente sobre «sentimentos a priori» no tocante ao que «provavelmente sucedeu», mas que não conta com qualquer meio palpável de comprovar os seus sentimentos.

2. A investigação feita nesses documentos sagrados revela muito quanto a detalhes e descrições minuciosas, que convence, a qualquer estudioso das Escrituras, versículo por versículo (conforme tenho feito por muitos anos, utilizando-me de diversas fontes), que o «testemunho ocular» é o responsável por aquilo que foi escrito. Tomemos, por exemplo, o único *pão* de Mar. 8:14, que aparece na descrição preliminar da multiplicação dos pães para os quatro mil. Alguém no barco lembrou o fato de que os discípulos não tinham cuidado em trazer alimentos, e trouxeram somente aquela parca merenda, e sobre essa lembrança se baseou a história. Notemos, em Mar. 8:19,20, em confronto com Mat. 15:37, por sua vez comparado com Mar. 6:43 e Mat. 14:20 (multiplicação dos pães para os cinco mil), como são usados constantemente os termos que significam *cestas*, em que uma indica uma cesta grande e outra pequena. E em cada caso os evangelhos preservam a mesma palavra nas narrativas paralelas, em distinção ao vocábulo usado na outra multiplicação de pães. Os trechos de Mar. 6:43 e Mat. 14:20 (trechos paralelos) trazem apenas um termo; os trechos de Mar. 8:19,20 e Mateus 15:37 (os trechos paralelos da outra narrativa de multiplicação) trazem uma palavra diferente. Alguém viu os tipos de cestas usados em cada incidente, e teve suficiente interesse histórico para relatar esse particular.

Notemos como Lucas, em 3:1 ss, baseia sua narrativa sobre circunstâncias históricas contemporâneas. Isso é outra ilustração do interesse «histórico» que alguns críticos supõem estar ausente nesses documentos, a fim de abrir caminho para a suposta nuvem de mitos que presumivelmente circundaria a vida de Jesus.

3. Há um fato psicológico por detrás da hipótese do mito. Consideremos frontalmente a psicologia por detrás da atividade da desmitologização. Por que certos homens sentem um impulso íntimo de se ocuparem de tal atividade? Respondendo francamente, não será porque *não podem engolir* as narrativas conforme elas estão? Não pensam eles que «todos esses milagres fabulosos certamente indicam invenção»? Em outras palavras, a «imensidade» do que Jesus fez ofusca a mente deles, e então, ao rejeitarem essa imensidade, naturalmente sentem ser mister

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS

rejeitar a—historicidade—das narrativas sagradas. Crêem que somente nos contos mitológicos uma pessoa pode fazer o que os evangelhos dizem que Jesus fez. Para começar, essa atitude se deriva da falta de compreensão do potencial da personalidade humana para ofuscar a mente, inteiramente à parte da «operação divina no ser humano». Atualmente estão tendo lugar milagres fantásticos, especialmente no campo das curas, que não respeitam limites e dogmas religiosos. Curas instantâneas ocorrem mediante a imposição de mãos. A fotografia Kirliana (um tipo de radiografia) mostra a transferência de uma forma de energia ainda desconhecida, quando das curas espirituais. Pelos estudos atuais, sabe-se que a mente humana é capaz de feitos gigantescos, que envolvem até mesmo o «conhecimento prévio», para nada dizermos da simples telepatia e de «meios estranhos de conhecimento». Portanto, se o que Jesus fazia está sendo feito, ainda, que ninguém o faça com tanta profundidade e constância quanto ele, em nossos próprios dias, por pessoas que reconhecemos como *meros homens*, como se poderia duvidar que o grande Jesus fez tudo quanto se diz que ele fez? Meu irmão, missionário no Suriname, andou sobre o fogo e vidro quebrado, com os pés descalços, sem sofrer qualquer dano, ante o desafio de um feiticheiro local. Sei que isso é um fato. Sei de outros que curam qualquer enfermidade. Como, pois, pode-se duvidar que Jesus podia fazer tudo isso e mais ainda, já que o Espírito estava com ele, conforme ainda não aprendemos a fazê-lo estar conosco? Se Deus é um Deus do impossível, e entrou no mundo na encarnação, então qualquer coisa era possível em Jesus. O conceito básico do *teísmo*, em contraste com o *deísmo*, exige que aceitemos, sem quaisquer tentativas de explicação, a possibilidade da realidade histórica dos evangelhos, incluindo até mesmo suas reivindicações mais fantásticas. O «teísmo» assevera que Deus está conosco, mostrando-se ativo nos negócios humanos; já o «deísmo» diz que Deus está divorciado da vida humana, tendo deixado em seu lugar, em operação, meras «leis naturais». Não será possível que o combate contra a historicidade dos evangelhos se fundamente sobre o pensamento «deísta», ao passo que o cristianismo autêntico é normalmente teísta em alto grau?

IV. A Compelidora Realidade de Jesus

Para nosso próprio bem, entremos em outra avenida de pensamento. Pensemos nos mais de cem livros (sobre os quais temos conhecimento, podendo haver muito mais) que têm resultado da vida e da influência de Jesus. Um gênio criativo, bom ou mau, requer a reação humana, e sempre provoca a escrita de abundante literatura. A imensidade da pessoa de Jesus é evidenciada nos resultados prodigiosos de sua influência, vistos nos muitos grupos religiosos que têm crescido em torno dele (vinte grupos distintos antes do fim do século II D.C.), e mais de cem documentos. Considerando-se o poder de sua pessoa, como se pode pensar que «aqueles que viram» poderiam ter olvidado o que viram? Há certos acontecimentos de nossas vidas que nunca esquecemos, sem importar os eventos intermediários. Qual cidadão norte-americano já esqueceu o que estava fazendo, quando ouviu a notícia de que o presidente John Kennedy foi assassinado? Foi um acontecimento que marcou a consciência dos norte-americanos. A memória tornou-se eterna quanto àquele evento. Outro tanto deve ter sucedido sobre Jesus e seus seguidores. Muito se tem explorado a possibilidade de «lapsos de memória», e pouquíssimo acerca de *lembranças indelevelmente fixas*, por causa da grandeza de Jesus. Ouso dizer que

aqueles que viram meu irmão andar de pés descalços sobre fogo e vidro quebrado, na atmosfera emocionalmente carregada que deve ter havido, quando ele foi desafiado pelo feiticheiro a fazê-lo, fixaram para sempre, em sua memória, aquele acontecimento. Como, pois, no caso de Jesus, cujas obras foram magníficas além de toda a comparação, poderia ter sido diferente? Mesmo que cem anos se tivessem passado, desde o acontecimento até ter sido registrado em forma escrita, as vividas narrativas orais das testemunhas oculares teriam preservado um conhecimento exato dos acontecimentos. Aquilo que porventura teria sido adicionado ou retirado não poderia afetar, de qualquer modo crítico, a natureza fidedigna desses relatos.

Consideremos o caso de Tucídides. Os historiadores clássicos reputam suas narrativas como fidedignas, embora se admita que ele tenha inventado alguns discursos, conversas e detalhes, em suas histórias, a fim de emprestar à sua obra estilo e continuidade. Contudo, poucos (ou mesmo ninguém) acreditam que ele tenha narrado erroneamente suas histórias, de qualquer modo crítico. Muitos até respeitam a dose de pesquisas que ele incluiu em seus escritos. Os eventos registrados foram importantes para os gregos e marcaram profundamente as mentes gregas, pelo que foram registrados acuradamente. Mas por que se pensaria que Lucas, por exemplo, foi menor historiador do que Tucídides? Lucas tinha muitas vantagens acima daquele, principalmente porque ele podia consultar facilmente, e assim o fez, a testemunhas oculares sobre a maior parte das coisas sobre as quais escreveu. Se os «eventos gregos» impressionaram bastante a Tucídides, levando-o a escrever uma narrativa respeitavelmente exata, por qual razão os «eventos palestinos» não teriam impressionado suficientemente os discípulos de Jesus, levando-os a se tornarem fontes fidedignas de narrativas históricas? Qual é o preconceito que faz alguns homens chegarem a outra conclusão? Tem isso algo a ver com a psicologia envolvida no caso, conforme se supõe sob a seção III, ponto 3? Certamente a compelidora realidade de Jesus teria causado alguns de seus seguidores a serem historiadores respeitáveis, não menos que a compelidora realidade de certas guerras gregas, que inspiraram Tucídides no registro cuidadoso dos eventos.

É somente quando se crê através de *sentimentos a priori* que Jesus não poderia ter feito o que os evangelistas disseram que ele fez, ou não poderia ter sido o que disseram que ele foi, que se sente forçado a duvidar da historicidade essencial de suas narrativas. Isso é a mesma coisa que dizer que o «ceticismo» está postado diante do timão do barco que procura desacreditar às mesmas, mas esse barco sem dúvida, naufragará nos escolhos.

V. Testemunhos de Marcos e Pedro

1. *Papias* identificou o evangelho de Marcos com as *memórias* de Pedro. Alguns eruditos dizem que «Papias estava apenas conjecturando». Podemos dizer corretamente, sem temor de contradição, que esses eruditos estão apenas conjecturando que Papias conjecturava. Seja como for, estava ele em melhor posição de conjecturar do que nós, hoje em dia. (Ver o artigo sobre o evangelho de Marcos, sob «Autoria», onde há plena discussão a respeito). Naturalmente, não é vital para a questão da exatidão histórica do evangelho de Marcos a suposição de que João Marcos foi seu autor. Na realidade, essa é uma questão lateral. O que nos interessa, antes de tudo, é a *memória indelevel* devido à natureza prodigiosa dos próprios acontecimentos, e, em segundo lugar, se são

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS

narrativas ou não de testemunhas oculares. A primeira coisa não é menos significativa do que a segunda. É perfeitamente possível que um evangelho poderia ter sido escrito até mesmo cem anos após os acontecimentos narrados, mas que preservasse descrições essencialmente exatas, se os próprios acontecimentos fossem suficientemente impressionantes para criar uma espécie de tradição oral vital.

2. *Marcos preservou narrativas* de testemunhas oculares. Um erudito católico romano, papirologista, José O'Callaghan, descobriu entre o material dos Manuscritos do Mar Morto, um fragmento de 17 letras que corta verticalmente cinco linhas do texto, e que ele identificou como Marc. 6:52,53. Seu trabalho sobre isso foi relatado na publicação do Instituto Bíblico Pontifício de Roma, intitulada *Bíblica*. Além desse fragmento, O'Callaghan vinculou um fragmento de cinco letras a Mar. 4:48, além de um fragmento de sete letras a Tia. 1:23,24. Outras identificações «prováveis» incluem Ato 27:38; Mar. 12:17 e Rom. 5:11,12. Identificações possíveis incluem II Ped. 1:15 e Mar. 6:48. Esses fragmentos foram escritos no tipo de escrita grega «zierstil», a qual, conforme dizem os paleógrafos, era usada mais ou menos entre 50 A.C. e 50 D.C. Isso significaria que o evangelho de Marcos poderia ter sido escrito antes do ano 50 de nossa era, o que certamente indicaria que se alicerçou sobre narrativas de «testemunhas oculares». Naturalmente, alguns eruditos duvidam da validade dessas identificações. Com ou sem esses fragmentos, e apesar de bom hiato de tempo entre os próprios eventos e suas descrições «escritas», há toda a razão para supormos que os próprios acontecimentos foram bastante impressionantes para assegurar um registro essencialmente acurado.

3. *Interesse teológico*. Se Pedro e/ou qualquer outro apóstolo, serviu de base das narrativas históricas do evangelho de Marcos, é difícil imaginar que qualquer «interesse teológico» tenha podido colorir seus relatos, furtando-lhes a sua historicidade essencial. Poderiam homens que acompanharam a Jesus em suas viagens e que o ouviram diretamente, ter o desejo de distorcer o que sabiam ser a verdade, a fim de servir a algum interesse teológico? É muito mais provável que a própria teologia tenha sido um desenvolvimento natural da natureza momentosa da história ocorrida. A negação da historicidade dos evangelhos, por si mesma, resulta do «interesse teológico» dos críticos modernos, mais do que de qualquer outra coisa.

4. *Preservação do Evangelho de Marcos*. Esse é o evangelho que contém poucas das declarações de Jesus, que não registra o Sermão da Montanha e nem a narrativa do nascimento de Jesus. É o chamado «evangelho escasso». Não obstante, foi preservado. Sua própria preservação serve de forte indicação de que o seu conteúdo histórico foi altamente valorizado e confiado por escritores sagrados posteriores. Foi considerado uma história digna de figurar lado a lado com evangelhos mais elaborados, porque tinha uma mui significativa contribuição a fazer: narra essencialmente e de forma exata, a vida e as obras de Jesus.

5. *Sua utilização por Lucas*, que definitivamente tinha forte interesse histórico (ver Luc. 1:1 ss e 3:1 ss), não pode ser desconsiderada como confirmação da sua exatidão histórica. Lembremo-nos que se o próprio Lucas não foi testemunha ocular, entrou em contacto com aqueles que o foram, e deles extraiu o seu material. O trecho de Luc. 1:2 afirma que os informantes de Lucas foram testemunhas oculares. Não pode haver qualquer dúvida de que o evangelho

de Marcos foi um dos documentos empregados por Lucas e sua preocupação para utilizar-se de narrativas de TESTEMUNHAS OCULARES quase certamente significa que ele reputou o evangelho de Marcos exatamente como tal.

6. *O Evangelho de Mateus* é anônimo. Sem importar quem possa ter sido o seu autor, é óbvio que ele compilou cuidadosamente a sua obra, motivo por que se tornou uma de nossas principais fontes sobre as declarações de Jesus. Ele deve ter-se preocupado sobre o que incluir em sua obra. O fato de que ele escolheu a Marcos como base de seu esboço histórico serve de evidência convincente de que aquele documento tinha grande prestígio, considerado digno de confiança.

7. *Os maiores dentre os ensinamentos*. Os ensinamentos contidos no evangelho de Marcos e nos demais trazem em si a sua própria autenticação. Quem mais, senão Jesus, poderia ter feito ensinamentos tão poderosos que cativaram a mente dos homens e alteraram as almas humanas para melhor? Julgamos que as declarações que possuímos de Jesus são declarações históricas fidedignas. De outro modo, quem foi o gênio por detrás delas? Quem foi aquele que agora é uma força invisível por detrás desses documentos?

8. *Os milagres fabulosos*. Neste ponto temos uma das questões que talvez seja a mais crítica, no tocante à historicidade. Alguns simplesmente não conseguem crer que Jesus ou qualquer outro poderia ter feito o que os evangelhos dizem que ele realizou. Na realidade, porém, a questão é bem outra. Em comparação com a grandeza de Jesus, os milagres são bastante insignificantes. Sua grandeza transcende a meros milagres. Sob o ponto IV temos desenvolvido essa linha de pensamento. O avanço do conhecimento, conforme se tem feito através da parapsicologia, tornou totalmente obsoleta a dúvida sobre a historicidade dos evangelhos, por causa dos muitos e grandes milagres que eles relatam.

9. *A deteriorização da fé* devido aos séculos que se têm passado desde que aconteceram os eventos registrados nos evangelhos, infelizmente caracteriza a muitos, e não a «fé». Muito diferente foi o caso dos apóstolos. Pedro foi capaz de dizer: «Eu vi». Pedro disse a Jesus: «...tens as palavras da vida eterna» (João 6:68). Teria sido extremamente difícil fazer de Pedro um cético. Os escritores dos evangelhos conheciam pessoalmente a Pedro e a outros apóstolos. Porventura poderiam ter produzido obras que distorcessem o que Pedro e outros viram? Pedro como que dizia: «Eu vi, por isso creio». Mas muitos dizem hoje em dia: «Não vi, pelo que não acredito». Que tragédia que a ausência de fotografos seja o pai da incredulidade. Bem-aventurados são aqueles que, embora não tenham visto, contudo, crêem.

VI. Testemunho de Lucas

Grande parte da discussão acima abordou esse aspecto, pelo que aqui expomos um esboço, e não uma discussão:

1. Lucas asseverava que obteve seu material de *testemunhas oculares* (ver Luc. 1:2).

2. Asseverava que seus informantes «ainda viviam», pelo que podiam ainda ser consultados (ver Luc. 1:2,3).

3. Asseverava ter feito «cuidadosa investigação», subentendendo que colhera o melhor material possível, das fontes mais fidedignas.

4. Empregou o evangelho de Marcos (como seu esboço histórico), assim apondo sua chancela de «aprovação àquela fonte».

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS

5. Acrescentou muitas «afirmativas de Jesus», nas quais mostra o gênio do Mestre, e não o seu próprio. Essas declarações são auto-autenticadoras.

6. Lucas estava em posição «imensamente melhor» que historiadores antigos, que são respeitados pelos eruditos e cujas obras são reputadas essencialmente exatas, o que lhe permitiu conferir-nos relatos acurados.

7. Lucas, sendo médico e homem educado, dificilmente ter-se-ia deixado arrastar por narrativas de entusiastas fanáticos. Mais provavelmente, como homem aberto para testemunho veraz, estava convicto, além de qualquer dúvida de que registrava para nós o que realmente sucedeu e o que Jesus realmente foi.

8. A arqueologia tem tendido por *confirmar as declarações históricas* de Lucas, em vez de pô-las em dúvida. Os arqueólogos levam Lucas a sério como historiador.

9. Confiadamente, Lucas aceitou o «valor da verdade» do que escreveu, e isso refletia uma solene crença. Estava tão convicto disso que ardentemente procurou convencer a outros. Cria no seu produto (ver Luc. 1:1,4). Achava-se em posição histórica de onde podia fazer uma avaliação inteligente, o que não sucede no caso dos seus críticos modernos.

10. Se for declarado, conforme pouquíssimos o fazem, que o evangelho de Lucas não foi escrito por Lucas, isso é questão lateral. O prefácio do evangelho mostra-nos que estamos em «território de testemunhas oculares», e que todas as declarações acima, exceto a sétima, se ajustam ao caso, pelo que pouco importa quem realmente escreveu o livro, pois isso em nada fere sua historicidade. Mas, de fato, até mesmo o sétimo item se ajusta ao caso, pois a qualidade literária do evangelho de Lucas demonstra convincentemente que estamos tratando com um homem educado, que dificilmente se deixaria arrastar pela fraude.

VII. O Testemunho de Mateus

Já que o evangelho de Mateus na verdade é anônimo, o que cremos sobre sua autoria dependerá muito de nossa aceitação da tradição, e como interpretamos as tradições que circundam esse evangelho. Devido a certas declarações de Papias, acerca dos *logoi* de Jesus, «escritos em aramaico» por Mateus, esse evangelho veio a ser conhecido como o de Mateus. Mas é provável que esses «logoi» não fossem este evangelho. A identificação foi natural, mas errônea. Porém, é bem possível que esses *logoi* possam ser identificados com o documento «Q», ou estejam de algum modo relacionados ao mesmo. Nesse caso, muitos dos ensinamentos deste evangelho repousam sobre autoridade apostólica, e isso não é uma consideração pequena no tocante à «historicidade» do evangelho. O autor deste evangelho mostrou ter confiança no esboço histórico de Marcos, porquanto utilizou-se do mesmo, com poucas modificações, em suas narrativas históricas. Esse autor foi muito mais que mero compilador, porquanto exhibe evidências de elevada inteligência. *Podemos estar certos* de que ele foi cuidadoso acerca de suas fontes informativas, e que deve tê-las considerado dignas de confiança. Algumas das testemunhas oculares continuavam vivas, mesmo que este evangelho tenha sido escrito tão tarde quanto na década de 80 ou 90 D.C., conforme alguns estudiosos supõem. É certo, por conseguinte, que ainda que ele não tenha sido uma testemunha ocular, estava em contacto com as tais, e que tanto confirmou o que recebera da parte de fontes escritas, como adicionou alguns poucos elementos, provenientes de testemunho oral separado.

(Ver o artigo sobre o evangelho de Mateus, quanto a questões de «autoria» e «data»).

VIII. Testemunho de Paulo

Não há provas de que Paulo tenha usado qualquer evangelho em seus escritos, e suas citações das declarações de Jesus, vindas de qualquer fonte, são *surpreendentemente* poucas. É verdade que Paulo não estava demasiadamente preocupado com a história da vida de Jesus, porquanto já conhecera ao Cristo eterno. Mas também não contradiz ao Cristo histórico com este último, conforme fazem alguns críticos modernos, como se houvesse alguma contradição entre os dois. Ele não mostrou estar cômico de qualquer contradição entre o Jesus *histórico* e o *teológico*. As relações de Paulo à historicidade dos evangelhos residem na questão do «interesse teológico». É verdade que Paulo, e outros como ele, modificaram o Jesus original para uma personagem celestial, ficando assim corrompidos os próprios evangelhos, por terem recebido forçosamente um sabor teológico? Nesse caso, esse sabor teológico poderia justificar as histórias miraculosas, pois agora Jesus seria uma personagem celestial, que saiu a fazer feitos miraculosos, ao passo que o Jesus original teria sido apenas um mestre maravilhoso. Porém, essa teoria perde a força quando lemos, no primeiro capítulo da epístola aos Gálatas, um dos mais antigos, ou mesmo o mais antigo dos livros do N.T. (ver o artigo sobre Gálatas, sob «data»), onde se entende que o evangelho de Paulo não diferiria do dos demais apóstolos, que tinham conhecido a Jesus na carne. É impossível imaginarmos que a força da personalidade de Paulo tenha forçado aos outros apóstolos a ensinarem um «Jesus teológico», em substituição ao Jesus «histórico», o qual eles tinham conhecido tão bem. Se o Jesus de Paulo era idêntico ao deles, e se sua mensagem era a mesma, então o Jesus histórico também deve ser o Jesus teológico.

Deve-se admitir que houve o desenvolvimento doutrinário, o surgimento do dogma cristã; mas isso começou antes mesmo de Paulo, isto é, nos próprios evangelhos. Contudo, parece inequívoco que a imensidade do que Jesus era e fez foi a causa desse desenvolvimento teológico; esse crescimento não foi a causa pela qual os evangelhos obtiveram o elemento miraculoso. A grandeza da vida de Jesus e seus ensinamentos, em seu meio ambiente, *deram origem*, e com razão, à doutrina de que não foi mero homem, mas a encarnação de Deus no homem. Em sua pessoa achamos o alto ideal do que um homem pode e deve ser. No processo da transformação em sua imagem, Deus se encarna em nós, como fizera em Jesus Cristo. (Ver Rom. 8:29; Col. 2:10 e II Ped. 1:4, onde essa doutrina é explicada).

Outrossim, Paulo teve um *interesse histórico* no tocante ao evangelho, segundo nos revela claramente o trecho de I Cor. 15. Ele apelou para as 500 testemunhas oculares da ressurreição, a maioria das quais, disse ele, ainda vivia quando escreveu aquela epístola. Ele não divorciou o Jesus literalmente ressurrecto do Jesus que ascendeu aos céus. Um resultado do outro, e os dois eram o mesmo. E eram o mesmo porque os «acontecimentos terrenos» resultaram na feitura do Cristo celestial. Paulo fala sobre as aparições do Cristo ressurrecto, e assegura-nos de que ele foi um daqueles para quem Jesus apareceu. É somente quando cremos que os céus não podem descer à terra, que o Infinito não pode vir até o finito, que Deus não pode e nem mesmo intervém na história humana, que achamos difícil acreditar na experiência e nas palavras de Paulo. É fato sobejamente conhecido que Paulo era homem altamente educado,

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS

dotado de considerável inteligência, bem como de uma experiência espiritual superlativa. Rejeitar o seu testemunho, a fim de aceitar as hipóteses dos céticos modernos é algo parecido com o suicídio espiritual.

IX. Testemunho da Igreja Primitiva

Chegou o tempo quando ninguém mais vivia para dizer: *Eu vi*. Contudo, a igreja primitiva, confiando no que as testemunhas originais tinham visto, dizia: *Eu creio*. A vitalidade espiritual da igreja primitiva, que a fez espalhar-se rapidamente e por toda a parte (ver Col. 1:6), evidencia que não somente «criam» devido a um testemunho indireto, mas também devido ao fato de que se cumpria a promessa de Jesus de que enviaria o seu Espírito, o seu *alter ego*. Portanto, em certo sentido, Jesus, em seu aspecto histórico ou em seu aspecto teológico, nunca se foi embora. A igreja mais antiga, as 500 testemunhas da ressurreição, e outros, como aqueles aludidos em II Cor. 5:16, que conheceram a Cristo pessoalmente, formavam o núcleo da igreja universal. Eles, tal como os apóstolos, não precisavam depender de testemunhos secundários. Tinham conhecido a Jesus, tinham-no visto realizando seus prodígios e tinham ouvido seus inigualáveis ensinamentos. Teria sido extremamente difícil fazer deles uns céticos, embora hoje em dia, no seio da própria igreja, pareça que céticos estão sendo formados, à esquerda e à direita, com uma facilidade que aterroriza.

Nas suas primeiras pregações, Pedro aludiu *franca e naturalmente* aos muitos milagres feitos por Jesus (ver Atos 2:22,32). Falou disso como algo bem sabido. Jesus contava com testemunho abundante, através da auto-autenticação de sua vida poderosa. Porventura a falta de fotografias poderia destruir agora a fé?

X. Testemunho dos Livros Apócrifos e Outros Primitivos Escritos Cristãos

Pode parecer estranho conclamar os livros apócrifos do N.T. para que nos ajudem na defesa da autenticidade dos registros históricos dos evangelhos. Todavia, consideremos os pontos seguintes:

1. *Os livros apócrifos reconhecem a vida prodigiosa de Jesus*. Ele foi um gênio criador que requeria reação da parte dos homens. Esses escritos, embora essencialmente lendários, pelo menos reagem a ele. Orçam em pelo menos cem (evangelhos, atos, epístolas e apocalipses). (Ver o artigo sobre os *Livros Apócrifos*). Provavelmente contêm pequena quantidade de material «extracanônico» que é válida.

2. Os evangelhos apócrifos *prestam testemunho*, talvez não bem acolhido, à validade dos evangelhos canônicos, porquanto repetem, como que validando muitos trechos dos mesmos.

3. Acima de tudo, os evangelhos apócrifos representam uma *explosão literária*, como sempre se segue a qualquer vida extraordinariamente grande. Jesus não era do tipo de pessoa que se possa ignorar. O impulso literário foi extraordinariamente agitado por ele, o que significa que ele deve ter sido pessoa incomum. À sua vida inspirou muitos escritos; e até hoje continua a inspirar muitos escritos. Não está distante dessa observação a admissão de que ele realmente foi o que os evangelhos asseveram que ele foi, e que realmente realizou aquilo que afirmam que ele fez.

O que foi dito acerca dos escritos apócrifos, também é verdade quanto aos escritos dos primeiros pais da igreja, as cartas de Policarpo, Clemente e outros. A influência de Jesus continuou com eles. Poder-se-ia esperar que um aldeão galileu logo viesse a ser esquecido, sem importar qualquer fama local que tivesse obtido. Mas isso não sucedeu no caso de Jesus.

Os pais da igreja, muitos deles homens de grande valor pessoal, cujos nomes reverenciamos até hoje, sentiram ser mister trazer sua sabedoria e grandeza, expressas em suas vidas e escritos, aos pés de Jesus. Quando admitimos a força dessa observação, não estamos longe de admitir que Cristo foi o que os evangelhos dizem que ele foi, e fez o que dizem que ele fez.

XI. Influência Divina dos Evangelhos

J. B. Phillips, tradutor do N.T., declarou que seu trabalho de tradução o levará à convicção firme da *inspiração divina* desse documento. Consideremos a vasta influência transformadora que o N.T. tem exercido através dos séculos. O N.T. é o príncipe de todos os escritos gregos, numa esfera onde não é fácil ser príncipe. Esse é o documento que tem provocado as maiores vidas que jamais viveram. Esse é o documento que reflete:

**a glória do Seu seio
transfigura a ti e a mim.**

Se Jesus tivesse sido um homem ordinário, se tivesse vivido uma vida ordinária, e os evangelhos o tivessem representado com exageros, não é provável que isso tivesse sucedido. «Outrossim, o Livro que nos fala sobre ele traz «o tom da verdade». Tem uma verdade e um poder inerentes que modifica a nós e às nossas opiniões e ideais. Poderia ser, portanto, que esse *livro* fosse apenas um produto humano? Não, isso não parece possível. Sentimo-nos confiantes, pois, que Deus pôs suas mãos sobre os evangelhos. E, sendo essa a verdade, é difícil ver que, a despeito do elemento humano que certamente contém, que suas «histórias» e «ensinamentos» sejam uma representação falsa do que Jesus foi e fez. A influência divina dos evangelhos é sinal seguro de sua «origem divina»; e sua «origem divina» é a segurança de sua exatidão essencial.

XII. O que Não Significa a Historicidade

Os céticos são bem conscientes de certos problemas no Novo Testamento e é aconselhável que os crentes saibam a natureza destes problemas. A historicidade dos evangelhos é perfeitamente segura no meio das pequenas e triviais dificuldades que podem ser apresentadas. Nos parágrafos seguintes, examinamos os tipos de coisas que, para algumas pessoas, lançam dúvidas sobre a historicidade dos evangelhos.

É um estudo superficial e talvez uma imaturidade espiritual, exigir que o Novo Testamento não tenha problema nenhum. Se examinarmos o texto, versículo por versículo, certamente, acharemos vestígios obviamente humanos. Pois que diferença pode fazer à minha fé se Marcos escreveu «ele fiz» no lugar de «ele fez»? Que diferença pode fazer para minha fé se o evangelho de João situa a «unção em Betânia» antes da entrada triunfal, ao passo que Mateus e Marcos a situam *depois da mesma*? Que diferença pode fazer à minha fé se o escriba que veio indagar a Jesus o «maior mandamento» é encarado como um inquiridor honesto em Marcos, mas como um fraudulento intencional em Mateus e Lucas? E que diferença pode fazer à minha fé se observo que Mateus alterou a ordem de certos eventos históricos, associando aos mesmos ensinamentos diferentes do que o fazem Marcos e Lucas, ou, em outras palavras, tem «deslocações» de material, que são requeridas pelo desígnio de seu livro? Historicidade não é a mesma coisa que «sem problemas». É preciso uma pesquisa desonesta, uma defesa puramente dogmática, sem qualquer investigação, para que alguém afirme que historicidade tenha esse significado. Consideremos, por amor à honestidade, os pontos abaixo:

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS

1. Oração do Pai Nosso:

Em Mateus 6:9—13

Nosso Pai que estás nos céus
Santificado seja o teu nome
Venha o teu reino,
Seja feita a tua vontade,
Na terra como nos céus
Dá-nos hoje o pão diário
E perdoa-nos as nossas dívidas
Segundo perdoamos aos nossos
devedores
E não nos leves à tentação,
Mas livra-nos do mal.

Em Lucas 11:1—4

Pai,
Santificado seja o teu nome,
Venha o teu reino,
(omitidas por Lucas)
Dá-nos dia a dia o pão diário
E perdoa-nos nossos pecados
pois também perdoamos a todo
o que nos deve,
E não nos leves à tentação
(o resto é omitido nos *mss* mais
antigos, embora adicionado por
escritas posteriores, em harmonia
com Mateus).

Pode-se fazer uma pergunta. *Qual dessas duas* versões representa o que Jesus proferiu? Provavelmente, a mais simples, a de Lucas, que foi um tanto

ornada por Mateus ou pela fonte informativa que ele usou. Mas o fato de que houve algum adorno literário nos evangelhos não impede a historicidade essencial dos evangelhos e nem prejudica a minha fé.

As diferenças são confirmações de historicidade, e não agentes contrários à mesma. Se os evangelhos fossem produtos de fraude calculada, ou mesmo de «harmonização fixa», não haveria senão harmonia total, sem qualquer discrepância. Mas, visto que neles não há essas condições, sabemos que os evangelhos não foram sujeitos a essa forma de atividade; e, por causa disso, mais ainda podemos confiar neles.

2. O título posto à cruz:

Mateus: «Este é Jesus, o Rei dos Judeus» (27:37)

Marcos: «O Rei dos Judeus» (15:26)

Lucas: «Este é o Rei dos Judeus» (23:38)

João: «Jesus de Nazaré, o Rei dos Judeus» (19:19)

Qual desses representa o título original? É extremamente engenhoso supor que cada autor sagrado registrou «apenas parte» do título original, e que a «combinação» de todos nos leva a obter o título integral. Isso é harmonia a *qualquer preço*, até mesmo ao preço da honestidade. Não podemos ter absoluta certeza sobre o título exato, se é que algum dos quatro evangelistas o registrou com precisão absoluta. Porém, em que isso pode me ser prejudicial à fé, ou à minha confiança na natureza fidedigna essencial dos registros sagrados? A fé será realmente fraca, e o dogma forte, quando se tem por necessário achar «reconciliações» e «harmonias» para diferenças como essas.

3. Deslocações de material e de acontecimentos, em relação aos ensinamentos acompanhantes, nos evangelhos:

<i>Lucas</i> 11:	<i>Mateus</i> :
1:4	6:9—13
5—8 (somente Lucas)	
9,10	7:7,8
11—13	7:9-11
14—23	12:23-37
24—28	12:43—45 (c/vss. 27,28 de Lucas, só em Lucas)
29—32	12:39-42 (c/alguma reversão da ordem das declarações).
33	Vários paralelos: Mat. 5:15,16 e Mar. 4:21,22
34,35	6:22,23
36 (leve expansão editorial em Lucas, não em Mateus)	
37,38 (editorial em Lucas, não em Mateus)	
39,40	23:25,26
41 (Lucas somente)	
42	23:23
43	23:5-7
44	23:27,28
45 (editorial só em Lucas)	
46	23:4
47—48	23:29-32
49—51	23:34-46
52	23:13 (com pequenas variações)
53,54 (só Lucas)	

O leitor cuidadoso pode observar aqui que o material maneuseado por Lucas está espalhado em quatro capítulos diferentes em Mateus, pois as conexões históricas (os eventos que acompanham as

declarações) e a ordem cronológica da seqüência de eventos são diferentes. Aprendemos claramente que os próprios evangelistas não se preocupavam com harmonia exata, conforme exigem alguns intérpretes

HISTORICIDADE DOS EVANGELHOS

modernos. Com frequência há *deslocações* de eventos, especialmente em Mateus, de modo que os mesmos acontecimentos aparecem em períodos diversos do ministério de Jesus, o que não sucede em Marcos e Lucas. Lucas usualmente segue de perto o esboço de Marcos. Mas Mateus não hesita em afastar-se do mesmo. Pois o evangelho de Mateus é «tópico», e não «cronológico». Ele constituiu 5 grandes blocos de ensinamentos de Jesus, cada qual sendo uma «coletânea» de declarações similares, em torno das quais, ele construiu seu evangelho. Mas esses blocos são interrompidos em Lucas, quando aparecem paralelos, e as declarações são dispersas em muitos eventos históricos diversos, em confronto com Mateus. Mateus ignorou a *cronologia* em muitos

lugares, algo que as harmonias lamentam profundamente. Seu designio, porém, não foi fornecer um evangelho dotado de harmonia perfeita com as fontes informativas que ele usou. Assim sendo, deslocou material, dando seqüências diferentes de eventos e declarações, em comparação ao que fizeram Marcos e Lucas. Poderíamos indagar: Qual narrativa representa as coisas exatamente como elas sucederam? É verdade que, em tais casos, não podem estar certos tanto Mateus quanto Lucas, ao mesmo tempo. Mas a questão não tem importância, pois a harmonia estrita não é necessária para termos fé em sua historicidade. Aqueles que exigem tal coisa ficarão terrivelmente desapontados.

Consideremos o quadro seguinte, que deixa os harmonistas perplexos:

Mateus	Marcos	Lucas
1. O leproso (8:1-4)	1. A sogra de Pedro (1:29-31)	1. A sogra de Pedro (4:38-39)
2. O servo do centurião (8:5-13)	2. O leproso (1:40-45)	2. O leproso (5:12-15)
3. A sogra de Pedro (8:14,15)	3. Tempestade acalmada (4:35-41)	3. O servo do centurião (7:1-10)
4. Desculpas de dois discípulos (8:18-22)	4. O endemoninhado gadareno (5:1-20)	4. Tempestade acalmada (8:22-25)
5. Tempestade acalmada (7:23-27)		5. Endemoninhado gadareno (8:26-39)
6. Endemoninhados gadarenos (8:19-22)		6. Desculpas de dois discípulos (9:57-56)

4. Erros gramaticais:

Amigos, não há autor do N.T. que ocasionalmente não quebre alguma regra da gramática grega. Os piores ofensores são *Marcos* e o *Apocalipse*. O grego desses livros tem sido descrito como *bárbaro* pelos gramáticos do grego. Com frequência não satisfaz nem os modos helenistas, quanto menos os padrões clássicos. Os leitores sérios do N.T. grego sabem disso, e qualquer comentário comum, versículo por versículo, frisa algum erro gramatical no texto original. Diz-se acerca do grande evangelista *Dwight L. Moody*, que ele não era «gramatical» em seus sermões. O mesmo pode ser dito do evangelista Marcos e do revelador João. Mas, apesar de sua gramática deficiente, eles produziram documentos poderosíssimos, dos quais muito se pode aprender. Historicidade não tem nada a ver com «gramática perfeita» ou «nenhum erro de linguagem». Os hábitos lingüísticos dos autores sagrados se evidenciam patentemente em seus livros, e o Espírito Santo não corrigiu essas deficiências. Para satisfazer à curiosidade do leitor, damos aqui uma lista de erros gramaticais do Livro de Apocalipse, e quem souber ler o grego, poderá fazer suas próprias investigações: Apo. 1:4,5,10,15; 2:20; 3:12; 4:1,7,8; 5:6,11,12,13; 7:4; 9:5,13,14; 11:4,15; 12:5; 13:14; 14:3; 15:12; 17:16; 19:14,20; 20:2; 21:9. Essa lista, sob hipótese alguma, é exaustiva ou completa.

5. Diferentes ordens cronológicos dos mesmos eventos:

Consideremos a questão da *unção em Betânia*:

Em Mateus, figura após a entrada triunfal (26:6 ss).

Em Marcos, após a entrada triunfal (14:3 ss).

Em João, antes da entrada triunfal (12:3).

Em Lucas, em período totalmente diverso do ministério de Jesus, motivo por que os harmonistas negam tratar-se do mesmo evento (7:37 ss).

Papias, a autoridade que temos de que Marcos foi o autor do evangelho que agora traz seu nome, diz-nos

que Marcos não registrou os eventos da vida de Jesus *necessariamente* na ordem em que tiveram lugar. Não admira, pois, por essa e outras razões, que os evangelistas originais não se preocuparam acerca dessa área, conforme fazem alguns harmonistas modernos.

6. Diferentes interpretações aos mesmos eventos:

Mateus e Lucas interpretam a visita de um certo escriba, que veio indagar de Jesus qual o *maior mandamento*, como um ato desonesto e capcioso de sua parte, a fim de «tentar» a Jesus, para que ficasse desacreditado entre o povo. Trata-se de uma das narrativas de «controvérsia», que mostra como Jesus foi derrubado pelas hipócritas autoridades religiosas. (Ver Mat. 22:35 ss e Luc. 10:25 ss, em um período diferente do ministério de Jesus). Isso deve ser confrontado com Mar. 12:28 ss, onde esse escriba é apresentado como um inquiridor honesto, que chegou até receber elogios da parte de Jesus.

Os exemplos aqui dados *podem ser* multiplicados por muitas vezes, conforme sabem os estudiosos do N.T., versículo por versículo. O fato de que os evangelhos não concordam perfeitamente entre si, e que há erros humanos aqui e acolá, na realidade são fatores que *favorecem* a historicidade deles, e não fatores contrários. Se esses documentos tivessem sido forjados ou corrigidos pelos cristãos primitivos, certamente teriam sido postos em harmonia uns com os outros, ficando ainda eliminados os erros gramaticais, sendo niveladas todas as dificuldades. Mas o fato de que isso não sucedeu leva-nos—apesar de pequenos problemas, que nunca podem prejudicar a fé—a confiar em sua natureza essencialmente fidedigna.

Os evangelhos e o Cristo por eles apresentados se alçam três metros acima das contradições dos céticos. São uma torre para a fé e uma verdade para a alma. Contam-nos com exatidão quem era Jesus e o que ele realizou. E de que mais precisamos além disso?

HISTORICIDADE

Sumário:

Quanto aos problemas apresentados, devemos considerar os seguintes fatos:

1. Lucas e Mateus utilizando os materiais e esboço de Marcos (para incluir a cronologia de eventos), poderiam ter copiado tudo com precisão, produzindo cópias exatas. Neste caso, uma harmonia perfeita poderia ter sido realizada. Lucas e Mateus, todavia, obviamente, não se sentiam constrangidos em seguir este método de utilização dos materiais de Marcos, e, portanto, não copiaram Marcos servilmente. As diferenças foram produzidas *propositadamente*, em muitos casos, por causa do desígnio literário dos autores, ou às vezes, foram produzidas indiferentemente, isto é, sem qualquer coerção íntima que exigiu que os materiais de Marcos não pudessem ser alterados.

2. Lucas e Mateus, usando, em comum, materiais não-marcanos, como o suposto documento «Q», uma fonte dos ensinamentos de Jesus, que Marcos não possuía, não os reproduziram servilmente. Portanto, Mateus produziu uma versão da oração do Senhor, levemente diferente daquela de Lucas. A mesma coisa aconteceu no caso de um bom número dos discursos e ditados de Jesus. Provavelmente, o próprio Jesus, em ocasiões diferentes falou as mesmas coisas, numa variedade de modos verbais. Uma variedade de expressões dificilmente pode ser considerada um fenômeno que enfraquece a realidade da historicidade dos Evangelhos.

3. A igreja primitiva, com os Evangelhos nas mãos, antes de qualquer larga distribuição, podia ter alterado todos os trechos que apresentavam dificuldades triviais, para produzir uma perfeita harmonia nos discursos de Jesus, bem como na ordem cronológica dos acontecimentos. O fato de que a igreja, com plena oportunidade, não agia assim, é uma prova de que uma harmonia exata nos Evangelhos não foi considerada importante quanto à historicidade dos mesmos.

4. Todos os documentos do N.T., pela própria preservação e uso deles, através dos séculos, por muitas pessoas de todas as camadas da humanidade, devem ser considerados escrituras de alto valor e poder. Os autores, então, devem ser considerados pessoas de capacidade literária considerável. É certo que cada um deles estava bem consciente de qualquer fraqueza que possuía, quanto ao uso da gramática grega, e capacidade de manipular esta linguagem. Marcos, por exemplo, devia ter sabido que sua gramática grega não era igual em qualidade àquela de Apolo ou Paulo. Ele devia saber que usava, comumente, expressões que teriam doído nos ouvidos dos eruditos de Alexandria. Se ele tivesse considerado o assunto de importância, ele podia ter tido seu Evangelho revisado, com a maior tranqüilidade, até no próprio círculo apostólico. Ou, sendo que ele escreveu seu Evangelho em Roma, facilmente, ele poderia tê-lo colocado nas mãos de alguém que tivesse um conhecimento gramático adequado para eliminar qualquer uso cru, duvidoso, ou erro gramatical. O fato de que Marcos não se interessava em fazer isto, mostra que ele não achava que um erro gramatical aqui e lá, prejudicaria a precisão histórica do trabalho dele. De fato, sua expressão e poder como autor não foram prejudicados por esta falta de revisão. Lucas, embora um homem literário bastante superior a Marcos, não hesitou em usar os materiais de Marcos. Ele não teria feito isto se ele não tivesse confiado na exatidão dos dados da história marcana. Se Lucas, um companheiro dos apóstolos confiava em Marcos como historiador, é difícil ver porque nós não podemos ter

uma confiança igualmente firme.

Os tipos de erros que temos descrito são triviais. Somente os céticos mais cegos vão considerar tais coisas como obstáculos à historicidade.

Ver o artigo sobre *Satyra Sai Baba*, um homem que está duplicando os milagres de Jesus, e cuja vida é significante dentro do contexto do problema da *historicidade*.

XIII. Bibliografia:

Ver as «apologias» recentes:

Kuyper, Abraham, *Principles of Sacred Theology*
Carnell; E.J. *Introduction to Christian Apologetics*
Ramm, Bernard, *Types of Apologetic Systems*
Til, C. Van, *The Defense of the Faith*

Ver também:

Encyclopedia of Religion, ed. Vergilius Ferm, artigo sobre *Autoridade*: Littlefield Adams & Co., 1964.

The Expositor's Greek Testament, artigo no 1º vol., *Concerning the Three Gospels*, seção II, *Historicity*: Erdmans, Grand Rapids, 1956.

The New Testament as Literature, Gospels and Acts, *Historical Accuracy*, págs. 9 ss, Buckner, B. Trawick; Barnes & Noble, Nova Iorque, 1964.

The Ring of Truth, J.B. Phillips; Macmillan and Co., Nova Iorque, 1967.

HISTORICIDADE DOS SERMÕES DE ATOS

Concorda-se de forma quase universal que o autor sagrado desta narrativa histórica começou a acompanhar o apóstolo Paulo desde a altura dos eventos narrados no décimo sexto capítulo da mesma; e é muito provável que a maior parte daquilo que foi escrito depois desse capítulo, resultou de narrativas ditadas pelo testemunho ocular do próprio autor. Antes de chegar a essa altura do relato, o autor sagrado se viu forçado a depender do que diziam outras testemunhas oculares, declarações essas contidas tanto na forma oral como na forma escrita. Por conseguinte, várias idéias têm surgido sobre a exatidão e o conteúdo dos vários sermões do livro de Atos, feitos pelos líderes cristãos mais destacados dos tempos primitivos, como Pedro, Estêvão, Paulo e outros, como o caso de oficiais do governo romano, os quais são apresentados a dirigir-se em forma de discurso a algum ajuntamento público. Abaixo damos uma nota sobre o caráter desses discursos, bem como sobre as idéias que os intérpretes têm vinculado aos mesmos, no que tange à sua exatidão histórica. De modo geral, essas interpretações são como segue:

1. O autor sagrado teria **fabricado tais sermões ou discursos, imaginando o que deve ter sido dito, segundo as exigências das circunstâncias envolvidas.** Esses intérpretes salientam uma famosa declaração de Tucídides, sobre a questão dos discursos que ele registrou em sua história. (*Ver De bello*, par. 1:22). «No tocante às falas de diferentes indivíduos, quer quando estava para começar a guerra, quer quando a mesma já havia começado, tem sido difícil lembrar, com estrita exatidão, quais as palavras que realmente foram proferidas, tanto quanto a mim, acerca daquilo que eu mesmo ouvi, como acerca daquelas várias fontes que me trouxeram os seus relatos. Portanto, os discursos aparecem na linguagem que, segundo me pareceu, os diversos oradores devem ter expresso, sobre o assunto em consideração, os sentimentos mais apropriados à ocasião, embora, ao mesmo tempo, eu tenha aderido o mais firmemente possível ao sentido geral do que realmente foi dito».

HISTORICIDADE

Deve-se observar, no entanto, que nem mesmo essa citação de Tucídides dá apoio à idéia de uma total fabricação de discursos no livro de Atos, conforme alguns eruditos liberais querem fazer-nos crer ter sido a ação de Lucas.

2. Há, por semelhante modo, um ponto de vista modificado sobre a idéia da «fabricação», que é exatamente aquele expresso por Tucídides. Tucídides fez o melhor que estava ao seu alcance, com o material de que dispunha—e quando precisava de um *bom diálogo*, para o qual não havia qualquer base histórica, por não ter ele obtido qualquer informação, então adicionava, com base em sua imaginação, aquilo que era mister, a fim de compor uma narrativa informativa e atrativa. Desse modo, o material apresentado seria mais ou menos exato, dependendo da existência e do caráter fidedigno ou não das fontes informativas, bem como de quanto o autor acrescentara de memória, ou de quanto meramente criara, e quão exatas eram as suas opiniões sobre o que deve ter sido dito nesta ou naquela circunstância. Ao aplicarmos essa idéia à obra de Lucas, podemos dizer somente que Lucas pode ser favoravelmente confrontado com outros historiadores sérios: ele fez o melhor que pôde, com o material histórico que tinha à mão, e acrescentou o que era necessário, para que a sua narrativa fosse suave e informativa. Alguns eruditos têm procurado consubstanciar essa idéia, supondo que a caracterização de Paulo, por Lucas, por exemplo, não é a mesma que transparece nas epístolas desse apóstolo. Esses mesmos estudiosos adicionam outros argumentos, tal como aquele que diz que Tiago fez uma citação da versão Septuaginta das Escrituras do A. T., o que dificilmente ele faria, como judeu galileu que era. (Ver Atos 15:7). Alguns intérpretes pensam que esse sentimento é mesmo contrário ao que se poderia esperar da parte de Tiago, conforme subentende o trecho de Gál. 2:11. (Quanto a uma defesa dessa interpretação sobre os discursos historiados no livro de Atos, ver a obra de Morton Scott Enslin, *The Literature of the Christian Movement*, parte III, em «Christian Beginnings», págs. 420-423).

3. Duas outras posições gerais sobre o assunto podem ser mencionadas. Dentre as quatro posições assim apresentadas também pode haver diversas misturas e subcategorias. No extremo oposto da primeira posição (a teoria da *fabricação*) teríamos a teoria que proclama que os discursos e sermões do livro de Atos são duplicações exatas, palavra por palavra, daquilo que foi dito, sem qualquer alteração, omissão, adição ou coisa parecida, por parte do autor sagrado. Naturalmente essa teoria depende do controle absoluto do Espírito Santo sobre o autor sagrado, quando este escreveu, a fim de que nenhum elemento humano, deliberado ou não, pudesse entrar no resultado escrito. Essa posição extrema, embora popular entre alguns intérpretes, especialmente aqueles que não conhecem os idiomas originais das Escrituras, e que defendem acirradamente uma *tradição* sobre as Escrituras, em vez de defenderem as próprias Escrituras, não pode ser defendida com êxito.

Em todos os discursos e citações diretas de Jesus e dos apóstolos, bem como de outros, como Estêvão, os quais são apresentados para apresentar sermões ou discursos, *muitos níveis de grego* podem ser demonstrados, alguns dos quais são excelentes (como nos escritos de Lucas), ao passo que outros são bastante inadequados (como no evangelho de Marcos). Ora, isso nos forçaria a crer que o Espírito Santo não conhecia muito bem o idioma grego. Além disso, nos evangelhos, quanto material histórico

semelhante é oposto, tal como no caso das duas versões sobre a oração do Pai Nosso (ver Mat. 6:9-15 e Luc. 11:1-4), esse material difere entre os diversos relatos. No caso da oração do Pai Nosso, a versão do evangelho de Mateus é mais longa que a versão do evangelho de Lucas, ou, segundo poderíamos também dizer, a versão de Lucas é mais abreviada. Mas isso nos forçaria a acreditar que o Espírito Santo esqueceu-se de parte do que o Senhor Jesus orou, ao inspirar Lucas, tendo-se lembrado de maior porção da oração do Filho de Deus, quando inspirou Mateus.

O que é dito no parágrafo acima, também se aplica, em grande extensão, às declarações do Senhor Jesus, conforme são registradas nos evangelhos, quando é óbvio que o mesmo material histórico foi historiado por diferentes escritores sagrados. O Sermão do Monte, conforme o evangelho de Mateus (caps. 5—7) aparece sob forma fragmentar, disperso por todo o evangelho de Lucas, associado a muitas circunstâncias históricas as mais variadas, ao passo que, naquele evangelho, o sermão inteiro é associado a apenas uma ocasião, como se fora um único sermão. A verdade em torno da questão é que Mateus mui provavelmente reuniu em um *bloco* declarações diversas do Senhor Jesus expondo-as todas num único lugar. Mas, afinal de contas, outro tanto se pode dizer com respeito à totalidade do evangelho de Mateus, que na realidade se constitui de *cinco blocos* separados de declarações do Senhor, em torno dos quais foi erigido o evangelho, porquanto as narrativas históricas aparecem arrumadas em torno dos ensinamentos centrais de Cristo, de forma harmônica e contínua. Mas isso não nos autoriza de forma alguma a pensar que Jesus proferiu *apenas* cinco sermões suficientemente dignos e valiosos para serem registrados permanentemente. Por conseguinte, fica transparente, em todas as citações de discursos e sermões, como também em todas as questões abordadas pelos evangelhos e pelo livro de Atos, o elemento humano, o designio e os propósitos dos autores sagrados envolvidos.

4. Essas observações conduzem-nos à declaração da natureza desses sermões e discursos. A primeira e a segunda dessas interpretações podem ser eliminadas resolutamente, até mesmo com base no fato histórico de que a associação íntima de Lucas com os discípulos mais primitivos de Cristo e o seu conhecimento familiar com os apóstolos garantiram-lhe *uma vantagem* muito superior sobre os historiadores antigos, no que diz respeito à facilidade de narrar a sua história. Ele não precisou depender *apenas* de relatórios escritos ou orais de testemunhas oculares, embora isso já fosse um elemento suficiente para assegurar a exatidão geral de sua narrativa. Pois a verdade é que, na maioria dos casos, ele pôde *consultar* os próprios indivíduos que discursaram. Ora, isso significa não que ele tenha registrado cada palavra daquilo que fora originalmente dito, mas, conforme é evidentemente mais importante, que ele registrou para nós não meramente os pontos essenciais de tais discursos, mas também grande parte *do modo* como tais sermões foram proferidos.

Não há razão alguma para pensarmos que os discursos e sermões que encontramos no livro de Atos *não sejam condensações* do que foi originalmente dito. Por exemplo, a seleção do indivíduo que substituiria a Judas Iscariote provavelmente foi longamente discutida. Pedro, entretanto, tendo sido o informante sobre a ocorrência, expôs o *sumário* do que fora debatido; e isso significa que aquilo que ficou registrado no livro de Atos é o *âmago* mesmo do incidente, o que também sucede no caso de outros sermões ou discursos.

HISTORICISMO — HISTORIOGRAFIA

Inspiração verbal? A filosofia analítica nos tem ensinado que os pensamentos humanos se expressam através da linguagem. Aceitamos esta conclusão de modo geral. Certamente, a mente humana é capaz de funcionar sem formas verbais, mas normalmente o pensamento é verbal. Todavia, a inspiração pode transcender meras palavras, ou pode utilizá-las. Neste caso, a inspiração é «verbal». — Às vezes, as expressões exatas e todas as palavras foram escolhidas diretamente pelo Espírito. Mas normalmente o elemento humano entra nos documentos do N.T., como a gramática, escolha de palavras, estilo literário, liberdade de arranjo, condensação, elaboração, comentários, etc.

HISTORICISMO

Essa palavra vem do termo alemão **historismus**, uma palavra usada para se aplicar a uma ênfase exagerada sobre a história. O termo foi cunhado por Mannheim e Troeltsch, da escola neokantiana. Ver os artigos separados sobre essas duas personagens. Vico (vide) afirmava que «tudo é história»; e Dilthey (vide) argumentava que todos os historiadores escrevem como cativos de sua era e circunstâncias particulares. Isso significaria que é muito difícil chegar-se a uma história pura, se estivermos olhando para os sentidos envolvidos no processo histórico. Certamente, Hegel e Marx podem ser criticados desse modo. Hegel, porque via a síntese histórica cumprida na monarquia constitucional do governo alemão, que vigorava em seus dias, em sua pátria; e Marx, por haver pensado, tola mente, que o comunismo (vide), poria fim ao processo histórico, por ser uma síntese final. A verdade da questão é que não pode haver síntese que não se torne, por sua vez, em antítese, do que, finalmente, resultará uma outra síntese, *ad infinitum*. Todos os pontos finais são apenas instrumentais. Isso quer dizer que eles se tornam instrumentos de novos começos.

O termo *historicismo* também é usado em um sentido negativo, como sinônimo de *falácia genética* (vide). Esta consiste em explicar de outro modo (mediante falsificação) a natureza de algum fenômeno, mediante uma alusão à sua origem. Para exemplificar: O termo português *Deus* vem do latim, *deus*, relacionado a *Zeus*. Obviamente, o termo tem uma origem e um uso pagãos, pelo que qualquer fé religiosa, hoje em dia, que use o termo *Deus* deve ter caráter pagão.

HISTORIOGRAFIA BÍBLICA

O historiador E. Meyer observou que «uma literatura histórica independente, no verdadeiro sentido das palavras, apareceu somente entre os israelitas e os gregos». A história, conforme é compreendida pela nossa cultura, origina-se de dois pontos: 1. do século V A.C., na Grécia, com Heródoto e Tucídides. 2. Cinco séculos antes, com o redator do livro de Gênesis ou Jeovista, conforme alguns estudiosos o têm chamado. Em seguida, temos o autor que narrou a história da sucessão de Davi a Salomão (II Samuel 9-20 e I Reis 1 e 2). Nesses exemplos, encontramos os primórdios de esforços propositais para registrar a história. Naturalmente, os registros arqueológicos mostram que tal tipo de atividade era generalizada entre as culturas antigas, sobretudo no que tange às vidas e aos atos dos reis. Mas, no que concerne à nossa cultura, devemos levar em conta as duas fontes acima mencionadas. Heródoto fez o cotejo entre o mundo fabuloso do

Oriente e o novo mundo grego; e Tucídides investigou as causas e o curso da guerra do Peloponeso.

1. *A História no Antigo Oriente*. De 2.000 A.C. em diante há inscrições reais, arquivos de tabletes e alguns outros documentos escritos; mas, antes disso, o material que pode ser aproveitado pela história é escasso. Esses documentos fornecem aos estudiosos modernos muitos informes, permitindo-nos chegar a uma espécie de esboço histórico do Egito, da Suméria, de Acade, da Assíria, da Babilônia e dos hititas. Ver os artigos relativos a essas nações e povos, quanto a maiores detalhes. Nesse material, entretanto, não encontramos unidade real, continuidade intrínseca ou profundidade humana que nos capacite ter uma visão da sociedade humana inteira, em sua marcha através dos séculos. Esse material simplesmente alista feitos memoráveis de reis, conflitos armados, expedições de caça, conquistas políticas, realizações arquiteturais, crimes, vícios, virtudes, mas não verdadeira história como tal. Os reis figuram ali como se fossem os únicos que merecessem ser mencionados, e outras personagens aparecem apenas incidentalmente. Aprendemos ali acerca de idéias religiosas, tradições antigas e outros itens frustrantes para os historiadores. Em algum material proveniente dos hititas (inscrições de cerca de 1300 A.C.), aprendemos acerca de sucessões de reis, manobras diplomáticas, etc.; mas sempre é algum rei, ou algum príncipe, que ocupa o primeiro plano, e nada se pode saber acerca das sociedades como um todo. A arqueologia tem procurado preencher alguns hiatos, sobretudo quando são descobertas cidades inteiras, e não apenas palácios ou templos.

2. *Israel e a História*. Todos os eruditos concordam que a história do Antigo Testamento, a começar pelo rei Davi, e daí por diante, é extremamente acurada. Mas, os estudiosos mais liberais supõem que, antes dessa época, prevaleciam mais as crônicas lendárias e místicas, de mistura com alguma informação verdadeiramente histórica. Parece que uma autêntica atitude histórica fazia parte das tendências raciais dos judeus. E isso porque ali não obtemos somente crônicas sobre os feitos dos monarcas, que continuam ocupando posição central, mas também informações atinentes às instituições essenciais do povo de Israel. Isso se dá, sobretudo, no tocante às instituições religiosas, o que, afinal, ocupava o foco de todas as atenções. Além dos reis, obtemos ali crônicas sobre outras bem conhecidas personagens, principalmente profetas, sacerdotes e figuras religiosas. Em meio à narrativa histórica, também topamos ali com uma filosofia da história. Contudo, essa filosofia é linear, porquanto passa de um evento para o próximo, de um ponto de partida a um ponto final, sem qualquer mistura com especulações filosóficas sobre ciclos, etc. E também se trata de um processo divinamente orientado. Os historiadores sagrados tinham consciência do propósito e da orientação divinos, e também de que os homens não estão sozinhos, e nem são independentes. Na história de Israel há fatores extra-humanos, bem como um destino divinamente determinado. A partir dos patriarcas, nota-se um propósito definido. A invasão da terra de Canaã é considerada como parte integrante desse propósito. A esperança messiânica aparece ali como um ponto culminante do propósito nacional. A nação de Israel é encarada como um instrumento divino para a instrução de todos os povos quanto ao caminho de Deus, o que já é um discernimento expresso pelos profetas posteriores.

3. *Israel e a História do Mundo*. Já desde o trecho de Gênesis 12:3, dentro do pacto abraâmico, achamos

HISTORIOGRAFIA — HITITAS

o conceito de que, de alguma maneira, *todas as famílias* da terra estão envolvidas na transação divina. Esse conceito expande-se e é aperfeiçoado nos escritos dos profetas posteriores. O reino do Messias é visto como a culminação dos impérios mundiais (Daniel 7). Todos os povos, nações e homens de todas as línguas estarão envolvidos no vindouro reino de Deus (Dan. 7:14,27). O segundo capítulo de Daniel encerra a mesma mensagem geral, incorporando o conceito da «pedra», cortada sem ajuda humana, que porá ponto final nos reinos terrenos, a fim de abrir espaço para o reino celestial. Também foi prometido que chegará o tempo em que os homens não terão de convidar outros a conhecerem ao Senhor, pois «...porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o Senhor» (Jer. 31:34). E Isaías 43:18 anuncia: «Eis que faço cousa nova, que está saindo à luz...»

4. *O Ponto Culminante da História.* Jesus inicia o Novo Testamento com a Esperança Messiânica, assim vinculando o Antigo ao Novo Testamento. Porém, a doutrina que gira em torno de Cristo fala sobre a vontade de Deus relativa ao tempo e à eternidade, embora essa seja apresentada como um mistério (Efé. 1:10). Esse mistério promete a restauração de todas as coisas (ver o artigo sobre o assunto). Nessa restauração, os remidos chegarão a participar da natureza divina (II Ped. 1:4), segundo a imagem do Filho (Rom. 8:29), quando então o homem passa da história para a eternidade. Tudo isso faz parte da filosofia da história do Novo Testamento. Começa na história humana que gira em torno do Messias, nos evangelhos sinópticos, mas termina na crônica divina, já fora da história.

Ver os artigos separados que acrescentam detalhes de interesse em relação à história, sua natureza e seus significados: 1. *História*; 2. *Filosofia da História*; 3. *Cronologia do Antigo e Novo Testamento*.

HITITAS, HETEUUS

Esboço:

- I. O Termo
- II. Caracterização Geral
- III. Esboço Histórico
- IV. Referências Bíblicas aos Heteus
- V. Religião dos Heteus
- VI. Língua e Literatura dos Heteus

I. O Termo

O termo heteu ou hitita (esta última é a forma que lhe dão os estudiosos seculares) deriva-se de *chititiy*, que designa os descendentes de *Cheth*, de onde se deriva o termo português «heteu». Essa palavra, *cheth*, significa «terror». Só podemos pensar que essa palavra referia-se ao terror que tribos selvagens impunham sobre os seus vizinhos, embora a razão para tal nome nos seja desconhecida.

Usos Eruditos Desse Termo:

1. O nome dos habitantes aborígenes do planalto central da Ásia Menor. O nome mais exato desses povos é *hatianos*.
2. Imigrantes indo-europeus que se estabeleceram na Anatólia central, em cerca de 2000 A.C. Eles chamavam seu idioma de nesita (nesumili).
3. Um povo que fundou várias cidades-estado no norte da Síria, durante o primeiro milênio A.C. Esses povos eram estados vassallos dos hititas da Anatólia, e os historiadores conhecem-nos como neoititas.
4. Os assírios e os hebreus do primeiro milênio A.C. usavam esse termo para designar todos os habitantes do antigo império hitita e suas dependências sírias,

sem importar seu idioma ou suas afiliações étnicas originais. Isso significa que o termo incluía certa variedade de grupos étnicos, os verdadeiros hititas e aqueles que não eram tais.

II. Caracterização Geral

Os hititas foram um antigo povo que fundou um poderoso império na Ásia Menor e no norte da Síria, em cerca de 2000 — 1200 A.C. Conhecemos o idioma falado por eles por meio de inscrições hieroglíficas e textos cuneiformes sobre tabletes de argila. Entre 1906 e 1910 foram descobertos alguns de seus arquivos em escrita cuneiforme, em milhares de tabletes de argila, em Boghar-Keui, na Turquia (o país moderno onde aquele antigo povo residia, na Ásia Menor). Esses textos datam de cerca de 1400 A.C. O idioma deles tinha conexões bem definidas com as línguas indo-europeias, embora algumas diferenças sejam tão grandes que a natureza exata desse idioma e de sua raça, permanece um mistério. Havia ali alguma mistura antiga de povos e de línguas, que não podemos mais acompanhar. Supõe-se que o império hitita da Síria foi fundado em cerca de 1800 A.C., por alguma raça indo-européia (com misturas), que se estabeleceu na Ásia Menor cerca de duzentos a quatrocentos anos antes disso. A capital deles, na Ásia Menor, era Hatusas, que ficava na Anatólia central, perto da atual aldeia turca de Bogazkoy. Supõe-se que antes deles terem ocupado aquela parte da Ásia Menor, eles teriam vivido na península balcânica, desde cerca de 2500 A.C. Dali, talvez possamos ligá-los com a cultura Kurgan, que fazia suas sepulturas em poços, nas estepes eurásianas, no quarto milênio A.C. Quando chegaram negociantes assírios à Anatólia central, algum tempo antes de 1900 A.C., já encontraram os hititas naquele lugar. Essa gente se havia misturado com os hatianos indígenas, formando várias cidades-estado.

III. Esboço Histórico

A história mais antiga desses povos aparece na seção II, Caracterização Geral (acima).

1. *O Reino Antigo.* Em cerca de 1650 A.C., a posição dominante entre várias cidades-estado, que pertenceram aos antigos hititas, foi conquistada por Hatusilis I, que estabeleceu sua capital em Hatusas. Isso marcou a fundação formal do que se conhece como império hitita. Os primeiros cento e cinqüenta anos desse reino são conhecidos pelos historiadores como *Reino Antigo*. Esse período foi assinalado por guerras e conflitos por motivos econômicos e comerciais. Um ativo comércio com os assírios foi interrompido quando os hurrianos cercaram os territórios dos hititas. O poder dos hititas moveu-se na direção do Eufrates e do norte da Síria, onde o comércio era mais próspero. Hatusilis tentou conquistar a extremidade norte da rota comercial com o Eufrates, que partia de Alepo, na Síria, mas fracassou. Porém, seu sucessor, Mursilis I, obteve êxito, e não somente conquistou Alepo, mas também avançou pelo Eufrates abaixo e capturou a cidade de Babilônia, em 1595 A.C. Todavia, isso não perdurou por muito tempo. Ele havia espalhado demais as suas forças. Teve de recuar e foi assasinado no caminho de volta. Seguiu-se então um período de anarquia.

2. *O Reino Médio.* O império hitita estava em declínio, embora Telepino tenha conseguido um reavivamento parcial. Os hurrianos aumentavam cada vez mais o seu poder, e conquistaram o norte da Síria, até então em poder dos hititas, estabelecendo assim o reino de Mitani. Os egípcios exerciam fortíssima influência sobre as costas orientais do mar Mediterrâneo. O reino médio dos hititas perdurou

entre 1500 e 1450 A.C.

3. *O Novo Reino.* Tudalías I foi um poderoso governante que fez o poder dos hititas atingir seu ponto culminante em cerca de 1450 A.C. Territórios perdidos foram reconquistados, além de novos territórios; e as riquezas aumentaram. O norte da Síria foi retomado, e as porções oeste e noroeste da Anatólia passaram a ser controladas, como também Isuwa, a leste, que é uma região em redor da moderna Eliezigue, onde havia e continua havendo ricas minas de cobre.

Seguiu-se a isso um novo período de declínio, quando o rei de Arzawa (um reino que havia na porção ocidental da Anatólia) atacou. Buscou-se então uma aliança com o Egito, por meio de casamentos entre as famílias reais. O poder dos hititas ressurgiu com Supiluliumas, em cerca de 1380 A.C. Ele recuperou territórios perdidos, incluindo Isuwa, destruiu Mitani e reorganizou o norte da Síria. Chegou mesmo a estender a influência hitita até dentro do Egito. A viúva de Faraó Tutancamom desejava estabelecer a paz e formar uma aliança com os hititas, casando-se com um filho de Supiluliumas; mas o plano falhou quando o príncipe, que foi enviado para se casar com essa mulher, foi assassinado.

Proseguiram vicissitudes boas e más. Mursilis II conquistou a porção oeste da Anatólia. Ele reinou de 1345 a 1310 A.C. Arzawa tornou-se um reino vassalo dos hititas. Várias cidades-estado formaram um tampão contra inimigos em potencial.

Os egípcios, novamente, vieram a exercer a sua influência. Durante o reinado de Muwatális (cerca de 1310 — 1294 A.C.), chocaram-se os egípcios contra os hititas, em Cades, sobre o rio Orontes. Os egípcios tiveram de se retirar, mas os hititas sofreram pesadíssimas baixas. Entrementes, o poder dos assírios ia aumentando.

Desde o tempo do rei Hatusilis III (cerca de 1287 — 1265 A.C.), o poder hitita entrou em rápido declínio. Arzawa e outras cidades-estado vassalãs, mais para o oeste, romperam o juro, e reduziram tanto as dimensões territoriais quanto a capacidade militar dos hititas. Hatusilis III, a fim de preservar o que ainda lhe restava, teve de entrar em aliança com os egípcios. Os assírios ocuparam as minas de cobre de Isuwa. O rei Supiluliumas III (1225 — 1200 A.C.) produziu alguma mudança temporária para melhor, mas não o bastante para salvar do desastre o império hitita.

O golpe final não foi desfechado pelos assírios, mas veio do noroeste. Os historiadores não sabem dizer que elementos compunham essa força atacante; mas o fato é que acabou com o império hitita. Alguns historiadores supõem que a força principal compunha-se de acaeanos (gregos), da época da guerra de Tróia (cerca de 1230 — 1210 A.C.). Ondas de «povos marítimos» deram fim aos hititas; e, juntamente com eles, acabou-se também a cidade-estado de Ugarite. Marca-se o fim do império hitita em cerca de 1190 A.C. Os historiadores reputam os hititas como o terceiro mais influente poder do Oriente Médio, da época em que foram proeminentes, rivalizando com o Egito e com a Mesopotâmia.

IV. Referências Bíblicas aos Heteus

Há quatro alusões diretas na Bíblia aos hititas (que a Bíblia chama de heteus), além de catorze outras referências a esse povo, como descendentes de Hete (ver Gên. 10:15). Nos dias de Abraão, uma tribo de hititas localizava-se perto de Hebron (Gên. 23:1-20). Foi dos heteus que Abraão comprou um terreno com

uma caverna, que passou a servir de cemitério da família. Esaú casou-se com esposas hetéias (Gên. 26:34,35; 36:2). Os espias que Moisés enviou encontraram hititas localizados na região montanhosa (Núm. 13:29). Um ramo do povo heteu movera-se para a Palestina, conforme essas referências bíblicas deixam claro; e, ao tempo da conquista da Terra Prometida, eles formaram uma força que se opunha ao avanço de Israel (Jos. 9:1,2; 11:3). Os habitantes de Luz formaram uma nova comunidade em território heteu, segundo vemos em Jud. 1:26. Quando Israel apossou-se da terra, os heteus foram ou aniquilados ou expulsos, mas outros permaneceram, misturando-se por casamento com os conquistadores. Foi assim que havia heteus entre os seguidores e heróis guerreiros de Davi (I Sam. 26:6). Urias, marido de Bate-Seba, a quem esse rei de Israel matou, para ficar com sua viúva, era um heteu (II Sam. 11:3). Salomão contava com mulheres hetéias em seu harém (I Reis 11:1). A última menção dos hititas cananeus, na Bíblia, aparece já na época de Salomão (II Crô. 8:7). Depois disso, os heteus desapareceram como uma raça distinta, pois o que restara deles casara-se com a população hebréia em geral.

V. Religião dos Heteus

Os hititas ou heteus eram um povo extremamente politeísta, que misturava as suas próprias divindades com os deuses do Egito e da Babilônia. Eles tinham, em seu panteão, *mil deuses*. E, apesar de não dispormos de uma lista completa dos mesmos, o número de divindades mencionadas é impressionante. Encontramos nomes que representam um grande número de culturas, revelando a natureza sincretista da teologia deles. Esses nomes refletem as seguintes culturas: a hática, a luwiana, a palaiana, a hurriana, a mestita, a sumeriana, a acádica e a cananéia. Esses povos não eram exclusivistas, mas procuravam harmonizar entre si elementos estrangeiros. O chefe masculino do grande panteão heteu era o deus das tempestades; e a divindade feminina suprema era uma divindade solar. Cada rei contava com seu próprio deus protetor. Os hititas ocupavam lugares que, posteriormente, se tornaram centros cristãos, como Tarso, Iconio, Lистра e cidades que nos são familiares no livro de Atos e nas epístolas paulinas. É possível que a Diana dos efésios estivesse vinculada à Artemis dos heteus. Estes retiveram a adoração da antiga deusa-mãe da Anatólia, uma divindade solar chamada Arina. A ansiedade dos heteus, por adotarem deuses locais dos lugares por onde se espalhavam, provavelmente devia-se ao desejo que tinham de promover, por toda a parte, os seus favores, em causa própria. O rei era responsável pela manutenção da adoração e dos ritos. Desastres eram preditos por adivinhações, e mágicas eram usadas para afastar os infortúnios.

VI. Língua e Literatura dos Heteus

Os milhares de tablets de argila, encontrados em Boghar-Keui, na Turquia, entre 1906 e 1910, refletem sete idiomas distintos: o *hático* (língua dos aborígenes); o *nesita* (língua dos indo-europeus que tinham invadido o reino de Hatusas); o *luwiano* e o *palaiico*, ambos dialetos indo-europeus, relacionados ao nesita; o *sumério* e o *acádico*. Porém, a vasta maioria desses tablets está escrita em nesita. Palavras que indicam uma derivação indo-européia incluem: *meñki*, «muito»; *pada*, «pê»; *watar*, «água»; *kard*, «coração»; *genu*, «joelho»; *pahhur*, «fogo». As inflexões gramaticais também são definitivamente indo-européias. O hitita é uma antiga forma de língua indo-européia que muito tem servido para encontrarmos a significação

de palavras antigas. A escrita hieroglífica hitita aproxima-se mais do luwiano do que do nesita. Há algumas diferenças em relação às línguas indo-europeias, partindo-se do nesita, levando os eruditos a suporem que houve alguma antiga mistura com alguma língua não-européia.

Essa literatura está ligada a rituais religiosos, mas também contém um considerável número de relatos mitológicos. Material estrangeiro, vindo de composições épicas em hurriano, cananeu e babilônico encontraram seu caminho até o material escrito dos hititas. Também podemos pensar nos anais dos reis hititas, que nos provêm vívidas narrativas históricas. Nesse material encontramos a análise de causas e efeitos, nos negócios do império hitita. A história serve para guiar-nos nas pesquisas futuras. (AM BRU (1948) E EIS UN Z)

HIZQUI

No hebraico, «Yahweh é força». Ele era um dos filhos de Elpaal, descendente de Benjamim (I Crô. 8:17). Viveu em cerca de 1400 A.C.

HOÃO

No hebraico, «aquele a quem Yahweh incita». Ele foi um dos reis de Hebron, um dos cinco reis dos amorreus que assediou Gibeom, juntamente com Adonizedeque. Ambos foram enforcados por ordens de Josué (Jos. 10:3). Isso ocorreu em cerca de 1612 A.C.

HOBÁ

No hebraico, «oculta». Esse era o nome de uma localidade (talvez um lugar vazio entre os montes, conforme o nome parece indicar), que ficava ao norte de Damasco. Abraão chegou àquele lugar quando perseguia os reis que haviam saqueado Sodoma. Ver Gên. 14:15. Tem sido identificada com a moderna Hoba, que fica cerca de oitenta quilômetros ao norte de Damasco, na estrada para Palmira.

HOBABE

No hebraico, «amado». Esse nome acha-se apenas por duas vezes em toda a Bíblia, em Núm. 10:29 e Juí. 4:11. Ele foi o sogro de Moisés, de acordo com a primeira dessas passagens; mas a segunda delas pode ser interpretada como se ele fosse cunhado de Moisés. Uma outra complicação é que a primeira dessas passagens diz que ele era um midianita, mas, na segunda delas, vemos que ele era quenueu. A Septuaginta diz *Hobabe, o quenueu*. E, a fim de complicar ainda mais as coisas, os trechos de Êxo. 3:1; 4:18 e 18:1 dizem que *Jetro* era o sogro de Moisés. Além disso, o trecho de Êxo. 2:18 faz Reuel ser o sogro de Moisés, onde se lê que ele era um sacerdote midianita. As tradições islâmicas dizem que Hobabe era outro nome de Jetro, embora não tenhamos como provar essa assertiva. Outros estudiosos identificam Reuel com Jetro, e essa poderia ser uma interpretação possível, que emergiria da comparação entre Êxo. 2:18, 21 e Êxo. 3:1. Ou então, poderíamos supor que uma ou mais corrupções entrou nos textos sagrados a respeito. Qualquer que seja a verdade da questão, Hobabe entra no relato bíblico porque Moisés lhe pediu para servir de guia de Israel, no deserto. O relato bíblico não nos diz qual foi a resposta dele, mas o silêncio parece indicar que ele anuiu diante do desejo de Moisés. O trecho de Juizes 4:11 menciona os seus descendentes.

HOBBS, THOMAS

Suas datas foram 1588—1679. Foi um filósofo inglês. Nasceu em Westport, filho de um clérigo. Educou-se em Oxford. Serviu como tutor na família Cavendish, uma posição que ocupou durante toda a sua vida adulta. Ben Johnson, Francisco Bacon e Herbert de Cherbury eram seus amigos pessoais. Conheceu Galileu em Florença, na Itália, e entrou em contacto com muitos outros cientistas e filósofos, que estavam interessados na promoção do método científico. Mantinha idéias políticas contrárias às da coroa da Inglaterra, pelo que passou onze anos exilado espontaneamente em Paris, como medida de segurança. Nesse tempo, escreveu objeções às *Meditações*, de Descartes, ao mesmo tempo em que ia aperfeiçoando sua filosofia materialista. Tornou-se o tutor do exilado príncipe Charles de Gales (1646 a 1648). Foi então que escreveu a obra *Leviatã*. Esse livro caracteriza-se por um secularismo bem pronunciado que o deixou em posição desfavorável diante da realeza francesa e inglesa.

Retornou à Inglaterra e foi aceito como cidadão, pelo governo revolucionário que ali obtivera o controle. Consolidou sua amizade com o rei Charles, de quem fora tutor em Paris, quando esse monarca ainda era príncipe, e dele recebeu uma pensão vitalícia. Após o grande incêndio de Londres, de 1666, a Casa dos Comuns passou uma lei contra o ateísmo, mencionando Hobbes por nome. Desde então, seus escritos não mais foram publicados na Inglaterra. Em seus últimos anos de vida, ele se mostrou menos tendente às controvérsias. Escreveu uma autobiografia em latim e traduziu a *Ilíada* e a *Odisséia* em versos rimados, em inglês. Deixou Londres e passou o resto de sua vida em Chatsworth e em Hardwick. Faleceu em Hardwick, a 4 de dezembro de 1679, com a idade de noventa e um anos e foi sepultado em uma igreja paroquial daquela cidade.

Hobbes era homem polêmico, promovendo idéias que outros sentiam ser detestáveis. Ele geralmente exagerava as questões que defendia, mas fez boas contribuições para a filosofia da ciência. Ele tem a duvidosa distinção de ser o pai do moderno materialismo metafísico. Seus amigos deixaram-nos notícias de que era um homem vigoroso, alto e simpático, geralmente bem equilibrado, embora se deixasse alcoolizar uma vez por ano. Nunca se casou, mas deixou provisões materiais suficientes para uma filha natural que tivera. Era homem enérgico, espirituoso, honesto, um bom amigo, absolutamente dedicado à causa da evolução da ciência, além de mostrar-se muito metódico em seu trabalho. Atribuía a sua boa saúde e a sua longa vida ao fato de que era um esportista (continuava jogando tênis aos setenta e cinco anos de idade), bem como ao seu costume de cantar na cama.

Idéias:

1. Ele defendia um estrito **materialismo** (vide), afirmando que todos os corpos são corpóreos e controlados por leis rígidas. A causalidade seria a transmissão de movimento de um corpo para outro. O mais tênue de todos os corpos seria o éter. Ele acreditava que qualquer idéia de *espírito* é absurda. Se nos limitarmos a esse conceito, então isso seria uma declaração lógica, porquanto falar em espírito nos leva a falar em matéria imaterial.

2. Quanto ao **método científico**, ele pensava que devemos reduzir qualquer todo às suas partes componentes; e, através do exame dessas partes, chegamos a entender o todo. Ele dava um **relógio** como ilustração. Ninguém pode saber muito acerca de

HOBBS

um relógio, se somente ficar olhando para o produto terminado. É mister dismantelar um relógio, para ser compreendida cada parte e sua função. Somente então poderíamos falar, de modo inteligente, sobre um relógio.

3. *O determinismo* (vide). Ele tinha grande fé nas causas e seus efeitos, e pensava que todas as coisas estão envolvidas nisso, desde a mais minúscula partícula, até o próprio homem. As pessoas deixam-se-iam governar por seus apetites, paixões, imaginações e emoções, havendo causas físicas para todas essas coisas, mesmo quando elas são pouco entendidas. O homem tem uma liberdade *aparente*. Para ilustrar isso, ele usava a circunstância de como toda a água, de muitas maneiras, flui até os oceanos. A água corre livremente (segundo as aparências), mas o seu destino é seguro e previamente determinado. O homem aparentemente vive em liberdade, mas suas ações são previamente determinadas. Declarações como essa, que deixam de lado a possibilidade da *criatividade* humana, esquecem-se de que, através da mesma, as coisas podem ser modificadas.

4. *A percepção*. Essa seria a base de todo o conhecimento que temos. A percepção nos é dada através da observação dos movimentos. A matéria em movimento torna-se visível para o homem. Esse movimento torna-se luz, figura, cor, som, odor, sabor, calor, frio, dureza, suavidade — enfim, todas as coisas que conhecemos e descrevemos. Depois que um objeto observado é removido, o cérebro retém imagens sobre o mesmo. A memória e a imaginação trazem de volta o objeto que nos foi posto dentro do alcance de nossa percepção; mas essas coisas tornam-se apenas *sensações decadentes*, fantasmas que dançam em torno do cérebro e, gradualmente, vão desaparecendo. Nossos pensamentos são formados por estofos dessa ordem.

5. *A linguagem* nos provê a possibilidade de associar e organizar as nossas percepções, para que se tornem em conhecimento. A qualidade disso varia, pois, algumas vezes, os fantasmas são controlados e, outras vezes, não.

6. *O ser* no presente. O passado é apenas um fantasma contido na memória, e o futuro ainda nem existe.

7. *O nominalismo*. A verdade consiste na correta ordenação das palavras ou dos nomes que usamos para fazer afirmações sobre os objetos físicos. Os pensamentos só podem surgir dos objetos que são percebidos. Não há universais além das nossas palavras, que existem por si mesmas, em algum tipo de nebuloso mundo imaterial (conforme Platão imaginava). Quando os pensamentos estão arraigados na ciência, então os chamamos de *sapientia*. Quando eles estão arraigados somente na experiência, sem a disciplina emprestada pela ciência, então nós os chamamos de *prudentia*. Daí é que se originam os atos individuais.

8. *A Ética*. Nada mais importa, para os homens, do que o auto-interesse. De fato, a vida é uma espécie de guerra de cada homem contra cada homem. Há somente uma lei universal: o auto-interesse. A vida humana é apenas uma longa e demorada exibição de auto-amor. Quase todos os homens medem o seu sucesso mediante o auto-interesse que estão conseguindo, através da quantidade de prazer que estão obtendo no processo, ao mesmo tempo em que evitam a dor. A real motivação dos homens é o desejo, e esse é sempre egocêntrico. Todos os atos aparentemente altruístas podem ser explicados como uma demonstração de egoísmo, após a devida investigação. As principais características dos homens são o orgulho, a

avareza, a ambição e o temor da morte. Portanto, os homens levam vidas solitárias, pobres, maldosas, brutais e breves. Essas descrições são transferidas para as atividades políticas.

9. *A Religião*. Não existe a alma, mas talvez haja a ressurreição. O soberano de um Estado tem o direito de estabelecer e pôr em vigor uma religião oficial. O impulso religioso é baseado no temor humano pelo desconhecido. Hobbes concordava, com Epicuro e Lucrécio, de que o homem deriva as suas religiões do terror e da superstição. Ele se opunha vigorosamente às pretensões das autoridades religiosas, como as do papado, quando pensava que uma fé cega e desarrazoada lançara raízes. Ele atacava as crenças religiosas, não com base se as Escrituras contêm ou não essas crenças (como é costumeiro dizerem as pessoas religiosas), mas mediante o exame direto de alguma idéia, para ver se a mesma continha ou não alguma verdade. Para ele, a religião não era nem a teologia e nem a filosofia, mas antes, a lei. Se um soberano chegar a pôr uma religião em vigor, então essa deve ser obedecida, como no caso de qualquer outra lei. Embora fosse um materialista, Hobbes tinha uma espécie de conceito de Deus em que ele era visto como uma força cósmica que controla o Universo, como fonte de todos os movimentos existentes na matéria.

10. *A Política*. Hobbes viveu no tempo dos conflitos entre os Tudors e os Stuarts, na Inglaterra, o que acabou provocando uma guerra civil. Ele tinha um ponto de vista pessimista sobre a sociedade, transferindo para ela tudo de mal que ele costumava dizer sobre o homem individual, o modelo do egoísmo. Ele argumentava que somente um Estado forte, como uma monarquia, pode controlar uma criatura maligna como o homem. Também argumentava que o Estado existe para benefício do homem, e que, tal como a natureza, faz aquilo que é direito, provendo uma base natural para a monarquia absoluta. A vontade do Estado seria suprema: poder é direito. O que o Estado ordena, precisa ser obedecido. Um Estado tem o direito de fazer guerra, a fim de preservar os seus interesses. O homem acha intolerável a falta de lei, por essa razão entra em acordos dos quais resultam os governos. Isso elimina a falta de lei. Um Estado forte é necessário para impedir a perturbada heterogeneidade que há na sociedade, que é a fonte do desregramento e dos conflitos. Por essa razão, a *monarquia* é a forma preferível de governo. O monarca baixa as leis e os seus súditos obedecem, e isso institui certa medida de paz. Todas as virtudes morais derivam-se do desejo humano pela paz. Há uma lei natural que é absorvida nos contratos sociais dos governos. Esses contratos requerem a subordinação dos direitos individuais aos direitos comunitários. É desejável estabelecer um contrato com um monarca absoluto. As leis devem ser reputadas supremas, e não podem ser desobedecidas. O único direito natural do homem é o direito de viver. Portanto, o homem tem o direito de defender sua própria vida, mesmo que para isso tenha de recorrer à força. O bem, na política, é determinado por aquilo que o Estado requer. Isso é um *voluntarismo* político. Ver o artigo sobre o *Voluntarismo*.

11. *Escritos*. Suas principais obras foram: *Elementa philosophica de cive; De corpore; De homine; Leviathan* (discussão sobre a matéria, a forma, o poder da comunidade), que é considerada a sua obra-prima. Essa obra contém suas principais idéias religiosas, morais e políticas. Os capítulos finais dessa obra são fortemente anticatólicos. Ele ataca ali certas doutrinas, não como sem fundamento bíblico, mas

HODAVIAS — HOFFDING

como absurdas e incoerentes. Outras obras são: *Elementos da Lei, Natural e Política; Liberdade e Necessidade*. (AM BE E EP F)

HODAVIAS

No hebraico, «louvor de Yahweh». Esse é o nome de quatro personagens que aparecem nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. O chefe de um clã da meia-tribo de Manassés que viveu no lado oriental do rio Jordão (I Crô. 5:24). Ele viveu por volta de 720 A.C.

2. Um filho de Hassenua, que era um benjamita (I Crô. 9:7). Ele viveu por volta de 588 A.C.

3. Um levita que deu seu nome a uma numerosa família (Esd. 2:40). Membros dessa família retornaram a Jerusalém, com Zorobabel, terminado o cativeiro babilônico. O trecho de Neem. 7:43 chama-o de Hodeva. Foi também o fundador da família dos Bene-Hodavias. Viveu por volta de 638 A.C.

4. Um descendente do rei Davi (I Crô. 3:24), que deve ter vivido por volta de 445 A.C.

HODE

No hebraico, «majestade», «esplendor» ou «ornamento». Esse era o nome de um dos filhos de Zofa, descendente de Aser (I Crô. 7:37). Ele viveu em algum tempo antes de 1017 A.C.

HODES

No hebraico, «lua nova». Esse era o nome de uma das esposas de Saaraím, — que aparece nas genealogias de Benjamim. Ver I Crô. 8:9. Viveu por volta de 1400 A.C.

HODEVA

Ver sobre **Hodavias**, número três.

HODGE, CHARLES

Suas datas foram 1797—1878. Foi um eminente teólogo norte-americano, a figura principal da chamada Escola de Princeton, e melhor conhecido por sua *Teologia Sistemática*, em três volumes. Formou-se no colégio e seminário de Princeton. Estudou na Alemanha com Tholuck, Hengstenberg e Neander. Passou toda a sua vida ensinando na Universidade de Princeton. Suas especialidades eram literatura oriental e bíblica, e teologia. Ele era um calvinista estrito e interpretava a Bíblia mui literalmente. Ele distinguia entre a revelação e a inspiração, pois a primeira seria a «vinda do lado de fora», de novos conhecimentos, fora do controle da vontade humana, embora conscientemente recebida; mas a última operaria de maneira contínua e plenária, sem que o receptor humano estivesse cômico disso. No caso dos autores bíblicos, ele achava que ambas essas forças atuaram. Ele pensava que a inspiração guiou os autores bíblicos a toda a verdade, incluindo a verdade moral, religiosa, científica, geográfica e histórica. Essa posição radical, naturalmente, levou-o a ser um arquiinimigo da alta crítica da Bíblia. Ver o artigo sobre a *Crítica da Bíblia*.

Quando lhe eram mostrados erros na Bíblia, ele os atribuía aos copistas, ao mesmo tempo em que insistia que o texto original devia ter sido correto, embora nenhum manuscrito existente prove que assim sucedeu. Contudo, é um erro supormos que a fé religiosa é ajudada pela obsessão acerca da inerrância. A fé pode subsistir muito bem, sem a necessidade

de conforto mental para os homens.

Os métodos de Hodge sempre foram bíblicos. Toda verdade derivar-se-ia da Bíblia, da mesma maneira que os cientistas fazem derivar da natureza todas as verdades que descobrem. Embora ele aceitasse, de maneira geral, a Confissão de Westminster, ele se deixava influenciar fortemente pelo calvinismo do século XVII.

Hodge exerceu grande influência sobre os círculos teológicos nos Estados Unidos da América do Norte, em seus dias, e publicava os seus pontos de vista na *Biblical Repertory and Princeton Review*, que ele originara em 1825.

Tornou-se o mais bem conhecido e influente dos teólogos calvinistas de nível internacional e nos Estados Unidos da América do Norte, desde os dias de Jonathan Edwards.

HODGSON, SHADWORTH

Suas datas foram 1832—1912. Foi um filósofo inglês. Nasceu em Boston, na Inglaterra. Foi fundador da Sociedade Aristoteliana, tendo presidido a mesma por quinze anos. Tentou reformular a filosofia kantiana, obtendo maior rigor ainda. Reteve as categorias de Kant, mas moveu a sua ética mais na direção do idealismo metafísico. Ele ensinava uma forma de livre-arbítrio baseado em condições neurocerebrais, acompanhadas pela consciência. Ele pensava que, desse modo, poderia reconciliar a liberdade com o determinismo. A consciência sempre acompanha, mas nunca determina. De fato, ele pensava que, desse modo, há uma espécie de *Epifenomenalismo* (vide).

Além das publicações da Sociedade Aristoteliana, para as quais ele contribuiu, também publicou obras como *Time and Space; The Theory of Practice; The Philosophy of Reflection; The Metaphysics of Experience*.

HODIAS

No hebraico, «esplendor de Yahweh». Esse é o nome de cinco pessoas, mencionadas no Antigo Testamento, a saber:

1. O cunhado de Naã, da tribo de Judá (I Crô. 4:19). Ele viveu em torno de 1400 A.C.

2. Um levita que ajudou Esdras na leitura e interpretação da lei, quando o povo judeu foi instruído, após haver retornado do cativeiro babilônico (Nee. 8:7). Ver também Esd. 9:45. Algumas traduções trazem a forma alternativa de *Auteas*. Ele viveu por volta de 445 A.C. Ver também Nee. 9:5; 10:10,13.

3. Dois levitas do mesmo nome, que assinaram o pacto com Neemias (ver Nee. 10:10,13). Há eruditos, porém, que pensam estar em foco somente um indivíduo.

4. Um dos líderes de Israel que assinou o pacto com Neemias (Nee. 10:18). Conforme se vê no fim do segundo ponto, há considerável confusão quanto a esses nomes, se seriam mesmo cinco pessoas, ou não, ao todo.

HOFFDING, HAROLD

Suas datas foram 1843—1931. Foi um filósofo neokantiano dinamarquês. Educou-se em Copenhague, onde ensinou, anos depois. Defendia uma espécie de positivismo científico, mas nem por isso rejeitou os valores religiosos. — Cria que a ciência não consegue (por falta de capacidade) prover uma

explicação final e abrangente para toda a realidade, não podendo também explicar os valores humanos. Os sistemas metafísicos não podem ser invalidados pelas situações relativistas e inadequadas em que esses sistemas se desenvolveram. A religião, mediante seus dogmas, cultos e mitos, seria capaz de descobrir e conservar valores importantes para os homens, úteis para seu conhecimento, capazes de promover a sua vida moral, pelo que contribuiriam para o desenvolvimento de sua personalidade. A religião, pois, seria importante, essencialmente por causa dos valores que preserva.

Os mais importantes escritos de Hoffding incluem títulos como: *Outline of a Psychology Based in Experience; Ethics; History of Modern Philosophy; Rousseau; Philosophy of Religion; Human Thought; Bergson; Totality of Category; Relation of Category; The Idea of Analogy.*

HOFFMANN, JOHANN CHRISTIAN VON

Suas datas foram 1810—1877. Foi um líder eclesiástico e um teólogo luterano. Nasceu em Nuremberg, na Alemanha. Foi residente privado em Erlangen e professor em Rostock e Erlangen. Foi o principal representante do biblicismo luterano, em oposição aos confessionalistas, como Stahl e Hengstenberg (vide). Ele concebia a religião como uma história divina, dando grande atenção às profecias e ao cumprimento das mesmas. Para ele, a base principal da Bíblia era a sua substância histórica, e não tanto a inspiração de seus autores, porquanto Deus revelar-se-ia e operaria através da história. Os propósitos de Deus desdobram-se em sucessivos estágios através da história, conduzindo ao Messias, ou Cristo, na sua primeira e na sua futura segunda vindas. Ele foi um bom pensador exegético e teológico, e também um bom escritor. Rejeitava a abordagem subjetiva de Schleiermacher (vide) à fé religiosa, dependendo sempre da mensagem histórica da Bíblia como o elemento central. Os pactos de Deus, a sua Igreja e as suas atividades em Cristo são realidades históricas que nos dão respaldo para a fé.

HOFMANN, MELCHIOR

Suas datas aproximadas foram 1498-1544. Foi um incansável pregador anabatista (vide), que visitou e trabalhou em muitos centros europeus. A princípio manteve relações amistosas com Lutero; mas, finalmente, separou-se dele quanto a pontos de vista doutrinários. Negava a abordagem luterana sacramental da fé. Suas doutrinas anabatistas tornavam-no uma figura perseguida de cidade em cidade.

HOJNI E FINÉIAS

Hofni é um vocábulo que significa «lutador», «pugilista». **Finéias** quer dizer, em hebraico, «boca de serpente». Recentemente, recebi uma carta de um homem que desde há muito está interessado em minha obra literária, apoiando-a com doações em dinheiro. Ele e sua esposa criaram um certo número de filhos. Ele dizia que, do ponto de vista social e econômico, eles estão bem, «mas não diante do Senhor; e isso nos entristece». Os pais que tentam criar seus filhos, para que se interessem pelas coisas espirituais, nem sempre são bem-sucedidos. Esse foi o caso de Eli, o sumo sacerdote, e seus dois filhos, Hofni e Finéias.

Hofni e Finéias tinham deveres sacerdotais, que cumpriam em Silo; mas não eram sacerdotes do

Senhor, em seus corações. Combinava a sensualidade com a ganância, o que somente se intensificava com a passagem dos anos. A conduta errônea deles deixava os habitantes de Israel indignados, até que a ruína despencou sobre a família de Eli (ver I Sam. 2:12-17). A primeira comunicação divina acerca disso foi feita através do menino Samuel (I Sam. 2). Ironicamente, Hofni e Finéias foram ambos mortos no mesmo dia, durante a batalha em que a arca da aliança foi tomada pelos filisteus (I Sam. 4:11), em cerca de 1141 A.C. Ver o artigo separado sobre *Eli*.

Nem sempre é verdade que se treinarmos uma criança no caminho em que ela deve andar, não se afastará do mesmo quando envelhecer (ver Pro. 22:6). Estudos recentes, no campo da genética, mostram que as pessoas herdam de seus genitores tanto a personalidade quanto as qualidades morais. Sem importar se a alma exerce controle ou não sobre isso, podendo assim influenciar a vida do indivíduo para melhor ou para pior (no veículo físico que está prestes a ocupar), essa é uma questão que os teólogos e outros pesquisadores estão estudando. Seja como for, a mensagem parece ser que os pais deveriam receber menor crédito pelos filhos que se saem bem, mas também deveriam não aceitar tanto senso de culpa por causa dos filhos que se desviam. Como é óbvio, os pendores para o mal são herdados, mas podem ser contrabalançados pela espiritualidade. Contudo, nem sempre é o que sucede. Por igual modo, as tendências para o bem são herdadas, embora essas tendências possam ser anuladas pelas tentações e pelos lapsos. O treinamento, sem dúvida, é importante, como também o é o meio ambiente; mas existe um desconcertante poder naquilo que foi geneticamente herdado. Ao assim afirmarmos, contudo, não queremos desculpar os pais por não se terem esforçado mais; mas, ao mesmo tempo, os pais podem derivar algum conforto do fato de que cada indivíduo, afinal de contas, tem o seu próprio relacionamento com Deus; e cada alma, em um sentido bem amplo, é o capitão de seu próprio destino. As influências que exercemos fazem parte do quadro; mas aquilo que o indivíduo faz de si mesmo é o fator mais importante.

HOFRA (FARAÓ)

Ver o artigo geral sobre **Faraó**, seção III, onde os vários Faraós referidos na Bíblia são alistados. Esse é o décimo quarto Faraó daquela lista.

HOGLA

No hebraico, talvez, «pardoca». Esse era o nome da terceira das quatro filhas de Zelofeade, por causa de quem a lei mosaica foi alterada de tal modo que uma filha tornou-se capaz de herdar as propriedades de seu pai, se ela não tivesse nenhum irmão. Ver Núm. 26:33; 27:1; 36:11; Jos. 17:3. Ela pertencia à tribo de Manassés. Embora essa alteração tivesse trazido mudanças que pareciam radicais, foi minimizada em seu alcance pela disposição de que ela precisava casar-se com algum membro da tribo de seu pai, a fim de que nenhuma porção da herança da família passasse para alguma outra tribo.

HOLBACH, APUL HENRI D' (BARÃO)

Suas datas foram 1723—1789. Foi um filósofo francês. Nasceu em Edesheim, na Alemanha. Educou-se em Leiden. Residiu em Paris desde bem jovem. Esteve intimamente ligado à *Encyclopédie*, para a qual contribuiu. Foi amigo de D'Alembert,

HOLBACH — HOLISMO

Diderot, Condillac, Helvetius, Hume, Rousseau e outras figuras notáveis. Desenvolveu uma noção de metafísica materialista sistemática, onde nem Deus e nem o caos são vistos como fatores controladores. Acreditava em leis imutáveis e necessárias, mas não as derivava da mente divina. Obteve fama por causa de suas negativas, ou seja, pela variedade de coisas que rejeitava, vigorosa e eloqüentemente.

Idéias:

1. O homem é apenas uma máquina, e o mundo é uma máquina ainda maior. Contudo, illogicamente, não haveria necessidade de qualquer fabricante ou criador dessas máquinas.

2. O mundo consiste em um sistema de partículas materiais que operam de acordo com leis fixas, como que por alguma magnificente programação, embora sem a atuação de qualquer programador. O livre-arbítrio, de conformidade com esse sistema, é uma *illusão*. Os mundos apareceriam e desapareceriam em ciclos fixos, e a súpula total da existência permaneceria imutável, embora em constante estado de fluxo.

3. No campo da *ética*. O auto-interesse seria a maior motivação humana. A felicidade consistiria no prazer (ver sobre o *Hedonismo*). A dor precisa ser evitada.

4. No campo da *educação*. O alvo principal da educação seria promover a virtude particular e pública. Atingir essas virtudes é algo vantajoso ao próprio indivíduo. O Estado precisa promover o sistema educacional, e também deve mostrar aos indivíduos como é vantajoso para eles desenvolverem as virtudes apropriadas, que também beneficiam a comunidade.

5. No campo do *conhecimento*. Encontramos aqui o empirismo crasso. Todo conhecimento vem através da percepção dos sentidos. A ciência é a nossa fonte de conhecimento, e a religião não envolve conhecimento certo.

6. No campo da *religião*. O cristianismo, de acordo com ele, é uma superstição promovida pelos sacerdotes e ministros, que auferem vantagens pessoais no domínio que exercem sobre outras pessoas. O sistema ético do cristianismo alicerçar-se-ia sobre falsos pressupostos. Essa fé pede que amemos aos outros acima de nós mesmos; mas isso é contrário à natureza humana, voltada para os próprios interesses, como sua motivação fundamental. Ele combatia a idéia de Deus em qualquer de suas formas — teísta, deísta ou politeísta. Ele simplesmente negava que haja qualquer tipo de Ser, força ou substância divina. Mas ensinava que os sacerdotes inventam os deuses, e que a religião corrompe o povo em vez de ser uma salvadora.

Obras Principais: Christianity Unveiled; The System of Nature; Common Sense or Natural Ideas Opposed to Supernatural Ideas; Natural Politics; Universal Morality.

HOLISMO

Esboço:

1. Definição Básica
2. Nas Ciências Sociais e na História
3. Na Política
4. Na Evolução
5. Na Medicina
6. Na Antropologia Filosófica

1. Definição Básica

O holismo é a contenção de que há alguns todos que são mais do que a soma de suas porções componentes. Uma das aplicações desse princípio aplica-se ao

chamado *organicismo*, o qual assevera que alguns sistemas que não são organismos literais são, não obstante, muito similares a organismos, cujas porções constitutivas só podem ser entendidas em relação às suas funções, dentro do todo completo. Se falarmos sobre o holismo na natureza, então o termo *holismo* significará que a natureza tende por sintetizar unidades para que formem todos organizados.

2. Nas Ciências Sociais e na História

A posição do holismo, em relação a essa disciplina é que a sociedade pode ou mesmo deve ser estudada em termos de todos sociais, porquanto informes sobre indivíduos e atos individualizados não nos dão compreensão exata sobre a sociedade e a história humanas. Devemos compreender como largos blocos e movimentos de pessoas agem, a fim de obterem pontos de vista exatos.

3. Na Política

Alguns sistemas, como aqueles de Platão e de Marx, permitem bem pouca margem de atividades para o indivíduo, enfatizando somente os movimentos das massas. O holismo, por causa disso, também é chamado *coletivismo*. Essa teoria também é cêntrica dentro das teorias do Estado, como no caso da doutrina hegeliana de tese, antítese e síntese, no tocante às ações individuais e sociais. Jan Smut (vide) publicou uma importante obra sobre como o holismo opera na história, em seu livro *Holism and Evolution* (1926).

4. Na Evolução

As forças que produzem a evolução das espécies animais necessariamente sintetizam unidades em todos organizados, visto que, sem isso, a vida, conforme a conhecemos, não poderia existir. Platão diria que as formas, idéias ou *universais* (vide) formam o poder por detrás dessa operação. Em outras palavras, os todos têm campos organizadores. São programados.

5. Na Medicina

Algumas pessoas têm adotado esse termo, no campo da medicina, em alusão à necessidade de incorporar, no processo de cura, a manutenção da saúde, o princípio que devemos nos preocupar com o homem em sua *inteireza*, e não somente com a sua porção física. O homem não é apenas um organismo biológico. A sua mente exerce grande influência sobre o seu corpo, tanto para melhor como para pior. O bem-estar do corpo deve incluir uma mente saudável, vista como uma forma separada de energia, e, por muitos estudiosos, vista como imaterial. Contudo, a mente faz parte do todo, devendo ser levada em consideração em qualquer processo médico. Esse quadro é complicado mais ainda em face do fato do homem ser um ente muito completo, com mais de um nível de energias, ou seja, mais do que o nível físico e o nível mental. Ver os comentários abaixo, sob o sexto ponto.

6. Na Antropologia Filosófica

Quanto a este ponto, fazemos a indagação: «Qual é a verdadeira natureza do homem?» E também: «Que partes compõem a totalidade da natureza humana, e qual é a natureza desse todo?» A fragmentação filosófica tem lugar quando asseveramos que o homem compõe-se exclusivamente de seu corpo físico. Isso é como dizer que uma serpente é feita somente de sua pele. Para compreendermos o homem, teremos de aprender sobre a sua natureza espiritual, e não meramente sobre a sua natureza biológica. O homem é um todo que incorpora vários níveis de energias, como a energia física (o corpo), a vitalidade (a mente), a energia da alma (a alma), a energia espiritual (o

HOLOCAUSTO — HOMEM CARNAL

super «eu»). Ver os artigos separados sobre a *Natureza Humana*, sobre a *Imortalidade* e sobre a *Alma*.

48:21). Ela é mencionada em conexão com Jaaza e Dibom, mas sua localização exata permanece desconhecida.

HOLOCAUSTO

Essa palavra vem do grego *holos*, «inteiro», e *kaustos*, «queimar». A Septuaginta usa essa palavra para traduzir o termo hebraico *olah*, que significa «trazido a Deus». Um sinônimo, *kalil*, significa «queima completa», referindo-se ao consumo dos sacrifícios em sua totalidade, incluindo os órgãos internos, a gordura e tudo o mais, até tudo tornar-se em cinzas. A *olah* era oferecida como expiação pelo pecado. Outros sacrifícios expiavam pelos pecados particulares, mas a *olah* visava a uma expiação geral (vide). Os *holocaustos*, no decorrer da sua história, eram efetuados privada e publicamente. Posteriormente transformaram-se na *tamid* diária, o grande sacrifício nacional, em favor de toda a nação de Israel. Essa cerimônia é que deu origem à oração judaica diária, que prevalece no judaísmo moderno.

Em um sentido secundário, o termo é usado para indicar qualquer grande e terrível destruição, como a destruição de seis milhões de judeus, por determinação de Adolf Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial. Qualquer grande destruição, sem importar a sua causa, pode ser assim denominada.

HOLOFERNES

Esse nome não figura no cânon palestino do Antigo Testamento, mas aparece em Judite 2:4, ou seja, nos livros apócrifos ou deuteroacanônicos. Ali Holofernes é mencionado como o general em chefe do exército de Nabucodonosor, rei da Assíria (!), que só perdia em autoridade para o próprio monarca. A batalha principal teria ocorrido em Betúlia, onde estava concentrada a maior parte do exército de Israel. Mas então houve uma intervenção. Uma bela viúva israelita pediu permissão para sair e conversar com Holofernes. Isso lhe foi concedido. Ela lhe disse que sabia que a cidade estava condenada; mas que ela sabia como isso poderia ser feito de maneira mais fácil. Holofernes, sendo homem, ficou, naturalmente, tão enfeitiçado pela beleza da viúva que acreditou em tudo quanto ela lhe disse. Na quarta noite após o encontro deles, ele ofereceu um grande banquete, e a viúva foi convidada.

Durante o banquete, todos beberam e ficaram tontos. Subitamente, a bela viúva arrancou a espada da cinta de Holofernes e decepou a cabeça dele. Ela pôs a cabeça do general assírio em uma sacola e a levou aos líderes de Israel. Quando os assírios (embora, historicamente, na verdade, fossem babilônios) viram que seu comandante em chefe estava morto, fugiram, tomados de pânico. E isso pôs fim à ameaça, pelo menos temporariamente. Essa narrativa tem todos os sinais de ser apócrifa e romântica, em vez de ser uma história séria.

HOLOM

No hebraico, «arenosa». Esse foi o nome de duas cidades em Israel:

1. Uma cidade que havia na região montanhosa de Judá, mencionada em Jos. 15:51, que foi dada aos sacerdotes (Jos. 21:15). No trecho de I Crô. 6:58, essa cidade aparece com o nome de Hilém. Alguns estudiosos têm-na identificado com Khirbet 'Alin, a noroeste de Hebrom.

2. Uma cidade das planícies de Moabe, contra a qual o profeta Jeremias proferiu julgamento (Jer.

HOMEM

Ver o artigo sobre a *Natureza Humana*. Ver também os artigos sobre *Imortalidade* e sobre *Alma*.

HOMEM (NATUREZA HUMANA)

Ver o artigo intitulado *Humanidade (Natureza Humana)*.

HOMEM CARNAL

Paulo divide em três claras distinções os tipos de homens: 1. o *homem carnal* (I Cor. 3:1); 2. o *homem espiritual* (I Cor. 3:1); e 3. o *homem natural* (I Cor. 2:14). Apresento artigos separados sobre cada um desses tipos, pelo que neste artigo, não entro em detalhes, exceto no caso do *homem carnal*, que é o assunto que tenho em mãos. O homem natural, por sua vez, é o homem que ainda não foi regenerado. Esse é o homem que pertence à antiga natureza terrena. Ele é natural, e não espiritual. É o que permanece em seu estado natural, antes das operações do Espírito. O *homem espiritual* é aquele que já foi regenerado e que está vivendo de acordo com os princípios ditados pelo Espírito, ou seja, vitorioso sobre os antigos impulsos carnis. Ele obedece à mente do Espírito e anda em novidade de vida.

O *homem carnal* é uma espécie de meio-termo entre os dois primeiros. Realmente, converteu-se, pelo que entrou nos primeiros estágios da regeneração; mas continua sendo derrotado por seus próprios antigos impulsos. Esse é o homem que se encontra em estado de tensão e conflito espirituais, conforme se vê no sétimo capítulo de Romanos. Faz coisas que, realmente, não aprova; mas não possui a energia espiritual necessária para obter a vitória sobre suas debilidades e vícios. Portanto, tal crente mostra ser uma contradição, pois aprova e é afetado pelas realidades espirituais, mas é incapaz de subir acima do nível da carnalidade.

Em I Cor. 3:1, Paulo chamou os crentes de Corinto de *carnais*, ou seja, homens da *carne*, crentes controlados pela carne. É possível interpretar que esse adjetivo significa que as pessoas assim qualificadas são inteiramente destituídas do Espírito de Deus (se considerarmos tão-somente o sentido verbal), mas o contexto geral não nos permite tirar essa conclusão. Mui facilmente, entretanto, Paulo poderia estar querendo dar a entender que toda a sua suposta e apregoada espiritualidade, no exercício dos dons espirituais (que os crentes coríntios exibiam), era algo falso, fraudulento; porquanto, não dispôs das qualidades morais de Cristo, e ao mesmo tempo, ser supostamente residência do Espírito de Deus, ao ponto de realizar feitos miraculosos, é uma aberrante contradição, é uma impossibilidade moral.

Elementos da Carnalidade:

1. Embora certas pessoas se apresentem como espirituais, na verdade andam vendidas ao pecado, sendo escravos do princípio do pecado (Rom. 7:14).

2. Tal pessoa é dotada de uma mente carnal, que está em conflito com Deus (Rom. 8:7).

3. O homem carnal vive como se não fosse regenerado (I Cor. 3:3).

4. O homem carnal é faccioso (I Cor. 3:4).

5. O homem carnal tem vícios na sua vida, e ignora

HOMEM — HOMEM NATURAL

o cultivo das virtudes espirituais (Gál. 5:19 ss).

Ver também o artigo separado intitulado *Carnal*.

HOMEM DA INIQUIDADE (DO PECADO)

Ver o artigo sobre o *Anticristo*. Esse nome do futuro anticristo aparece em II Tes. 2:3. Na expressão «homem da iniquidade» encontramos um hebraísmo que fala daquilo que caracterizará esse homem, em sua natureza fundamental. Nessa expressão, contudo, a palavra «homem» tomou o lugar da palavra «filho». Tal uso, contudo, não se restringe ao idioma hebraico, pois outras línguas também contam com expressões similares. Em muitas conexões, tal expressão é bastante freqüente nas páginas do Novo Testamento: filhos da desobediência (Efê. 2:2); filhos da ira (Efê. 2:3); filhos da luz (I Tes. 5:5). O anticristo poderia ter sido intitulado de *filho do pecado*, mas a expressão selecionada pelo Espírito e por Paulo foi mesmo «homem do pecado». O anticristo haverá de conduzir a humanidade à mais formidável e universal apostasia e rebelião contra o Senhor, porque ele é o próprio arquipeccador, impelido pelo próprio arqui-inimigo, Satanás.

HOMEM DE DUAS PALAVRAS

Somente em I Timóteo 3:8 encontramos a expressão «de uma só palavra». Isso reflete as palavras grega «*mé dilógous*», ou seja, «não de duas palavras». Isso refere-se à insinceridade ou duplicidade no falar. Em *Pollux* 2,118, esse vocábulo grego tem o sentido de «repetir», mas não é com esse sentido que a palavra é usada no Novo Testamento. O contexto desse trecho de I Timóteo são as qualificações para o diaconato. Um diácono não pode ser homem que diz uma coisa, mas quer dizer outra. Também não pode ser quem diz uma coisa para alguém, e outra coisa para outrem. O termo latino *bilinguis* tem a idéia de «hipócrita», e essa é a essência do sentido do termo grego *dílogos*, quando usado no Novo Testamento.

HOMEM ESPIRITUAL

Ver o artigo separado sobre *Homem Novo*, que é outra maneira de falar acerca do homem espiritual. Ver também os artigos intitulados *Homem Carnal* e *Homem Natural*. Encontramos aqui uma tríplice classificação: homem natural; homem espiritual e homem carnal. Damos artigos com todos esses três títulos.

Segundo o uso paulino, o *homem espiritual* é aquele que é experiente e aprovado na vida espiritual, sendo pessoa espiritualmente madura, embora não impecável; mas sua vida é vitoriosa sobre o pecado, e ele não é praticante de vícios. Pelo contrário, tal crente cultiva as virtudes espirituais, as quais se manifestam claramente em sua vida (Gál. 5:22ss). Ele também possui a mente do Espírito, ou mente de Cristo, sendo governado por essa mentalidade (II Cor. 2:16). E também anda de acordo com a lei do Espírito (Rom. 8:2,4). É dotado de compreensão e sabedoria espirituais (Col. 1:9). Ele se utiliza dos meios espirituais de desenvolvimento, como o estudo dos documentos espirituais, a oração, a meditação, a prática da lei do amor e a realização de boas obras. É um homem santificado, visto que a santificação é o solo onde cresce o desenvolvimento espiritual. Também há o toque místico em sua vida, mediante a *iluminação* (vide) e o uso dos dons espirituais. Ver o artigo geral sobre a *Espiritualidade*. Esse artigo fornece muitos detalhes quanto as qualidades próprias de um crente verdadeiramente espiritual.

HOMEM INTERIOR

No grego, *eso anthropon*, «homem interior». Essa expressão está ligada a várias significações. A *alma* pode estar em vista, com base na idéia de que ela reside no corpo físico. E isso a contrasta com o corpo que lhe serve de capa externa, sendo o verdadeiro indivíduo, o homem real. Mesmo sem usar a expressão, Paulo diz algo parecido, em II Cor. 5. *Nós* estamos no tabernáculo do corpo; e esse «nós» é equivalente ao homem interior. O trecho de Ma. 23:27 ss envolve uma alusão moral. Há aquelas pessoas que, pelo lado externo, parecem atrativas, como os túmulos caiados. Porém, internamente, estão repletas de corrupção, parecendo-se com lobos vorazes, disfarçados, contudo, em pele de ovelha.

Quando Davi foi escolhido para ser ungido por Samuel como futuro rei de Israel, ele foi qualificado, em contraste com outros, porque Deus examinou o seu coração e viu ali qualidades que agradavam ao Senhor. Ver I Sam. 16:7.

Em Efésios 3:16, o *homem interior* é a pessoa real, a entidade espiritual que é fortalecida com poder, por meio do Espírito Santo. Nessa referência também está incluída a *mente*, o intelecto, o que faz desse versículo um paralelo parcial com Rom. 12:2, onde se lê que deveríamos ser transformados mediante a renovação de nossa mente. O homem interior também é o homem *moral* essencial, ou seja, a natureza moral que precisa ser transformada pelo poder do Espírito, segundo se vê em Mat. 5:48; Rom. 7:22 e Gál. 5:22,23. O homem interior também corresponde à natureza *emotiva* de cada pessoa, que deveria ser controlada pelos princípios espirituais, conforme se aprende em Col. 3:2.

As naturezas interna e externa do homem (II Cor. 4:16) se referem ao corpo físico (a natureza externa) e ao espírito (a natureza interna).

HOMEM NATURAL

I Cor. 2:14: *Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.*

A palavra aqui traduzida por «*natural*», se fosse mais literalmente traduzida seria «psíquico», isto é, controlado pela «alma». Paulo se utiliza aqui da forma adjetivada da palavra grega «*psuche*», que usualmente é usada nas páginas do N.T. para indicar a porção «imaterial» do ser humano, e que foi o vocábulo usualmente empregado por Platão. Essa palavra grega, todavia, não precisa significar necessariamente isso; pois também pode ter certa variedade de significados, conforme se vê abaixo:

1. Pode significar o princípio vital da existência, sem qualquer alusão à porção imaterial do homem.

2. Pode significar a «vida terrena», sem qualquer tentativa de descrever a natureza metafísica do homem. (Ver Mat. 6:25; Luc. 12:22 e ss; Atos 20:24,27).

3. Pode significar a alma imortal do homem. (Ver Luciano, Dial. Mort., 17.2; Josefo, *Antig.* 6.332; Atos 2:27; Sal. 16:10). Dessa maneira é que Platão usualmente empregava esse termo grego. (Ver Platão, *Edon*, 28p, 80a).

4. Pode significar a sede ou centro da vida interior do homem, incluindo os seus desejos, as suas emoções, etc., mas sem qualquer tentativa de descrever metafisicamente o homem. (Ver Bar. 2:18b; Apo. 18:14; Heb. 12:3 e Isa. 58:3,5).

HOMEM NATURAL — HOMERO

Em sua forma adjetivada, sobretudo quando esse termo é contrastado com o vocábulo «espiritual», que é o caso aqui encontrado, pode significar simplesmente aquilo que é «físico», que é «não espiritual», que é *natural*. Em I Cor. 15:44a há uma referência ao «corpo físico», em contraste com o corpo espiritual. Também se pode examinar I Cor. 15:46. E, no trecho de Jud. 19 essa palavra é usada como sinônimo de «mundano».

Por igual modo, poder-se-ia conceber que essa palavra indique os crentes «carnais», aqueles a quem Paulo aqui repreendia, os membros do «partido intelectual», que dava excessiva importância à sabedoria humana. Esse sentido pode ser percebido se levarmos em conta apenas o mundo, e não o contraste com os crentes «espirituais». Porém, isso não é muito provável quando consideramos que no primeiro versículo do terceiro capítulo, da primeira epístola aos Coríntios, encontramos outro vocábulo para indicar esses irmãos na fé, a saber, a palavra «carnais», que é tradução do termo grego «sarkikos». Também precisamos notar que esse mesmo vocábulo exige que falemos de um homem natural, e não meramente de um homem carnal. Portanto, encontramos aqui a menção de três classes de indivíduos:

1. O homem «natural» (no grego, *psuchikos*), que é o indivíduo em estado natural, sem o Espírito de Deus, o homem ainda não regenerado.

2. O homem «espiritual» (no grego, *pneumatikos*), que é o homem regenerado. Paulo não fazia distinção, no décimo quarto versículo, entre esses e os «experimentados» ou espiritualmente maduros.

3. Então, em I Cor. 3:1, aparece o homem «carnal» (no grego, *sarkinos*), que é o crente que ainda não é maduro, espiritualmente falando.

Devemos observar que o homem «natural» não é aqui equivalente ao homem «carnal»; e Paulo também não estava identificando esses homens não-regenerados com aqueles envolvidos em várias modalidades de pecados e corrupções. Dizia simplesmente que eles, os «naturais», não têm o Espírito de Deus, não conheceram ainda a «regeneração», e, portanto, desconhecem a iluminação espiritual que tem sido salientada nesta passagem, como propriedade dos remidos. Tais homens pensam que as realidades do Espírito de Deus são «...loucura...» ou insensatez. E, com essa descrição, Paulo retorna às descrições que fazia de tais pessoas, conforme se lê em I Cor. 1:18,19,23 e 2:6. O homem «natural» é descrito como alguém que não é «capaz» de discernir as realidades do Espírito Santo. Já quanto ao crente «carnal» precisamos dizer que embora sua visão espiritual talvez esteja obscurecida, não podemos dizer que ele «não pode» compreender as realidades espirituais. Portanto, está aqui em foco o homem «natural», e não o crente «carnal».

HOMEM NOVO

O «novo homem», referido em Efé. 4:24, é o homem regenerado, moldado segundo a imagem moral e metafísica do Filho de Deus, o que significa que ele está se tornando participante da natureza divina (ver II Ped. 1:4), de acordo com a imagem do Filho de Deus (Rom. 8:29). Isso é produzido pela atuação do Espírito Santo, que passa de um estágio de glória para outro, em um processo interminável (II Cor. 3:18). Dessa forma, chegaremos a participar da plenitude do Pai (em sua natureza e atributos, segundo se vê em Efé. 3:19), e conforme ela transparece desde agora no Filho (Col. 2:10). A Igreja, coletivamente falando, é o *novo homem*. O novo homem, no caso de cada crente

individual, é produzido mediante a *regeneração* (vide), embora isso não seja um ato realizado de uma vez por todas. Tem começo na conversão, mas atingirá uma fase interminável e crescente por ocasião da glorificação (vide).

Em Col. 3:10 encontramos a metáfora de nos *revestirmos* do novo homem como se o mesmo fosse uma roupa nova, que transforma aquela pessoa, substituindo a antiga roupa corrupta, da carnalidade. Ver também Efé. 4:24. Em I Cor. 5:17 é declarado que aqueles que estão em Cristo são uma nova criação, o que expressa a mesma doutrina, posto que através de palavras diferentes. E o trecho de Gál. 6:15 exprime quão inadequados para isso são os ritos e as cerimônias. O que é essencial é que alguém seja uma *nova criação*, renascida, regenerada, que passou pela renovação espiritual. Coletivamente falando, os judeus e os gentios são um *novo homem* em Cristo.

A doutrina do *novo homem* afirma que há necessidade de uma absoluta e completa transformação espiritual no ser humano. Nisso, a alma passa de seu antigo estado de degradação e passa a fazer parte da família de Deus, chegando a compartilhar da própria natureza e dos atributos de Deus. Como é óbvio, essa é uma operação divina, pelo que requer a atuação da graça de Deus, embora só se torne eficaz mediante a cooperação da vontade humana. Ver Fil. 2:12,13.

HOMENS A PÊ

No hebraico, *regli*, «homem de infantaria», palavra que ocorre por dez vezes: Núm. 11:21; I Sam. 4:10; 15:4; II Sam. 10:6; I Reis 20:29; II Reis 13:7; Jer. 12:5; Juf. 20:2; II Sam. 8:4; I Crô. 18:4. Uma outra palavra hebraica é *ruts*, «correr», que aparece em I Sam. 22:17, mas que a nossa versão portuguesa traduz por «aos da guarda». O exame desses trechos mostra que a palavra hebraica *regli* é usada em quatro sentidos principais: a. um infante (termo militar); b. um corredor; c. um guarda; d. um mensageiro. O primeiro desses sentidos é o mais constantemente empregado. A distinção entre um *infante* e um outro soldado qualquer é que o infante combatia a pé, ao passo que os outros montavam a cavalo ou iam em carros de guerra. Em Exodo 12:37, a palavra simplesmente indica homens que seguem a pé, em suas andanças.

HOMENS VALENTES (PODEROSOS)

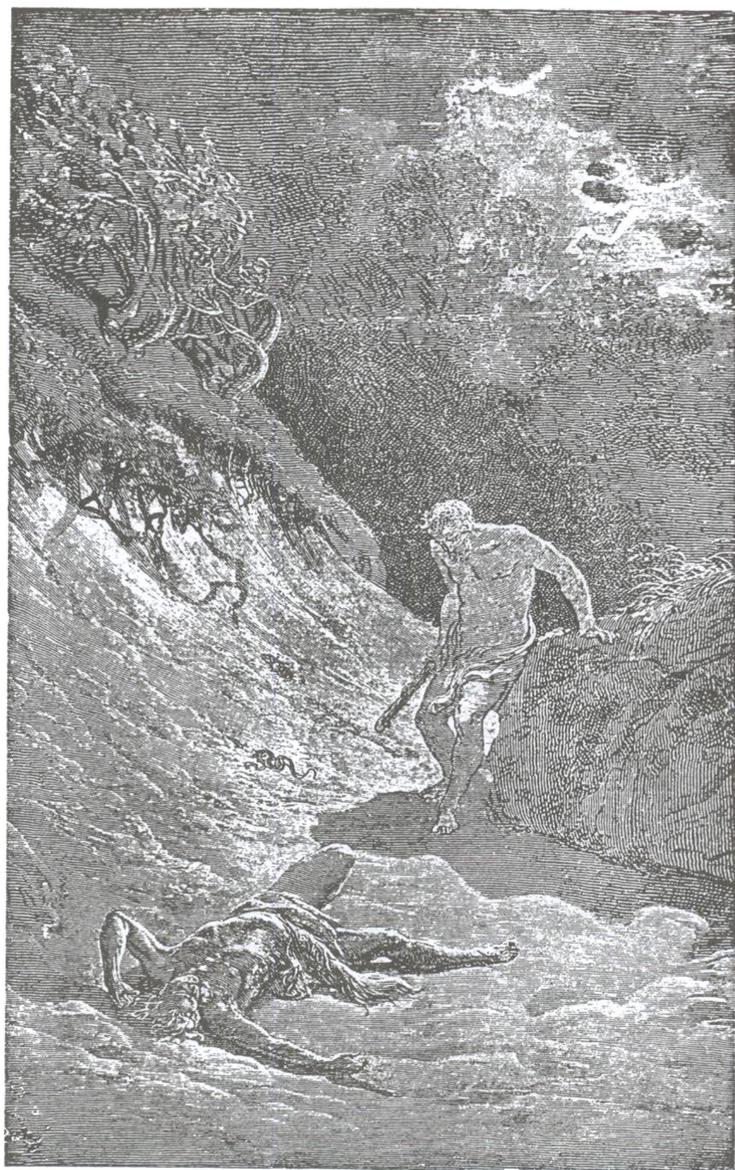
Nossa versão portuguesa diz «homens valentes», ajuntando que eles eram homens de «renome». Isso aparece no trecho de Gên. 6:4 onde também somos informados de que os «gigantes» eram uma prole das filhas dos homens e dos filhos de Deus, que foram homens poderosos (no hebraico, *geborim*).

Husai chamou Davi e seus homens de *geborim*, o que, em nossa versão portuguesa, corresponde a «valentes» (II Sam. 23:8-39). Esse título também era dado aos poderosos trinta guerreiros que atuavam como guarda pessoal desse monarca.

Os homens têm a tendência de glorificar a fortaleza física, a violência e a matança. Os homens habilidosos nessas violências, e que são capazes de dominar outros homens, são os «heróis». As verdadeiras qualidades espirituais não são muito valorizadas neste mundo.

HOMERO

Todos concordam que a literatura homérica — a



Caim assassina Abel

••• ••• •••

Oh, Deus, que carne e sangue fossem
tão baratos,
Que os homens odiassem e matassem,
que os homens silvassem e cortassem a outros,
Com línguas de vileza ...por causa de...
«teologia».

(Russell Norman Champlin)

•••

Senhor, disse eu,
Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Crime de tal grandeza cabe a um
selvagem somente,
É o crescimento venenoso de
mente maligna,
Ato alienado do mais indigno.

Senhor, disse eu,
Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Um ato horrível de raiva sem misericórdia,
Apunhalada irreversível de
inclinações perversas,
Ato não imaginável de plano ímpio.

Disse o Senhor a mim,
Uma palavra sem afeto lançada contra
vítima que odeias,
É um dardo abrindo feridas de cores cruéis.
Bisbilhotice corta o homem pelas costas,
Um ato covarde que não podes retirar.
Ódio no teu coração, ou inveja levantando
sua horrível cabeça,
É um desejo secreto de ver alguém morto.
(Russell Norman Champlin)

••• ••• •••

HOMERO — HOMICÍDIO

Ilíada e Odisseia — é uma grandiosa composição literária. Porém, nem todos concordam que seu autor, Homero, foi uma única pessoa. Talvez tivesse havido, realmente, um único autor, mas ampliado por algum editor ou editores. Seja como for, *Homero* é o nome dado ao autor dos dois grandes poemas gregos épicos, mencionados, e que abordam, respectivamente a querela entre os gregos e os troianos, durante a guerra de Tróia, e então, depois da guerra de Tróia, o retorno de Odisseu à sua rainha, Penélope, quando ele tornou a ocupar o trono de seu reino, na ilha de Ítaca. Esses poemas épicos são a literatura mais notável da Grécia antiga, servindo de uma espécie de Bíblia, para os gregos.

As tradições antigas afirmam que Homero foi autor de ambos aqueles poemas. Segundo elas, ele teria vivido no século IX A.C., na Jônia, que atualmente faz parte das costas ocidentais da Turquia. Porém, nada de definitivo se sabe acerca desse homem e de suas datas. As antigas *Vidas*, escritas por vários autores, não nos prestam ajuda alguma quanto a essas questões, com os seus mitos. A única fonte informativa real é aquela que se deriva dos próprios épicos, os quais, na opinião da maioria dos eruditos, pertencem à última metade do século VIII A.C.

Outras obras também são atribuídas a Homero, que, de algum modo, estão ligadas à guerra de Tróia, como os poemas intitulados *Margitas*, *A Batalha das Rãs* e *dos Camundongos* e vários hinos homéricos. Os estudiosos modernos rejeitam, entretanto, a autoria homérica dessas obras. E até mesmo a divisão da *Ilíada* e da *Odisseia*, em vinte e quatro livros, seguindo as letras do alfabeto grego, mui provavelmente, foi obra de editores helenistas.

As enciclopédias clássicas abordam os problemas homéricos com abundância de detalhes. Nesta enciclopédia, a questão se reveste de interesse porque essas obras antigas nos permitem dar uma boa olhada para a religião grega primitiva. Os poemas em apreço provêem uma visão abrangente do panteão dos deuses gregos, cujos principais membros eram Zeus, Apolo, Poseidon, Ares, Hera, Atena, Afrodite, Hélio e Hermes. Essas divindades manter-se-iam distantes e indiferentes, em sua majestade, no Olimpo; mas, ocasionalmente, resolviam descer e intervir nas atividades humanas. Eram temidos e amados ao mesmo tempo, e orações e sacrifícios eram feitos a esses deuses, por grande variedade de razões. O conceito de *moira* ou *destino* é muito destacado nos escritos de Homero, onde há uma versão primitiva do *determinismo* (vide). Algumas vezes, o destino ou sorte opera segundo a vontade dos deuses, nos escritos homéricos; mas, ocasionalmente, seu poder é tão grande que até os deuses estão sujeitos ao mesmo. Em Homero, de maneira informal, temos um sistema ético, algumas vezes muito corrupto, que Heráclito (vide) e Xenófanes (vide) criticaram acerbamente. Como é óbvio, Homero foi muito citado por escritores gregos posteriores, incluindo os filósofos. Suas obras eram uma espécie de Bíblia popular dos gregos, embora nem sempre aceitas como tal pelos intelectuais.

HOMICÍDIO

Esboço:

- I. A Palavra e suas Definições
- II. Homicídio Justificado
- III. Homicídio Não Justificado
- IV. Idéias Bíblicas sobre o Homicídio
- V. Punição Capital

Podemos falar em termos de homicídio justificado e

de homicídio não justificado. Mas esse fato, por si mesmo, mostra o baixo nível espiritual em que se acham os homens. Em qualquer estado espiritual elevado, não existe tal coisa como matar a outro ser.

I. A Palavra e suas Definições

Esse vocábulo vem do latim *homo*, «homem», e *caedere*, «matar» ou «cortar». Em latim, um assassino é um *homicida*, tal como em português. Apesar de que, estritamente falando, a morte de um homem, provocada por um animal, poderia ser chamada de um *homicídio*, o termo refere-se sempre à morte de um ser humano provocada por outro ser humano. Universalmente, os homicídios são divididos em justificáveis e criminosos (ou não justificáveis). O homicídio justificado, por sua vez, é classificado sob diferentes títulos, conforme mostramos nos parágrafos abaixo. Algumas autoridades categorizam o *suicídio* (vide) com base nas definições acima, embora, como é óbvio, o suicídio seja uma categoria (do ponto de vista moral) do homicídio.

II. Homicídio Justificado

Poderíamos estar justificados por tirar a vida a outrem? A Bíblia e as leis civis, de modo geral, respondem com um «sim». Abaixo damos as formas justificáveis de homicídio:

1. Segundo se vê no Antigo Testamento, a *execução religiosa*, por causa de crimes morais ou religiosos, e não meramente por causa de crimes civis, ocorreu com frequência. Nos países árabes, por seguirem o *Alcorão* (vide), até hoje há execuções religiosas ocasionais; mas, nos países ocidentais, esse tipo de execução não é mais considerado justificável.

2. Por motivo de defesa própria.

3. O ato de matar que resulta da tomada da defesa de alguém que esteja correndo perigo ou esteja sendo ameaçado ou assaltado de alguma maneira grave. A pessoa defendida não precisa pertencer à família do defensor.

4. Uma pessoa pode matar a outrem, de modo justificável, a fim de impedir um crime de qualquer tipo, mesmo que tal crime não ameace a vida daquele contra quem isso é feito. Por exemplo, um guarda, em um banco, pode tirar a vida a um assaltante do banco. Ou um homem pode matar a um estuprador em potencial, que ameace executar a sua ação.

5. Execuções determinadas pelo Estado. Os criminosos que tiverem cometido crimes graves, usualmente, quando tiraram a vida de alguém, em muitos países do mundo são, por sua vez, executados com a pena capital.

6. Em tempos de guerra, os soldados não somente são solicitados a matar, mas também são tidos por heróis quando matam a muitos. Audey Murphy, um famoso soldado do exército norte-americano, de certa feita, estando sozinho, matou mais de duzentos soldados alemães, destruiu vários tanques e equipamento pesado, e as pessoas nunca deixaram de admirar-se de seus feitos, não só nessa, mas também em outras ocasiões. Ele era uma máquina de matar, e tornou-se um herói nacional por causa de sua incrível habilidade. Na Bíblia, os trinta heróis guerreiros de Davi ficaram com seus nomes gloriosamente registrados, por haverem morto a muitos homens.

7. *Homicídios Acidentais*. Temos aí um caso de *homicídio desculpável*, e não tanto de homicídio justificável, porquanto esses homicídios acidentais resultam da falta de cuidado, de estados de alcoolismo, etc. A lei é que decide quais punições devem ser aplicadas, como breves períodos de encarceramento ou de detenção doméstica, etc.

HOMICÍDIO — HOMILÉTICA

Acidentes puros e inevitáveis, quando alguém mata, por exemplo, uma criança que passa correndo, atravessando o trajeto de um veículo, não são castigados segundo a lei. Os homicídios desculpáveis, com freqüência, são denominados «homicídios não premeditados», uma classe de matança sem culpa, diante dos quais a justiça não se manifesta senão a fim de inocular.

III. Homicídio Não Justificado

A expressão «homicídios premeditados» é usada para distinguir tais casos dos homicídios justificáveis. Além disso, esses homicídios premeditados são divididos em homicídios de primeiro grau e homicídios de segundo grau. Os homicídios de primeiro grau incluem casos não somente em que houve malícia, mas também premeditação, com o propósito voluntário e planejamento deliberado de destruir a vida alheia. A condição mental que leva a essa classe de homicídios, geralmente, chama-se «premeditação maliciosa». E, se alguém termina por matar a uma pessoa a quem não queria matar, por causa de alguma vicissitude das circunstâncias, embora o tenha feito com aquela atitude mental, isso é considerado como um homicídio premeditado com «transferência de intenção». Exemplifiquemos a situação com a ilustração de um homem que ataca a outro, o qual é defendido por uma terceira pessoa. Essa terceira pessoa é morta, mas não a vítima tencionada. Isso ainda envolve um homicídio premeditado de primeiro grau. Esses homicídios de primeiro grau também incluem casos como a morte provocada durante um assalto ou outro crime semelhante. Todos os indivíduos envolvidos em casos de incêndio culposos, furto, estupro e roubo que resultem em mortes, embora estas não tenham sido planejadas, são culpados de homicídio de primeiro grau. Além disso, em alguns países, matar um policial ou outro oficial do governo é considerado, automaticamente, um homicídio de primeiro grau.

Homicídio de segundo grau. Esse caso também não é justificável, embora considerado menos culpado que os homicídios de primeiro grau. Por exemplo, os crimes que envolvem paixão, quando um homem mata a um amante ou sedutor de sua esposa. Ou então, os crimes cometidos durante discussões ou brigas, embora não houvesse malícia e premeditação anteriores.

Os *homicídios não justificáveis* podem assumir a forma de um acidente, provocado pelo descuido com que alguém agia, sendo um acidente que poderia ter sido evitado. Um homem que se alcoolize e mate a outrem em um acidente, em resultado de estar embriagado, não pode justificar o seu crime. Porém, casos assim não envolvem homicídio de primeiro ou de segundo grau. Esses casos são rotulados como *homicídio culposos*. Mas, se uma morte foi causada por puro acidente, então trata-se de *homicídio involuntário*. Dentro dessa categoria cabem aqueles casos em que, por exemplo, os pais não cuidam apropriadamente de seus filhos, no tocante à saúde e à alimentação, e eles chegam a morrer por causa disso.

IV. Idéias Bíblicas Sobre o Homicídio

O sexto mandamento da lei mosaica condena todo homicídio ilegal (ver Exo. 20:13). A lei do amor, ensinada por Cristo, engloba a condenação do homicídio (ver Mat. 22:29). O assassinio é tratado como um dos crimes humanos mais horrendos, nas Escrituras Sagradas, devendo ser punido com a morte do culpado (Núm. 35:31). Caim foi o primeiro homicida do mundo (Gên. 4:8). No entanto, recebeu o

equivalente a uma sentença perpétua. Casos de homicídio justificável, como nas execuções de criminosos, são ilustrados em trechos bíblicos como Gên. 9:6 e Núm. 31:7,8. Jesus defendeu a mulher apanhada em flagrante adúlterio, e impediu a sua execução, ainda que, de acordo com as normas veterotestamentárias, ela devesse ser, sumariamente, executada. Ver João 8:7. Porém, o Novo Testamento concorda com o Antigo Testamento, em defesa da lei (ver I Ped. 2:13,14); e se as leis requerem punição capital para os casos de homicídio não justificável, podemos encontrar textos de prova neotestamentários que aprovam isso. Ver o décimo terceiro capítulo de Romanos, quanto a uma declaração mais extensa do princípio envolvido.

V. Punição Capital

Ver o artigo separado com esse título. Ver também sobre *Crimes e Castigos*.

HOMILÉTICA (HOMILIA)

Essa palavra portuguesa vem do grego, *omiletikós*, «sociável». O verbo *omilein*, significa «estar em companhia de»; e o substantivo *omilos* significa «assembléia». Visto que a sociabilidade está, intimamente, associada à linguagem, esse título, *homilética*, veio a se referir àquele ramo da retórica que trata da composição e entrega de sermões. Em outras palavras, a homilética é a arte de compor e entregar sermões. Uma *homilia*, por sua vez, é um discurso ou sermão. As homilias originais, dos pais da Igreja, eram comentários sobre as Escrituras, envolvendo também os trechos bíblicos que eram lidos durante os cultos religiosos.

De acordo com uma definição do Concílio Vaticano II, uma verdadeira homilia deve ser considerada parte da liturgia eclesial. Mas, em um sentido secundário, mesmo dentro da Igreja Católica Romana, uma homilia é um sermão. Seja como for, torna-se óbvio, nas páginas da história, que o sermão, tanto na sinagoga como nas Igrejas cristãs, sempre ocupou um papel de destaque. Paulo salientou o poder e a utilidade da pregação (ver I Cor. 1:18 ss).

As *homilias mais antigas* que ficaram preservadas até nós são as de Orígenes. As homilias cristãs ocorriam após a leitura de algum texto bíblico, porquanto eram os comentários feitos com base nesse texto, de modo formal ou informal. Podemos supor que tais comentários eram preparados de antemão, e que não eram apenas extemporâneos. O *sermão* (em grego, *logos*; em latim, *oratio*) parece ter sido um tanto mais formal, pois necessariamente estava vinculado à leitura de algum texto bíblico. Essa palavra portuguesa, «sermão», vem do latim, *sermo*, que significa «fala». Coletâneas muito antigas e da era medieval, de homilias, tornaram-se bastante numerosas. A Igreja Anglicana imprimiu um *Livro de Homilias*, para garantir a substância no ensino e na pregação, em suas Igrejas, e para impedir as deficiências e os erros de pregadores despreparados, de quem não se poderia esperar que pregassem sermões convincentes.

Como uma disciplina, a homilética é aquele ramo da teologia prática e das habilidades ministeriais que trata das regras relativas à preparação e entrega de sermões. O assunto tem sido seriamente considerado pelas igrejas e pelos seminários bíblicos. A obra de A. Vinet, *Homiletics ou The Theory of Preaching*, publicada em 1853, tinha quase quinhentas páginas.

As regras homiléticas ajudam o pregador, mas todo pregador bem dotado parece receber uma capacidade que lhe é dada pelo Espírito, e ele segue essas regras

HOMILÉTICA — HOMOEOUSIANOS

quase naturalmente. Talvez a primeira regra da boa pregação consista em abordar questões importantes, sentindo a importância das mesmas para as almas. Quando essa condição prevalece, a expressão verbal é muito mais eloquente e convincente do que em caso contrário. Uma outra regra fundamental é a do *conhecimento*. Alguns pregadores são capazes de esconder sua superficialidade, mediante o uso de observações espirituosas e de algumas poucas boas ilustrações. Porém, os melhores pregadores são aqueles que realmente têm alguma coisa para dizer. Bradar em altas vozes não substitui a substância do sermão. Um eloquente pregador do passado, Henrique Ward Beecher, dizia que ele gritava mais quando menos tinha para dizer.

A maior parte dos cursos teológicos inclui, pelo menos, um curso de homilética. Segundo minhas próprias observações, visto que fiz dois cursos de homilética, quando me preparava para o pastorado e o trabalho missionário no estrangeiro, é que tais aulas são úteis, embora também possam servir de empecilho para certos alunos. Lembro-me de certo estudante que, na primeira vez em que falou perante os colegas, entregou uma mensagem inspiradora. Mas, quando foi forçado a pensar em regras, esboços, gestos apropriados, etc., sentia-se muito tolhido e se tornou um pregador muito menos capaz. Por outro lado, minha primeira familiaridade real com os *comentários* (que têm sido meus inseparáveis companheiros desde então) surgiu devido ao meu desejo de dizer coisas eruditas, interessantes e bem pensadas, perante meus colegas de seminário. Quando me formei teologicamente, já havia ganho a reputação de ser um pregador «profundo». Mas quero agora confessar que essa profundidade era copiada dos mestres do passado, cujos escritos eu sempre consultava, mas que os outros alunos não se importavam em examinar. Um incidente cômico ocorreu certo dia em classe, quando uma nova aluna fez alguma declaração que parecia autoritária, e o professor da classe indagou de quem ela havia citado. E ela replicou: «Champlin disse isso». Alguns alunos acharam muita graça e riram abertamente. Mas, em outra ocasião, entreguei um bom sermão, com minhas próprias observações (tomadas por empréstimo dos mestres do passado). Certo aluno, ao fazer sua crítica do meu sermão, comparou-me com o Dr. M.R. De Hann, e isso contrabalançou pelos risos daquela ocasião anterior.

A homilética cada vez mais é considerada uma disciplina importante nos seminários e institutos bíblicos. Uma boa e volumosa literatura se tem formado a respeito. Alguns princípios homiléticos ensinados são os seguintes:

1. *Conhecimento*. O pregador deve ter algo a dizer, bem alicerçado sobre o conhecimento bíblico.

2. *Tipos de Sermão*. Há sermões textuais, tópicos e expositivos, ou então, combinações desses tipos.

3. *Métodos de Organização de Material*. Paralelamente, devemos pensar nas ilustrações apropriadas.

4. *Uso de Gestos Apropriados*. (Nunca fui bom quanto a esse particular).

5. *História da Predica*. Isso deve incluir o estudo dos sermões de pregadores eloquentes bem conhecidos.

6. Devem ser convidados bons pregadores, que demonstrem a sua arte. Em certas ocasiões, isso não funciona. Certo estudante, após ter ouvido um grande pregador, tentou imitá-lo, quando surgiu a primeira oportunidade. Mas, a única coisa que ele foi capaz de imitar foi um certo gesto nervoso do pregador. Um outro aluno resolveu que imitaria Billy Graham.

Também só conseguiu imitar um certo gesto intempestivo desse pregador; mas não soava como ele, de forma alguma. Algumas vezes, a despeito dos mais concentrados esforços dos mestres e dos alunos, nada de especial acontece. Um certo colega observou, após um sermão que ele mesmo pregara: «Puxa, que mensagem enfiadonha».

7. *Crítica dos Sermões*. Geralmente feitos ou pelo professor de homilética ou pelos colegas de classe.

Um pregador *habilidoso* pode dizer coisas boas, mesmo que não seja um *bom* pregador. Durante algum tempo, recebi os sermões impressos de um antigo amigo meu, que era pastor de uma Igreja evangélica. Ele se tornara um notável pregador, que passava horas intermináveis preparando os seus sermões, que, uma vez impressos, pareciam mais documentos de pesquisas do que mesmo sermões. Certa ocasião, ele perguntou qual a opinião daqueles a quem enviava os seus sermões impressos. Enviei-lhe uma carta dizendo que via uma real dificuldade nos seus sermões. «Eles são tão bons que se algum pregador preguioso se apossar deles, nem mais terá de estudar».

HOMILIA

Ver sobre *Homilética (Homilia)*.

HOMILIÁRIO

Ver o artigo separado sobre *Homilética (Homilia)*. Os *homiliários* eram coletâneas de sermões, compilados para benefício dos pregadores das paróquias e congregações, ou para serem lidos pelo clero em certas ocasiões especiais ou para sua ilustração pessoal. O primeiro dos chamados pais da Igreja a compilar homilias foi Orígenes. Essa prática tornou-se popular em Alexandria, de onde veio a propagar-se, tornando-se muito generalizada desde os primeiros séculos do cristianismo. No período medieval, os homiliários eram populares e muito usados.

Homo Mensura Ver depois de *Homologoumena*.

HOMOIANOS

Esse era um termo usado pelos arianos, quando tentaram criar sua própria doutrina cristológica (ver o artigo sobre *Cristologia*), com a qual todos eles pudessem concordar. Eles afirmavam que o Filho é *homoios (parecido com o Pai)*. Esse conceito foi adotado em uma série de fórmulas, durante os anos de 359 e 360 D.C., adotadas como as normas eclesásticas oficiais do imperador Constâncio. Todavia, a fórmula não satisfaz àqueles que acreditavam que o Filho é possuidor de idêntica natureza com o *Pai*. Ver os artigos intitulados *Trindade e Homoiousianos*.

HOMOIOUSIANOS

Esse é o nome dado àqueles que tomavam posição intermediária entre as crenças dos arianos conciliadores (ver sobre os *Homoianos*) e aqueles que se apegavam estritamente ao credo niceno. Eles também eram chamados de *semiarianos* ou de *seminicenos*. Seu principal líder foi Basílio de Ancira.

O termo que eles usavam, *homoiousios* é a palavra grega que significa «de substância similar». Eles afirmavam que o Filho é dotado de uma substância essencial *parecida com o do Pai*. Naturalmente, isso não satisfazia àqueles que exigiam que não se fizesse qualquer distinção entre a substância do Pai e a substância do Filho, conforme é requerido pela

HOMO — HOMOSSEXUALISMO

doutrina trinitariana. O lema deles aparece nessas duas palavras gregas, *homoi* e *ousios*. Essa gente se opunha ao lema contrário, expresso pelas palavras gregas *homo ousios* (vide), empregado pelos defensores do credo ortodoxo, conforme o mesmo se desenvolveu no século IV D.C. Eles diziam que a *ousia* não é um termo bíblico, e que o Novo Testamento não ensina qualquer coisa que possa ser expressa pelo lema **homo ousios**. Tudo isso por sentirem que o trinitarianismo destrói o **monotelismo** (vide).

HOMO MENSURA

Essa expressão latina significa «o homem é a medida». Descreve a doutrina do filósofo sofista grego, *Protágoras* (vide). Ele asseverava que «o homem é a medida ou padrão de todas as coisas». Isso reflete uma interpretação humanista da ética, da política e da metafísica. Foi assim que se chegou a um relativismo humanista. De acordo com este, todas as questões seriam determinadas pelo auto-interesse humano, e não por algum padrão que nos é imposto de fora, por alguma força divina, por Deus, por Escrituras Sagradas ou por coisas semelhantes. O artigo sobre Protágoras entra em detalhes sobre a questão.

HOMOUSIOS

Essa palavra grega, que pode ser analisada por suas constituintes — *homo* e *ousia* — significa «consustancial», isto é, «da mesma natureza». Atanásio (293 — 372 D.C.) foi o campeão desse conceito, o qual serviu de base do conceito adotado pelo concílio de Nicéia (vide), de 325 D.C. A expressão quer dizer que Deus Pai e Deus Filho compartilham exatamente da mesma substância ou natureza. O Pai e o Filho possuem uma única substância, são numericamente idênticos um ao outro e são indivisíveis, tudo o que contrasta com várias idéias arianas, que distinguem a natureza do Pai da natureza do Filho, como se o Filho fosse diferente e inferior ao Pai, em algum sentido.

Os arianos extremados eram chamados *an-omoianos*. A posição deles frisava não somente as supostas diferenças essenciais entre o Pai e o Filho, mas também enfatizava as *dissemelhanças* entre eles, em vez de tentar diminuir a idéia de que, de alguma maneira, o Pai e o Filho são semelhantes, conforme diziam os arianos moderados. A sílaba *an*, dentro da palavra «anomoianos», funciona como partícula negativa. Por meio de muitas contorções, a Igreja antiga estava procurando explicar um mistério inexplicável, e os termos que eram usados ilustram essa circunstância. O artigo geral, *Cristologia*, conta a história inteira.

Por ocasião do concílio de Nicéia, foram derrotadas as diversas posições arianas e semi-arianas, tendo sido adotado o conceito expresso pelo lema do *homo ousios*. Ver também o artigo sobre o *Arianismo*.

HOMOSSEXUALISMO

Esboço:

- I. Definição
- II. Causas Alegadas do Homossexualismo
- III. Tratamento e Prevenção do Homossexualismo
- IV. Pontos de Vista Bíblicos
- V. Estatísticas

I. Definição

Esse termo combina o grego *homo*, «mesmo», com o latim, *sexus*, «sexo». O latim já havia tomado por empréstimo a palavra grega *homo*, a qual aparecia em algumas palavras latinas compostas. Assim sendo, o termo *homossexual* pode ser considerado secundariamente derivado do latim.

Um indivíduo *homossexual* (homem ou mulher) é uma pessoa que se deixa atrair sexualmente por indivíduos do mesmo sexo, ou como mero desejo sexual, ou mediante contactos sexuais reais. O termo *lesbianismo* indica essa atração homossexual entre mulheres. *Lesbos* era o nome de uma ilha grega, onde as mulheres relacionavam-se amorosamente a outras mulheres. Especificamente, Safo e suas seguidoras, que moravam na ilha de Lesbos, eram lésbicas. Essa ilha fica ao largo das costas noroestes da Turquia. Também se chamava Mitilene.

Os homossexuais do sexo masculino também são conhecidos como *sodomitais*, com base nas informações bíblicas acerca dos costumes sexuais da cidade de Sodoma. Ver o artigo separado sobre a *Sodomia*, bem como os trechos bíblicos de Gên. 19:1-14; I Reis 14:24; II Reis 23:7 e Rom. 1:26 ss. Esse vocábulo também pode indicar relações sexuais com animais irracionais, embora, mais precisamente, deva ser empregado o termo bestialidade, sobre o que também apresentamos um artigo separado nesta enciclopédia.

Além desses, existem também os *bissexuais*, que praticam o sexo com pessoas de ambos os sexos. Finalmente, embora a palavra *heterossexualidade* seja reservada para indicar pessoas que, normalmente têm relações sexuais com pessoas do sexo oposto, ela não indica que os que assim fazem não tenham quaisquer aberrações em seus costumes sexuais, como, por exemplo, o sadismo, o masoquismo ou o voyeurismo.

Quase todos os animais irracionais têm períodos específicos de reprodução, ou «cio». Fora desses períodos, não parecem se importar muito com as atividades sexuais. As leis civis, morais e religiosas tendem por forçar o homem moderno a aceitar a *monogamia* (vide). Alguém já comentou, em tom de piada, que, a fim de compensar por isso, o homem recebeu um período reprodutivo o ano inteiro. Seja como for, o ser humano do sexo masculino é o mais sexual de todos os animais. E até mesmo a mulher se mostra mais intensamente sexual do que a maioria dos animais irracionais. Se, além disso, injetarmos a psicologia e a genética pervertidas, obteremos uma cena realmente selvagem entre nós.

II. Causas Alegadas do Homossexualismo

Os homossexuais praticam o sexo da maneira que preferem, chegando a pensar que ela é superior à maneira normal, heterossexual. Porém, as confissões obtidas pela psicanálise revelam que muitos (mas não todos) homossexuais, realmente, gostariam de se livrar de seu vício, que importa em sério estigma e empecilho social e econômico, para nada falarmos sobre as implicações morais e espirituais do homossexualismo. Isso tem levado a psiquiatria e a medicina a tentar achar as causas e as terapias relativas a essa aberrante condição.

Causas Possíveis:

1. Muitas pessoas religiosas não demonstram a menor paciência com os homossexuais. Elas supõem que o problema tem um único aspecto — a perversão moral. É verdade que assim sucede, em muitos casos de homossexualismo. Mas a idéia de que todos os casos de homossexualismo só têm essa causa, parece ser exagerada. Por igual modo, muitas pessoas religiosas opinam que o homossexualismo é de

HOMOSSEXUALISMO

inspiração demoníaca, sendo uma atividade pecaminosa, especialmente degradante, porquanto perverte, simbolicamente, a fonte mesma da continuação da vida biológica.

2. Outras pessoas, que crêm na *reencarnação* (vide), insistem que muitos casos de homossexualidade existem porque as pessoas envolvidas pertencem a um determinado sexo; mas, por ocasião da reencarnação, nasceram com o sexo oposto. Tais almas, pois, não teriam conseguido adaptar-se à nova situação. Ian Stevenson, chefe do Departamento de Parapsicologia da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos da América do Norte, investigou mais de dois mil casos de alegada reencarnação. Entre esses, ele descobriu alguns notáveis exemplos de suposta transferência de sexo, que resultaram em homossexualismo. A teoria envolvida é que a alma, normalmente, manifesta-se através de corpos físicos de um único sexo. Assim, para exemplificar, uma certa alma preferiu manifestar-se sempre como mulher, fazendo isto constantemente em todas as suas reencarnações. Mas, se tal alma reencarnar-se como homem, em uma específica reencarnação, então, tal alma poderia perder o controle da questão, daí resultando o homossexualismo. Acredito que as investigações a respeito deveriam prosseguir, como parte da investigação geral sobre a própria reencarnação. As evidências obtidas poderiam confirmar ou não essas teorias; mas seria ridículo interromper as investigações científicas. É possível que alguns casos de homossexualismo sejam causados por alguma circunstância assim. Ver o artigo sobre a *Reencarnação*, no tocante ao que essa questão pode dizer contra ou a favor dessa teoria.

3. *Homossexualismo Forçado*. Os encarcerados, confinados por longos períodos, incapazes de qualquer contacto heterossexual, algumas vezes voltam-se para a sodomia ou para o lesbianismo, em busca de satisfação sexual. Mas também há aqueles que apelam para essas práticas em troca de dinheiro, tornando-se servos dos autênticos homossexuais. Existem razões sociais e econômicas que nada têm a ver com as inclinações naturais dos indivíduos, quanto às questões sexuais.

4. *Bissexualismo Básico com Seleção Final*. Sigmund Freud afirmava que todas as pessoas têm aspectos masculinos e femininos em sua formação psíquica, e que todas as pessoas atravessam um período de *homoerotismo*, isto é, de atração por indivíduos do mesmo sexo. Essa teoria também afiança que as condições ambientais levam o indivíduo, finalmente, a escolher entre o heterossexualismo e o homossexualismo. Os heterossexuais (pelo menos muitos deles), presumivelmente, retêm tendências homossexuais latentes, podendo reverter ao homossexualismo, mais tarde na vida. Como é óbvio, essa teoria de Freud tem exercido poderosa influência sobre a maneira como os psiquiatras têm enfrentado a questão.

5. *Neutralidade Básica*. Muitos estudiosos supõem que é mais acurado falarmos sobre neutralidade básica, em vez de bissexualismo básico. Nesse caso, ainda estaríamos falando sobre condicionamento ambiental como fator preponderante na homossexualidade. Os envolvidos, pois, começaram com uma psique sexualmente neutra, em vez de se inclinarem como machos ou fêmeas.

6. *Condições que Favorecem o Homossexualismo*. Coisa alguma se sabe com certeza, quanto a essas condições. Mas muitos pensam que a mãe é uma das principais causas do homossexualismo de um rapaz, embora também encontrem problemas com o pai.

Assim, ao que se presume, o homossexual médio (com muitas exceções) é alguém cuja mãe mostrava-se, exageradamente, íntima, possessiva e dominadora e cujo pai era indiferente e hostil, e geralmente desprezado pela mãe. Sob tais circunstâncias, o rapaz acaba, exageradamente, apegado à sua mãe, muito dependente dela, ao mesmo tempo em que teme e mesmo odeia o seu pai. Um outro fator importante é simplesmente o *medo* diante do sexo oposto, o que leva a pessoa a encontrar um relacionamento mais livre e, finalmente, mais íntimo, com pessoas de seu próprio sexo.

No caso das *lésbicas*, parece que suas mães tendem por mostrar-se hostis e competitivas com elas. Interferem com os relacionamentos normais que suas filhas tentam estabelecer com homens, incluindo as relações amistosas com seus genitores. Tanto os rapazes quanto as moças tendem por sentir-se solitários, isolados e perturbados em sua capacidade de estabelecer relacionamentos normais com outras pessoas. Como adolescentes, raramente marcam um encontro com algum membro do sexo oposto. E, desde tenra idade, antes mesmo dos dezesseis anos, já se sentem como homossexuais. Em alguns casos, já se sentem tais desde os dez anos de idade. Todavia, há estudos que mostram que meninos bem pequenos sentem prazer por estar com outros meninos, embora se sintam muito avessos à presença de meninas. As confissões de tais pessoas por muitas vezes apóiam o que aqui digo sobre esse condicionamento psicológico, embora nem sempre. Algumas dessas pessoas, aparentemente, desde a mais tenra idade, simplesmente sentiam-se atraídas por pessoas do mesmo sexo, não tentando lançar a culpa sobre quem quer que seja.

7. *Homossexualismo Genético*. Outras fontes informativas sobre o assunto, geralmente, negam qualquer conexão genética; mas há quem acredite que existe tal coisa como o homossexualismo por imposição genética. Estudos sobre as condições hormonais, genéticas e cromossômicas do corpo, durante muito tempo não revelaram qualquer diferença entre pessoas heterossexuais e pessoas homossexuais. Mas, atualmente, há algumas evidências de que, realmente, existem certas diferenças daquela natureza, entre tais pessoas, principalmente, envolvendo os cromossomos. Estudos genéticos demonstram que há uma maior incidência de homossexualismo entre os gêmeos idênticos do que entre os gêmeos não-idênticos. Na verdade, porém, estamos tratando de uma ciência ainda jovem e imprecisa; mas o poder da genética, usualmente, tem sido subestimado pelos ambientalistas. Haveria casos de homossexualidade que seriam meros acidentes genéticos.

8. *A Genética e a Espiritualidade*. Se a genética é capaz de criar casos de homossexualismo, poderíamos dizer que um homossexual dessa categoria é *culpado*? Quando ainda era apenas um ente espiritual, teria podido exercer qualquer controle sobre suas futuras inclinações sexuais? Aqueles que crêm na teoria genética materialista, naturalmente, respondem com um «não». Mas, se supormos que a *alma*, a pessoa essencial, pode exercer controle sobre o seu código genético, para melhor ou para pior, então poderíamos dizer, ao menos como especulação, que um homossexual, utilizando-se do seu código genético, chegou a ser tal por causa de sua própria natureza moralmente degenerada. Entretanto, todas essas são meras teorias, e não fatos comprovados. Todavia, algum dia o nosso conhecimento sobre a natureza humana talvez aumente até o ponto em que mistérios como esses

HOMOSSEXUALISMO

venham a ser adequadamente explicados. Seja como for, não nos devemos olvidar que a pessoa é um espírito, e não um corpo; e que esse espírito pode exercer toda espécie de efeito sobre o corpo físico. E, embora nosso conhecimento, até o momento não possa demonstrar francamente isso, pelo menos permite-nos postular essa idéia como uma teoria viável. Se a alma é preexistente e está se encarnando pela primeira vez, ou então, talvez, por uma outra vez (se a reencarnação é uma realidade), então a alma seria capaz de causar toda forma de condição, boa e má, para caracterizar seu veículo físico, expressando-se de determinadas maneiras.

9. *Causas Múltiplas.* Usualmente, as questões complexas precisam de explicações múltiplas, e não simples. Sabemos que alguns indivíduos homossexuais tornam-se tais devido a condições externas, conforme se destacou no terceiro ponto, acima. Também sabemos que algumas pessoas têm tendências homossexuais latentes, que nunca chegam a tornar-se uma realidade. E sabemos que alguns homossexuais, aparentemente, foram tais desde a mais tenra idade, sem quaisquer condições especiais adversas, que os tenha obrigado a enveredar por tal caminho. Casos variegados parecem indicar a existência de certa variedade de causas.

III. Tratamento e Prevenção do Homossexualismo

Visto que as causas do homossexualismo são, evidentemente, múltiplas, terapias adequadas precisam incluir uma abordagem complexa. Se o problema envolve a perversão moral (conforme se dá em muitos casos), então o problema básico jaz na baixa espiritualidade. Quando um homossexual assim é espiritualmente reorientado, mormente através da conversão a Cristo, e então por meio do poder santificador do Espírito Santo, ele é capaz de vencer seu homossexualismo, da mesma maneira que se dá com qualquer outro pecado comum à humanidade. Nesses casos, o aconselhamento cristão mostra-se muito útil.

Mas, nos casos de homossexualismo com causa genética (o que parece ser o que acontece, pelo menos em alguns casos), todas as terapias tenderão por fracassar, por mais diligentes e bem intencionadas que sejam. Um ponto importante, no tocante a essa questão, é a falta de interesse que os homossexuais demonstram por tornarem-se heterossexuais. Eles gostam de sua condição, apesar das consternações que provocam entre seus familiares e na sociedade em geral. Além disso, ocorre uma tremenda promiscuidade entre os homossexuais, ultrapassando em muito aos impulsos sexuais dos heterossexuais. Isso parece refletir a mera perversão moral, que se manifesta mediante a intensificação frenética das tendências pecaminosas dessas pessoas.

A experiência tem mostrado que o desejo de mudar, juntamente com sentimentos de culpa, têm ajudado os homossexuais a abandonarem o seu desvio. Por outro lado, se algum indivíduo homossexual não se sente motivado a mudar, e nem sente qualquer culpa, então seu caso é deveras difícil.

O aconselhamento psiquiátrico é um método de terapia comum. O psiquiatra procura desvendar a causa ou causas da condição e, por meio disso, tenta reverter o comportamento. Interessante é observar que quase todos os psiquiatras pensam que o homossexualismo envolve uma condição *psicopática*, desnatural, mesmo quando relutam em falar em termos de pecado e de arrependimento. E passam a procurar a cura para a condição, como fariam no caso de qualquer outro psicopata. Em qualquer psicoterapia,

o *desejo de mudar* é algo fundamental. As estatísticas têm demonstrado que entre 25 e 50 por cento dos homossexuais do sexo masculino, motivados a mudar, têm sido capazes de fazê-lo, através do aconselhamento e da psicoterapia. Podemos supor que essa porcentagem pode ser melhorada, se houver a inclusão de aconselhamento espiritual, sobretudo nos casos de autêntica conversão, quando então a taxa de mudança aumenta para cem por cento.

Estímulos externos, como a propaganda bem dirigida, têm sido aplicados com sucesso, em alguns casos. Uma das experiências emprega gravuras de mulheres nuas, com o acompanhamento de estímulos agradáveis, ao mesmo tempo em que gravuras de homens nus são acompanhadas por choques elétricos. O tratamento por meio de drogas e hormônios não tem produzido os resultados positivos que eram esperados. Naturalmente, a maioria dos homossexuais nem busca qualquer tipo de ajuda, pelo que, quando muito, estamos falando em termos de um sucesso extremamente limitado.

IV. Pontos de Vista Bíblicos

A Bíblia é um documento que aborda o problema da homossexualidade do ângulo moral e espiritual. As Escrituras não levam em conta possíveis causas genéticas e outras de natureza não-espiritual. O Antigo Testamento mostra-se extremamente severo quanto ao assunto, requerendo a pena de morte para os homossexuais, indicando que o homossexualismo está alicerçado sobre uma profunda perversão moral. Ver Lev. 18:22,29; 20:13, quanto à pena de morte imposta aos casos de homossexualismo.

Em Romanos 1:26 ss, Paulo mostra sua consternação diante do homossexualismo. Ele atribui essa condição à apostasia geral em que os homens caíram, afastando-se de Deus. Especificamente por terem reduzido a verdade de Deus em mentira, isto é, em crassa idolatria (ver Rom. 1:25), Deus os entregou «a paixões infames». Portanto, quando alguém se afasta de Deus pode sofrer muitas conseqüências temíveis; uma delas é a perturbação da natureza moral, passando a pessoa a amar os atos mais errados e desgraçados. Parte dessa desgraça, de acordo com Paulo, é o homossexualismo. Naturalmente, ele não leva em conta, naquela passagem, outras causas, que certamente também atuam. Porém, até onde ele vai, não temos dúvidas de que nos disse a verdade. Precisamos considerar com seriedade as condições e os valores morais, reconhecendo que a alma humana pode envolver-se em toda espécie de perversão prejudicial e repelente.

Não obstante, nós, que não somos homossexuais, não podemos olvidar-nos de uma coisa, e nem nos podemos orgulhar: existem muitos outros pecados morais, além do homossexualismo. Os heterossexuais também pervertem o código moral de Deus. Também tornamo-nos culpados dos pecados do paganismo e da idolatria. O fato de que não somos homossexuais não nos torna santos. Faz parte da responsabilidade de todas as almas buscarem a perfeição moral e metafísica. Todos nós, seres humanos, temos defeitos crassos, que necessitam atenção e mudança. Adicionemos a isso o elemento do amor e da misericórdia cristãos. Os homossexuais precisam ser tratados de modo misericordioso. Precisamos ajudá-los desinteressadamente, como fariamos no caso de qualquer outro tipo de pecador, aos quais o evangelho de Cristo foi enviado.

V. Estatísticas

Experiências homossexuais, usualmente com

HONESTIDADE — HONRA

alguns poucos contactos, são extremamente comuns entre meninos e entre meninas; mas isso envolve mera curiosidade, e não verdadeira homossexualidade. Há estudos que indicam que, após a adolescência, cerca de quatro a cinco por cento dos rapazes tornam-se verdadeiros homossexuais, confinando seus contactos sexuais somente a pessoas do sexo masculino. O que realmente espanta é a elevada proporção de bissexuais (entre dez e vinte por cento), que tem contactos sexuais regulares com pessoas de ambos os sexos. São esses dez a vinte por cento que estão propagando, diretamente ou mediante as prostitutas, a AIDS, entre a população heterossexual. A questão é de gravidade tal que, dentro de alguns poucos anos, ou seja, no começo da década de 1990, essa enfermidade poderá ser a doença social mais grave e mais devastadora, no mundo inteiro. Alguém já disse que a *aids* tem contribuído mais para modificar as práticas sexuais dos seres humanos do que a religião e a filosofia têm conseguido fazer em todos os séculos da história da humanidade. E outra pessoa qualquer declarou: «Nunca mais o sexo será a mesma coisa». Essa declaração, como é óbvio, contém um exagero, embora exprima uma verdade, pelo menos durante mais alguns anos futuros. É óbvio que as coisas não são mais como eram, porquanto chegou a hora de pessoas informadas abandonarem definitivamente a promiscuidade, tanto por razões de saúde quanto por razões espirituais. (H KIN MAR)

HONESTIDADE Ver também Honra.

Esboço:

I. Definições e Palavras Bíblicas Empregadas

II. A Honestidade como Qualidade Ética

III. Tipos de Honestidade

I. Definições e Palavras Bíblicas Empregadas

Honestidade vem do latim *honus* ou *honor*, que significa «honra», «honroso», «distinção». A forma adjetiva, *honestus*, significa «honroso», «de boa reputação», «glorioso», «excelente», «digno de ser honrado». A palavra hebraica mais comum, traduzida por «honra», nas traduções, é *kabed*, que envolve o sentido básico de «pesado», «rico», «honrável». O Novo Testamento grego tem *kalós*, «bom», mas que é traduzido por «honesto» em trechos como Luc. 8:15; Rom. 12:7; II Cor. 8:21; 13:7 e I Ped. 2:12. Esse vocábulo grego significa «livre de defeitos», «belo», «nobre». Aquele que é honesto possui um bom e nobre caráter, isento dos defeitos que enfeiarão o seu caráter.

Um homem *honesto* é aquele que é justo, cândido, veraz, equitativo, digno de confiança, não fraudulento. Caracteriza-se pela franqueza, pelo respeito ao próximo, pela sua veracidade. As pessoas desonestas são enganadoras, falsas, infiéis, desleais, fraudulentas, hipócritas, mentirosas e sem escrúpulos.

Um outro termo grego traduzido por «honesto», nas páginas do Novo Testamento, é *semnotes*, «grave», «venerável». Ver I Tim. 2:2; 3:4 e Tito 2:7, onde figuram suas únicas três ocorrências.

II. A Honestidade como Qualidade Ética

Uma sociedade na qual os valores e as verdades estejam sob constante ataque, subitamente descobrirá que carece muito dos valores que tanto degrada. Sem a honestidade, não há base para mais nada. Se não houver a verdade, também não haverá a honestidade. Se não houver a honestidade, não haverá a integridade, e nem personalidades bem formadas.

«Um homem honesto é a obra mais nobre de Deus» (Alexandre Pope).

«A honestidade é a melhor norma» (Cervantes).

«Torna-te um homem honesto, e terás a certeza de que haverá um safado a menos no mundo» (Thomas Carlyle).

«...pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens» (II Cor. 8:21).

Honestidade. Esse é um termo geral que indica uma virtude salientada em todos os códigos éticos. Denota a disposição e a prática da equidade, da veracidade e da franqueza, no trato com nossos semelhantes. Em particular, aponta para a atenção do indivíduo aos direitos e às propriedades alheias, respeitando os princípios de conduta de outras pessoas, mantendo-se leal aos acordos assumidos, e procurando manter-se isento de toda fraude e impostura» (E)

III. Tipos de Honestidade

1. *Honestidade Intelectual*. Os pesquisadores devem chegar a conclusões que condigam com as descobertas que se podem fazer com base nas evidências colhidas. O mesmo se aplica no caso da pesquisa bíblica. Coisa alguma deve ser forçada para ajustar-se àquilo que queremos ver. Não podemos manipular os fatos.

2. *A Ética da Honestidade*. A psiquiatria tem provado os efeitos prejudiciais, emocionais e físicos, da desonestidade moral. No tocante ao bem-estar físico e mental do indivíduo, na verdade, «a honestidade é a melhor norma».

3. *Honestidade Espiritual*. Todas as modalidades de hipocrisia foram condenadas pelo Senhor Jesus (ver Mar. 6:14; 23:25-28). Assim sendo, o filósofo estava certo, quando declarou: «Precisamos de pessoas que estejam resolvidas a falar diretamente, sem qualquer engano, que permaneçam fiéis ao que dizem» (Camus). A honestidade, no sentido espiritual, envolve mais do que aquilo que dizemos. Antes de tudo, relaciona-se àquilo que somos. Uma pessoa espiritualmente sã, livre de defeitos morais, haverá de querer falar e agir com honestidade.

HONRA

Ver o artigo geral sobre a *Honestidade*.

Esboço:

I. A Palavra e Seus Sentidos Básicos

II. Objetos que Devemos Honrar

III. Descrições de Honra

I. A Palavra e Seus Sentidos Básicos

Ver sobre *Honestidade*, seção I. *Honra* é a consideração que o indivíduo merece receber, na forma de dinheiro, de título, de recompensa de qualquer tipo, em forma verbal, material ou espiritual. A honra envolve o respeito que é devido, que pode ser expresso de muitos modos. No artigo referido acima, damos as definições verbais básicas das palavras latinas, hebraicas e gregas envolvidas. Além dessas, há certas palavras que não foram levadas em conta ali, mas que precisam ser consideradas agora, a saber:

1. *Doksa*, «glória», «honra». Palavra usada por cento e cinquenta e sete vezes, conforme se vê, por exemplo, em João 5:41,44; 8:54; II Cor. 6:8; Apo. 19:7.

2. *Timê*, «honra». Palavra que aparece por trinta e duas vezes com esse significado, conforme se vê, por exemplo, em João 4:44; Atos 28:10; Rom. 2:7,10; 9:21; 12:10; 13:7; Col. 2:23; I Tes. 4:4; Heb. 2:7,9; 3:3; 5:4; I Ped. 1:7; II Ped. 1:17; Apo. 4:9,11;

5:12,13; 19:1 e 21:24,26.

Honra envolve *estima* e *recompensa*. Pode ser prestada por meio de palavras ou de ações. Somos convidados a honrar a Deus com nossas possessões materiais (Pro. 3:9). Honramos ao próximo, e assim cumprimos a lei do amor e honramos ao Pai de todas as almas, o qual se preocupa como o bem-estar de todos. Nossa maior possessão é o dom da vida, que deve ser utilizado no serviço e na adoração ao Senhor.

II. Objetos que Devemos Honrar

Deus deve ser honrado (Sal. 104:1; Apo. 4:9,11; 5:12). Nossos pais devem ser honrados (Exo. 21:15; Lev. 20:9). O Filho de Deus deve ser honrado (João 5:23). O sábado deve ser honrado (Isa. 58:13 ss) e, por extensão, todo o nosso tempo disponível deve ser honrado, incluindo dias santos e dias comuns (Rom. 14:5 ss). O nome de Jesus deve ser honrado (Tia. 2:7). O casamento deve ser honrado, fazendo contraste com a prostituição (Heb. 13:4). Israel também é nação honrada (Deu. 26:19). Os apóstolos devem ser honrados (Ato 5:13), como também os sábios (Pro. 3:35). Marido e mulher devem honrar-se mutuamente (Gên. 30:20; Est. 1:20). Os líderes da Igreja devem ser honrados (I Tim. 5:17). Cristo, em seus ofícios salvífico e medianeiro, deve ser honrado (Heb. 2:7,9). Todos os homens devem ser honrados, especialmente a irmandade dos crentes, — que também devem ser amados (I Ped. 2:17). Os governantes terrenos precisam ser honrados (Rom. 13:7), destacando-se o rei (I Ped. 2:17). Devem os crentes honrar-se mutuamente (Rom. 12:10). O Cristo exaltado deve ser honrado (Apo. 19:1,7), como também a Nova Jerusalém (Apo. 21:24,26).

III. Descrições de Honra

1. Elevadas recompensas e estima prestadas, por motivo de alguma grande realização ou por causa de um caráter moral e espiritual bem formado.

2. Títulos são conferidos, reconhecendo a erudição, as realizações ou os serviços prestados por alguém.

3. É importantíssimo que o indivíduo aprove-se a si mesmo, em vista de suas qualidades morais e espirituais.

4. Dentro da ética cristã, honramos a Deus por ser o Juiz de todos os homens, envolvendo o conceito inteiro das *recompensas* e das *coroas*, sobre o que apresentamos artigos separados. Deus lê os nossos corações, pesa as qualidades espirituais e galardoa de acordo com a honra que cada um merece. Essa honra (no grego, *doksa*), que vem de Deus, é perfeita (João 8:54).

5. A honra conferida por Deus a alguém é distinta do louvor humano, podendo ser obtida mesmo em meio à adversidade (João 5:44).

«Minha honra é minha vida; ambas reduzem-se a uma só coisa;

Tirai-me minha honra, e minha vida será destruída».

(Shakespeare em *Richard II* 1.1,182).

HOOKER, RICHARD

Suas datas foram 1554—1600. Teólogo e autor inglês. Ele é melhor conhecido por seu tratado intitulado *Of the Laws of Ecclesiastical Polity*. Ele apresentou uma defesa clássica da Igreja Anglicana, como uma espécie de *via média* entre o que ele chamava de extremos de Roma e de Genebra. Em outras palavras, ele pensava haver encontrado uma posição intermediária entre o catolicismo e o protestantismo.

Hooker era homem de profunda erudição, dotado de uma qualidade sobre a qual poucos conheciam alguma coisa, na época da Reforma protestante, ou desde então, a saber: tolerância e equilíbrio. Devemos ajuntar que essas qualidades têm sido uma das grandes características da comunidade anglicana, em comparação com outras denominações cristãs.

Hooker serve de notável exemplo histórico disso.

Sua obra, mencionada acima, promovia as seguintes ¹⁴⁴ básicas:

1. Ele distinguiu entre a lei eterna e a lei natural e positiva (ver sobre *Lei Natural*), asseverando que a razão pode descobrir as provisões das leis naturais a que todos os homens estão obrigados a obedecer.

2. Todo governo, civil ou eclesiástico, repousa sobre a aprovação pública, sem importar se diretamente, se indiretamente, ou através dos antepassados. O consentimento, ou o não consentimento, devem ocorrer por consenso universal.

3. A Igreja e o Estado, para ele, eram aspectos de um único governo. Na Inglaterra, ele favorecia o poder real sobre questões religiosas, e não apenas civis. Como é óbvio, ele promovia a união entre a Igreja e o Estado.

HOPKINS, SAMUEL

Suas datas foram 1721—1803. Ele foi um teólogo norte-americano, seguidor de Jonathan Edwards e professor que promoveu o calvinismo radical de Edwards (vide). Seus ensinados podem ser encontrados na obra *System of Doctrines*. A santidade autêntica é definida nessa obra como benevolência desinteressada. O amor próprio é condenado tão radicalmente que Hopkins asseverou que ninguém pode ser salvo se não se libertar do amor próprio. Ele exagerou o ponto ao dar a entender que os eleitos serão amorosos e cheios de benevolência desinteressada, um grande ideal, verdadeiramente, mas raramente exemplificado nos seres humanos. E ele tornou a exagerar quando disse que o auto-amor deve ser tão radicalmente repellido que o indivíduo se disponha, se necessário, a «ser condenado com vistas à glória de Deus». Declarações dessa ordem lançam dúvidas sobre o âmago mesmo do evangelho, que anuncia o amor universal de Deus por todos os homens (ver João 3:16), oferecendo oportunidade de salvação a todos (I Tim. 2:4), até mesmo no lugar de juízo temporário (I Ped. 3:18 — 4:6).

Dificilmente honramos a Deus amando-nos menos do que ele nos ama. Outrossim, o padrão de como amamos aos outros é o modo como amamos a nós mesmos (Mat. 19:19). O amor próprio é perfeitamente legítimo e, de fato, necessário. É um erro quando é exagerado, e assim anula o amor ao próximo. Todos os tipos de problemas psicológicos e espirituais são, criados quando as pessoas não têm amor e nem respeito por si mesmas. Portanto, afirmo com confiança que Hopkins, seguindo diretrizes calvinistas radicais, que reduzem os homens a vermes e autómatos, exagerou em sua doutrina sobre o amor próprio. Embora Hopkins tivesse dito que não devemos ter amor próprio, isso constitui um erro.

Hor, Monte Ver depois de **Hormidas (Papa)**.

HORA

No Antigo Testamento:

Ver o artigo geral sobre *Tempo*. A palavra hebraica assim traduzida é *sa'a*, e a palavra grega é *ora*. No Antigo Testamento, essa palavra nunca é usada para designar um vinte quatro avos do dia, visto que os

HORA — HOREUS

hebreus não dividiam um dia em vinte e quatro partes iguais. A divisão mais primitiva do dia, na sociedade hebréia era: manhã, meio-dia e tarde (Gên. 1:5; 43:15). A noite era dividida em vigílias: a primeira, a média e o amanhecer (Êxo. 14:24; Juí. 7:9; Lam. 2:19). Ao que parece, os babilônios foram os primeiros, ou estiveram entre os primeiros, a dividir o dia em doze partes iguais; e Heródoto afirma (*História*, 2.109) que os gregos derivaram esse costume dos babilônios. O relógio de sol de Acáz (II Reis 20:11; Isa. 38:8), provavelmente também era de origem babilônica. Ver o artigo geral sobre *Vigília*.

No Novo Testamento:

1. Uma hora pode indicar um breve período de tempo (Mat. 26:40).

2. Há referências gerais ao tempo, como terceira, sexta e nona horas, o que corresponde às nossas 9:00 horas, 12:00 horas e 15:00 horas. A adoração era regularmente observada no templo de Jerusalém nas horas terceira e nona (Atos 2:15; 3:1), quando ocorriam os holocaustos matinais e vespertinos.

3. Um doze avos de um dia é um período indicado somente em João 11:9, em todo o Novo Testamento. Contudo, há alusões, em outras passagens, que mostram que, naquele tempo, já existia a noção de que o dia tem doze horas. Assim, encontramos menção à segunda hora (Atos 19:34), à sétima hora (João 4:52) e à décima hora (João 1:39).

4. Uma hora pode indicar um ponto específico no tempo, um momento, um instante. Ver Mat. 8:13; 9:22 e 15:28.

5. Um tempo determinado, como uma intervenção divina nas atividades humanas (Mat. 24:36,44,50; 25:13; Mar. 13:32; Apo. 3:3,10; 9:15; 14:7,15; 18:10).

6. Os principais eventos, ou tempos, quando certas coisas deveriam acontecer como, por exemplo, na vida de Jesus. Cada uma dessas horas fora estabelecida pelo designio de Deus Pai. Ver João 2:4; 12:23,27; 13:1; 17:1; Mat. 26:45; Mar. 14:35; Luc. 22:53. Isso refere-se à providência divina, que determina os eventos e as ocasiões em que tais acontecimentos devem ter lugar. O artigo sobre *Tempo*, *Divisões* do fornece-nos mais detalhes, com a ajuda de um gráfico.

HORÃO

No hebraico, «elevado», «exaltado». Um rei de Gezer tinha esse nome. Ele saiu em socorro de Laquis, quando Josué cercava essa cidade; mas foi derrotado e morto. Ver Jos. 10:33

HORAS CANÔNICAS

Chama-se assim o sistema de orações que são proferidas em horas específicas, durante o dia ou durante a noite. Essas orações e seus horários designados têm várias origens. Pelo menos em parte, originaram-se da vigília primitiva (as vesperais, as matinas e as laudes; ver os artigos a respeito); e também em parte dos momentos devocionais (as terças, as sextas e as nonas, chamadas de pequenas horas de oração; ver o artigo sobre *Pequenas Horas de Oração*). Mas também em parte da vida monástica (as primas e as completas; ver os artigos a respeito). Todo o clero da Igreja Católica Romana observa essas oito diferentes horas canônicas (com leves variações). Consideradas como um todo, intitulam-se o *Divino Ofício*. O âmago desse ofício chama-se saltério.

•••••

HOREBE

Ver o artigo geral sobre o monte *Sinai*. *Horebe* significa «deserto», «sequidão». Ver Êxo. 3:1; 17:6; 36:6; Deu. 1:2,6; I Reis 8:9; II Crô. 5:10; Sal. 106:19 e Mal. 4:4. Alguns supõem que *Horebe* era o nome do pico menor do monte *Sinai*, de onde alguém poderia descer na direção sul; mas outros estudiosos supõem que esse nome designa a cadeia inteira da qual o *Sinai* era apenas um cume específico. A dificuldade de identificação surge do fato de que, nos livros de Levítico e Números, vemos que o *Sinai* foi o lugar onde a lei mosaica foi dada. Porém, no livro de Deuterônimo, *Horebe* é que aparece, nessa conexão. Nos Salmos, entretanto, os dois nomes parecem ser usados intercambiavelmente.

O monte *Sinai* e o deserto que o circunda são distinguidos como o palco onde tiveram lugar os eventos historiados quanto ao distrito de *Horebe*. A totalidade do *Horebe* é chamada de «o monte de Deus», em Êxo. 3:1,13; 4:27 e 17:6. Todavia, o *Sinai* aparece isolado, em trechos como Êxo. 19:11,19,23. Além disso, com freqüência, o *Horebe* é mencionado sozinho, e os mesmos eventos que teriam tido lugar em *Horebe* também teriam tido lugar no *Sinai* (ver Deu. 1:2,6,19; 4:10; 5:2 e 9:8). Escritores posteriores não parecem ter feito distinção entre esses dois nomes, pelo que *Horebe* é usado em I Reis 8:9; II Crô. 5:10; Sal. 106:19; mas *Sinai* ocorre em Juí. 4:5; Sal. 68:8,17. No Novo Testamento, sempre é mencionado o monte *Sinai* (ver Atos 7:30,38; Gál. 4:24,25). Não sabemos em que sentido esses nomes parecem indicar diferentes localizações geográficas, e se ao menos fazem essa distinção.

HORÊM

No hebraico, «devoto». Esse era o nome de uma cidade fortificada do território de Naftali (Jos. 19:38). Ficava ao norte da Galiléia, embora não se saiba, hoje em dia, qual a sua localização exata.

HORESA

No hebraico, «floresta». Esse era o nome de um lugar onde Davi se refugiou quando fugia de Saul. Esse local ficava no deserto de Zife. Ali Davi e Jônatas firmaram um pacto (I Sam. 23:15-19). *Khirbet Khoreisa* tem sido sugerida como o local da antiga localidade. Fica cerca de dez quilômetros ao sul de Hebron.

HOREUS

Esboço:

- I. O Nome e sua Identificação
- II. Referências Bíblicas
- III. Os Hurrianos

I. O Nome e sua Identificação

Nomes alternativos, que aparecem nas traduções, são *hori* e *horins*. Os *horeus* têm sido identificados com certos «habitantes das cavernas» (em nossa versão portuguesa, «enlaçados em cavernas»; ver Isa. 42:22). Talvez haja nisso uma alusão a mineiros. Outros estudiosos, entretanto, pensam que esse nome está ligado ao termo egípcio *hurru*, uma designação de povos da região da Síria-Palestina. Esses povos, juntamente com Israel, figuram na estela de Meremptá, com data por volta de 1220 A.C. Essa palavra egípcia aponta para os hurrianos, um povo não-semita, que fazia parte da população indígena da Síria, no século XVIII A.C., e que também havia

HOREUS — HORMISDAS

ocupado a área chamada Suburu, ou seja, a região do Eufrates: Habur-Tigre.

Sob a liderança do reino de Mitani, eles chegaram a ocupar uma posição dominante na Síria, no sul da Turquia e no leste da Assíria, desde cerca de 1550 A.C., até que os assírios conseguiram subjugar-los, em cerca de 1150 A.C. Essa gente aparece em tabletas em escrita cuneiforme, de Tell Taanach e de Siqém, bem como nas cartas de Tell el-Amarna, especificamente na carta de Arade-Hepa, de Jerusalém, e na carta hurriana de Tushratta a Amenhotep IV, do Egito. Todavia, alguns eruditos afirmam que as várias referências veterotestamentárias existentes não se ajustam a esse povo. Por exemplo, os nomes pessoais dos *horeus*, conforme se vê em Gên. 36:20-30, não se ajustam aos padrões hurrianos, mas antes, parecem ser nomes tipicamente semitas. Ora, os hurrianos não eram um povo semita. E os predecessores dos idumeus, aparentemente, não foram hurrianos.

O nome *horeus* aparece em Gên. 34:2 e Jos. 9:7; e a Septuaginta retém ali esse nome. Quanto ao trecho de Isa. 17:9, tanto o texto massorético quanto a Septuaginta substituem o nome por outras formas. Por essas razões, alguns eruditos supõem que ali há menção aos *horeus* ocidentais e aos *horeus* orientais, sabendo-se que estes últimos foram os antecessores dos idumeus, na região. Nesse caso, os *horeus* ocidentais não eram semitas; mas os *horeus* orientais o eram. Aqueles do ocidente eram aparentados dos hurrianos, que aparecem nos textos extrabíblicos do segundo milênio A.C. Adicionemos a isso que a palavra, quando se refere aos *horeus* orientais, significa «habitantes das cavernas», ao passo que a etimologia do nome dos *horeus* ocidentais é obscura, aparentemente, não relacionada ao outro nome, embora similar ao mesmo.

II. Referências Bíblicas

Os *horeus* foram derrotados por Quedorlaomer e pelo exército mesopotâmico invasor (Gên. 14:6). Eles eram governados por chefes locais (Gên. 36:29,30; em nossa versão portuguesa, «príncipes»). Entretanto, os descendentes de Esaú praticamente exterminaram-nos (Deu. 2:2,22). O nome deles está relacionado ao termo hebraico «hor», que significa «monte» ou «caverna». Se eles não eram mineiros, então, eram uma população primitiva que realmente residia em cavernas. Essa gente parece não estar relacionada em coisa alguma aos hurrianos; mas também não existem evidências arqueológicas que iluminem a cultura deles.

III. Os Hurrianos

Temos procurado mostrar que, provavelmente, houve dois povos diferentes, que foram confundidos um com o outro, devido à similaridade entre seus nomes. No entanto, um desses povos era de origem semita, e o outro, não. Ver o artigo separado sobre os *Hurrianos*.

HOR-GIDGADE

Ver também sobre *Gudgodá*. Esse nome significa «buraco no monte». Foi o trigésimo terceiro lugar onde Israel acampou, — durante suas marchas pelo deserto (ver Núm 33:32,33). O nome *Gudgodá* (Deu. 10:7), evidentemente, é um nome alternativo. Alguns têm identificado esse lugar com o wadi Ghagahed.

HORI

No hebraico, «habitante das cavernas». Há três pontos que precisamos destacar a respeito:

1. Esse era o nome de um dos filhos de Lotã, filho de Seir e irmão de Hemã (Gên. 36:22; I Crô. 1:39), que viveu por volta de 1964 A.C.

2. Também era o nome do pai de Safate, que foi representante da tribo de Simeão, entre os espias enviados para investigar a terra de Canaã, antes da invasão dos israelitas naquele território (Núm. 13:5). Isso teve lugar algum tempo antes de 1657 A.C.

3. Além disso, em Gên. 36:30, no original hebraico, *Hori*, com o artigo definido prefixado, tem o sentido de «o horeu» (em nossa versão portuguesa, «os horeus»), conforme vê, igualmente, em Gên. 36:21, 29.

HORMÁ

No hebraico, «devoção». Esse nome poderia significar «devotado à destruição», ou então, a alusão poderia ser a um antiquíssimo culto religioso. Esse era o nome de uma cidade que foi tomada dos cananeus pelas tribos de Judá e Simeão (Juí. 1:17; Núm. 21:3; Jos. 19:4; I Crô. 4:30). Seu nome original era Zefate. Era uma importante cidade do rei cananeu do sul da Palestina (Jos. 12:14), estando localizada perto do lugar onde os israelitas foram molestados pelos amalequitas, quando, contra o conselho de Moisés, eles tentaram entrar na terra de Canaã por aquele caminho. Ver Núm. 14:45 e comparar com Núm. 21:1-3 e Deu. 1:44.

Quando Israel conquistou a Terra Prometida, esse lugar foi alocado à tribo de Judá (Jos. 15:30); mas, posteriormente, ficou sob a posse da tribo de Simeão (Jos. 19:4 e I Crô. 4:30). Os trechos de Jos. 15:30 e I Sam. 30:30 indicam que o lugar ficava perto de Ziclague. Albright, nos tempos modernos, identificou-o com Tell es-Seri'ha, cerca de vinte quilômetros a noroeste de Berseba. Nesse lugar houve uma extensa civilização pertencente à era do Bronze posterior, mas que continuou ocupado até dentro da idade do Ferro. Tell es-Seba', cerca de cinco quilômetros a leste de Berseba, também tem sido sugerida como o local antigo. O passo de es-Sufa, a sueste dali, também tem sido mencionado pelos estudiosos, embora tudo não passe de conjecturas. Qualquer identificação precisa corresponder à área em torno de Ziclague. O trecho de Jos. 12:14 localiza o local entre Geder e Arade. E o trecho de Jos. 15:30 o situa entre Quesil e Ziclague, ao passo que o trecho de Jos. 19:4 localiza-o entre Betel e Ziclague. Por sua vez, a passagem de Jos. 15:30 indica que ficava no extremo sul, já perto da fronteira com Edom.

HORMISDAS (PAPA)

As datas de seu pontificado foram 514—523 D.C. Ele nasceu em Lácio de uma rica família. Fora casado e tivera um filho, que, curiosamente, também veio a tornar-se papa, com o nome de Silvério, o qual pontificou entre 536 e 537 D.C. Hormisdas fora diácono sob o papa Simaco (498—514 D.C.), ao qual substituiu na sé de Roma. Sua primeira obra importante como papa foi pôr fim ao cisma de Laurêncio, um antipapa. O patriarca Acácio (vide), de Constantinopla, foi o responsável por outro rompimento da unidade. E as negociações para sarar o rompimento resultaram na *Formula Hormisdæ*, que foi citada por autoridade e concílios posteriores. Em 519 D.C., o cisma, finalmente, terminou. Aquela *Fórmula* requeria que os bispos assinassem uma profissão de fé, reconhecendo as doutrinas exaradas no concílio de Calcedônia e pelo papa Leão.

Por sua orientação, Dionísio Exíguo traduziu o cânon da Igreja grega para o latim. Ele também

HOR, MONTE — HORUS

expediu uma nova edição do cânon de Gelásio. Hormisdas faleceu a 6 de agosto de 523 D.C. Sua festa é observada a 6 de agosto.

HOR, MONTE

No hebraico, essa palavra **hor**, significa «monte». Há dois montes com esse nome, nas páginas da Bíblia, a saber:

1. Um monte na Arábia Petrea, localizado nos confins da Iduméia, que faz parte da cadeia montanhosa de Seir ou Edom. Esse monte ficava na linha fronteira do território de Edom (Núm. 20:23). Israel fez uma pausa ali, durante suas peregrinações, depois de ter deixado Cades (Núm. 20:22; 33:37). Dali, os israelitas foram para Zalmona (Núm. 33:41), a caminho do mar Vermelho (Núm. 21:4). E quando estavam acampados em Cades, Aarão morreu, na presença somente de Moisés e de Eleazar, filho de Aarão. Ver Núm. 20:23 ss.

Uma identificação tradicional do lugar é aquele feito por Josefo (*Anti.* 4:4,7), isto é, perto da cidade de Petra, o elevado pico montanhoso Jebel Nebi Harun, que atinge 1465 m de altura, a oeste de Edom. Porém, isso fica longe de Cades, o que contradiz tal informação com o que diz a Bíblia. Um outro monte, Jebel Madurah, perto da extremidade ocidental do wadi Feqreh, um pouco mais para o sudoeste dos passos de es-Sufah e de el-Yemen, parece ajustar-se melhor à narrativa bíblica. Fica na confluência das fronteiras de Edom, de Canaã e do deserto de Zim. Esse monte fica cerca de 24 km a nordeste de Cades, na fronteira nordeste de Edom. Sua proximidade de Cades ajusta-se às descrições bíblicas. Israel começou a se desviar, para circundar o território de Edom, no monte Hor (Núm. 21:4), pelo que foi possível Aarão ser sepultado naquela área (Cades), «...perante os olhos de toda a congregação».

2. Um monte existente ao norte da Palestina, entre o mar Mediterrâneo e a aproximação a Hamate (Núm. 34:7,8), também se chamava monte Hor. Esse monte assinalava a fronteira norte da Terra Prometida. Sem dúvida era um pico proeminente da cadeia do Líbano. As sugestões modernas são o monte Hermom e o Jebel Akkar, este um contraforte do Líbano, embora os estudiosos não estejam certos quanto a essa questão.

HORONAIM

No hebraico, «duas cavernas» ou «dois buracos». Esse era o nome de uma cidade dos moabitas (Isa. 14:5 e Jer. 48:3,5,34). Josefo (*Anti.* 8:23; 14:2) chamou essa cidade, igualmente, de Holón.

O profeta Isaías proferiu oráculos contra Horonaim (Isa. 15:5), tal como o fez Jeremias (Jer. 48:5). Ficava localizada no sopé de uma descida (Jer. 48:5), provavelmente em uma das estradas que levavam do platô dos moabitas até à Arabá, embora sua localização exata nunca tenha sido determinada. Alguns estudiosos identificam-na com a moderna el-Arak. Alexandre Janeu tomou Horonaim dos árabes; mas João Hircano devolveu-a ao rei Arétas, conforme aquelas referências de Josefo o demonstram. — Aparentemente, o povo de Israel não conseguiu conquistar o lugar, quando invadiu a Terra Prometida.

HORONITA

Não se sabe com certeza de onde esse termo se deriva. Alguns pensam que a sua raiz é Bete-Horom, ao passo que outros sugerem Horonaim. Sendo um

adjetivo gentílico, foi usado para indicar Sambalate, em Nee. 2:10,19 e 13:2. Se Bete-Horom é a suposição correta, então Sambalate era samaritano mas, se devemos pensar em Horonaim, então ele seria um moabita. Josefo o chamou de *quiteano*, de onde vieram os samaritanos (*Anti.* 11:7,2). Ver o artigo separado sobre *Sambalate*.

HORÓSCOPO

Ver o artigo separado sobre a *Astrologia*. O termo português *horóscopo* deriva-se do grego *hora*, «tempo» e *skopos*, «observador». Em pauta está a observação do firmamento ou dos corpos celestes, em qualquer dado momento, especialmente por ocasião do instante do nascimento do indivíduo, na suposição de que a posição desses corpos celestes exerce influência sobre os eventos que deverão ocorrer na vida do recém-nascido, durante toda a sua permanência neste mundo. Alguns pensam que isso envolve certa modalidade de *determinismo* (vide), de acordo com o que os corpos celestes, ou mesmo forças naturais, como a da gravidade, exerceriam efeitos sobre os acontecimentos neste mundo. Outros, porém, supõem que não existe qualquer influência direta, mas apenas o que chamam de coincidências significativas, entre as posições dos corpos celestes e os acontecimentos nas vidas dos homens. Temos provido um artigo sobre essa noção, intitulado *Coincidências Significativas*.

Com base nas posições dos planetas e outros corpos celestes, por ocasião do nascimento das pessoas, os astrólogos supõem que são capazes de prever os eventos principais da vida de uma pessoa. Um exemplo dessa atividade é a importância que se dá aos signos do Zodíaco, que surgem no horizonte, no momento do nascimento do indivíduo. O zodíaco (vide) é um arranjo esquemático do circuito do firmamento em doze segmentos, cada segmento com seu sinal ou estrela padrão. As interpretações desses aspectos seguem as regras fixas e costumeiras, estabelecidas pela suposta ciência da astrologia. O que temos a dizer sobre tudo isso está registrado no artigo intitulado *Astrologia*.

HORTELÁ Ver também *Mentha Longifolia*.

No grego, *anethon* (ver Mat. 23:23). Talvez seja a *Pimpinella anisum*, uma erva que floresce. Mas o vocábulo grego, *anethon*, parece significar o aniz (*Anethum graveolins*). Essa planta medrava sem cultivo em Israel. Suas sementes e folhas eram ressecadas para serem usadas. (Ver Mat. 23:23, onde vemos que a planta era artigo sujeito a dízimo. Os gregos e os romanos usavam as plantas com propósitos medicinais. Também era usada como condimento na cozinha). (FA S)

HORUS

Esse era o deus-sol ou deus do firmamento dos egípcios, durante o reino antigo. Era honrado, especialmente, pelos governantes do Baixo Egito, a região do delta do rio Nilo. Dentro do mito de Osíris (vide), Horus era o filho que derrubou Sete (vide), irmão de Osíris. Tendo realizado isso, Horus tornou-se o governante do mundo inferior.

Por ser filho de Osíris e de Isis, Horus vingou a morte de seu pai e tornou-se rei depois dele. Desse modo ele se tornou o deus pessoal e o protetor dos Faraós egípcios. Era adorado por todo o Egito, embora houvesse centros especiais de culto a ele, em Behdet, Hierakonopolis e Idfu. Ver o artigo sobre o *Egito*, em sua quinta seção, quanto a informações

sobre as religiões daquele antiqüíssimo país.

HOSA

No hebraico, «esperançoso». Esse é o nome de uma personagem e de uma cidade, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um levita merarita, porteiro do templo. Foi nomeado para tal cargo por Davi (I Crô. 16:38; 26:10,11,16). Antes de ser-lhe conferida essa tarefa, fora feito porteiro da tenda que abrigava a arca da aliança, que fora trazida para Jerusalém (I Crô. 16:38). Ele e seus familiares, depois que começaram a trabalhar no templo, tornaram-se os responsáveis para conseguir seis guardas para o portão ocidental.

2. Hosa também era o nome de uma cidade da tribo de Aser, a qual, em certa altura de sua história, ficava na linha da fronteira, quando esta se voltava na direção de Tiro, já perto de Aczibe (Jos. 19:29). Apparently ficava ao sul da cidade de Tiro. Alguns estudiosos modernos têm-na identificado com a aldeia de EL *Ghazieh*, embora o local não seja conhecido com qualquer grau de certeza.

HOSAÍAS

No hebraico, «Yahweh salvou». Esse é o nome de duas personagens bíblicas, ambas do Antigo Testamento:

1. Um homem que conduziu em cortejo os príncipes de Judá, quando da celebração por causa do término da reconstrução das muralhas de Jerusalém, nos dias de Neemias (Nee. 12:32), o que sucedeu por volta de 446 A.C.

2. O pai de Jezanias ou Azarias. Hosaías foi um dos líderes do povo após a queda de Judá, que resultou no cativeiro babilônico. Ele foi se aconselhar com Jeremias, no tocante a ficar ou não em Jerusalém. Ver Jer. 42:1; 43:2 e comparar com II Reis 25:23,24. A questão envolvia um remanescente da tribo de Judá, que não fora deportado. Isso ocorreu por volta de 586 A.C.

HOSAMA

No hebraico, «aquele a quem Yahweh ouve». O trecho de I Crô. 3:18 menciona esse homem como um filho de Jeconias (Joaquim), o penúltimo dos reis de Judá. Contudo, os filhos de Jeconias não são mencionados noutra passagem, juntamente com outros membros da família (ver II Reis 24:12,15). Além disso, o trecho de Jer. 22:30 fala de Jeconias como um homem «como se não tivera filhos». Nossa versão portuguesa não diz categoricamente que ele não teve filhos, mas apenas que ficou como se não os tivera tido. Mas, pensando que a passagem diz, realmente, que Jeconias não teve filhos, alguns estudiosos imaginam que houve alguma corrupção na genealogia da família real, no terceiro capítulo de I Crônicas. É possível que esse filho tenha nascido depois que as Escrituras disseram que ele seria sem filhos, o que pode ter acontecido durante o tempo do cativeiro babilônico, do qual Jeconias participou. O tempo foi cerca de 597 A.C.

HOSANA

Essa palavra portuguesa passou pelo grego, derivado do hebraico, *hosha'na*. *Hosha* significa «salvar»; e *na* significa «rogar», «orar». Portanto, temos aí uma exclamação ou invocação, dirigida a Deus: «O, salva-nos»; ou então: «O, salva agora».

Seria um pedido da assistência divina. Encontra-se em Salmos 118:25. Posteriormente, porém, veio a tornar-se uma jubilosa exclamação, cujo intuito é louvar a Deus. Em Marcos 11:9,10 e seus paralelos, em Lucas e Mateus, é uma exclamação usada dessa maneira. Talvez pudéssemos dizer que o povo de Israel desejava que o Filho de Davi fosse *preservado* e se firmasse em sua missão. Mais provavelmente ainda, seria apenas uma exclamação de júbilo, acolhimento e honra, sem qualquer alusão ao seu sentido original. Ver Jer. 31:7, quanto a esse uso posterior.

Essa exclamação fazia parte da festa dos Tabernáculos. O sétimo dia dessa festividade veio a ser conhecido como o *Grande Hosana*, ou *Dia de Hosana*. Essa festa era celebrada no mês correspondente ao nosso setembro, imediatamente antes do começo do ano civil. O povo levava palmas, murtas, etc. Ver Josefo (*Anti.* 13:13,6; 3:10,4). Eles repetiam os versículos 25 e 26 do Salmo 118, que começam com a palavra *Hosana*. Quando essa palavra era proferida, todos sacudiam os ramos que traziam nas mãos. Foi em face desse detalhe que a festa veio a ser chamada, alternativamente, de *Hosana*. As mesmas coisas eram observadas na festa de *Encaenia*, ou festa da reconagração do templo de Jerusalém, instituída por Judas Macabeus (I Macabeus 10:6,7; II Macabeus 13:51; Apo. 7:9). Clamores de *Hosana* e o sacudir de palmas e ramos também faziam parte dessa festa, como expressão de júbilo.

Para os cristãos, essas palavras são melhor conhecidas por causa de sua associação com a entrada triunfal de Cristo, em Jerusalém. Ver o artigo sobre a *Entrada Triunfal*. As pessoas, estando acostumadas a expressar sua alegria dessa maneira, fácil e naturalmente transferem os mesmos atos quando querem saudar a Jesus, sem qualquer referência àquela festa religiosa. Isso acontecia espontaneamente, nas festas religiosas.

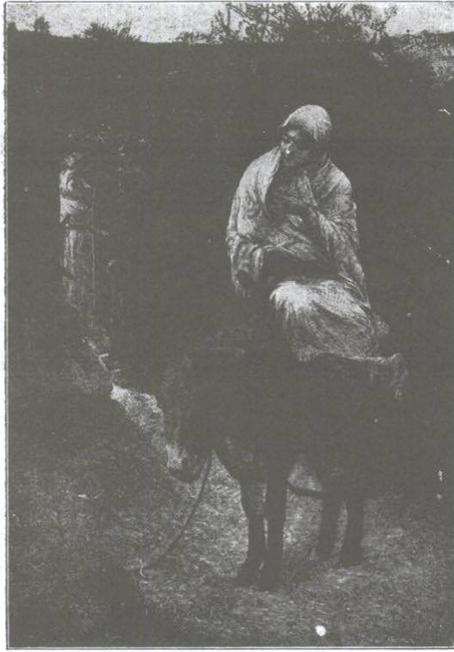
HÓSIUS

Ele foi bispo de Córdoba, na Espanha, por volta de 295 D.C. Tornou-se um campeão da ortodoxia, contra os avanços do arianismo (vide). Era um dos conselheiros do imperador Constantino quando teve lugar o conflito com os donatistas (vide). Presidiu o concílio de Nicéia. Atanásio era seu amigo pessoal. Em 351 D.C., sob pressão, ele assinou uma declaração de tendências arianas. Ver o artigo intitulado *Elvira, Sinodo de*. Tentou resistir às pressões do Estado. Após a morte de Constantino, os sucessores deste mandaram chamar Hósius de volta, à residência imperial, em Sirmium e Milão, na tentativa de fazê-lo aceitar as posições religiosas deles.

Atanásio sumariou a posição de Hósius em seu livro *História dos Arianos*. Morreu na Espanha, ou então em Sirmium, por volta de 353 D.C.

HOSKYNS, SIR EDWYN

Seus livros, *Essays Catholic and Critical, The Christ of the Synoptic Gospels* e *The Riddle of the New Testament* (em co-autoria com F.N. Davey, um de seus alunos), contrabalançaram os escritos de liberais extremados, que haviam prejudicado profundamente os conceitos da autoridade e da unidade da Bíblia. Hoskyns tentou mostrar que o estudo rigoroso e o exame crítico, longe de separarem os chamados Jesus histórico e o Jesus teológico, na verdade tendem por unir os dois conceitos. Ver meu artigo sobre *Satya Sai Baba*, como demonstração de que esse pode ser o caso. Acontecimentos e reivindicações misteriosas não

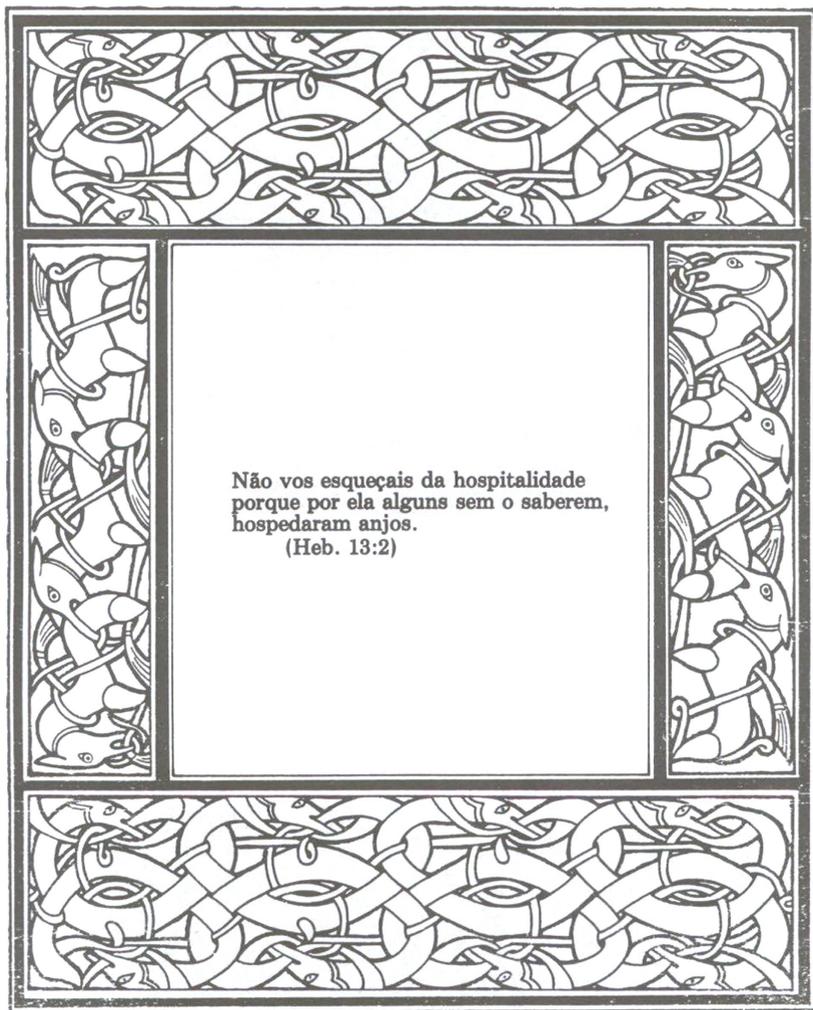


Guy Rose.

Não havia lugar para eles na hospedaria.



Hospedaria (Kahn) antiga



Não vos esqueçais da hospitalidade
porque por ela alguns sem o saberem,
hospedaram anjos.
(Heb. 13:2)

Borda decorativa, evangelho de
João, Livro de Durrow

HOSPEDARIA — HOSPITAIS

são, necessariamente, invenções mitológicas. Nosso mundo contém muitos fenômenos que a ciência ainda não é capaz de explicar ou de descartar-se dos mesmos. Hoskyns traduziu a obra de Karl Barth, *Romerbrief* (Comentário sobre a Epístola aos Romanos), e assim permitiu que esse conhecimento chegasse aos leitores ingleses. Isso ele juntou, em certa medida, a certo pensamento dos anglo-católicos da comunhão anglicana. Sua obra, *Fourth Gospel* (em co-autoria com Davey), foi um estudo vigoroso sobre o evangelho de João.

Hoskyns nasceu em 1884 e faleceu em 1937. Seus escritos e ensinamentos, em Cambridge, têm exercido grande influência quanto à interpretação erudita do Novo Testamento.

HOSPEDARIA

No hebraico temos a considerar uma palavra, e no grego, duas, quanto a este verbete, a saber:

1. *Malon*, «acampamento», «hospedaria». Essa palavra ocorre por oito vezes, conforme se vê em Gên. 42:27; 43:21; Êxo. 4:24; Jos. 4:3,8; II Reis 19:23; Isa. 10:29 e Jer. 9:2. O sentido básico dessa palavra é «permanecer», «demorar-se».

2. *Katáluma*, «descanso», «parada». Esse substantivo também significa *soltura*. Com o sentido de «hospedaria» aparece somente por uma vez, em Luc. 2:7.

3. *Pandocheion*, «casa de receber», «estalagem». Esse vocábulo também só aparece por uma vez, em Luc. 10:34.

Ver o artigo separado sobre a *Hospitalidade*. As hospedarias eram uma das formas de prover hospitalidade.

Nos comentários rabínicos sobre o trecho de Josué 2:1 (comparar com Josefo, *Anti.* 5:1,2), Raabe é chamada de «estalajadeira». Sabemos que as antigas hospedarias eram covis de ladrões e prostitutas, sendo possível que Raabe tivesse uma dupla ocupação: provia hospitalidade e sexo. Nessa conexão, é curioso que os esquimós das regiões do extremo norte do continente norte-americano provêm aos viajantes que por ali passam tanto a hospitalidade comum como uma mulher para ficar com o viajante durante a noite, mulher essa que, com freqüência, é a esposa do hospedeiro! Todavia, essa prática está vinculada a casas particulares, e não a hospedarias. Minhas fontes informativas a esse respeito dizem que as estalajadeiras, com freqüência, eram também prostitutas, nos tempos dos romanos. Condições como essas encorajavam a hospitalidade em residências particulares, para nada dizermos sobre os perigos físicos e econômicos com que se defrontavam os viajantes. Sabemos, pelas páginas da história que, nos tempos pré-romanos, isto é, nos tempos gregos, as hospedarias eram comuns. Por causa dos perigos próprios desses lugares, os ricos mantinham seus próprios postos de parada, que em latim eram chamados *deversoria*, ou «casas de hospedagem». Além das mulheres que se envolviam com as estalagens, vemos que escravos e libertos também se ocupavam na supervisão de tais lugares.

Um dos mais importantes incidentes do nascimento de Jesus foi o fato de que não havia lugar na estalagem, para José e Maria (Luc. 2:7), o que tem sido usado como ilustração da relutância dos homens em receberem o Salvador, em incontáveis sermões. Provavelmente, a estalagem em questão era uma espécie de casa de hóspedes, e não qualquer coisa parecida com um hotel moderno. A palavra grega *katáluma* é usada para referir-se ao *cenáculo*, onde

Jesus comeu a páscoa em companhia de seus discípulos (Mar. 14:14).

A hospedaria da história do bom samaritano (Luc. 10:34) é mencionada mediante o uso de uma palavra grega diferente, *pandocheion*, que significa «toda recebedora» (tradução literal) ou «estalagem». Su-põem os estudiosos que há ali menção a uma hospedaria comercial verdadeira, em contraste com o quarto de hóspedes da história de Jesus. Existe atualmente uma hospedaria chamada Khan Hathrur, localizada entre Jerusalém e Jericó, que talvez seja similar àquelas dos tempos antigos. Consiste em um grande edifício com um portal em arcada, que permite a entrada para um pátio, com um poço bem no centro. Os lugares que existem atualmente em rotas de caravanas, assemelham-se muito a isso. Algumas dessas estalagens têm dois pisos, lugares para guardar bagagens e animais, além de salas para os hóspedes dormirem.

Os antigos *khans*, postos de hospedagem para as caravanas, eram lugares onde homens e animais podiam descansar, comer e dessedentar-se, estando localizados perto de riachos, poços ou mananciais (Êxo. 4:24; Gên. 42:37). Sempre havia alguma construção, circundando um pátio aberto, com arcadas em redor e um terraço (Jer. 9:2). Com a passagem do tempo, esses lugares passaram a ser equipados com salas para os viajantes dormirem. Outrossim, havia espaço para os viajantes armarem suas próprias tendas, se quisessem fazê-lo. Assim, embora o sistema começasse bem simples, houve desenvolvimentos interessantes, com a passagem dos séculos. Muitas estalagens modernas (chamadas motéis ou hotéis) são lugares de grande luxo ambiental. Nos Estados Unidos da América do Norte, onde a palavra «motel» está associada a turismo (e não com a prostituição, como no Brasil), as principais estradas dispõem de motéis que são verdadeiras cidades em miniatura, com lojas, postos de gasolina, piscinas, etc.

HOSPITAIS

Há um grande significado ético nessa palavra, visto que um hospital é um local cuja finalidade é a cura de enfermidades que atacam os seres humanos, requerendo a atenção de profissionais, como médicos e enfermeiros, etc.

Os hospitais são instituições bem antigas. Tão cedo quanto 4000 A.C., há evidências de que os sumérios já dirigiam hospitais. Plínio informa-nos de que no Egito, já desde o século XI A.C., havia casas para onde os pobres se retiravam por certos períodos, para tratamento de suas doenças. Podemos supor que os abastados tratavam-se em suas próprias casas, por médicos que atendiam a domicílio. No século III A.C., Asoka, governador da Índia, ordenou que fossem estabelecidos hospitais por todos os seus domínios. Alguns desses hospitais duraram por muitos séculos, servindo de centros para o tratamento de muitas enfermidades. A crença budista de que toda vida é sagrada serviu de inspiração dessas instituições. Hospitais foram estabelecidos não somente para servir seres humanos, mas também para tratamento de animais, e até de insetos. *Esse* tipo de hospital continuava existindo na Índia no século XIX D.C. O que minhas fontes informativas não dizem é como eles conseguiram tratar os insetos!

Antigos templos também eram lugares onde as pessoas buscavam cura, como no caso dos templos dedicados a Asclépio, o deus grego da cura. No século I D.C., em Roma, Lucius Junius Moderatus Columella escreveu sobre enfermarias reservadas aos

HOSPITAIS — HOSPITALIDADE

escravos, e Sêneca diz-nos que até cidadãos romanos freqüentavam tais lugares, em busca de cura para seus males. Médicos particulares contavam com enfermarias, em Roma antiga; e Galeno informa-nos de que, no império romano, havia hospitais mantidos por fundos públicos. Escavações feitas em Pompéia têm encontrado instituições semelhantes a hospitais.

Também havia hospitais para as forças armadas e para os membros da família imperial. Basílio estabeleceu um hospital em 369 D.C., em Cesaréia, na Capadócia. Uma mulher cristã, de nome Fabíola, era a força inspiradora que estabeleceu um hospital ou uma instituição de caridade em Roma, no século IV D.C. Os hospitais, como uma instituição, têm seu passado formativo nos hospitais romanos, criados por influência dos cristãos.

Na Idade Média, floresceu o conceito de hospital. Isso ocorreu tanto no Oriente islâmico quanto no Ocidente cristão. Nos países do Oriente Médio, os governantes eram a força que atuava atrás do estabelecimento de hospitais. A história revela-nos a existência de trinta e quatro hospitais, no mundo islâmico, até o século XIII. A medicina, pois, desenvolveu-se como ciência avançada, e alguns hospitais serviam como escolas de medicina.

No Ocidente, os hospitais eram dirigidos, essencialmente, pela Igreja Católica. Alguns mosteiros tinham um *infirmatorium*, que servia para tratar dos doentes. No século XII, foi fundado em Montpellier o Hospital do Espírito Santo, tendo servido de modelo para muitos outros hospitais na Europa. O papa Inocente III sancionou a ordem do Espírito Santo, em 1198, uma ordem religiosa que estabeleceu e dirigiu muitos hospitais. Guildas de artífices participavam da construção de hospitais, encorajando os ricos a contribuírem para essa causa.

Pelos fins do século XV, a Europa já contava com um sistema hospitalar. Na Inglaterra, por exemplo, havia nada menos de setecentos e cinquenta hospitais, dos quais duzentos e dezesseite beneficiavam aos leprosos. Florença, na Itália, com uma população de cerca de noventa mil habitantes, tinha dez hospitais.

Durante a Renascença, na Europa, os hospitais permaneceram intimamente ligados à Igreja. Quando Henrique VIII dissolveu o sistema de mosteiros, desapareceu o sistema de hospitais, na Inglaterra. Alguns estabelecimentos locais passaram a ser dirigidos por oficiais do governo local; mas muitos desses estabelecimentos não conseguiram sobreviver.

Com o tempo, diminuiu na Europa a dependência à Igreja, e os governos municipais se encarregaram da direção dos hospitais. Os hospitais também começaram a ser centros de estudo da medicina, e não apenas lugares para tratar os enfermos. O ensino à beira dos leitos de enfermos foi estabelecido em Leyden, em 1626, uma tendência que se propagou para outros lugares. Já pelo século XVIII, tornou-se comum o hospital-escola, e os governos envolveram-se pesadamente na questão, embora, como é óbvio, a Igreja Católica Romana nunca tivesse perdido a sua importância nessa área.

Nas Américas, instituições hospitalares, modeladas segundo aquelas da Europa, foram introduzidas pelos conquistadores espanhóis. Governos e igrejas promoviam a idéia. A maioria dos hospitais, porém, até o começo do século XX, pertencia à Igreja ou a instituições particulares.

Sempre houve uma forte ligação entre as modernas missões cristãs e os hospitais. Os requisitos do amor cristão requerem que o movimento missionário faça mais do que simplesmente pregar. Jesus recomendou que se cuidasse dos enfermos (Mat. 25:36 ss), e a cura

era uma parte importante do ministério do Senhor. Era apenas natural e necessário que as missões cristãs incluíssem e formalizassem instituições para a cura do corpo. O dom de curas foi conferido com a mesma finalidade. Ver os dois artigos separados sobre *Curas e Curas Pela Fé*. Não há nenhuma diferença moral entre curar por meios naturais e curar por meios espirituais, exceto nas mentes dos fanáticos.

Provavelmente, o mais antigo hospital existente é o Hotel Dieu, na cidade de Lyons, que data de cerca de 542 D.C. Mas a lei do amor, que promove curas de todas as espécies, tanto para o corpo quanto para a alma, é instituição de Deus.

HOSPITALIDADE

Essa palavra portuguesa deriva-se do termo latino *hospitalis*, que significa «de um hóspede». A hospitalidade, pois, é a cortesia que oferecemos a algum hóspede ou convidado. Consiste na prática de mostrar-se gentil e generoso para com os visitantes e, por extensão, para com qualquer outra pessoa. O Novo Testamento grego, para indicar essa idéia, emprega o vocábulo *philoksenia*, que significa «amor aos estranhos». Na forma nominal, a palavra é usada somente por duas vezes, em todo o Novo Testamento, em Rom. 12:13 e em Heb. 13:2. Em sua forma adjetivada é usada por três vezes (I Tim. 3:2; Tito 1:8 e I Ped. 4:9) com o sentido de «hospitaleiro». As duas primeiras dessas passagens referem-se aos deveres dos anciãos ou diáconos das igrejas; e a última delas recomenda a prática geral da hospitalidade, entre os irmãos.

Esboço:

- I. Declaração Geral
- II. Uma Prática (Hábito)
- III. Uma Virtude Cardinal
- IV. O Valor da Hospitalidade:
 - Expressão do Amor
- V. No Antigo e no Novo Testamento
- VI. Implicações Éticas

I. Declaração Geral

Heb. 13:2: *Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns sem o saberem, hospedaram anjos.*

(Quanto a versículos-chaves sobre a hospitalidade uma forma de amor, e onde aparecem notas expositivas detalhadas, ver Rom. 12:13 no NTI; quanto à idéia de «dado à hospitalidade», ver I Tim. 3:3, a mesma expressão usada acerca dos líderes eclesiais, como uma das qualidades requeridas da parte deles; ver ainda Tito 1:8, bem como as notas expositivas ali existentes no NTI sobre o tema «amante da hospitalidade». Ver também I Ped. 4:9 e I Tim. 5:10, onde se vê que a hospitalidade é um dos testes do caráter cristão).

A hospitalidade deve ser prestada sobretudo aos estranhos (ver Heb. 13:2), aos pobres (ver Isa. 58:7; Luc. 14:13), e até mesmo aos inimigos (ver II Reis 6:22,23 e Rom. 12:20). (Quanto a vários exemplos de hospitalidade, ver os episódios que envolvem Melquisedeque, em Gên. 14:18; Abraão, em Gên. 18:3-8; Ló, em Gên. 19:23; Labão, em Gên. 24:31; Jerro, em Exo. 2:20; Manoá, em Jui. 13:15; Samuel, em I Sam. 9:22; Davi, em II Sam. 6:19; Barzilai, em II Sam. 19:32; a mulher sunamita, em II Reis 4:8; Neemias, em Nee. 5:7; Lídia, em Atos 16:15; Jasom, em Atos 17:7; Mnason, em Atos 28:3; Públio, em Atos 28:7; Gaio, em III João 5,6).

Nos dias do N.T. era necessário que os cristãos acolhessem irmãos na fé que eram viajantes,

HOSPITALIDADE

porquanto as antigas hospedarias viviam infestadas de assaltantes e prostitutas, e havia poucos lugares públicos onde um crente se sentisse à vontade para passar a noite ou para ali hospedar-se por breve período. (Ver Theophrastus, Char. 6:5). Josefo (ver *Antiq.* vi.1) preserva uma tradição judaica no sentido de que Raabe, a prostituta, era proprietária de uma hospedaria. Podemos mesmo supor que a maioria das hospedarias antigas eram pouco mais do que bordéis.

II. Uma Prática (Hábito)

«...praticando-a, sem o saber acolheram anjos...» O autor sagrado vê nisso um incentivo especial à hospitalidade; é que alguns, praticando-a, tiveram o grande privilégio de abrigar, temporariamente ao menos, seres angelicais, os quais, sem dúvida alguma, por alguns momentos, se transformavam para que parecessem homens. Naturalmente, alguns dos pais da igreja, como Orígenes, especulavam que os anjos não são diferentes da alma humana, pertencendo ao mesmo «tipo» de ser, exceto que não caíram em pecado, tendo retido, por isso mesmo, os atributos e poderes espirituais que, no homem, foram tremendamente debilitados por causa do pecado. No A.T. temos várias histórias de contacto entre os homens e os anjos, em que homens ofereceram hospedagem a anjos. (Ver o décimo oitavo capítulo de Gênesis, Sara e Abraão; ver o décimo nono capítulo do mesmo livro, Ló; ver o décimo terceiro capítulo do livro de Juízes, Manoá. (Ver também Mar. 14:8; Atos 12:16. E, nos escritos clássicos, ver Aristófanes, *Vespas*, 517; *Escrótoto* i.44; *Hom.* il.xii.273). Os gregos entretinham a noção de que qualquer estranho poderia ser um deus disfarçado.

III. Uma Virtude Cardinal

«A hospitalidade era, peculiarmente, uma virtude oriental. No Livro dos Mortos, do Egito, um juízo elogiadador era conferido a quem tivesse alimentado os famintos e vestido os nus. O A.T. abunda de ilustrações da prática da hospitalidade; e a hospitalidade dos árabes e beduínos é familiar, através dos escritos de viajantes pelo Oriente. Grande valor era dado a esse dever, por parte dos gregos, conforme aparece constantemente nos escritos de Homero e outros. A hospitalidade, realmente, era considerada um dever religioso. O estranho ficava sob a proteção especial de Zeus, o qual era chamado «o deus do estrangeiro» (no grego, *ZENIOS*). Os romanos reputavam uma impiedade, qualquer violação dos ritos de hospitalidade. Cícero disse: 'Parece-me eminentemente apropriado que os lares de homens distinguidos se abra para hóspedes distintos e é uma honra para a república que aos estrangeiros não falte qualquer tipo de liberalidade em nossa cidade'. (*De Off.* ii.18)». (Vincent, *in loc.*)

Pode-se observar, no trecho de Mat. 25:40, que o próprio Jesus se identificou com os necessitados e desabrigados, considerando que o tratamento dado aos mesmos era tratamento dado à sua pessoa. Essa passagem ensina-nos que o amor a Deus é expresso pelo amor ao próximo. A grande maioria dos homens é incapaz de amar a Deus diretamente, pela ascensão mística da alma. Mas todos os homens podem amar a Deus e ao seu filho, amando aos outros. Isso, espiritualmente falando, é que dá corpo à hospitalidade.

Filo, comentando sobre a narrativa da visita angelical a Abraão, diz «Ninguém se mostra tardio na prática da hospitalidade; mulheres e homens, escravos e livres, igualmente, empenham-se por servir aos estrangeiros».

Os escritores morais entre os judeus alistavam a hospitalidade como uma dentre as seis mais importantes virtudes que um homem pode ter, e que serão galardoadas no mundo vindouro. (Ver Talmude *Bab. Sabbat*, fol. 127.1).

IV. O Valor da Hospitalidade:

Expressão do Amor

Qual é o valor da hospitalidade? A mais importante lição deste versículo, além daquela atinente ao batismo, é o fato óbvio da hospitalidade de Lídia. «...é nos constrangeu a isso...» Ela convenceu àqueles mestres cristãos, que vinham de tão longe, a permanecerem em sua casa, tendo-lhes provido todo o necessário para o seu conforto. Os missionários cristãos eram estrangeiros em uma terra estranha, mas ela fez o que estava ao seu alcance para que se sentissem à vontade. Contraste-se esse tratamento com o que usualmente tinham de enfrentar perseguições, ódio e desconfiança.

Devemos notar, além dessas sugestões, que a importância da hospitalidade é frisada pelo fato de que se trata de um dos requisitos do caráter daquele que aspira ao pastorado: «É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, *hospitaleiro*, apto para ensinar». (1 Tim. 3:2). Essa condição é repetida no trecho de Tito 1:8: «...antes, *hospitaleiro*, amigo do bem, sóbrio, justo, piedoso, que tenha domínio de si...» Por semelhante modo, é uma virtude recomendada no caso de todos os crentes, como uma das características que devem acompanhar a piedade cristã: «...compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade...» (Rom. 12:13). Pedro também descreve a hospitalidade como uma das virtudes cristãs: «Sede mutuamente hospitaleiros, sem murmuração» (1 Ped. 4:9).

A hospitalidade é uma importante virtude porque é uma forma prática de alguém dar *de si mesmo*; e aqueles que mais dão de si mesmo são os que mais se assemelham a Jesus Cristo, que nunca poupou coisa alguma de si mesmo, em seu serviço aos outros. Aqueles que servem aos seus semelhantes, na realidade estão servindo a Deus e a seu Cristo, conforme aprende-se claramente em Mat. 25:35, bem como no contexto geral desse versículo. Quicá em nossa ansiedade de meditar sobre a verdadeira doutrina e de ensiná-la, tenhamos-nos olvidado da doutrina prática do amor e da simpatia humanos, que obviamente se revestem de tanta importância na totalidade dos ensinamentos do Senhor Jesus. O exame feito no código de ética do Senhor, isto é, nos capítulos quinto a sétimo do evangelho de Mateus, o *Sermão da Montanha*, revela-nos essa verdade claramente. Tiago também expressou esse conceito geral ao escrever: «A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo» (Tia. 1:27).

Na vereda que é preciso tomarmos, em nosso retorno a Deus, o amor é o fator isolado mais importante da expressão do caráter. Foi Deus e seu Filho quem amaram supremamente a este mundo perdido e corrupto, e aquele que conhece a Cristo haverá de imitar quase naturalmente essa qualidade. O caminho de volta para Deus torna-se mais curto, a estrada da perfeição é mais breve, quando é liberalmente agraciada pelo amor aos próprios semelhantes. Crescemos até à estatura de Cristo muito mais prontamente quando exercemos esse espírito e somos possuídos por essa atitude, que é o vínculo da perfeição, no dizer do apóstolo Paulo. (Ver Col. 3:14). O amor, entretanto, é um dos aspectos do

HOSPITALIDADE — HOTMAN

fruto do Espírito Santo, segundo lemos no trecho de Gál. 5:22, o que significa que é um produto do desenvolvimento espiritual, e não meramente uma emoção humana. Ver o artigo sobre o *Amor*, como princípio orientador no seio da família de Deus. Ver João 14:21 e 15:10

V. No Antigo e no Novo Testamentos

No mundo bíblico, a hospitalidade era uma virtude altamente valorizada, especialmente entre aqueles que viviam como nômades. Desse modo, um viajante podia evitar as antigas estalagens, sempre tão infestadas de ladrões e prostitutas. Desse modo, ele conseguia abrigo, alimento e descanso. Em alguma outra ocasião, chegaria a sua vez de retribuir à hospitalidade. Ver o artigo separado intitulado *Hospedaria*.

No Antigo Testamento

Exemplos dessa prática podem ser vistos nas vidas de Melquisedeque (Gên. 14:18); de Abraão (Gên. 18:3-8); de Ló (Gên. 19:2,3); de Labão (Gên. 24:31); de Jetro (Êxo. 2:20); de Manoá (Juí. 13:15); de Samuel (I Sam. 9:22); de Davi (II Sam. 6:19); de Barzilai (II Sam. 19:32); da mulher sunamita (II Reis 4:8); de Neemias (Nee. 5:17) e de Jô (Jô 31:17,32).

A mais famosa narrativa sobre hospitalidade, em todo o Antigo Testamento, foi o incidente de como Abraão entreteve, sem saber, três anjos. Isso tornou-se uma espécie de promessa, no sentido de que a hospitalidade poderia ser uma fonte de visitação celestial; e assim um outro motivo veio encorajar essa virtude.

A hospitalidade, entre os povos nômades, foi preservada em Israel, mesmo depois da conquista da Terra Prometida, e que os israelitas deixaram de vaguear. A hospitalidade servia de meio de intercomunicação entre culturas diferentes, como no caso de Salomão, que recebeu muitos estrangeiros, a fim de compartilhar de sua mesa suntuosa (I Reis 4:22 ss, 10:4 ss). Neemias, o governador de Jerusalém, servia a mesa, diariamente, a cento e cinqüenta seus compatriotas, além de muitos estrangeiros (Nee. 5:17 ss).

O costume ditava que um hóspede podia ficar com seu lugar de descanso e alimentação por três dias consecutivos. Quando ele partia, sua segurança era garantida por certa parte do percurso. Naturalmente, havia abusos, como no caso de Ló (Gên. 19:1-8), ou do idoso homem de Gibeá (Juí. 19:16-24).

No Novo Testamento

Os exemplos de hospitalidade, nos dias do novo pacto, são os dos samaritanos (João 4:40); de Lídia (Atos 16:15); de Jasom (Atos 17:7); dos habitantes da ilha de Malta (Atos 28:2); de Públio (Atos 28:7); de Gaio (III João 5,6), e, naturalmente, de Paulo, que ficou no lugar de Filemom, quando isso foi necessário (File. 22).

Havia hospedarias nas cidades principais; mas, por causa dos frequentes furtos e do assédio constante das meretrizes, muitos viajantes preferiam encontrar lugar de abrigo em casas particulares.

Jesus praticou o espírito da hospitalidade, acolhendo as multidões (Mar. 6:30-44; 8:1-10). Mas ele mesmo tirou vantagem da hospitalidade alheia (Luc. 7:36-50; 14:1-14; 10:38-42; Mat. 26:6-13; Luc. 24:29-32). A hospitalidade ajudava os ministros do evangelho, enquanto viajavam em suas jornadas evangelísticas, como quando Pedro foi recebido por Cornélio, em Cesaréia (Atos 9:43; 10:5; 23:48). Há vários outros exemplos disso, acima. A hospitalidade é ordenada aos crentes em geral (Rom. 12:13 e I Ped. 4:9), é requerida da parte dos ministros de Cristo (I

Tim. 3:2; Tito 1:8), e serve de comprovação do caráter cristão (I Tim. 5:10). Os estrangeiros deveriam receber a hospitalidade dos residentes locais (Heb. 13:2), e até mesmo os inimigos (Rom. 12:20).

VI. Implicações Éticas

1. Aquele que quiser ser servido, também deve servir ao próximo. Ninguém é tão grande que não precise da ajuda alheia. E ninguém é tão humilde que não possa servir a outros.

2. A hospitalidade é um dever (Gên. 18:1-8; 19:1-11; Rom. 12:20; I Tim. 3:2).

3. A hospitalidade deveria ser uma expressão de amor, e não uma medida egoística que é capaz de garantir para o indivíduo, em ocasião futura, a ajuda que esse indivíduo poderá vir a precisar. Por isso mesmo, Jesus falou especificamente contra a hospitalidade que é oferecida com propósitos interesseiros (Luc. 14:12).

4. Deus é um doador sem medidas (João 3:16; Rom. 5:6 ss). Isso nos provê o exemplo necessário, para agirmos em consonância com nossa posição de filhos de Deus.

HÓSTIA

Essa palavra vem do latim, *hostia*, que significa «vítima». Essa palavra refere-se ao pão da eucaristia, que a Igreja ocidental pensa que se transforma no corpo, na alma e na divindade de Cristo, quando é oferecido por ocasião da missa (vide) Ver o artigo separado sobre a *Transubstanciação*, e também sobre a *Consubstanciação*. Ver também sobre *Ceia do Senhor*.

HOTÃO

No hebraico, «anel de selar». Esse é o nome de duas personagens, mencionadas no Antigo Testamento:

1. Um membro da tribo de Aser, cujo nome encontra-se nas genealogias, em I Crô. 7:32. Talvez se trate do mesmo Helém do vs. 35 do mesmo capítulo. Viveu por volta de 1640 A.C.

2. Um homem de Aroer era assim chamado. Ele foi pai de dois dos trinta poderosos guerreiros de Davi (I Crô. 11:44). Viveu por volta de 1000 A.C.

HOTIR

No hebraico, «(Deus) deixa», ou seja, «(Deus) torna abundante». Ele era o décimo terceiro filho de Hemã, que, com onze de seus parentes, estava encarregado da vigésima primeira divisão dos cantores levitas (I Crô. 25:4,28). Viveu por volta de 1000 A.C. Os últimos nove nomes daquela lista não se acham em qualquer outra nomenclatura hebraica, pelo que alguns estudiosos têm pensado que seriam sinais introdutórios a salmos. Ou então, conforme outros supõem, os nomes dos filhos de Hemã foram alterados para que fossem códigos de salmos, em razão do que seriam nomes parcialmente artificiais. Mas, pelo menos, sabemos que o autor de I Crônicas pensava que essas palavras envolviam nomes próprios genuínos.

HOTMAN, FRANÇOIS

Suas datas foram 1524—1590. Ele foi um jurista francês huguenote (vide) bem conhecido, que promoveu a independência da França do poder papal. Ele recomendava um tipo formal de governo constitucional, que se declarasse independente da Sé romana. Seu volumoso tratado, *Franco-Gália*, foi

HOUTIN — HSUAN-TSANG

inspirado pelo massacre de São Bartolomeu (vide). Foi nomeado professor de lei romana na Universidade de Genebra, mas, durante algum tempo, viveu em Basiléia, na Suíça, onde acabou falecendo.

HOUTIN, ALBERT

Suas datas foram 1867—1926. Foi líder do movimento católico modernista. Ao abandonar o sacerdócio católico romano, tornou-se o mais completo historiador do movimento. Ver o artigo geral sobre o *Modernismo*.

HOWISON, GEORGE HOLMES

Suas datas foram 1834-1916. Sua família vivia no condado de Montgomery, no estado de Maryland, nos Estados Unidos da América do Norte. Seus pais libertaram seus escravos e mudaram-se para Marietta, no estado de Ohio. Howison formou-se ali em uma faculdade e então no Lane Theological Seminary. Ensinou como professor escolar em Salém, estado de Massachusetts. Mais tarde, ensinou matemática na Universidade Washington de St. Louis. Ali, uniu-se a um clube que tinha o propósito de estudar as filosofias de Kant e Hegel. Logo, começou a fazer preleções na Harvard Divinity School e, mais tarde, na Concord School of Philosophy. Depois, no Massachusetts Institute of Technology. Finalmente, transferiu-se para a Universidade de Michigan e, pouco mais tarde, para a Universidade da Califórnia. Ali tornou-se conhecido como o mais bem-sucedido e inspirado professor dos professores, em toda a história das universidades norte-americanas.

Idéias:

1. Sua filosofia tem sido chamada de **Idealismo pessoal**. O mundo seria uma pluralidade espiritual, que se desenvolve teologicamente, ou seja, com uma finalidade em mira.

2. Deus é tanto a causa quanto o alvo, nesse sistema teológico. Howison definia Deus como a Pessoa Perfeita.

3. Deus, a Pessoa Perfeita, é o Pai e o centro da república das pessoas.

4. Verdades importantes são a liberdade e a dignidade de cada alma.

HO YEN

Ele viveu no século III D.C. Foi um filósofo chinês dotado de mente brilhante, além de ter sido estadista. Ele era um neotaísta, que reconhecia em Confúcio (vide) o principal sábio, em lugar de Lao Tzu. Ele escreveu as obras *Tratado sobre Tao* e *Tratado sobre os Sem Nome*. Ele afirmava que o *Tao* (ver sobre o *Taoísmo*) é a realidade final, que está acima de toda descrição. No entanto, essa seria a força cósmica que atua sobre todas as coisas, formando-as. O *sábio* que promove o conhecimento do *Tao* tem um nome; mas, em relação ao *Tao*, não tem qualquer nome. Chega a possuir tudo por nada possuir. Confúcio louvava o sábio imperador Yao, dizendo: «O povo não conseguia encontrar um nome para ele». Assim, a grandeza ultrapassa os nomes que poderíamos tentar atrelar a ela.

HSIUNG SHIH-LI

Suas datas foram 1885—1968. Foi um filósofo chinês. Nasceu em Hupei. Educou-se no Instituto Nanking de Budismo. Ensinou em Pequim. Misturava conceitos constantes no *Livro das Mudanças* (vide),

que também se chama *I-Ching*, com elementos da filosofia ocidental. Desse modo, chegou a um tipo de neofuncionismo racionalista e idealista.

Idéias:

1. A realidade é um grande sistema funcional, com várias aberturas e fechamentos, mediante os quais todas as coisas são transformadas. Essas transformações produzem todas as diferentes substâncias, mediante mesclas. A tendência para manter a identidade de natureza é o aspecto mental da realidade, justamente o seu aspecto mais fundamental.

2. O princípio mental é primário em todas as coisas, ao passo que o princípio material é uma força apenas parcial e defeituosa. A força mental, que é a *principal*, inclui tanto substância quanto função. Esses elementos estão relacionados uns aos outros, mais ou menos como o oceano está relacionado às suas ondas. São uma só e a mesma coisa, embora uma delas seja manifestação da outra.

3. O grande funcionamento de todas as coisas produz as milhares de coisas individuais de que temos consciência. Existem princípios imutáveis, que guiam nesse funcionamento.

4. A humanidade ocupa um lugar especial nessa filosofia. A humanidade seria tanto uma virtude quanto o fundamento de todas as coisas. É a fonte de todas as transformações, bem como a mente original, que é comum a todas as coisas.

HSUAN-TSANG

Suas datas foram 596—664 D.C. Ele foi um peregrino, filósofo e erudito chinês. Foi uma das maiores figuras da história do budismo chinês. Fez uma famosa viagem à Índia, a fim de encontrar as escrituras budistas, para que pudesse desenvolver a sua fé. Nasceu na província de Honan, na China. Ingressou no budismo, como monge, com a idade de treze anos, tornando-se residente da Escola da Terra Pura. Viajava de mosteiro em mosteiro, tendo encontrado doutrinas conflitantes. De fato, essa era a sua motivação, por detrás daquelas viagens. Ele desejava unificar o budismo, na China. Trouxe de volta à China seisentas e cinquenta obras escritas, e passou os vinte anos seguintes traduzindo setenta e cinco delas. Atualmente, essas traduções chamam-se *Yogachara*.

Sua viagem à Índia tornou-se uma parte notável da história do budismo, porquanto passou dez anos na Índia realizando a sua tarefa, tendo passado por muitos perigos e dificuldades. Ele foi um homem totalmente dedicado à sua tarefa, e o seu zelo beneficiou o conhecimento em geral sobre a fé religiosa. Escreveu um livro acerca dessa viagem, intitulado *Hsi-yo-chi*, que, até hoje, é considerado como fonte informativa de grande valia para o estudo dos tempos em que Hsuan-Tsang viveu. O título desse livro significa «Registro das Regiões Ocidentais». Talvez seu mais importante escrito teológico tenha sido aquele intitulado *Tratado sobre o Estabelecimento da Doutrina da Consciência Somente*.

Idéias:

1. Os caracteres Dharma, elementos da existência, alguns reais e outros irrealis, são o alicerce sobre o qual repousam todas as nossas experiências. Os elementos *reais* seriam o *assim* e o *tal*, que não têm características específicas. Os elementos *irreais* seriam aqueles conjurados pela imaginação, e também aqueles que são provocados por outros elementos. Tais elementos não têm existência própria.

2. Chegamos a entender a natureza da realidade através do estudo da consciência. Há quatro modos da consciência se manifestar: aquilo que é visto; ver o que está sendo visto; *testificando* e *retestificando* acerca do processo de ver o que está sendo visto.

3. A consciência pode ser dissecada em suas oito partes, das quais as quatro mais importantes são: a. os cinco sentidos físicos; b. um senso interior, como a intuição, de onde nascem os conceitos; c. um processo mediante o qual a vontade e a razão têm poder, mas com base no egocentrismo; d. um armazém da consciência. É na consciência que encontramos a memória e o *karma* (vide). Esse armazém permanece em fluxo constante, sendo um dentre vários agentes transformadores que moldam as pessoas e os acontecimentos. A auto-ilusão pode distorcer o conteúdo desse armazém. Outros agentes corruptores são o egoísmo e a presunção. Os nossos cinco sentidos físicos nos enganam, distorcendo a realidade.

4. A existência, conforme a conhecemos através de nossos sentidos e de nossa experiência comum, é uma ilusão. Tanto o próprio «eu» quanto os objetos externos fazem parte dessa ilusão. A consciência interior é que é uma realidade; mas apenas a *arhat* de um santo é capaz de perceber e aplicar essa verdade. É aí que se encontra a *consciência somente* como definição da realidade. A consciência múltipla, que envolve o *assim* e o *tal*, é destituída de autêntica realidade. O verdadeiro *assim*, ou perfeita realidade, é um ser triplíce: o não-ser de caráter; o não-ser de auto-existência e o não-ser no sentido mais alto, que não pode ser descrito, mas que é bom e eterno.

Tudo isso se assemelha à doutrina do existencialismo, de acordo com a qual Deus não pode ser descrito ou definido por nossos termos, e a Quem não podemos aplicar nem mesmo a palavra «existência», visto que nada do que podemos dizer escapa ao dilema antropológico. — Os homens usam palavras vãs para descrever coisas que eles conhecem somente por meio da condição humana. Ninguém pode descrever Deus dessa maneira. Ele está acima das categorias humanas de intelecção.

HUAI-NAN TZU

Ele foi um filósofo chinês que viveu no século II A.C. Promoveu o sistema filosófico de Lao Tzu (vide), em uma época em que o confucionismo predominava amplamente. Planejou uma rebelião, que fracassou; e, tomando conhecimento do fracasso, suicidou-se.

Idéias:

1. O *Tao* (ver sobre o *Taoísmo*) seria a base de toda a realidade, responsável por todas as coisas. Viver corretamente é viver em harmonia com os ditames do *Tao*. Isso leva o indivíduo à vereda da não-ação, chamada *wu-wei*.

2. O *Tao* teria emergido do vácuo, manifestando-se assim no tempo e no espaço. O Universo produziu forças materiais. Essas forças estão envolvidas nos opostos e tensões, chamados *yin* e *yang*. Essas forças tornam-se as quatro estações do ano, as quais produzem a multiplicidade das coisas que conhecemos. Forças quentes, procedentes do *yang*, produzem o fogo e o sol. As forças frias, que emanam do *yin*, produzem a água e a lua. O que restou, após terem sido produzidos o sol e a lua, tornou-se as estrelas e os planetas. Essa filosofia encontra notáveis semelhanças com o *hilozoísmo* (vide) da filosofia pré-socrática.

HUA-YEN, ESCOLA DE

Essa escola chinesa de variedade budista existiu no século V D.C., com base na chamada Hua-Yen Ching, nome que significa «escritura do esplendor florido». Importantes figuras dessa escola foram Tu-fa-Tsang (557 — 640 D.C.), que é considerado o seu fundador, por parte de alguns, e Fa-Tsang, que foi o real fundador dessa escola. Suas datas foram 643 — 712 A.C.

Idéias:

1. Os *dharmas*. Aparentemente, esses são elementos da existência que surgem das forças imaginadoras da mente humana. De fato, são elementos vazios, sem qualquer caráter real.

2. Porém, os *dharmas* co-existiriam, refletindo-se mutuamente, inter-relacionando-se. Eles compõem o mundo que conhecemos. Cada *dharma*, pois, é um microcosmo da totalidade.

3. Cada *dharma* teria muitas características, como as da singularidade, da universalidade, da similaridade e a da diferenciação. Seriam mutuamente dependentes, mas também seriam independentes.

4. Os *dharmas* teriam características do que é estático, do que está em fluxo, do espaço e da falta de espaço. Os aspectos mental e fenomenal dos *dharmas* confere-lhes a harmonia que possuem. Isso posto, temos um *mundo-dharma*, o mundo que envolve todas as nossas experiências.

5. Porém, esse mundo-dharma é ilusório. Na *iluminação*, esse mundo desaparece e o *nirvana* (vide) toma o lugar do mesmo. Nesse estado, toda a realidade torna-se mental.

HUBMAIER, BALTHASAR

Suas datas foram 1485 (?) — 1528 Foi um anabatista alemão. Nasceu em Friedeberg, perto de Ausburgo. Foi aluno de Johann Eck. Foi chamado para a catedral de Regensburg, em 1516, mas mudou-se para Waldshut. Tornou-se um dos discípulos de Zwínglio. Mas, encontrando-se em estado de fluxo, não demorou a adotar as crenças anabatistas, passando a condenar o batismo infantil; e foi rebatizado. Esteve envolvido na guerra dos aldeões, e precisou fugir para Zurique, na Suíça.

Em Zurique, Zwínglio procurou matá-lo à traição, e mandou prendê-lo e torturá-lo. Bons cristãos! Em seguida, Hubmaier mudou-se para Nikolsburgo (atualmente Mikulov), na Morávia. Ali escreveu com eloquência, em favor dos anabatistas. Defendeu a idéia do livre-arbítrio, contra a posição de Lutero. Acabou sendo detido nessa cidade, foi levado para Viena, na Áustria, e ali foi executado na fogueira. Desse modo, cristãos de nomeada eram torturados e assassinados e protestantes como Calvino e Zwínglio estiveram envolvidos em crimes assim (e não somente católicos romanos), quando se lhes deparou a oportunidade. Ele acreditava que a eucaristia e o batismo de adultos convertidos são os únicos sacramentos, e foi precisamente sua recusa em retratar-se, quanto a essas questões, que o levaram à execução na fogueira.

*Oh, Deus, que carne e sangue fossem tão baratos,
Que os homens odiassem e matassem
Que os homens silvassem e cortassem a outros,
Com línguas de vileza... por causa de...
«Teologia».*

(Russell Champlin)

HUCOQUE

No hebraico, «nomeada». Essa era uma cidade

HUFÃO — HUGUENOTES

perto do monte Tabor, que assinalava a fronteira ocidental do território de Naftali (Jos. 19:34). Tem sido identificada com a moderna Yauq, que fica a noroeste de Genezaré, na antiga fronteira entre Zebulom e Naftali. Robinson e Van de Velde identificam-na desse modo. Uma outra cidade de Hucoque, em I Crô. 6:75, no território de Áser. E a passagem de Jos. 21:31 apresenta essa cidade com o nome de Helcate (vide), que é apenas uma forma alternativa do mesmo nome.

HUFÃO

No hebraico, «homem da costa (marítima)». Esse foi o nome de um dos filhos de Benjamin. Ele foi o fundador do clã dos hufamitas (ver Núm. 26:39). Em Gên. 46:21 e I Crô. 7:12, seu nome aparece com a forma de *Hupim*.

HUGEL, BARON FRIEDRICH, VON

Suas datas foram 1852—1925. Foi um filósofo católico romano, erudito do Antigo Testamento. Nasceu em Florença, na Itália. Tornou-se diplomata alemão; naturalizou-se cidadão britânico. Trabalhou nas ciências e na filosofia, e foi mestre de considerável influência. Tornou-se uma importante figura da crise modernista, dos primórdios do século XX. Ver o artigo separado sobre o *Modernismo*. Apesar de manifestar muitas tendências que concordavam com seus amigos modernistas, ele continuou profundamente arraigado no ensinamento católico romano. Ele descrevia a sua própria teologia como «pré-reformada, nem protestante e nem antiprotestante». Sua principal preocupação era a liberdade de expressão e pensamento para todos os eruditos.

Sua principal obra escrita foi chamada *O Elemento Místico da Religião*, que talvez tenha recebido mais elogios fora da Igreja Católica Romana do que dentro dela. Trata-se de um dos maiores estudos sobre os fenômenos do misticismo religioso, em todos os tempos. A ênfase recai sobre a realidade transcendental de Deus. As obras que se seguiram, como *Vida Eterna, Ensaios e Discursos Sobre a Filosofia da Religião e A Realidade de Deus*, deram prosseguimento a essa ênfase. Outras atividades, que ocuparam seus pensamentos, foram a defesa da autoridade e da liberdade, a condição humana de Cristo, a exegese bíblica, a relação entre o dogma e a história e estudos de religiões comparadas. Faleceu em Londres, a 27 de janeiro de 1925.

HUGO DE SÃO VÍTOR

Suas datas foram 1096—1141. Ele foi clérigo e filósofo escolástico. Nasceu em Hartingam, na Saxônia. Tornou-se membro da abadia de São Vítor, em Marselha, na França; em seguida, da abadia de São Vítor, em Paris, onde se tornou cânone, antes de morrer. Foi o autor da primeira obra sobre dogmática, no Ocidente. Não era dotado de mente estreita e nem era inimigo da razão. Foi um platonista agostiniano piedoso. O misticismo da Escola de São Vítor foi iniciado por ele. Escreveu muitas obras filosóficas, bíblicas e teológicas. Uma das coisas que ele salientava era como devemos separar a filosofia da teologia, porquanto cada uma dessas disciplinas teria sua própria esfera de atividade, posto que suplementares uma à outra.

Idéias:

1. Ele ensinava a possibilidade da ascensão mística da alma até Deus, através dos degraus da cogitação,

da meditação e da contemplação. A contemplação mística seria o ponto culminante tanto do conhecimento quanto da experiência humana.

2. *A hierarquia do conhecimento*. Por um laço teríamos as ciências teóricas, como a teologia, a matemática, a física, a música, a geometria e a astronomia. Por outro lado, teríamos as ciências práticas, como a ética, a mecânica, a ciência do discurso (dialética e retórica). Mas, acima de todas essas disciplinas, como um ramo da teologia, teríamos a contemplação e as experiências místicas.

3. No tocante à controversia acerca dos universais (vide), ele mostrava ser um realista moderado, juntamente com Abelardo, cujo pensamento, por sua vez, repousava sobre idéias de Aristóteles. Os universais não existiriam à parte dos particulares.

4. Ele proveu uma análise acerca dos sete sacramentos, que foi aceita por Pedro Lombardo. A partir dessa análise, a abordagem tornou-se padrão para a Igreja Católica Romana.

HUGUENOTES

Esses eram membros da facção política protestante da França, que começou a existir em cerca de 1560. Eles tinham convicções tipicamente protestantes, e defendiam a descentralização e a autonomia local na política, e obviamente, eram contrários à posição papal. Acabaram se opondo ao rei, por causa das perseguições de que se tornaram vítimas. A convicção fundamental deles era que a monarquia é uma forma indesejável de governo.

O termo *huguenote* é de origem incerta. Alguns o relacionam ao portão do Rei Hugo, em Tours, onde havia um lugar onde eles se reuniam secretamente. Mas outros pensam que essa palavra é uma corruptela francesa do termo alemão *Eiigenossen*, que significa «confederação». Em Genebra, na Suíça, uma facção política de fala francesa recebeu esse nome alemão por tentar firmar uma aliança ou confederação com cantões suíços próximos, tanto contra o bispo católico romano de Genebra como contra o duque de Savóia, que era o principal aliado desse bispo.

O protestantismo começou a ser perseguido na França, e os huguenotes acabaram sendo envolvidos. A situação deu margem a oito guerras civis, durante o século XVI, as quais vieram a ser chamadas, coletivamente, *Guerras Religiosas*. Em 1562, como parte de tudo isso, houve o lamentável massacre de São Bartolomeu. As matanças, em ambos os lados do conflito, estavam se tornando intoleráveis, o que forçou os contendores a buscarem um acordo de paz. Esse terminou vindo sob a forma do edito de Nantes (1598), que promoveu o princípio da tolerância religiosa (vide). Ver também o artigo intitulado *intolerância*.

Os huguenotes chegaram a constituir um dos principais partidos políticos da França, quanto à influência, embora talvez não numericamente, no século XVI. Todavia, a importância deles diminuiu muito no século seguinte. Pois se o edito de Nantes afirmava que o catolicismo romano continuava sendo a religião oficial da França, também permitia que os protestantes exercessem livremente a sua fé. Ademais, adquiriram o direito de ocupar postos políticos oficiais e manter forças militares independentes. Entretanto, esses direitos, gradualmente, foram sendo retirados, durante o reinado de Luís XIV, até que foram totalmente abolidos em 1685. Quando o edito de Nantes foi anulado, isso deixou os protestantes como uma religião ilegal. Mais de

HUGUENOTES — HUMANIDADE

quatrocentos mil huguenotes fugiram para a Prússia, para a Holanda, para as ilhas britânicas, para a Suíça e para a América do Norte.

Como partido político, os huguenotes deixaram de existir no século XVIII, embora o protestantismo tivesse continuado a existir na França. As hostilidades entre os católicos romanos e os protestantes reiniciaram-se e continuaram, a partir de 1711. Após o falecimento de Luís XIV, em 1715, gradualmente, os protestantes franceses recuperaram os seus direitos; mas, antes disso ter acontecido, o protestantismo precisou tornar-se um movimento subterrâneo. Em 1787, já às vésperas da Revolução Francesa, um edito de tolerância restaurou os direitos civis e religiosos dos protestantes. Eles participaram na Revolução Francesa. O código de Napoleão, de 1802, garantia plenas igualdades religiosas para todos os grupos.

HUI SHIH

Suas datas aproximadas foram 380—305 A.C. Ele foi um filósofo chinês, nativo de Sung. Foi contemporâneo e amigo de Chuang Tzu (vide). Foi primeiro ministro do rei Jui, de Liang. Tudo quanto sabemos acerca de suas idéias chegou até nós através dos escritos de Chuan Tzu. Ele pensava que todas as coisas, em seu conjunto, formam o *Grande*. Todas as coisas seriam formadas por pequenas unidades, embora essas unidades não fossem qualquer coisa, em si mesmas. Os paradoxos que estão envolvidos em questões como magnitude, altura, direção, tempo, similaridades e diferenças demonstram que essas coisas são ilusórias. Em sua filosofia, Shih criou paradoxos parecidos com aqueles de Zeno de Eléia; e a sua intenção também foi similar: mostrar a natureza ilusória das coisas, a fim de levar os homens a reconhecerem a única realidade do Grande.

HUL

No hebraico, «círculo». Esse era o nome do segundo filho de Arã, que era filho de Sem (Gên. 10:23). A região ocupada por sua família ficou conhecida pelo nome de Hulê, embora não se saiba qual a sua localização. Josefo e Jerônimo situavam esse lugar na Armênia; mas outros preferiam pensar no sul da Mesopotâmia ou Caldéia. Ainda outros preferem pensar no Líbano. Atualmente, há um distrito chamado Huleh, perto do lago Merom, o que pode ser o lugar em foco.

HULDA

No hebraico, «doninha». Esse era o nome da esposa de Salum. Ela era profetisa. Durante o reinado de Josias, ela residia em Jerusalém, no bairro chamado Cidade Baixa. Ver II Reis 22:14-20; II Crô. 34:22-28 e comparar com Sof. 1:10.

Um rolo da lei mosaica fora descoberto naquele lugar, pelo sumo sacerdote Hilquias, em cerca de 623 A.C. Hulda foi consultada no tocante a denúncias contidas no rolo. Em vista disso, ela anunciou julgamento contra Jerusalém, para um futuro não muito distante; mas também afirmou, diante de Josias, que isso sucederia somente depois de sua morte.

Só tomamos conhecimento da existência dessa mulher por acidente, por causa dessa circunstância. Observamos que os profetas Jeremias e Sofonias agiam ativamente como tais, nesse tempo, pelo que é curioso que essa mulher tenha sido consultada pelo

próprio rei. Só podemos supor que o ofício de profetisa, embora menos frisado no Antigo Testamento que o de profeta, deve ter sido consideravelmente respeitado, embora talvez menos do que nas culturas pagãs.

Alguns intérpretes encontram um problema na sorte que ela declarou para o rei Josias. Ela disse que ele seria recolhido aos seus pais «em paz». No entanto, Josias morreu em batalha (II Reis 23:29,30). Portanto, ou a profetisa falou quanto a esse detalhe, conforme muitos intérpretes pensam, ou então, a paz de que ela falou deve ser compreendida como comparativa: Josias não morreu em um período de grande catástrofe nacional.

HUMANIDADE (NATUREZA HUMANA)

O pressuposto básico do Novo Testamento é que o homem é uma criatura de natureza dupla, pois participa da natureza dos animais, através de seu corpo físico, e também da natureza dos espíritos, porquanto tem espírito. Algumas filosofias reduzem o homem à mera natureza humana, negando ou pondo em dúvida a realidade da dimensão espiritual humana. O termo pode falar sobre a natureza básica, conforme acabamos de sugerir, pois também pode envolver uma espécie de sinônimo de «gentileza» e de «bondade», de um tratamento justo e equitativo dado a outras pessoas, além de indicar ações feitas de modo humano. Além disso, o termo é um coletivo que fala sobre certo ramo da erudição, em contraste com as ciências naturais e sociais. Esse ramo do conhecimento, as *humanidades*, inclui disciplinas como línguas, literatura, filosofia, teologia, história e as artes em geral.

No tocante à natureza humana, ver os artigos separados sobre *Problema Corpo-Mente*; *Dicotomia*, *Tricotomia*; *Imortalidade*; *Alma* e *Sobre-ser*.

Esboço:

- I. Pressupostos Teológicos Básicos sobre a Natureza Humana
- II. Sumário das Idéias Bíblicas
- III. Idéias Filosóficas e Teológicas

I. Pressupostos Teológicos Básicos sobre a Natureza Humana

1. O homem é um ser criado, produto da intervenção divina (Gên. 1).

2. *Originalmente*, o homem ocupava um estado superior do que agora ocupa, caracterizado pela inocência e, talvez, pela imortalidade (embora muitos estudiosos duvidem deste último ponto).

3. *Os pais alexandrinos*, além de outros, anteriores e posteriores, como muitos da Igreja Ortodoxa Oriental, supunham que o relato de Gênesis conta apenas a história física do homem. A alma, segundo eles, seria preexistente, talvez tendo tido origem juntamente com os anjos. Essa idéia retrocede até Platão, sendo comum às religiões orientais. Para Platão, a alma participaria dos *universais* (vide), o que faria dela uma parte da eternidade, sem qualquer começo real. Por ocasião da individualização, haveria uma espécie de começo, embora não da substância.

4. *Nas religiões orientais*, a alma é uma entidade simples, dotada de manifestação individualizada. Ali encontramos uma alma que se assemelha mais aos anjos guardiães do cristianismo. Essa alma seria a supervisora de mais de um corpo físico de cada vez, tal como a palma da mão tem cinco dedos; mas a palma (o «eu» superior) unificaria os cinco dedos (manifestações corporais individualizadas), formando uma unidade. Nas religiões orientais, a alma pode

HUMANIDADE (NATUREZA HUMANA)

passar por muitas *reencarnações*. Ver sobre *Sobre-ser*.

5. A maioria das religiões postula uma *queda*, mediante a qual o homem perdeu sua glória e poder original, descendo a um estado inferior do ser. Para algumas delas, a alma preexistente caiu em degradação por motivo de curiosidade, e a peregrinação no corpo (ou nos corpos) físico teria sido o castigo em face da experiência com a materialidade e seus males. Os conceitos hebreu cristãos falam no homem dotado de corpo desde o começo, embora a porção material do homem apareça como um grande empecilho, a julgar pelo sétimo capítulo de Romanos. A matéria, por si mesma, não é considerada má (conforme, erroneamente, alguns grupos religiosos têm pensado, incluindo o gnosticismo), embora puxe a alma para trás, como fator prejudicial ao seu progresso, a menos que seja devidamente controlada e utilizada.

6. *No cristianismo*, temos a idéia do *pecado original* do homem, que afetou a raça humana inteira, por infecção espiritual, de tal modo que todos os homens já nascem pecadores. O trecho de Salmos 51:5 é usado como texto de prova. Não há muitos trechos bíblicos em apoio a essa idéia; mas a experiência humana, sem dúvida, favorece a idéia do homem como um ser defeituoso, desde o começo. O meio ambiente explica algumas coisas, mas não certos aspectos da natureza humana básica.

7. *A depravação humana desconhece limites*. Todas as fés religiosas estudam esse problema, como também quase todas as filosofias. A política, naturalmente, fica necessariamente envolvida. Freud fomentou uma psicologia calvinista, tendo afirmado que as crianças são tão culpadas quanto o próprio pecado. Teologicamente, temos a declaração bíblica clássica a respeito no terceiro capítulo de Romanos. As religiões não concordam entre si sobre até que ponto o homem é bom, e até que ponto é mau, e nem como esses dois pontos extremos atuam. Algumas delas têm um ponto de vista otimista, segundo o qual o *livre-arbítrio* humano prevalece. Ali o homem é descrito como o *poder criativo*, que realmente pode mudar as coisas. Há algumas provas disso. Por outro lado, temos as declarações de algumas teologias que dizem que o homem não passa de um verme. Entra aí o problema do *livre-arbítrio* humano e do *determinismo* divino (vide), para o qual ainda não se encontrou qualquer solução adequada. Temos provido artigos sobre ambas as questões, onde o leitor adquirirá maiores informações. Muitos místicos têm defendido a idéia de uma fagulha divina restante no homem; e isso também exprime uma certa verdade, embora seja difícil de harmonizar com o ensino bíblico da depravação humana. Paulo parte da idéia de que ambos os princípios são verdadeiros, segundo se vê em Filipenses 2:12; mas, mesmo assim, falta-nos uma maneira lógica de explicar como a vontade divina coopera com a vontade humana, sem destruir esta última.

8. *A conversão e a transformação*. Quase todas as religiões supõem que o homem está sujeito a uma mudança radical, através da providência e das operações divinas. Os crentes tendem por crer em conversões instantâneas. As religiões orientais preferem prolongar as coisas, mediante várias reencarnações. Contudo, o alvo é o mesmo: fazer do homem aquilo que ele não é; aumentar suas qualidades espirituais; transformar o homem. No cristianismo, aprende-se que o homem pode ser uma nova criatura em Cristo, que é o Salvador e Transformador da alma. Ver II Cor. 5:17. Ver os artigos sobre assuntos como *Conversão*, *Santificação*, *Salvação* e *Glorificação*.

ção.

9. *O Destino do Homem*. Quase todas as religiões prometem que, no futuro, haverá um homem espiritualizado, que habitará em alguma esfera espiritual (uma dimensão que contrasta com a presente, onde o homem é um ser dotado de materialidade, que habita na materialidade).

Segundo muitas religiões orientais, o destino do homem seria participar, finalmente da divindade, embora em sentido *finito*. O cristianismo, segundo mostram certos trechos do Novo Testamento, aceita esse conceito. O trecho de II Pedro 1:4 fala sobre a nossa participação na natureza divina; e Efésios 3:19 refere-se à nossa participação em toda a plenitude de Deus, que não poderia ser real a menos que haja uma genuína participação na essência divina. Por sua vez, Romanos 8:29 promete ao crente a transformação à imagem do Filho, e isso, necessariamente, inclui a participação em sua essência. Ver também Colossenses 2:10. Participamos de sua plenitude. II Cor. 3:18 é trecho que nos mostra que isso ocorrerá mediante muitos estágios de transformação espiritual, operada pelo Espírito de Deus. É isso que aguarda pelos *remidos*, pelos *eleitos*.

Além disso, há a missão restauradora de Cristo, que abrangerá todos os homens, em consonância com o mistério da vontade de Deus (ver Ef. 1:9,10). Ver o artigo sobre a *Restauração*, onde damos amplas descrições sobre esse conceito, estabelecendo o contraste entre a redenção e a restauração. Seja como for, antecipo que o homem se desdobrará em várias espécies espirituais, em uma espécie de evolução espiritual. A espécie superior compor-se-á dos remidos, participantes da natureza divina. Outras espécies não participarão da natureza divina, embora o trabalho do restaurador seja, neles, magnífico. O juízo divino será *um* dos meios empregados para produzir esse resultado, e não um meio de torná-lo impossível. Ver o artigo sobre o *Julgamento Divino*. Pessoalmente, não antecipo qualquer estagnação no estado humano, em qualquer fase, em qualquer ponto da eternidade futura; porém, dispos de pouca informação sobre isso, e temos de entrar no campo das especulações para dizer qualquer coisa a respeito. Quanto a esse ponto temos de nos contentar com crenças piás, e não com dogmas. No entanto, meu ponto de vista é otimista, pois tenho uma ilimitada fé no poder do Redentor-Restaurador para fazer bem, admiravelmente bem, o seu trabalho.

II. Sumário das Idéias Bíblicas

1. *Uma criação especial trouxe o homem à existência*. A teoria da evolução entrou em choque com essa idéia bíblica. Ver sobre a *Evolução*, quanto a uma discussão sobre esse problema.

2. Os eruditos judeus dizem que a teologia dos hebreus não concebia a criação original do homem como a combinação de um corpo físico e de uma alma imaterial. De fato, no Pentateuco, não há vestígio algum desse ensino. Também devemos levar em conta que apesar da grande ênfase sobre a ética, não há, em parte alguma do Pentateuco algum apelo quanto à vida futura (nem através da imortalidade, e nem mesmo através da ressurreição), como meio de galardão aos bons e de punir aos maus. É impossível supormos que se a primitiva teologia hebréia tivesse antecipado uma vida futura, que ela teria deixado de lado a idéia de recompensas ou castigos pela conduta de cada indivíduo. E mesmo quando começa a aparecer a idéia da imortalidade da alma, nos salmos e nos profetas, essa noção aparece sem elaborações, não havendo ali qualquer doutrina formada a respeito. Ver o artigo separado sobre a *Imortalidade*.

HUMANIDADE (NATUREZA HUMANA)

3. Pela época em que foi escrito o livro de Daniel, já se desenvolvera uma doutrina da ressurreição, com a promessa de recompensa ou punição, dependendo da vida de cada um, se sábia (reta) ou insensata (injusta). Porém, um inferno de chamas só surgiu na teologia dos hebreus quando da escrita do livro pseudepígrafo de I Enoque (o Enoque etiópico, assim chamado, por haver chegado até nós, essencialmente, em uma tradução para o etiópico). Ver o artigo separado sobre *I Enoque*. Um dos pais da Igreja disse, pitorescamente, que «as chamas do inferno foram acesas em I Enoque».

Informes assim nos dão a entender que as doutrinas passam por um período de desenvolvimento, não podendo ser aquilatadas somente pelo modo como terminaram no Novo Testamento. É curioso notar que onde se desenvolveu a doutrina de um juízo de fogo (em I Enoque e outros livros pseudepígrafos), apareceu também a doutrina da descida ao hades, por parte de homens santos, a fim de aliviar os terrores daquele lugar. Esse tema também reaparece no Novo Testamento, como em I Pedro 3:18 — 4:6. Ver o artigo separado sobre a *Descida de Cristo ao Hades*. Tais idéias estão obviamente ligadas ao destino do homem, conforme comentei sob o ponto 1.9. No judaísmo, encontramos grande variedade de idéias, que vão desde o aniquilamento, passando pelo resgate do hades, e daí até à rigidez de sofrimentos eternos, embora isso só tenha ocorrido já no judaísmo posterior. Quanto a uma demonstração disso, ver o artigo sobre o *Inferno*.

4. *O Homem como a Imagem de Deus*. Apesar do homem fazer parte da natureza, tendo sido formado do pó da terra (Gên. 2:7), como participante de muitos aspectos da vida dos animais irracionais (Gên. 18:27; Jó 10:8,9; Sal. 103:14; Ecl. 3:19,20), também foi feito à imagem de Deus (Gên. 1:27). Há teólogos que pensam que isso inclui uma trindade, semelhante à divina Trindade (o homem seria composto de corpo, alma e espírito); mas isso já é transferir a teologia cristã para o Antigo Testamento. Muitos estudiosos explicam isso em sentido moral. A criatura humana tornou-se capaz de participar de algo das qualidades morais e espirituais de Deus.

5. A posição do Antigo Testamento sobre o homem impõe um moralismo muito estrito. São pesadas as exigências de Deus ao ser humano. Há um rígido código moral a ser seguido. Isso distinguiria os homens, claramente, dos animais. É verdade que a fé dos hebreus, mais que as antigas religiões, enfatizava os requisitos morais de Deus à humanidade, e que grande parcela do Antigo Testamento aborda a questão. Do homem esperava-se que fosse moralmente corajoso. Isso torna-se importante, como uma doutrina metafísica, quando descobrimos que a nossa transformação metafísica, à imagem de Cristo, depende da nossa transformação moral. Outros pontos de vista básicos das Escrituras aparecem na primeira seção deste artigo.

6. O Novo Testamento adotou a doutrina do homem como um ser criado à imagem de Deus, e isso veio a tornar-se parte da doutrina da salvação. Agora a imagem de Deus, conforme ela existe no Filho, pode ser reproduzida nos outros filhos de Deus, de tal modo que, metafisicamente e quanto à essência, eles tornam-se filhos de Deus. Jesus Cristo é a verdadeira imagem de Deus (Col. 1:15; II Cor. 4:4). O homem é transformado segundo a imagem e a semelhança de Deus, de acordo com o grande modelo, Cristo (Rom. 8:29), por atuação do Espírito (II Cor. 3:18). Damos uma declaração mais completa a esse respeito em 1.9.

III. Idéias Filosóficas e Teológicas

1. Platão pensava que o homem tanto é uma imitação dos *universais* (vide) quanto se torna partícipe dos mesmos em sua alma eterna. Conforme conhecemos o homem, ele é uma unidade tripartível, composta de mente, vontade e paixões. O destino do homem seria a reabsorção pela divindade.

2. Para Aristóteles, o homem seria uma alma racional, distinto do reino animal. Mas deixou em aberto a questão que indaga se aquilo que é distintivo no homem pode sobreviver ou não à morte biológica.

3. Hsun Tzu pensava no homem como um ser naturalmente maligno, pelo que o homem precisaria de uma constante e dura disciplina.

4. Agostinho reputava o homem como uma união de corpo e alma, caído no pecado, mas motivado a atingir a felicidade eterna, que chegaria à sua mais elevada expressão na *visão beatífica* (vide).

5. Guilherme de Ockham (vide) entendia que o homem é um *suppositum intellectuale*, um ser racional auto-existente, semelhante a Deus. Ele combinava o intelecto e a vontade, no homem, como uma única essência, fazendo dessas duas qualidades uma única faculdade.

6. Para La Mettrie (vide), o homem seria apenas uma máquina, um mecanismo destituído de alma.

7. Holbach (vide) supunha que o homem é uma criatura egoísta, cujas motivações são sempre egocêntricas.

8. Unamuno não se deixava impressionar pela racionalidade do homem como a sua característica distintiva, dizendo que o homem é apenas carne e ossos. Como uma criatura assim inferior, contudo, o homem teria fome e sede da imortalidade, gastando grande parte de suas energias nessa busca, de um modo ou de outro.

9. Cassirer (vide) pensava no homem como um ser no qual há muitos símbolos, dizendo que o homem só pode ser conhecido indiretamente, mediante o estudo desses símbolos.

10. Ortega y Gasset (vide) não enfatizava a natureza humana, dizendo que o homem é apenas uma história.

11. O materialismo (vide) supõe que o homem é apenas uma entidade material, dotada de um cérebro capaz de coisas notáveis, embora sem nada de misterioso, como alguma porção imaterial.

12. O comunismo (vide), em sua modalidade materialista, supõe que o homem é apenas um animal envolvido na tese, antítese e síntese dos eventos econômicos.

13. Os filósofos e teólogos cristãos têm defendido diferentes posições sobre o que significa o homem ter sido criado à *imagem* de Deus. Os mórmons, que creem na materialidade de Deus, supõem que a sua forma material foi reproduzida no homem. A antiga teologia judaica enfatizava o aspecto moral do homem, como a sua participação na imagem de Deus. Os teólogos conservadores supõem que, por ocasião da queda, o homem perdeu as qualidades essenciais da imagem de Deus, as quais só lhe são devolvidas por ocasião da redenção. Muitos creem que a imagem de Deus foi retida, sobretudo nos poderes racionais do homem. Outros supõem que a *façanha divina* continua existindo, podendo ser atçada pelos ensinamentos morais, filosóficos e religiosos. Agostinho, por sua vez, via a imagem de Deus no homem em sua razão e sua capacidade de buscar e obter conhecimentos sobre a sua própria alma e sobre Deus. A razão do homem ajuda-o a distinguir entre o bem e o mal, algo que, presumivelmente, os animais irracionais não

HUMANIDADE DE CRISTO

possuem. O homem, como um ser racional, pode pecar; mas até mesmo essa capacidade de pecar mostra que ele retém algo da imagem de Deus.

Os teólogos da Idade Média supunham que o homem, antes da queda no pecado, além de ter a imagem de Deus, também possuía o *donum superadditum*, isto é, capacidades sobrenaturais. Mas, por ocasião da queda, teria perdido as mesmas, embora tivesse continuado a ter a imagem de Deus, refletida na vontade, na moralidade e no amor. Lutero dizia que o homem perdeu a imagem de Deus por ocasião da queda. Assim, se um homem tiver de usar sua vontade para o bem, se tiver de amar e usar corretamente a sua racionalidade, terá de receber de volta a imagem de Deus, por meio da regeneração. Porém, alguns dos reformadores rejeitaram esse ponto de vista como extremado, referindo-se à imagem de Deus como algo que o homem possuiria em proporções maiores ou menores e, por consequência, negando que a tivesse perdido totalmente, para então a mesma lhe ser restaurada. A imagem de Deus no homem teria sido apenas deformada, e não perdida, por ocasião da queda no pecado.

Para **Karl Barth**, a **imagem de Deus** não corresponde às qualidades de um homem, porquanto dependeria das relações mantidas por ele. Visto que Deus é um ser trino, mantendo consigo mesmo um certo relacionamento, outro tanto sucedeu ao homem, quando recebeu a mulher, por exemplo; e, daí por diante, estabeleceram-se relações entre cada homem e seus semelhantes. O homem também seria capaz de estabelecer relações com Deus. Deus prometeu ligar o homem a si mesmo, mediante um pacto. Em Cristo, a imagem tornou-se manifesta quando ele chamou a Igreja para ser sua noiva mística. Isso posto, para que tenhamos a verdadeira imagem de Deus, devemos olhar não para cada indivíduo isolado, mas para Jesus Cristo e sua Noiva (a Igreja); pois somente assim entenderemos algo sobre como Deus é e como ele age.

14. A seriedade do pecado não é apenas um conceito bíblico. Freud ensinava um tipo de psicologia calvinista, segundo o qual as crianças são amedrontadas por toda espécie de monstro, que lhes atormenta as mentes. Os teólogos liberais têm ido longe demais, por verem bondade no homem corrompido; mas os teólogos ultraconservadores também têm exagerado na outra direção, nada encontrando no homem e nem reconhecendo a sua liberdade, capaz de fazer escolhas genuínas e de ser um ente criativo, capaz de realizar coisas estupendas. Os evolucionistas ensinam que o homem vem melhorando gradativamente, em vez de ter piorado, conforme a teologia tem dito. Porém, é negável que o homem está profundamente corrompido em sua depravação. Duas guerras mundiais muito têm contribuído para destruir o exagerado otimismo dos liberais. Pois isso frisou, uma vez mais, a necessidade que o homem tem de ser regenerado. Barth asseverou que não podemos dizer que o homem se desviou total e completamente de Deus; não porque o homem tenha retido algumas qualidades boas, mas porque Deus, como Pai, não permite que assim aconteça a seus filhos desviados.

Outrossim, em relação ao problema do pecado, temos de considerar o quanto o homem é capaz ou incapaz de aceitar a graça divina. O calvinismo radical afirma a total incapacidade do homem. Mas o liberalismo radical reduz o problema a tão pequenas dimensões que a graça divina torna-se desnecessária para recuperar o homem. Wesley punha-se em posição de meio termo, ao afirmar que apesar da queda ter tirado do homem a sua capacidade de corresponder, contudo, em Cristo, mediante a graça

preveniente (vide), ao homem é dada a capacidade e a liberdade que ele precisa para escolher a Cristo e ao seu caminho. Assim, quem quiser, pode vir a Deus. Ver os artigos sobre o *Calvinismo* e sobre o *a Arminianismo*.

HUMANIDADE DE CRISTO

Esboço

- I. Fatos a Considerar
- II. Textos de Prova
- III. Fatores Teológicos
- IV. Significado da Humanidade de Cristo em Hebreus 5:7
- V. Pervertendo o Texto

Esse é um tema por demais negligenciado no seio da igreja, até mesmo em sua seção evangélica, a qual, apesar de tudo quanto diz em contrário, enfatiza tão-somente a divindade de Cristo, até mesmo no que tange à natureza da encarnação. Por isso, em muitas igrejas, Cristo é um *Cristo docético*. Explicando, na opinião de tantos cristãos, Cristo é humano apenas na «aparência»; e isso representa uma antiga heresia gnóstica. De acordo com esse ponto de vista, tudo quanto Cristo é visto a fazer, em sua missão terrena, como seus milagres e a sua impecabilidade, é atribuído à sua «natureza divina», de tal modo que não é maravilha que ele tenha feito o que fez, exceto que morreu. Porém, a verdade inteira dessa questão é que o Senhor Jesus cumpriu a sua missão inteira como homem, extraindo do Espírito Santo, que a ele fora conferido sem medida, todo o poder que exerceu. E este o foi transformando como homem, para que pudesse operar obras admiráveis. Poder-se-ia afirmar que Cristo operou os seus prodígios do mesmo modo que podemos operá-los, e maiores ainda (ver João 14:12), tal como um crente pode fazer, conforme vai sendo transformado ou «espiritualizado». Porquanto essa é uma avenida de desenvolvimento espiritual aberta para todos os remidos. Ora, é exatamente esse aspecto que empresta sentido e força à humanidade de Cristo e à sua encarnação—pois declara que tudo quanto ele realizou como homem pode ser realizado também por nós.

I. Fatos a Considerar

1. Cristo se identificou totalmente conosco, em nossa natureza humana, a fim de que, finalmente, pudéssemos identificar-nos totalmente com ele, em sua natureza divina. Portanto, a própria salvação consiste na condução de «muitos filhos» à glória (ver Heb. 2:10).

2. Em sua encarnação, ele se autolimitou, e, por isso mesmo, usualmente realizou tudo pelo poder de sua humanidade espiritualizada, mediante a virtude da presença e da capacidade dada pelo Espírito Santo. Talvez, em seus milagres sobre a natureza (como a multiplicação dos pães e a tranquilização da tempestade), Cristo tenha apelado para sua divindade inerente. Contudo, de modo geral, o que ele fez, fez em sua humanidade, demonstrando-nos assim o caminho para o poder divino (ver João 14:12).

3. Embora impecável (ver notas sobre isso em João 8:46 e Heb. 4:15 no NTI), Cristo aprendeu certas coisas por meio daquilo que sofreu, e assim, como homem, foi aperfeiçoado. Isso nos é ensinado em Heb. 5:8,9. Por conseguinte, em tudo isso ele foi aperfeiçoado como simples homem, e não como o Logos eterno. No que tange a este último aspecto, ele foi sempre perfeito. Porém, como homem, ele mostrou aos demais homens qual o caminho do desenvolvimento espiritual, porquanto realmente

HUMANIDADE DE CRISTO

atravessou esse caminho.

4. Ele tomou sobre si nosso próprio tipo de natureza humana, debilitada como ela está pelo pecado (ver Rom. 8:3), embora nunca houvesse cometido pecado. Não obstante, em sua humanidade, ele teve de abordar os mesmos problemas e fraquezas que nos afligem. Em Jesus, pois, Deus irrompeu no mundo, e assim permitiu que os homens alcançassem autêntica vitória espiritual.

II. Textos de Prova

«A humanidade de Cristo é claramente ensinada pela Bíblia inteira. Ele seria o *descendente de Abraão* e nele todas as nações seriam abençoadas (ver Gên. 22:18); e esse descendente, conforme Paulo explicou, era exatamente Cristo (ver Gál. 3:16). Além disso, o Messias prometido pertenceria à 'tribo de Judá' (ver Gên. 49:10), e seria da 'linhagem real de Davi' (ver Isa. 11:1,10 e Jer. 23:5). Assim é que Mateus traça a genealogia de Cristo partindo de Abraão, através de Davi (ver Mat. 1:1 e ss), ao passo que Lucas traça a genealogia de Cristo para trás, passando por Davi, por Abraão, e chegando até Adão, o primeiro homem (ver Luc. 3:23 e ss). De conformidade com a profecia (ver Isa. 7:14), Jesus nasceria miraculosamente de u'a mãe virgem (ver Mat. 1:18 e ss; Luc. 1:26 e ss e comparar com Gên. 3:15). O Filho encarnado não cessou e nem poderia cessar de ser Deus verdadeiro; porém, ao mesmo tempo, tornou-se verdadeiro homem. E agora ele é, ao mesmo tempo, Filho de Deus e Filho do homem (ver Mat. 16:13,16, etc.). A genuinidade da humanidade de Cristo é ainda confirmada pelo fato de que cresceu desde a infância até à idade adulta (ver Luc. 2:40,52), pelo fato de que experimentou a tentação (ver Mat. 4:1 e ss; Luc. 4:2 e ss; Mar. 1:12 e ss; Heb. 2:18 e 4:15), pelo fato de que padeceu fome (ver Mat. 21:18), sede (ver João 4:6 e 19:28), fadiga (ver João 4:6 e Mar. 4:38), tristeza (ver João 11:35), pelo fato de que não sabia todas as coisas, como homem (ver Mar. 13:32), e pelo fato de que sofreu e sobretudo pelo fato de que morreu (ver as narrativas bíblicas de sua agonia e crucificação). Finalmente, é importante observarmos que a humanidade de nosso Senhor foi retida até mesmo após a sua ressurreição dentre os mortos (ver Luc. 24:38-42)». (Philip Hughes, no *Baker's Dictionary of Theology*, pág. 273).

Naturalmente, a humanidade que Cristo reteve, mesmo após a sua ressurreição, é aquela referida na passagem de II Ped. 1:4, onde ele aparece como o Deus-homem, de cuja natureza todos os homens podem participar, contanto que se deixem unir a ele mediante a redenção. E isso a despeito do fato de que Cristo permanecerá na posição suprema de Cabeça, ao passo que nós seremos sempre o seu corpo místico. (Ver o trecho de Efé. 1:23 acerca desse conceito). Não obstante, somos a «plenitude» de Jesus Cristo, ao passo que ele preenche a tudo em todos, isto é, ele é tudo para todos nós.

A humanidade de Cristo é comprovada pelas seguintes razões: sua concepção miraculosa (ver Mat. 1:18), seu nascimento (ver Mat. 1:16); sua participação na carne e no sangue (ver João 1:14); sua possessão de alma humana (ver Mat. 26:28 e Atos 2:21); sua circuncisão (ver Luc. 2:21); seu crescimento em estatura e sabedoria (ver Luc. 2:52); seu choro (ver Luc. 19:41); sua fome (ver Mat. 4:2); sua sede (ver João 4:7); seu sono (ver Mat. 8:24); seu cansaço (ver João 4:6). E também por ter sido homem de tristezas (ver Isa. 53:3,4 e Luc. 22:44); por haver sido esbofetado (ver Mat. 26:67); por haver suportado afrontas (ver Luc. 23:11); por haver sido açoitado (ver Mat. 27:26); por haver sido encravado na cruz (ver

Luc. 23:33); por haver morrido (ver João 19:30); por haver sido sepultado (ver Mat. 27:27); por haver sido tentado como nós, embora sem pecado (ver Atos 3:22; Fil. 2:7,8 e Heb. 2:17). A humanidade de Cristo é descrita como parte necessária não apenas de sua missão terrena, mas igualmente de seu ofício de Mediador (ver Rom. 6:15,19; I Cor. 15:21; Gál. 4:4,5; I Tim. 2:5 e Heb. 2:17). Sua natureza humana foi reconhecida pelos homens (ver Mat. 6:3; João 7:27 e Atos 2:22), mas é negada pelo anticristo, pelos hereges, provavelmente da variedade gnóstica (ver I João 4:3 e II João 7).

III. Fatores Teológicos

A **humanidade de Jesus Cristo**, pois, após examinarmos várias referências bíblicas, mostra ser algo indispensável, pois:

1. Isso era necessário para que cumprisse sua missão terrena em geral, visto que somente como homem poderia redimir aos homens.

2. Havia necessidade dele identificar-se com os homens, a fim de que estes pudessem identificar-se com ele, *na sua glória*.

3. Pois assim é que poderíamos atingir aquela medida e aquela forma de glorificação que pertence a ele, de conformidade com a vontade divina, e a fim de que ele pudesse conferir tal glorificação a todos os remidos.

4. Pois era mister tal para que ele pudesse assumir a posição suprema no universo, como seu Cabeça (ver Efé. 1:10 e ss, quanto ao «mistério da vontade de Deus»), na qualidade de unificador e restaurador de todas as coisas, bem como o personagem em torno do qual a harmonia e a unidade universais serão estabelecidas. A exaltação de Cristo ocorreu porque ele cumpriu com pleno êxito a sua missão terrena, e não porque essa exaltação já lhe fosse devida, como Deus, conforme nos informa o décimo versículo do segundo capítulo aos Filipenses, conforme dizem também o primeiro capítulo aos Efésios e o trecho de Heb. 1:9. E é andando pelo caminho que ele mesmo palmilhou que nos tornamos «plenitude» de Cristo, embora ele preencha a tudo em todos, sendo tudo para cada um de nós.

5. Seu presente ofício de Mediador exigia que ele se identificasse conosco, como também isso é requerido pela nossa identificação potencial com ele, em sua glorificação. (Ver Heb. 2:17).

6. A necessidade que há de ser fortalecido e consolado o povo de Deus, na sua peregrinação terrena, depende do fato de ser Cristo um ser humano verdadeiro. (Ver Heb. 2:18).

7. Todas as forças do mal, que produzem a «morte» do homem, foram derrotadas quando da missão terrena do Filho de Deus, porquanto ele «provou a morte em favor de todo o homem», a fim de outorgar-lhes a vida eterna. (Ver Heb. 2:9).

8. Apesar de Cristo ser o Caminho, é ele, por igual modo, o «pioneiro» desse caminho, mostrando-nos, desse modo, — como podemos ter êxito nessa peregrinação deste mundo (ver Heb. 2:10).

9. A ressurreição de Cristo Jesus garante a nossa própria. Mas isso não poderia ocorrer não fora o fato de ter Cristo assumido a nossa humanidade (ver a totalidade do décimo quinto capítulo da primeira epístola aos Coríntios).

10. A ressurreição de Cristo subentende a sua ascensão aos céus e a sua glorificação; e isso também nos está assegurado pelo Salvador, que é o Deus-homem, o Filho de Deus (ver Rom. 8:30).

Esses dez pontos mostram o que está implícito na verdade da humanidade de Jesus Cristo. Portanto,

HUMANIDADE DE CRISTO

quão equivocados estão aqueles que atribuem à divindade de Cristo tudo quanto ele fez de incomum. Bem pelo contrário, ele pôs de lado o poder e os atributos divinos (posto que não a própria natureza divina), a fim de que a encarnação tivesse uma *significância vital* para toda a humanidade. Da mesma maneira que ele se identificou totalmente conosco, a mesma determinação divina que fez com que as coisas fossem assim, nos leva a sermos totalmente identificados com o Filho de Deus, porquanto o Cabeça não pode ter um destino diferente daquele outorgado ao corpo.

Vários dos evangelhos *apócrifos*, como o Evangelho de Tomé, pintam Cristo como um elevadíssimo ser angelical, cuja suposta natureza humana era apenas «aparente». Disso se originou o termo «docético», que indica a posição daqueles que imaginam que todas as obras extraordinárias de Cristo se devem à sua divindade, e nada à sua humanidade. Assim, pois, seus sofrimentos não teriam sido reais, e as suas próprias obras miraculosas eram as de um anjo, e não as de um homem. A igreja cristã dos primeiros séculos de nossa era considerou que tal posição é herética, e a moderna igreja evangélica, que atribui ao poder divino de Cristo, tudo quanto ele realizou, está se aproximando perigosamente dessa antiqüíssima heresia, embora suas formulações teológicas falem em outro tom.

IV. Significado da Humanidade de Cristo em Heb. 5:7

O qual nos dias da sua carne, tendo oferecido, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, e tendo sido ouvido por causa da sua reverência,

«Jesus». A epístola aos Hebreus é o único livro «teologicamente» orientado no N.T. que usa com frequência o simples nome «Jesus», pois todos os demais usam os títulos mais formais de Cristo Jesus. Jesus Cristo, Senhor Jesus, Senhor Jesus Cristo, etc. (Ver também Heb. 2:9; 6:20; 7:22; 10:19; 12:2,24 e 13:12). Desse modo é salientada a sua missão terrena.

1. O livro aos Hebreus, acima de todos os outros livros teologicamente orientados, é o que melhor descreve a humanidade de Jesus. Sem embargo, igualmente ensina que Cristo é divino (ver as notas a respeito, em Heb. 1:3 no NTI), e nunca tenta reconciliar esse paradoxo. Suas descrições acerca da humanidade de Jesus são vividas, conforme se pode averiguar em Heb. 5:7.

2. A mensagem da epístola é clara: Jesus veio a participar de nossa humanidade, a fim de que pudéssemos compartilhar da sua natureza divina, na forma de filhos que estão sendo conduzidos à glória (ver Heb. 2:10). Esse é um relacionamento «*ipso facto*». Em outras palavras, «pelo próprio fato» de que ele compartilhou de nossa natureza, também haveremos de compartilhar da dele. Pelo próprio fato de que ele se humilhou, em sua humanidade, assim também nós, identificados com ele como estamos, deveremos identificar-nos com a sua glória.

3. Não temos a pretensão de poder dizer como um ser poderia ser humano e divino ao mesmo tempo. Entretanto, podemos perceber claramente o que cada uma dessas doutrinas tencionava ensinar-nos, e cada uma delas é um elemento essencial, no que tange à redenção humana. Não podemos rejeitar uma verdade, meramente porque envolve elementos misteriosos. Se assim fizéssemos, teríamos de rejeitar a maioria das verdades, pois pouquíssimo, mesmo no caso das verdades mais básicas, é compreendido com grande clareza, pela atual inteligência humana. Ora,

a verdade divina naturalmente transcende a nós em muito, para dizermos o mínimo.

Declarações deste Versículo

Nos dias da sua carne, isto é, na «encarnação», quando ele tomou sobre si a própria natureza humana. (Ver o artigo sobre a *encarnação*). No presente versículo não há documentação, e nem nos versículos seguintes. O autor sagrado talvez estivesse familiarizado com o evangelho de Marcos, ou talvez com as tradições orais e escritas que foram usadas para a compilação desse citado evangelho. Tinha consciência das passagens que falam sobre os sofrimentos de Cristo, de sua diligente vida de oração e finalmente, de suas agonias no jardim do Getsêmani e na cruz do Calvário. Ele alude aqui, especificamente, ao relato da paixão. (Ver Mat. 26:36-46 quanto ao incidente do Getsêmani, que é o paralelo mais próximo, nos evangelhos, da linguagem aqui empregada).

Forte clamor e lágrimas. A linguagem é bem forte, mais do que em qualquer outra passagem do N.T. Mostra-nos a real agonia humana por que passou Jesus. Sua vida humana, nesse ponto, atingiu o ponto do desespero. «Essas palavras, com aquelas que se seguem, sugerem que o autor sagrado não tinha inibição alguma por equiparar a agonia de Jesus com o mais profundo desespero humano» (Purdy, *in loc.*). Infelizmente, tanto nos tempos antigos como nos modernos, os homens têm criado um Jesus «docético», ou seja, alguém que era humano apenas na aparência, mas que na realidade não era tal.

V. Pervertendo o Texto

1. Heb. 5:7 tem sofrido perversões. Alguns intérpretes não têm podido admitir que Jesus (por ser divino) pudesse ter temor e terror em qualquer das experiências de sua vida, conforme Heb. 5:7 assevera que ele teve. A indisposição por admitir que ele pudesse compartilhar dos temores e ansiedades comuns à humanidade, tem levado esses intérpretes a criar um *Jesus docético*. (Ver o artigo sobre *Docetismo*).

2. O *docetismo* foi uma das primeiras heresias a aparecer na igreja cristã. Afirmava que Jesus não era, realmente, um homem, mas fingia sê-lo. Na realidade, ele seria um poder angelical. Outros diziam que Jesus era um homem, mas que o Espírito de Cristo se apossara do homem Jesus por ocasião do batismo, para em seguida abandoná-lo, quando de sua morte, pelo que não haveria a identificação entre essas duas entidades.

3. Na moderna igreja evangélica, há docetistas de nossos dias, que não se dispõem a admitir que aquilo que Jesus realizou e sofreu, fê-lo como homem. Recusam-se a vê-lo segundo o mesmo prisma do autor da epístola aos Hebreus. Conforme os tais, por conseguinte, tudo quanto Jesus fez de poderoso, fê-lo como Deus; mas, quando acabamos de ouvir suas explicações sobre a vida de Cristo, ficamos surpreendidos de que fosse capaz de morrer. De certa feita, em uma aula de Escola Dominical, ouvimos a exposição da idéia de que Jesus foi capaz de sofrer sua morte agonizante por causa de sua natureza divina. De acordo com essa idéia, Jesus nem ao menos morreu como um homem! Antes, o próprio designio da encarnação teria sido que ele enfrentasse o mesmo problema que enfrentamos, para que mostrasse aos homens como poderiam triunfar como homens.

••• ••• •••

HUMANISMO

HUMANISMO

Esboço:

- i. A Palavra e Suas Definições
- II. Alguns Usos Históricos
- III. Humanismo Religioso, Não-Teísta
- IV. O Novo Humanismo
- V. O Humanismo Cristão

I. A Palavra e Suas Definições

No latim, *humanitas* (*atis*), «humanidade», natureza humana, sentimentos humanos. Vem do termo latino básico *humanus* «humano», relativo aos seres humanos, à *raça humana*. O termo básico é *homo*, «homem», «ser humano». Essa palavra era usada para fazer contraste com os animais irracionais.

Definições Básicas do Dicionário. A cultura derivada do treinamento nos clássicos; uma erudição bem polida; um sistema de pensamento no qual o homem e os seus interesses e desenvolvimento tornam-se o ponto central. Nesse sentido, algumas vezes a palavra é usada para fazer contraste com o teísmo. De acordo com esse sistema, Deus aparece como cêntrico, como o criador, o guia e o alvo de toda a existência. No humanismo, pois, o homem é o alvo de toda a existência, a medida padrão de todas as coisas. Mas o termo também é usado para fazer contraste com o *absolutismo*, aquelas filosofias que exaltam algum tipo de poder cósmico e abstrato, como a verdadeira realidade, da qual o homem é uma minúscula porção.

II. Alguns Usos Históricos

Protágoras afirmava que o homem é «a medida de todas as coisas», de tal modo que, segundo o humanismo, todas as considerações éticas, metafísicas e práticas dependem do homem, e não de forças cósmicas, dos deuses, etc. Assim, criou-se uma filosofia relativista, sem valores fixos ou absolutos.

Foi assim que foi cunhada a significação clássica do termo, ou aquele tipo de cultura e ênfase promovidos por certos filósofos gregos.

Durante a Renascença (vide), homens como Petrarca e Erasmo de Roterdã retornaram às raízes gregas quanto a muitos valores; e assim foi rejeitado, pelo menos em parte, o modo de pensar que se desenvolvera no escolasticismo, com sua autoridade religiosa centralizada, que também caracterizava a Igreja medieval e a sociedade. Erasmo, naturalmente, como cristão, dava valor à missão de Cristo, tendo adicionado isso à sua clássica maneira de pensar sobre o homem. É em homens do naipe de Erasmo que achamos o chamado *humanismo cristão*. Esse humanismo possibilitou o surgimento da ciência, visto que ajudou o poder autoritário mais fraco. «Desde Petrarca (1304—1374), 'o primeiro homem moderno', até Erasmo (1467—1536), 'o primeiro homem europeu', uma notável sucessão de eruditos recuperou o espírito e os tesouros da cultura antiga, tendo-se desenvolvido, gradualmente, desde então, todo um novo sistema de educação e de livre inquirição. Se, em nossa época de imensa concentração da atenção sobre a ciência e a tecnologia, negligenciarmos a tradição humana e desvalorizarmos o estudo das humanidades, então perderemos as inestimáveis riquezas da nossa herança, incluindo a liberdade acadêmica e tornando-nos a população autômata de um Estado totalitário. O humanismo cristão da Idade Média e da Renascença tem mostrado ser o único fundamento da liberdade pessoal e acadêmica da era moderna». (C)

O humanismo moderno, antiteísta. O termo humanismo é usado para fazer contraste com o teísmo. O homem aparece como a base de todos os

valores e de toda excelência, bem como o objeto de todas as atividades. Augusto Comte (vide) foi o grande campeão dessa forma de humanismo. Ele fazia da humanidade o único objeto da nossa adoração.

O humanismo contrastado com o absolutismo filosófico. F.C.S. Schiller e William James (ver os, artigos separados a respeito) objetavam as filosofias absolutistas, onde o Absoluto é tudo e o homem é apenas uma fagulha miserável. Eles frisavam o Universo aberto, o pluralismo e a liberdade humana.

O neo-humanismo. Há muitas variedades de humanismo antiteísta, que compartilham de uma atitude anti-religiosa. Quase todas essas variedades são atéias embora diferindo quanto às combinações específicas. O *comunismo* é uma combinação estranha de totalitarismo com a reivindicação de que todo o sentido da vida precisa ser definido em termos humanos econômicos. Esse sistema toma por empréstimo o absolutismo de Hegel, com sua tríada de tese, antítese e síntese e, dessa maneira, promove um determinismo que destrói totalmente a liberdade humana. Porém, visto que, coletivamente falando, o homem seria a medida de todas as coisas, então poderíamos chamar esse sistema de humanismo. Ver o artigo separado a respeito do *Comunismo*.

Walter Lippman (vide) introduziu o termo *humanismo científico*. Esse aponta para um sistema de ateísmo dentro do qual a ciência, e aquilo que a ciência tem a oferecer ao homem, tornam-se uma divindade. Jean-Paul Sartre (vide) promoveu uma forma existencial de humanismo, de mistura com ideais tipicamente comunistas. Ele supunha que a última síntese seja o comunismo, que é contrário a tudo quanto a história tem para ensinar. Nenhuma síntese existe sem que, finalmente, haja uma antítese contrária, de onde emerge, finalmente, uma nova síntese. Seja como for, somente o homem, sem qualquer ajuda divina, considerado em sua miséria, é a medida de todas as coisas; e essas coisas todas operariam através de tensões econômicas. C.H. Waddington procurou demonstrar que a ética pode se basear exclusivamente sobre a ciência, pelo que teríamos um humanismo ético. Deve-se admitir que apesar dos neo-humanistas rejeitarem a fé cristã, muitos deles também rejeitam o nihilismo e a irresponsabilidade moral.

III. Humanismo Religioso, Não-Teísta

Os fatores que produziram um humanismo religioso, mas não-teísta, foram muitos; mas há alguns poucos fatores principais, que poderíamos salientar: a. a *ciência moderna*, com sua ênfase sobre todas as coisas humanas, e suas atitudes céticas sobre questões metafísicas, sobre o teísmo e sobre os valores absolutos; b. o *modernismo* (vide) na fé religiosa que rejeita os conceitos de autoridade absoluta, põe em dúvida a autoridade das Escrituras, dando mais valor à experiência religiosa humana do que à revelação bíblica; c. o *unitarismo* (vide), dentro desse sistema, uma religião formalizada e não-teísta, acabou desenvolvendo-se. John H. Dietrich, um ministro unitário, é chamado de *pai* do humanismo religioso; e a maioria dos líderes do humanismo religioso surgiu dentre a Igreja Unitária. As Igrejas humanistas constituem uma espécie de ala esquerdista do unitarismo. Em maio de 1933, o chamado *Manifesto Humanista* foi publicado por essa Igreja. Cito uma parte desse manifesto:

«O humanismo assevera que a natureza do Universo, pintada pela ciência moderna, torna inaceitável qualquer garantia sobrenatural ou cósmica dos valores humanos... A religião deve formular

HUMANISMO — HUME

seus planos e esperanças à luz do espírito e do método científicos».

«A religião consiste naqueles atos, propósitos e experiências que são humanamente significativos. Nenhum interesse humano está desligado da religião. Estão incluídos o labor, as artes, as ciências, a filosofia, as amizades e as recreações; tudo quanto está envolvido expressa uma existência humana satisfatória. A distinção entre o sagrado e o secular não pode continuar sendo mantida».

«O alvo do humanismo é uma sociedade livre e universal, de acordo com a qual as pessoas cooperam voluntária e inteligentemente para o bem comum. Os humanistas exigem uma vida compartilhada e um mundo compartilhado».

Um Contraste Teísta. Alguns humanistas, que se apegam aos princípios gerais, conforme damos acima, nem por isso rejeitam a crença teísta. Eles não são cristãos conservadores, mas também não são ateus. Acreditam que Deus existe e que a sua ajuda, para atingirem alvos humanísticos é algo essencial. Eles não salientam a vida futura, pensando que o homem tem o bastante para ocupar a sua atenção, neste mundo, e que deve procurar apenas melhorar as condições da vida presente. Quanto à vida futura, eles contentam-se em deixar isso aos conselhos de um Deus sábio e bondoso.

IV. O Novo Humanismo

Irving Babbitt, Paul Elmer Mote e seus seguidores salientavam a experiência humana, em contraste com a existência dos animais. Eles faziam do ser humano o modelo da natureza ética, afirmando que o livre-arbítrio humano reveste-se da maior importância. A *liberdade final* é definida como livre de todas as restrições externas, embora sujeita a uma lei interior. A escola do novo humanismo tende por enfatizar os valores helenistas; mas alguns de seus membros têm procurado encontrar uma síntese com as chamadas religiões *reveladas*, como o cristianismo.

V. O Humanismo Cristão

Deus foi o grande humanista, quando amou ao mundo inteiro e enviou o seu Filho para salvar as almas humanas (João 3:16; Rom. 8:1 ss). Cristo foi um grande humanista quando cumpriu sua missão salvática e restauradora (Rom. 5:6 ss). Ele ampliou ainda mais o seu humanismo quando realizou sua missão salvadora e restauradora no hades, o lugar mesmo do julgamento (I Ped. 3:18 — 4:6). E ele continua em seu empreendimento humanista mediante sua obra intercessória nos lugares celestiais (Rom. 8:15 ss). Porém, a maior manifestação do humanismo de Cristo tornar-se-á evidente quando ele restaurar todas as coisas, conforme é exigido pelo mistério da vontade de Deus (Efé. 1:9,10). Ver os artigos separados quanto a descrições sobre essas doutrinas: *Mistério da Vontade de Deus e Restauração*. Ver também sobre os *Paços*, *Destino dos*.

A Igreja Oriental, ao reconhecer as dimensões maiores do amor de Deus e a extensão maior da oportunidade de salvação, inerentes na missão de Cristo, tem-se mostrado mais humanista em suas posições do que a Igreja Ocidental. A Igreja Ocidental declara que os salvos serão poucos, e que os condenados sofrerão agonias eternas no inferno. Isso não reflete um ponto de vista muito humanista, sendo especialmente desagradável diante do fato de que diz que a oportunidade de salvação termina por ocasião da morte biológica de cada pessoa, o que é contrário ao que diz o trecho de I Ped. 4:6. Quase todos os grupos protestantes e denominações evangélicas têm herdado o ponto de vista pessimista da Igreja

Ocidental.

Poderíamos definir o *humanismo cristão* como aquela visão da missão de Cristo que declara que sua missão, finalmente, haverá de beneficiar a *todos* os homens e não apenas aos eleitos e que a *oportunidade* de salvação é *ampla*, não podendo limitar-se à vida biológica pela qual passa cada indivíduo. Os artigos acima aludidos fornecem detalhes sobre essa maneira de interpretar o Novo Testamento. (AM C E F H N TI)

HUMANISMO CRISTÃO

Ver sobre *Humanismo*, seção quinta.

HUMANITARISMO

1. Essa é a doutrina que diz que cada um deve procurar fomentar o bem-estar da humanidade, suavizando as dores, promovendo o bem-estar geral e encorajando a prosperidade e o progresso. Isso inclui qualquer tipo de ato, caridade, melhoria industrial, obras científicas, e também as contribuições de todos os campos de estudo e atividade, incluindo o campo religioso.

2. Em um sentido negativo, o humanitarismo é a prática dos ricos que, a fim de aliviarem a própria consciência, dão algo aos pobres, sem importar os meios usados para isso.

3. Na teologia, um humanitário é alguém que nega a natureza divina de Cristo, tomando uma posição antitrinitariana. Ainda, no campo teológico, o termo pode aludir ao conceito de que a raça humana pode viver perfeitamente sem a ajuda divina.

4. Na filosofia, o humanitarismo é a doutrina de Augusto Comte e de outros, que afirma que a humanidade é a realidade final.

Ver também o artigo geral sobre *Humanismo*.

HUME, DAVID

Suas datas foram 1711—1776. Foi um filósofo escocês. Nasceu em Edimburgo, frequentou a universidade dessa cidade. Além de filósofo em sentido geral, ele se tornou conhecido como grande historiador e como teórico político. Seus contemporâneos alcunharam-no de *Tácito Inglês*. Suas experiências, na Universidade de Edimburgo, começaram cedo, pois ingressou na mesma com apenas doze anos de idade. Ficou sob a influência de idéias científicas quando ainda era bem jovem, e sentiu que as ciências sociais e a ética precisavam ser revolucionadas, com base em conceitos científicos. Ele pensava que assim como Newton havia revolucionado a física, assim também ele poderia produzir essa outra revolução. Embora treinado na advocacia, não se dedicava à mesma de todo o coração. As tendências para o ceticismo, na filosofia francesa, bem como nos escritos de vários antigos filósofos gregos, agitaram as cordas de uma mente já por si inquiridora.

Ele foi para a França, em 1734, tendo-se estabelecido na cidade de La Flèche, onde Descartes se educara. Durante três anos laborou com suas idéias, meditando sobre assuntos filosóficos. Disso resultou um tratado, *Sobre a Natureza Humana*, o que, conforme ele mesmo disse, «já saiu morto da impressora». Porém, a influência desse escrito era inevitável, embora reservada para anos mais tarde. Ele publicou dois volumes intitulados *Ensaio*, um trabalho que foi aclamado prontamente pelos críticos.

Tendo deixado a França, tentou novamente a cadeira de Filosofia Moral, na Universidade de Edemburgo, na Escócia; mas isso se reduziu a nada. Dessa forma, tornou-se tutor e então secretário do general St. Clair. Então reescreveu o seu *Tratado Sobre a Natureza Humana*, tendo publicado a substância do mesmo, que atualmente se chama *Inquiry Concerning Human Understanding*. A princípio, essa reedição novamente chamou pouca atenção, mas é a principal obra sobre a qual repousa a sua fama como filósofo.

Em 1751, tentou novamente ensinar em Edemburgo e, novamente, fracassou. Isso posto, tornou-se bibliotecário da Biblioteca do Advogado, em Edemburgo. Ali trabalhou com diligência, produzindo sua monumental *História da Inglaterra*. Em 1763, tornou-se secretário da Embaixada Britânica, em Paris. A sociedade intelectual francesa deu-lhe grande valor, a partir do que sua fama como filósofo foi crescendo. Uma vez mais retornou a Edemburgo, de onde se transferiu para Londres, tendo passado dois anos como subsecretário do general Conway. Em 1769, ele partiu para Edemburgo, uma vez mais, e logo tornou-se a figura central da vida cultural e intelectual daquela cidade. Isso prosseguiu até à sua morte, que ocorreu a 25 de agosto de 1776.

Parte do sucesso de Hume devia-se à sua calorosa personalidade, que os seus adversários não podiam negar. Era chamado afetuosamente, na França, de «le bom David» e, na Escócia, mais lisonjeiramente ainda, de «saint David». Adam Smith teceu o seguinte elogio a ele: «Ele se aproximou até bem perto do ideal de um homem perfeitamente sábio e virtuoso, até onde a fragilidade humana permite tanto». Contudo, foi esse homem que combinou o empirismo inglês com o ceticismo francês, e abalou o mundo filosófico inteiro com as suas idéias. Kant admitiu que boa parte de sua filosofia surgiu como uma tentativa para suavizar o brutal ceticismo de Hume. Seja como for, sem dúvida Hume foi um dos maiores céticos modernos. Ver o artigo separado sobre o *Ceticismo*.

Idéias:

1. Hume baseava o chamado conhecimento sobre as impressões, ou seja, as informações colhidas por nossos cinco sentidos. Daí é que emergiriam as idéias. Então as idéias são fixadas na memória; mas, dessa forma, têm menos força do que aquelas da experiência presente.

2. As *Idéias*. Para ele, as idéias *simples* seriam meras cópias de impressões simples. E as idéias *complexas* resultariam da complexidade das nossas impressões, quando são compostas, multiplicadas e manipuladas.

3. É fácil atribuir as idéias às impressões; mas, quando tentamos acompanhar as impressões de volta à sua fonte, falhamos. Supomos que elas surgem de algum mundo externo, que estaríamos presentindo; mas tal suposição repousa sobre uma mera *fé animal*, e não sobre experiências válidas. Falamos sobre causas e efeitos; mas aquilo que sabemos é que se trata apenas de duas ocorrências que foram impressas sobre nossas sensações, aparentemente, relacionadas entre si. Para asseverarmos mais do que isso, precisaríamos da *fé animal*. Esses termos podem ser usados para aludir a como nossas mentes ordenam as impressões. Essas impressões seriam: semelhança, contigüidade e causa e efeito. Ligamos eventos em sucessão e supomos que estamos observando causas e seus efeitos; mas isso seria apenas uma expressão do hábito que temos de organizar e agrupar as coisas, e então, ler nos eventos, o que queremos ler nos mesmos. Cremos nas substâncias como a origem das

nossas impressões, e preferimos supor que elas continuam a existir, mesmo quando não as estamos sentindo. Porém, em tudo isso há o envolvimento de uma mera *fé animal*. A única coisa que realmente sabemos é o grande cortejo de sensações (ou percepções) que atravessa a nossa mente.

4. *Probabilidade*. Mediante a associação de experiências similares, chegamos a crer que situações similares produzem resultados similares; e daí surge o princípio da *indução*, a base do método científico. Porém, tudo isso ultrapassa a experiência.

5. *Identidade Pessoal*. Poderíamos supor que o *mesmo eu* está experimentando o cortejo das nossas impressões. Supomos que a mesma pessoa conglomerada as idéias, as emoções, as memórias e as antecipações. A memória nos leva a acreditar na identidade de um «eu» contínuo. Porém, precisamos invocar a *fé animal* para asseverar a auto-identidade e o mesmo também se dá com respeito à realidade dos objetos que percebemos.

6. As afirmações da lógica e da matemática são analíticas, e não sintéticas. Em outras palavras, ali a realidade é apenas tautologia lógica. Elas não nos fornecem qualquer informação sobre o mundo. São verdadeiras apenas logicamente.

7. *Metafísica*. Com base naquilo que sucedeu antes, torna-se evidente que, para Hume, não pode haver sistema de metafísica segundo o qual possamos especular sobre a *realidade*. Assim como Berkeley negava a existência do mundo material, por supor que somente a *Idéia* é real, assim também Hume eliminava tanto o material quanto o que é espiritual, reduzindo todas as coisas a um mero cortejo de sensações. Ele falava sobre o «eu», sobre a alma, sobre o mundo e sobre as substâncias racionais como se tudo fosse apenas uma coletânea de idéias, unidas pela imaginação, e às individualizações das quais daríamos nomes separados. Afirmava ele: «Quando penetro na intimidade daquilo que chamo de «eu mesmo», sempre tropeço em alguma percepção particular, como o calor, o frio, a luz, a sombra, o amor, o ódio, a dor e o prazer. Nunca consigo destacar a mim mesmo, em qualquer oportunidade, sem alguma percepção, e nunca consigo observar *qualquer coisa*, exceto através da *percepção*».

8. *Conhecimento*. Podemos distinguir dois tipos do chamado conhecimento: a. a verdade verbal ou analítica, como as tautologias da matemática e da lógica. b. Então também há o chamado conhecimento real, que são as verdades alicerçadas sobre as impressões. Mas esse conhecimento não é real, no sentido convencional. Hume, pois, negava a validade das verdades universais, — e acreditava somente no cortejo incessante das sensações, em torno das quais vamos formando as nossas idéias.

Aquilo a que chamamos de conhecimento, seja como for, é *empírico*. Está limitado ao mundo dos fenômenos. Não haveria tais coisas como revelação, misticismo, intuição e razão, como fontes separadas do conhecimento; mas esses seriam apenas nomes que damos a certas associações de sensações. Nada sabemos sobre as coisas finais, substâncias, causas, alma, ego ou o Universo. Ora, a posição de Hume reflete o mais puro ceticismo, onde o conhecimento é considerado impossível.

9. *Ética*. Ele declarava que «a razão é e deveria ser apenas escrava das paixões, nunca pretendendo ocupar outro ofício além do de servir e obedecer às paixões». As emoções primárias, os prazeres e a dor tornar-se-iam mais complexos pela associação de idéias, transformando-se em tristeza, alegria, malícia, generosidade, etc. O homem, naturalmente, inclinar-

se-ia para o prazer, procurando evitar toda dor. Mas Hume também via que no homem há a propensão para a *simpatia*, um outro nome para o amor. Daí desenvolvem-se atos benévolos. Quando o homem começa a fazer alguma coisa por seus semelhantes, então tais atos tornam-se sociais. **O senso de Utilidade** segreda-nos quão bons são os valores, pelo que a utilidade seria o teste principal de um bom ato. O que é útil é aprovado pela sociedade, pelo que a utilidade torna-se um princípio controlador dos atos humanos. Mas, aquilo que não tem utilidade, é rejeitado pela sociedade, e a isso ligamos palavras como, inútil, ruim, pervertido, etc.

Hume mostrou ser o pioneiro que distinguiu entre os «julgamentos de valor» e as declarações de fato. Os primeiros são uma interpretação, podendo estar alicerçados sobre preconceitos pessoais e sociais, pelo que não teriam qualquer valor de verdade. E ele também afirmava que não podemos equiparar «o que deveria ser» com aquilo que «existe». Não seria possível formular a equação *é-deveria ser*. Existem coisas que não são corretas. Costumes sociais estabelecidos desde há muito não são necessariamente corretos, simplesmente porque existem. Outro tanto se aplica, como é óbvio, às crenças em geral.

Ele defendia um ponto de vista utilitarista quando se tratava de julgar os julgamentos de valor. Aquelas coisas que tendem por beneficiar a sociedade são chamadas boas. Em caso contrário, são rejeitadas como más. Hume, pois, tem sido considerado um dos precursores do *utilitarismo* (vide). Nossos *sentimentos morais* aprovam o que é *útil* e rejeitam o que é *inútil*.

10. **Religião.** As idéias religiosas de Hume foram expressas em sua obra chamada *Diálogos Sobre a Religião Natural*. Ele dizia que tanto os céticos quanto os homens de fé asseveram quão incompreensível é a idéia de Deus. Porém, os céticos e os teólogos naturais afirmam a natureza antropomórfica da idéia de Deus, concordando quanto ao fato de que a discussão sobre a existência de Deus é uma questão de probabilidade, e não de necessidade. Ele rejeitava o *argumento ontológico* de Anselmo (vide), com base no fato de que um *ser necessário* não tem significado coerente, e nem podemos ter quaisquer sensações referentes a um ser dessa ordem. O *argumento cosmológico* (vide), por sua vez, confinar-se-ia a especulações sobre coisas que experimentamos neste mundo, pelo que nunca poderá afetar a Deus, que, declaradamente, está fora deste mundo. Quando muito, o argumento teleológico (vide) poderia descrever uma divindade finita e imperfeita, e não uma divindade perfeita e transcendental, como o Deus da fé cristã. O diálogo de Hume, pois, tem o efeito de empurrar tanto os teólogos naturais quanto os homens de fé na direção do ceticismo. Ele afirmava que nenhum argumento contra essa posição tem surgido na linha do horizonte. As pessoas religiosas falam sobre *milagres*; mas os milagres nunca poderiam repousar sobre bases racionais. Supostamente, os milagres são confirmados por pessoas espalhadas dentro do espaço e do tempo, e nunca são sujeitos às sensações das mesmas, sobre as quais repousa o chamado conhecimento. As chamadas leis da natureza são estabelecidas por um fundo de experiências comuns, que vai aumentando constantemente. Porém, os milagres estão acima desse fundo, e são confirmados apenas por indivíduos solitários. Portanto, não há nenhuma evidência em favor dos milagres. Deveríamos considerá-los pertencentes ao terreno das superstições. Naturalmente, essa é uma posição míope e provincial. A evidência total, em favor dos milagres, é bastante impressionante. Ver o artigo

sobre *Satya Sai Baba*, quanto a um operador de milagres moderno, cujos feitos são bem documentados.

11. **Influência Geral.** As *idéias de Hume* influenciaram os revolucionários franceses e outros pensadores políticos. No campo da economia, ele converteu Adam Smith ao liberalismo econômico, embora, nesse caso, o aluno tenha ultrapassado ao mestre. Dentro da filosofia, a sua influência foi imensa. Kant dizia que Hume é que o havia despertado de sua sonolência dogmática. Hume foi um precursor do utilitarismo. Ele foi uma espécie de genitor do positivismo lógico, visto que tal sistema é essencialmente cético. E isso significa que ele exerceu influência sobre a filosofia da ciência, visto que o positivismo lógico é a base dessa filosofia.

12. **Reações.** Hume, Hobbes e Locke foram julgados por muitos como se tivessem levado longe demais as questões que trataram. Ralph Cutworth opunha-se aos ensinamentos ateus e materialistas de Hobbes, com base no ponto de vista do platonismo cristão, e as suas críticas também se aplicam ao sistema de Hume, embora escritas antes da época deste. Samuel Clarke, em seu *Discourse Concerning the Unalterable Obligations of Natural Religion*, negou alguns dos pressupostos fundamentais de Hume. Thomas Reid, o líder do realismo do bom senso escocês, um movimento filosófico, se opunha ao ceticismo radical de Hume. Leibniz, na Alemanha, também se opunha a muitas das idéias de Hume. A filosofia de Kant incorporava alguns dos raciocínios e conclusões de Hume; mas, a fim de contrabalançar isso, propôs postulados de razão prática, dando novamente valor à metafísica, à fé e à intuição.

13. **Críticas.** Em favor de homens como Hume, devemos dizer que eles fazem as pessoas pensarem. É bom o indivíduo ser despertado de sua sonolência dogmática. Além disso, há um sentido em que o ceticismo é autêntico, ou seja, quanto ao aspecto que todo o nosso conhecimento é apenas *parcial*. Somente Deus sabe todas as coisas, e com precisão. A heresia de hoje é a ortodoxia de amanhã, conforme a história tem demonstrado por tantas vezes. Precisamos manter abertas as nossas mentes. Precisamos continuar pesquisando. A estagnação, com frequência, equivale à ignorância que busca conforto. Por outro lado, Hume levou as coisas longe demais. Ele não reconheceu que a razão, a intuição e o misticismo são outras tantas vias de obtenção de conhecimento. O empirismo, baseado na percepção dos sentidos, não é a única maneira de se investigar. Então, tal como se dá com todos nós, o conhecimento dele era provincial. Ele não tinha muita experiência religiosa. Ele não era perito nessa linha de pensamento; mas era ousado o bastante para se pronunciar sobre um campo acerca do qual tinha tão pouca experiência. Nunca conheceu qualquer grande mestre espiritual. Se o tivesse conhecido, sem dúvida não teria dito certas coisas que disse. Também não possuía experiências místicas pessoais, e dificilmente era um bom juiz do que estava envolvido nessas experiências. Hume era dotado de uma mente muito arguta, mas as circunstâncias limitavam a sua experiência. É impossível um homem manifestar-se sobre qualquer grande variedade de assuntos, conforme Hume tentou fazer. Não obstante, ele deixou sua marca, e podemos derivar certas coisas benéficas de sua filosofia. «As perguntas que ele fez estão bem vivas, embora as respostas dadas por ele raramente sejam consideradas satisfatórias». (AM)

Escritos. Treatise on Human Nature; An Inquiry Concerning Human Understanding; Political Discourses; Inquiry Concerning the Principles of Moral;

HUME — HUMILDADE

History of England; Four Dissertations; The Natural History of Religion; Inquiry Concerning Natural Religion.

Bibliografia. AM BE E EP F MM P

HUME, GARFO DE

Em sua obra, *Inquiry Concerning Human Understanding* (IV.1), Hume deixou clara a distinção entre as declarações analíticas, *a priori*, conforme se vê na matemática e na lógica, e as declarações sintéticas, baseadas sobre fatos que surgem de nosso contacto com as coisas. As primeiras dizem respeito «à relação entre as idéias»; e as segundas referem-se «às questões de fato e da existência real». Leibniz falou mais ou menos da mesma maneira, tendo-se referido às verdades da *razão* pura e às verdades de *fato*, que se originam em nossa percepção. Contra Hume, Kant propôs proposições *a priori*, embora sintéticas, que a nossa mente operaria em categorias e forças, de tal modo que, na realidade, essas proposições seriam lógicas e *a priori*. Contudo, poderíamos investigar essas coisas por meio da experiência, pelo que elas tornar-se-iam sintéticas. O emprego feito por Hume, quanto a essa distinção, pode ser visto claramente na seguinte citação:

«Quando percorremos as bibliotecas, persuadidos quanto a esses princípios, que confusão devemos lançar? Se tomarmos nas mãos qualquer volume — de divindade ou de metafísica escolar, por exemplo, perguntemos: Este volume contém qualquer raciocínio abstrato acerca de quantidade ou número? Não. Contém qualquer raciocínio experimental acerca de questões de fato e da existência? Não. Então joguemo-lo no fogo, pois nada mais contém senão sofismas e ilusões» (12.3).

É aí que encontramos o garfo em operação. Seus dentes separam claramente os campos do conhecimento real do suposto conhecimento. O garfo de Hume precisa ser criticado, entretanto, com base no fato óbvio de que o conhecimento pode ser adquirido genuinamente através da razão, da intuição e do misticismo (que inclui a revelação). Portanto, o conhecimento pode existir sem qualquer experimento científico ou pessoal, sem nenhuma base na percepção dos sentidos. Ver o artigo geral sobre o *Conhecimento e a Fé Religiosa*. Alguns sociólogos, entretanto, preferem depender pesadamente dessa falácia de Hume.

HUME, LEI DE

Hume declarou que a **falácia naturalista** não passa, realmente, de uma falácia. Não poderíamos equiparar o que foi, o que é, o que será ou o que deveria ser. É aquilo que *deveria* ser nem sempre existe, necessariamente. Alguns sociólogos e antropólogos defendem muito dessa falácia. Esses tendem por defender, como boas ou aceitáveis, condições que existiam ou continuam existindo nas culturas, meramente porque elas, de fato, existem ou existiram. Se uma cultura abandona os seus idosos e mata os elementos mais débeis, porque tais pessoas são cargas para a sociedade, isso não significa que tais atos sejam morais, ou que sejam tão bons como seus opostos, em outras sociedades. Simplesmente porque sempre houve guerras, e que, periodicamente, um país envia homens armados contra outros, com o propósito específico de matar, não significa que isso seja bom, ou que seja algo tão bom quanto viver em paz, com a promoção de causas humanitárias. O que é nem sempre pode ser equiparado ao que *deveria* ser.

HUMILDADE

Esboço:

- I. Definição
- II. Opiniões Contrárias
- III. Ensinos Bíblicos sobre a Humildade
- IV. Termos Bíblicos

I. Definição

A palavra portuguesa «humildade» vem do termo latino *humilitas* (tatis), que significa «baixeza», «vileza». A humildade, pois, é a qualidade de ser humilde, em contraste com a atitude da arrogância. O conceito incorpora idéias de gentileza e submissão. A pessoa humilde é cortês, e não rude. A humildade é uma atitude de modesta auto-estima. É uma condição na qual o orgulho é rejeitado; é a isenção da arrogância. No cristianismo, supõe-se que a humildade seja uma das virtudes principais, que nos resguarda do orgulho humano, o qual anula, tão facilmente, os propósitos da graça. Também envolve o senso de sermos meras criaturas, débeis e indignas diante de Deus, como também de humildade diante dos homens. Condescende diante de homens de posição inferior. Reconhece a própria dependência à graça e à provisão de Deus. Reconhece em Deus a fonte de todo o bem-estar de todas as realizações. Declarou Paulo, em sua humildade: «Mas, pela graça de Deus, sou o que sou...» (I Cor. 15:10).

II. Opiniões Contrárias

Nem todos os sistemas éticos louvam a humildade. Aristóteles, talvez refletindo uma atitude grega comum, em sua obra, *Nicomachean Ethics*, elogiou a auto-suficiência ativa como uma virtude. No pólo oposto, ele criticou a arrogância como um dos vícios de excesso, embora tivesse degradado a *humildade* como um vício de deficiência. Ver o artigo separado sobre o *Meio-Termo Aureo*, quanto a uma explicação das doze virtudes cardeais de Aristóteles, com seus vícios de excesso ou de deficiência. Os termos empregados por Aristóteles foram: a *virtude* (o termo médio) e a *magnanimidade*.

Nietzche (vide), em sua filosofia sobre o super-homem, onde Deus aparece como morto, não abriu nenhum lugar para a humildade, o que, para ele, seria uma qualidade que os poderosos louvam nos fracos, mas somente com a finalidade de mantê-los em sujeição. Os poderosos diriam: «É uma virtude ser fraco e submisso»; e os débeis seriam estúpidos o suficiente para acreditarem nessa mentira. Para ele, exaltar o servilismo como se fosse uma virtude cardeal, como faz o cristianismo, seria ridículo demais para precisar de refutação. A humildade seria a negação da verdadeira humanidade. Em contraste com isso, Kierkegaard via o homem separado por um infinito abismo, que o afastaria de Deus, e ajoelhado. Portanto, na opinião deste último, a humildade é apropriada para a sua condição natural. Agostinho, por sua vez, pensava que a humildade é necessária para a verdadeira santidade, visto que o indivíduo arrogante não vai muito longe, com Deus, na espiritualidade. Além disso, a humildade seria a base de um serviço altruísta, onde um indivíduo serve verdadeiramente a outrem, e não ao seu próprio «eu», de alguma maneira disfarçada.

III. Ensinos Bíblicos Sobre a Humildade

1. A humildade é necessária para quem quiser servir a Deus (Miq. 6:8).
2. É uma das principais características dos santos (Sal. 34:2).
3. Vem antes da honra (Pro. 15:33).

HUMILDADE — HUMILHAÇÃO

4. Aqueles que são humildes vêem suas orações serem respondidas por Deus (Sal. 9:12; 10:17).

5. Os humildes usufruem da presença de Deus (Isa. 57:15).

6. Deus livra os humildes de seus inimigos (Jó 22:29).

7. A humildade antecede à honra (Pro. 22:4).

8. A humildade é uma excelente virtude (Pro. 16:19).

9. A humildade pode afastar os juízos temporais (II Crô. 7:14; 12:6,7).

10. Os humildes recebem ainda maior graça (Pro. 3:34; Tia. 4:6).

11. Cristo é o exemplo supremo de humildade (Mat. 11:29).

12. Os humildes são os maiores no reino de Cristo (Mat. 18:4; 20:26-28).

13. A humildade deve ser usada como uma veste espiritual (Col. 3:12; I Ped. 5:5).

14. Os santos devem andar na humildade (Efê. 4:1,2).

15. Há uma falsa humildade que precisa ser evitada (Col. 2:18,23).

16. A falta de humildade é condenada (II Crô. 33:23; Dan. 5:22).

17. As aflições produzem a humildade (Deu. 8:3; Lam. 3:20).

18. A humildade é uma bendita virtude (Mat. 5:3).

19. O lava-pés dos discípulos, por Jesus, foi uma ilustração de humildade (João 13:3 ss).

20. Os grandes exemplos bíblicos de humildade foram: Abraão (Gên. 18:27); Jacó (Gên. 32:10); Moisés (Êxo. 3:11; 4:10); Josué (Jos. 7:6); Gideão (Juí. 6:15); Davi (I Crô. 29:14); Ezequias (II Crô. 32:26); Jó (Jó 42:6); João Batista (Mat. 3:14); o centurião romano (Mat. 8:8); a mulher cananéia (Mat. 15:27); Isabel (Luc. 1:43); Pedro (Luc. 5:8); Paulo (Atos 20:19); Jesus (Mat. 11:29; Fil. 2:5-8).

IV. Termos Bíblicos

Há três palavras hebraicas e duas palavras gregas que precisam ser consideradas neste verbete, a saber:

1. *Anah*, «humilde», «aflição». Essa palavra ocorre por cerca de quinze vezes, conforme se vê, por exemplo, em Êxo. 10:3; Deu. 8:2,3,16; 21:14; Juí. 19:24; Sal. 35:13; Eze. 22:10,11. Esse vocábulo tem os sentidos de «olhar para baixo», de «rebaixar-se», de «ser gentil», de ter «um espírito humilde».

2. *Kana*, «humilhar-se» ou «ser humilhado», «ser subjugado». É palavra usada por cerca de trinta e seis vezes, conforme se vê, por exemplo, em I Reis 21:29; II Reis 22:19; II Crô. 7:14; 12:6,7,12; 30:11; 32:26; 33:12,23; 34:27; 36:12.

3. *Shaphel*, «depressão», «afundamento», «humilhação». Esse termo é usado por trinta vezes, conforme se vê, por exemplo, em Pro. 16:19; Jer. 13:18; Jó 5:11; Ecl. 12:4; Eze. 17:6,24; 21:26.

4. *Tapeinopsúne*, «humildade», «humildade mental». Esse substantivo grego ocorre por sete vezes: Atos 20:19; Efê. 4:2; Fil. 2:3; Col. 2:18,23; 3:12; I Ped. 5:5.

5. *Tapeinós*, «humilde». Esse adjetivo grego ocorre por oito vezes: Mat. 11:29; Luc. 1:52; Rom. 12:16; II Cor. 7:6; 10:1; Tia. 1:9; 4:6 (citando Pro. 3:34); I Ped. 5:5.

HUMILHAÇÃO (HUMILDADE) DE CRISTO

Ver os artigos separados sobre **Encarnação** e a **Humanidade de Cristo**.

Esboço:

I. Discussão Preliminar

II. Importância da Humanidade de Cristo

III. Exposição do Texto Principal Sobre este Assunto (Filipenses 2:7-8)

IV. Em João 14:28: O Pai é Maior do que Eu

I. Discussão Preliminar

Humildade e Encarnação de Cristo (Fil. 2:5-11). A humildade (*humilhação*) de Cristo levou à sua suprema exaltação. Cristo possui natureza humana verdadeira, tendo sido exaltado por haver completado com pleno êxito a sua missão como homem. Esta seção é uma das obras-primas de Paulo. Ainda que ele nada mais houvesse escrito, somente essa porção teria feito dele um escritor imortal. Essa passagem é a principal glória da epístola aos Filipenses; nela Paulo se eleva a discernimentos profundíssimos e eloqüentes, sobre os quais a fé cristã se tem alicerçado. Não devemos nos surpreender que esta seção, quanto à qualidade literária, seja diferente do restante da epístola. Dentre a missiva pessoal, que compõe a maior parte da epístola aos Filipenses, levanta-se subitamente, qual pico majestoso, esta grandiosa passagem sobre a humanidade de Cristo, como não há igual em todo o N.T. Esta passagem assume as características de um hino ou poema, e alguns têm pensado que o a passagem já era isso mesmo, ou que foi composta pelo apóstolo como se fora tal. Existem alguns fragmentos de hinos, preservados nas páginas do N.T., o que é comentado no trecho de Efê. 5:19 no NTL. No entanto, sua conexão tão perfeita com seu contexto parece indicar que Paulo compôs esta passagem no instante em que começou a escrevê-la, embora certamente em um momento de inspiração extraordinária. O trecho demonstra os sinais de uma composição cuidadosa, embora a gramática não seja a mais excelente possível, aqui e acolá. Esta passagem é similar à de II Cor. 8:9 *...pois a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos...» Todavia, a presente passagem é uma expansão elaborada e eloqüente dessas idéias básicas. Paulo demonstrou uma capacidade poética de ordem em nada inferior, equilibrando cuidadosamente não apenas cláusulas correspondentes, mas também palavras particulares. Nesta e em algumas outras passagens, como o oitavo capítulo da epístola aos Romanos, o décimo terceiro da epístola aos Efésios, encontramos os escritos mais excelentes de Paulo.

O propósito *prático* imediato destes trechos serve para ilustrar a necessidade de humildade e harmonia, no seio da comunidade cristã; e esta elevadíssima porção da epístola não está fora de harmonia com esse tema, mas antes, ilustra-o. Era comum que Paulo escrevesse sobre elevadas questões doutrinárias usando de verdades práticas, diárias, como ilustração. Sua exposição imortal sobre o amor (ver o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos Coríntios) foi inspirada pelo seu desejo de ver os crentes empregarem os dons espirituais de maneira correta. E sua apresentação de Cristo como o «Noivo» e da igreja como a «noiva», foi inspirada pelo seu interesse por ilustrar o amor mútuo que deveria haver entre marido e mulher, neste mundo. Por outro lado, sua belíssima expressão sobre a carreira do crente (ver o terceiro capítulo de Filipenses) foi inspirada por seu desejo de ilustrar a superioridade do cristianismo sobre o legalismo.

II. Importância da Humanidade de Cristo

No presente texto transparece a grande importância da humanidade de Cristo. Jesus não foi exaltado

HUMILHAÇÃO

porque era divino, de modo a ter sido elevado acima de tudo, até à mão direita de Deus Pai; pelo contrário, foi ele assim exaltado porque completou com todo o sucesso a missão que viera cumprir como homem, a sua missão messiânica. Isso concorda com o trecho de Heb. 1:9, onde vemos que a exaltação de Cristo se alicerça sobre o fato de que ele amou a justiça e odiou a iniquidade; e essa foi a grande característica de sua missão terrena. Nesse ensinamento nos é lembrado que Cristo se identificou conosco, em nossa humanidade, a fim de que pudéssemos nos identificar com ele, em sua exaltação e em sua natureza divina, vindo assim a compartilhar de sua plenitude e da plenitude de Deus Pai (ver Rom. 8:29; Efé. 1:23; 3:19 e II Ped. 1:4).

O que ocorre ao Cabeça, necessariamente ocorrerá também ao corpo místico, já que nossa identificação com Cristo é completa e eterna. E essa é a profundíssima mensagem do evangelho que vai muito além do perdão dos pecados e da mudança futura de endereço para os céus. (Ver as notas expositivas em Fil. 2:7 no NTI, onde aparece inerente o ensino sobre a importância da humanidade autêntica de Jesus Cristo). Isso nos ensina que Cristo foi *vencedor* e foi *exaltado*; e outro tanto pode acontecer conosco, e isso da mesma maneira e com o mesmo grau que ocorreu com Jesus, porquanto nossa identificação com ele garante isso.

«Cultivai a disposição que houve em Cristo Jesus. Pois ele, embora existisse desde a eternidade, em estado de igualdade com Deus Pai, não considerou que essa condição divina fosse algo a que ele deveria agarrar-se tenazmente; antes, deixou tudo de lado, e assumiu a forma de escravo, tendo sido feito à semelhança dos homens; e, uma vez encontrado na forma de homem, humilhou-se ao tornar-se obediente a Deus de tal sorte que sofreu a morte, sim, a morte ignominiosa da cruz». (Vincent, *in loc.*)

Devemos observar que foi o escravo quem foi supremamente exaltado. Paulo queria que aprendêssemos essa lição, para que pudéssemos receber nossa glorificação no serviço de outros, e não no serviço de nós mesmos.

III. Exposição do Texto Principal Sobre Este Assunto (Fil. 2:7-8)

mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz.

A si mesmo esvaziou. Longe de preferir seus elevados direitos e privilégios, em pé de igualdade com Deus Pai, Cristo se «esvaziou», o que representa tradução literal do verbo grego «Kenoo». Esse verbo também pode significar «tornar-se efeito», «anular», «privar-se de». O que os intérpretes disserem a respeito disso será determinado, não por esse termo grego ou pelo que diz o versículo inteiro, mas pelo que significa tal conceito, teologicamente falando, a saber:

1. Mui provavelmente, Paulo não tencionava estabelecer qualquer declaração teológica exata, firmando distinções neste ponto; antes, de maneira geral e indefinida, meramente salientou o fato de que, em vez de Jesus escolher as glórias celestiais e poderes elevados, preferiu a esfera humilde dos homens, a fim de poder redimir seus eleitos; e assim esvaziou-se de sua expressão de vida nas regiões celestes. Essa expressão, portanto, serve para ilustrar uma atitude, a fim de serem bons seguidores de Cristo, não procurando expressar, em quaisquer termos exatos, as limitações que havia no estado encarnado de Jesus Cristo. Esta expressão, por

consequente, é posteriormente definida naquilo que se segue, acerca de sua natureza: Cristo se tornou homem, um escravo, um escravo obediente, ao ponto de haver aceito uma morte ignominiosa, preferindo isso a reter suas glórias celestiais elevadas—e tudo isso porque queria redimir os homens. Qualquer coisa que vá além disso, na tentativa de expressar o sentido do trecho, penetra no campo da teologia especulativa, embora algo mais seja definido em outras porções do N.T.

2. Cristo Jesus jamais poderia ter deixado de ser Deus, pois como pode alguém deixar de ser aquilo que é essencialmente?

3. No entanto, Cristo pôs de lado os seus atributos e poderes divinos, para que pudesse compartilhar plenamente da condição humana, em sua fraqueza e sorte. É isso que empresta à encarnação de Cristo o seu significado para nós. A diferença entre os crentes, quanto às opiniões que embalam sobre essa questão, atinge apenas até que ponto «absoluto» esse esvaziamento é encarado por eles.

«... pois conheci a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos» (II Cor. 8:9). A graça de Deus, por conseguinte, foi o grande motivo da encarnação de Cristo, e isso como expressão ao amor divino.

Somente o grande e infinito amor

Ao meu precioso Salvador,

Fê-lo sair de seus palácios de marfim,

Para este nosso mundo de lamentações

(Henry Barraclaugh)

Assumindo a forma de servo. Reaparece aqui, tal como em Fil. 2:6, onde é amplamente comentada no NTI, a palavra «forma». Não subentende necessariamente a idéia de «natureza», mas dá a entender alguma espécie de natureza essencial, que se manifesta através de alguma «forma» específica ou caráter de manifestação. Certos atributos, baseados em uma espécie específica de natureza entram em ação. Portanto, as palavras, «Cristo, na forma de Deus», subentendem, ainda que não o afirmem necessariamente, a sua divindade.

Uma Metáfora Notável

a. A humilhação de Jesus chegou ao extremo de haver se tornado um «escravo». Ninguém é inferior a um escravo. O escravo não tem vontade própria, não tem direitos, não tem qualquer proteção perante as leis do estado. Serve de instrumento ao serviço de outros e é forçado a fazer as coisas mais árduas e degradantes. É, essencialmente, um «trabalhador braçal», e não tem direito a descanso. Cristo não era realmente um escravo, mas assumiu a «forma» (aparência) de escravo, em comparação com sua glória anterior.

b. Em sua missão, ele «trabalhava» como instrumento alheio, cumprindo a vontade do Pai. E foi obediente; mostrou-se supremamente dedicado; foi produtivo.

c. É possível que o apóstolo tivesse em mente a passagem de Isa. 52:13, quando escreveu essas palavras. O escravo obterá sucesso e será exaltado. Acabará vencendo. Mas primeiramente teria de trabalhar e sofrer.

Reconhecido em figura humana. «Figura» é tradução do vocábulo grego *omoïoma* que significa «cópia», «imagem», «aparência», «formato». Essa palavra pode significar também ou a «real duplicação» da natureza, ou a «semelhança» dessa natureza.

Como Paulo usou esses termos

1. Quando se utilizou das expressões «forma de

HUMILHAÇÃO

Deus» e «semelhança de homens», Paulo não fez qualquer tentativa de descrever especificamente a natureza metafísica de Cristo. Não estava declarando, *diretamente*, que Cristo era Deus e homem, em sua essência.

2. Não obstante, ele deixa isso entendido em sua linguagem. Para que tivesse a «forma» de Deus, era mister que primeiramente possuísse a «natureza» correspondente. Sua natureza divina se expressa de certa maneira visível e compreensível— a isso chamamos de «forma». E sua natureza humana se expressava de certa maneira visível. Daí dizermos «semelhança de homens». Todavia, ser-lhe-ia impossível ter a semelhança, sem ter também a essência da natureza humana.

3. Esse raciocínio deve ser verdadeiro, pois seria absurdo afirmar-se que Cristo não era nem Deus e nem homem, com base na teologia do N.T. Naturalmente, os gnósticos afirmavam exatamente essa aberração, reduzindo Cristo a um ser pertencente à ordem angelical. As expressões usadas no texto, *poderiam*, talvez, subentender essa idéia, pois as palavras são instrumentos plásticos e inexactos. Mas a teologia de Paulo contradiz tal noção. As expressões em foco, pois, enfatizam o «modo de manifestação», embora não afirmem especificamente que Cristo fosse, ao mesmo tempo, Deus e homem.

«A sujeição 'de Cristo' à lei (ver Luc. 2:21 e Gál. 4:4), bem como a seus pais (ver Luc. 2:51); o seu estado aviltado como carpinteiro, como filho reputado do carpinteiro (ver Mat. 13:55 e Mar. 6:3); o fato de que foi traído a troco do preço de um escravo (ver Êxo. 21:32); sua morte similar à de um escravo, a fim de libertar-nos da servidão ao pecado e à morte; e, finalmente, sua dependência a Deus como um escravo, na qualidade de homem, não permitindo que sua divindade se manifestasse externamente (ver Isa. 49:3,7), tudo isso demonstra que ele assumira a 'forma de um escravo'» (Faucett, *in loc.*).

Por isso mesmo é dito nas Escrituras que o Filho do homem veio para servir a muitos (ver Mat. 20:28). E assim também, aquele discípulo do Senhor Jesus que quiser ser grande, que seja o servo de todos (ver Mat. 20:27). Esta é a lição que nos apresenta o texto que ora comentamos, dando a entender, — em vez de declará-lo dogmaticamente, as naturezas divina e humana de Jesus, o Cristo, naturezas essas que se correspondem entre si. A sua força como lição nossa é derivada do grande contraste entre a glória que ele tinha como ser divino, e a humilhação que sofreu como ser humano.

Tornando-se. Essa palavra pode ser contrastada com o termo «subsistindo», que figura em Fil. 2:6. A palavra que ora comentamos assinala a entrada de Cristo no seu novo estado, quando veio compartilhar da natureza humana. (Ver o artigo sobre a doutrina da «encarnação»).

Ó Verbo de Deus encarnado,
Ó Sabedoria vinda do alto,
Ó Verdade imutável, não-modificada,
Ó Luz de nosso escuro firmamento
Louvamos-te pelo teu esplendor,
Que das páginas sacrossantas,
Qual lanterna para nossos pés,
Brilha de século para século.

(William Walsham How, 1867).

Filipenses 2:8

Temos aqui a *humilhação dentro da humilhação* de Cristo, que foi da servidão à obediência absoluta, e esta última expressão era na forma de morte por crucificação, reservada para os escravos e piores

criminosos. (A «morte por crucificação» é comentada no trecho de Mat. 27:23 no NTI, juntamente com informações arqueológicas recentemente encontradas na área de Jerusalém).

A si mesmo se humilhou. Notemos que a vontade ativa do Filho de Deus, Jesus Cristo, se mostrou ativa nessa sua humilhação. Ele deixou voluntariamente as riquezas celestiais e toda a sua glória, e se submeteu espontaneamente à sua aviltada condição terrena. Obedeceu e morreu voluntariamente, tendo tido uma morte vergonhosa. No grego original temos o verbo «tapenoo», que significa «humilhar-se», «rebaixar-se», «degradar-se», «aviltar-se».

«O que se deve fazer com um quadro não é tanto analisá-lo, e, sim, deixá-lo falar, conforme Paulo queria que falasse 'o quadro do exemplo de Cristo' àqueles crentes filipenses, que se exaltavam a si mesmos. Isso sugere que Deus, o criador, que se deu eternamente a si mesmo, para que pudéssemos existir, desde toda a eternidade tinha em si mesmo essa disposição mental de dar-se de si mesmo, de transmitir-se a outros; e essa atitude se tornou supremamente visível quando da manifestação de Deus em Cristo, mas que atinge até mesmo crentes individuais, a fim de que cada um deles se desvencilhe de si próprio e entre em uma nova união com a vida altruísta de Deus, para o que também foi criado o espírito de cada um de nós. Uma vez que essa revelação se concretizou (na pessoa de Cristo), nada mais pode ser acrescentado a ela». (Wicks, *in loc.*).

E diz o mesmo autor: «Há dinamite neste quadro sobre o interesse eterno de Deus por cada personalidade humana. Isso espatifou a subida social que mostrara a sua feia cabeça em Filipos. E através de todos os séculos tem servido de âmbito de uma contínua revolução».

Morte de cruz. (Ver o artigo sobre **Crucificação**). Essa era a mais patente ilustração possível de humildade que se poderia fazer na sociedade antiga. Na polida sociedade romana era proibido até mesmo mencionar esse gênero de morte, que estava reservado aos piores criminosos e aos escravos. No dizer de Vincent (*in loc.*): «O final da descrição deixa o leitor no ponto mais baixo da humilhação de Cristo, a morte como a de um malfetor; o tipo de morte ao qual estava vinculado uma maldição, dentro da legislação mosaica. (Ver Deut. 21:23; Gál. 3:13 e Heb. 12:2). Na qualidade de cidadão romano, Paulo estava isento desse opróbrio (mas Jesus, o Cristo, o maior de todos os homens, não o estava). É interessante que os gregos estavam acostumados a imaginar os seus deuses no maior poder e honrarias que se possa conceber; e para eles um Salvador crucificado era uma insensatez».

Cruz. Jesus desceu do ponto mais alto até a profundidade mais vil.

IV. Em João 14:28: O Pai é maior do que eu

Palavras de tal natureza, mui naturalmente, têm servido de fulcro de grandes controvérsias, centralizadas em torno da natureza da pessoa de Cristo, e têm participado de diversas polémicas históricas, desde os primórdios da igreja cristã neste mundo, continuando a servir de motivo de debates até os nossos próprios dias.

O antigo partido religioso cristão dos *arianos* considerava essas palavras com um texto de prova de seu sistema religioso herético. Seus mentores aceitavam o fato da preexistência de Cristo, mas não criam que Cristo participasse da verdadeira essência divina, conforme o Pai dela participa; e diziam que embora em sua encarnação, em seu batismo e em sua ressurreição houvesse Cristo obtido certa modalidade

HUMILHAÇÃO – HUMOR

de divindade, não podia ser essa divindade comparada essencialmente com a do Pai. Assim sendo, não acreditavam na existência de uma única essência divina e por consequência, não criam que Cristo participasse dela tanto quanto o Pai. E asseveravam que em última análise, embora preexistente e participante em certo sentido da natureza divina, Cristo Jesus não passava de uma criatura, criada em algum tempo remoto pelo Pai, o que impedia que fosse considerado no mesmo nível que o Pai, como uma realidade metafísica.

Outros grupos de expressão *cristã* têm mantido pontos de vista similares, entre os quais poderíamos destacar os docetistas dos tempos primitivos, os quais, em sua cristologia com grande frequência eram parecidos ou mesmo iguais aos arianos. Não obstante, estes em determinadas ocasiões chegavam a pensar que Cristo pertencesse à ordem dos anjos; alguns imaginavam que ele pertenceria às categorias mais elevadas de anjos, ao passo que outros diziam que embora pertencesse a uma das categorias elevadas, contudo, não pertencia à mais elevada de todas. Juntamente com tais conceitos corria paralela a idéia de que ele é o *deus* deste mundo, mas que existem outros mundos, que mui provavelmente contam com seus próprios deuses e criadores.

Interpretações similares têm sido defendidas pelos *soçínios*, unitários e racionalistas, os quais, em sua maior parte, entretanto, negavam qualquer preexistência da parte de Cristo, verdade essa crida pelos arianos e docéticos. Para aqueles outros, pois, Cristo foi exaltado como qualquer homem poderia tê-lo sido, mas que de forma alguma haveria qualquer participação real na natureza divina verdadeira, no caso de Cristo; não haveria unidade de natureza entre Deus e Cristo. E se alguém é declarado como «divino», para aqueles três grupos significa não uma declaração acerca da natureza desse alguém, mas antes, declaração de posição ou recompensa, participação em valores éticos similares, mas jamais participação na mesma natureza ou essência metafísica. Alguns desses grupos chegaram e até hoje chegam a considerar uma blasfêmia (enfaticamente um monoteísmo exagerado) o simples pensar que Cristo é Deus, em qualquer sentido sólido real.

Sumário de Idéias (ponto de vista ortodoxo)

1. Em sua missão terrena, o Filho era de menor estatura que o Pai. Assumiu uma missão subordinada, dada pelo Pai, dirigida pelo Espírito.

2. O Logos, em sua encarnação, assumiu posição de inferioridade. Ele pôs de lado seus direitos e atributos divinos (embora não a natureza divina). Limitou-se a si mesmo, e a si mesmo se humilhou. Ver Fil. 2:7 e ss.

3. Na eternidade futura, o Filho continuará assumindo uma posição de inferioridade, apesar de compartilhar da mesma natureza com o Pai. Na qualidade de Logos, ele sempre foi e sempre será o agente de Deus, o seu meio de revelação. Ele se identifica com a natureza humana redimida, pelo que assume uma posição subordinada. (Quanto a outras escrituras que ensinam a subordinação do Filho ao Pai, ver João 17:5; I Cor. 3:23; 11:3; 15:27,28; Fil. 2:9,11). Fil. 2:6 fala sobre a qualidade inerente ao Pai e ao Filho. Os versículos dados acima demonstram, de vários modos, como o Filho se subordinou ao Pai, e como essa condição se prolonga pelo estado eterno.

4. Essa subordinação quanto à função não milita em nada contra sua natureza divina, nem contra sua perfeita união com o Pai. (Ver João 5:19 e 10:30).

«Não está em foco a distinção quanto à natureza ou a essência (João 10:30), e, sim, a distinção quanto à posição na trindade. Não há aqui qualquer arianismo

ou unitarismo. A própria explanação que aqui é dada serve de prova da deidade do Filho. (Dods). (Robertson, *in loc.*).

HUMOR

Esboço:

I. Palavras e Definições

II. Antigas Expressões de Humor

III. O Humor no Novo Testamento

IV. Teorias do Humor e Coisas das Quais Rimos

V. Valor Terapêutico do Humor

I. Palavras e Definições

A palavra portuguesa «humor» vem do latim, *umor*, que significa «vapor» ou «umidade». A raiz verbal latina é *umere*, «umedecer». Essa palavra era empregada, na terminologia da era medieval, para indicar os quatro fluidos cardeais: sangue, fleuma, bilis amarela e bilis negra. Ver o artigo separado sobre os *Quatro Líquidos do Corpo*. Acreditava-se então que o devido equilíbrio desses humores seria necessário para produzir a disposição que convém, tanto física quanto mental, em um homem. Em vista disso, tais humores foram associados com a atitude iracunda, com a atitude fleugmática, com a atitude feliz, com a melancolia, etc. A palavra «humor», com o sentido de capricho, diversão e leveza de espírito parece só ter entrado no vocabulário europeu já no século XVI. Foi daí que ela passou para o seu uso mais moderno. Atualmente, o humor é definido como aquela atitude mental de sentimentos leves, divertido, com algum senso do cômico, do irônico e do que é ridículo.

II. Antigas Expressões de Humor

Os gregos desenvolveram o humor, transformando-o em uma arte, em suas comédias, que contêm muitas situações cômicas, semelhantes àquelas que achamos engraçadas em nossos próprios dias. Antes mesmo disso, na literatura antiga, achamos alguns exemplares de piadas antigas. Assim, na Mesopotâmia, pertencente cerca de 2150 A.C., há uma instância de humor literário. Essa antiquíssima piada diz: «Quem era aquela dama que eu vi com você na noite passada?» Resposta: «Aquele não era uma dama; era minha esposa». Naturalmente, essa piada é contada até hoje; mas, quem teria imaginado que ela tem origem tão antiga! Também lemos, na literatura antiga, sobre festins de bebedeira; e isso nos leva a perceber que a mente humana não mudou praticamente nada em quatro mil e tantos anos. Podemos, pois, imaginar, que na antiguidade havia comicidade das mais variadas, desde a imoral até à sofisticada, com comediantes, palhaços e tudo o mais.

Há informes na literatura grega clássica que mostram que pelo menos até uma época tão remota quanto a de Platão e a de Aristóteles, o riso era considerado um bom meio para se corrigir o que é excessivo, ridículo, pesado e burlesco.

No Antigo Testamento encontramos alguns jogos de palavras, embora eles sejam percebidos com mais facilidade no original hebraico. Os eruditos têm identificado nada menos de seis mil e quinhentos desses jogos de palavras, no Antigo Testamento. Essa forma de humor chama-se *paronomásia*, um termo que, no grego, significa «alterar o sentido», mediante leve mudança de palavra ou do som das palavras. Assim, para exemplificar, em Gên. 2:7, lemos que o *homem* (no hebraico, *adam*) é declarado como *terreno* (no hebraico, *adamah*), uma caracterização de sua natureza básica, e não apenas um lembrete de que ele fora feito (de acordo com o relato bíblico),

HUMOR

literalmente, «do barro». Alguns eruditos supõem que o relato de que a mulher foi feita de uma *costela* do homem envolve um jogo de palavras, onde a mulher seria como que um *aspecto* da personalidade do homem, o que envolveria a necessidade de entender a palavra hebraica *ish*, «do homem», como se fosse o termo hebraico *sela*, «aspecto». E a torre de *Babel*, relacionada quanto ao nome à *Babilônia*, de acordo com uma etimologia popular, estava ligada ao termo *balal*, «algaravia», por causa da confusão de línguas que envolveu a construção dessa torre. Ver Gên. 11:9. Alguns nomes próprios pessoais, ao que parece, também tinham o intuito de conter certo conteúdo humorístico, como foram os casos de Esaú, «cabeludo», Edom, «vermelho», Manassés, «esquecimento».

Os profetas também se utilizaram de jogos de palavras. Amós 5:5 diz que Gilgal iria para o *exílio* (no hebraico, *gelah*), uma palavra parecida, mas não relacionada a Gilgal. Além disso, o trecho de Oséias 8:7 emprega uma *paronomásia*, quando diz que a «erva» (no hebraico, *qamah*) não daria «farinha» (no hebraico, *qemah*). Além disso, Isa. 5:7 diz que o Senhor esperava da casa de Israel o «juízo» (no hebraico, *mishpat*), mas só encontrou ali «quebrantamento da lei» (no hebraico, *mispah*).

Há uma ácida observação usada em Jó 12:2: «Na verdade, vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria». Apesar de rabujenta, nessa declaração transparece um certo humor. Além disso, Elias se encheu de sarcasmo, com muito humor, quando zombou dos profetas de Baal: «Clamai em altas vozes, porque ele é deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo às necessidades, ou de viagem, ou a dormir e despertará» (I Reis 18:27). Hamã foi enforcado na própria força que havia preparado para Mordecai, o que fez parte de uma piada cômica (ver Est. 5:14 — 7:10). A esposa rabujenta continua sendo motivo de piadas, que os comediantes até hoje imitam. Ver Pro. 21:9 e 25:24.

III. O Humor no Novo Testamento

Também ocorrem jogos de palavras nas páginas do Novo Testamento; mas, nem sempre, o intuito dos mesmos é humorístico. Para exemplificar, *Jesus* (no hebraico, *hehoshua*) veio para *salvar* (no hebraico, *yasa*) o seu povo (Mat. 1:21) dos seus pecados, se retrocedermos até o idioma semítico que foi a base oral do Novo Testamento, quanto aos evangelhos. Entretanto, o trecho de Mat. 6:16 poderia ser considerado uma espécie de jogo de palavras sarcástico: «...porque *desfiguram* (no grego, *aphanizousin*) o rosto com o fim de *parecer* (no grego, *phanosin*) aos homens que jejuam». Também encontramos um jogo de palavras em Mat. 16:18, na seção solene que envolve Jesus e Pedro. Assim Jesus seria a *rocha* (grego, *petra*), sobre a qual estaria fundada a igreja, mas Pedro um *fragmento* (grego, *petros*, «pedra»). Trecho paralelo é I Ped. 2:4,5. Apesar disso, é impossível pensarmos que houve nisso o propósito de emprestar ao trecho qualquer sentido. Ver também o artigo intitulado *Pedro, Fundamento da Igreja*, quanto a uma discussão teológica sobre a questão.

Quando lemos, em Luc. 14:20, acerca do homem que não pôde atender a certo convite, para ir a um banquete, porque acabara de contrair matrimônio, imediatamente simpatizamos com o homem e sorrimos; mas, no Oriente, era coisa séria cuidar de uma noiva recém-casada. Homens eram até mesmo dispensados do serviço militar, por esse motivo. Os saduceus devem ter pensado ser um dilema teológico consternador, e talvez até mesmo divertido, aqueles

que eles apresentaram a Jesus, e que, sem dúvida, já haviam apresentado aos fariseus, por muitas vezes, acerca da mulher que tivera sete maridos em sucessão, sem jamais ter engravidado, para então, ela mesma vir a morrer. Pois qual dos sete homens haveria de retomá-la como esposa, após a ressurreição? Poderíamos imaginar a cena celestial com um sorriso, enquanto se procurava alguma regra que permitisse a um daqueles ex-maridos a ficar com a mulher. Seja como for, é evidente que os saduceus se divertiam com dilemas como esse. Para eles, isso provava o erro envolvido na idéia da ressurreição. Mas Jesus mostrou onde eles estavam equivocados: «Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus». Ver Mat. 22:23 ss. Se ri melhor quem ri por último, então Deus haverá de rir-se de todos aqueles que zombam das coisas celestiais, sem as compreenderem. Ver Sal. 2:4,5.

Também é possível que a ilustração do ato dos fariseus, de coarem do vinho um míniúculo mosquito que ali caíra, para, em seguida, engolirem um camelo (o que significa que tinham cuidado com coisas sem importância, mas não vigiavam quanto a questões realmente importantes), contenha um toque de humor. Ver Mat. 23:24. Penso que Paulo deixou escapar um sorriso quando escreveu: «...porque é melhor casar do que viver abrasado» (I Cor. 7:9). E podemos perceber um misto de amargura e de humor sádico em Gálatas 5:12, onde, segundo a nossa versão portuguesa, Paulo escreveu: «Oxalá, até se mutilassem os que vos incitam à rebeldia». É como se ele estivesse dizendo: «Se os judaizantes pensam que o ato de circuncisão (cortar a pele do prepúcio) ajuda a salvar, por que eles não se emasculam de uma vez?»

Modernamente, a sogra sempre é motivo de piadas; mas, nos dias do Novo Testamento, elas eram tratadas com todo o respeito (ver Mar. 1:30,31), pelo que os judeus da época não achavam qualquer graça em piadas sobre sogras.

IV. Teorias do Humor e Coisas das Quais Rimos

Os filósofos e os psicólogos, que procuram saber sobre tudo, naturalmente têm-se esforçado por entender por que a humanidade tem inventado tantas formas de humor. Damos abaixo algumas das teorias a esse respeito:

1. *Há três latas classificações de coisas humorísticas*: a. o humor é usado para exprimir sentimentos (ou pretensões) de superioridade ou de inferioridade. b. Coisas incongruentes são engraçadas, como também situações frustrantes ou de ansiosa expectativa. c. O alívio de tensões ou de inibições é expresso mediante atos, gestos ou observações engraçadas.

2. *Platão*. Ele dizia que rimos daquilo que é ridículo ou está fora de lugar ou é desproposital.

3. *Aristóteles*. Rimos do que é ridículo. O ridículo é uma variedade do feio.

4. *Quintiliano*. O riso nunca está muito longe da derrisão. Ver Sal. 37:13; 59:8 quanto a essa idéia, no Antigo Testamento.

5. *Francisco Bacon*. Antes de tudo, o humor se baseia sobre a *deformidade*.

6. *Descartes*. O júbilo, tinto pelo ódio, com freqüência, é o que nos faz gargalhar.

7. *Thomas Hobbes*. A *alegria* é a causa essencial do riso. Mas, podemos sentir alegria às custas de outrem, o que é uma forma de triunfo e derrisão. Também devemos pensar no *absurdo*, que é engraçado. Além disso, podemos perceber subitamente, em nós, alguma superioridade, em contraste com a fraqueza de nossos semelhantes, uma descoberta que nos confere alegria, de onde vem o riso e o humor.

HUMOR — HUR

8. *Joseph Addison*. O humor se alicerça sobre nosso triunfo sobre outros, embora também sobre o senso do absurdo, do ridículo. Rimo-nos não somente das pessoas, mas também de instituições e de situações, quando vemos nelas algum absurdo. Assim, um governo qualquer cria o caos econômico em seu país, e então acusa de traição ou de falta de patriotismo a qualquer indivíduo que criticar aqueles desmandos. Ora, isso é absurdo, e achamos graça em tal situação.

9. *Henri Bergson*. Rimos de outras pessoas tanto para humilhá-las quanto para corrigi-las.

10. *Jean Paul Richter*. Este é um mundo cheio de tolos, e realmente achamos engraçado observar as coisas insensatas em que tantas pessoas se envolvem.

11. *Philip Sidney*. É humorístico aquilo que é incongruente.

12. *Arthur Schopenhauer*. O riso origina-se na súbita percepção da incongruência de algum pensamento, ato ou coisa. Eis uma boa piada ilustrativa: Os guardas de uma prisão estavam jogando baralho. Um dos prisioneiros pediu para unir-se ao grupo, e os guardas deixaram. Os guardas ficaram muito irados quando apanharam o prisioneiro usando de trapaça, para ganhar o jogo. Por isso, expulsaram-no, a pontapé, da prisão.

13. *Arthur Koestler*. Ele pensava que o humor reside em circunstâncias caracterizadas por bissociação, ou seja, quando as situações combinam associações improváveis, ou elementos incongruentes entre si. Em tais situações, a tensão mental criada no absurdo da situação seria aliviada pela risada. Há uma piada de um professor que concordou em dar nota 10 a uma aluna sua, se ela concordasse em ir com ele a um motel. Mas depois, na hora de dar nota à aluna, o professor deu-lhe a nota 5, a fim de ensinar a ela uma lição moral.

14. *Sigmund Freud*. Quando analisava o humor, ele descobriu que a principal causa é a liberação de energias psíquicas, que até então estavam reprimidas. As forças psíquicas são tolhidas e despertam a agressividade. Achamos graça em alguma coisa quando, alguma circunstância nos leva a liberar as forças psíquicas. Então a agressão transmuta-se em riso. A liberação da repressão é recebida pela mente humana como uma espécie de alívio jubiloso. Assim, uma piada imoral, segundo Freud, seria engraçada por liberar nossa agressividade sexual e a nossa repressão, reduzindo-as a um ato socialmente aceitável, isto é, o riso.

15. *John Dewey*. O riso assinala algum ato realizado, bem como o aumento do senso da liberdade. É esse sinal de alívio de que alguma coisa terminou ou foi realizada que nos faz rir. E também é o alívio diante de alguma tensão.

Como sempre, as teorias são apenas janelas que nos permitem entrever a realidade. Dentre as multidões de teorias, extraímos uma descrição. O humor é multifacetado. Pode envolver a agressividade, a derrição e o senso do absurdo; mas também pode ser demonstração de simpatia e sinal de alívio, como também uma fuga para a liberdade, o alívio de alguma tensão, um toque de esperança. E, finalmente, pode indicar a derrição ou o desespero. É mesmo significativo que uma das principais formas de humor é aquela que zomba da morte e suas consequências. Por que os homens acham que a morte é engraçada? A medicina esforça-se por adiar a morte ao máximo. Os teólogos se esforçam por nos dar esperanças relativas ao outro lado da morte. Achamos a morte engraçada porque essa esperança é verdadeira, de acordo com o testemunho de nosso homem interior. Isso posto, aquilo que parece ser uma grande tragédia

é reconhecido, intuitivamente, como uma coisa boa. Em consequência, somos capazes de rir em face mesmo da morte, o que não é nenhuma pequena realização.

V. Valor Terapêutico do Humor

A medicina psicossomática tem-nos ensinado muitas coisas, em décadas recentes, sobre como as emoções negativas podem nos prejudicar, tanto mental quanto fisicamente. Por outro lado, existem emoções positivas como o amor, a compaixão, a alegria e o bom humor, que são capazes até de curar. Ainda recentemente, li sobre um homem que foi curado de um sério distúrbio nervoso somente com um medicamento: o riso. Foram liberados os seus mecanismos curadores naturais, quando ele começou a praticar, diariamente, a alegria bem-humorada. O humor sadio também é bom para fomentar as qualidades espirituais do indivíduo. O hinduísmo percebe algo disso quando descreve a história, do cosmos e da humanidade, como uma comédia criada pela divindade, onde aparecem intermináveis situações engraçadas. Até mesmo os acontecimentos trágicos, em última análise, podem ser encarados como engraçados, quando percebemos como a mão de Deus faz todas as coisas redundarem em nosso bem.

O bom humor é uma das grandes realidades básicas da vida. O cinema, a televisão, a literatura e a própria vida parecem valer-se de três elementos básicos, pelo menos até onde a maioria das pessoas está envolvida: a violência, o sexo e a comédia. Contudo, isso fica aquém de uma definição completa do humor, porquanto, acima de tudo, há um lado espiritual nas coisas. Não obstante, o fato de que os homens se preocupam tanto com esses três elementos mostra-nos o papel importante do humor, para os seres humanos.

Conheci um pregador evangélico que costumava dizer: «Não se leve muito a sério». Para ele, esse era um padrão fundamental de vida diária. Fazemos muitas coisas duvidosas quando começamos a nos levar por demais a sério. Deveríamos ser capazes de ver o lado brilhante das coisas, percebendo nossa própria pequenez, absurdo e ridículo. O resultado primário dessa descoberta é a modéstia, a humildade. Além disso, mostrar-nos-emos mais justos e compassivos no trato com o próximo, que, a despeito de todos os seus erros, não são mais absurdos do que nós o somos. (AM BER FREU(1916) Z)

HUNTA

No hebraico, «fortaleza». Esse era o nome de uma cidade da região montanhosa de Judá (Jos. 15:54). Sua localização nunca foi identificada pelos estudiosos modernos.

HUPÁ

No hebraico, «cobertura», «proteção». Esse foi o nome de um sacerdote que serviu nos dias do reinado de Davi. Ele estava encarregado do décimo terceiro turno dos sacerdotes que serviam no templo de Jerusalém (I Crô. 24:13). Viveu por volta de 1014 A.C. Era descendente de Eleazar e de Itamar, filhos de Arão.

HUR

No hebraico, «buraco» ou «prisão». Suas conexões etimológicas têm sido muito debatidas. Tal nome pode estar relacionado aos *horeus* ou aos *hurrianos* (ver os artigos a respeito deles) e, portanto, a Gên. 14:6. Além disso, o termo acadêmico *huru* significa «criança do sexo feminino»; e alguns estudiosos

HUR — HURRIANOS

pensam que essa é a base da forma hebraica derivada. Em Nuzi e em outros lugares, o nome Hur era usado para significar «filho de» ou então «menino querido de (alguma divindade)». Ou então, tal nome poderia estar ligado ao nome do deus egípcio *Hor*. Seja como for, há pelo menos cinco homens chamados por esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um homem de Judá, mencionado em conexão com Moisés e Aarão. Quando Moisés enviou Josué em expedição armada contra os amalequitas, então Moisés, Aarão e Hur subiram juntos a um monte. Enquanto Hur e Aarão (ver Êxo. 17:10) soerguiam as mãos de Moisés, enquanto ele orava, o exército de Israel prevalecia em batalha. Mas, quando Moisés subiu ao monte Sinai para receber a lei, Aarão e Hur ficaram encarregados do acampamento de Israel (Êxo. 24:14).

2. O avô de Bezalel, e pai de Uri. Foi a Bezalel que o Senhor encheu do Espírito de Deus para que pudesse ser o principal encarregado da construção do tabernáculo. De acordo com Josefo, ele teria sido marido de Miriã, irmã de Moisés. Ver *Antiq.* 3:54. Ver Êxo. 31:2; 25:30; 38:22; II Crô. 1:5. Hur teve outros três filhos, além de Uri, os quais foram fundadores de Quiriate-Jearim, de Bel-em e de Bate-Gader. Alguns estudiosos têm identificado esse Hur com o primeiro desse nome. E alguns escritos rabínicos apresentam-no como filho de Miriã, e não como seu marido.

3. Um rei midianita que foi morto juntamente com Balaão e quatro outros governantes. Ele era oficial de Seom, rei dos amorreus. Ver Núm. 31:1-8; Jos. 13:21. Viveu por volta de 1170 A.C.

4. O pai de um dos doze comissários de Salomão (I Reis 4:8). Esse Hur estava encarregado do distrito do monte Efraim. Algumas traduções grafam o seu nome como Ben-Hur (conforme faz a nossa própria versão portuguesa), embora outros especialistas pensem que tal expressão não deveria ser considerada como um nome próprio e, sim, apenas como «filho de Hur». Ele viveu por volta de 960 A.C.

5. Um homem referido como «filho de Hur», de nome *Refaias*, aparece como co-governante juntamente com Neemias. Ele ajudou na reconstrução das muralhas de Jerusalém. Viveu por volta de 445 A.C. Ver Nee. 3:9.

HURÃO

No hebraico, «nascido nobre». Esse foi o nome de três personagens que aparecem no Antigo Testamento:

1. O filho mais velho de Bela, um benjamita, neto de Benjamim (I Crô. 8:5).

2. Essa forma do nome de um dos reis de Tiro, da época de Davi, aparece em II Crô. 2:3,11; 8:2; 9:10. Em outras passagens, seu nome aparece com a forma de Hirão (vide). Esse homem era aliado de Davi e de Salomão.

3. Um artífice, natural de Tiro, que Salomão empregou no trabalho de construção do templo (II Crô. 2:13; 4:11,16). Seu nome aparece como Hirão, em I Reis 7:13,40,45. Em algumas traduções, ele é chamado de *Huramabi*, que significa «Hurão é meu pai». O intercâmbio dos nomes Hurão e Hirão deve-se à similaridade das letras hebraicas *vav* (transliterada como *u* ou como *w*) e *yod* (transliterada como *i* ou *y*). Os escribas, por qualquer descuido, substituíam uma dessas letras pela outra.

HURI

No hebraico, «trabalhador em linho». Esse era o nome do pai de Abiail, chefe da tribo de Gade (I Crô. 5:14), que viveu por volta de 781 A.C. Ele residia em Basã ou Gileade.

HURRIANOS

Os estudiosos têm confundido os hurrianos com os horeus; mas, nosso artigo sobre esses povos aborda a questão, fazendo a devida distinção entre esses dois povos. Os horeus eram um povo de origem semita, ao passo que os hurrianos eram indo-europeus.

1. *Localização Geográfica.* Os hurrianos têm sido localizados porque os textos cuneiformes trazem a palavra *hurri*. A língua escrita deles, em várias descobertas, tem sido localizada por todo o antigo Oriente Próximo, desde a antiga Nuzi, a leste dos rios Tigre e Eufrates, até Hatusa, no centro da Ásia Menor, e até mesmo na Palestina. Evidências sobre a existência deles também têm sido achadas no Baixo Egito (porção norte do Egito). Entretanto, o território que eles ocupavam, principalmente, estendia-se por cerca de seiscentos e quarenta quilômetros, na direção sudeste-noroeste, o que, em sua porção mais larga, tinha uma quarta parte dessa extensão, localizada para o nordeste, mas fazendo fronteira com o território da antiga Assíria. Em termos modernos, os hurrianos ocupavam as áreas fronteiriças onde a porção noroeste do Irã fica contígua à parte central leste da Turquia.

Diversas fontes informativas antigas chamam esse povo de *hurri*, incluindo aquelas fontes acádicas de Nuzi, Mari, Hatusa e Alalake, ou asugaríticas e egípcias. Com base nessas referências, depreendemos alguma idéia de como esse povo se havia espalhado por um extenso território, ainda que, em termos da geografia moderna, eles não ocupassem grande área territorial.

2. *Idioma.* As evidências relativas à linguagem dessa gente dizem respeito somente à área de Urartu, perto do lago Vã. Têm sido encontrados inscrições que ilustram a linguagem de Urartu, desde 900 até 600 A.C. Os dois idiomas parecem ter sido aparentados entre si, e também às línguas do Cáucaso (antiga Armênia), e isso faz deles antigos indo-europeus, embora não possamos falar em termos mais precisos, porquanto as evidências de que dispomos são escassas.

3. *Informes Históricas.* Os hurrianos já estavam localizados no Oriente Próximo, cerca de meados do terceiro milênio A.C., ou seja, em cerca de 2300 A.C. Nessa ocasião, eles ocupavam a região dos montes Taurus, desde Urkis, a norte de Carquêmis, até o território de Namar, a região em redor do lago Van. Sabe-se que reis daquela região governavam a Assíria, que ficava imediatamente a sudoeste do território deles. Nomes hurrianos estão associados à lista dos reis assírios, entre 2200 e 2000 A.C., pelo que parece ter havido intercâmbio entre povos, que obtinham e perdiam o mando. Além disso, há outros nomes dessa lista que não são nem assírios e nem hurrianos, o que sugere que ainda outros povos estiveram envolvidos nesses eventos.

Sabe-se que os hurrianos andaram perturbando os hititas, em cerca de 1700 A.C. Isso ocorreu durante o reinado do rei hitita Hatussili I. Seu sucessor, o rei Mursili II (cerca de 1595 A.C.), fez seus exércitos atravessarem a Síria, a fim de saquearem Babilônia, mas, no caminho entraram em choque com os hurrianos. Foi entre cerca de 1600 e 1400 A.C. que os

hurrianos atingiram o clímax de seu poder e influência, que envolvia até a Síria. Os reinos da Cilícia e de Alacá, mais ao sul, pareciam ter sido dominados pelos hurrianos. O rei Supiluliuma I, de uma nova dinastia hitita, parece ter sido hurriano. Por essa época, a religião hurriana parece ter incorporado idéias religiosas dos hititas, e muitas novas divindades começaram a ser adoradas. Os hurrianos também estabeleceram o reino de Mitani, cuja capital era Wasucâni, no curso médio do rio Eufrates. Esse reino, em seu auge, dominou toda a área circundante, mas os nomes de alguns dos monarcas envolvidos não eram hurrianos, pelo que deve ter havido uma nova mistura de povos. Por esse tempo (cerca de 1400 A.C.), houve uma intensa correspondência e comércio entre os hurrianos e a XVIII Dinastia egípcia. Várias princesas mitanas tornaram-se esposas de Faraós egípcios. Entre as cartas de Tell el-Amarna encontra-se a carta Mitani, que continua sendo uma das principais fontes informativas sobre a língua dos hurrianos. O rei Supiluliuma I destruiu o reino Mitani em cerca de 1380 A.C. E o que restou dos hurrianos foi muito mais a influência cultural do que o poder político. E essa influência deixou marcas permanentes em várias culturas, inclusive na cultura dos hebreus.

4. *Os Hurrianos e a Cultura Hebréia.* A principal influência exercida pelos hurrianos era sentida no norte da Mesopotâmia, na Ásia Menor e na Síria. Uma área secundária de influência dos hurrianos era o sul da Palestina. Abraão migrou para a Palestina passando por Harã e, naturalmente, deve ter sido influenciado pelos costumes que presenciou, naquele lugar. Alguns costumes mencionados nos registros veterotestamentários sobre os patriarcas hebreus têm sido melhor compreendidos pelo conhecimento que se tem adquirido sobre a Mesopotâmia, onde os hurrianos eram o fator dominante. Tabletes com escrita cuneiforme de Nuzi, uma colônia hurriana, no norte do Iraque, na porção leste do rio Tigre, têm ilustrado vários costumes que aparecem nos relatos do Antigo Testamento. Os tabletes de Tell el-Amarna indicam que um antigo governante de Jerusalém, antes do povo de Israel ter vindo ocupar o lugar, foi chamado de servo da deusa *Hepa*. Essa é a forma abreviada de *Hebate* ou *Hepate*, que era a mais importante divindade do panteão dos hurrianos, consorte do deus *Tesube*. Davi, pois, adquiriu o local para a construção do templo, de um sucessor *Yebuseu* dos servos de *Hepa* (ver II Sam. 24:18 ss). O nome desse rei era *Araúna* (ou *Ornã*), e alguns eruditos vêem nesse nome um apelativo tipicamente hurriano. Tabletes de argila, descobertos em *Taanque* e em *Siquém*, na porção central da Palestina, trazem nomes tipicamente hurrianos, o que mostra ter havido uma mistura de influências cuja natureza exata é difícil determinar. Alguns eruditos associam os *Yebuseus*, os *horeus* e até os *heveus* com os hurrianos; porém, pelo menos no caso dos *horeus*, parece que tal identificação não é correta. Os *horeus* eram semitas, e não da raça indo-européia.

HUSA

No hebraico, «*pressa*». Esse nome aparece nas genealogias de Judá, em I Crô. 4:4 e 27:11, embora não haja certeza se designa um indivíduo ou uma localidade. Poderia ser uma aldeia, na região montanhosa de Judá; ou poderia ser um indivíduo ali residente. Mas também poderia ser o nome de uma família.

••• ••• •••

HUSAI

No hebraico, «*apressado*». Esse foi o nome de um homem, ou talvez, de dois homens, que figuram nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um certo homem é chamado de *arquita*, amigo íntimo de Davi. Tendo sido informado sobre a rebelião de *Absalão*, e de que *Davi* fugira de *Jerusalém*, *Husai* veio ao encontro deste último com a cabeça coberta de pó e suas vestes rasgadas, em sinal de lamentação pelo que acontecera. *Husai* queria acompanhar a *Davi*, mas este sentiu ser melhor deixá-lo como espia, que o informasse sobre os movimentos de *Absalão*. Desse modo, *Davi* esperava que os planos de *Aitofel* fossem frustrados (II Sam. 15:32). *Husai*, de fato, conseguiu frustrar os desígnios de *Aitofel* (II Sam. 15:32), o que permitiu a *Davi* tempo para se firmar, antes de ser caçado pelos homens leais a *Absalão*. Esse foi o fator que provocou o suicídio de *Aitofel*, bem como a derrota final de *Absalão* (II Sam. 16:16-18 e 18:5).

2. Em II Reis 4:16 lemos sobre «*Baaná, filho de Husai*», que vivia em *Aser* e *Bealote*. *Baaná* foi um dos doze oficiais que ajudavam a prover o necessário para a corte de *Salomão*. Alguns estudiosos têm pensado que esse *Husai*, pai de *Baaná*, teria sido o mesmo de número «um», acima. Porém, as condições geográficas tão diferentes, dificultam muito essa identificação.

HUSÃO

No hebraico, «*apressadamente*». Nome do rei de *Edom* que foi o sucessor de *Joabe* (Gên. 36:34,35; I Crô. 1:45,46). A Septuaginta identifica-o com o *Husã* que aparece no livro de *Jô*, mas não há certeza quanto a isso. Ele era descendente de *Esau* e deve ter vivido por volta de 1500 A.C.

HUSIM

No hebraico, «*apressados*». Esse foi o nome de várias personagens mencionadas no Antigo Testamento:

1. Um dos filhos de *Dã* (Gên. 46:23). Em *Números* 26:42, seu nome aparece com a forma de *Suã*.

2. Um filho de *Ir*, um *benjamita* (I Crô. 7:12). Esse nome pode ter sido um sobrenome de família, designando, coletivamente, os filhos de *Ir*.

3. O nome de uma das duas esposas de *Saaraim*, que aparece na genealogia de *Benjamim* (I Crô. 8:8,11). Ela viveu por volta de 1618 A.C.

HUSS, JOÃO

Suas datas foram 1369—1415. Ele foi um líder religioso da Boêmia, parte da moderna Checoslováquia. Nasceu em *Hussinecz*, educou-se em *Praga*, onde entrou em contacto com as obras de *John Wycliffe* (vide), cujas idéias começou a propagar em *Praga*, chegando mesmo a usar obras escritas por *Wycliffe*, como textos. Tornou-se deão de filosofia, em 1401, e então reitor da Universidade de *Praga*, em 1402. Além desse trabalho, também foi um pregador popular em *Praga*, pelo que tanto nos círculos acadêmicos como nos círculos populares, exercia uma considerável influência naquela cidade. Entretanto, a universidade se dividiu por causa dos ensinamentos de *Wycliffe*. A facção alemã rejeitava os mesmos, mas a facção boêmia os aceitava. Foi ordenado padre católico romano em 1402 e nomeado pregador da capela de *Belém*. Esse lugar, pois, tornou-se o centro do movimento reformador da Checoslováquia, e *Huss*

era o líder do mesmo.

Em alguns particulares, contudo, Huss diferia de Wycliffe. Por exemplo, este último escrevera explicações duvidosas sobre a presença real do corpo e do sangue de Cristo na Eucaristia, mas Huss aceitava a posição católica romana comum da *transubstanciação* (vide). As dificuldades, realmente, começaram quando a Universidade de Praga, principalmente através da sua facção germânica, condenou quarenta e cinco das distinções ensinadas por Wycliffe, chamando-o de herege. E o arcebispo Zbynek, que havia demonstrado simpatias para com o movimento reformador, acabou defendendo novamente a ortodoxia católica romana, pelo que o seu apoio se perdeu.

Foi por essa época que se deu o grande cisma Ocidental, com três candidatos ao papado, a saber, Gregório XII, em Roma, Benedito XIII, em Avignon, na França, e Alexandre V, eleito pelo concílio de Pisa. O rei Wenceslau IV, da Boêmia, deu seu apoio a Alexandre, bem como ao seu sucessor, na linha de Pisa, que subiu ao papado com o nome de João XXIII. (Não confundir com o João XXIII que foi papa há bem pouco tempo).

Essa divisão dentro da Igreja Católica Romana viria produzir graves efeitos sobre o movimento reformador checo. Esses reformadores se puseram ao lado do seu rei, dando apoio a Alexandre V. A princípio, o arcebispo Zbynek recusou-se a isso, mas, sob pressão governamental, finalmente, também deu seu apoio a Alexandre. Mas foi então que esse papa resolveu fazer oposição ao movimento reformador, atuando através do arcebispo Zbynek, o qual ordenou que Huss interrompesse sua pregação. Quando Huss se recusou a obedecer, foi excomungado.

Mais dificuldades ainda surgiram quando Huss denunciou uma bula de João XXIII, que fora expedida contra o rei Ladislau, de Nápoles. Huss tachou a bula de teologicamente errada, fazendo objeção à venda das indulgências. Portanto, Huss estava mexendo em alta política, e o rei Wenceslau retirou de Huss o seu apoio. Huss foi novamente excomungado em 1412, pelo cardeal Stephaneschi, e a cidade de Praga foi posta sob interdito, que era uma proibição ao clero, para que não cumprisse os seus deveres religiosos, incluindo a administração dos sacramentos. Quando isso sucedeu, a fim de que o interdito fosse retirado, Huss se retirou para o exílio.

Entretantes, prosseguia o cisma papal. Foi efetuado um concílio em Constança, em 1414, sob a presidência do imperador Sigismundo, para procurar resolver a pendência e devolver a unidade organizacional à Igreja de Roma. Huss consentiu fazer-se presente, sob a promessa, feita pelo imperador, de que lhe seria dado salvo-conduto. Todavia, a promessa não se cumpriu. Nem bem ele chegou em Constança quando foi detido e lançado na prisão. Então foi acusado de apoiar e propalar a heresia de Wycliffe. Ele exigiu o direito de se defender perante o concílio, pelo que a velha história se repetiu, a de um «herege» que enfrentou seus acusadores mas perdeu. Pois ali não lhe foi permitido explicar as suas crenças, mas tão-somente responder a perguntas que lhe fizeram. Mas, talvez, as duas coisas fossem uma mesma coisa. A lista de acusações, porém, incluía muitas coisas que nada tinham a ver com o seu caso, sendo claras invenções. Mas, apesar de que os trinta artigos representavam distorcidamente os seus pontos de vista, pelo menos ficou claro que, quanto a muitos pontos, segundo os padrões católicos romanos, Huss era um herege. Destarte, foi condenado à morte, à semelhança de Wycliffe, e foi executado na fogueira, em Constança, a 6 de julho de 1415.

Naturalmente, as dificuldades dos reformadores continuaram. O traiçoeiro imperador Sigismundo ameaçou matar por afogamento todos os seguidores de Wycliffe e de Huss. Todavia, rebentou a revolução, além de guerra aberta e uma cruzada contra a Boêmia, o que se prolongou até bem dentro do século XVI. Foi a partir de então que o movimento dos hussitas mesclou-se com o movimento geral da Reforma Protestante. Quanto a maiores detalhes sobre os acontecimentos finais que envolveram as dificuldades dos *hussitas*, ver o artigo com esse título. (AM C E P)

HUSSERL, EDMUNDO

Suas datas foram 1859—1938. Foi um filósofo alemão, nascido em Prossnitz. Educou-se na Universidade de Jena; ensinou nas Universidades de Halle, Göttingen e Freiburg. Sofreu a influência de Brentano (seu mestre), de Lotze e da filosofia cartesiana. Foi o fundador da *Fenomenologia* (vide).

O *Fenomenalismo*. Essa palavra vem do grego, *phainomenon*, «aparência». Esse é o nome que se dá ao ponto de vista que diz que só podemos tomar conhecimento dos fenômenos, das aparências, e não das coisas mesmas (coisas em si), que, aparentemente, os produzem. Qualquer tentativa de falar sobre a verdadeira natureza das coisas é rejeitada, e a natureza dos fenômenos é que é descrita. O que sabemos é somente a experiência dos sentidos, e não a própria essência das coisas. A investigação dos fenômenos, segundo Husserl, trata-se de uma investigação *a priori* acerca das essências dos significados comuns ao pensamento de mentes diferentes, e não de um programa de introspecção psicológica. Por conseguinte, se a palavra é usada em contraste com a *ontologia*, o estudo do ser, parece que a mesma também expressa um sistema que busca descobrir a essência do ser. Husserl procurava aplicar o método de Descartes da dúvida rigorosa, de maneira a eliminar tudo, exceto os fenômenos, conforme os mesmos impressionam a consciência pura. Toda relação entre os fatos e o mundo exterior, empírico, era por ele identificada. É importante observar que ele dependia da *intuição*, a fim de compreender a essência das coisas, dando a confiança de que a mente humana é capaz de intuir diretamente a essência das coisas.

Idéias Específicas:

1. Husserl tentava compreender os números em termos das essências dos contos que eles representam. O desejo que ele tinha de ver as essências das coisas o levou ao seu método fenomenológico. (Ele escreveu o livro *Filosofia da Aritmética*, que o envolveu nessa pesquisa).

2. Sua obra, *Investigações na Lógica*, ampliou suas pesquisas, de tal maneira que ele levou em conta as formas lógicas. As formas lógicas foram vistas por ele como essências independentes, exemplificadas em várias matérias de fato e sujeitas à inspeção fenomenológica. A fenomenologia, pois, torna possível apreender a natureza categórica universal dessas formas.

3. O seu segundo volume de *Investigações da Lógica* abraçou o método para incluir a metafísica. No começo, Husserl contava com uma fenomenologia que era apenas metodológica, em nada diferente da psicologia, pois era uma análise descritiva do processo subjetivo. Mas, à medida que foi escrevendo, nesse segundo volume, a fenomenologia foi-se tornando uma espécie de ciência eidética, ou seja, uma ciência que se ocupa das imagens mentais, onde as essências

HUSSERL

das coisas supostamente poderiam ser descobertas. Os processos subjetivos, assim sendo, ficam envolvidos nas possibilidades ideais.

4. A partir desse ponto, o seu sistema foi-se complicando. Ele falava sobre pontos como:

- a. ontologias materiais
- b. ontologia formal de seres possíveis
- c. ciência eidética universal dos seres deste mundo

Observações:

a. Todas as ontologias materiais teriam sua base sobre a ontologia formal, que trata das essências universais.

b. Estava se desenvolvendo um conceito da natureza da fenomenologia. Husserl chegou a encarar a sua filosofia como se abordasse a fenomenologia transcendental, porquanto seria uma análise das estruturas subjetivas, de onde emergiriam os objetos individuais deste mundo concreto. Desse modo, sua forma de fenomenologia tornou-se, de fato, uma metafísica. A isso Husserl chamava de «idealismo transcendental fenomenológico».

5. **Intencionalidade.** Dentro de qualquer processo pensante, fica claro que além de buscarmos compreender um objeto qualquer, também ficamos envolvidos em nossas próprias intenções — coisas que tentamos fazer, significados de nossos projetos mentais, coisas que procuramos compreender. Na análise das essências haveria dois pólos: o *noema*, ou pólo objetivo, e a *noesis*, ou pólo subjetivo. Husserl, pois, supunha que é possível desenvolver uma ciência *a priori*, com base na consciência pura, o que proveria o alicerce para todo o conhecimento e para toda a ciência. Quanto a isso, ele entrou no *idealismo* (vide), deixando assim, sem resposta, a posição dos objetos da intuição, em seu relacionamento com o ego transcendental.

Ambos os lados do processo (o *noema* e a *noesis*) seriam intencionais, o que significa que todo significado é intencional. Nossas mentes reconhecem que esses processos estão nos guiando, e que esses processos nos empurram na direção das essências, por meio da intuição e das categorias mentais.

6. Husserl procurava compreender as essências. Para isso, o indivíduo teria de eliminar todas as coisas não-essenciais, ou características contingentes, de sua experiência, sem importar se de natureza física ou psicológica. A essência das coisas permanece inalterada, a despeito de suas variegadas manifestações externas. Descobrimos a essência das coisas pelo processo da *epoché*. Essa é uma palavra grega que significa «parada» ou ponto de tempo. Vem de *epi*, «sobre», e *echein*, «ter». É desse termo que nos vem a palavra portuguesa «época», uma espécie de parada dentro do tempo, um ponto dentro do tempo. Para Husserl, pois, a *epoché* começa quando fazemos uma «parada» dentro da existência, quando a questão sobre a essência é suspensa por algum tempo. Daí partimos para uma série de reduções, que incluem os pontos seguintes:

- a. A libertação da essência da consciência, que assim se vê livre de suas concretizações factuais.
- b. Uma redução eidética que visa à objetividade.
- c. A redução fenomenológica, que leva a um sujeito puro, ou um termo subjetivo do ato da consciência. Busca-se aí a subjetividade pura.
- d. Reduzir o que é subjetivo ao que é transcendental, por meio do uso do «ego» transcendental, que é um puro fluxo da consciência.

7. Essas diversas reduções seriam apenas ampliações das intencionalidades, segundo se descreveu no

quinto ponto, acima. Em sua obra, *Meditações Cartesianas*, Husserl tentou mostrar que a descoberta feita por Descartes não era a do mero «ego» individual, mas a da existência de uma subjetividade transcendental, como o primeiro *dado* de onde procedem todos os informes subsequentes. Quando fazemos «parar» o «ego», descobrimos o «ego» transcendental. E descobrimos então duas identidades: a objetiva, no «ego» pessoal; e a subjetiva, no «ego» transcendental. O mundo e seus objetos seriam reconhecidos com base em seu lado objetivo. Mas, com base no lado subjetivo, obtemos as idéias acerca da divindade.

8. A interação dos dois lados confere-nos a compreensão sobre o mundo concreto e material, com seus objetos individuais; mas também sobre o mundo subjetivo, que ele chamava de *Umwelt*. Com base no mundo concreto, chegamos a entender a existência de outras mentes, de modo a evitarmos o solipsismo (vide). A intercomunicação das mentes fornece-nos o mundo cultural, que ele denominava de *Kulturwelt*.

9. Quando ele já estava completando seus escritos filosóficos, Husserl distinguiu entre o mundo científico e o mundo em que vivemos. O segundo seria primário, e o primeiro é que seria derivado do mundo em que vivemos. A fenomenologia teria, como sua tarefa principal, o exame do mundo em que vivemos (*Lebenswelt*).

Declarações Úteis para Entendermos Husserl:

I. A palavra **fenomenologia** refere-se a qualquer coisa que existe que se manifesta a qualquer consciência.

a. Porém, não deve ser identificada como *aparências*, como a palavra é usada nas ciências naturais, visto que pode haver fenômenos quando não há coisas reais.

b. Essa palavra indica uma ciência de todos os fenômenos, do que é real e do que é conceptual.

c. Cada objeto tem sua própria estrutura intencional. Assim, quando vemos algum objeto, projetamos sentido ao mesmo, intuitivamente. Isso é intencional um objeto. Paralelamente a isso, um objeto me tenciona. Há um complicado entrelaçamento de intenções, entre quem vê e o objeto e a própria consciência envolve-se nesse intercâmbio.

d. Termos usados: *noético* = experimental; *noemático* = ser experimentado; *eidético* = a essência ou forma de qualquer fenômeno, em distinção a seu caráter factual.

II. Quatro Níveis de Interpretação Fenomenológica

a. **Fenomenologia psicológica.** Aí busca-se compreender o universal, o racional *a priori*, a natureza do que é psíquico, o ser da alma. As intenções da vida social surgem desse aspecto da fenomenologia.

b. **Fenomenologia eidética.** Aí busca-se entender a essência de qualquer fenômeno, através da eliminação de todo elemento empírico e psicológico.

c. **Fenomenologia transcendental.** Aí busca-se entender a qualidade da consciência, sendo aquilo que vai além do eidético e chegando até à consciência final, a consciência do superego.

d. **Fenomenologia ontológica.** Aí os problemas racionais e inteligíveis são reduzidos a uma primeira filosofia, onde todas as ciências são combinadas, a fim de formarem uma ciência de toda a existência possível.

III. Aplicações da Fenomenologia

a. M. Scheler aplicava essa filosofia à ética e à teoria dos valores.

- b. M. Geiger aplicava-a à estética.
- c. Heidigger aplicava-a à ontologia.
- d. Jean Hering aplicava-a à filosofia da religião.

IV. Essência da Fenomenologia de Husserl

Husserl tentou seu próprio tipo de epistemologia, em lugar da epistemologia de Emanuel Kant. Ele pensava que a essência dos objetos corresponde a nossos estados mentais. Assim, nenhuma distinção poderia ser feita entre o que é percebido e a percepção do mesmo. A experiência não se limitaria àquilo que os nossos sentidos podem dizer-nos sobre um objeto qualquer. Deve incluir tudo quanto pode ser um objeto do pensamento, como as entidades matemáticas, os estados de ânimo, os desejos e as intuições. Nosso conhecimento deveria depender da intuição, e não de generalizações acerca das nossas experiências. Isso se aplica ao uso que fazemos das palavras, bem como às coisas que são descritas pelas nossas palavras. (AM E EP F MM)

É interessante notar que o Papa João Paulo II fez sua tese doutoral sobre um aspecto da filosofia de Husserl.

HUSSITAS

Esse foi o nome dado ao movimento religioso da Boêmia (uma parte da atual Checoslováquia), que derivou o seu nome de João Huss (vide). Foi executado na fogueira, sob a acusação de ser um herege, em face de acusações que lhe foram feitas no concílio de Constança, em 1415. A princípio, os ideais do movimento reformista foram efetuados por meio da liderança de Estribo, quando o povo lhe deu apoio entusiasmado. Por volta de fevereiro de 1416, as Igrejas de Praga, a capital da Boêmia, estavam nas mãos de João Huss, e o movimento ganhou grande impulso, pelo país inteiro. Naturalmente, os reformadores acabaram lutando pela liderança, entre si mesmos, tendo-se dividido em facções. Isso deu azo ao surgimento de três partidos religiosos principais na Boêmia, cada um afirmando-se descendente espiritual legítimo de Huss. O partido mais radical era o dos *taboritais* (vide). Esses ultrapassaram mesmo às idéias de Huss, pois, bem à maneira protestante, eles declaravam as Escrituras como a única regra de fé e prática para os cristãos. O segundo desses grupos era mais moderado. Eram chamados de *calixtinos* ou *utraquistas*. O primeiro desses apelidos vem do termo latino *calix*, «cálice». Isso se deu porque eles insistiam em permitir a participação dos comungantes no pão e no vinho, e não somente no pão, como se dá com a regra católica romana. E o termo *utraquistas* deriva-se da expressão latina *sub utraque*, que significa «sob ambas as espécies», o que também aponta para a idéia de que os participantes deveriam tomar tanto o pão quanto o vinho, na celebração da eucaristia. Esses moderados receberam certas medidas reformadoras, por parte do concílio de Basileia (vide), incluindo sobre a principal contenção deles, sendo-lhes permitida a participação tanto no pão quanto no vinho. Eram tidos como quem continuava na Igreja Católica Romana, apesar de algumas tendências reformistas. Perpetuaram sua existência separada até à batalha do Monte Branco (1620), quando os seus privilégios foram descontinuados, juntamente com os de todos os demais protestantes, visto que, por essa época, o movimento reformador já existia por certo número de décadas. Além desses, havia um terceiro grupo, chamado *Unidade dos Irmãos*. O fundador espiritual deles foi Pedro de Chelcice, e o grande organizador foi o irmão Gregório.

Aqueles que causaram a maior dificuldade, como é óbvio, foram os elementos mais radicais. Em 1417, o papa Martinho V promoveu uma cruzada contra os hereges checos. O rei Wenceslau IV teve de proibir o *utraquismo*, em 1419. Mas isso causou revolta popular. Foi estabelecida uma fortaleza para defender o movimento. Quando o rei Wenceslau morreu, a 13 de agosto de 1419, seu meio-irmão, Sigismundo, rei da Hungria e do Santo Império Romano, aquele que havia enganado a João Huss acerca do salvo conduto, deveria tornar-se rei da Boêmia, mas os boêmios se recusaram a aceitá-lo como seu monarca. Foi iniciada uma revolta liderada por Jan Zizka. Sigismundo invadiu a Morávia, em dezembro de 1419, embora não tenha ousado tomar medidas diretas contra a Boêmia. Porém, em 1420, declarou guerra aos checos, e, naquele ano, foi expedida uma bula papal, promovendo uma cruzada contra os hussitas. Várias facções boêmias se organizaram para enfrentar a invasão.

Essas dificuldades forçaram a união das facções diversas de hussitas, embora o acordo não tivesse sido completo e duradouro. Foi buscada uma base religiosa para a união, mas as facções simplesmente não conseguiram unificar-se e concordar em torno de um credo comum. À moda protestante, seguiram-se novas fragmentações, debilitando cada vez mais o movimento.

Sigismundo lançou contra os hussitas um exército de cem mil homens; mas, apesar disso, as forças reformadas, sob Zizka, conseguiram uma grande vitória militar, em julho de 1420. Mas, embora Sigismundo tivesse sido oficialmente deposto como rei, por uma dieta, levada a efeito em Caslav, ele voltou a atacar. Novamente, porém, Zizka obteve outra vitória decisiva. Todavia, em 1424, Zizka morreu de uma praga, e suas forças dividiram-se em dois grupos separados, chamados de os *taboritais* e os *órfãos*. A despeito disso, os exércitos hussitas invadiram, com sucesso, alguns territórios alemães circundantes.

Tudo isso serviu somente para deixar o papa furioso, que montou uma formidável cruzada, dirigida pelo cardeal Juliano Cesarini. Esse exército tinha noventa mil infantes e quarenta mil cavaleiros. Quando houve o encontro, aconteceu algo de notável. Embora os reformadores tivessem um exército com metade da força de seus opositores, eles começaram a cantar o hino intitulado *Todos Vós, Guerreiros de Deus*; e o grande exército do papa caiu em pânico, fugindo ignominiosamente. Podemos nos lembrar de Gideão.

Seguiram-se negociações, principalmente em Basileia. Os reformadores fizeram suas exigências, sobretudo quanto a ambas espécies, do pão e do vinho, por ocasião da eucaristia. Essa posição, porém, já havia sido condenada pelo concílio de Constança, em 1415, pelo que não havia muita coisa a debater, visto que, conforme o leitor já deve ter ouvido, a Igreja Católica Romana diz que os concílios não se enganam. Assim, fracassaram as negociações originais; mas, em outras tentativas, em Praga, presumivelmente houve algum progresso. Todavia, estavam sendo feitos acordos secretos, com os nobres. Mas estes não se mostraram leais. Antes de tudo, os nobres só queriam aumentar os seus territórios. Além disso, esperavam que as duas facções dos hussitas — os *taboritais* e os *órfãos* — se destruíssem mutuamente. Como isso não sucedia, os nobres reuniram um poderoso exército, que acabou derrotando, definitivamente, o exército combinado dos *taboritais* e dos *órfãos*. Isso ocorreu em Lipany, em 1434. O rei

HUSSITAS — HUZABE

Sigismundo, em vista disso, subiu ao poder. Todavia, não demorou muito a ser forçado a desistir, por causa de uma revolução, que estourou em 1437.

De 1458 a 1471, o rei Jorge de Podebrady, que era hussita, governou na Boêmia, quando os utraquistas foram o poder político dominante. Porém, o arcebispo que os representava, João de Rokycany, nunca foi reconhecido pela Igreja Católica Romana. Novos acordos tinham sido firmados (chamados *pactos*), concedendo certos direitos aos reformadores, mas que acabaram sendo anulados pelo papa Pio II, que também excomungou o rei Jorge. Os reformadores checos, com a passagem dos anos, foram sendo gradualmente absorvidos pelo movimento mais amplo da Reforma Protestante e, em 1627, todos os elementos não-romanistas foram proscritos pela Igreja Católica Romana, na Boêmia. (AM C E P)

HUTCHESON, FRANCIS

Suas datas foram 1694—1746. Ele foi um filósofo irlandês escocês. Nasceu em Ulster. Estudou em Glasgow. Tornou-se chefe da Academia Presbiteriana de Dublin. Sistematizou, mais do que quaisquer outros antes dele, a teoria do senso moral, na ética, postando-se a meio caminho entre as idéias de Locke e a filosofia escocesa do bom senso. Foi um filósofo moral e estético, da tradição empírica.

Idéias:

1. A base da teoria moral deveria ser empírica, mas repousa sobre uma percepção natural interior sobre o que é bom e belo. Essa virtude é prazerosa por si mesma.

2. Tanto os valores éticos quanto os valores estáticos são percebidos dessa maneira. Apesar de que os costumes, a educação, etc., podem refinar os sentidos naturais interiores (as virtudes), deverá haver um poder natural e básico para que, subsequente-mente, haja um refinamento desses sentidos naturais. A beleza é conservada nas coisas, nas idéias, nos princípios morais, nos atos morais, etc.

3. A natureza humana dispõe de mais de cinco sentidos físicos. Ela também dispõe do senso moral. Há um senso moral e também um senso público. Ficamos satisfeitos diante da felicidade de outras pessoas, mesmo quando isso não nos beneficia, e sentimos-nos infelizes diante da miséria alheia, mesmo quando essa não nos afeta. Em outras palavras, o homem, por sua natureza, é possuidor de qualidades altruístas. Não é um ser meramente egocêntrico.

4. A percepção moral é mais forte do que a razão. O verdadeiro prazer depende da benevolência, e não do

egoísmo. Ato verdadeiramente virtuoso são aqueles que se originam na benevolência. Os atos virtuosos baseados sobre o amor-próprio são moralmente indiferentes, não merecendo nem elogio e nem censura. O prazer é importante, como prova da bondade e da virtude, mas não é a única prova. A prova de um ato correto é a felicidade que infunde sobre outras pessoas.

A principal obra de Hutcheson foi uma inquirição que ele intitulou de *Origem de Nossas Idéias da Beleza e da Virtude*.

HUXLEY, ALDOUS

Ver o ponto nono do artigo chamado **Utopia**.

HUXLEY, THOMAS HENRY

Suas datas foram 1825—1895. Foi um biólogo e filósofo inglês. Nasceu em Ealing. Era autodidata.

Tornou-se conhecido, principalmente, em face de sua hábil defesa e aplicação da evolução aos moldes de Darwin. Ele promovia o sistema mecânico aplicado à vida, de mistura com o epifenomenalismo (vide). Ele acreditava que nosso conhecimento é limitado às nossas experiências físicas, e que a verdadeira natureza do Universo está acima de nossa maneira de tomar conhecimento das coisas. Foi ele quem cunhou o termo «agnóstico» a fim de aludir à crença suspensa, em face da falta de evidência. O *agnosticismo* (vide) era a sua posição teológica. Suas obras incluíam estes títulos: *Evidence of Man's Place in Nature; Lay Sermons, Addresses and Reviews; Science and Morals; Evolution and Ethics*.

HUZABE

Essa palavra não ocorre em nossa versão portuguesa. Em Naum 2:7, corresponde a uma obscura palavra hebraica, que tem sido interpretada de várias maneiras. Visto que alguns pensam que ela parece significar «está fixo» ou «está determinado», nossa versão portuguesa diz «Está decretado». Outros estudiosos têm pensado que está em foco alguma rainha assíria, embora a história não fale sobre nenhuma rainha assíria com esse nome. A versão Revista de Almeida grafa o nome como se fosse um nome próprio. Mas outras versões portuguesas, julgando tratar-se, talvez, de uma cidade, diz «...a cidade-rainha...»

Sem dúvida, são necessários estudos mais profundos para encontrar a solução para essas obscuridades.